UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

TESE - "MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE"

MARIA EMÍLIA VAZ PACHECO

ABRIL DE 1986

VOL. II - Documentação Anexa

FACULDADE DE CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS
BIBLIOTECA
28492

A DEVOLVER EM:

V I - DOCUMENTAÇÃO ANEXA

28492

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
26 MAR 1987
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

RELAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO FOTOCOPIADA

- Processo escolar de António Carvalho da SILVA PORTO - Academia Portuense de Belas-Artes

- Programa do Ensino da Academia Polytécnica do Porto, entrado em vigor no ano lectivo de 1838/39

- "Programas" da Academia Portuense de Belas-Artes relativos aos cursos de: Desenho Histórico, Arquitectura Civil, Escultura, Pintura Histórica

- Regulamento interno da Escola Portuense de Belas-Artes (aprovado por despacho de 10-11-1897)

- Agenda Pessoal, datada de 1868

- Pequena Agenda com apontamentos contendo traduções Português/Francês

- Livro de Torneios, referente ao Torneio realizado no Hipódromo de Belém no dia 24 de Abril de 1892 e no qual está inserido um desenho de Silva Porto, assinado, ilustando o "Jogo das Alcansias"

- Excertos de comentários efectuados na Imprensa por ocasião do regresso de Silva Porto a Portugal, em 1879

- Listagem das Exposições em que Silva Porto participou

- Referência aos Prémios atribuídos a Silva Porto

- Homenagens prestadas

- Ruas a que foi dado o nome "Silva Porto"

- Recortes de jornal ("O Primeiro de Janeiro") por ocasião das homenagens citadinas da cidade do Porto, em 1934 (datados de 18-2-1934 até 10-5-1939)

- Elementos de natureza Biográfica fornecidos pela neta do pintor

- Relação da venda do leilão por morte de Silva Porto

- Correspondência e registos mais importantes em poder da neta de Silva Porto:

  - Carta de António José Torres Pereira dirigida a António Carvalho da Silva Porto e João Marques da Silva Oliveira, comunicando o pagamento das pensões para alimentos e despesas de estudo desde Novembro de 1873 até Junho de 1874, inclusivé;

  - Carta Régia datada de 2 de Junho de 1893, redigida pelo Conde de Sabugosa, comunicando os pêsames de Suas Majestades El-Rei e Rainha à família de Silva Porto, pelo seu falecimento, e na qual é salientada a "estima pessoal que lhe consagravam" os reis.

  - Carta da Direcção do Grémio Artístico, datada de 7 de Junho de 1893, apresentando pêsames à família, pelo mesmo motivo, e invocando a grande amizade e admiração por Silva Porto

  - Postal de José Relvas, datado de 13 de Abril de 1923, onde é comunicado ao filho de Silva Porto, Carlos Alberto, a devolução por oferta dos três "pratos" pintados com os retratos da esposa e dos filhos de Silva Porto

  - Assentos de receitas e despesas várias referentes aos anos de 1892 e parte do de 1893, efectuados pelo punho de Silva Porto

  - Carta Régia, redigida pelo Conde de Figueiró, datada de 9 de Janeiro de 1915, manifestando os pêsames pela morte da esposa de Silva Porto.

Escola Superior de Belas-Artes do Porto

Processo do aluno

[illegible]

Em abaixo assignado attesto que no registro livro de baptisados d'esta Sé a folhas 2 [illegible] está o assento seguinte. Antonio, filho legitimo de Antonio da Silva Carvalho, natural d'esta Sé, e de Maria Margarida de Silva Carvalho natural de Santo Aldefonso, moradores na Rua da Sonte Nova d'esta Sé, neto paterno de Alexandre Antonio de Carvalho, e Maria Cecilia da Silva, e materno de Manoel Duarte da Fonseca, e Luiza Josepha de Freitas, nasceo aos onze de Novembro de mil oito centos e cincoenta e hum annos, e logo solemnemente baptizado nesta Cathedral de Leste aos vinte quatro de dito mez e anno; foraõ padrinhos Antonio José de Carvalho, e Margarida Candida de Macedo, moradores na Barinharia, de que fiz este assento que assignei com as testemunhas José José Alves, e Manoel Diogo, e Isaias Antonio, Thesoureiro José da Conceição de Almeida = José José Alves = Manoel Diogo = Isaias Antonio = Thesoureiro José da Conceição de Almeida. Nada mais se continha em dito assento ao qual me reporto.

E para isso attesto que Antonio Carvalho da Silva Leste, e seu progenitor, como moradores em Santa Eulalia de Bonviche é dotado de bom comportamento civil e religioso, e satisfaz aos preceitos da Igreja Catholica, e que affirmo na verdade. Vila de Leste 5 de Julho de 1865 Anno.

O Coadjutor José Maria Lourenço

Illmo Snr.

Diz [illegible] Silva filho de [illegible] natural do Pará, que tendo sido [illegible] e havendo sido aprovado [illegible] matricular-se no 2º anno do dita disciplina e [illegible] de [illegible] ano

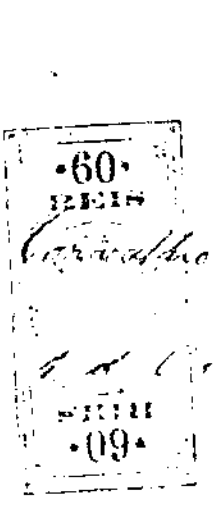
A Rs as Ss
se servirão mandar [illegible]
matricular como pede

Pará 12 de Outubro de 1866

[illegible]

7




60
REIS
09

Ill.mo Ex.mo Snr.

9

Diz Antonio Carvalho da Silva Porto, filho d'Antonio da Silva Carvalho, natural do Porto, que tendo feito exame de 6.º anno Desenho, 4.º de Architectura, e 3.º de Composição pede ser admittido a matricular-se no 1.º anno Pintura, 5.º de Architectura, e 4.º de Composição e para isso.

P.ª a Mc.ê se sirva deferir como pede.



Antonio Carvalho da Silva Porto

Porto 9 de Outubro de 1770.

E. R. M.

10



ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

N.º INV. .....
N.º CAD. .....
N.º CAT. .....

OBJECTO Desenho

MATERIA Carvão

DATA DA ENCORPORAÇÃO

NÚMEROS DE INVENTÁRIO

DIMENSÕES

PROVENIÊNCIA

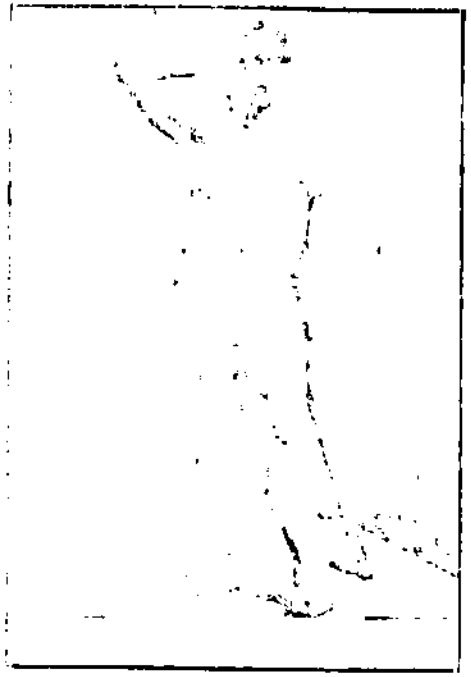
ESCOLA E ÉPOCA

CONSERVAÇÃO Boa

AUTOR

COLOCAÇÃO NO MUSEU

ASSUNTO



DESCRIÇÃO

Este desenho está assinado e datado.

Desenho com vidro e moldura

No canto inferior direito está escrito o seguinte:

"Em comemoração geral de 31 de Agosto de 1870

inclusivo fiquo com primeiro prémio"

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

N.º INV. .....
N.º CAD. .....
N.º CAT. .....

OBJECTO Desenho

MATERIA Carvão

DIMENSÕES 43 cm x 31 cm

ESCOLA E ÉPOCA Paris 1975

AUTOR [illegible]

ASSUNTO

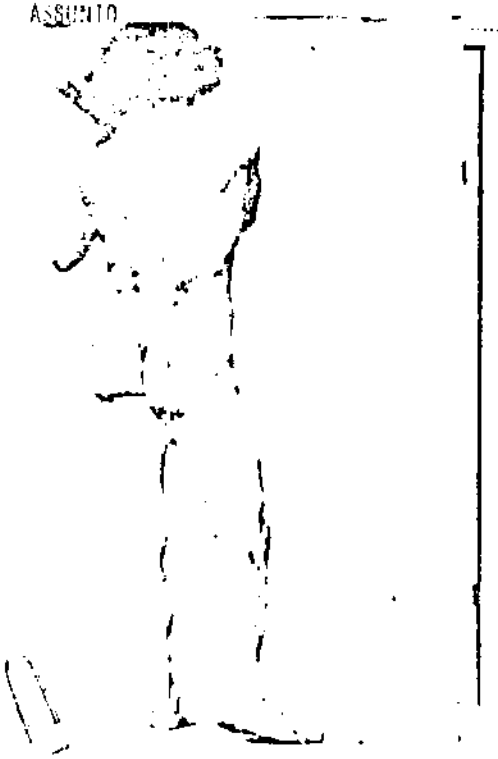
DATA DA ENCORPORAÇÃO

NÚMEROS DE INVENTÁRIO

PROVENIENCIA

CONSERVAÇÃO

COLOCAÇÃO NO MUSEU



DESCRIÇÃO

Este óleo está assinado e datado.

Desenho com vidro e varras.

PROGRAMMA

DO ENSINO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO PARA O ANNO LECTIVO DE 1[illegible] PARA 1838.

BIBLIOTECA DE BELLAS ARTES

Introducção.

A antiga Academia Real de Marinha e Commercio da Cidade do Porto foi por Decreto de 13 de Janeiro de 1837 substituida pela Academia Polytechnica, a qual em razão do consideravel número de novas doutrinas, e cursos d'applicação que abrange, mais se póde chamar uma creação do que uma reforma.

Segundo o artigo 155 da Lei da Reforma Litteraria é a Academia Polytechnica destinada a formar diversas classes de Engenheiros Civis, Officiaes de Marinha, Pilotos, Commerciantes, Agricultores, Directores de Fabricas, e Artistas em geral. Além d'isto, pela variedade de materias que n'ella se ensinão, póde prestar grande soccorro ao estudo d'aquellas mesmas profissões que não fazem seu objecto especial taes como a Medicina, a Cirurgia e a Pharmacia; os cursos das differentes armas do Exercito, etc.: o que a experiencia tem mostrado no curto espaço de tempo decorrido desde a sua formação até hoje.

O proveito que d'uma tal Instituição póde colher o Público naturalmente se apresenta, ainda ao espirito que menos reflectir; mas se para o provar fossem precisos argumentos ella mesma fornece [illegible] pode permittir o estado incompleto em [illegible] pessoal e material, estado que [illegible] cessante creação, e a obstaculos [illegible] tuição fornecem.

Todavia, estes obstaculos [illegible] peito á definitiva organisação [illegible] estabelecimentos praticos, que pela [illegible] Reforma Litteraria são annexos [illegible] tem já sido em parte removidos, e [illegible] terão lugar mais promptamente [illegible] perar-se das presentes circumstancias.

As vantagens, que devem obter os que se de[illegible]

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

rem a qualquer dos cursos, que n'esta Academia se estudão, são igualmente manifestas, attendendo á importancia e multidão de suas applicações, ao atrazo em que ellas por ora se achão no paiz, e á urgente precisão de as melhorar quanto antes, assim como á escacez, ou falta quasi absoluta de individuos competentemente habilitados para este fim: o que promette aos que completarem os seus estudos, em qualquer dos ditos cursos um decente emprego, ou ao serviço da Nação, ou dos particulares e Companhias que se decidirem a promover aquelles melhoramentos.

O local escolhido para tão util Instituição ainda realça as vantagens indicadas, pois nenhum outro lhe podia ser mais adequado, do que a Cidade do Porto conhecida por sua Industria e Commercio, e capital da Provincia mais agricola do Reino.

Achando-se quasi completo o quadro dos Professores da Academia, e devendo por consequencia abrirem-se novas Aulas no principio do proximo Outubro, o Conselho Academico já constituido segundo o artigo 114 da Lei da Reforma Litteraria, em virtude da authorisação que lhe é concedida pelos artigos 158 e 159 § 1.º procedeu á coordenação do Programma dos differentes cursos da Academia, no qual designa os annos de cada um, e as disciplinas que hão de ser estudadas em cada anno, acompanhando-o dos programmas particulares de cada Cadeira, e a exposição dos Exercicios scientificos que devem ter lugar durante o anno lectivo; aos quaes dá toda a publicidade afim de que cheguem ao conhecimento das pessoas que n'isso possão interessar.

N'este trabalho o Conselho Academico empregou todo o zêlo, de que se préza, procurando aplanar as difficuldades que encontrou na grande variedade de cursos combinado com o pequeno numero de Cadeiras, que talvez uma indispensavel e restricta economia não permittiu augmentar, e conciliando, quanto possivel, o bem geral da sciencia com o destino particular de cada classe de Estudantes, tendo em toda a consideração, que não fossem interrompidos em seus cursos, tanto os que de novo se matricularem, como os que antes d'esta nova disposição tiverem já estudado algumas das materias que lhes são relativas.

Para conseguir estes resultados foi necessario sobrecarregar algumas cadeiras especiaes com doutrinas mui va-

riadas, distribuidas por dous ou tres annos, segundo a sua importancia e multiplicidade, e de tal maneira despostas que umas não se achem essencialmente dependentes das outras, afim de que possão ser annualmente frequentadas pelos alumnos dos respectivos cursos que tiverem concluido os estudos das Cadeiras communs, que em todos elles occupão os primeiros annos, como é indispensavel. Na redacção deste programma o Conselho Academico teve muito em vista os estudos do Liceo Nacional do Porto, que pelo art. 42 da Lei da Reforma Litteraria fica sendo uma secção da Academia Polytechnica, assim como os da Academia Portuense de Bellas Artes, conforme lhe é recommendado no art. 161 da mesma Lei, o que tudo se póde ver no quadro junto.

Em quanto aos exercicios scientificos o Conselho teve presentes os methodos adoptados em diversos estabelecimentos d'instrucção tanto Nacionaes como Estrangeiros, mas nenhum adoptou totalmente, não porque deixasse de os considerar modelos dignos de se imitarem, ou porque desconhecesse o merito litterario daquelles que os seguem, mas por julgar indispensaveis certas alterações, e modificações, exigidas pela natureza particular desta Academia, ao mesmo tempo destinada ás theorias, e ás praticas, e que tem de ser frequentada por alumnos cujos gráos d'instrucção muito devem variar segundo as classes a que se dedicão.

Os Professores da Academia Polytechnica estão bem longe de persuadirem-se que nos trabalhos, que agora apresentão ao publico, tenhão tocado a meta da perfeição; elles ficárão mesmo muito áquem dos seus desejos, por causas que não está ao seu alcance remover, e que só com o tempo irão desapparecendo; mas tem a consciencia de não se terem poupado a trabalho algum para preencher os seus deveres, procurando, por todos os meios no lugar que occupão, tornarem-se uteis a seus Concidadãos. Elles serão sempre dociis ás lições da experiencia, fazendo ou admittindo para o futuro as innovações que ella aconselhar sem repugnancia alguma, porem com toda a circumspecção que o caso exige, para o que se achão authorisados pelos artigos 158 e 159 § 1.º da citada Lei da Reforma Litteraria, tão conformes com a boa razão. E' hoje bem geralmente reconhecido que só por este meio se pódem estudar as sciencias que o espirito do progresso faz variar successivamente; nunca deixando prevalecer o amor

da usança ao dos aperfeiçoamentos, nem tambem a avidez da novidade ás provas reiteradas d'um bom methodo.

Relativamente aos exames e *actos* que devem ter lugar no fim dos annos lectivos o Conselho Academico nada publica ainda, porque segundo o artigo 96 da Lei da Reforma Litteraria, applicavel a esta Academia pelo artigo 104 da mesma Lei não o póde fazer sem prévio consentimento do Governo, cuja decisão de certo terá obtido para o tempo em que for necessaria.

As habilitações para ser admittido á matricula do 1.º anno dos cursos da Academia Polytechnica são os seguintes: 14 annos de idade completos, approvação em leitura, escripta, e Grammatica Portugueza, e nas quatro operações fundamentaes d'Arithmetica.

Quadro demonstrativo dos differentes Cursos da Academia Polytechnica do Porto.

I. ENGENHEIROS.
II. OFFICIAES DE MARINHA
III. DIRECTORES DE FABRICAS
IV. PILOTOS
V. COMMERCIANTES.
VI. AGRICULTORES
VII ARTISTAS.
VIII. CURSOS PREPARATORIOS PARA OS OFFICIAES DO EXERCITO.

1. ENGENHEIROS.

1.º DE MINAS. — 1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira; Desenho de topographia, e paisagem pelo natural, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* 6.ª Cadeira; Zoologia, Mineralogia, e Geognosia, na 7.ª Cadeira; Desenho de perspectiva, plantas, e perfis das machinas em uso no serviço das minas, na 4.ª Cadeira. 5.º *Anno:* Botanica, na 10.ª Cadeira; Lavra de minas e Metallurgia, na 7.ª Cadeira: Desenho de plantas, e cortes de minas, e convenções para designar os terrenos, na 4.ª Cadeira.

2.º CONSTRUCTORES DE NAVIOS. — 1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira: Desenho de perspectiva, plantas, e perfis das machinas para levantar grandes pezos, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* Botanica, na 10.ª Cadeira; Architectura naval, na Academia das Bellas-Artes. 5.º *Anno:* Pratica d'Architectura naval.

3.º GEOGRAPHOS. — 1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira: 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira: Chimica mineral, na 9.ª Cadeira: Desenho de topographia e paisagem pelo natural, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* Astronomia e Geodesia, na 5.ª Cadeira: Zoologia, Mineralogia, e Geognosia, na 7.ª Cadeira. [illegible] 5.º *Anno:* Pratica no Observatorio, e

Ensaios topographicos, na 5.ª Cadeira: Desenho Geographico, reducção das plantas de costas, bahias, enseadas, portos etc., na Academia das Bellas-Artes.

4.º DE PONTES E ESTRADAS. — 1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira; Chimica Mineral, na 9.ª Cadeira; Desenho de topographia e machinas, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* Astronomia e Geodesia, na 5.ª Cadeira; Zoologia, Mineralogia, e Geognosia, na 7.ª Cadeira. 5.º *Anno:* Botanica, na 10.ª Cadeira; Construcções públicas, no 2.º Anno da 6.ª Cadeira; Architectura civil, na Academia das Bellas-Artes.

II. OFFICIAES DE MARINHA.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de Figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira; Desenho de topographia, e de paisagem pelo natural, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* Artilheria e Tactica Naval, na 6.ª Cadeira; Aparelho e Manobra naval. [1] 5.º *Anno:* Astronomia, Navegação, e Geodesia, na 5.ª Cadeira; Architectura naval, Desenho Geographico, reducção das plantas de costas, bahias, enseadas, portos etc., na Academia das Bellas-Artes. [2]

III. DIRECTORES DE FABRICAS.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira; Botanica, na 10.ª Cadeira; Desenho de paisagem pelo natural, e machinas, na 4.ª Cadeira. 4.º *Anno:* Zoologia e Mineralogia, na 7.ª Cadeira; 9.ª Cadeira; Desenho de machinas, ornatos, e decorações. 5.º *Anno:* Economia industrial, na 11.ª Cadeira; Architectura civil, na Academia das Bellas-Artes.

(1) Para a matricula no 4.º Anno dos Cursos de Engenheiros, Geographos, e Officiaes de Marinha, e no 3.º Anno do Curso de Pilotos, exige-se exame de Geographia n'esta Academia, ou titulo d'approvação passado em qualquer Lyceo.

(2) Para completar o Curso de Commercio, e o de Officiaes de Marinha, exige-se exame da Lingua Ingleza n'esta Academia, ou titulo d'approvação da mesma Lingua em qualquer Lyceo.

Manoel da Silva Passos.

IV. PILOTOS.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* Parte da 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira; Desenho de paisagem pelo natural, na 4.ª Cadeira. 3.º *Anno:* Astronomia e Navegação, na 5.ª Cadeira [3]; Apparelho e Manobra Naval; Desenho de Cartas Geographicas, reducção de plantas de costas, bahias, portos etc., na Academia das Bellas-Artes.

V. COMMERCIANTES.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; 1.º Anno da 11.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.º Anno da 11.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.º Anno da 11.ª Cadeira. [4]

VI. AGRICULTORES.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Botanica e Veterinaria, na 10.ª Cadeira. 2.º *Anno:* Parte da 8.ª Cadeira; Botanica e Agricultura, na 10.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 3.º *Anno:* Parte da 9.ª Cadeira; Botanica e Economia rural, na 10.ª Cadeira; Desenho de paisagem pelo natural, dos orgãos da vegetação e da reproducção das plantas, machinas e construcções rurais, na 4.ª Cadeira.

VII. ARTISTAS.

1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* Parte da 8.ª Cadeira; Desenho de paisagem pelo natural, na 4.ª Cadeira. 3.º *Anno:* Parte da 9.ª Cadeira; Desenho de machinas, arabescos, e decorações, na 4.ª Cadeira.

VIII. CURSOS PREPARATORIOS PARA OS OFFICIAES DO EXERCITO.

1.º ENGENHEIROS. — 1.º *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.º *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.º *Anno:* 3.ª Cadeira; 9.ª Cadeira.

(3) Vide nota n.º 1
(4) Vide nota n.º 2

19

4.° *Anno:* Astronomia e Geodesia, na 5.ª Cadeira; Botanica, na 10.ª Cadeira: Mineralogia, Geognosia, e Metallurgia, na 7.ª Cadeira.

2.° ARTILHEIROS. — 1.° *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.° *Anno:* 2.ª Cadeira; 8.ª Cadeira. 3.° *Anno:* 8.ª Cadeira; 9.ª Cadeira; Principios de Metallurgia, na 7.ª Cadeira.

3.° INFANTERIA E CAVALARIA. — 1.° *Anno:* 1.ª Cadeira; Desenho de figura e paisagem, na 4.ª Cadeira. 2.° *Anno:* 8.ª Cadeira; 9.ª Cadeira.

Nota. A ordem das materias designadas n'estes Cursos é destinada para os Estudantes que principiarem seus Cursos no anno lectivo proximo futuro; porem aquelles que tiverem já frequentado algumas Cadeiras d'esta Academia, declararão, no acto da matricula, se querem estudar as materias d'uma Cadeira designada, ou o curso, ou cursos que pertendem seguir, para o Conselho Academico lhes designar as Cadeiras que devem frequentar, afim de se combinar, da melhor maneira possivel, os interesses dos Estudantes com os da Sciencia.

PREPARATORIOS.

Para a 1.ª Cadeira de todos os cursos, [no anno de 1838 para 1839] a pratica das 1.as quatro operações de Arithmetica; Grammatica da Lingua Portugueza, ou titulo d'approvação passado em qualquer Lyceu.

Para o 2.° Anno em todos os Cursos, o exame da Lingua Franceza, ou titulo d'approvação passado em qualquer Lyceu. *N. B.* Os Artistas poderão demorar este exame até á matricula do 3.° Anno.

PROGRAMMA.

1.ª CADEIRA.

Arithmetica; Algebra até á composição das equações; Geometria elementar plana, e as tres dimenções; Geometria descriptiva da linha recta e plana; Trigonometria rectilinea. Pratica dos instrumentos mais usados no levantamento das plantas.

Texto: Elementos de Mathematicas puras de *Lacroix*, e Geometria descriptiva de *Fourcy*.

2.ª CADEIRA

Algebra transcendente; Geometria analytica, comprehendendo a *Trigonometria Espherica*: Calculo differencial, integral, das variações, e directo das differenças finitas.

Texto: N'este anno lectivo, o Curso completo de Mathematicas puras de *Francoeur*, que nos annos immediatos será substituido por *Lacroix*.

3.ª CADEIRA

Geometria descriptiva e suas principaes applicações: Mechanica dos solidos e fluidos, e suas principaes applicações.

Geometria descriptiva das curvas e planos tangentes, das curvas com suas tangentes. Exercicios e resolução de problemas: por *Fourcy*.

Principaes applicações da Geometria descriptiva á theoria das sombras, á perspectiva, á gnomonica, aos trabalhos civis, á fortificação, á architectura, aos desenhos das machinas, ás construcções navaes etc. etc. por partes.

Mechanica dos solidos e fluidos: por *Francoeur*, [ultima edição.] Mechanica applicada ás artes. Theoria e construcção das principaes machinas empregadas na architectura civil e militar, em levantar e conduzir grandes pesos, no corte das grandes forças [illegible] artes industriaes etc. — Machinas [illegible] mais importantes: seus diversos usos, com especialidade ao es-

gotamento das minas. — Agentes mecanicos, inclusivè o vapor. — Por postillas.

4.ª CADEIRA

Desenho de figura e paisagem: por estampas. Desenho de topographia. Paisagem: pelo natural. Desenho de plantas, perfis, machinas do serviço das minas, transporte de grandes pesos, fabricos ruraes etc. — plantas e cortes de minas; ornamentos, arabescos, decorações, e desenho de convenção etc.: flores, arbustos e arvores, instrumentos agricolas, jardins e pomares etc.

5.ª CADEIRA

ASTRONOMIA.

1.º *Astronomia Physica.* — Principiando pelos movimentos apparentes dos corpos celestes referidos á posição d'um observador collocado sobre a superficie terrestre, [cujas fórmas e dimensões serão estudadas,] e pelas varias circunstancias do Movimento Diurno, passar-se-ha á discussão das apparencias, do conhecimento, da natureza, das fórmas, dimensões e distancias, e dos movimentos verdadeiros dos astros. Tratar-se-ha da medida do tempo, em suas varias especies, que estes nos offerecem. Explicar-se-ha a Lei da Attração Universal, cujas consequencias serão miudamente expendidas. Em summa, habilitar-se-ha o Alumno para a perfeita intelligencia dos principios sobre os quaes é fundada a pratica das Observações e Calculos, que constituem a 2.ª Divisão d'esta 1.ª Parte do Curso.

2.º *Astronomia Pratica.* Dar-se-ha idea do modo de construir as Taboas Astronomicas Geraes, e as Ephemerides nauticas; e insinar-se-ha o uso das mesmas. Indicar-se-hão os processos, e demonstrar-se-hão as formulas relativas á exacta medida do tempo, e ás varias circunstancias do Movimento Diurno, á determinação das Latitudes e Longitudes Terrestres por meios d'observações astronomicas, e ao calculo das marés. Será n'esta Divisão que o Alumno se preparará com os principios de Calculo Astronomico, que subsequentemente verá applicados na Geodesia e Navegação.

GEODESIA.

1.º *Topographia.* Devendo a Topographia ser estudada na 1.ª Cadeira, na 5.ª tratar-se-ha sómente da

2.º *Geomorphia.* Estender-se-hão os principios adquiridos na 1.ª Cadeira á consideração da verdadeira figura da Terra, que será agora analyticamente estudada. A extensão das operações geodesicas chamará em seu soccorro varios principios astronomicos já desenvolvidos, pelos quaes se determinará a posição dos pontos mais importantes. Virá aqui a proposito enunciar os principios da construcção das Cartas Geograficas.

NAVEGAÇÃO.

1.º *Navegação d'Estima.* Tratar-se-ha das Cartas Hydrograficas, e da resolução de todos os problemas das derrotas.

2.º *Navegação Astronomica.* Descrever-se-hão os instrumentos astronomicos usados na nautica; recitar-se-ha a applicação dos problemas d'Astronomia Pratica precedentemente expendidos. Exercicios de calculo, diarios nauticos, e observações, formão uma parte essencialissima da 5.ª Cadeira. Nestes será o respectivo Lente coadjuvado por um Substituto.

Este curso será baseado sobre as doutrinas encerradas nos 3 compendios de *Francoeur*, intitulados *Uranographia*, *Astronomia Pratica*, e *Geodesia e Naveção*; mas na impossibilidade de se darem todas as materias que elles incluem, ou de seguir a ordem exacta deste Auctor, um programma, exhibido pelo Lente respectivo previamente a cada lição, indicará as doutrinas que formarão seu objecto, e a ordem em que serão tratadas.

APPARELHO E MANOBRA NAVAL

Apparelho pela obra de *João de Fontes Pereira de Mello*. — Manobra naval pelo Compendio de *Manoel do Espirito Santo Limpo*.

6.ª CADEIRA.

Artilheria, Tactica Naval, e Construcções publicas.

Estas materias serão ensinadas em dous annos.

1.º ANNO. ARTILHERIA E TACTICA NAVAL.

1.ª *Parte do 1.º Anno.*

Noções essenciaes sobre Artilheria de terra e mar. e descripção das armas e machinas de guerra, antigas e modernas. — Descripção dos componentes da polvora, seu guisamento, fabrico, e conservação: theoria da inflammação, e determinação de sua força por meio dos provêtes mais usados. — Pesos e medidas empregados em Artilheria, e methodo de calcular as medidas da polvora, e os diametros das balas. — Divisão, descripção, traçado, e nomenclatura das bocas de fogo, seus reparos, e das machinas mais usadas na Artilheria de terra e mar: discussão das dimensões que mais lhes convém. — Noções sobre os metaes e suas principaes propriedades, ligas, e usos; applicação d'alguns destes ao fabrico das bocas de fogo, e projectis, e o methodo porque este se consegue. — Palamenta, armamento, sortimento das bocas de fogo, armame das baterias de bordo, e os instrumentos empregados na Artilheria de terra e mar.

Methodo de provar, encravar, desencravar, por fóra de serviço, deitar grão nas bocas de fogo. — Elementos de Pirotechnica, e suas applicações aos artefícios de fogo usados na guerra terrestre e maritima. — Recondicionamento, empilhamento, arrumação, e conservação dos projectis em terra e mar. — Manobras de força, e sua applicação á maneira de montar a Artilheria a bordo dos navios, e em terra; e a maneira de a lançar ao mar por occasião de temporal. — Balistica, e suas principaes applicações á prática nas differentes bocas de fogo. — Considerações geraes sobre a velocidade inicial dos projectis, penetração dos mesmos nos meios resistentes, e irregularidade dos tiros. —

Seguir-se-ha quanto fôr possivel as doutrinas expendidas no Compendio de *Antonio Lopes da Costa e Almeida*, dando-se postillas aquellas partes em que se julgar conveniente.

2.ª *Parte do 1.º Anno.*

Conhecimentos preliminares sobre a Tactica Naval. Ordens de marcha, evoluções, manobras para restabelecer a ordem alterada por mutação de vento, manobras que devem praticar-se antes, e durante o combate, desembarque em um Paiz inimigo.

Seguir-se-ha quanto se julgar conveniente os Principios de Tactica Naval de *Manoel do Espirito Santo Limpo*, adiccionado com preleções e postillas extrahidas dos mais accreditados Tacticos.

2.º ANNO.

Construcções Publicas.

Exame dos diversos edificios. — Fundamentos dos edificios. — Construcções de alvenaria. — Estradas de todas as especies. — Meios de transporte por terra.

Pontes ..... { Firmes de alvenaria, de madeira, e de ferro. / Suspensas. / Moveis.

Construcção dos { Canaes. / Aqueductos. / Comportes. / Adufas.

Precauções contra as cheias. — Meios de transporte por agua. — Determinação dos orçamentos.

As materias de que se compõe esta Cadeira serão ensinadas por postillas.

7.ª CADEIRA.

Zoologia, Mineralogia, Geognosia, Lavra de minas, Metallurgia.

Estas materias serão ensinadas em dous annos.

1.º ANNO

Zoologia. — Noções preliminares sobre Anatomia, e Physiologia comparada. Classificação dos animaes por familias naturaes. Descripção dos mais interessantes ás artes; seus usos. Por *Cuvier* (quadro elementar.)

MINERALOGIA. — Noções preliminares sobre Physica, e Chimica. Classificação dos mineraes. Descripção dos mais interessantes ás artes: seus usos. Por *Brard* (Novos elementos.)

GEOGNOSIA. — Noções preliminares sobre sciencias Physico-mathematicas. Divisão da crusta do Globo em épocas geognosticas: sua subdivisão em formações, e os caracteres proprios a cada uma. *Por Rozet.*

2.º ANNO.

ZOOLOGIA. — Noções preliminares sobre Anatomia, e Physiologia comparada. Classificação dos Animaes por familias naturaes. Descripção dos mais interessantes ás artes: seus usos. Por *Cuvier.*

LAVRA DE MINAS. — Indicios proximos e remotos da presença dos minerios, combustiveis, etc.: sua disposição no seio da terra. Lavra propriamente dita, tanto da superficie como do interior da terra. Transportes e machinas usadas no serviço das minas (omittindo-se aquelles de que já houver conhecimento pelo estudo de Physica e de Mecanica.) Trabalhos nas minas. Geometria subterranea. Idéas geraes sobre a administração das minas. Por *Brard* (Elementos praticos de exploração.)

METALLURGIA. — Noções preliminares sobre Chimica. Instrumentos usados em metallurgia. Ensaios docimasticos, e operações metallurgicas. Por postillas.

3.ª CADEIRA.

Physica elementar, e suas principaes applicações.

Está adoptado para compendio desta Aula o Tratado de Phisica do Sr. *Moxinho*, que servirá de guia nas prelecções, que tiverem por objecto o desenvolvimento successivo das theorias physicas, dos solidos e fluidos incompressiveis, elasticos, e imponderaveis. Depois de cada uma d'estas theorias adicionar-se-ha uma exposição das suas principaes applicações ás artes, extrahindo das obras especiaes deste genero, taes como as de *Bernais*, *Christian*, *Hachette*, *Prelet*, *Tredgold* etc. o que for mais interessante, e produzindo o numero de exemplos necessarios para fazer conhecer a differença entre as investigações puramente Physicas, e as Phisico-industriaes, e para adquirir familiaridade com os problemas d'esta ultima es-

pecie nos quaes entrão dados alheios aos da primeira, como são o consumo de tempo, força, e numerario.

Finalmente far-se-ha distinguir nas machinas compostas o essencial do accessorio, e avaliar as vantagens relativas, conforme as circunstancias, da applicação dos diversos motores, tanto animados, como inanimados, insistindo especialmente sobre as modificações, e melhoramentos das machinas de vapor.

9.ª CADEIRA.

Chimica, e Artes Chimicas.

As materias d'esta Cadeira são divididas em tres partes, e estudadas na ordem seguinte

1.ª PARTE — CHIMICA MINERAL.

Descripção d'Instrumentos e Apparelhos chimicos. Noções sobre a natureza dos corpos: suas propriedades geraes. Affinidade. Nomenclatura Chimica. Theoria dos equivalentes chimicos. Theoria atomistica. Corpos simples não metallicos: suas combinações mais importantes ás sciencias e ás artes. Metaes, suas ligas, e combinações mais usadas. Saes, generalidades sobre estes corpos, sua classificação, e descripção particular.

2.ª PARTE — CHIMICA VEGETAL

Noções geraes sobre a composição das substancias vegetaes e seus productos. Principios immediatos dos vegetaes: sua classificação, anályse, e emprego nas artes.

3.ª PARTE — CHIMICA ANIMAL.

Principios immediatos dos animaes: sua classificação, anályse, e emprego. Principios liquidos e solidos que entrão na composição dos animaes, ou são elaborados por seus orgãos; sua anályse e usos.

ARTES CHIMICAS

As applicações da Chimica ás artes far-se-hão, quando se tratar das substancias n'ellas empregadas: dar-se-

hão então os processos mais usados, bem como os principios em que se funda a arte, ou artes que se considerão. Assim quando se tratar do Chloro, por exemplo, mencionar-se-hão os diversos processos de branqueamento, e explicar-se-hão os mais vantajosos. O mesmo se fará sobre o fabrico e pintura dos vidros e louças, sobre a tinturaria, cortumes dos couros, preparação dos melhores vernizes, do vinho, cerveja etc.

Postillar-se-ha sobre estes diversos objectos.

Texto. *Lassaigne* (Elementos de Chimica; ultima edição.)

10.ª CADEIRA.

As materias desta Cadeira são ensinadas em tres annos.

1.º ANNO.

Botanica theorica. — Glossologia, Anatomia, Physiologia, Taxonomia: por Brotero (ultima edição.)

Botanica prática. — Exposição do systema sexual de Linneu feita no Jardim Botanico.

Veterinaria theorica. — Principios da Pathologia applicados ao estudo das doenças dos animaes: (por Huzard.)

Veterinaria prática. — Demonstração das referidas doenças feita no jardim experimental, ou por auxilio de estampas.

2.º ANNO.

Botanica theorica. As doutrinas que lhe correspondem no 1.º anno.

Botanica prática pelo methodo do anno precedente.

Agricultura theorica. Discripção dos terrenos. Methodo d'adubar, semear, cultivar, plantar, affolhar etc. as terras.

Theorias geraes da Sciencia: por Postillas.

Agricultura prática. Explicação e uso pratico dos instrumentos empregados nesta Sciencia. Exercicio dos processos operatorios.

3.º ANNO.

Botanica theorica. As doutrinas que lhes correspondem nos annos precedentes, ensinadas na mesma ordem.

Botanica prática. — Segundo o systema dos dois primeiros annos.

Economia rural theorica. Noções geraes ácerca do methodo porque se extractem da agricultura as maiores vantagens possiveis, ensinadas por postillas.

Economia rural prática. Exposição prática dos melhores edificios rurnes, quintaes etc. feita por via de estampas, e no Jardim experimental.

11.ª CADEIRA.

COMMERCIO.

As materias desta Cadeira serão ensinadas em tres annos.

1.º ANNO.

Escripturação dos principaes livros de commercio por partidas dobradas, os principios em que se funda a theoria deste methodo, e as regras porque se executa: a natureza e necessidade das contas geraes, as diversas especies de balanços etc.

2.º ANNO

Codigo commercial no que pertence ás materias comprehendidas na parte do commercio terrestre, e do commercio maritimo, exemplificando-as em quanto á prática dos differentes contractos com as formulas dos documentos que as legalisão e tornão valiosas.

Reducção de cambios. Pesos e medidas estrangeiros, regra conjuncta etc.

3.º ANNO

1.ª *Parte.*

Geographia commercial. Descripção topographica, e commercio dos principaes Portos Commerciaes, e especialmente dos que negoceião com Portugal, e Dominios.

Descripção das nossas estradas mais proprias para o transito de artigos commerciaes. Movimento dos nossos Portos.

2ª *Parte.*

Economia industrial com referencia ao obreiro, fabricante, commerciante, e cultivador, applicando os principios especiaes, e particulares da mesma economia a cada classe, e mais largamente á commerciante.

Exercicios Scientificos.

Ha nas sciencias a considerar duas partes distinctas ainda que mutuamente dependentes, e de tal fórma entrelaçadas que em alguns pontos parecem confundir-se: são a theoria, e a pratica. A primeira, filha da profunda meditação, alimentada com as vigilias dos Sabios, resumindo em si a metafisica, e a força da sciencia fórma a sua alma, ou essencia. A segunda procedente da necessidade, aperfeiçoada com o uso, indispensavel ao mesmo tempo aos Observatorios, e nas humildes Officinas, sempre porém obediente aos dictames da primeira, e seguindo os seus influxos, parece formar o corpo, ou porção mechanica da mesma sciencia.

Quanto mais progredimos no estudo, mais nos convencemos da necessidade de sua estreita alliança: e a nenhuma d'ellas podemos rasoavelmente dar a preferencia; pois o que uma tem de sublime, tem a outra de indispensavel, e qualquer d'ellas independente mal poderia utilisar-nos.

A pratica sem a theoria era apenas um cego, entregue ao cego acaso, marchando por tentativas, tropeçando, e caindo a cada passo; a theoria sem a pratica não passava de bella concepção, habitando alguns cerebros privilegiados, ou quando muito as paginas de dourados livros para ornar pomposas bibliothecas. E' preciso por tanto uni-las para lhes dar uma existencia proveitosa á sociedade; e foi isso o que se pertendeu n'estes exercicios scientificos.

Comprehende-se sob a denominação de exercicios scientificos tudo quanto tende a fixar os Estudantes nos conhecimentos adquiridos, e a guia-los na progressiva acquisição d'outros. No estudo da theoria, exercitando sua memoria, desenvolvendo sua intelligencia, dilatando sua imaginação, excitando n'elles o amor da verdade, finalmente ensinando-os a exprimir suas idéas com rigor e

justeza, e a representa-las por signaes convencionaes, e linguagem propria. No emprego da pratica, fazendo, que n'ellas se torne acto mechanico o que ao principio dependia de esforço de espirito, familiarisando-os com os instrumentos, operações, e processos proprios das sciencias a que se dedicarem, e habilitando-os para conhece-los, corrigi-los, e melhora-los, qualquer que seja a sua fórma, ou circunstancias accessorias. Por todas estas considerações parecêrão as seguintes divisões, e denominações de exercicios as mais proprias e dignas de preferencia.

- **Exercicios scientificos.**
  - **Theoricos**
    - **Oraes** ... Diarios; Repetições
    - **Escriptos** ... Ordinarios; Extraordinarios
  - **Praticos** ..... Applicação de formulas; Uso de machinas; Ensaios e Experiencias; Manipulações; Trabalhos graphicos, Topographicos, d'Observatorio etc.

Exercicios Theoricos.

ORAES.

Diarios.

Nas aulas de Mathematica, os Estudantes, que os respectivos Lentes designarem, exporão successivamente as materias dos tratados adoptados, desenvolvendo toda a sua metafisica, calculos, etc.: sendo guiados, e corrigidos nos lugares aonde lhes não tiverem dado a verdadeira intelligencia pelos mesmos Lentes, os quaes lhes farão conhecer a elegancia e rigor das demonstrações, os principios em que ellas se fundão, e a differençar bem os theoremas das suas applicações: ler as formulas, notar sua symetria, e os diversos problemas que podem involver; e finalmente interpretar todos os resultados do calculo, principalmente quando estes parecerem apresentar absurdos ou contradições. Os Lentes interrogarão sobre os pontos difficultosos a diversos Estudantes para os conservarem

§. 3.° O ex
sso proposta á D
sa adequada para
§. 4.° A co
disciplina, e econ
methodo de ensin
§. 5.° A ap
tigo 62; a taxa d
§. 6.° Find
do estado dos est
e a estatistica do
Art. 65.° C
votos, e em casc
signado em um l
Art. 66.°
§. 1.° Con
em cada mez, p
§. 2.° Dar
selho relativamen
§. 3.° Exp
com quaesquer d
§. 4.° Ex
las, precedem
§. 5.° A
ções do Cons
Art. 67.°
bem para uso
selho será o E
gratificação d
Art. 68.°
ás applicações
divisões corres
da Mineralog
§. 1.°
denado 100$0
Art. 69
Conselho pod
para isso o R
não haverá p
Edificio.
Art. 70.°
que comprehen
são privativas.
§. 1.° Es
que devem con
sendo approva
Secretaria d

attentos, e poderem melhor julgar do talento de cada um; devendo evitar toda a profissão de erudição, que seja superior á capacidade e conhecimentos dos mesmos Estudantes, da qual lhes póde resultar grave prejuizo, pela falta de tempo para se explicarem materias de utilidade.

PHILOSOPHIA NATURAL.

Nas aulas de Philosophia ouvirão os Lentes um ou mais Estudantes sobre as materias que se tiverem explicado no dia lectivo antecedente, pelo menos durante o primeiro quarto d'hora. No resto do tempo explicarão ás materias que se seguirem, não podendo os Estudantes interromper a sua prelecção para lhes apresentar as duvidas; mas reservando-as para as occasiões em que os Lentes lhes perguntarem se tem sido entendidos. Em tudo mais se regularão pelo que fica dito ácerca do ensino de mathematica, fazendo unicamente as alterações que exigir a natureza de cada um dos ramos que ensinarem.

AULAS ESPECIAES.

Nas aulas especiaes seguir-se-ha quanto for possivel o que fica determinado a respeito das precedentes.

DISPOSIÇÕES GERAES.

Os Lentes guardarão a maior economia no tempo de suas preleções afim d'elle lhes não faltar para a explicação de todas as materias que pelo Conselho Academico forão distribuidas a cada Cadeira.

Attenderão a todas as dúvidas que os Estudantes lhes proposerem, resolvendo-as com brevidade, se a sua explicação depender de principios estabelecidos, ou demorando sua solução, se depender de doutrinas que proximamente devem adquirir, para quando estas se estabelecerem.

Se porém involverem noções d'outras sciencias ou theoremas transcendentes, fóra do alcance dos Estudantes, limitar-se-hão a dar-lhes uma breve explicação, indicando-lhes os conhecimentos de que depende a sua decisão.

RECORDAÇÕES.

Depois d'um numero indeterminado de lições que

possão considerar-se por sua ligação, e serie de principios que incerrão, como secção ou divisão natural da Sciencia; o Lente determinará uma recordação, em que sejão apresentados esses principios separados de demonstrações, e ligados entre si segundo a sua deducção e ordem mais natural, formando uma synopsis. Estas recordações devem ser de tal maneira ordenadas que a sua totalidade forme o resumo das disciplinas proprias de cada Cadeira.

Nestes exercicios o Lente interrogará o maior numero possivel de Estudantes, não guardando ordem ou serie successiva para que todos venhão prevenidos como se cada um houvesse de ser perguntado.

Exercícios por escripto.

Estes exercicios terão logar ou em épocas fixas e se denominarão ordinarios, ou fóra dessas épocas quando as materias que se tratarem o exijão, e então se denominarão extraordinarios.

ORDINARIOS.

Todos os Estudantes são obrigados a apresentar no fim de cada mez um exercicio ou dissertação por escripto que versará sobre a resolução d'algum problema geral que envolva difficuldade, demonstração d'algum theorema fundamental, desenvolvimento d'alguma theoria, ou finalmente sobre qualquer materia das que estiverem, a qual pela sua importancia reclama uma attenção particular.

Poderá tambem ser objecto destes exercicios, quando o Lente julgar conveniente, a synopsis d'uma grande divisão, ou secção já completamente estudada das doutrinas que ensinar. Em todo o caso compete ao Lente escolher e designar o thema para estes exercicios, o que fará no principio de cada mez.

O Conselho Academico determinará mensalmente na primeira reunião quaes devem ser os Lentes, que no seguinte mez devem exigir estes exercicios, afim de não serem sobrecarregados os Estudantes com mais d'um no mesmo mez.

§. 3.° O ex
isso proposta á L
sa adequada para
§. 4.° A
disciplina, e ec
Methodo de ensi
§. 5.° A ap
tigo 62; a taxa d
§. 6.° Find
do estado dos e
e a estatistica d
Art. 65.° O
votos, e em ca
signado em um
Art. 66.°
§. 1.° Co
em cada mez.
§. 2.° Di
selho relativam
§. 3.° Ex
com quaesquer
§. 4.° Exp
las, precedendo
§. 5.° A ir
ções do Conselh
Art. 67.° I
bem para uso d
selho será o B
gratificação 50$
Art. 68.° I
ás applicações d
divisões corresp
da Mineralo
§. 1.° Ca
denado 100$00
Art. 69
Conselho poder
para isso o Re
não haverá por
Edificio.
Art. 70.°
que comprehend
são privativas.
§. 1.° Est
que devem const
sendo approvad
Secretaria d

EXTRAORDINARIOS.

Quando os Lentes julgarem necessario, ou para exercitar a intelligencia dos Estudantes, ou para os familiarisar com alguns principios mais interessantes pelas suas applicações; lhes proporão alguns problemas para resolverem por escripto á sua vista, ou para lh'os entregarem depois d'algum dia feriado, segundo a difficuldade do objecto. Neste numero entra a resolução dos problemas cujos dados se tiverem tomado no Campo.

Estes exercicios porém devem sempre ser de mais facil execução do que os ordinarios, e não demasiadamente frequentes.

DISPOSIÇÕES GERAES.

Quando designarem os objectos dos Exercicios os Lentes indicarão aos Estudantes os Auctores que podem com mais utilidade consultar: devendo escolher os que possão ser entendidos por elles de maneira que os não obriguem a traduzir ou transcrever; mas pelo contrario os convidem a apresentar suas idéas, e a emitir francamente suas opiniões.

Tanto os Exercicios Ordinarios como Extraordinarios serão datados e assignados pelos seus Auctores, e apresentados aos seus respectivos Lentes, os quaes poderão interroga-los sobre qualquer ponto d'elles, e declarar o seu juizo sobre os mesmos, mostrando as inexactidões aonde as houver, e os principios que deverão escolher ou methodos que deverão seguir com preferencia para darem a estes exercicios mais elegancia, e finalmente louvando os que o merecerem.

Estes Exercicios deverão ser confiados a todos os Lentes que quizerem por elles formar um juizo mais exacto do talento, e applicação dos Estudantes afim de poderem com justiça votar sobre o merecimento de cada um.

Exercicios Praticos.

Estes Exercicios diversificão tanto entre si quanto as sciencias a que são relativos, por isso os classificaremos pela ordem das Cadeiras.

E' de summa importancia, que n'estas sciencias, além dos exercicios vocaes, e por escripto, de que temos fallado, hajão tambem os Praticos; tanto para melhor fixar as idéas sobre as theorias expostas, como para conhecer as utilidades que podem tirar de suas applicações.

1.ª CADEIRA.

N'esta cadeira além dos exercicios praticos inseparaveis dos vocaes, e que n'elles vão envolvidos, fará o Lente conhecer aos Estudantes os instrumentos pertencentes aos differentes ramos da sciencia que professa, dando a historia de sua descoberta até ao seu actual aperfeiçoamento, seus usos, e os casos em que uns são preferiveis aos outros; os erros a que induzem, o modo de os conhecer, e as formulas para no calculo os corrigir, fazendo notar as precauções que devem haver quando com elles se trabalhar, etc.

Irá com os Estudantes ao Campo para os exercitar o mais possivel na pratica dos referidos instrumentos, tendo o cuidado de variar os problemas de maneira que se empregue o maior número de formulas trigonometricas, e de theoremas geometricos. Tambem os exercitará nos processos do livelamento, de topographia, etc.

2.ª CADEIRA.

Além da pratica do calculo, que tem necessariamente de acompanhar os exercicios theoricos, o Lente exercitará os Estudantes, quanto for possivel, nas construcções graphicas das equações.

3.ª CADEIRA.

O Lente d'esta Cadeira executará todas as vezes, que seja possivel e convir, as applicações dos principios da geometria descriptiva ás artes e sciencias que d'ella dependem: e os exercitará nos trabalhos graphicos d'esta sciencia.

No Estudo da Mechanica repetirá as experiencias mais notaveis para poder comparar os seus resultados com os do calculo notando-lhes as differenças que houverem e as causas d'estas.

4.ª CADEIRA.

O Lente da 4.ª Cadeira dará desenvolvimento ao qua-

4

dro demonstrativo dos cursos, servindo-lhe aquelle quadro de programma para os differentes cursos academicos.

Os alumnos principiarão pelo desenho linear copiado do *antigo*, e na maior grandeza possivel; depois aprenderão a dar-lhe as sombras, e proseguirão até copiarem *academias*, e grupos: durante estas applicações o Lente lhes ensinará as proporções, a belleza das fórmas, o bom gosto do desenho em que consiste a boa planta das figuras; as linhas que lhes dão o movimento e a vida; as grandes vantagens que resultão de seguir a unidade de tempo, de acção, de lugar, costumes e o mais que convem á perfeição de qualquer composição classica.

A paisagem será, de preferencia, estudada por uma serie de obras elementares originaes de Jean Pillement, lythographiadas por J. B. Ribeiro. Far-se-ha conhecer a necessidade da perspectiva linear e aerea, o uso da Camera-escura, e outros instrumentos proprios ao desenho de paisagem; e por último tratar-se-ha de habilitar os alumnos a desenhar a olho.

Os ornatos, e decorações serão estudados de preferencia pelas Lojas de Rafael, em grande folio, além de outros Mestres antigos e modernos.

Os alumnos d'Agricultura copiarão por boas estampas, e depois pelo natural as flores, plantas, arbustos, arvores etc.; os instrumentos de trabalhar a terra, a fórma das estufas, jardins, bosques, pomares etc. etc.

5.ª CADEIRA.

Não só o Lente desta Cadeira deve fazer adquirir aos Estudantes um perfeito conhecimento dos instrumentos astronomicos, mas lhes fará repetir as observações, ensaiando-os nos differentes methodos de conhecer as Longitudes, Latitudes etc., e na resolução dos variados problemas da Geodesia, Astronomia e Navegação.

Nos exercicios que formão tão importante parte desta Cadeira será o Lente respectivo coadjuvado por um Lente Substituto.

APPARELHO E MANOBRA NAVAL.

O respectivo Mestre ensinará aos Estudantes a nomenclatura, uso, posição e dimensões de todo o massame, poleame, e velame do navio, apparelhando para esse fim, e desapparelhando o navio modelo. Ensinar-lhes-ha tambem o methodo das amarrações com todas as suas circunstancias tanto dentro como fóra do navio, a prática das roças, e maneira de apparelhar e fazer uso da cabria, ou barcaça de querena, o corte do panno, a construcção das esparrellas para substituir o leme perdido, e a prática do officio de marinheiro; fazendo-lhes executar e mandar as differentes manobras explicadas theoricamente.

6.ª CADEIRA.

O respectivo Lente além de exercitar os Estudantes na resolução dos problemas que lhes são proprios, deverá quando as circunstancias o permittirem fazer-lhes conhecer todas as palamentas, armamentos, sortimentos das bocas de fogo, massame das baterias de navios, os instrumentos de que se faz uso na artilheria maritima, e terrestre, e as diversas armas e machinas que tem applicação na guerra, e as vantagens que d'ellas se podem tirar.

Exercitará tambem os Estudantes no serviço d'artilheria de bordo, e os acompanhará ás experiencias do Polygono, aque houver de fazer o Corpo d'Artilheria estacionado nesta Cidade, afim de lhes mostrar como praticamente se construe uma bateria, espaldão, e os mais trabalhos proprios nestas experiencias. Fará applicar as formulas balisticas, e comparar os resultados destas com aquelles que a experiencia fornecer; adestrará nos methodos de avaliar as distancias não só pelos meios praticos mas tambem pelo uso dos micrometros, sextantes, e outros instrumentos, no conhecimento dos tiros de ponto em branco, maximos alcances, angulos de elevação e cargas que são relativas a cada especie d'arma e de tiro.

7.ª CADEIRA

O Lente d'esta Cadeira deverá apresentar aos Estudantes exemplares dos diversos productos da natureza, tanto no reino animal quando se tratar da Zoologia, como no mineral quando se passar a explicar a Mineralogia.

Ensinará a maneira de os distinguir e classificar, e indicará as varias modificações que soffrem os que são empregados nas artes, distribuindo-os aos Estudantes para que elles mesmos os examinem e classifiquem.

Fará tambem conhecer os instrumentos proprios dos differentes ramos das sciencias que ensina, e os seus usos, ensaiando alguns minerios, calculando os seus componentes e por estes a sua riqueza empregando finalmente os diversos processos para sua perfeita anályse, e indicando ao mesmo tempo os que devem preferir-se para se obterem os metaes em grande com a maior economia.

8.ª CADEIRA.

O Lente d'esta Cadeira fará conhecer aos Estudantes os diversos instrumentos, machinas, e apparelhos de que tem a servir-se; as peças de que se compõem, os principios em que se funda a sua construcção, a historia resumida de sua descoberta ou invenção, e das modificações mais importantes que lhes tiverem sido feitas; demorando-se sobre suas vantagens, importancia, e variados usos na pratica, quer seja para auxilio das sciencias correlativas á Physica, e das artes que d'ella dependem, quer seja na investigação das leis da natureza, e de seus mais importantes phenomenos.

Executará e fará executar pelos Estudantes as experiencias relativas a cada parte da sciencia, cuja theoria for desenvolvendo: comparará os seus resultados com os do calculo, fazendo notar as differenças aonde as houver, e as causas que as produzem, distinguindo mui cuidadosamente entre estas causas as que provém da omissão de dados no calculo, das que procedem da imperfeição dos instrumentos, e indicando então as necessarias correcções.

Finalmente variará quanto for possivel as experiencias para que umas sirvão de prova ás outras.

9.ª CADEIRA.

Serão apresentados aos Estudantes d'esta Cadeira differentes productos chimicos pelo seu respectivo Lente, que lhes indicará os seus usos nas sciencias e artes. O mesmo Lente fará tambem conhecer os instrumentos, machinas, e apparelhos necessarios para obter e analysar estes productos: ensinará a monta-los e a desmonta-los, e a ordem que deve ter um Laboratorio. Descreverá os differentes processos empregados nas differentes operações chimicas, e as suas vantangens relativas, insistindo particularmente sobre todas as precauções que exigem e de

que depende a sua boa execução. Repetirá ou fará repetir pelos Estudantes as operações indispensaveis á intelligencia das theorias prevenindo-os sobre os diversos accidentes que poderão ter lugar durante estas, e ensinando-lhes as maneiras de os precaver e remediar.

Finalmente exercitará bem os Estudantes na escripturação das formulas chimicas, e sobre tudo que concorrer para o perfeito conhecimento da sciencia, e facilidade da pratica.

10.ª CADEIRA.

Sendo o objecto d'esta Cadeira a Botanica propriamente dita, a Agricultura, a Economia rural, e a Veterinaria, os exercicios praticos que lhe são relativos podem em geral reduzir-se aos seguintes.

Classificação dos vegetaes precedendo o necessario exame, e descripção de seus orgãos principaes e accessorios tanto de reproducção como de vegetação. Observações minuciosas feitas a olhos nus, ou com instrumentos proprios sobre a estructura interna dos vegetaes, arranjos, dimensões, e posições relativas das differentes partes que os compõem: para o que se farão as indispensaveis dissecções, macerações, etc. Investigações e experiencias sobre o progresso gradual da germinação, crescimento, inflorescencia, etc.; notando a acção dos agentes externos sobre as plantas, quer no estado de embrião, quer depois do seu desenvolvimento, sua nutrição, absorpção, excreção, etc. Finalmente todos os trabalhos experimentaes que tendão a firmar as theorias, e a fortificar, ou destruir as hypotheses até hoje admittidas, em quanto ao modo d'acção dos orgãos vegetaes, e ás modificações de que estes são susceptiveis em sua estructura e funcções, em um periodo qualquer do seu desenvolvimento, e tanto no seu estado physiologico, como no pathologico.

Todos estes trabalhos serão executados pelos Estudantes, e acompanharão as theorias a que são relativos, ou em seguimento ás lições oraes, ou quando mais conveniente julgar o respectivo Lente, que a elles presidirá, apresentando-lhes as plantas sem escolha, e como á sorte, e limitando-se a indicar-lhes os processos, a esclarece-los em suas dúvidas, e a dirigi-los onde errarem; insistindo no escrupulo e circunspecção com que devem marchar de degrão em degrão até chegarem ao conhecimento do vegetal, e mostrando-lhe a excellencia do methodo ana-

lytico de que devem usar principalmente nas classificações, etc.

Estes exercicios serão feitos no Jardim Botanico, ou no Campo, segundo o permittirem as circunstancias: n'este último caso o Lente instruirá os Estudantes no conhecimento dos terrenos, ensinando-lhes a distinguir pela simples inspecção quanto possivel for as differenças que elles apresentão e a cultura que lhes é mais propria; fazendo-lhes notar os defeitos que houverem tanto nos instrumentos, e nos trabalhos agricolas, como na escolha das sementeiras etc.; designando os locaes mais proprios para se estabelecerem as officinas, não esquecendo notar os defeitos que apresentão as que se examinarem.

Ensinará o methodo de construcção dos predios ruraes e finalmente fará conhecer praticamente as doenças dos animaes, e os meios de as curar, mostrando-lhes todas as vantagens que se podem tirar dos conhecimentos da Veterinaria.

11.ª CADEIRA.

Exercitará os Estudantes o respectivo Lente na arte de escripturar os livros por *Partidas Dobradas* á medida que for enunciando os seus preceitos, fazendo-lhes sentir a preferencia que este methodo merece sobre o das *Partidas Singelas*.

Adestrará os Estudantes no uso e fórma de escripturação dos diversos livros auxiliares. Exemplificará as materias do Codigo Commercial comprehendidas na parte do *Commercio terrestre e maritimo* em quanto á pratica dos differentes contractos, com as formulas dos documentos que os legalisão e tornão valiosos.

Acompanhará a theoria do *Commercio de Banco* com a pratica de suas respectivas operações; afim de facilitar o conhecimento dos differentes cambios e sabor como se regulão, e operão seus *Arbitros* e as vantagens que d'elles resultão etc.

Academia Polytechnica do Porto 7 d'Agosto de 1838. — *José Augusto Salgado*, Secretario.

João Baptista Ribeiro,
Director Litterario.

PROFESSORES

designados para regerem as diversas Cadeiras da Academia Polytechnica do Porto no anno lectivo de 1838 *para* 1839.

1.ª	Cadeira.	João Ricardo da Costa.
2.ª	———	Antonio Luiz Soares.
3.ª	———	José Victorino Damasio.
4.ª	———	João Baptista Ribeiro.
5.ª	———	Diogo Kopke.
6.ª	———	Antonio Rogerio Gromicho Couceiro.
7.ª	———	Francisco José Martins Giesteira.
8.ª	———	José de Parada e Silva.
9.ª	———	Joaquim de Santa Clara Souza Pinto.
10.ª	———	Antonio da Costa Paiva.
11.ª	———	Manoel Joaquim Pereira da Silva.
Manobra e Apparelho naval		José Antonio da Natividade.

Substitutos.

Joaquim Cardoso Victoria Villa Nova.
Luiz Baptista Pinto d'Andrade.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES (*)

Por decreto de 22 de novembro de 1836, foi creada na cidade 1836
do Porto uma Academia com o titulo de—«Academia Portuense de Bellas-Artes»—com os respectivos Estatutos assignados pelo secretario de estado dos negocios do reino, n'essa occasião, o patriota Manuel da Silva Passos.

Esta Academia era composta d'um sub-inspector, sem remuneração, d'um director, cinco lentes proprietarios, cinco substitutos, dois aggregados á aula de desenho e dois á aula de pintura (sendo um d'estes encarregado da reparação dos quadros do Museu Portuense, que havia sido creado em portaria de 11 de abril de 1833, por Sua Majestade Imperial o Duque de Bragança, regente em nome da rainha, e logo dotado dos quadros e estampas existentes nos conventos abandonados e nas casas sequestradas); e tambem d'um secretario, um fiel e amanuense, dois guardas e um porteiro.

As aulas da Academia eram as seguintes: aula de desenho historico; aula de pintura historica onde se ensinava tambem anatomia pictorica, perspectiva linear e optica; aula de escultura; aula de architectura civil e naval, e aula de gravura historica.

A Academia podia receber seis socios ou academicos honorarios, escolhidos d'entre as pessoas distinctas pela sua litteratura, credito e amor ás bellas-artes. Podia receber tambem com o titulo de academicos de merito aquelles artistas nacionaes ou extrangeiros que, mostrando desejo de se aggregarem a ella, lhe offerecessem alguma obra da sua invenção, a qual seria considerada como quadro ou peça de recepção e, como tal, propriedade da Academia.

(*) Enviados ao Congresso pedagogico de Madrid, de 1892.

Premios

Todos os annos deveria haver dois premios aos alumnos que mais se distinguissem em desenho mediante um concurso; esses premios consistiriam em duas medalhas de prata.

De tres em tres annos haveria um concurso magno, em resultado do qual se distribuiriam seis premios aos que os merecessem, sendo dois em pintura, dois em esculptura e dois em architectura, consistindo em seis medalhas de ouro, tres do valor de 50$000 réis e tres do valor de 30$000 réis. Todos poderiam entrar no concurso, menos os professores, substitutos e academicos de merito.

Exposição

Haveria uma exposição triennal das obras de bellas-artes, na qual teriam cabimento: 1.° as que tivessem sido executadas na Academia; 2.° as dos alumnos da Academia que por ella houvessem sido approvadas; 3.° as de qualquer pessoa que quizesse expôr as suas composições a approvação ou censura publica.

Pensionarios do Estado

Poderia a Academia escolher por concurso algum ou alguns dos seus alumnos para viajarem conjunctamente com os da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, debaixo da mesma direcção.

1837 Em 18 de abril de 1837, enviou o Governo, para servir de modelos e estudo, uma collecção de gessos e estampas na importancia de 633$060 réis; e em 17 de junho do mesmo anno enviou mais uma porção de tintas, vernizes, pinceis e livros, na importancia de 425$960 réis. Em julho d'este mesmo anno participou ao Governo o director da Academia que se effectuara a abertura das aulas de pintura historica, anatomia pictorica, perspectiva linear e optica. Em portaria de 25 de outubro seguinte, ordenou o Governo que duas aulas d'esta Academia (desenho historico e architectura civil) fossem provisoriamente collocadas na Academia Polytechnica, e que no edificio do Museu se estabelecesse outra aula da mesma Academia (esculptura) alem da que já estava accommodada (pintura historica).

1839 Na carta de lei de 30 de julho de 1839, foi concedido á Camara Municipal do Porto a propriedade da cerca do extincto

convento de Sancto Antonio, e a parte do referido convento que sobejasse, depois de n'elle se fazerem as casas necessarias para o estabelecimento da Bibliotheca publica, do Museu portuense de estampas e pinturas e da Academia de Bellas-Artes; doando-se tambem á Camara a pedra e parede da egreja do mesmo extincto convento. No artigo 2.° da mesma carta de lei, impõe-se á Camara a obrigação de mandar concluir, no prazo d'um anno, as obras começadas, e as que fossem necessarias para o estabelecimento da Bibliotheca, Museu e Academia de Bellas-Artes.

Por decreto de 1 de dezembro de 1842, foi determinado 1842
que a Academia Portuense de Bellas-Artes fosse composta d'um director, de quatro professores, quatro substitutos, um secretario, um fiel e amanuense, dois guardas e um porteiro; que se conservasse a verba de 60$000 réis para os dois premios annuaes, que a verba de despezas do material fosse reduzida a 50$000 réis, e isto pela urgente necessidade de diminuir as despezas do Estado quanto fosse compativel com o bem do serviço publico. (No decreto da creação a dotação era de réis 70$000).

Por decreto de 10 de setembro de 1847, attendendo ao que 1847
representou o visconde de Beire, foi-lhe concedida a exoneração que havia pedido do cargo de sub-inspector da Academia Portuense de Bellas-Artes, para que havia sido nomeado em decreto de 22 de novembro de 1836.

A' actividade e importancia d'este senhor e do então director se deveu o vencerem-se todas as difficuldades que, no principio, soffrem todas as instituições emquanto se não acclimatam, maxime sendo inteiramente novas no paiz, como eram as Academias de Bellas-Artes; sem casas convenientes, sem mobilia apropriada, sem estampas, sem gessos, e com a grande repugnancia que havia para alguem se prestar ao estudo do modelo vivo.

Em 1851 mandou a Academia gravar e cunhar uma me- 1851
dalha, da qual se deviam tirar os exemplares necessarios para premiar os alumnos=*Maria II Portugaliae Regina Hujus que Academiae Institutrix*=Busto da Rainha, e no exergo o nome do gravador. «Gerard F.»—Reverso=*Reddere convenientia cuique*=Figuras de Minerva, premiando o Genio. Esta medalha foi mandada abrir pelo gravador Francisco Gerard, e entregar na Casa da Moeda para ser cunhada, quando fosse preciso, por isso que, n'essa occasião não havia no Porto balancé que servisse para o effeito.

Em novembro de 1865, a pedido do Conselho academico, 1865

foi nomeado sub-inspector d'esta Academia o sr. conde de Samodães, a quem esta instituição é devedora dos mais importantes serviços; pois que, além de mui varios e amiudados beneficios que lhe tem prestado, conseguiu dois dos mais importantes, como foram os seguintes: de 500$000 réis elevar a 1:000$000 reis a dotação da Academia, por meio da qual, pouco a pouco, se tem este estabelecimento enriquecido com magnificos ~essos, valiosos livros sobre todos os ramos de bellas-artes, etc., etc.; bem como resolver o Governo a pôr em execução o artigo 70.º dos Estatutos, enviando ao extrangeiro completar os seus estudos dois dos melhores alumnos que, mediante respectivo concurso, se mostrassem dignos de ir estudar em França e Italia, e virem depois preencher as vagas que o tempo se vai encarregando de fazer.

E a isto se deve o termos obtido artistas que, tanto lá fóra como no paiz, conseguiram um nome honroso, como foram os tres mallogrados e fallecidos: Soares dos Reis, estatuario, Henrique Ponsão, pintor, Thomaz Soller, architecto; os professores. Silva Sardinha, Marques d'Oliveira e Silva Porto (este tambem já fallecido); e os não menos afamados Sousa Pint. Thomaz Costa, Ventura Terra, Teixeira Lopes, Marques da Silva, José do Brito (ultimamente nomeado professor de desenho historico); além d'outros que tambem por subscripção particular teem estudado em Paris.

1869 Por decreto de 14 de dezembro de 1869 foram supprimidos os logares de substitutos na Academia Portuense de Bellas-Artes; tendo já sido considerado fóra do quadro por decreto de 1 de dezembro de 1842 o unico artista aggregado, que então existia, com a declaração de que nem esse nem logar algum de artista aggregado seria mais provido.

1875 Só em maio de 1875, o então presidente da Camara Municipal do Porto, remetteu a esta Academia as chaves das salas novamente construidas no edificio da Bibliotheca Publica, a S. Lazaro. N'estas salas installaram-se as duas aulas, que até esta data haviam funccionado interinamente na Academia Polytechnica, isto é, a de desenho historico e a de architectura civil, assim como a secretaria. A Academia melhorou pelo facto de no mesmo edificio se acharem reunidas as suas salas; mas ficou em pessimas condições quanto a luz e humidade.

A 20 de fevereiro de 1875, e a seu pedido, foi concedida a exoneração do cargo ao sub-inspector conde de Samodães. Ficou magoadissima esta corporação com tal noticia, receando principalmente que s. ex.ª se tivesse melindrado com qualquer acção collectiva ou individual d'este Conselho. Ficou porém

mais socegada, quando no officio de despedida leu que elle se separava com grande saudade, pois que nunca o mais leve dissabor o viera perturbar no espaço de mais de nove annos, offerecendo os seus sinceros serviços não só a favor de estabelecimento tão sympathico, como de cada um dos seus membros.

As razões porque pedira a sua exoneração, foram que os seus negocios domesticos estavam exigindo cada vez mais as suas repetidas ausencias d'esta cidade, tornando-se-lhe por isso menos possivel a sua presença na Academia; que era opinião sua que os cargos de commissão lucravam com as substituições, não por periodos curtos, porém largos; que na Universidade os Reitores serviam um triennio ou dois e eram depois substituidos; que o novo chefe vinha fresco com desejo de fazer alguma cousa mais, e os estabelecimentos melhoravam, etc. A Academia não teve remedio senão resignar-se, e ainda assim achou em s. ex.ª um magnifico conselheiro, e nomeou-o seu academico honorario, o que foi confirmado por Sua Majestade El-Rei em 22 de setembro de 1875.

Tratou a Academia de falar a varios cavalheiros que, pela sua posição social ou pela sua illustração, estivessem em harmonia com o que exigem os Estatutos, isto é:=uma pessoa de representação e credito publico=, mas nenhum se prestou, allegando em geral que não queriam responsabilidades honorarias para superentender em materias de que nada sabiam, não querendo lembrar-se de que não é o sub-inspector que vai julgar o maior ou menor merito das obras dos alumnos. dos concorrentes aos premios. ou dos concorrentes ás pensões ou ao professorado. Assim sempre entendera o sr. conde de Samodães. Os seus trabalhos de desenho em diversos generos durante os seus estudos menores, medios e superiores, as suas amiudadas viagens ás principaes e mais adiantadas regiões da Europa. a sua muita leitura e pouco vulgar intelligencia, isto tudo não julgava elle sufficiente para votar senão depois de ouvir a discussão entre os professores; nunca impoz o seu voto.

Passados perto de tres annos, e perdidas de todo as esperanças de conseguir quem quizesse superentender nos negocios d'este Instituto, resolveu o Conselho academico solicitar de novo essa graça do sr. conde de Samodães, o qual, sabendo que ainda não havia sido substituido depois de tão grande lapso de tempo, e conhecendo que a Academia, querendo manter a sua autonomia, estava com tal demora dando argumentos para perdel-a, de novo pediu algum tempo para pensar

Dotação e ordenados

Academia

1	Director	100$000	
6	Professores superiores a 600$000	3:600$000	
4	Ditos secundarios a 360$000	1:440$000	
1	Secretario	450$000	
1	Porteiro	150$000	
24	Premios	480$000	
	Dotação	2:000$000	
			8:320$000

Da dotação se pagará: 1.º despezas com exposições triennaes; 2.º guardas; 3.º serventes; 4.º um amanuense.

Museu

1	Conservador	400$000	
1	Porteiro	150$000	
	Dotação	1:000$000	
			1:650$000

Da dotação se pagará: 1.ª guarda; 2.º compostura e compra de caixilhos; 3.º restauração de quadros; 4.º compra de quadros e mais objectos artisticos.

Total das despezas da Academia e Museu, réis	9:970$000

1885 Em outubro de 1885, tendo sido precedentemente nomeado delegado d'esta Academia perante o Conselho Superior de Instrucção Publica, na sua sessão magna annual, o professor de esculptura, Antonio Soares dos Reis, este apresentou propostas que foram admittidas e approvadas unanimemente, depois de modificadas pela respectiva commissão de Bellas-Artes, cujo presidente declarou logo no principio que o Governo não estava disposto a crear novas cadeiras, pedindo por isso que não se exigissem despezas avultadas. As propostas

approvadas foram as seguintes: 1.ª, que além das que existiam presentemente fossem creadas duas cadeiras, uma, de desenho, modelação e pintura decorativa, e outra de desenho geometrico e de ornamentação, principios de geometria descriptiva com applicação á theoria das sombras; 2.ª, que os vencimentos dos professores da Eschola de Bellas Artes seriam eguaes aos dos professores da Eschola de Lisboa; 3.ª, que a verba de 60$000 réis, actualmente destinada a premios em desenho historico, seria d'ora avante destinada á cunhagem de medalhas, que serviriam para premios aos estudantes mais distinctos em qualquer das aulas; 4.ª, que ao Museu de pinturas annexo á Eschola seria arbitrada a dotação de 600$000 réis; 5.ª, que a dotação da Eschola seria elevada a 1:200$000 réis, etc.

Na sessão relativa ao anno de 1886, tendo sido nomeado 1886
delegado o professor de desenho, João Marques da Silva Oliveira, para substituir o professor de esculptura que, por doença, não poude comparecer na respectiva sessão annual, aquelle declarou que a dicta commissão só approvára a nova proposta por elle apresentada, e que consistia na creação d'uma officina de moldagem em gesso analoga á que já existia na Academia de Lisboa, pois que, sendo considerados os delegados presentes os mesmos que haviam feito parte da anterior sessão, não se podia fazer alteração alguma.

Cumpre retroceder um pouco para nos referirmos ao decreto de 22 de março de 1881, que tinha por fim a reforma das Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto.

Esta reforma declarou que a Academia do Porto continuava a ser como estava no orçamento geral do Estado, isto é, sem o tão indispensavel augmento de cadeiras, ficando os seus professores com os mesmos ordenados que em 1836 lhes haviam sido arbitrados, e apenas equiparados aos de Lisboa para os effeitos da jubilação e aposentação; e por esta reforma o vice-inspector passou a ser inspector.

Em consequencia d'isto, em 7 de fevereiro de 1882, a conferencia geral requereu a Sua Majestade que se reformasse esta Academia como se havia reformado a de Lisboa, e enviou mais duas representações iguaes dirigidas, uma á Camara dos Dignos Pares do Reino e outra á dos Senhores Deputados.

E, para não avolumar muito o orçamento, mas ao mesmo tempo com o fim de tornar mais completo e proveitoso o ensino que se ministra n'este estabelecimento de Bellas Artes, apenas se exigiu a mais a quantia de 3:240$000 réis, plenamente justificada, como se póde ver pelo seguinte mappa com-

parativo da despeza actual da Academia com a da reforma pretendida.

Despeza actual

Quatro professores a 500$000 réis..	2:000$000	
Director, gratificação.....	100$000	
Secretario, idem.....	80$000	
Fiel e amanuense.....	250$000	
Dois guardas a 200$000 réis.....	400$000	
Um porteiro.....	150$000	
Dotação da Academia.....	1:000$000	
Dois pensionistas do Estado.....	1:440$000	
Premios em desenho.....	60$000	
Um guarda do Museu.....	200$000	
Um porteiro do dito.....	150$000	
		5:830$000

Despeza segundo a reforma

Seis professores a 600$000 réis.....	3:600$000	
Director, gratificação.....	100$000	
Secretario e bibliothecario.....	200$000	
Fiel e amanuense.....	300$000	
Quatro guardas a 200$000 réis.....	800$000	
Dotação da Academia.....	1:200$000	
Dois pensionistas do Estado.....	1:440$000	
Seis premios a 300$000 réis.....	180$000	
Subsidios para gratificações a professores auxiliares.....	300$000	
Um guarda do Museu.....	200$000	
Um porteiro do dito.....	150$000	
Dotação do Museu.....	600$000	
		9:070$000
Differença para mais, réis.....		3:240$000

sendo apenas a differença de 20$000 réis, se a compararmos com o plano da despeza decretada na creação da Academia em 1836, que era de 9:050$000 réis.

Exposições triennaes

Desde a creação da Academia até 1887 tem havido quinze exposições triennaes. Desde 1851 até 1863 existem catalogos impressos, unicamente, das obras expostas. Desde 1866 até 1887 inclusivè esses catalogos e todos os publicados posteriormente são precedidos do discurso de abertura pelo inspector o sr. Conde de Samodães, discursos que constituem tambem um grande manancial de apontamentos e dados elucidativos para mais completa historia d'este instituto especial.

Havendo porém augmentado o numero de artistas e tendo elles deliberado por iniciativa propria e á sua custa fazer exposições annuaes de obras suas, começou a exposição triennal e official a não ter razão de ser; e por isso, em 1890, o governo determinou que se suspendessem as exposições com o caracter que lhes dava a disposição dos estatutos, e que annualmente se fizesse uma apresentação publica dos trabalhos dos alumnos, dos concorrentes aos premios e dos pensionarios do Estado em paizes extrangeiros. A primeira d'estas exposições dos trabalhos escholares teve logar no 1.º de junho de 1891, e a segunda a 22 de maio de 1892, tendo continuado até ao presente, com os seus respectivos catalogos e discurso de abertura pelo dito inspector.

Academicos honorarios

Em 1847

Barão da Venda da Cruz, João Pedro Migueis de Carvalho, Ministro plenipotenciario junto da Santa Sé.
Commendador Jorge Musson da Camara, secretario da legação em Roma.
Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho.
Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.
João Baptista d'Almeida Garrett.
Conselheiro Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles.

Em 1875

Conde de Samodães.
Dr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado.

39 35

Em 1876

Dr. João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens.

Em 1879

Barão de Castello de Paiva.

Academicos de merito

Em 1846

D. Maria Margarida Ferreira Borges, esculptora.
Joaquim Raphael, pintor de historia e professor na Academia Real de Lisboa, natural do Porto.
José James Forrester.

Em 1847

O cavalleiro Francesco Podesti, pintor de historia e professor da Academia de S. Lucas em Roma.
Gerolomo Scotto, insigne gravador, natural de Genova, e estabelecido em Florença.

Em 1852

D. Dorothéa d'Almeida Furtado, miniaturista.
D. Francisca d'Almeida Furtado, miniaturista.

Em 1861

Anatole Celestine Calmel, estatuario.

Em 1866

Francisco d'Assis Rodrigues, director da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, e professor de esculptura.

Em 1867

Guilherme Antonio Corrêa, professor de desenho na Academia Polytechnica e no Instituto Industrial.

Em 1868

Ercoli Calvi, pintor paisagista em Verona.

Em 1872

Antonio Soares dos Reis, estatuario e professor de esculptura na Academia do Porto.

Em 1873

José Geraldo da Silva Sardinha, architecto e professor na Academia do Porto.

Em 1876

José Simões d'Almeida, estatuario e professor na Academia de Lisboa.

Em 1878

José Antonio Gaspar, architecto e professor na Academia de Lisboa.

Em 1879

João Marques da Silva Oliveira, pintor e professor actualmente de pintura historica na Academia do Porto.
Antonio Carvalho da Silva Porto, professor de pintura de paisagem e animaes na Academia de Lisboa.
Thomaz Augusto Soller, architecto.

Em 1887

José Julio de Sousa Pinto, pintor de historia e de genero.

Em 1890

Joel da Silva Pereira, architecto.

Em 1896

Miguel Ventura Terra, architecto.

Mappas da frequencia e das approvações nos tres annos lectivos de 1889-1890, 1890-1891, 1891-1892.

1889-1890

DISCIPLINAS	Matriculados	Perderam o anno	Fizeram exame	APPROVADOS			
				PREMIADOS		com distincção	simplesmente
				com partido	com accessit		
Desenho historico (*a*)	66	16	57	3	3	17	38
Pintura historica	11	3	9	–	2	5	2
Esculptura	10	4	7	–	–	2	5
Architectura civil	53	29	24	–	1	6	17
Anatomia artistica	7	7	–	–	–	–	–
Perspectiva linear	1	1	–	–	–	–	–
	148	60	97	3	6	30	62

1890-1891

DISCIPLINAS	Matriculados	Perderam o anno	Fizeram exame	APPROVADOS			
				PREMIADOS		com distincção	simplesmente
				com partido	com accessit		
Desenho historico (*b*)	87	35	53	2	1	8	45
Pintura historica	10	4	6	–	–	1	5
Esculptura	14	7	7	–	–	1	6
Architectura civil	52	30	30	1	1	1	29
Anatomia artistica	2	–	–	–	–	–	–
Perspectiva linear	1	–	–	–	–	–	–
	171	76	96	3	2	11	85

(*a*) Sendo onze senhoras.
(*b*) Sendo dezoito senhoras.

1891-1892

DISCIPLINAS	Matriculados	Perderam o anno	Fizeram exame	APPROVADOS			
				PREMIADOS		com distincção	simplesmente
				com partido	com accessit		
Desenho historico (*a*)	83	32	51	3	2	8	42
Pintura historica	11	3	8	–	–	2	6
Esculptura	12	4	8	–	1	2	5
Architectura civil	55	28	27	–	2	9	16
Anatomia artistica	–	–	–	–	–	–	–
Perspectiva linear	3	3	–	–	–	–	–
	164	70	94	3	5	21	69

Bibliographia

A livraria da Academia é composta de mais de mil obras em mais de dois mil volumes.

Apezar da sua parca dotação, não se tem ella descuidado de comprar ou assignar tudo o que de mais importante se vai publicando relativamente a Bellas-Artes, ou que com ellas se relacionam; e a pratica tem demonstrado a utilidade de tal despeza, por isso que os alumnos, os artistas extranhos á Academia, ou os mesmos professores, vêm consultar essas obras sempre que têem de desempenhar algum assumpto mythologico, sagrado ou profano ou mesmo architectural, pois em todos os generos ha muito para consultar.

Desenhos e photographias

Existem n'esta Academia tres mil duzentas e cincoenta gravuras, entre as quaes muitas de primeira plana.

(*a*) Sendo quatorze senhoras.

Estudos desenhados e aguarellas, seiscentas setenta e nove: entre os primeiros, contam-se alguns do Sequeira, do Vieira Portuense e de Roquemont, e, entre as segundas, algumas de Roquemont.

Obras pintadas por alumnos d'esta Academia, pensionarios do Estado e professores, além d'algumas compradas, tresentas; perto de quatrocentas photographias, grande numero de modelos de estudo lithographados, cincoenta e seis trabalhos de esculptura em gesso-provenientes de concursos ou exames a logar de pensionarios no extrangeiro a logar de professor, e obras que os pensionarios são obrigados a enviar annualmente para esta Academia, e uma estatua em marmore «O Desterrado»; além de grande quantidade de estatuas, dorsos e extremidades para estudo dos alumnos.

Legislação

Decreto da creação da Academia em 1836, reforma das Academias de Bellas-Artes, e decretos e portarias a que se refere a noticia historica acima escripta.

Pela noticia historica se vê que esta Academia não se tem descuidado de pugnar pelo tão necessario augmento de cadeiras afim de que os seus alumnos encontrem n'este instituto especial o complemento scientifico dos seus estudos práticos, nos quaes se têem distinguido tanto que, quando vão pensionados para o extrangeiro, e entram no concurso para serem admittidos na Eschola de Bellas-Artes de Paris, alcançam sempre os primeiros logares, apezar de terem por competidores alumnos nacionaes e extrangeiros, que de todo o mundo vão ali buscar os conhecimentos mais profundos da arte que querem professar.

Nos relatorios que o inspector dirige ao governo, sempre e constantemente lastima que os poderes publicos se não interessem mais por estes estudos que tanta gloria dão ás nações mais illustradas, e que tanto concorrem para desenvolver o gosto na industria nacional. Vocações e aptidão não faltam, o que é indispensavel e protecção e estimulo.

FIM.

ESCÓLA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

PROGRAMMA DO CURSO DE DESENHO HISTORICO

1.º ANNO

Começarão os alumnos d'este anno por copiar da estampa os elementos de figura, continuando progressivamente até conformarem figuras inteiras. Passarão depois a desenhar contornos de cabeças, copiadas do gesso, com indicação de sombras.

O exame final d'este anno constará do contorno d'uma figura inteira, copiada d'estampa, e do contorno d'uma cabeça, copiada do gesso com indicação de sombras, tendo duas semanas para cada prova.

2.º ANNO

Os exercicios d'este anno serão os mesmos do primeiro anno, com a unica differença de que todos os desenhos devem ser sombreados.

O exame final constará d'uma figura inteira copiada d'estampa e uma cabeça copiada de gesso, sendo sombreados ambos estes desenhos, e tendo duas semanas para cada prova.

3.º ANNO

Durante este anno occupar-se-hão os alumnos em copiar do gesso troncos, extremidades, e academias desenhadas do natural, e serão obrigados a frequentar a aula do modêlo vivo.

O exame final d'este anno constará do desenho d'um tronco sombreado, copiado do gesso e da cópia d'uma academia desenhada, tendo um mez para ambas estas provas.

4.º ANNO

Continuarão os alumnos d'este anno os estudos do anno precedente, incluindo a cópia de academias, e desenharão o modêlo vivo.

O exame final d'este anno será o desenho sombreado d'uma estatua copiada do gesso, tendo para esta prova dez dias uteis.

5.º ANNO

Continuar-se-hão n'este anno os estudos do gesso e do modêlo vivo.

Os alumnos d'este anno desenharão para exame final uma figura d'estudo do modêlo vivo pelo antigo, tendo quinze sessões para ambas estas provas.

Além d'isto haverá todos os annos um concurso especial a um primeiro e a um segundo premio (quarenta ou vinte mil reis), ao qual serão admittidos todos os alumnos dos diversos annos do curso de desenho. Este concurso constará d'um estudo sombreado pelo antigo, feito durante dez sessões.

Todos os concorrentes que não obtiverem premio poderão receber diplomas de menção honrosa em relação com os valores alcançados.

Os alumnos do 3.º, 4.º e 5.º anno serão obrigados a fazer estudos anatomicos, copiados ora de estampas, ora de gesso alternadamente com os estudos ordinarios, sendo obrigados a apresentar trimestralmente uma ou mais provas á apreciação da conferencia.

As pessoas do sexo feminino que frequentarem a escóla de bellas-artes são obrigadas a todos os estudos e provas exigidas aos alumnos, excepto ao estudo do modêlo vivo (nú).

ESCÓLA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

1.7
40

PROGRAMMA DO CURSO DE ARCHITECTURA CIVIL

1.º ANNO

Os alumnos do primeiro anno principiarão a estudar os elementos de desenho geometrico, e copiarão os elementos das ordens gregas e romanas, terminando o anno por cópia de edificios (plantas, alçados e córtes).

Para exame executarão um d'estes ultimos trabalhos ou as ordens e detalhes, no prazo d'um mez.

2.º ANNO

Os do segundo anno estudarão elementos de projecções ou geometria descriptiva com applicação á theoria das sombras, copiarão estampas elementares de architectura ou de edificios com aguadas a tinta da China, ou edificios já existentes.

Para exame executarão, em quinze sessões cada um, dois estudos sombreados sendo, um cópia d'estampa, e outro sobre um contorno dado.

3.º ANNO

Os do terceiro anno principiarão exercicios de composição de pequenos edificios e construcção, dados pelo professor; continuarão a copiar edificios em plantas e alçados, e farão alguns exercicios praticos de levantamento de plantas topographicas e nivelamento.

Para exame executarão, em seis semanas, planta, alçado e córte d'um edificio sobre assumpto dado pelo professor.

4.º ANNO

Os do quarto anno continuarão os exercicios de composição de dois em dois mezes, executando os esboços á escala pequena em cinco sessões, e passando a limpo um d'esses esboços em escala grande.

Para exame executarão em dois mezes sobre assumpto dado pelo professor o projecto completo d'um edificio e os detalhes architectonicos, planta, córte e alçado; e sendo o esboço do projecto, á escala pequena, executado em cinco sessões.

5.º ANNO

Os alumnos d'este anno continuarão de dois em dois mezes os estudos dos annos anteriores, nas mesmas condições do artigo anterior.

Para exame executarão em dois mezes um programma para um edificio sobre um assumpto dado pela conferencia com detalhes de construcção.

Os alumnos d'esta perspectiva, depois dos elementos theoricos, executarão pelo menos dois problemas de applicação das regras geraes de perspectiva.

Para exame executarão n'um mez dois problemas de perspectiva com [illegible] edificios

ESCÓLA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

PROGRAMMA DO CURSO DE ESCULPTURA

1.º ANNO

Os alumnos d'este anno copiarão cabeças e extremidades.

Para exame copiarão uma cabeça de gesso em oito sessões.

2.º ANNO

Os do segundo anno copiarão dorsos, braços e pernas.

Para exame copiarão um dorso em quinze sessões.

3.º ANNO

Os alumnos d'este anno farão alternadamente estudos do antigo e do natural em baixo relevo sobre um fundo que tenha 0m,65 d'alto, e do antigo farão tambem estudos desenhados.

Para exame farão em doze sessões de tres horas uma figura d'estudo do modêlo vivo em baixo relevo sobre um fundo que tenha 0m,65.

4.º ANNO

Os alumnos do quarto anno continuarão os estudos alternadamente, ora do antigo, ora do modelo vivo, em baixo e em pleno relevo de 0m,90 d'alto; e mensalmente farão esbocetos em baixo e pleno relevo sobre assumptos que lhes serão dados pelo respectivo professor. Farão tambem estudos de pannejamentos do antigo e do natural.

Para exame farão uma figura d'estudo do modêlo vivo em pleno relevo de 0m,90 d'alto, e um esboceto em baixo ou pleno relevo sobre assumpto, que será dado pela conferencia, tendo para a execução da primeira prova trinta sessões de duas horas, e para a da segunda tres sessões, sendo-lhes dado o assumpto com antecedencia de tres dias.

5.º ANNO

Os alumnos d'este anno copiarão o modêlo vivo em baixo e alto relevo, e pannejamentos do natural; e todos os quinze dias apresentarão esbocetos de composição em baixo ou pleno relevo sobre assumptos que lhes serão dados pelo respectivo professor.

Para exame farão uma estatua de 1m d'alto, ou uma composição em baixo relevo n'um fundo que tenha 1m,30 por 0m,90, e cujo assumpto será escolhido em conferencia. Este exame será executado durante os ultimos dois mezes do anno lectivo.

ESCOLA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

PROGRAMMA DO CURSO DE PINTURA HISTORICA

1.º ANNO

Os alumnos d'este anno farão em pintura estudos copiados do gesso, e desenharão pelo modêlo vivo figuras d'estudo.

Para exame pintarão do gesso uma cabeça e desenharão uma figura do modêlo vivo, tendo quinze sessões para estas duas provas.

2.º ANNO

N'este anno continuarão os alumnos a estudar o gesso, pintarão cabeças, ora do modêlo vivo, ora de pinturas.

Para exame pintarão do modêlo vivo uma cabeça de tamanho natural, em dez sessões.

3.º ANNO

Os alumnos d'este anno pintarão estudos do modêlo vivo e pannejamentos do natural, e farão esbocetos, cópia de quadros.

Para exame pintarão do modêlo vivo uma figura d'estudo, que não terá menos de 0m,65, e um esboceto de composição, cópia d'algum quadro; a primeira prova em dez sessões e a segunda em seis.

4.º ANNO

Os alumnos d'este anno continuarão a estudar o modêlo vivo e pannejamentos do natural, e mensalmente apresentarão exercicios de composição, cujos assumptos lhes serão dados pelo respectivo professor.

Para exame pintarão do modêlo vivo uma figura de meio corpo de tamanho natural, e farão um esboceto de composição sobre assumpto que lhes será dado pela conferencia, tendo para a execução da primeira prova quinze sessões, e para a da segunda tres sessões, sendo-lhes dado o assumpto com antecedencia de tres dias.

5.º ANNO

N'este anno continuarão os alumnos a estudar o modêlo vivo, e farão exercicios de composição todos os quinze dias.

Para exame farão nos ultimos tres mezes um quadro de composição sobre assumpto, que previamente tenha sido escolhido em conferencia, e tendo em vista que as figuras do primeiro plano sejam de tamanho de 0m,65.

REGULAMENTO INTERNO da Escóla Portuense de Bellas-Artes, approvado por S. Exc.ª o Ministro do Reino, por despacho de 10 de novembro de 1897.

Para ser admittido á matricula do primeiro anno de desenho historico e de architectura civil são indispensaveis os seguintes documentos:

Artigo 1.º Certidão de baptismo por onde o alumno prove ter pelo menos doze annos completos de idade.

Art. 2.º Certidão de approvação em um dos seguintes exames:

a) de instrucção primaria elementar ou complementar;

b) de admissão aos lyceus;

c) de instrucção primaria (1.ª e 2.ª classe) das escólas das provincias ultramarinas;

d) de 2.º grau de instrucção primaria.

Art. 3.º Para ser admittido á matricula do primeiro anno de pintura historica é necessario o curso completo de desenho historico, ou as provas equivalentes ao dito quinto anno de desenho, feitas dentro da Escóla no espaço de um mez: e bem assim o exame dos elementos de perspectiva, ou as provas equivalentes, feitas igualmente dentro da Escóla.

Art. 4.º Para ser admittido á matricula do primeiro anno de esculptura, é necessario approvação no segundo anno de desenho historico, ou as provas equivalentes feitas dentro da Escóla no espaço de um mez, sendo obrigados nos restantes annos do curso a acompanhal-os com a approvação nos seguintes annos de desenho.

Art. 5.º Para ser admittido á matricula do terceiro anno de architectura, é necessario approvação no primeiro anno de desenho historico, ou as provas equivalentes feitas dentro da Escóla, no espaço de duas semanas para cada prova, sendo obrigados nos restantes annos do curso a acompanhal-os com a approvação dos seguintes annos de desenho, isto é, para exame do quarto anno de architectura approvação no segundo de desenho, e para approvação do quinto anno de architectura exame do terceiro de desenho.

Art. 6.º Em desenho, pintura e esculptura, os alumnos do primeiro anno, que nos dois primeiros trimestres obtiverem trinta valores, poderão passar aos trabalhos do seguinte anno, sendo comtudo obrigados ao exame final no anno em que estiverem matriculados.

Art. 7.º Os alumnos de esculptura que tiverem concluido o curso, e quizerem praticar no marmore ou em outra qualquer materia, poderão fazer trazendo os materiaes necessarios.

Art. 8.º O numero 10 é o minimo para a approvação simples; o numero 16 o minimo para digno de distincção; o numero 18 o minimo para digno de louvor: e o numero 20 o maximo dos valores.

Art. 9.º Todo o alumno que frequentar qualquer das aulas d'esta Escóla perderá o anno se dér quinze faltas não justificadas ou trinta justificadas. Considerar-se-hão faltas não só as que se dão não comparecendo, como as que se dão não estando pelo menos duas horas em cada aula. As faltas que se derem depois das quatorze, devem ir sendo justificadas nos seguintes trimestres.

Escóla Portuense de Bellas-Artes, 17 de novembro de 1897.

FOTOCÓPIAS DA "AGENDA" PESSOAL DE SILVA PORTO - 1868

(Em poder da neta do pintor, Exmª. Sr.ª.
D. Dora Silva Porto)

ORGANIZAÇÃO DA AGENDA

PÁGINAS INICIAIS - Acopuladas posteriormente ao grosso da agenda propriamente dita, contendo colagens de "enigmas pitorescos" da autoria de vários autores:

- Fernando A. Câmara
- João Diabinho
- Adão d'Abreu Nunes
- Joaquim S. Vieira

PÁGINAS SEGUINTES - Apresentação do conteúdo da Agenda realizada por António Carvalho da Silva Porto, com data de 1868

- Numeração dos enigmas (que se encontram decifrados nas últimas páginas da agenda), até à pág. 10, inclusivé, da autoria do pintor

PÁGS. 11 E 11 VERSO - Colagem posterior à data da agenda, datada de1906

PÁGS. 12 A 19 VERSO - Em branco

PÁGINA 20 - Apontamentos extraídos da "Enciclopédia Poaret" e referentes a "Pintura a aguarela", indicando as principais tintas que se devem usar na aguarela

PÁGS. 20, 20 Vº. E 21 - Apontamentos de tintas compostas para obtenção de:

- Carnes
- Aurora
- Casca de árvore
- Cor pau de nogueira
- Azul esverdinhado
- Tons diversos de verde

PÁGINA 22 - Nomes de tintas para óleo

PÁGS. 22 Vº. A 25 Vº. - Processo de aplicação da pintura a óleo sobre tela

PÁGINA 25 Vº. - Segunda metade da página - Designação do parágrafo 872, com apontamentos em francês, indicando gamas de tintas e material de aguarelista, muito provavelmente extraídos de uma enciclopédia não indicada e, a avaliar pelo conteúdo da página 26, parágrafo 874.

PÁGINA 26 - Transcrição dos parágrafos 873, 874

PÁGINA 26 Vº. - Transcrição dos parágrafos 1044 até 1050, referentes aos processos de obtenção de cores (tonalidades)

PÁGINA 27 (primeira metade) - Tratamento de bosques e florestas, em termos de coloridos, por transcrição dos parágrafos 1104 e 752.

PÁGINA 27 (segunda metade) E 27 Vº. - Continuação da transcrição do nº. 752, referente ao tratamento da luz e colorido nos retratos. (Curioso, nestes apontamentos de consulta de enciclopédias francesas — que atestam realização do processo de aprendizagem do pintor —, a recomendação de igual justeza entre o desenho e o colorido, nos retratos, dos quais se refere depender o verdadeiro temperamento ou carácter das pessoas retratadas. Ainda mais digno de realce é a chamada de atenção para o número muito pequeno de pintores que conseguem dar esse "carácter" do retratado pelo colorido, face ao número dos que o fazem pelo traço e pelo contorno).

Saliência para a transcrição efectuada na pág. 27 verso, face ao processo do retrato: "Un peintre qui ne fait que ce qu'il voit n'arrivera jamais à une parfaite imitation". Seguidamente à qual se segue a explicação da afirmação, em termos de técnica e do processo pictural.

PÁGS. 28 E 28 Vº. (1ª. Metade) - Continuação do tema do retrato

PÁGINA 28 Vº. (2ª. Metade) - Temas "Du Ciel et des Nuages";"Paysage

PÁGINA 29 - Continuação do último tema; início do tema "La Pratique o qual se prolonga até à 1ª. metade da pág. 30

PÁGINA 30 (2ª. Metade) ATÉ 33 Vº. (Princípio da PÁG.)- "Du coloris"

PÁGINA 33 Vº. - Colorido da planta; formas de tratamento pictórico na representação de hortas, terras semeadas, bosques, poços lagos, rios, ribeiros, restolhos e canaviais, folhas de árvores, searas, charnecas, areias. (Indicação do nº. 96 extraído do "Manual do Agrimensor").

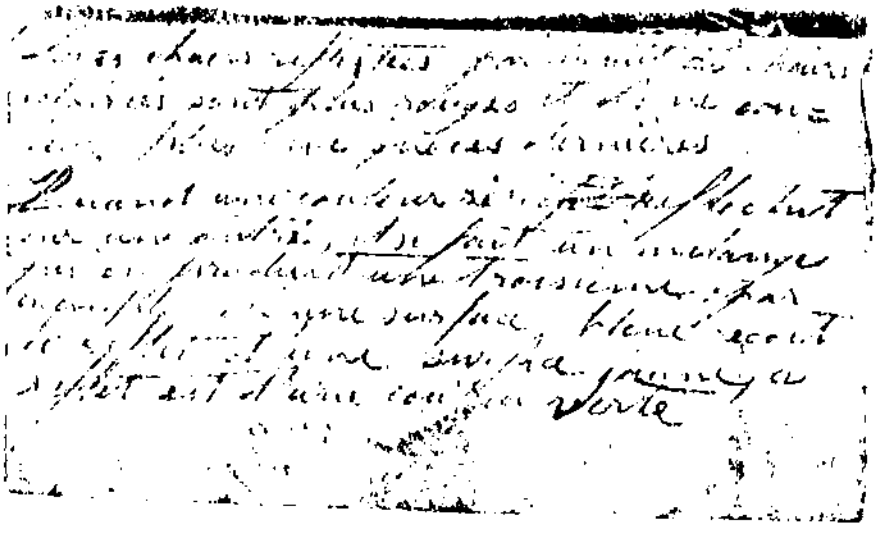
PÁGS. 33 Vº. E 34 - Notas teóricas acerca da pintura - "Les Merveilles de la peinture". Considerações acerca da Teoria da Arte: conceitos, escolas e países de desenvolvimento.

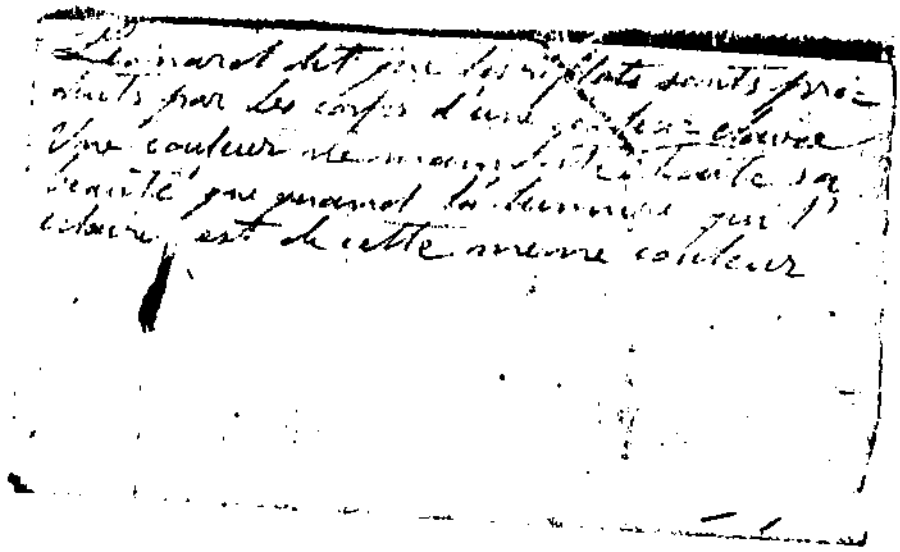
PÁGS. 34 Vº., 35 E 35 Vº. - Em branco

PÁGS. 37 A 38 - "Explicação dos enigmas"

PÁGS. 38 Vº. E 39 - Em branco

ÚLTIMA PÁGINA - Desenho de barco, a crayon.





ENYGMA PITTORESCO

Ao preclaro e illustre enygmalista sr. Fernando A. Camara

(Resposta ao seu enygma de pag. 240 do Alm. do anno passado)



Funchal *João Diabinho*

278

ENYGMA PITTORESCO

A MEU PAE

Por occasião do seu anniversario natalicio



Funchal, 16-3-08 *Adão d'Abreu Nunes*

118

ENYGMA PITTORESCO



Funchal *Joaquim S. Vieira*

104

50

Collecção de enigmas imaginadas por

An.to Carvalho da Si.a Porto

Porto

1868

51

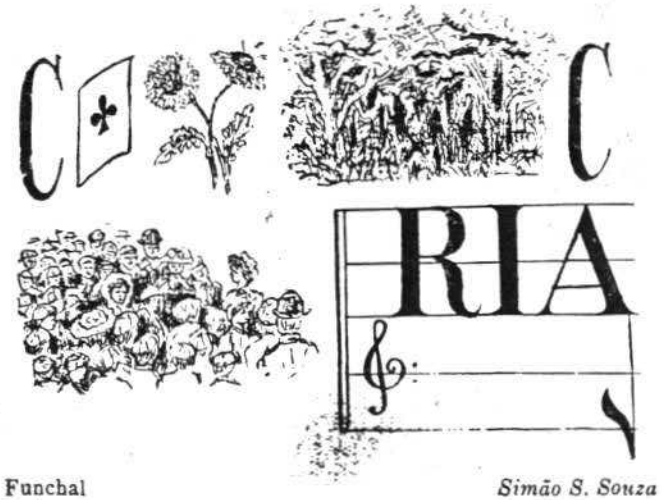
ENIGMA PITTORESCO



Bahia — Brazil — *J. R. Leal*

200

ENIGMA PITTORESCO

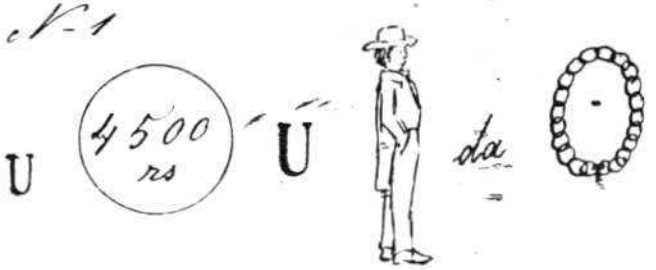


Funchal — *Simão S. Souza*

258

1

N-1



N-2



N-3



N-4

XIX. E U 100 d III

52

U

U

N

U

№ 9

Е *ин – пр*



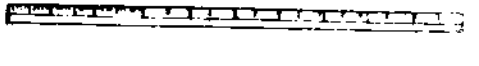
№ 10

U



№ 11





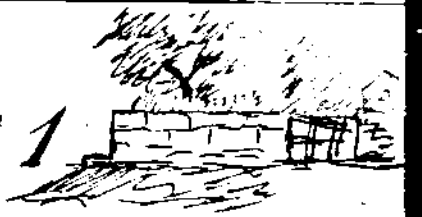
№ 12

U





1

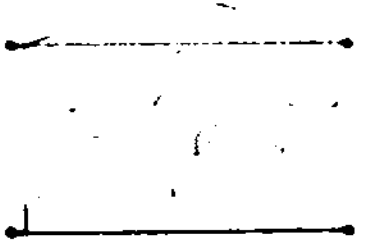


J



J





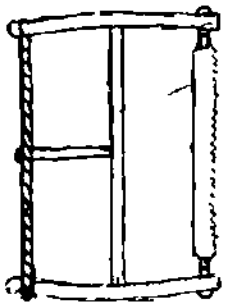


И



J

N. 13





DA

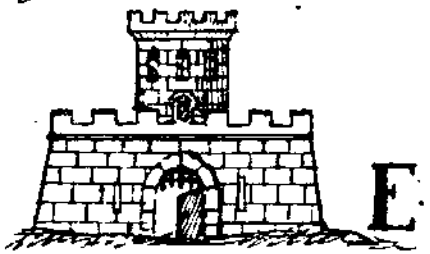
N. 14



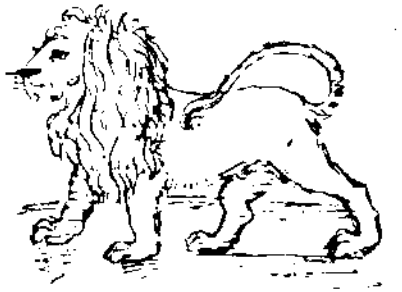
Foi unia



N. 15

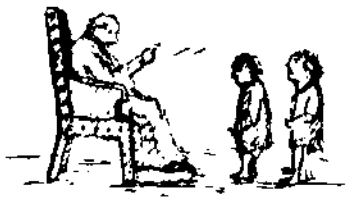


EU



4500
no
4500
no
E
E
1
A
G
P

N-20

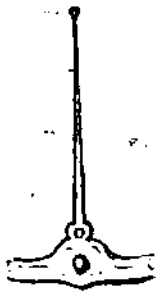


N-21

A 10 graça de  Eu

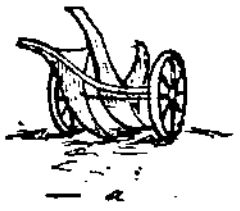
N-22





N-23





N. 24



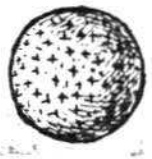


40

N. 25



N. 26

ESt  E 1

N. 27

U U 

Du



Qei



5

N. 28

E, T  E 

D A Du 

N. 29

K Go 

— za

10 N

X   R d 

Mostr Er Por 2 1 i

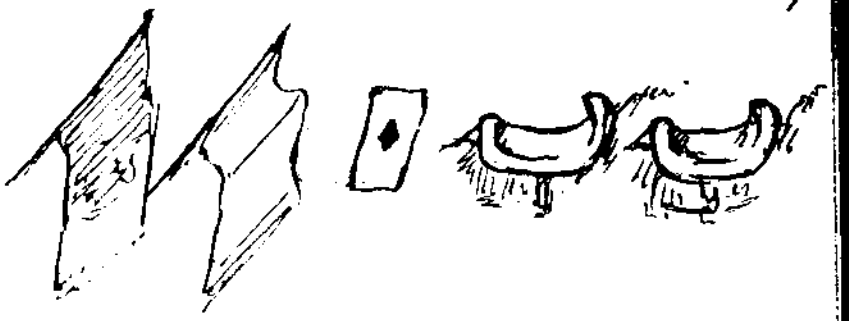
— z



— a

E S Entender Por

— er

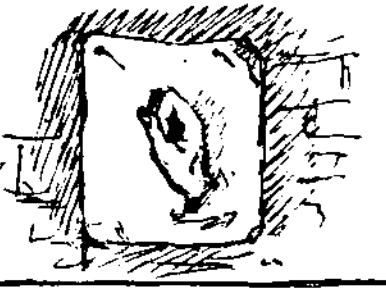


N 30

A'  DE 

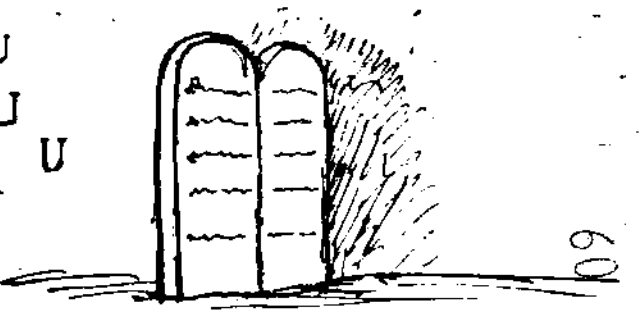
nadais

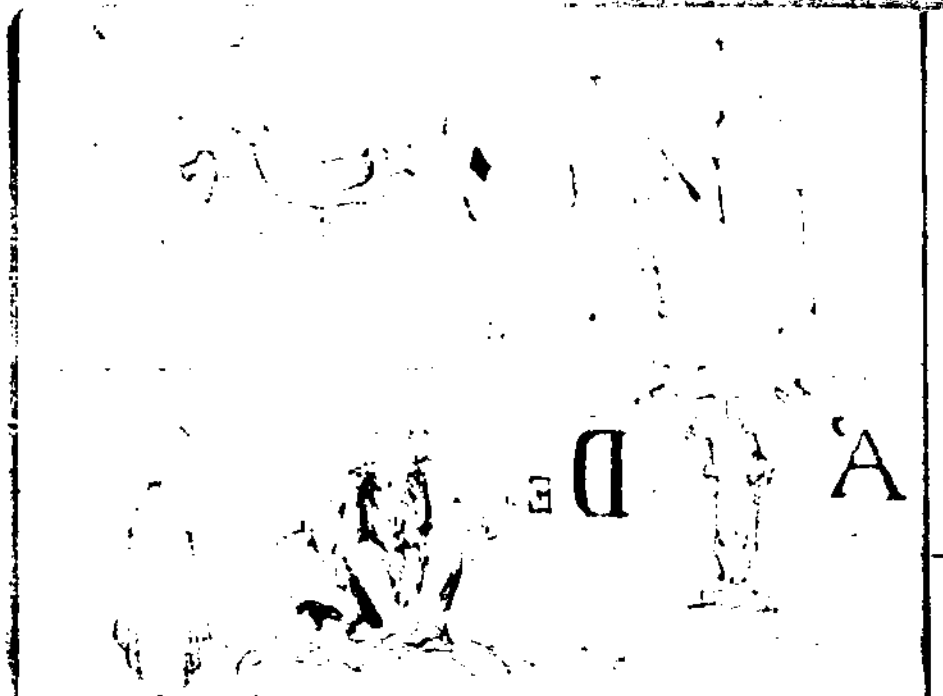
N 31

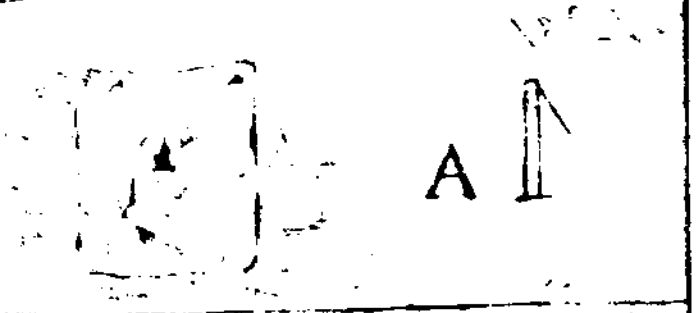
1A 

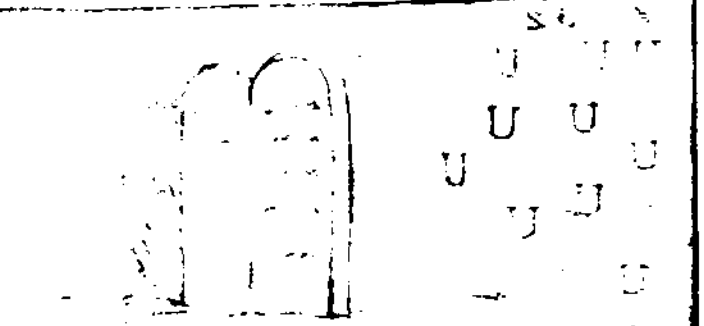
N 32

U U U
U U
U U U
U U U
U









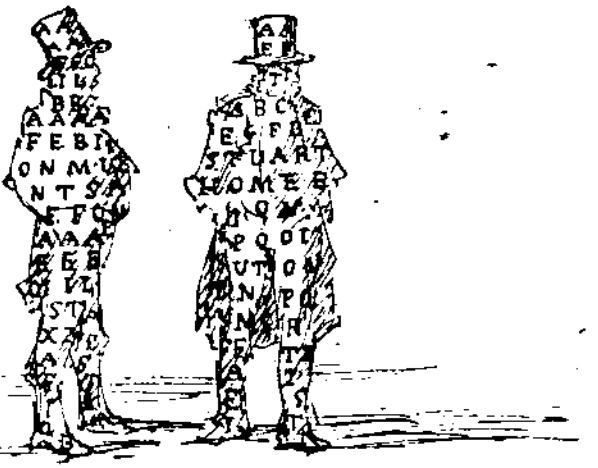
N- 33



A E U

DA *Fulano & Comp.ª*

N- 34



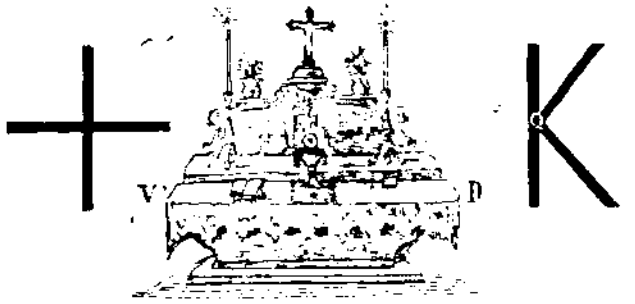
UU

19

ENYGMA PITTORESCO

Retribuição a minha filha

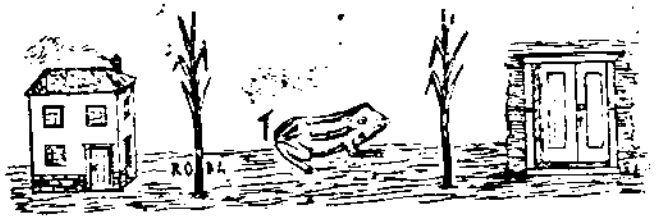
(Referencia ao seu enygma de pag. 103 do Almanach de 1908)



Funchal. JOÃO DIABINHO

9 129

ENIGMA PITTORESCO



Madeira. *Eulalia Agueda Nunes.*

107

Pintura a aguarella

As principaes tintas que se devem usar na aguarella sao as seguintes.

1ª A gomma gutta;
2ª O amarello indio;
3ª A pedra de fél;
4ª O minio ou zarcaõ;
5ª O carmim;
6ª A terra de Sena queimada;
7ª O azul de cobalto;
8ª O " da Prussia;
9ª O bistre;
10ª A sépia;
11ª E o preto de marfim;

Tintas compostas

Branco reverdeado. Azul da Prussia, e gomma-gutta muito claro.
Amarello doirado. Amarello indio puro
Carne. Minio, e gomma-gutta

muito claros.

Aurora. Abinio, e um pouco d'amarello indio.

Casca d'arvore. Bistre, e preto de marfim.

Côr pau de mogueira. Bistre, preto de marfim, e uma pouca de sepia.

Azul esverdinhado. Azul da Prussia e uma pouca de gomma gutta.

Verde de prado.

" accente ou nascente

" folha

Verde-mar

" d'agua, Azul de cobalto, e gomma-gutta.

Verde fino ou delicado.

[redacted]

Verde-gaio. Amarello indio, azul da Prussia, e bistre.

Pardo carregado. Sepia e bistre.

" carmelita. Sepia e preto de marfim.

Côr de madeira. Terra de Sena calcinada, um pouco de carmim, um pouco de Nanking tudo misturado;

Côr de ferro. Azul da Prussia e um pouco de Nanking.

Côr d'alvenaria. Carmim fraco.

Côr de pedra. Ocra amarella com uma pouca de terra de Sena.

Côr de pedra. Gomma-gutta, Carmim, Nanking.

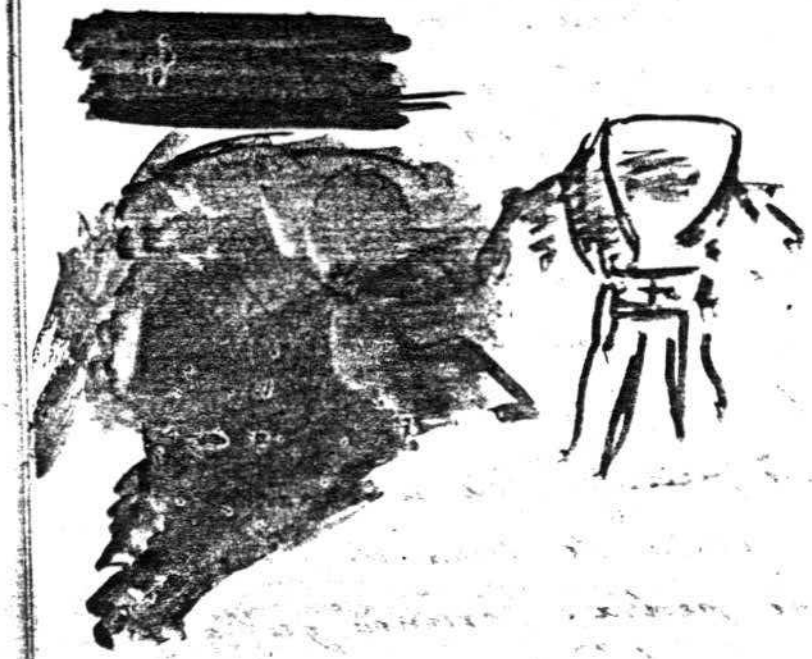
Côr de pedra. Ocra amarella, branco, nanking.

Verde vegetal.

Tinta para os mesmos, Gomma Gute, carmim.

Côr de nabo escuro. Carmim e nanking.

Para marcar as sombras. Nanking, carmim, e um pouco d'azul da Prussia.



Nomes das tintas para dec[illegible]

Alvaiade.
Flôr d'Anil.
Lacar.
Carmim.
Vermelhão.
+Jalde.
+Jallino.
+Ouropimenta.
+Flôr de Jalde.
Ocre clara de Roma
" escura de "
+Sombra de Colonia
+ " de Oliveira
Ronco de Rei
+Azul mar.
Almagre de Roma.
+Macicote.
Verde estilado.
Preto d'Italia.
+Loureiro.

os que se podem dispensar da palheta levaõ o signal +

Modo d'apparelhar o papel para se pintar a oleo.

Oleo de Alvaiade, preto d'Italia, ocre dara de Roma, e sombra de Colonia; as tres ultimas tintas devem ser em pequena porção, mas bem moidas em uma pedra propria para o dito fim; estas devem ficar muito bem misturadas umas com outras, de maneira que devem fazer uma tinta branda, a qual deve servir d'apparelho ao papel; esta meia tinta deve ser dada com toda a raquête em o papel; o qual se for excellentemente, com uma brocha de tal grandeza que possa admittir-se ao papel que se hade apparelhar: advertindo-se que a dita brocha não deve ir mais d'uma vez ao mesmo logar, alias tira a tinta primeira, e por consequencia a egualdade do apparelho, ficando incapaz de se poder pintar sobre elle; isto feito primeira e segunda vez, quando o apparelho estiver secco, deve-se tomar cuidado na egualdade da tinta do dito apparelho e logo que esteja isto bem executado e que se pode contornear sobre o papel apparelhado o que se quizer pintar; e assim que estes contornos estiverem perfeitamente desenhados; pode principiar a pintar bem entendido metterado os fundos de morte-côr e os objectos já contornados, como nuvens, montanhas, etc.

Do modo de apparelhar os panos para se pintar a oleo.

O panno melhor para a pintura a oleo é o brim; sempre será bom que seja do melhor, ou conforme a qualidade e grandeza do quadro;

deve ser pregado e muito bem este=
cado na grade que deve regular a
grandeza do painel; este panno
é pregado a primeira vez mas nã=
de todo, quero dizer, não sejão as ta=
xas pregadas de todo; mas sim se=
jão capazes de segurar bem o panno
na grade para se lhe poder applicar
os primeiros trabalhos, os quaes devem
seguir a marcha seguinte. Dase=
lhe uma esfregação de colla, feita
de pellicula; esta colla deve ser
fria e bem dura, e a força de tra=
balho é que se introduz no panno;
isto feito, e secca esta colla já dada
no panno, deve estar o apparelho
já moido, porem não muito; este
chamado apparelho é composto de
Ocre escura, e ocre clara, almagre,
e raccão, sombra de Colonia, preto
d'Italia, e flores d'ouro; estas tin=

tas todas são misturadas com
muita força d'ebraide, e moi=
das com oleo de linhaça. Feito is=
to, com uma faca das tintas, vai=
se estendendo esta massa sobre
o panno; devendo este ficar muit=
to bem coberto d'ella assim como
tambem deve estar ser posta com
egualdade, mesmo n'este primeiro
apparelho.

Isto feito, deve-se deixal-o seccar
muito bem, e logo que esteja secco, pe=
ga-ver em uma pedra de pedra po=
mes a qual deve ter uma face, e=
vando-a em giro não se esfregando
o panno, mas com cuidado que a
pedra o não rompa; nesse tempo
que se lhe deve tirar toda a as=
pereza, e mesmo tirar todos os fios
do mesmo panno, isto perfeitamen

te executado, deve haver de mesmo
apparelho, mas muito bem mesclo,
uma porção que chegue para uma
segunda mão, a qual deve ser pos=
ta com cuidado e trabalho, de ma=
neira que deve ficar tão liso e ma=
cio o panno que não deve haver di=
ferença entre elle depois de appa=
relhado, e uma taboa muito bem
applainada. Este segundo apparelho
muitas veres se poe com um co=
lherim de estucador, e outras mui=
tas vesa se tambem da faca das
tintas, de maneira que a obri=
gação necessaria é que o panno
fique perfeitamente apparelhado
sem se exigir que o apparelho seja
posto com a faca das tintas, ou com
o colherim de estucador; em fim
depois de feito isto é que se pode
vêr se o panno tem nodoa alguma

cousa de si com este trabalho, e
logo que seja preciso, deve-se
puxar novamente até que fique
bem esticado e então é que deve
ser bem pregado.

Logo que esteja este trabalho
concluido, e o panno muito bem
secco deve-se traçar ou apontar o
painel que se houver de pintar;
estes apontamentos devem ser
feitos primeira e segunda vez

As tintas pertencentes a esta qua=
lidade de pintura (papel) deve=
se juntar gomma arabica dis=
feita em agua porem esta agua
deve ter tido uma parção de gom=
ma de peixe por espaço de 48
horas, e esta ultima, não se exige
uma porção exacta a quanti=
dade d'agua. Depois de ter a

gomma de pureza estado a tempo determinado se tira e dis-solve-se n'esta agua uma porção de gomma arabica da melhor qualidade ajuntando-lhe uma porção de sal claro, que deve ser a 8.ª parte do peso que tiver a gomma arabica.

§ 72. Le matériel de l'aquarelliste est le même que celui du dessinateur ordinaire: il lui faut de plus une palette et des couleurs. Ces matières sont à peu près toutes les couleurs anglaises de Newman. M. Thénot les a disposées sur la palette dans l'ordre suivant:

1° vermillon de Chine (Chinese vermillion); 2° jaune indien (Indian yellow); — 3° bleu de Prusse (Prussian blue); — 4° éclat (cobalt); — 5° teinte neutre (neutral tint); — 6° gomme-gutte; — 7° laque carminée (crimson lake); 8° minium (red lead); — 9° rouge indien (Indian red); — 10° sinople (sinople); — 11° jaune de fiel (gall stone); — 12° sépia; — 13° terre de Sienne brûlée (burnt Sienna); 14° noir de bougie ou de lampe (lamp black); — 15° vert émeraude (emerald green); — 16° laque jaune (yellow lake); 17° écarlate (scarlet); 18° vert olivier (olive green); — 19° ocre jaune (yellow ochre); — 20° terre d'Italie brûlée (burnt Italy).

+ Les parenthèses renferment l'indication, en anglais, des couleurs.

§ 73. Chaque couleur, même employée seule, peut produire une grande variété de nuances, en raison de plus ou moins d'eau dans laquelle on l'aura détrempée. On mélange ces couleurs, trois à trois, de manière à les faire dominer alternativement, les couleurs produisent des combinaisons de nuances variées qu'on peut ainsi multiplier presque à l'infini; soit en changeant leur rapport, soit enfin en augmentant ou en diminuant la quantité d'eau. Il est important d'étudier les combinaisons binaires et ternaires des couleurs que nous venons d'indiquer, avant de passer à la confection des dessins.

§ 74. Parmi les combinaisons binaires, nous invitons le lecteur à essayer les effets qui résultent de la combinaison des couleurs (1° et 2°), (2° et 3°), [illegible], (4° et 5°), (5° et 6°), (6° et 7°), 9° et 10°), (10° et 11°), (11° et 12°), (12° et 13°), (15° et 16°): il obtiendra des couleurs nouvelles dont les nuances se rencontrent fréquemment dans la nature *. Il en est de même des effets produits par les combinaisons ternaires ou de trois couleurs, que voici: (3°, 4°, 5°), (4°, 5°, 6°), (4°, 6°, 7°), 3°, 6°, 15°), (2°, 10°, 13°), (13°, 15°, 16°), (11°, 12°, 13°), (10°, 11°, 12°), (9°, 10°, 11°), (3°, 4°, 7°), etc. Nous lui conseillons en même temps de conserver avec soin le résultat des combinaisons essayées, en n'oubliant pas de les accompagner des numéros des couleurs qui ont servi à les obtenir: ces résultats sont réunis sur une même planche dans l'ouvrage de M. Thénot (les Règles du dessin et de l'aquarelle). Sur une autre planche l'auteur a tracé des études de teintes variées de ciels et de nuages. Ce sont d'excellents modèles à consulter avant d'essayer de peindre à l'aquarelle.

* Les numéros des couleurs ci-dessus sont ceux qui leur sont affectés, n° 72. Ainsi les couleurs (5° et 6°) sont la teinte neutre et la gomme-gutte.

1044. Nous ne pouvons donner ici aucune règle bien fertile pour la composition des fonds de couleur ; nous observerons cependant qu'on a fait la teinte de fonds (fig. 457) avec du bleu, du carmin et de l'encre de la Chine qu'on mélange en petite quantité avec de l'eau dans un godet. C'est ordinairement le bleu qui domine dans ce mélange. Les objets de fonds éloignés se teintent plus en gris : il faut un peu plus d'encre de la Chine dans le mélange qui doit être de moins en moins chargé de couleur à mesure que les objets s'éloignent du devant. Sur les parties tournantes, la teinte doit s'affaiblir vers les parties les plus éclairées : pour l'affaiblir ainsi, il suffit d'ajouter un peu d'eau.

1045. En général, les teintes doivent être d'autant moins grises qu'elles s'approchent davantage des premiers plans : sur une surface couverte la teinte est la plus claire possible.

1046. Pour exprimer les objets en fer (fig. 458) on se sert d'une couleur à peu près semblable, mais plus bleue et plus claire, et l'on a soin de ménager les images brillantes afin d'indiquer le poli de la surface.

1047. La teinte de cuivre rouge (fig. 459) est formée de carmin et d'un peu d'encre de la Chine.

1048. Celle du cuivre jaune (fig. 460) est composée, en presque totalité, de gomme-gutte, on y ajoute pourtant quelquefois un tout petit peu d'encre de la Chine et un atome de carmin.

1049. La couleur de bois (fig. 461) se forme avec du carmin, de la gomme-gutte et de l'encre de la Chine.

1050. Lorsque un cuivre est un intérieurement, il est ordinairement indiqué par un ton jaune gris, composé de gomme-gutte et de l'encre de la Chine avec un peu de carmin.

1104. Bois et forêts (fig. 485). — Les bois ayant été dessinés comme nous l'avons dit plus haut, soit à la plume soit à instrumentau crayon, et toutes les masses et les groupes étant bien arrêtés, on remplira tous les fonds, et tous les intervalles, qui se trouvent entre les masses par une teinte de fond composée de deux tons, l'un verdâtre et l'autre couleur feuille morte foncée. Ces teintes devront être parfaitement fondues. Ensuite on frottera des jaunes pour dans l'un de ces tons verdâtres et des vert-pistache dans l'autre, on frottera le jaune sur toutes les touffes d'arbres exposées au rayon de la lumière, et on frottera le reste avec la couleur verte. Cette première ébauche terminée, il faut donner avec du vert plus foncé des coups de pinceau, qui détachent et donnent du relief aux différentes touffes, et revenir encore sur cette retouche avec des petits points de vert très foncé : c'est alors que l'on empâtera avec de l'encre de la Chine pâle, les ombres portées des masses de verdure sur le terrain, ou les unes sur les autres.

Si les bois sont sur une échelle un peu grande, on donnera avec esprit des touches plus ou moins dorées, plus ou moins rougeâtres, que l'on obtiendra par le mélange de la gomme-gutte, et du carmin qui serviront à détacher davantage les touffes, à rompre l'uniformité des teintes et à imiter davantage la nature.

---

702. Au reste, la lumière atmosphérique est bleue, tandis que celle du soleil est blanche : le bois sera donc bleu éclairé par le soleil recevra de toutes parts de la lumière de l'air il devra en général, présenter une surface colorée de bleu : toutefois comme la lumière de l'atmosphère est incomparablement

ration aérienne, la teinte azurée, ne sera ordinairement sensible que sur les parties du corps éclairé, qui se trouvent dans les demi-teintes de l'ombre.

2° Des coloris dans les portraits est un enchantement de la nature, lequel fait connaître le véritable tempérament des personnes: & ce tempérament étant une chose inexprimable à la ressemblance, il doit être représenté avec la même justesse que le dessein. Cette partie est d'autant plus estimable qu'elle est rare & difficile. On a vu une infinité de peintres qui ont fait ressembler par les traits & par les contours: mais le nombre de ceux qui ont représenté par la couleur le véritable tempérament des personnes, est assurément très petit.

Deux choses sont nécessaires dans le coloris, la justesse des teintes, & l'art de les faire valoir; le premier s'acquiert par la pratique en examinant & en comparant les couleurs que l'on voit naturelles, avec celles dont on veut les imiter. L'art de faire valoir les teintes consiste à savoir ce qu'une couleur vaut auprès d'une autre, & à réparer ce que la distance & le temps diminuent de l'éclat & de la fraîcheur des couleurs. Un peintre qui ne sait que cela n'arrivera jamais à une parfaite imitation: car si son ouvrage lui semble bon de près, & sur son chevalet, de loin il déplaira aux autres et souvent à lui-même: une teinte qui de près paraît séparée et d'une certaine couleur paraîtra d'une autre couleur dans sa distance et se confondra dans la masse dont elle fait partie. Si vous voulez donc que votre ouvrage fasse un bon effet du bien d'or il doit être vu, il faut que les couleurs et les lumières en soient un peu exagérées; mais savamment et avec une grande discrétion. Voyez la manière dont Titien, Rubens, Van Dyck et Rembrant en ont use: car leur artifice est merveilleux. Il y a ordinairement dans le teint trois moments à observer; le premier, quand le modèle nouvellement arrivé se met en place et peu lors il est plus animé et plus coloré que dans son ordinaire, et cela se remarque dans la première heure; le second, quand le modèle étant reposé se fait voir tel qu'il est ordinairement et cela se trouve dans la seconde heure; le troisième lorsque le modèle las d'être dans la même attitude, change sa couleur ordinaire en celle que l'ennui a coutume de répandre sur le visage: et bien il est très-à-propos de se prévaloir au teint ordinaire des personnes, et de l'accompagner de quelque bon moment qu'on ne puisse blâmer d'exagération. Il est bon aussi pour dissiper, ou prévenir l'ennui, de permettre aux personnes que l'on peint, de se lever pour faire quelques tours de chambres et reprendre de nouveaux esprits.

Dans les draperies toutes sortes de couleurs sont également reconnaissantes à toutes sortes de personnes: dans les portraits d'homme, il suffit de toucher beaucoup de vérité et beaucoup de force; mais aux portraits de femmes, il faut encore de l'agrément et faire paraître dans un beau jour ce qu'elles ont de beau, et tempérer par quelque industrie ce qu'elles ont de défauts. C'est pour cela que auprès d'un teint blanc vif, et éclatant il faut bien se garder de mettre d'un beau jaune qui le fera paraître de plâtre; mais plutôt des couleurs qui donnent dans le vert, ou dans le bleu, ou dans le gris, ou dans quelques autres semblables couleurs que par leur opposition contribuent à faire paraître plus de chair ces sortes de teints que l'on trouve ordinairement aux blondes. Van Dyck s'est souvent servi dans ses fonds de vert-de-feuille-morte; mais la couleur en est douce et brune. Les femmes brunes au contraire qui ont dans leur teint assez de jaune pour soutenir le caractère de chair, pourront fort bien être habillées de quelques draperies qui donnent dans le jaune, afin que leur teint semble en avoir moins, et en paraisse plus frais; et auprès des carnations qui sont très vives et hautes en couleur, le linge y fait à merveille. Pour les fonds, s'il y a deux choses à considérer, le ton, et la couleur. On doit raisonner de la couleur du fond, comme on raisonne de celles des habits à l'égard de la

Tels. Le ton du fond doit être toujours différent de la main qu'il soutient et dans il est le fond, en sorte que les objets qui seront dessus ne paraissent point transparens; mais solides et de relief. Ce qui détermine le ton du fond est ordinairement le ton des cheveux et quand ils sont châtain-clairs on est souvent fort embarrassé à moins qu'on ne se serve du secours d'un rideau ou de quelque accident de clair-obscur que l'on rapporte derrière, ou que ce fond ne soit un ciel. Il faut encore observer que lorsque on fait des fonds unis, c'est-à-dire, lorsqu'il n'y a ni rideau ni paysage, ni autre ouvrage semblable mais seulement une espece de nuage, il doit y avoir plusieurs couleurs qui jouent comme des taches presque imperceptibles. La raison en est, d'autant que la nature est toujours de cette sorte et l'union du tableau en est beaucoup plus grande.

Du Ciel et des Nuages.

L'air en termes de Peinture est, cette partie bleue que nous voyons au dessus de nous, mais c'est encore plus particulièrement la region de l'air que nous respirons, et celle où se forment les nuées et les orages. Sa couleur est un bleu qui devient plus clair à mesure qu'il approche de la terre à cause de l'interposition des vapeurs qui sont entre nous et l'horizon, lesquelles étant penetrées de la lumière, la communiquent aux objets, plus ou moins selon qu'ils en sont plus près, ou plus éloignés. Il y a seulement à observer que cette lumière étant jaune ou rougeâtre sur le soir lorsque le soleil se couche ces mêmes objets participent non seulement de la lumière mais aussi de la couleur. Ainsi la lumière jaune venant à se mêler avec le bleu dont le ciel est naturellement coloré, elle l'altère et lui donne un oeil plus ou moins verdâtre selon que le jaune de la lumiere est plus ou moins chargé.

Du Paysage

C'est donc d'après nature et en pleine campagne que quelques-uns ont dessiné et fini leurs tableaux, les morceaux qu'ils ont choisis sauvages à ajouter des couleurs. D'autres ont peint avec des couleurs à huile sur du papier fort et de demi-teinte et ont trouvé cette pratique commode en ce que les couleurs venant à s'imbiber donnent la facilité de mettre couleur sur couleur quoique différente l'une de l'autre. Ils portent à cet effet une boëte plate qui contient commodement leur palette, leurs pinceaux, de l'huile et des couleurs. Cette pratique qui demande à la vérité quelque attirail, est sans la meilleure pour tirer de la nature plus de détails et avec plus exactitude, sur tout si après que l'ouvrage est sec et vernis, on a soin de retoucher sur les lieux pour retoucher les choses principales et les finir d'après nature. D'autres ont seulement tracé les contours des objets et les ont lavés de couleurs approchantes de celles de la nature, mais legerement et seulement pour soulager leur memoire. ———

Je suppose, comme cela doit être que le Peintre a toujours sur soi un cahier de papier et du crayon de mine de plomb. Cela étant il doit dessiner promptement et legerement ce qui lui sort d'extraordinaire et pour en retenir les couleurs il doit marquer les principaux endroits par des caracteres qui seront expliqués au bas du papier et dont il suffira qu'il ait l'intelligence. Un nuage par exemple sera marqué A; un autre nuage B; une lumière C; une montagne D; une terrasse E; et ainsi du reste. On ajoutera à chaque lettre qui sera répetée au bas du papier, telle chose est colorée de telle ou telle couleur; ou bien, pour abreger on mettra seulement d'un rouge violet, gris ou meme d'autres marques plus abregées et connues seulement par celui qui s'en voudra servir.

La Pratique

Je suis persuadé que chaque personne en particulier ayant un esprit différent pratique les fins qu'il se propose par des voies différentes, et qu'on peut arriver au bien par divers moyens; et je suis d'avis que chacun suive en cela la pente de son genie, et le chemin qu'il trouvera le plus court et le plus commode; ainsi je ne dirai rien là dessus de particulier, j'entreprendrai seulement en general ce qui est bon de travailler à un portrait. Voir différentes fois, ébaucher, retoucher: et l'ébauche, il faut extrêmement prendre garde avant que de rien faire,

quel aspect sera le plus avantageux au portrait, en posant le modèle en différentes vues; si cela ne vaut, à moins qu'on n'ait un dessein arrêté qu'on veuille exécuter, et lorsqu'on en sera déterminé il est d'une conséquence extrême de bien mettre les parties en place en les comparant toujours d'une avec l'autre, parce que le portrait ressemblera infiniment en ressemble toujours quand il est bien dessiné, mais qu'il est facile de changer les parties la seconde fois que l'on travaille, au lieu que l'on ne devrait songer qu'à peindre, je veux dire, qu'à placer, et à unir les couleurs.

L'expérience fait connaître qu'il est à propos d'ébaucher clair à cause de l'avantage des glacis et du transparent des couleurs, sur tout dans les ombres; et lorsque toutes les parties seront bien ensemble et qu'elles seront toutes emplâtées, il faudra les adoucir et les confondre avec discrétion sans éteindre l'air; afin que l'on finissant on ait le plaisir de finir à mesure que l'on travaillera. Or en cette manière de confondre les parties ne faut pas outrepasser de peur qu'elles se contentent de marquer le grenu et les mêmes parties, et seulement autant qu'il est nécessaire pour donner l'air.

Il est bon à l'ébauche d'un portrait de mettre vers le front plutôt moins que plus de cheveux afin d'avoir la liberté quand on finit de les placer où l'on veut et de les peindre avec toute la tendresse et toute la délicatesse possible; que si on contraire vous ébauchez sur le front quelque touffe de cheveux qui vous paraître de bon goût, et fort avantageux à votre ouvrage, vous serez embarrassé lorsqu'il faudra la finir, et que vous ne trouverez plus le naturel dans la même disposition précisément que vous le voulez peindre. Cette observation n'est pas pour ceux qui auraient une science et une expérience consommée, qui ont le naturel dans la tête et qui le font obéir à leur idée comme il leur plaît; mais la seconde fois que l'on travaille doit servir à mettre bien les couleurs dans leur place, et à les peindre de la manière la plus convenable au modèle que l'on imite et à l'effet que l'on se propose. Avant que de commencer d'emplâter, je voudrais que l'on examinât de nouveau si les parties sont bien en leur place, et que l'on donnât par ci par là les coups qui contribuent le plus à la ressemblance, afin qu'étant assuré de cette ressemblance on travaillât avec plus de repos et de loisir.

Supposons que l'on entende ce que l'on peint, et que le portrait soit dessiné juste, il faut autant que on le peut travailler vite, le modèle s'en accommode mieux, et l'ouvrage en a plus d'esprit et plus de vie: mais cette promptitude est le fruit de notre expérience; et l'on ne saurait faire vite que après avoir soigneusement réfléchi, et médité les choses durant beaucoup de temps, et essayé entre plusieurs moyens celui qui conduit le plus directement au bien; car pour trouver un chemin facile, et que l'on doive tenir souvent, il est permis d'être longtemps à le chercher. Avant que de se toucher un portrait, il est à propos que les cheveux en soient terminés afin qu'en retouchant les carnations vous puissiez juger de l'effet de toute la tête.

Comme il arrive souvent que la seconde fois que l'on travaille à un portrait on ne peut y faire tout ce que l'on voudrait, la troisième sert à y suppléer et à donner l'esprit, la physionomie et le caractère. Si l'on veut faire un portrait au premier coup, il faut peindre en mêlant toujours des couleurs et jamais en adoucissant ni en frottant, et faire en sorte qu'il y ait peu d'huile dans les couleurs; et si l'on y voulait mêler un peu de vernis avec la pointe des pinceaux, cela donnerait un moyen facile de mettre couleurs sur couleurs, et de les mêler en peignant sans les emporter. Le rouge et la mie des bons tableaux expriment plus de choses qu'on n'en saurait dire: ce qui convient à l'esprit et au tempérament d'une personne, ne convient pas toujours à une autre; et presque tous les Peintres ont leur différents desseins quoique leurs principes ayant été souvent les mêmes.

Du coloris.

Plusieurs en parlant de Peinture, se servent indifféremment des mots de couleur et de coloris, pour ne signifier qu'une même chose; et quoique pour l'ordinaire ils ne laissent pas de se faire entendre, il est bon néanmoins de tirer ces deux termes de la confusion, et d'expliquer ce que l'on doit entendre par l'un et par l'autre. La couleur est ce qui rend les objets sensibles à la vue. Et le coloris est une des parties essentielles de la Peinture, par laquelle le Peintre sait imiter les apparences des couleurs de tous les objets naturels, et distribuer aux objets artificiels la couleur qui leur est la plus convenable pour tromper la vue. Cette partie comprend la connaissance des couleurs particulières, la sympathie et l'antipathie qui se trouvent entr'elles, la manière de les employer, et l'intelligence du clair-obscur. Et comme il me paraît que cette même partie n'a été peu ou point connue du tout à quelques-uns d'un grand nombre des plus habiles Peintres des deux dernières siècles, je crois

être obligé d'en donner autant que je le puis la véritable idée pour en sauver la vérité.

Il y en a encore qui confondent la couleur simple avec la couleur locale, quoiqu'il y ait entr'elles une grande différence: car la couleur simple est celle qui toute seule ne représente aucun objet comme le blanc pur, c'est-à-dire, sans mélange; le noir pur, le jaune pur, le rouge pur, le bleu pur, le vert et les autres couleurs dont le Peintre charge d'abord sa palette, et qui lui servent ensuite à faire les mélanges dont il a besoin pour arriver à une parfaite imitation. Et la couleur locale est celle qui par rapport au lieu qu'elle occupe, et par le secours de quelque autre couleur représente un objet singulier; comme une carnation, un linge, une étoffe, ou quelque objet distingué des autres. Elle est appellée locale, parce que bien qu'elle occupe l'image telle, pour donner un plus grand caractère de vérité aux autres couleurs qui l'environnent. Ceci soit dit par occasion de la couleur simple et de la couleur locale; je reprends le fil de ma matière.

Le Peintre doit considérer que comme il y a deux sortes d'objets, le naturel ou celui qui est vrai, et l'artificiel ou celui qui est peint, il y a aussi deux sortes de couleurs, la naturelle et l'artificielle. La couleur naturelle est celle qui nous rend actuellement visibles tous les objets qui sont dans la nature, et l'artificielle est un mélange judicieux que les Peintres composent des couleurs simples qui sont sur leur palette, pour imiter la couleur des objets naturels. Le Peintre doit donc avoir une parfaite connaissance de ces deux sortes de couleurs, de la naturelle, afin qu'il sache ce qu'il doit imiter, et de l'artificielle pour en faire une composition et une teinte capable de représenter parfaitement la couleur naturelle. Il faut qu'il sache encore que la couleur naturelle comprend trois sortes de couleurs 1° la couleur vraie de l'objet; 2° la couleur réfléchie; 3° la couleur de lumière. Et quant aux couleurs artificielles il en doit connaître la valeur, la force, et la douceur séparément et par comparaison, afin d'engager par les unes, et d'affaiblir par les autres, quand la composition du sujet le demande de cette sorte. C'est pourquoi il faut faire réflexion qu'un tableau est

une superficie plate; que les couleurs ne sont plus leur première fraîcheur quelque temps après qu'elles sont employées; qu'enfin la distance du tableau lui fait perdre de son éclat et de sa vigueur; qu'ainsi il est impossible de suppléer à ces trois choses, sans l'artifice que la science des coloris enseigne; et qui est son principal objet. Un habile Peintre ne doit pas être esclave de la nature; il en doit être arbitre et judicieux imitateur; et pourvu qu'un tableau fasse son effet, et qu'il impose agréablement aux yeux, c'est tout ce qu'on en peut attendre à cet égard, et c'est ce que le Peintre ne saurait faire s'il néglige le coloris. Or comme il est certain qu'un tout ne peut être parfait s'il lui manque quelque partie, et qu'un Peintre n'est pas habile en son art, s'il ignore quelqu'une des parties qui le composent, je blâmerai également un Peintre pour avoir négligé le coloris, comme pour n'avoir pas disposé ses figures aussi avantageusement qu'il le pouvait faire ou pour les avoir mal dessinées. L'accord des couleurs et leur opposition ne sont pas moins nécessaires dans le coloris, que l'union et la proportion dans la musique. Et cet accord et cette opposition des couleurs viennent de deux causes, de leur qualité sensible et originaire, et de leur mélange. Leurs qualités sensibles procèdent de la participation qu'elles ont avec l'air, et avec la terre. Celles qui sont aériennes ont entr'elles une légereté qui les rend amies, comme le blanc, le brun jaune, le bleu, la laque, le vert et autres semblables couleurs dont on en fait une infinité qui peuvent toujours être en simpathie... Et celles qui sont terrestres ont au contraire une pesanteur qui par le mélange devient de la douceur et la légereté des aériennes. Il est difficile de trouver la véritable raison pourquoi une couleur est aérienne ou terrestre, pourquoi une couleur est aérienne ou terrestre. Il est pourtant sûr de conclure que les couleurs lumineuses sont douces et aériennes et qu'en les mêlant ensemble elles s'accordent entr'elles: mais il est constant aussi que certaines couleurs belles douces et ~~claires~~ lumineuses, bien loin de s'accorder se détruisent par le mé

langue ; tel est le bel outremer accompagné de blanc, avec le beau jaune et le beau vermillon. Et quoique ces couleurs soient auprès l'une de l'autre teint d'un grand éclat, elles sont toujours telles, une couleur de terre la plus ordinaire du monde. De-là on peut tirer cette conséquence qu'une des plus grandes preuves de la simplicité et de l'antipathie qu'est-ce entre les couleurs placées l'une auprès de l'autre se tire de la troisième couleur qui résulte du mélange des deux qui l'ont composée ; car si cette troisième couleur composée marque par sa salité la destruction des deux qui la composent il faut inférer que ces deux couleurs sont antipathiques ; si au contraire leur mélange fait une teinte douce et agréable, qui tienne de leur première qualité, c'est une marque infaillible de leur harmonie. Le corps des couleurs est encore un autre principe pour juger de leur destruction par le mélange. Car il y a des couleurs qui ont tant de corps, que elles ne peuvent souffrir aucune autre couleur sans la dépouiller presque entièrement de ses qualités naturelles : telles sont l'ocre de Rut la terre d'ombre, l'indigo, et d'autres à proportion. Mais quand l'art et la raison n'enseigneraient pas les accords des couleurs, la nature nous le montre et y oblige presque toujours ceux mêmes qui ne la copient que servilement. Car soit que on considère la lumière ou directe sur le jours, ou reflechie dans les ombres, elle ne peut se communiquer qu'en communiquant sa couleur qui est tantôt d'une façon et tantôt d'une autre. Nous en avons l'expérience dans la lumière du Soleil, qui est à midi bien différente en qualité de ce qu'elle est le soir ou le matin ; la lune a tout de même une couleur particulière aussi bien que la lueur du feu, ou celle d'un flambeau. Avant que de quitter cet article qui regarde l'harmonie dans le colorit, je dirai que les glacis sont un très-puissant moyen pour arriver à cette mesure de couleurs si nécessaire pour l'expression du vrai. Peu de gens les entendent ; parce que l'usage en acquiert ordinairement la connaissance, que par une longue expérience accompagnée d'un bon jugement. Trop heureux celui qui en voyant les ouvrages des grands maîtres a le talent de pénétration à cet égard. Je dirai encore, pour instruire les amateurs de Peinture qui n'ont point de pratique en cet art, que les glacis sont des couleurs transparentes ou diaphanes qui par corrigent un peu de corps les quelles se passent en frottant légèrement avec une brosse sur un ouvrage peint de couleurs plus claires que celles qu'on veut passer par-dessus, pour leur donner une manière qui les mette en harmonie avec d'autres qui leur sont voisines.

Après avoir parlé de l'union des couleurs, il est bon de dire deux mots de leur opposition. Les couleurs sont opposées entr'elles, ou dans leur qualité naturelle et comme telle couleur simplement ; ou en lumière et ombre, comme faisant partie de clair-obscur. L'opposition dans la qualité des couleurs s'appelle antipathie. Elle est entre des couleurs qui veulent dominer l'une sur l'autre, se détruisent par leur mélange, comme l'outremer et le vermillon ; et la contrariété qui est dans le clair-obscur n'est qu'une simple opposition de la lumière à l'ombre sans aucune destruction. Car encore qu'il n'y ait rien, par exemple, qui paraisse plus opposé que le blanc et le noir, dont l'un représente la lumière et l'autre la privation de la lumière ils conservent cependant dans leur mélange une espèce d'amitié qui n'est susceptible d'aucune destruction. Le blanc et le noir ensemble font un gris doux qui tient de l'une et de l'autre couleur ; et ce qui paraîtra comme noir par opposition au blanc tout pur, semblera comme blanc si on le met auprès d'un grand noir. L'on doit raisonner de la même manière à l'égard de toutes les autres couleurs, où le plus ou le moins de lumière ne change rien à leur qualité. Après la connaissance des couleurs, vient celle de leur emploi, de leur ménagement et de leur travail ; et dans l'exercice de ces trois choses consiste la plus grande satisfaction du Peintre.

Voici quelques maximes touchant l'emploi des couleurs.

Pline dit, que les anciens peignoient avec quatre couleurs seulement, dont ils composoient leurs teintes. Mais il est à croire que ce n'etoit que pour preparer le fond à recevoir des couleurs qui donnent la fraicheur la vigueur et l'ame à l'ouvrage. Il faut apprendre à bien voir la nature pour la bien representer. Il y a deux manieres de la colorier, la premiere depend de l'habitude que ceux qui commencent à peindre se forment, et l'autre comprend la veritable connoissance des couleurs dont on se sert, ce qu'elles valent l'une auprès de l'autre, et le juste temperament de leur melange pour imiter les diverses couleurs de la nature. L'harmonie de la nature dans ses couleurs, vient de ce que les objets participent les uns des autres par les reflets. Car il n'y a point de lumiere qui ne frappe quelque corps, et il n'y a point de corps eclairé qui ne renvoie sa lumiere et sa couleur en meme temps; selon le degré de la vivacité de la lumiere, et la varieté de la couleur. Cette participation des reflets dans la lumiere et dans la couleur fait cette union de la nature, et cette harmonie que le Peintre doit imiter; d'ou il s'ensuit que le blanc et le noir sont rarement purs dans les reflets. La varieté des teintes (à peu près) dans le meme ton, employée sur une meme figure et souvent sur une meme partie, avec moderation, ne contribue pas peu à l'harmonie. Le tournant des parties et les contours qui se perdent insensiblement dans leur fond, et qui s'y evanouissent avec prudence, lient les objets et les tiennent dans l'union, principalement en ce qu'il semble conduire nos yeux au de-là de ce qu'ils voient, et les persuader qu'ils voient ce qu'ils ne voient pas; c'est-à-dire, la continuité quelle extremité leur cache. L'exageration des couleurs à laquelle le Peintre est obligé d'avoir recours à cause de la superficie de son fond de la distance de son ouvrage et du temps qui diminue toutes choses, doit etre menagée de maniere qu'elle ne fasse point sortir l'objet de son caractere. Il faut eviter autant qu'on le peut de repeter la meme couleur dans le meme tableau, mais on peut bien en approcher par principe d'union et d'elegance. Il y en a un bel exemple dans le tableau des nôces de Cana de Paul Veronese où l'on voit plusieurs blancs et plusieurs jaunes renfermés harmonieusement. Le melange de certaines couleurs qui en diminue la force, ou qui les met en harmonie avec d'autres, leur donne le nom de couleurs rompues. Il est à remarquer que pour y reussir, il a affecté de se servir de couleurs lumineuses qu'il a rendues sensibles par des fonds encore plus lumineux. Il avoit beaucoup de gout pour les etoffes travaillées et d'une couleur douce et sa plus grande depense etoit pour en acheter, afin de les prendre d'après le vrai. Il y a bien de s'etonner qu'avant Raphael, et meme de son temps, des Peintres fussent si jalouse de leurs contours, qu'ils n'avoient aucun soin de les bien avec leur fond, et qu'ils n'eussent pas entendu parler de la maniere dont les anciens auteurs louent ces passages fondus d'un objet à un autre

Par le corps des couleurs

La distribution des couleurs contribue aux masses de clairs et aux masses d'ombres, sans que la lumiere directe y contribue en autre chose que de rendre les obscures visibles: cela depend de la supposition que fait le Peintre qui est libre d'introduire une figure habillée de brun qui demeurera obscure malgré la lumiere dont elle peut etre frappée et qui sera d'autant plus son effet qu'elle en cachera l'artifice. Ce que je dis d'une couleur peut s'entendre de toutes les autres couleurs selon le degré de leur ton et selon le besoin qu'en aura le Peintre.

De la necessité du clair-obscur dans la peinture.

Entre plusieurs raisons qui demontrent cette necessité, du clair-obscur, j'en ai choisi quatre qui m'ont semblé les plus essentielles. La premiere est prise de la necessité du choix dans la Peinture

La 2me de la nature du clair obscur.

Loi 3e de l'avantage qu'il procure aux autres parties de la Peinture.
Et la 4e de la constitution generale de tous les etres

Coloris de la plante

96. Les diverses objets, que se rencontrent dans une plante respirable sont ou nulle ou tres faiblement arrangés et quelquefois, ou meme toujours, ils ne sont pas de la même couleur, que celle de l'objet original; Parties à terre nommées — Elles sont de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Calamade — Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Parties de chaux dissoute en eau de gomme — Elles sont de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte.

Bourgeons, ou amarella composée d'une ou plusieurs gutta, dominando toujours la dernière ou Estrados. Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Pores, lagos, ríos, ríachos, etc. — Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte.

Parties à terre nommées — Elles sont de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte.

Harinas: Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte.

Parties à terre nommées — Elles sont de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte. Elle est de couleur verte, ou rouge, ou violette, ou brune, ou noire, ou blanche, ou jaune, ou orangée, ou bleue, ou grise, ou violette, ou verte.

Manual de agricultura

Des merveilles de la peinture

La transporter la peinture d'une page dans une autre page une partie de l'autre page, le succès d'une fondation d'école, transporter la peinture d'une page dans une autre page, une merveille pour. Les merveilles italiennes, espagnoles, qui en Espagne les font dans les tableaux. Les peintures qui sont dans les tableaux, les meubles, les habitudes qui sont dans les tableaux, les meubles, les habitudes qui sont dans les tableaux, les meubles, les habitudes

Explicação dos enigmas

N. 1 O dinheiro livra o homem da cadeia

" 2 A religião é capa de muita asneira

" 3 Os amigos conhecem-se na cadeia.

" 4 A é o reverso das luas

" 5 O despreso

" 6 O mappamundi.

" 7 Napoleão.

" 8 O padre-nosso

" 9 Empregados

" 10 O pobre.

" 11 Kilometro.

" 12 O homem pesa um quintal

" 13 Serra da Estrella

N. 14 Este d'antes foi uma Igreja.

" 15 Forte é a Lezão?

" 16 Um par de betes, impérta em 2 libras.

" 17 A cadêa da Relação.

" 18 Republicarse.

" 19 Naufragio.

" 20 O velho aconselhando os meninos.

" 21 A desgraça do homem é o dinheiro.

" 22 Penafiel.

" 23 Paráda.

" 24 Soldados e meninos 40 rs.

" 25 A morte ceifando as vidas.

" 26 Este mundo é um enigma.

" 27 Os raios do sol queimam.

" 28 Este mundo é uma bola, partida ao meio
dá duas gamellas.

N. 29 Agóra pedes nas paredes pardas.
Meter por luminarias as candeias
Estender por bandeiras as albardas.

" 30 A' Justiça de Deus nada escapa.

" 31 Uma mão de papel.

" 32 Os dez Mandamentos.

" 33 A Religião é o prumo da sociedade.

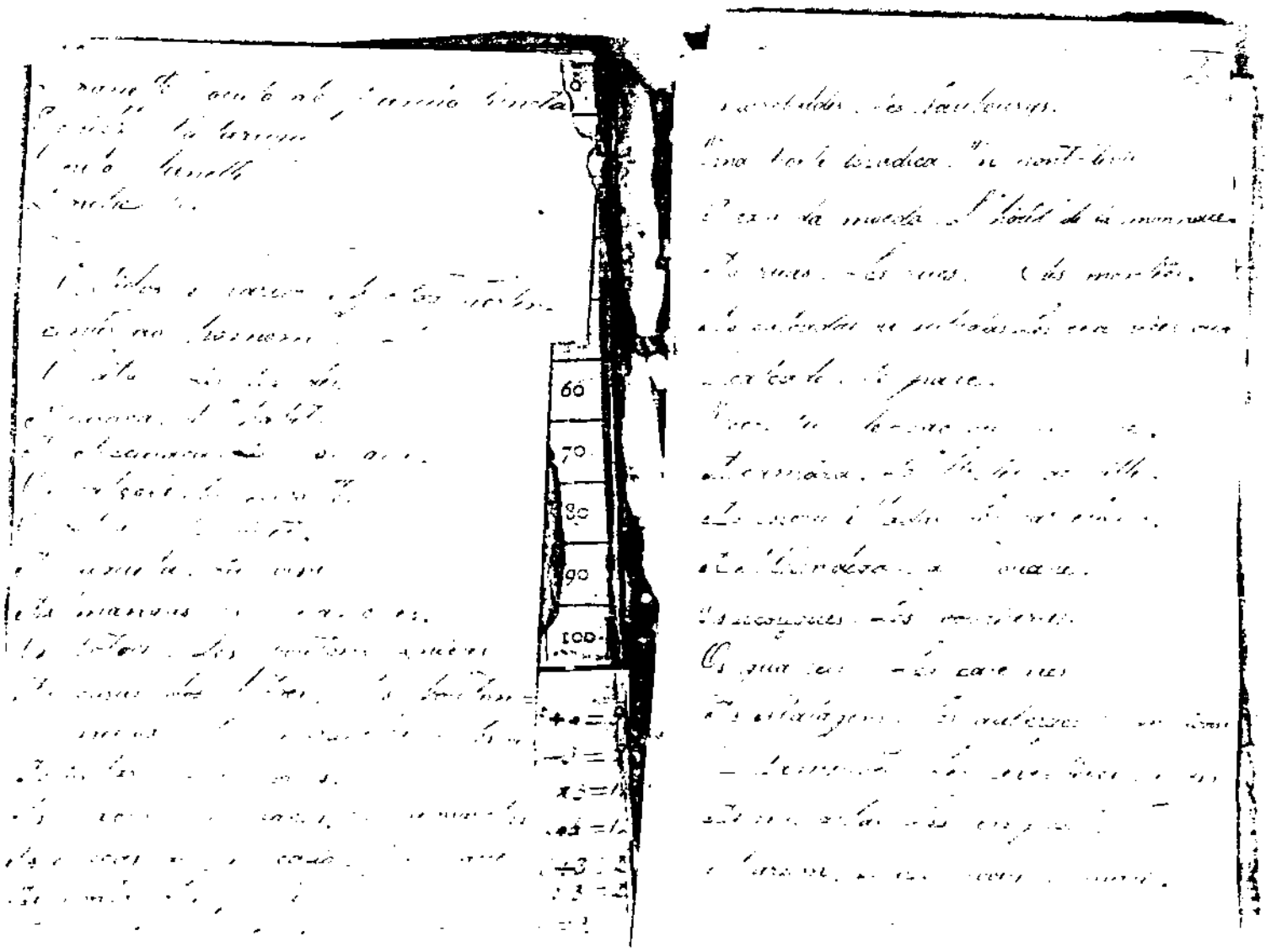
" 34 Homens de letras.



Al Pides

Retrato a oleo, moldura	alt. 0,62	larg. 0,46
* Paisagem " "	alt. 0,34	larg. 0,46
° Paisagem " "	alt. 0,52	larg. 0,73
Cabeça d'um burro (estudo)	" 0,27	" 0,18
Cavalha (estudo)	" 0,15	" 0,14
Retrato de velho	" 0,23	" 0,25
Fructas, flores	" 0,35	" 0,45
" repolho e cebolas	0,35	" 0,45
" laranja	" 0,35	" 0,25
Paisagem [illegible]	" 0,34	" 0,46

* copia representando um temporal
° " " o amanhecer



de vacade corne.

Baïl

Crosse, vergette

se

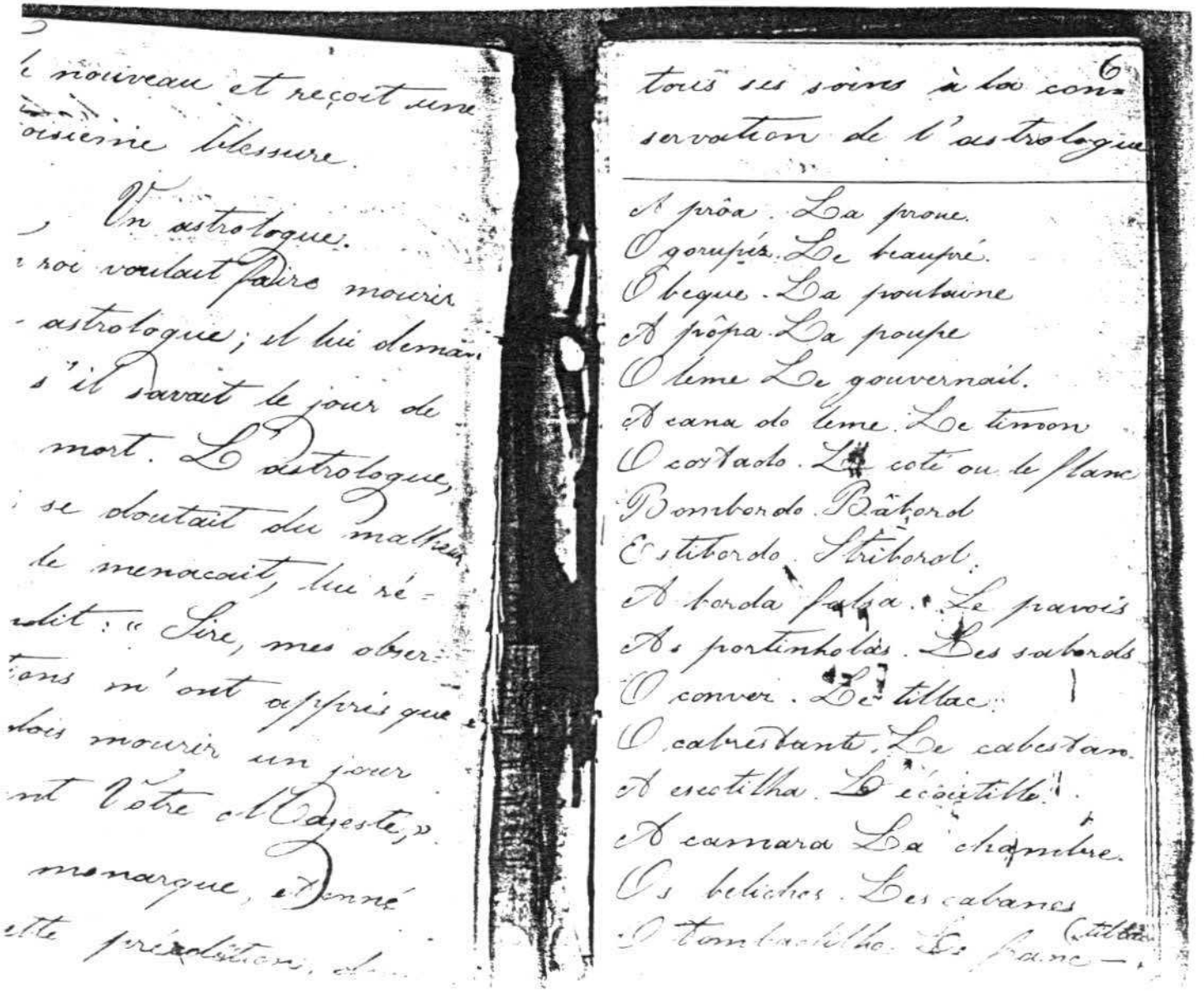
2

ici

ci

le corps de

Du siège de Diu, un Portugais, nommé Pentiado, était sorti du combat avec une blessure considérable, on y mettait le premier appareil, lorsqu'il entendit le bruit d'une nouvelle attaque. Aussitôt il s'arrache des mains des chirurgiens, revole à l'ennemi, et encore blessé, revient se faire panser; mais, entendant que l'attaque recommence encore, il s'échappe



le nouveau et reçoit une
oisième blessure.

Un astrologue.

e roi voulait faire mourir
astrologue; il lui deman
s "il savait le jour de
mort. L'astrologue,
se doutait du mauvais
le menaçait, lui ré-
ndit: « Sire, mes obser-
tions m'ont appris que
dois mourir un jour
nt Votre Majesté, »
monarque, étonné
tte prédiction, d

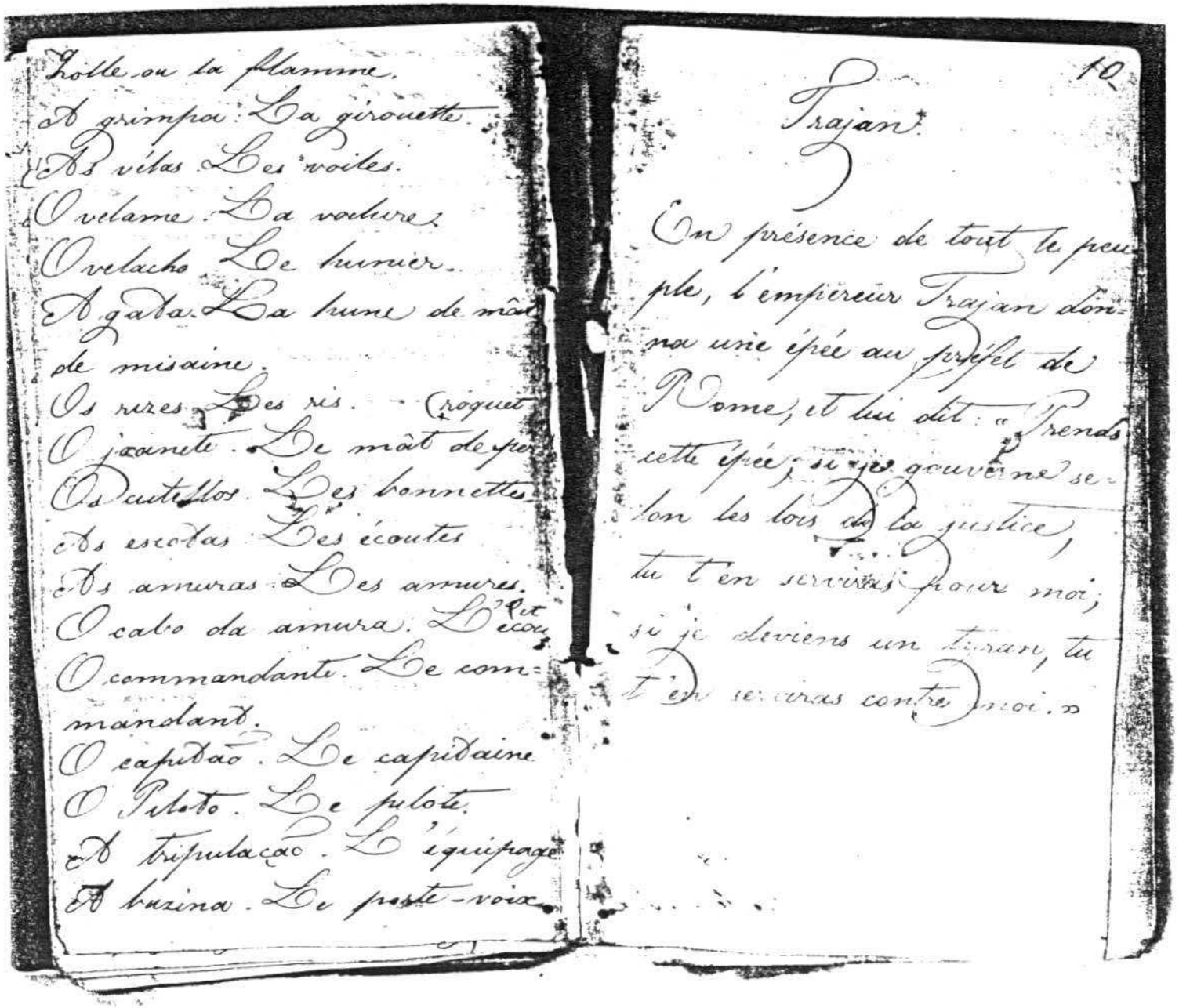
6

tous ses soins à la con-
servation de l'astrologue

A pôa. La proue.
O gorupés. Le beaupré.
O beque. La poulaine
A pôpa. La poupe
O leme. Le gouvernail.
A cana do leme. Le timon
O costado. Le côté ou le flanc
Bombordo. Bâbord
Estibordo. Stribord.
A borda falsa. Le pavois
As portinholas. Les sabords
O convez. Le tillac
O cabrestante. Le cabestan.
A escotilha. L'écoutille.
A camara La chambre.
Os beliches. Les cabanes
O tombadilho. Le [illegible] flanc —

A bitácula. La habitacle.
A bússola. La boussole
O citante. Le sextant
As abitas. Les bittes.
O prayol da polvora. La soute au la sainte-barbe.
O proas. La cale.
A tomba. La pompe.
A roda de pôa. Le étrave
O cadaste. Le étambord.
A gulha. La guille.
A mastreação. La mâture
Mastrear. Mâter
Desmastrear. Démater.
A guinda. Le guindage
A guindola. La guindole
Os mastros. Les mâts (mât
O mastro grande. Le grand
O mastro da gávea. Le grand mât de hune.
A pêga grande. Le grand

chouquet.
O mastro de traquete. Le mât d'artimon.
A pêga. Le chouquet.
O mastro de mesêna. Le mât de misaine.
Os mastareos. Les mâts de perroquet
As vergas. Les vergues
O maçame ou or[illegible]pare
Mos. Les cordages ou les agrès.
Os estais. Les etais.
Os cabos. Les cables ou les cordages
A amarra. L'amarre ou le cable
A sonda. La sonde
A barquinha. Le bloch.
A bandeira. Le pavillon
A [illegible]nda. La bande



Folle ou la flamme.
A grimpa. La girouette.
Os vélas. Les voiles.
O velame. La voilure.
O velacho. Le hunier.
A gata. La hune de mât de misaine.
Os rizes. Les ris. (roquet
O jaanete. Le mât de per
Os cutellos. Les bonnettes
Os escotas. Les écoutes
Os amuras. Les amures.
O cabo da amura. L'et ecou
O commandante. Le commandant.
O capitão. Le capitaine
O Piloto. Le pilote.
A tripulação. L'équipage
A buzina. Le poste-voix

10

Trajan.

On présence de tout le peuple, l'empereur Trajan donna une épée au préfet de Rome, et lui dit: « Prends cette épée; si je gouverne selon les lois de la justice, tu t'en serviras pour moi; si je deviens un tyran, tu t'en serviras contre moi. »

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

5 mais 3 he igual a 2 ..... 5+3=2

7 menos 3 he igual ..... 7−3=4

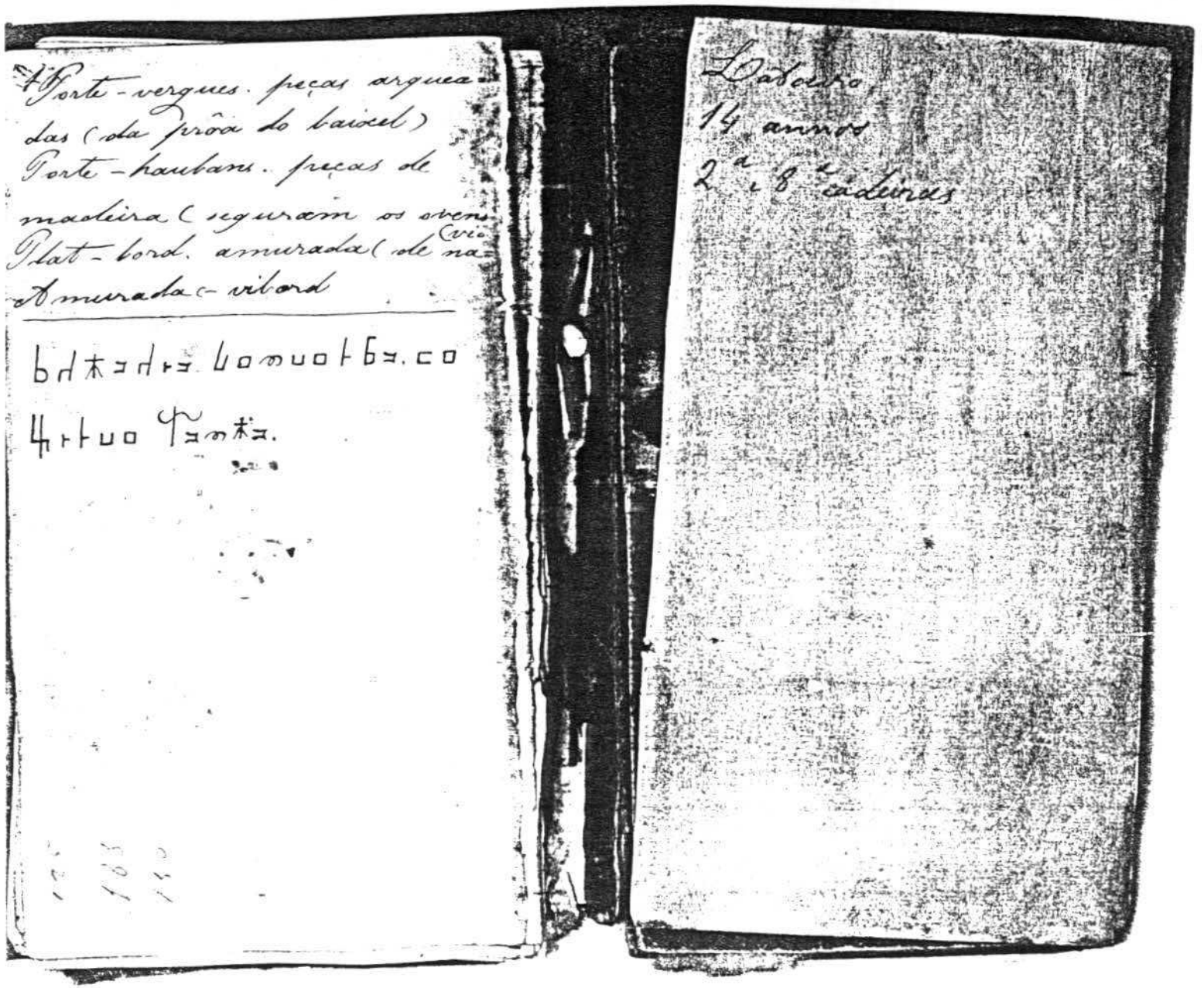
..... 12:3=4

..... 4×3=12

6 divididos ..... 6+3=2

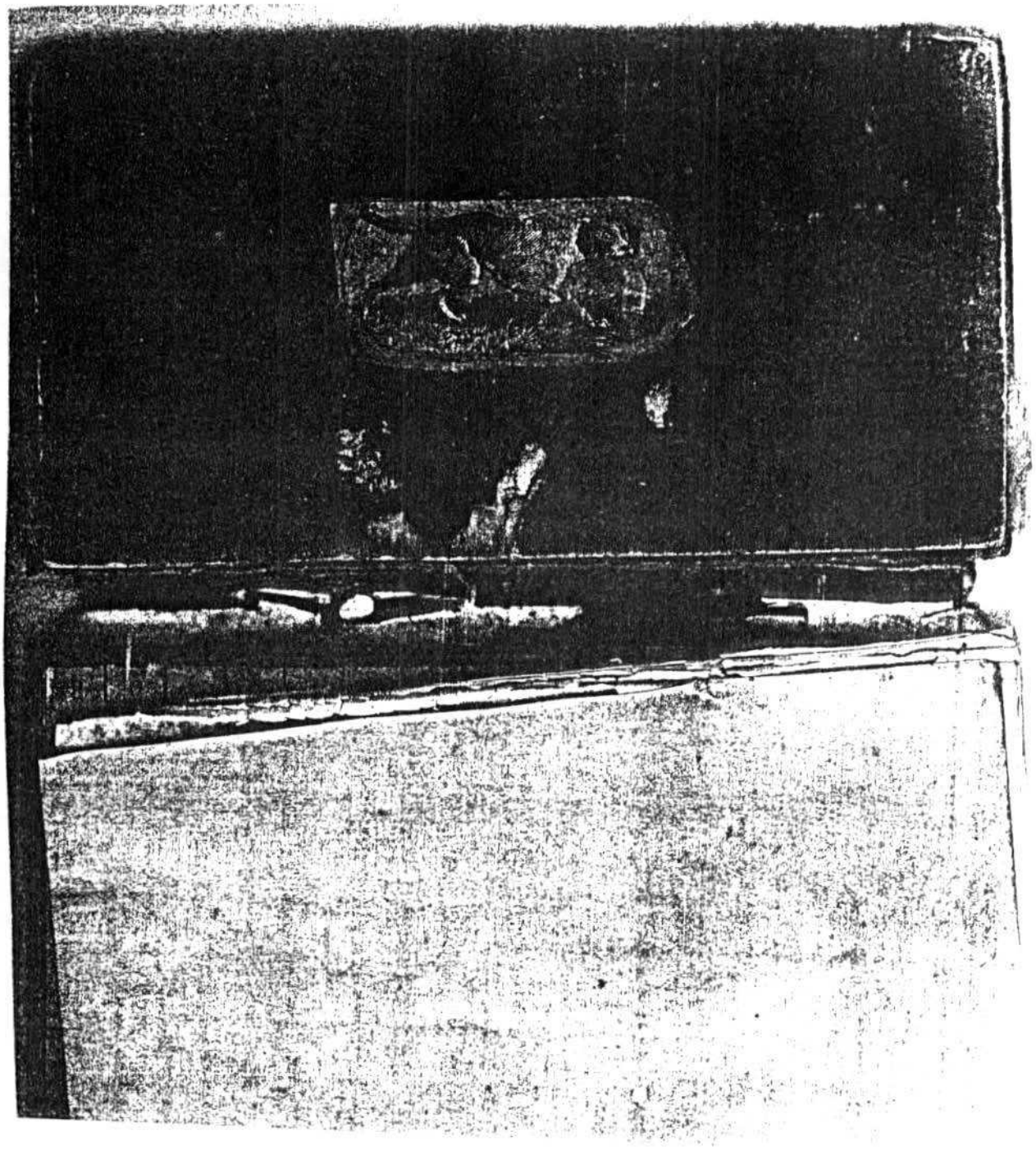
6:3=2

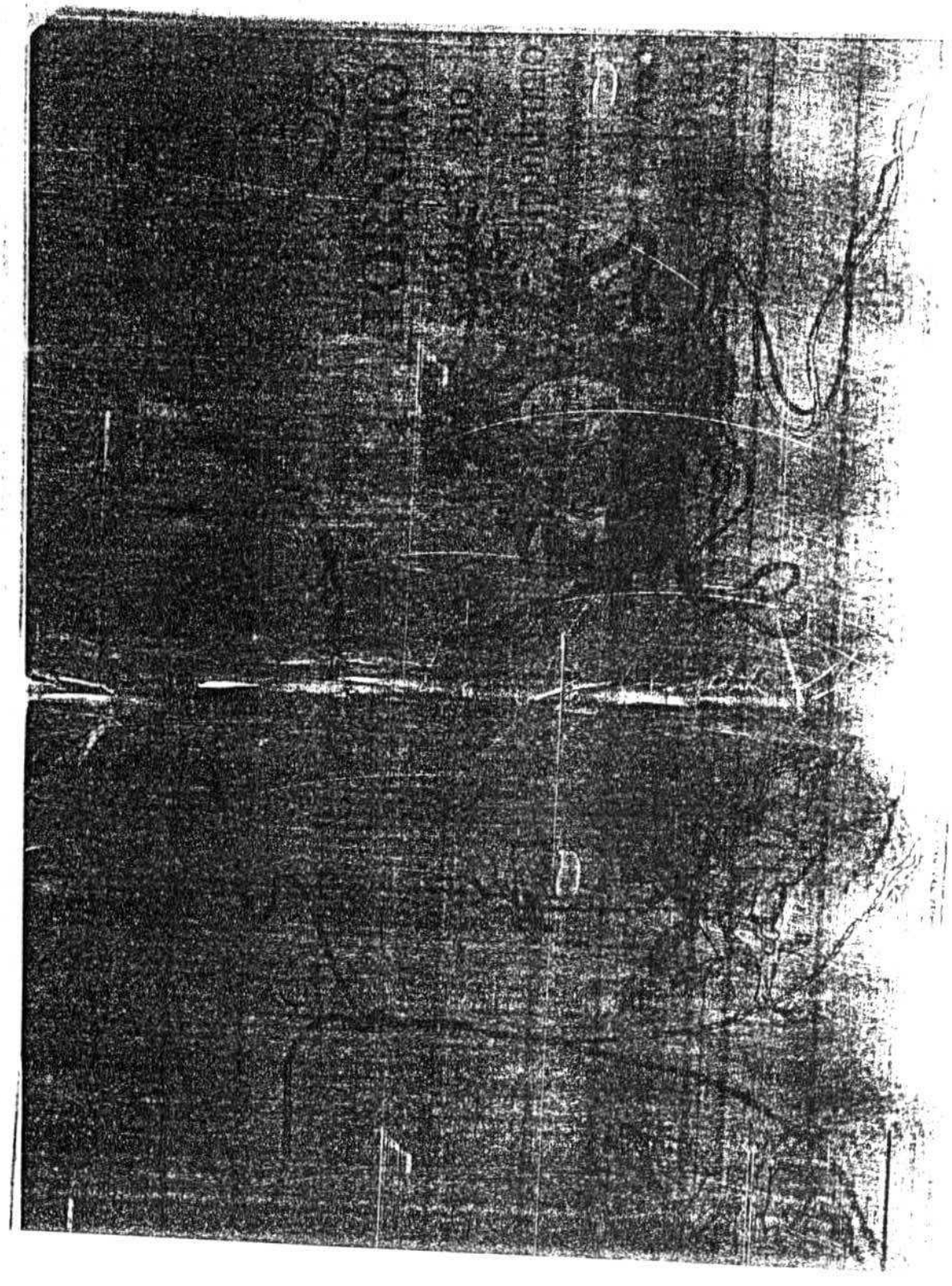
$\frac{6}{3}=2$



Forte-vergues. peças arqueadas (da proa do baixel)
Forte-haubans. peças de madeira (seguram os ovens
Plat-bord. amurada (de navio)
Amurada (- vibord

Ladeira.
14 annos
2ª e 8ª cadeiras





TORNEIO

REALISADO NO HIPPODROMO DE BELEM

No dia 24 de Abril de 1892

PROMOVIDO POR UMA COMMISSÃO

PRESIDIDA POR

SUA MAGESTADE A RAINHA

EM BENEFICIO

DAS

FAMILIAS DAS VICTIMAS DOS ULTIMOS DESASTRES

FIGURANTES

FIO VERDE

GUIA—*S. A. o Sr. Infante D. Affonso*

CONTRA-GUIA—*Visconde d'Alverca.*

CAVALLEIROS:

José de Mello (Sabugosa).
Manuel de Castro Pereira.
Visconde de Alferrarede.
D. Luiz do Rego.
Visconde da Varzea.
Antonio Velloso Caldeira.
Eduardo Borges de Castro.
Jorge Rebello da Silva.
Francisco Moreira

PORTA-ESTANDARTE—*Vasco de Mello (Sabugosa).*

FIO AZUL E COR DE LARANJA

GUIA—*D. Antonio de Siqueira (S. Martinho).*

CONTRA-GUIA—*D. José de Siqueira (S. Martinho).*

CAVALLEIROS:

Antonio Costa.
D. José de Mascarenhas.
Pedro de Barros Lima.
D. Ascenço de Siqueira (S. Martinho).
Eduardo Romero.
João Bregaro.
José Ribeiro da Cunha.
José Pinto da Cunha.
José Mascarenhas Gaivão.

PORTA-ESTANDARTE—*João Eugenio de Almeida.*

PAGENS E LACAIOS

Typ. e Lith. da Comp. Nac. Editora.

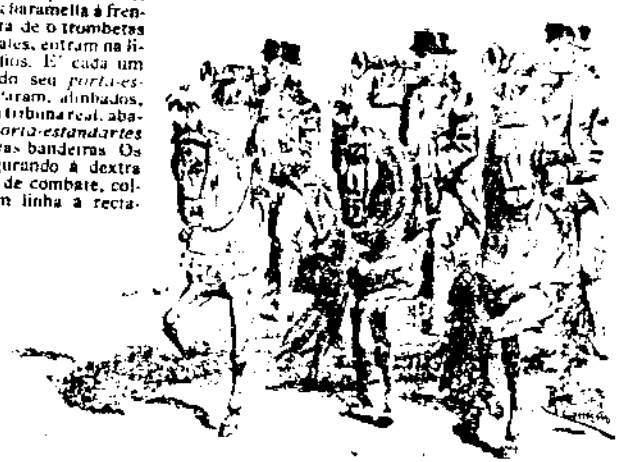
16



1.ª PARTE

1.— *Cortejo de entrada.* N'as tres horas da tarde, estando presentes Suas Magestades na tribuna, entrarão 2 cavalleiros pedindo licença para começar o torneio. Retirando estes, entra a azemola que conduz as cannas, alcanzias, etc. Seguem-se os pagens, de chapeu na mão.

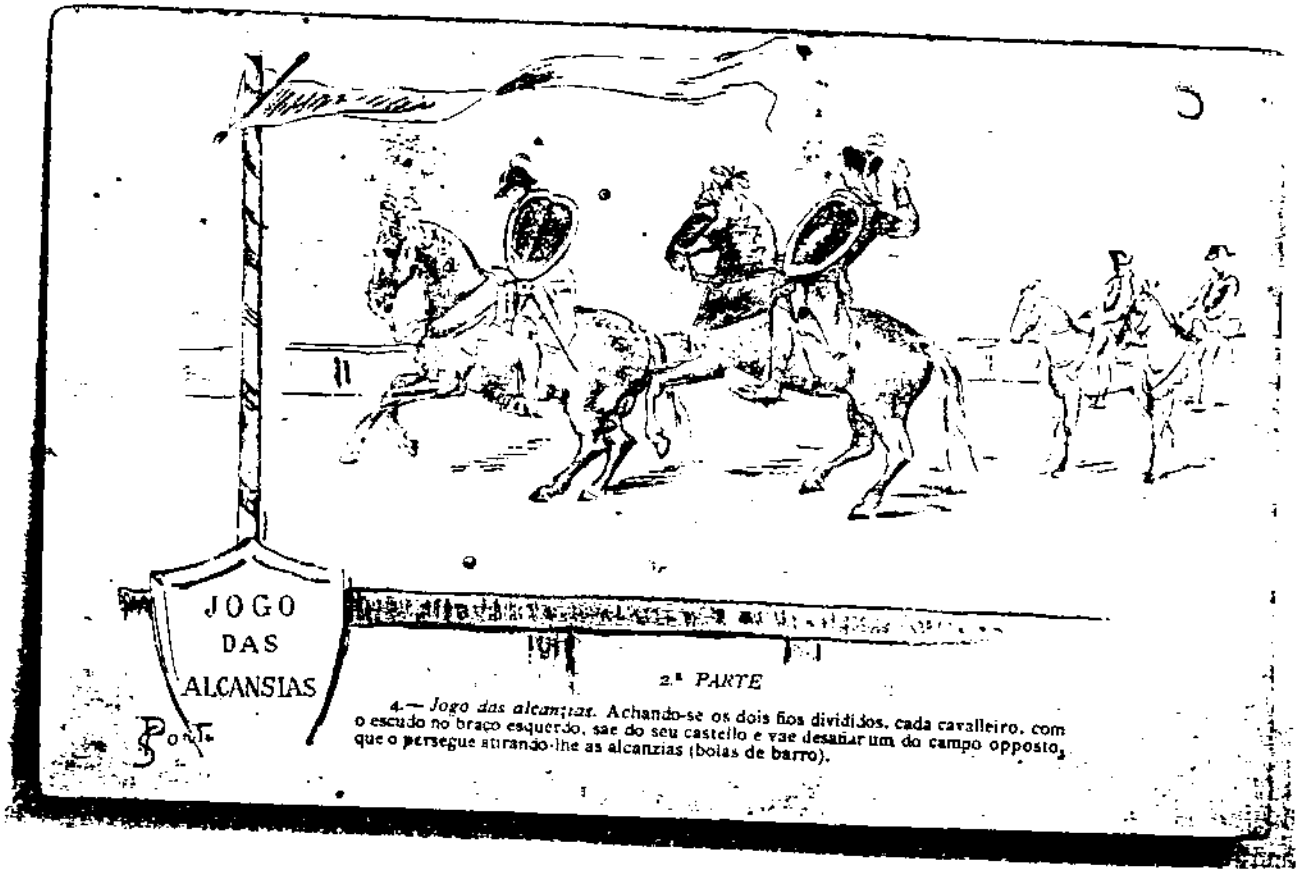
Com a charamella á frente, composta de 6 trombetas e dois tambales, entram na liça os dois fios. E' cada um precedido do seu *porta-estandarte*. Param, alinhados, defronte da tribuna real, abatendo os *porta-estandartes* as respectivas bandeiras. Os lacaios, segurando á dextra os cavallos de combate, collocam-se em linha á rectaguarda.





2.— *Carroussel*. Cada cavalleiro sae da fileira circulando em volta do primeiro pagem, de quem recebe a lança de roca com a qual vae enfiar a argolinha. Circula depois em volta do segundo pagem, de quem recebe o dardo, que arremessa á cabeça de Medusa. Circula em seguida em volta do terceiro pagem, de quem recebe a pistola para atirar a cabeça do Polyphemo, e desembainha depois a espada para espetar a cabeça de turco.


Escaramuça de cadeia dobrada
3.—Ambos os fios, com os seus guias á frente, cruzam-se mutuamente formando uma cadeia.



2.ª *PARTE*

4.— *Jogo das alcanzias.* Achando-se os dois fios divididos, cada cavalleiro, com o escudo no braço esquerdo, sae do seu castello e vae desafiar um do campo opposto, que o persegue atirando-lhe as alcanzias (bolas de barro).



5 – *Corrida aos pombos.* Cada cavaleiro dirije se a galope ao candeeiro dos pombos e quebra o vaso de barro ali dependuradó, sahindo os pombos a voar em liberdade.



6. — *Escaramuça de rodopio*. Os dois fios, cada um em separado, galopam em dois círculos concêntricos em sentido contrário.



3.ª PARTE

7.— *Jogo das cannas.* Cada cavalleiro, armado com uma espada, desafia um do campo contrario o qual o persegue arremessando duas cannas, das quaes elle se defende com a espada.



8.—*Jogo da rosa*. Cada cavalleiro, com uma rosa no hombro direito, é perseguido por dois do partido contrario, que tentam tirar-lhe a rosa pelo lado esquerdo.

9 — *Corrida ao estafermo.* Cada cavalleiro, com uma lança descontoada, arremette contra o estafermo, pretendendo fazel-o girar sem ser tocado pelo *chambrie*.

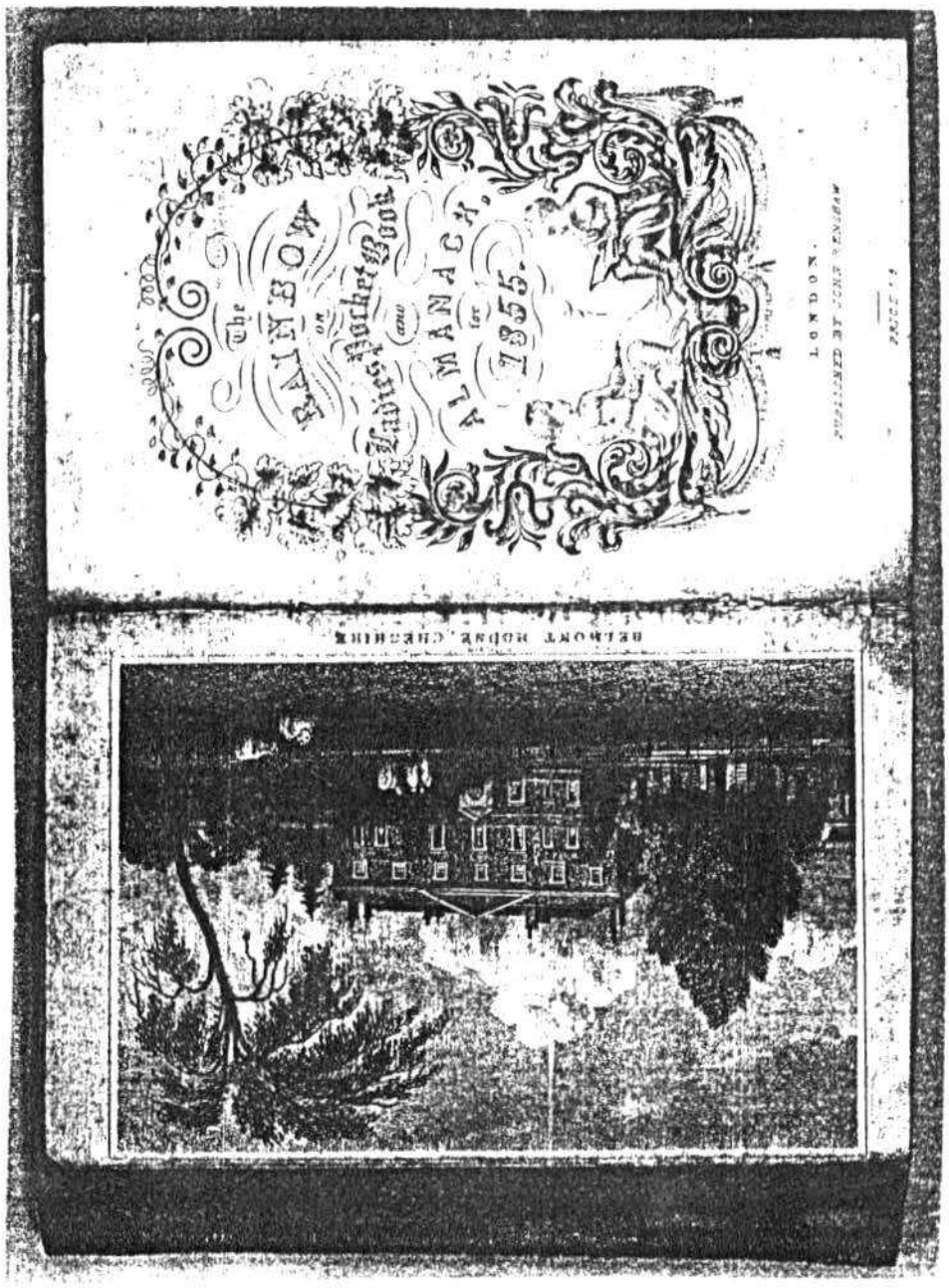
N. B — Os porta-estandartes e charameleiros conservam-se na liça durante todos os exercicios.

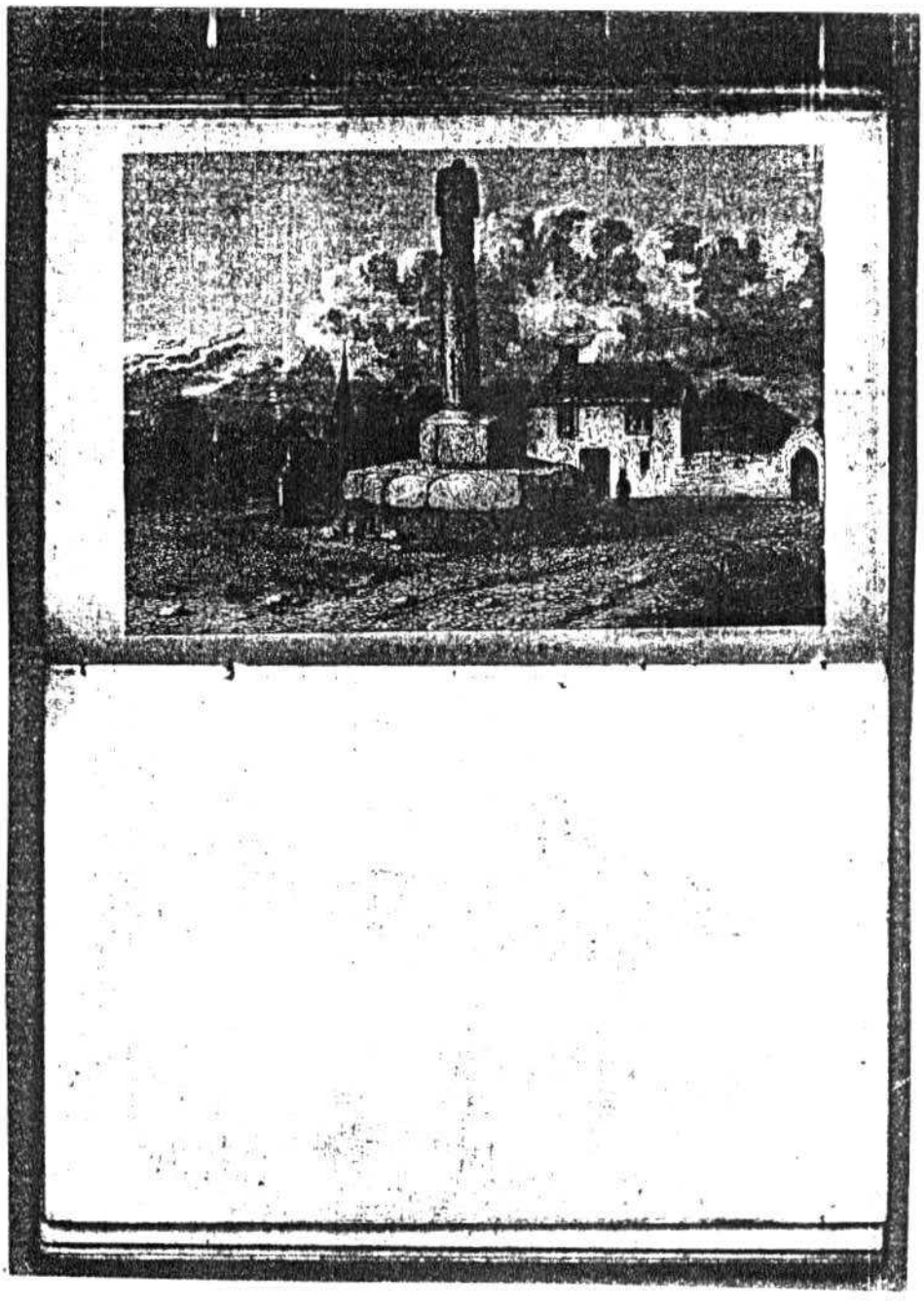


O Estafermo, desenhado por outro

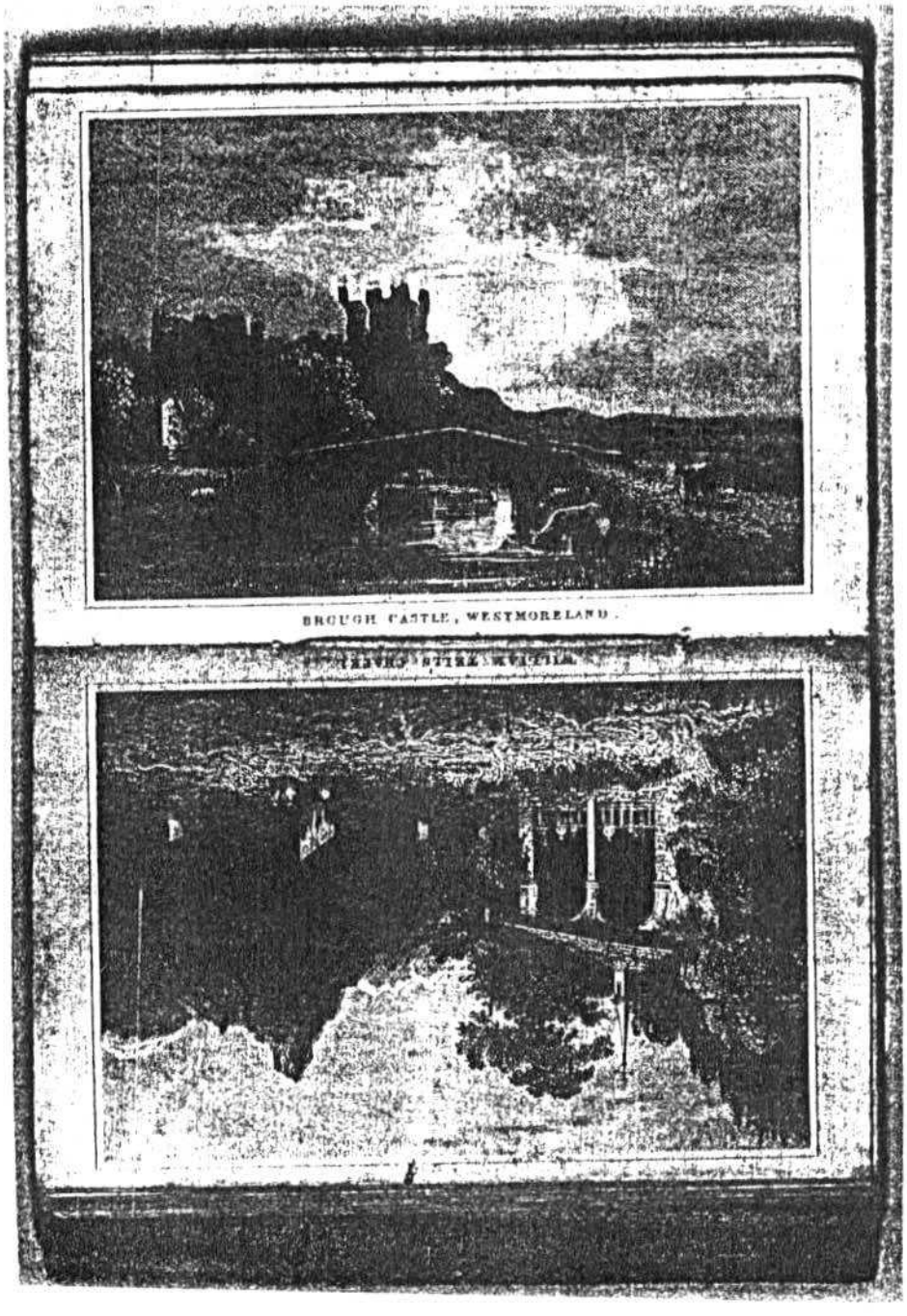
GRAVURAS CONTIDAS NUM ALMANAQUE LONDRINO REFERENTE

AO ANO DE 1855 E PERTENCENTE AO ESPÓLIO DO PINTOR


The RAINBOW
Ladies' Pocket Book
and
ALMANACK
for
1855.
LONDON.
DELAMORE HOUSE, CHESHIRE



BELEM CASTLE, LISBON
DUNMOW PRIORY



BROUGH CASTLE, WESTMORELAND.

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

SEAWEEDY HILL.

GUGUY, LAKE OF GENEVA.



CORK HARBOUR.

A IMPRENSA E O REGRESSO DE SILVA PORTO A PORTUGAL

– Em Janeiro de 1879, "A Arte", dirigida por Sousa de Vasconcelos, referia-se ao envio do quadro "Fiandeira Napolitana" para Lisboa, nos seguintes termos: "... É um quadro de escola realista, representando a natureza sem artifício de espécie alguma e recomendando-se pela correcção do desenho, frescura de colorido e largueza na maneira de pôr a tinta".

– "A Arte" em Março de 1879 noticiava o envio do "Lago de Enghein", dirigida ao vice-inspector de Lisboa, Delfim Guedes.

– "O Comércio do Porto" de 27 de Abril de 1879 noticiava o envio de dois quadros de Silva Porto para S. Lázaro, no Porto: "Tigela Quebrada" e "Seara".

– "A Arte" de Maio de 1879, ao comunicar a cnegada de Silva Porto a Lisboa, a fim de aí tomar posse do lugar de Professor de Paisagem da Escola de Belas-Artes, referia: "... Depois de largo patrocínio que fez em escolas onde há bons métodos de ensino, devendo certamente saber aplicar esses métodos: e nós carecemos de quem saiba ensinar".

– O "Diário da Manhã" de 15 de Outubro de 1879 (pág. 68) publicava uma entrevista, posteriormente incluída nas Obras Complestas de Ramalho Ortigão, em que se lançava um salvo-conduto para o lahçamento definitivo do artista.

LISTAGEM DAS EXPOSIÇÕES EM QUE SILVA PORTO PARTICIPOU

1869 – (Aos 19 anos), na 10ª. Exposição Trienal de S. Lázaro, registava-se a exposição pública, pela primeira vez, de alguns trabalhos de Silva Porto, ainda como aluno da Academia Portuense de Belas-Artes e no âmbito das Cadeiras de Desenho e de Arquitectura

1871 – São expedidos para a Exposição de Madrid trabalhos de Arquitectura relativos ao 5º. ano do Curso

SILVA PORTO CONCORREU, EM PARIS, ÀS SEGUINTES EXPOSIÇÕES:

1 – 1876 - Exposição do "Salon" - "Margens do Oise"

2 – 1878 - Exposição do "Salon" - "Fiandeira Napolitana"

3 – 1878 - Exposição Universal - "Un Petit Malheur"

4 – 1879 - Exposição do "Salon"

1878 – Exposição Trienal Portuense, onde expôs obras comprovativas da frequência escolar:

1 - Um desenho do curso de Yvon;

2 - Duas paisagens de Oise (uma das quais fora admitida no "Salon" de 1876);

3 - Uma cópia de Daubigny: "Uma Presa de Água no Daufiné";

4 - Um efeito de manhã em Auvers;

5 - Uma planície;

6 - Três esboços paisagísticos, de influência de Daubigny;

7 - "Entrada de uma Aldeia";

8 - "Traje de Capri";

9 - Uma "Marinha".

1881 – Silva Porto concorria à Trienal da Academia Portuense, com cinco óleos, e ainda ao Centro Artístico do Norte, com sete pequenos quadros seguintes:

1 – "Um Caminho na Mata do Buçaco"
(0,530x0,300)

2 – "Bairros dos Pescadores" - Póvoa de Varzim
(0,300x0,530)

3 – "Praia do Alfeite"
(0,290x0,450)

4 – "O Pinhal Próximo a Collares"
(0,290x0,450)

5 – "Barcos de Pescadores" - Vila Franca de Xira
(0,200x0,380)

6 – "O Caminho da Fonte dos Amores" - Sintra
(0,110x0,170)

7 – "Porta da Fazenda" - Setúbal
(0,110x0,170)

(In "Catálogo da 1ª. Exposição - Bazar de Belas-Artes; promovida pelo Centro Artístico Portuense, no Palácio de Crystal do Porto - - 1881", pág. 14, documento existente na Biblioteca da Academia de Belas-Artes).

EXPÔS TAMBÉM ALGUNS QUADROS EM MADRID

a) - EM 1881, QUANDO A ESPANHA CELEBROU O BICENTENÁRIO DE CALDERON, NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL QUE SE REALIZOU NAQUELA CIDADE

(In "Catálogo de Exposição de 1894")

Foram seleccionados dez dos æus trabalhos, que lhe mereceram o Hábito da Ordem de Carlos III.

1º. SALÃO DE INVERNO – Ainda em 1881, concorria com vinte quadros, dos quais fazia parte a "Cancela Vermelha"

EXPOSIÇÃO DO ATENEU DO PORTO, DE 1887,

à qual enviou cinco paisagens, de entre as quais "Capela de Cete" e "Manhã em Vizela"

PARTICIPOU NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL, com uma secção agrícola, em 1888

PEÇAS APRESENTADAS:

1 – "A Salmeja", pertencente a S. Alteza Real o Duque de Bragança;

2 – "A Volta do Mercado", pertencente ao Exmº. Sr. Polycarpo Pecquet F. dos Anjos.

(In "Catálogo da Exposição de Belas-Artes da Associação Industrial Portuguesa - pág. 10. Documento existente na Biblioteca da Academia de Belas-Artes. O Júri conferiu-lhe a medalha de Ouro, conforme consta do Catálogo de Exposição de 1894).

"EXPOSIÇÃO D'ARTE" realizada no Porto em 1888

1 – "Ribeira de Caruncho", Queluz	54$000
2 – "Azenha", margens do Ave	54$000
3 – "Caminho", Entre-Rios	36$000
4 – "Caminho", em Vizela	36$000

"EXPOSIÇÃO D'ARTE" realizada no Porto em 1889

1 –	"Volta para a Arribana"	100$000
2 _	"Paisagem", arredores d'Alcobaça	54$000

"EXPOSIÇÃO D'ARTE" realizada no Porto em 1890

1 – "Na Arribana"	60$000
2 – "Porto Caldelas", margem do Tejo	54$000
3 – "Logar da Penha", margem do Tejo	54$000
4 – "Saloias"	90$000
5 – "Condução de Cabrestos"	150$000

EXPOSIÇÃO NO ATENEU DO PORTO, realizada em 1892,

participava com quinze óleos, de entre os quais "A Condução de um Rebanho" por um pequeno pastor (Colecção da Casa dos Patudos)

EXPOSIÇÃO NO ATENEU PORTUENSE, realizada em 1893,

destacando-se de entre a colectânea, "Margens do Ave", "Volta do Trabalho", "Na Eira" e "Cavalos Bebendo".

"EXPOSIÇÃO D'ARTE, realizada no Porto em 1894

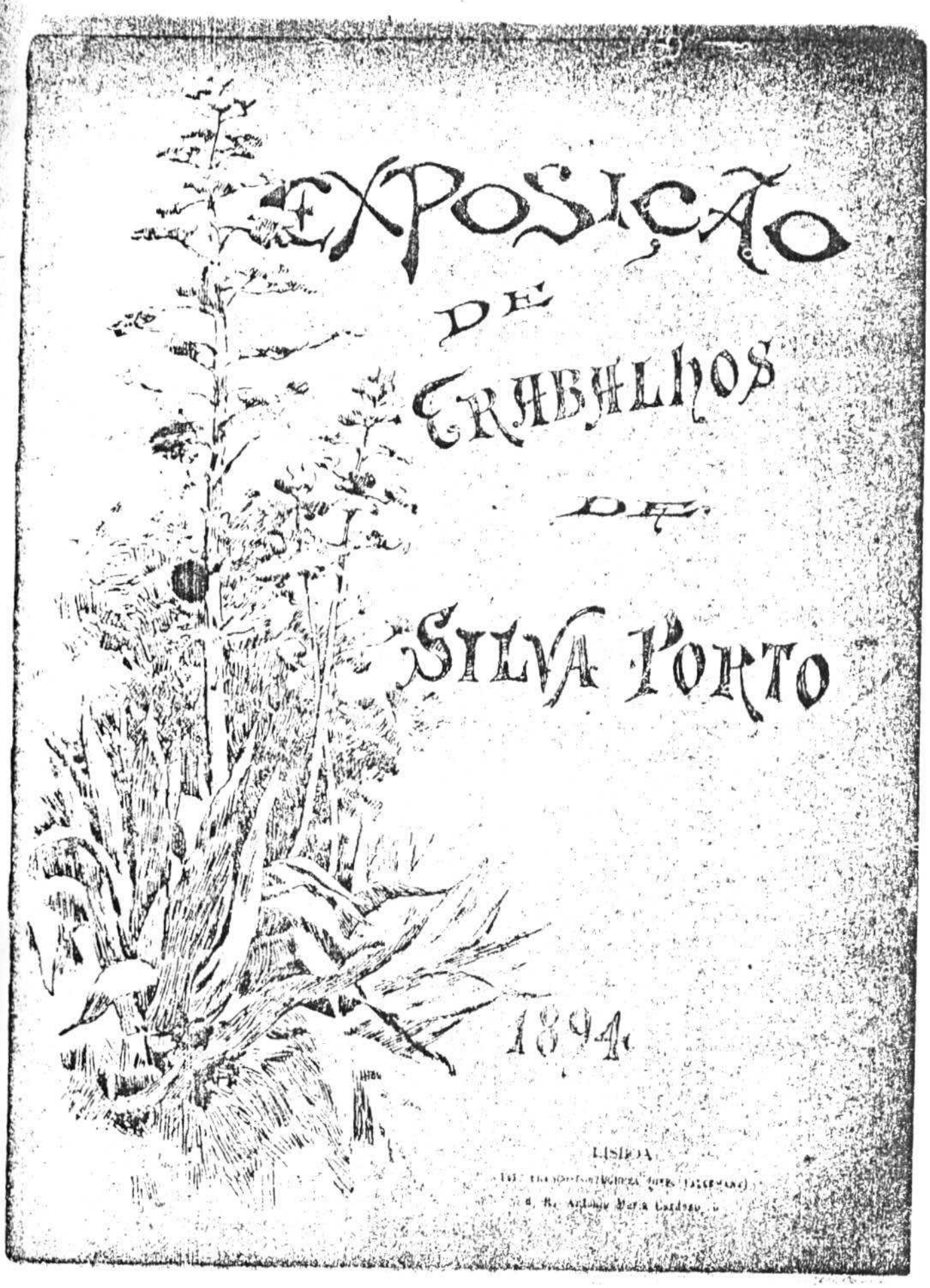
1 – "Margens do Oise"

2 – "Un Petit Malheur"

Em 1894, na Homenagem que lhe foi prestada, realizou-se uma exposição exclusiva de trabalhos de Silva Porto, com a iniciativa da Escola de Belas-Artes - representantes de alunos e professores - representantes do Grémio Artístico e ainda de uma sub-comissão do Norte.

(Junta-se fotocópia do documento que se encontra na Biblioteca da Academia de Belas-Artes de Lisboa)

T26



EXPOSIÇÃO
DE
TRABALHOS
DE
SILVA PORTO

1894

LISBOA
[illegible]
6, Rua Antonio Maria Cardoso, 6



CATALOGO

DOS TRABALHOS

DE

SILVA PORTO

Expostos na Escola de Bellas-Artes de Lisboa em junho de 1894

LISBOA

TYP. FRANCO-PORTUGUEZA (OFF. LAUERMANT)

6, R. Antonio Maria Cardoso, 6

1894

Antonio Carvalho da Silva Porto nasceu no Porto a 11 de Novembro de 1850.

De 1865 a 1873, seguiu alli com distincção os cursos de architectura civil, esculptura e pintura, na Escola de Bellas-Artes. No ultimo, teve por mestre João Corrêa.

Em 1873, tendo feito concurso, partiu para o estrangeiro, como pensionista do Estado, a completar a sua educação.

Dirigiu-se primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discipulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Groscillez. N'esse anno, foi para Roma, concluir os seus estudos.

De Italia, voltou a França, realisando em seguida, á sua custa, uma viagem pelos museus da Belgica, Hollanda, Inglaterra e Hespanha.

No seu regresso a Portugal, em 1879, foi logo nomeado, interinamente, para um dos logares de professor de pintura na Escola de Bellas-Artes, de Lisboa, — logar que a morte d'Annunciação (em 3 d'abril d'aquelle anno) deixára vago. Em 1883, passou á effectividade.

Silva Porto concorreu ás exposições do *salon*, em Paris, nos annos de 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras a attenção da critica. Enviou tambem alguns quadros á exposição universal que se realisou n'aquella cidade em 1878; e quando, em 1881, a Hespanha celebrou o bicentenario de Calderon, expoz diversos trabalhos em Madrid.

Em Portugal, apresentou-se pela primeira vez em 1880, n'uma exposição organisada pela *Sociedade Promotora das Bellas-Artes*. Depois, tomou parte nas oito exposições realisadas, de 1881 a 1888, pelo *Grupo do «Leão»*, de que era o mestre, o chefe, — e em 1891, 92 e 93, nas exposições promovidas pelo *Gremio Artistico*, de que foi presidente e um dos fundadores.

Figuraram ainda trabalhos seus na decima-terceira e na decima-quarta exposição da *Sociedade Promotora*, e no Porto repetidas vezes.

A exposição industrial que em 1888 se realisou em Lisboa, enviou dois dos seus melhores quadros: — *A salmeja* e *A volta do mercado*. O jury conferiu-lhe a medalha de ouro.

Silva Porto foi um dos artistas que tomaram parte nos trabalhos da solemnisação do tricentenario de Camões. É seu o desenho do carro da guerra.

A maioria dos quadros de Silva Porto representam paizagens do Minho, das margens do Douro, d'algumas povoações maritimas do norte, e das cercanias de Lisboa.

Tem numerosos quadros animalistas, e alguns representando typos da Italia, de Hespanha e do norte de Portugal.

Silva Porto morreu em Lisboa, no 1.º de Junho de 1893.

Dividimos em tres grupos os trabalhos que podemos obter para esta exposição. O primeiro comprehende os estudos e tentativas anteriores á ida do artista para o estrangeiro; o segundo, os trabalhos pintados em França e na Italia (1873-1879), e o ultimo, as obras que executou depois do seu regresso a Portugal.

Como Silva Porto não datava os seus quadros, é de crêr que não seja rigorosamente chronologica a ordem seguida na enumeração dos trabalhos de cada grupo. Todavia, supponos não ter errado muito.

As dimensões são designadas por centimetros.

1870-1873

ESTUDOS A OLEO

1 — Buzios — 47 × 32

Pertence ao *Gremio Artistico*.

2 — Paizagem — 31 × 21

Pertence ao sr. Elyseu Mendes.

1873-1879

QUADROS E ESTUDOS A OLEO

3 — Estudo de paizagem (Barbizon) — 73 × 54

4 — Estudo de paizagem (Auteuil) — 54 × 45

Pertencem á *Academia Portuense de Bellas Artes.*

5 — Estudo (França) — 13 × 15

6 — Estudo (França) — 22 × 17

Pertencem ao sr. José d'Abreu.

7 — Trabalhos no campo (França) — 50 × 25

8 — Em Barbizon (França) — 12 × 18

Pertencem ao sr. Bernardo Pinheiro (Pindella).

9 — Floresta (França) — 49 × 31

10 — Paizagem (França) — 49 × 31

Pertencem ao sr. dr. Miguel Solano.

11 — Trabalhos no campo (Auvers) — 50 × 31

12 — Entrada da floresta de Fontainebleau, em Barbizon — 50 × 30

Pertencem á ex.ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

13 — Manhã, nas margens do Oise (Auvers) — 130 × 75

Pertence á *Academia Portuense de Bellas-Artes.*

14 — Margens do Oise — 25 × 16

Pertence á ex.ma sr.ª D. Adelaide Luna

15 — Paizagem de Barbizon — 21 × 13
Pertence á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima

16 — Rua em Barbizon — 19 × 13
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

17 — Floresta de Fontainebleau — 26 × 35
Pertence ao sr. José Queiroz.

18 — Em Fontainebleau — 11 × 18
Pertence á ex.ma sr.ª D. Fanny Munro.

19 — Planicie em Barbizon — 70 × 120

20 — Paizagem (Esboço) — 80 × 45

21 — Paizagem (Esboço) — 30 × 31
Pertencem á *Academia Portuense de Bellas-Artes.*

22 — A planicie em Barbizon — 55 × 33

23 — Macieiras em flôr (Auvers) — 55 × 33
Pertencem ao sr. duque de Palmella.

24 — Lago d'Enghien — 100 × 68
Pertence ao sr. conde d'Almedina.

25 — Em Auvers-sur-Oise (Estudo) — 33 × 19
Pertence ao sr. Elysio Mendes.

26 — Pateo em Paris (Por concluir) — 11 × 18
Pertence ao sr. J. R. Pereira Merello.

27 — Entrada d'uma aldeia — 30 × 31
Pertence á *Academia Portuense de Bellas-Artes.*

28 — Paizagem da Normandia (Impressão) — 46 × 27
Pertence ao sr. Thaddeu M. d'Almeida Furtado.

29 — Rapariga (Estudo) — 20 × 30
Pertence ao sr. A. Ramalho Junior.

30 — Marinha (Impressão) — 50 × 28
Pertence ao sr. Thaddeu M. d'Almeida Furtado.

31 — Marinha — 120 × 60

32 — Costume de Capri — 102 × 60
Pertencem á *Academia Portuense de Bellas-Artes.*

33 — Italiana (Estudo) — 12 × 18
Pertence ao sr. Bernardo Pinheiro (Pindella).

34 — Rapariga italiana (Estudo) — 12 × 18
Pertence ao sr. Bernardo Pinheiro (Pindella)

35 — Interior d'egreja (Italia) — 29 × 47
Pertence ao sr. José d'Abreu.

36 — Estudo do nú (Roma) — 100 × 47
Pertence ao sr. Jayme Verde.

37 — Napolitana fiando — 60 × 05
Pertence ao sr. conde d'Almedina.

38 — Barcos na praia (Capri) — 50 × 20
Pertence á ex^ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

39 — Capri — 40 × 31

40 — Gondola veneziana (Estudo) — 40 × 29

41 — Lago de Como (Italia) — 47 × 30
Pertencem ao sr. Elysio Mendes.

42 — Lago de Como (Italia) — 47 × 30

43 — Lago de Como (Italia) — 50 × 30
Pertencem ao sr. A. Ramalho Junior.

44 — Grande canal (Veneza) — 11 × 17
Pertence ao sr. J. R. Pereira Merello.

45 — Raparigas italianas — 11 × 17
Pertence a D. José Pessanha

AGUARELLAS

46 — Paizagem (França) — 25 × 19

47 — Planicie em Barbizon — 24 × 12

48 — *La butte du lion* (Waterloo) — 22 × 14
Pertencem ao *Gremio Artistico*.

DESENHOS

49 e 50 — Estudos de perspectiva

51 a 66 — Apontamentos e impressões
Pertencem ao *Gremio Artistico*.

67 — Fiandeira — 32 × 42
Pertence ao sr. A. Ramalho Junior.

1879-1893

QUADROS E ESTUDOS A OLEO

68 — Primavera (Tapada d'Ajuda) — 55 × 33
Pertence ao sr. Arthur Benarus.

69 — A charneca de Bellas, ao pôr do sol — 150 × 85
Pertence a S. M. El Rei.

70 — Ao pôr do sol (Estudo para o quadro seguinte) — 25 × 15
Pertence ao sr. Envygdio de Brito Monteiro.

71 — Ao pôr do sol — 55 × 33
Pertence ao sr. conde d'Almedina.

72 — Margens do Mondego — 18 × 12
Pertence ao sr. Arthur Benarus.

73 — Atravessando o Mondego (Esboço) — 55 × 31
Pertence ao sr Jayme Verde.

74 — Lavadeiras na Tapada da Ajuda — 56 × 33
Pertence ao sr. dr. Marques da Costa Junior.

75 — Castello da Pena — 26 × 34
Pertence á ex^ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

76 — Estrada em Cintra — 56 × 38
Pertence a sr. dr. Rocha Vianna.

77 — Paizagem (Collares) — 18 × 12
Pertence ao sr. Ramalho Ortigão.

78 — Rua da Judiaria (Almada) — 19 × 13
Pertence ao sr. Bernardo Pinheiro (Pindella).

79 — Ponte d'Alges — 28 × 17
Pertence ao sr. Victor Verol.

80 — Ponte, perto d'Alges — 11 × 18
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

81 — Tanque sob um parreiral — 18 × 12
Pertence ao sr. L. Lallemant.

82 — Retrato de senhora — 89 × 120
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

83 — Paizagem do Minho — 74 × 43
Pertence ao sr. dr. Manuel d'Arriaga.

84 — Praia da Povoa de Varzim — 100 × 60
Pertence ao sr. dr. Rocha Vianna.

85 — Bairro dos pescadores, na Povoa de Varzim — 53 × 30
Pertence ao sr. barão d'Almeida Santos.

86 — Povoa de Varzim — 31 × 21
Pertence ao sr. José Queiroz.

87 — Vendedeira de laranjas (Minho) — 43 × 31
Pertence ao sr. José d'Abreu.

88 — Portinho da Arrabida (Setubal) — 54 × 31
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

89 — Azinhaga (Portella) — 15 × 24
Pertence ao sr. dr. Teixeira de Queiroz.

90 — Arredores de Lisboa — 38 × 33
Pertence á ex.ma sr.ª D. Amelia de Macedo Soares dos Reis.

91 — Logar d'Arnellas (Douro) — 100 × 60
Pertence ao sr. dr. Manuel d'Arriaga.

92 — Ponte do Bico (Minho) — 55 × 33
Pertence ao sr. conde de Ficalho.

93 — Vitello — 55 × 34
Pertence ao sr. Polycarpo P. F. dos Anjos.

94 — Vitella (Cabeça) — 40 × 33
Pertence ao sr. Frederico Torres Pereira.

95 — Riacho (Minho?) — 55 × 45
Pertence ao sr. José d'Abreu.

96 — Nora (Setubal) — 28 × 17
Pertence ao sr. Victor Verol.

97 — Castello do Pombal (Por concluir) — 11 × 18
Pertence ao sr. Arthur May.

98 — Lavadeiras (Friellas) — 27 × 16
Pertence ao sr. Bernardo Pinheiro (Pindella).

99 — A Cascalheira (Vizella) — 32 × 21

100 — Do terraço (Algarve) — 11 × 17
Pertencem a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia.

101 — Praia da Foz (Porto) — 18 × 12

102 — Campo Grande — 18 × 11
Pertencem ao sr. dr. J. Theotonio da Silva.

103 — A volta da pesca (Povoa de Varzim) — 54 × 32
Pertence ao sr. conde de Ficalho.

104 — Na ceifa — 31 × 21
Pertence ao sr. Julio Teixeira Bastos.

105 — Singelada — 54 × 36
Pertence ao sr. Antonio Joaquim d'Oliveira.

106 — Carro de bois (Lumiar. — Estudo para o quadro seguinte) — 52 × 36
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

107 — A salmeja (Lumiar) — 205 × 134
Pertence a S. M. El-Rei.

108 — Bairro dos pescadores (Povoa de Varzim) — 31 × 21
Pertence ao sr. José Queiroz.

109 — Paizagem (Carriche) — 33 × 17
Pertence á ex.ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

110 — No jardim — 30 × 20
Pertence ao sr. J. Theotonio da Silva.

111 — Villa do Conde — 17 × 11
Pertence a D. José Pessanha.

112 — Lagoa do Arieiro (Lumiar) — 62 × 39

113 — Valle de Forno (Lumiar) — 54 × 36

114 — Mulher na fonte (Paço do Lumiar) — 21 × 31
Pertence ao sr. José Leite Guimarães.

115 — Caminho do Alfageme (Santarem) — 20 × 31
Pertence ao sr. dr. J. Theotonio da Silva.

116 — Retrato de senhora — 78 × 120

117 — Margens do Vizella — 55 × 36
Pertence ao sr. Polycarpo P. F. dos Anjos.

118 — Brancanes (Setubal) — 31 × 21
Pertence ao sr. Joaquim San Romão.

119 — Ao pôr do sol — 17 × 11
Pertence a D. José Pessanha.

120 — Paizagem (Por concluir) — 20 × 31
Pertence ao sr. J. C. Galhardo

121 — Campino (Estudo) — 16 × 28
Pertence ao sr. dr. Rocha Vianna.

122 — Campino (Estudo) — 21 × 31
Pertence ao sr. dr. Miguel Solano.

123 — Gollegã — 18 × 11
Pertence ao sr. Arthur May.

124 — Campinos — 122 × 122
Pertence a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

125 — Caminho em Camarate — 11 × 26
Pertence ao sr. dr. Rocha Vianna

126 — Margens do Douro (Avintes) — 56 × 37
Pertence ao sr. W. J. Garland Junior.

127 — Gare de caminho de ferro, á noite — 56 × 37
Pertence ao sr. J. R. Pereira Merello.

128 — Campo em flôr (Por concluir) — 31 × 21
Pertence ao sr. A. J. Nunes Junior.

129 — Saloia montada n'um burro (Estudo) — 21 × 31
Pertence ao sr. dr. Miguel Solano

130 — Azinhaga no Paço do Lumiar (Estudo para o quadro n.º 132) — 31 × 21

Pertence ao sr. Adolpho Lemos.

131 — Piteiras (Estudo para o quadro n.º 132) — 15 × 34

132 — A volta do mercado — 150 × 113

Pertencem ao sr. Polycarpo P. F. dos Anjos.

133 — Margens do Nabão — 56 × 37

Pertence ao sr. Columbano Bordallo Pinheiro.

134 — Tuy (Margens do Minho) — 56 × 37

Pertence ao sr. dr. J. Theotonio da Silva.

135 — Moinhos (Barreiro) — 31 × 21

136 — Fabrica de papel (Vizella) — 21 × 31

Pertencem a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

137 — Poço em Carnide — 20 × 31

Pertence ao sr. marquez da Praia e de Monforte.

138 — Arribana (Estudo) — 50 × 32

139 — Azinhaga no Paço do Lumiar (Estudo) — 31 × 21

Pertencem ao sr. José d'Abreu.

140 — Campos dos arredores de Lisboa, na primavera — 56 × 38

Pertence ao sr. dr. Rocha Vianna.

141 — Vindima (Esboço) — 56 × 41

Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

142 — Logar do Cacem — 56 × 37

Pertence ao sr. conde de Ficalho.

143 — O amor na aldeia — 128 × 100

Pertence ao sr. dr. Rocha Vianna.

144 — Caminho em Vizella — 20 × 31

Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

145 — Na eira (Caldas das Taipas) — 50 × 36

146 — Mosteiro de Cette — 36 × 50

Pertencem ao sr. Jorge O'Neill.

147 — Logar de Portozello (Vianna do Castello) — 37 × 28

Pertence ao sr. dr. J. Theotonio da Silva.

148 — Paizagem (Esboço) — 21 × 31
Pertence a D. José Pessanha.

149 — Caminho nos arredores de Lisboa (Por concluir) 21 × 31
Pertence ao sr. J. R. Pereira Merello.

150 — Vaccas — 11 × 18
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

151 — Poço na Ormeira (arredores de Lisboa) — 21 × 31
Pertence ao sr. Augusto d'Andrade.

152 — Piteiras (Carnide. — Por concluir) — 15 × 35
Pertence á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima.

153 — Ramo de pilriteiro e flores do campo (Decoração n'um tabolciro).

154 — Creança montada n'um burro — 16 × 22
Pertencem ao sr. Frederico Torres Pereira.

155 — Logar da Penha (Tramagal) — 50 × 41
Pertence ao sr. José Pinto Leitão.

156 — Costumes portuguezes — 70 × 120
157 — Costumes hespanhoes — 70 × 120
Pertencem ao sr. Polycarpo P. F. dos Anjos.

158 — Poveira (Por concluir) — 41 × 56
Pertence ao sr. José Pinto Leitão.

159 — Retrato do sr. Monteiro Ramalho — 42 × 55
160 — Arvores em flôr (Lisboa. — Por concluir) — 41 × 32
Pertence á ex.ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

161 — Rosas (Prato decorativo)
162 — Barco no Tejo (Santarem. — Por concluir) — 55 × 41
163 — Azenha no Minho (Por concluir) — 55 × 41
Pertencem ao sr. Arthur Torres Pereira.

164 — Vacca na pastagem (Quinta de Santa Thereza — Serreleis, Minho) — 35 × 25
Pertence ao sr. Ribeiro Arthur.

165 — Carro de Torres Vedras (Estudo) — 56 × 42
Pertence ao *Gremio Artistico.*

166 — A' porta da venda (Estrada de Torres Vedras) 120 × 96
Pertence a S. M. a Rainha.

167 — Caminho (Coimbrões, arredores do Porto) — 14 × 23
Pertence ao sr. Augusto Ribeiro Antunes de Caldas.

168 — Cancella (Serreleis, Minho) — 30 × 20
Pertence ao sr. Francisco Carlos Ferreira das Neves.

169 — Cabeça de camponeza — 24 × 31
Pertence a S. M. El-Rei

170 — Eira em Massamá. (Por concluir) — 55 × 44
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

171 — Chafariz de Massamá — 56 × 47
Pertence ao sr. dr. J. S. Pereira de Magalhães.

172 — Rapariga dobando (Santa Martha, Minho) — 24 × 31
Pertence ao sr. José d'Alcantara Ferreira das Neves.

173 — Logar do Prado (Santa Martha, Minho) — 53 × 45
Pertence ao sr. Francisco Carlos Ferreira das Neves.

174 — Rio Ave (Santo Thyrso) — 36 × 26
Pertence á ex.ma sr.ª D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.

175 — Na praia (Setubal) — 31 × 24

176 — Marinha (Sado. — Por concluir) 32 × 25
Pertencem ao sr. Arthur Torres Pereira.

177 — Praia de Setubal — 56 × 40
Pertence á ex.ma sr.ª D. Fanny Munro.

178 — Cascaes — 31 × 21.
Pertence ao sr. conde d'Almedina.

179 — Lavradeira do Minho (Por concluir) 25 × 32
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira

180 — Carro de bois (Minho. — Por concluir) — 55 × 45
Pertence á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima.

181 — Barca de passagem (Serreleis, Minho) — 200 × 133
Pertence ao sr. dr. A. M. Rebello da Silva.

182 — Olaias em flôr (Tapada da Ajuda) — 15 × 37
Pertence á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima.

183 — Primavera (Arredores de Lisboa) — 31 × 24
Pertence ao sr. Adolpho Rodrigues

184 — Flores do campo (Leque)
Pertence ao sr. Arthur Torres Pereira.

185 — A ceifa (Lumiar. — Estudo) — 55 × 37

186 — Burros pretos (Massamá. — Por concluir) — 53 × 44

187 — Burros brancos (Massama. — Por concluir) — 32 × 25
Pertencem á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima.

188 — Caminho de Perre (Minho) — 24 × 33
Pertence ao sr. A. Ferreira da Silva.

189 — Carvalheiras (Minho) — 42 × 56
Pertence ao sr. Augusto d'Andrade.

190 — Casa minhota (Por concluir) — 55 × 41
Pertence ao *Gremio Artistico*.

191 — Manhã (Margens do Ave) — 42 × 56
Pertence a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

192 — Vaccas bebendo (Por concluir) — 56 × 42

193 — A tarde (Por concluir) — 55 × 37
Pertencem ao sr. dr. Marques da Costa Junior.

194 — Ponte em Alcobaça (Por concluir) — 56 × 42
Pertence ao *Gremio Artistico*.

195 — Paizagem (Alcobaça) — 42 × 56

196 — Macieiras em flôr (Ameixoeira) — 55 × 45
Pertencem á ex.ma sr.ª D. Adelaide Torres Pereira R. de Lima.

DESENHOS

197 a 204 — Apontamentos e impressões.
205 — Paizagem (ésboço a pastel) — 25 × 17

Pertencem ao *Gremio Artistico*

COMMISSÃO EXECUTIVA DAS HOMENAGENS

A

SILVA PORTO

Antonio Thomaz da Fonseca (Presidente)
José Simões d'Almeida, Junior (Vice-Presidente)
Antonio José Nunes, Junior (Thesoureiro)

Representantes dos professores da *Escola de Bellas Artes*.

Antonio Monteiro Ramalho, Junior
Adolpho Benarus
D. José Pessanha (Secretario)

Representantes do *Gremio Artistico*.

Adolpho Rodrigues
Domingos Costa
José Alexandre Soares (Vice-Secretario)

Representantes dos alumnos da *Escola de Bellas-Artes*.

SUB-COMMISSÃO DO NORTE

Thaddeu M. d'Almeida Furtado
João Marques d'Oliveira
Julio Costa

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE SILVA PORTO na S.N.B.A. em 1908

(Junta-se fotocópia do "Catálogo" respectivo)

128

Sociedade de Bellas-Artes

Travessa da Picaria, 32
PORTO

CATALOGO

Exposição

de quadros de

Silva Porto

DEZEMBRO—1908

Composto e impresso na Typographia a vapor da Empreza Guedes, R. Formosa, 242 a 248 Porto.

50 réis

ANTONIO Carvalho da Silva Porto nasceu no Porto a 11 de novembro de 1850. Foi alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, onde se matriculou em 1865, seguindo os cursos de desenho, pintura, esculptura e architectura. Mais tarde, em setembro de 1873, teve a nomeação de pensionista do Estado, na classe de pintura de paisagem, partindo para Paris em novembro d'esse mesmo anno. Alli chegado, entrou logo no primeiro concurso na Escola de Bellas-Artes, obtendo o n.º 7 de classificação entre 223 concorrentes e ficando sob a direcção de Mrs. Cabanel, Ivon, Marcellin Groseiller, Daubigny e Chevillard. No concurso de admissão, em perspectiva, recebeu uma medalha e, em 1876, uma segunda medalha n'um desenho do modelo vivo.

Feito o curso em Paris e Italia, regressou a Lisboa, sendo nomeado em 1879 professor da Escola de Bellas-Artes d'aquella cidade e academico de merito da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Concorreu em 1876 a 1878 ás exposições do *Sirius* e em 1880 á exposição da Sociedade Protectora das Bellas-Artes (Lisboa), obtendo uma medalha de prata com o quadro *Charneca de Bellas*, adquirido por El-rei D. Fernando.

Em Madrid, por occasião do centenario de Calderon, expôz alguns trabalhos, sendo agraciado com o habito de Carlos III.

Silva Porto foi um dos iniciadores do *Grupo do Leão* (Lisboa), em cuja primeira exposição apresentou uma das suas melhores telas, *Os Cardos*, e ainda, em 1882, 21 telas de varias dimensões, entre as

quaes *O retrato da esposa*, *Pôr do sol* (Santa Martha), *Ponte do Bico*, etc., sendo das mais notaveis os quadros *Na arribana* e *Manhã nas margens do rio Vizella*.

Em 1883, expôz mais 30 telas com encantadoras paisagens do Minho, Douro, Extremadura e Algarve. Os *Bois* e os *Campinos* chamaram especialmente a attenção, assim como a *Saimeia*, a *Seára* e muitas outras preciosidades.

Expôz depois ainda *A volta do mercado*, *Um effeito de luar no Tejo* e *A volta para a arribana*.

Concorreu tambem á Exposição Industrial de Lisboa, alcançando a medalha d'ouro.

Dissolvido o *Grupo do Leão*, formou-se o *Gremio Artistico*, de que Silva Porto foi um dos principaes fundadores e primeiro presidente, inaugurando as suas exposições em 1890, onde, entre outras muitas suas obras, apresentou algumas superiores, como *A' porta da venda*, o *Moinho do Gregorio* e *Guardando o gado*; em 1893, ultima a que concorreu, os quadros *Conduzindo o rebanho* e as *Cerieiras*, vieram cerrar gloriosamente o cyclo do seu trabalho, deixando no emtanto, ainda por terminar, a tela *Macieiras em flôr*.

Silva Porto viveu para a arte e morreu sonhando com ella: assim, no dia 1 de junho de 1893, no delirio dos ultimos momentos, olhando os cortinados do quarto, elle murmurava: «Vejo ahi uma figura e além uma paisagem. Com que vontade as desenharia!» Foram estas as suas derradeiras palavras.

CATALOGO

PINTURA A OLEO

1. Salmeja.
2. A' porta da venda.

Pertencentes a Casa Real.

3. A' volta do mercado.

Pertencente a familia Anjos (Lisboa).

4. De volta para a arribana.

Pertencente ao Ex.mo Sr. Eduardo Soares d'Albergaria.

5. Campinos.
6. Marinha (Caparica).

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Dr. Leopoldo Mourão.

7. Estudo de vaccas.
8. Um canal em Veneza.

Pertencentes á Ex.ma Sr.a D. Francisca d'Almeida Furtado.

9. Estudo de rapariga.
10. Cabeça de estudo.
11. Trecho de rua.
12. Lavadeiras (pochade).

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Conde d'Arnoso.

13. **Bairro de pescadores** (Povoa de Varzim).
14. **Campo de trigo** (estudo).

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Carlos Reis.

15. **Ponte Velha** (Vizella).

Pertencente ao Ex.mo Sr. Alberto Ayres de Gouvêa.

16. **Um recanto do Rio Prado** (Santa Martha).

Pertencente ao Ex.mo Sr. Léon Prud'homme.

17. **Um açude** (Vizella).

Pertencente ao Ex.mo Sr. A. Soller.

18. **Casa rustica.**
19. **Paisagem.**
20. **Estudo para o quadro — «A' porta da venda».**

Pertencentes á Sociedade de Bellas-Artes de Lisboa.

21. **Olival.**

Pertencente ao Ex.mo Sr. J. Marques d'Oliveira.

22. **Monte de Santa Tecla** (estudo).

Pertencente á Ex.ma Sr.a D. B. A. S. Portella.

23. **Cabeça de cavallo** (uma das provas de concurso para pensionista do Estado).
24. **Vista do Covello** (prova de concurso).
25. **Estudo de paisagem** (Fontainebleau).
26. **Estudo de paisagem.**
27. **Auteuil.**
28. **Paisagem — *d'après Daubigny*.**
29. **Margens do Oise en Auvers.**
30. **Margens do Oise** (exposto no Salon em 1870).
31. **La Plaine d'Auvers** (Seine et Oise).
32. **Marinha** (Capri).
33. **Costume de Capri.**
34. **Un petit malheur.**
35. **Scára.**

36. **Estudo de paisagem** (Barbison).
37. **Estudo de paisagem** (Saint-Germain).
38. **Estudo de paisagem** (Auvers).

Pertencentes á Academia Portuense de Bellas-Artes.

39. **Praia de pescadores** (Povoa de Varzim).

Pertencente ao Ex.mo Sr. Honorio de Lima.

40. **Um trecho de Vizella.**
41. **Paisagem.**

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Antonio Teixeira Lopes.

42. **Saloios** (estudo).
43. **Estudos.**
44. **Cascalheira** (Vizella).

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Antonio José da Silva.

45. **Paisagem.**

Pertencente á Ex.ma Sr.a D. Thereza Silva.

46. **Moinhos no rio Vizella.**
47. **Conduzindo o rebanho.**
48. **Na arribana.**
49. **Vaccas na pastagem.**
50. **Ceifeiras.**
51. **Cabeça de estudo.**
52. **Cabeça de estudo.**
53. **Estudo.**
54. **Macieiras em flôr** (ultimo trabalho de Silva Porto, por concluir).

Pertencentes ao Ex.mo Sr. Conde do Ameal.

55. **Lago Maior** (Italia) — Estudo.

Pertencente ao Ex.mo Sr. Manoel Maria Lucio Junior.

56. **Pochade.**

Pertencente ao Ex.mo Sr. Carlos Villares.

DESENHO

57. **Croquis a lapis.**
58. **Esboceto de paisagem.**
59. **Estudos.**

Pertencentes á Sociedade de Bellas-Artes de Lisboa.

AQUARELLA

60. **Estudo.**
61. **Estudo.**

Pertencentes á Sociedade de Bellas-Artes de Lisboa.

LEILÃO DE QUADROS que pertenceram ao Dr. Manuel d'Arriaga, realizado em Lisboa em 20-5-1917

1 — "Lugar d'Arnelas"(Rio Douro)
(óleo sobre tela - 0,600×1,000)

2 — "Paisagem do Minho"
(óleo sobre tela - 0,430×0,730)

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE SILVA PORTO por ocasião das homenagens citadinas, promovidas por "O Primeiro de Janeiro", no Porto, em 1934

(Junta-se fotocópia do "Catálogo" respectivo)

Preço esc. 2$50
Revertendo o producto
liquido para o
FUNDO DO MONUMENTO
a SILVA PORTO

Homenagens Citadinas
a SILVA PORTO

Exposição dos quadros
de SILVA PORTO
existentes nas coleções
particulares da Cidade

no

PRIMEIRO DE JANEIRO
Salão expressamente construido.
Homenagem a SILVA PORTO
de 1 a 5 de Junho de 1934

PORTO — 1934
Composto e impresso
na CASA DE OBRAS de
"O PRIMEIRO DE JANEIRO"



SILVA PORTO

(FOTO DE BENARUS)

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO — Nasceu no Porto, ás oito da manhã de segunda-feira, 11 de Novembro de 1850, na casa n.º 50 da rua da Ponte Nova; segundo filho de Antonio da Silva Carvalho Porto, artista latoeiro, e de sua mulher Margarida da Silva Carvalho. De 1865 a 1873 seguiu com distinção os cursos de Arquitectura Civil, Escultura e Pintura na Escola de Belas-Artes do Porto. Discipulo, em desenho, de Tadeu e João Correia, ás vezes substituido pelo Resende, em arquitectura, de Sardinha, e, em escultura, de Fonseca. Contemporâneo e condiscipulo de Henrique Pousão, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, Vitorino Ribeiro, Souza Pinto, Salazar, Legôa e Cirilo Carneiro — tendo influido sobre êles todos Soares dos Reis, vindo de Paris, por causa da Guerra em 1870, a desenhar para a Escola do Nu. Em 1873 tendo feito concurso com Artur Loureiro, partiu para o Estrangeiro como pensionista do Estado. Dirigiu-se primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discipulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Grosseillez — sendo Daubigny aquele que maior influência teve sôbre o Artista. Em 1877 foi para Roma, donde voltou para França, com Loureiro, tendo estado em Capri com Pousão, e realisando, á sua custa, uma viagem pelos museus da Bélgica, Holanda, Inglaterra e Espanha.

No seu regresso a Portugal, em 1878, foi nomeado interinamente para um dos lugares de professor de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa — lugar que, a morte de Anunciação, ainda nêsse ano, deixou vago. Em 1883 passou a efectividade e regeu a Cadeira de Paisagem até á sua morte, tendo por discipulos Carlos Xavier, Carlos Reis, Ezequiel Pereira, A. Benrus e Conceição e Silva. Concorreu ás exposições do *Salon*, em Paris, em 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras atenções e referências da critica. Enviou também alguns quadros á Exposição Internacional de Paris de 1878, e, quando, em 1881, a Espanha celebrou o 2.º Centenario de Calderon, expôs diversos trabalhos em Madrid. Em Portugal, apresentou-se, pela primeira vez, em 1880, numa exposição organisada pela Sociedade Promotora de Belas-Artes. Depois tomou parte nas oito Exposições, realisadas de 1881 a 1888 pelo *Grupo do Leão* de que era o Chefe e o Mestre — e, em 1881, 1882 e 1883, nas Exposições do *Gremio Artistico*, de que foi presidente e um dos fundadores. Figuraram, ainda, trabalhos seus na 13.ª e na 14.ª Exposição da Sociedade de Belas-Artes e, no Porto, em várias Exposições. A Exposição Industrial de Lisboa, em 1888, enviou dois dos seus melhores quadros: a *Salmeja* e a *Volta do Mercado*, obtendo a medalha de ouro. No tricentenário de Camões foi seu desenho do Carro de Guerra. Vitimado pela tuberculose, que, de longa data, lhe vinha lentamente destruindo os pulmões, melancolisando-lhe o temperamento e requintando-lhe a sensibilidade, faleceu em Lisboa no rés-do-chão do prédio n.º 10 da Travessa da Estrela em 1 de Junho de 1902.

Um ano depois da sua morte organisou-se em Lisboa a Exposição Retrospectiva da sua Obra com 200 dos seus trabalhos, avultando entre êles, as obras-primas: — *Campinos — A Volta do Mercado — O Amor de Aldeia — A' Ponta da Vende — Barco de Passagem*, que, com *Conduzindo o Rebanho — Os Moinhos da Confraria — As Ceifeiras — Na Arribana — No Chaparral de Massamá* e a *Condução de Cabrestos* — são as melhores obras do Mestre Paisagista, que, deixando no cavalete, por concluir as *Macieiras em Flôr* e tendo exposto em vida 252 quadros, jaz do Cemiterio do Alto de S. João, no votivo mausoléu, que lhe ergueram os seus admiradores, tem no Parque soberbano de Bemfica o seu singelo e expressivo monumento — tendo esperado, até 1 de Junho de 1934, que o Pôrto — a terra onde nasceu e se fez artista colocasse uma simples lápide comemorativa na casa onde nasceu o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas do Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admiravel e o mais português de todos os pintores portuguêses.

Quadros obsequiosamente cedidos para esta exposição:

Ex.mo Snr. Alberto Ayres de Gouvêa

1 — Ponte Velha de Vizela

Ex.mo Snr. Alberto Silva

2 — Começo dum quadro

Ex.mo Snr. Alfredo Ramos

3 — Estudo academico

Ex.mo Snr. Antonio Ramos Pinto

4 — Na Floresta

Ex.mo Snr. Antonio Vasconcelos Porto

5 — Saloias
6 — Paisagem
7 — 4 Impressões de viagem
8 — Estudo de Vizela

Ex.mo Snr. Artur Cupertino de Miranda

9 — Na Arribana

Ex.mo Snr. Artur Fernandes Paulo

10 — Estudo oleo «Areínho»

Ex.ma Senhora D. Berta Vilares

11 — Na Ceifa
12 — Veneza

Camara Municipal de Vila Nova de Gaia

(Museu Teixeira Lopes)

13 — Paisagem
14 — Paisagem
15 — Paisagem
16 — Paisagem
17 — Esboço (carvão)

«O Comercio do Porto»

18 — 2 Estudos a crayon
19 — Ilustração duma Fabula

Ex.mo Snr. Eduardo Honorio de Lima

20 — Conduzindo o rebanho
21 — Moinhos da Confraria
22 — Amor na Aldeia
23 — Ceifeiras
24 — Macieiras em flor (a ultima teia por acabar)
25 — A Pôça
26 — Napolitana
27 — Barco de Avintes
27-A — Academia do Nu (souce)

Ex.mo Snr. Eduardo Bastos de Lima

28 — Rapariga Italiana

Ex.ma Snr.a D. Elisa Andressen Guimarães

29 — Paisagem

Ex.mo Snr. Fernando Abreu

30 — Paisagem (mancha)
31 — Procissão (mancha)
32 — Cavalariça (mancha)
33 — Gondola (mancha)

Ex.mo Snr. Fernando de Castro

34 — Cabanas

Ex.mo Snr. Gilberto Lima

35 — Manuel Passos (crayon)
36 — Vieira Portuense (crayon)
37 — Rembrandt (crayon)
38 — Portico (crayon)
39 — Paisagem (oleo)

Ex.mo Snr. Dr. Jacinto de Magalhães

40 — Mosteiro de Cette
41 — Volta do Trabalho
42 — Chafariz de Massamá
43 — O Espigueiro
44 — A Vendedeira
45 — Interior de S. Marcos
46 — Paisagem do Oise
47 — Paisagem da Bretanha
48 — Estudo para o Campino
49 — Estudo de terreno
50 — Estudo de paisagem

Ex.mo Snr. José Ferreira Dias Guimarães

51 — Estudo — aguarela

Ex.ma Snr.a D. Julia da Costa Soares Veloso

52 — Fim de tarde

Ex.mo Snr. Dr. Leopoldo Mourão

53 — Condução de Cabrestos
54 — Paisagem

Ex.ma Snr.a D. Maria Castro Henriques Orswald

55 — Na Tapada da Ajuda

Ex.ma Snr.a D. Maria Clara da Silva

56 — Estudo (crayon)

Ex.mo Snr. Dr. Mario Esteves

57 — No Estabulo

Ex.mo Snr. Pedro d'Abreu Franco

58 — Paisagem

Ex.mo Snr. Umberto Silva

59 — Manuel Passos (crayon)
60 — Moinho (estudo-aguarela)

Ex.mo Snr. Vasco Ortigão de Sampaio

61 — Paisagem
62 — Paisagem
63 — Paisagem



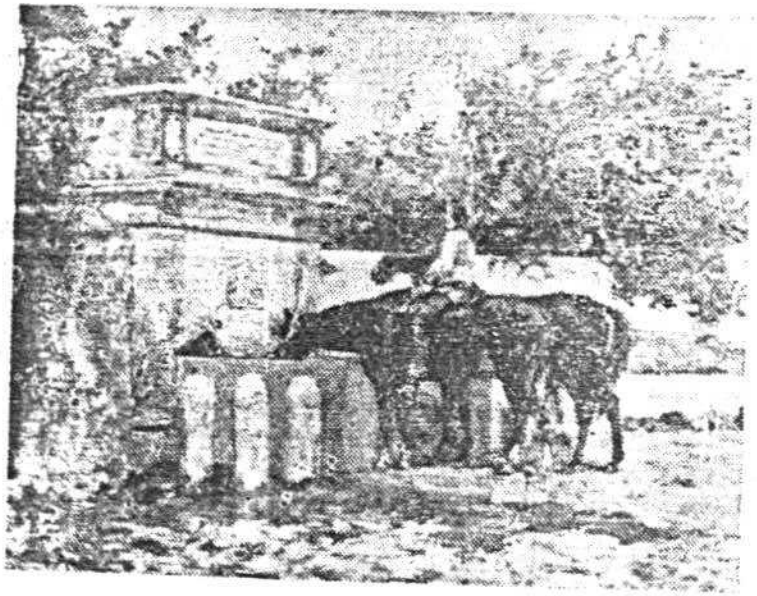
Ex.mo Snr. Manuel Mario Lucio

54-A — No Tejo
54-B — Margens do Tejo



Amor na Aldeia

Pertence ao Ex.mo Snr. Honorio de Lima



O Chafariz de Mossania

Pertence ao Ex.mo Snr. Dr. Jacinto de Magalhães

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

GRANDE COMISSÃO PROMOTORA DAS HOMENAGENS

Presidentes Honorarios:

Dr. Alfredo de Magalhães, Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal do Porto; Mestre Carlos Reis, artista pintor; Eduardo Honorio de Lima, amador de Arte.

Presidente Efectivo:

Manoel Pinto de Azevedo, Presidente do Conselho de Administração de «O Primeiro de Janeiro».

Vogais:

Dr. Herculano Ferreira, governador civil do Porto; Brigadeiro Schiappa de Azevedo, Comandante da Região; Marques da Silva, director da Escola de Belas Artes; Dr. Adriano Rodrigues, reitor da Universidade; Dr. Vasco Valente, director do Museu Soares dos Reis; Julio Brandão, director do Museu Municipal; Dr. Joaquim Costa, director da Biblioteca; Dr. Mario Pacheco, director da Escola Infante D. Henrique; Sousa Caldas, director da Escola Faria Guimarães; Falcão Trigoso e João Reis, pela Sociedade Nacional de Belas Artes (Lisboa) e pelo Grupo Silva Porto; Alberto Silva, Presidente da Sociedade de Belas Artes do Porto; Juliano Ribeiro pelos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; Antonio de Oliveira Calem, pela Associação Comercial; Xavier Esteves, pela Associação Industrial; Dr. Guilherme Braga, pelo Ateneu; João da Cunha Guimarães, pelo Clube Fenianos; Lemos Ferreira, pela Liga Agraria do Norte; Raul Ferreira, pela Associação dos Comerciantes; J. Pinto Leite, pelo Centro Comercial; Um representante dos Alunos da Escola de Belas Artes e de cada uma das Faculdades da Universidade do Porto.

Artistas:

Margarida Costa, Sofia de Sousa, Mestre Teixeira Lopes, Acácio Lino, José de Brito, Joaquim Lopes, Julio Ramos, Aires de Gouveia, Manoel Lucio, Octavio Sergio, Carlos Carneiro, Alberto de Sousa, Julio Pina, Antonio Costa, Ed. Monra, Manoel Monterroso, João Monteiro, Luiz Cunha, Silva Gouveia, Fernandes Lima, Antonio de Azevedo, Henrique Moreira, J. Oliveira Ferreira, Fernandes de Sá, Rodrigo de Castro, Pedro de Figueiredo, Lauro Corado, Abel Santos, Cristiano de Carvalho, Paulino Gonçalves, Adolfo Marques, Americo Gomes.

Arquitetos:

Manoel Marques, Baltazar de Castro, Amorôso Lopes, Oliveira Ferreira, Julio Brito, Joaquim Madureira, filho, Emanoel Ribeiro, Rogério de Azevedo, Homero Ferreira Dias.

Amadores de Arte:

D. Maria Terra, D. Ludovina Frias de Matos, Dr. Jacinto de Magalhães, Vasco Ortigão de Sampaio, Dr. Leopoldo Mourão, Francisco Borges, Cupertino de Miranda, Fernando de Castro, Amadeu Vilar, Dr. Couto Soares, Dr. Manoel Pinto, Fernando Gaihano, Dr. Mario Rosas da Silva, Dr. Vasco de Oliveira, Dr. Eduardo Santos Silva, Nuno Salgueiro, Antonio Ramos Pinto, D. J. J. Pereira Osorio, Dr. Alberto Aguiar, Dr. Adriano Fontes, Dr. Almeida Garrett, Dr. Alvaro Teixeira Bastos, Dr. Carlos Lima, Camilo Macedo, Diogo Macedo, Visconde de Francos, Dr. Antonio Luiz Gomes, Dr. Casimiro de Carvalho, Dr. Jacinto Romaris, Dr. Sena Cabral Dr. Pinto de Mesquita, Antonio Dias, Antonio Seixas, Dr. José Menéres, Dr. Pinheiro Torres, Tomaz Joaquim Dias, Dr. Aurelio Proença, Umberto Silva, J. J. Mota Barbosa.

Criticos de Arte:

Dr. Aarão de Lacerda, Dr. Gaspar Baltar, Visconde de Vila Moura, Dr. Pedro Victorino, Dr. Narciso de Azevedo, Koel Alvarenga, Antero de Figueredo, Dr. Magalhães Bastos, Ramiro Mourão, Dr. Mendes Correia, Dr. Claudio Basto.

Jornalistas:

Bento Carqueja, director do «Comercio do Porto»; Anibal de Morais, director do «Jornal de Noticias; Dr. Marques Guedes, director do «Primeiro de Janeiro»; A. Seixas, da «Montanha»; Marques d'Abreu, director da «Instrução Moderna»; Tito Martins, pelo «Seculo»; João Duque, pelo «Diário de Noticias»; Dr. Francisco Sequeira, pela «Voz»; Teixeira Pinto, pelo «Diário da Manhã»; Aurora Jardim Aranha, Mario de Figueiredo, Eduardo Santos, Mario Amaral e Marques da Cunha.

Comissão Executiva:

Presidente:

Dr. Antonio Bragança, da Comissão Administrativa da Camara Municipal.

Vogais:

Dr. Joaquim Madureira (Braz Burity), Alberto Silva e M. Pinto de Azevedo Junior.

PARTICIPAÇÃO DE OBRAS DE SILVA PORTO NA "EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE ARTISTAS DA 2ª. METADE DO SÉC. XIX", organizada pela S.N.B.A. em Lisboa, em 1940

1 – "Estudo de Paisagem" - desenho a carvão
(Pertencente à S.N.B.A.)

2 – "Árvores sem Folhas" - estudo a lápis de carvão
(Pertencente à S.N.B.A.)

3 – "Grupo de Piteiras" - estudo a lápis de carvão
(Pertencente ao Exmº. Sr. José Monteiro de Sousa)

4 – "Três Mulheres do Campo" - desenho a lápis
(Pertencente à S.N.B.A.)

5 – "Estudo de Paisagem ao Entardecer" - desenho a lápis
(Pertencente à S.N.B.A.)

6 – "Grupo de Árvores no Inverno" - desenho a lápis
(Pertencente ao M.N.A.C.)

7 – "Grupo de Quatro Mulheres do Campo" - desenho a lápis
(Pertencente à S.N.B.A.)

8 – "A Fiandeira" - desenho a carvão
(Pertencente ao M.N.A.C.)

9 – "Aldeã Sentada" - desenho a carvão em papel grisalho
(Pertencente à S.N.B.A.)

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SILVA PORTO, em Novembro de 1950, realizada no Porto, no Museu Nacional de Soares dos Reis

(Juntam-se fotocópias do "Catálogo" da Exposição Retrospectiva)

IMPRENSA MODERNA, LTD.
R. da Fábrica, 87 - Porto

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DA OBRA DE SILVA PORTO NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO



MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

P O R T O

1 9 5 0

134

NASCIDO no Porto a 11 de Novembro de 1850, António Carvalho da *Silva Porto* foi aluno da Academia Portuense de Belas-Artes de 1865 a 1873. Matriculado nas cadeiras de arquitectura civil, escultura e pintura, em todos os cursos se distinguiu, obtendo elevadas classificações. Aluno, no último ano, do Professor João António Correia, logo ao findar do curso concorreu ao pensionato em Paris, obtendo a primeira classificação.

Discípulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Groseillez, expôs pela primeira vez no «Salon» em 1876. Em 1877 seguiu para Roma a terminar os estudos. Da Itália voltou a Paris, e de regresso a Portugal, onde chegou em 1879, em larga viagem, percorreu a Bélgica, a Holanda, a Inglaterra e a Espanha, completando a sua formação de artista com demorada visita aos museus e colecções de arte dos países por onde passara.

Já com nome feito, louvado e apreciado pelos críticos, logo após a sua chegada, abriram-se-lhe as portas da Escola de Belas-Artes de Lisboa. Nomeado professor interino,

regeu a cadeira de Paisagem – vaga pela morte de Tomás d'Anunciação – até 1883, ano em que dessa mesma cadeira tomou posse como professor efectivo.

Larga e fecunda foi, assim, a actuação de Silva Porto no meio artístico da época. Expondo pela primeira vez em Portugal em 1880, numa exposição organizada pela «Sociedade Promotora de Belas-Artes», desde logo por camaradas, críticos e público, foi tido e havido como chefe da nova «escola do ar livre»; à sua volta se formou o «Grupo do Leão» e, mais tarde, o «Grémio Artístico», de que, sócio fundador, ocupou a presidência.

Numerosas foram as exposições a que Silva Porto mandou trabalhos; ao «Salon» nos anos de 1876-78 e 79; à Exposição Universal de Paris em 1878; de Madrid, quando do bicentenário de Calderon, em 1881; em Portugal, não só figurou nas oito exposições promovidas pelo «Grupo do Leão» — 1885 a 1888 — e nas organizadas pelo Grémio Artístico — 1891-92 e 93, como ainda quadros seus apareceram em outras exposições realizadas em Lisboa e no Porto.

Á Exposição Industrial de Lisboa, de 1888, enviou duas das suas telas mais conhecidas: «A Salmeja» e «Á volta do mercado», ambas premiadas com medalha de ouro.

A 1 de Junho de 1893, com 43 anos incompletos, e 20 anos de duro labor, Silva Porto falecia em Lisboa, deixando uma larga obra que, em grande parte, se encontra reunida nesta exposição de justa homenagem à sua memória.

Assim, nos trabalhos expostos, estão representados: o estudante da Academia Portuense de Belas-Artes; o pensionista em Paris e Roma; o Professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, camarada n.º 1 do «Grupo do Leão» e do «Grémio Artístico», mestre admirado de uma notável geração de artistas plásticos.

Não tinha por hábito Silva Porto datar os seus trabalhos, o que dificulta a sua apresentação em boa ordem cronológica. No entanto a destrinça por épocas, antes da partida para França, durante o pensionato em Paris e Roma, e, findo este, os anos em que trabalhou em Portugal, pode ser fàcilmente feita. São períodos diferentes, claramente

assinalados nos seus quadros, quer pelos assuntos n tratados, quer pela técnica de que o Pintor se serviu para realizar.

E nesta exposição, em que o centenário do nascime do Pintor é celebrado, não só se pretende homenagea memória do paisagista excepcional que foi Silva Porto, co ainda, recordar a sua admirável lição. Mostrar como depois de ter trabalhado, durante alguns anos, em Franç Itália, dentro das correntes artísticas da sua época, seguin por vezes, muito de perto os mestres na própria técnica, foi pouco a pouco libertando de algumas dessas influênc e, no regresso à Pátria, trabalhou incessantemente no des de fixar na tela aspectos reais da terra e da luz, das gente costumes de Portugal. Merece este nacionalismo, consci e forte, ser focado com respeito, ainda que hoje, à distân dos anos, os quadros nesta exposição reunidos, tenham p dido o «interesse de novidade» que apresentaram quan foram expostos pela primeira vez. Seguramente de Si Porto se pode dizer, com justiça, que foi um grande pai

gista, — aquele que melhor interpretou, plàsticamente, as páginas do incansável caminheiro que se chamou Ramalho Ortigão, o escritor português que, depois de Garrett, melhor sentiu e amou a terra portuguesa, na sua beleza pictórica e no pitoresco das suas gentes.

A lição de Silva Porto é assim hoje, e será sempre, «a grande verdade» da sua obra — que justamente por essa verdade, tão amorosamente sentida e vivida, não envelheceu nem envelhece.

PRINCIPAIS EFEMÉRIDES

António Carvalho da SILVA PORTO

Nasceu no Porto em 11 de Novembro de 1850.
Faleceu tuberculoso em Lisboa em 1 de Junho de 1893.
Matriculou-se na Academia Portuense de Belas-Artes em 1865.
Fez concurso com Artur Loureiro em 1873.
Seguiu para Paris em 1873.
Partiu para Roma em 1877.
Regressou a Portugal em 1879, sendo nomeado interinamente professor de pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, por morte de Anunciação.
Esteve em Capri com H. Pousão.
Foi nomeado professor efectivo de Paisagem em 1883.
Concorreu ao *Salon* de Paris em 1876, 1878 e 1879.
Enviou quadros à Exposição Internacional de Paris de 1878.
Expôs em Madrid por ocasião do II Centenário de Calderón de la Barca em 1881.

Exposições em que tomou parte:

«Sociedade Promotora de Belas-Artes», 1890
«Grupo do Leão», 1891 a 1898 (oito exposições).
«Grémio Artístico», 1891, 1892 e 1893.
«Exposição Industrial de Lisboa», 1888 (*Volta do Mercado*, n.º 9).

Em Portugal foi discípulo de Tadeu, João Correia, Resende, Sarmento e Fonseca, e contemporâneo e condiscípulo de H. Pousão, Marques de Oliveira, A. Loureiro, Vitorino Ribeiro, Sousa Pinto, etc.,

Em França foi discípulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Gosselin.

COMISSÃO INSTALADORA

† *Dr. A. Vasco Rebelo Valente*
Director do Museu Nacional de Soares dos Reis

Prof. Joaquim Lopes
Director da Escola de Belas-Artes do Porto

Barata Feyo
Prof. da Escola de Belas-Artes do Porto

Dr. Manuel de Figueiredo
Conservador dos Museus Nacionais

Agostinho Salgado
Conservador do Museu Nacional de Soares dos Reis

Rev.º Dr. Bernardo Xavier Coutinho
Professor do Seminário e Conservador-Ajudante do Museu Nacional de Soares dos Reis

QUADROS

1 — CAMINHO NA FLORESTA. Óleo. Tela.

Pertence à Ex.ma Sr.ª D. Maria de Castro Henriques Osswald.

Mede 0m,47 × 0m,31.

2 — BOSQUE CERRADO. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto*.

Pertence ao Ex.mo Sr. José Rosas Júnior.

Mede 0m,55 × 0m,31 (est. III).

3 — POCHADE (Paisagem). Óleo. Madeira.

Pertence ao Ex.mo Sr. Mário de Macedo.

Mede 0m,31 × 0m,21.

4 — MOINHOS. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto*.

Pertence ao Ex.mo Sr. Luís de Vasconcelos Porto.

Mede 0m,56 × 0m,34 (est. XXIX).

5 — ARVOREDO. Óleo. Tela.

Pertence ao Museu Municipal de Gaia.

Mede 0m,53 × 0m,40 (est. IV).

6 — ÁRVORES FLORIDAS. Óleo. Tela. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Museu Municipal de Gaia.

Mede 0m,31 × 0m,49 (est. V).

7 — PAISAGEM. Óleo. Tela.

Pertence ao Museu Municipal de Gaia.

Mede 0m,26 × 0m,45 (est. VI).

8 — RUA DE ALDEIA. Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Municipal de Gaia.

Mede 0m,24 × 0m,34 (est. V).

9 — AS SALOIAS — *Volta do mercado.* — Costumes alentejanos. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Luís de Vasconcelos Porto.

Mede 0m,32 × 0m,43 (est. VII).

10 — LAVADEIRAS (Paisagem). Óleo. Madeira.

Pertence ao Ex.mo Sr. Luís Vasconcelos Porto.

Mede 0m,37 × 0m,56 (est. VI).

11 — QUATRO ESTUDOS. Óleo. Madeira. Assinados: *S. Porto.*

Pertencem ao Ex.mo Sr. Luís Vasconcelos Porto.

Medem 0m,18 × 0m,12 (ests. VIII e IX).

12 — BARCO DE AVINTES. Óleo. Madeira.

Museu Nacional de Soares dos Réis (Porto).

Mede 0m,37 × 0m,55 (est. XX).

13 — MARGENS DO RIO VIZELA. Óleo. Madeira. 1885?

M. N. S. R.

Mede 0m,31 × 0m,21 (est. X).

14 — PAISAGEM. Óleo. Madeira.

M. N. S. R

Mede 0m,37 × 0m,56 (est. XII).

15 — NAMORO DA ALDEIA.

M. N. S. R.

Mede 1m × 1m,26 (est. XIII).

16 — PÓVOA DE VARZIM (Barcos). Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,41 × 0m,55 (est. XIV).

17 — NAPOLITANA. Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,22 × 0m,16 (est. XXII).

18 — POÇA E POLDRAS. Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,32 × 0m,55 (est. XV).

19 — BARCOS. Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,21 × 0m,32 (est. XIV).

20 — CEIFEIRAS. Óleo. Tela. (Lumiar. 1892. Cf. n.º 6 Desenho).

M. N. S. R.

Mede 0m,90 × 1m,20 (est. XI).

Obs. — As de Millet são de 1856.

21 — CANCELA VERMELHA (Barbizon. França. 1879?). Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,115 × 0m,180 (est. XXI).

22 — FLORESTA. Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 0m,35 × 0m,26 (est. XVI).

23 — MACIEIRAS EM FLOR (Na Ameixoeira). Óleo. Tela. 1894.

M. N. S. R.

0m,45 × 0m,55 (est. XVII).

24 — CONDUCÇÃO DO REBANHO. Óleo. Tela. 1892?

M. N. S. R.

1m,65 × 2m (est. XVIII).

25 — PAISAGEM FLUVIAL. Óleo. Tela. 1885?

M. N. S. R.

Mede 0m,45 × 0m,55 (est. XVII).

26 — CASCATA. Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,55 × 0m,38 (est. XIX).

27 — PERFIL. Óleo. Madeira.

M. N. S. R.

Mede 0m,19 × 0m,12 (est. XV).

28 — PÓVOA DE VARZIM. Óleo. Madeira. 1880?

M. N. S. R.

Mede 0m,20 × 0m,31 (est. XX).

29 — MOINHOS DA CONFRARIA. Óleo. Tela. 1892.

M. N. S. R.

Mede 0m,90 × 1m,25 (est. XXII).

30 — CEIFA NO MONTADO. Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 0m,20 × 0m,31 (est. XXI).

31 — CABEÇA DE RAPARIGA. Óleo. Tela. (Costumes da campanha romana).

M. N. S. R.

Mede 0m,18 × 0m,12 (est. XXII).

32 — NAPOLITANA (Costume de Capri). Óleo. Tela. 1877?

M. N. S. R.

Mede 1m,13 × 0m,59 (est. XXIII).

33 — A TIGELA PARTIDA (Un petit malheur). Óleo. Tela. Paris. 1878.

M. N. S. R.

Mede 0m,76 × 0m,49 (est. XXIV).

34 — PAISAGEM DE FRANÇA. Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 0m,155 × 0m,210 (est. XXVI).

35 — MARGENS DO RIO MARNE. Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 1m,38 × 1m,88 (est. XXV).

36 — PAISAGEM DO MARNE. 1890?

M. N. S. R.

Mede 0m,75 × 1m,30 (est. XXV).

37 — MARGENS DO TEJO. Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 0m,42 × 0m,56 (est. XXVI).

38 — SEARA (Arredores de Paris). Óleo. Tela.

M. N. S. R.

Mede 0m,79 × 1m,40 (est. XXVII).

39 — ESTUDO DE PAISAGEM. Óleo. Tela. (Auteuil. 1874). Assinado: *A. C. S. Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,55 × 0m,46 (est. XXVIII).

40 — ESTUDO (Paisagem). Óleo. Tela. (Barbizon. 1874). Assinado: *A. C. S. Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,54 × 0m,74 (est. XXIX).

41 — ESTUDO (Quinta do Covelo — Porto). Óleo. Tela. Para a prova de concurso (cf. n.º 60).

M. N. S. R.

Mede 0m,34 × 0m,49 (est. XXX).

42 — PAISAGEM. Óleo. Tela. (Cópia de Daubigny). Assinado: *A. Porto.*

M. N. S. R.

Mede 1m × 0m,55 (est. XII).

43 — CAMINHO DA NORMANDIA. Assinado: *Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,40 × 0m,32 (est. XXXI).

44 — PAISAGEM (Marne). Óleo. Tela. 1876. Assinado: *Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,41 × 0m,66 (est. XXXII).

45 — MARGENS DO MARNE. Óleo. Tela. Assinado: *Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,415 × 0m,80 (est. XXXII).

46 — COMPONDO A REDE. Óleo. Tela. Assinado: *A. Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,60 × 1m,21 (est. XXXIII).

47 — PAISAGEM DA NORMANDIA. Óleo. Tela. Assinado: *Porto.*

M. N. S. R.

Mede 0m,70 × 1m,20 (est. XXXIII).

48 — MACIEIRA EM FLOR. Óleo.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,32 × 0m,41.

49 — PAISAGEM — Estudo (Leão d'Ouro). Tela colada em cartão.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu)

Mede 0m,46 × 0m,33.

50 — PINHEIROS. Óleo.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,32 × 0m,55.

51 — MANHÃ EM VIZELA. Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,19 × 0m,14.

52 — PAISAGEM. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,21 × 0m,31.

53 — MARGENS DO LOIRE. Óleo.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,25 × 0m,33.

54 — LAVADEIRA. Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,18 × 0m,11.

55 — ITÁLIA. Óleo. Assinado: *Porto.*

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,18 × 0m,12.

56 — ESTAÇÃO. Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu)

Mede 0m,60 × 0m,70.

57 — PAISAGEM. Pastel. Cartão. Assinado: *S. Porto*

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu)

Mede 0m,18 × 0m,26.

58 — PAISAGEM. Aguarela (Estudo).

Pertence ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,08 × 0m,15.

59 — CABEÇA DE CAVALO. Óleo. Tela. (Data: 4 de Agosto de 1873). Prova de concurso.

M. N. S. R.

Mede 0m,78 × 0m,63 (est. XXXIV).

— 60 — PAISAGEM (Quinta do Covelo). Óleo. Tela. (Data: 28 de Julho 1873) (cf. n.º 41).

M. N. S. R.

Mede 0m,82 × 1m,13 (est. XXX).

61 — FIGURA DE MULHER (Estudo). Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Biblioteca Almeida Moreira (Viseu).

Mede 0m,115 × 0m,18.

62 — PAISAGEM. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Museu Biblioteca Almeida Moreira (Viseu).

Mede 0m,21 × 0m,31.

63 — PAISAGEM. Óleo. Madeira.

Pertence ao Museu Biblioteca Almeida Moreira (Viseu).

Mede 0m,18 × 0m,26.

64 — PONTE VELHA DE VIZELA. Óleo. Madeira. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Álvaro Arres de Gouvea Osorio.

Mede 0m,33 × 0m,56.

65 — INTERIOR DA CATEDRAL DE S. MARCOS DE VENEZA. Óleo. Tela.

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,48 × 0m,30.

66 — VENDEDEIRA. Óleo. Tela. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,32 × 0m,43.

67 — PAISAGEM. Óleo. Cartão.

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,175 × 0m,23.

68 — CAVALARIÇA. Óleo. Cartão. Assinado: *A. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,18 × 0m,14.

69 — GÔNDOLA. Óleo. Cartão.

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,095 × 0m,151.

70 — PROCISSÃO (Impressão).

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando de Abreu.

Mede 0m,095 × 0m,151.

71 — DOIS ESTUDOS. Crayon.

Pertencem á pinacoteca do Jornal «O Comercio do Porto».

Mede 0m, × 0m, .

72 — ILUSTRAÇÃO DUMA FÁBULA.

Pertence á pinacoteca do Jornal «O Comercio do Porto».

Mede 0m, × 0m, .

73 — CAMPINOS. Óleo. Tela.

Palacio Nacional da Ajuda.

Mede 1m,70 × 2m,20.

74 — CARRO ALENTEJANO. Óleo. Tela.

Palacio Nacional da Ajuda.

Mede 1m,40 × 2m,20.

75 — RETRATO DE MONTEIRO RAMALHO.

Pertence ao Ex.mo Sr. M. Pinto de Azevedo Junior.

Mede 0m,58 × 0m,43.

76 — NA ARRIBANA. Óleo. Tela. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Cupertino de Miranda.

Mede 0m,59 × 0m,98

77 — PAISAGEM (França). Óleo. Tela.

Pertence ao Ex.mo Sr. Fernando M. Santos Silva.

Mede 0m,22 × 0m,26.

78 — VACA E BEZERRO.

Pertence à Ex.ma Sr.ª D. Aida Serpa Esteves de Oliveira.

Mede 0m,21 × 0m,32.

79 —

Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Luis Viegas.

Mede 0m, × 0m, .

DESENHOS

1 — ESTUDOS DE CABEÇAS. Crayon.

Pertencem ao M. M. de Gaia

Medem 0m,11 × 0m,10 e 0m,075 × 0m,080 (est. XXXV).

2 — *a)* ESTUDO DO GESSO. Sanguine.

Mede 0m,48 × 0m,31 (est. XXXVI).

b) APONTAMENTO. Sanguine.

Pertence ao M. M. de Gaia.

Mede 0m,24 × 0m,16.

3 — CROQUIS. Crayon. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Jose Rosas Junior

Mede 0m,38 × 0m,21 (est. XXXVI).

4 — CALAFETAGEM DO VELEIRO. Lápis. Assinado: *S. Porto.*

Pertence ao Ex.mo Sr. Jose Rosas Júnior.

Mede 0m,12 × 0m,18 (est. XXXVI).

5 — JUNTA DE BOIS. Lápis.

Pertence ao M. Nacional de Suares dos Reis

Mede 0m,11 × 0m,16 (est. XXXVI).

6 — CEIFEIRAS. Desenho. (Cl. n.º 10).

M. N. S. R.

Mede 0m,22 × 0m 30 (est. XL).

7 — MULHERES MONDANDO. Crayon.

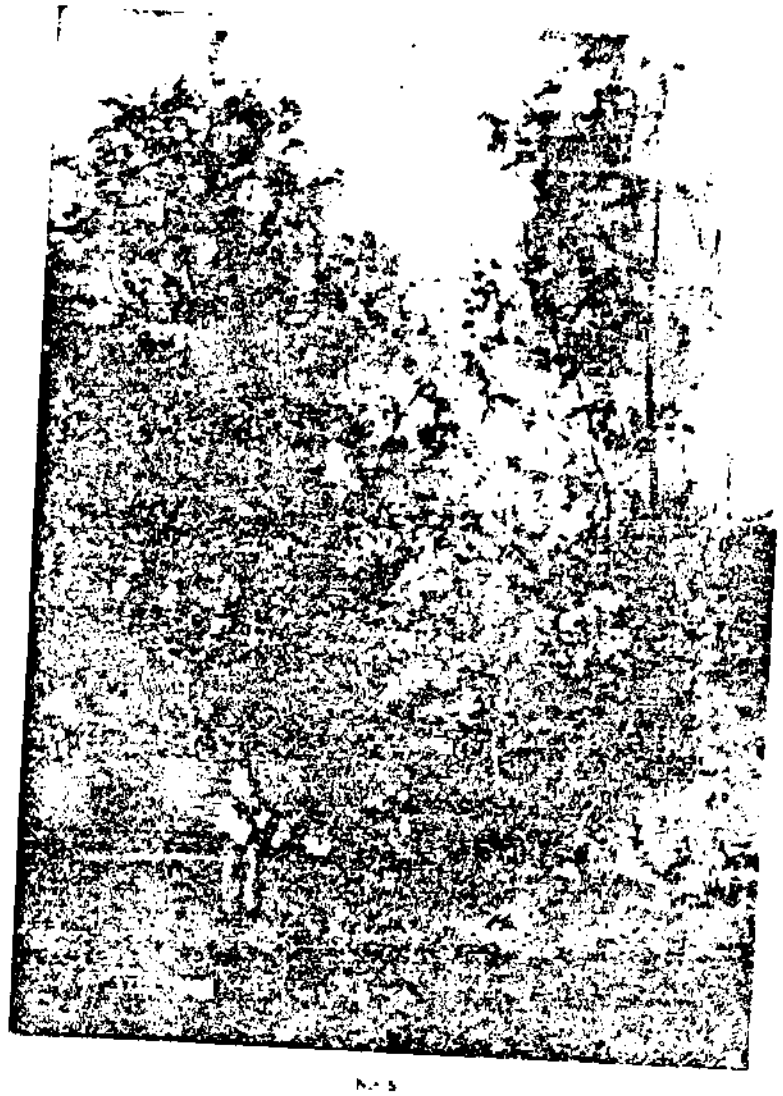
Perience ao Museu Grão Vasco (Viseu).

Mede 0m,22 × 0m,28.

ILUSTRAÇÕES



N. 2

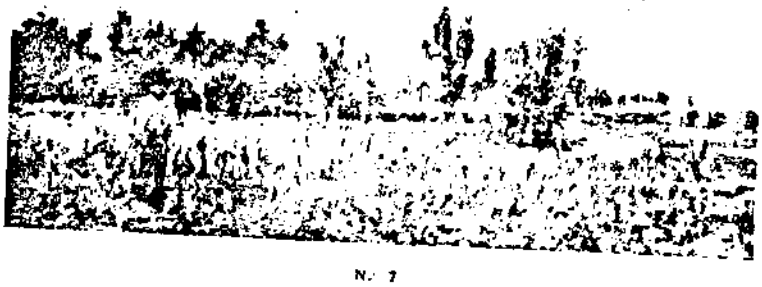




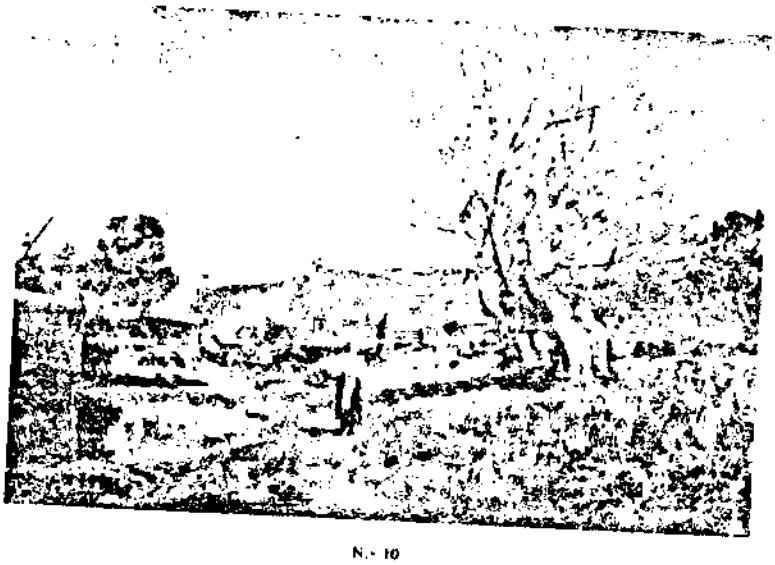
N. 6



N. 8



N.° 7



N.° 10

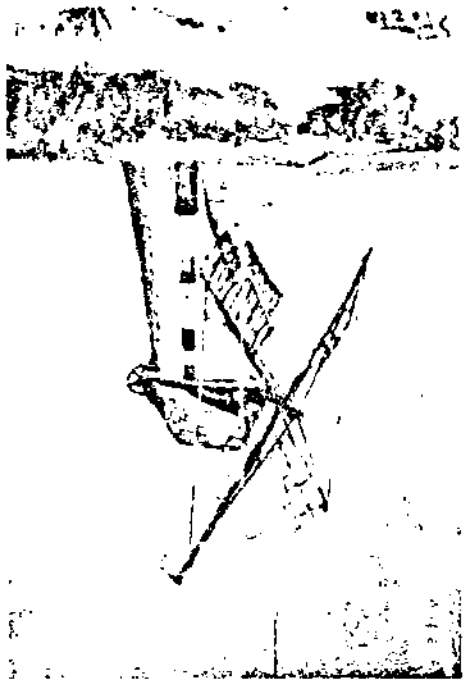




N. 112



N. 113







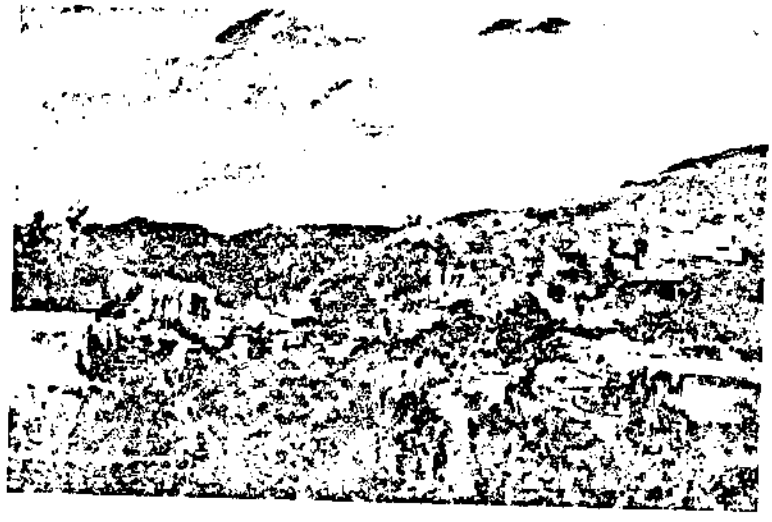
N° 13



N.° 20



N.° 6



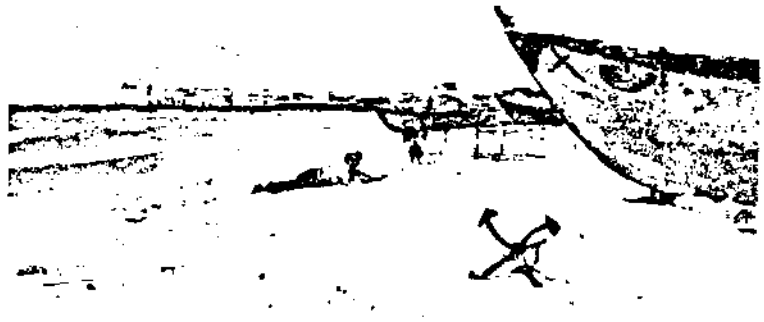
N.° 14



N.° 42



N.° 15



N. 16



N. 16



N° 18



N.° 27

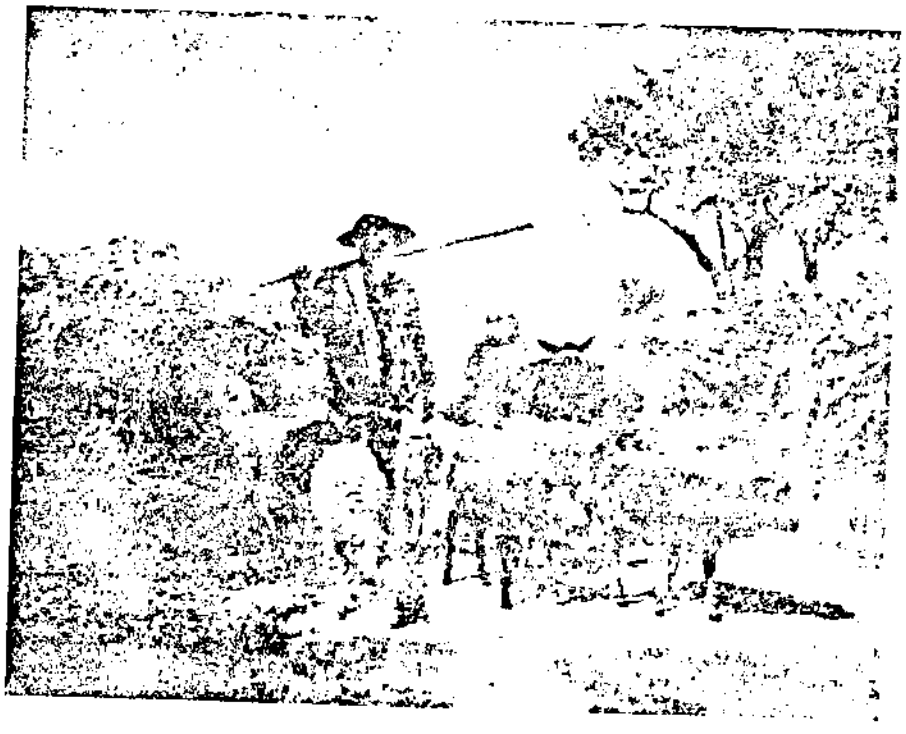


N.° 22



N. 23

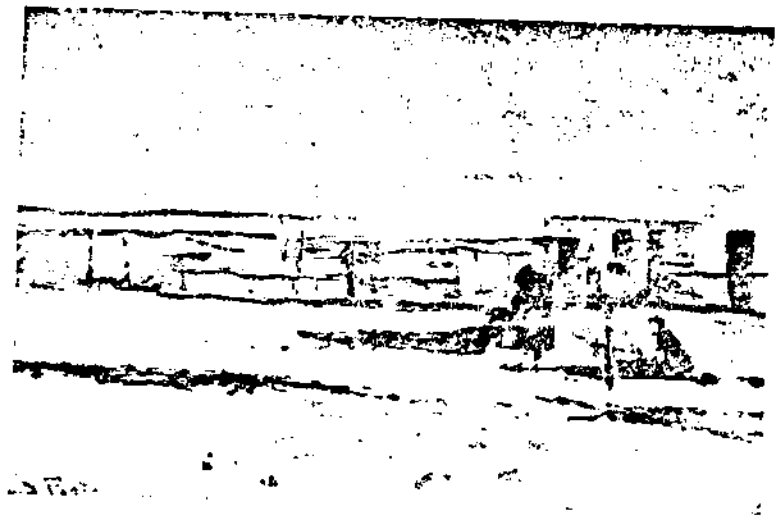




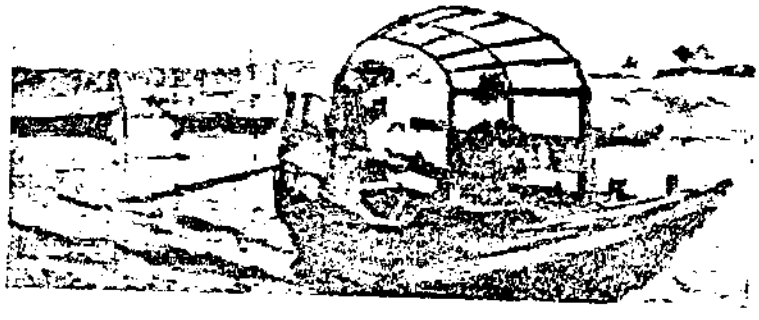
N. 24



N.° 26



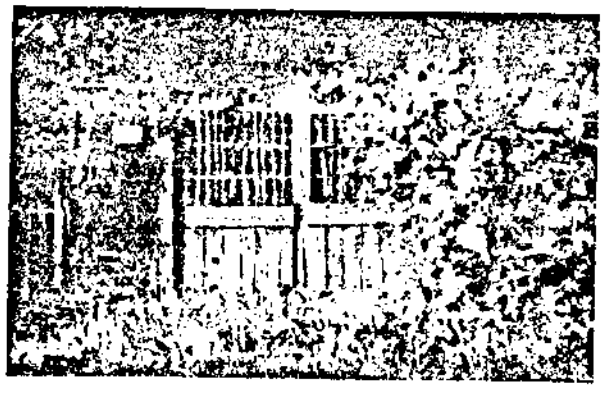
N. 25



N. 12



N.o 30



N. 21



N. 29



N. 31



N. 17



N. 32



N° 33



N° 35



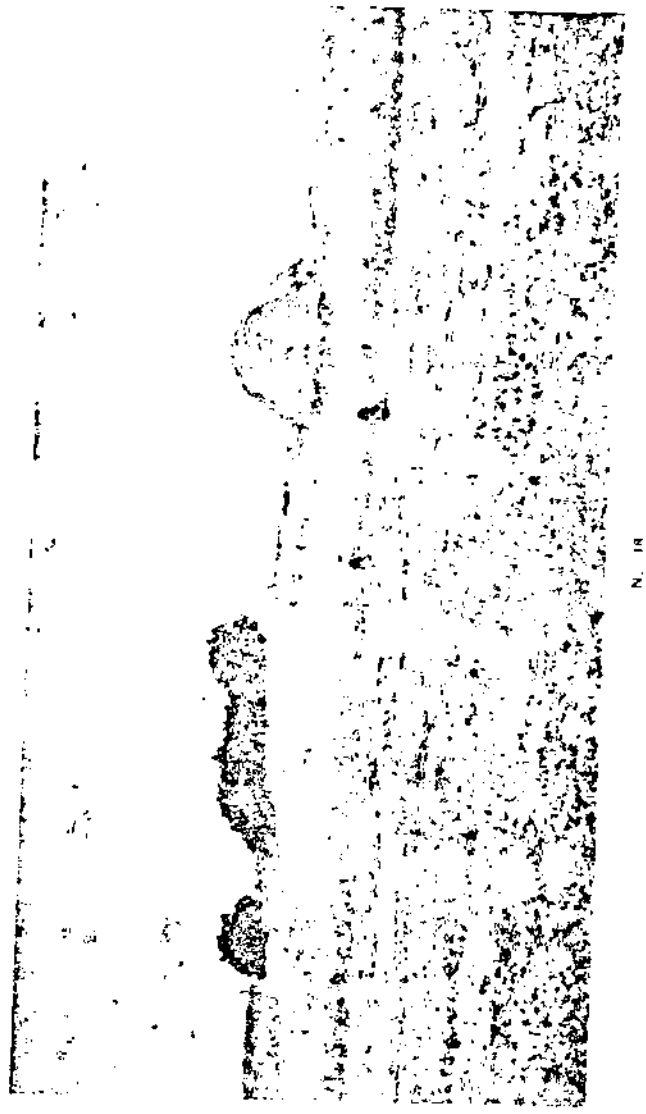
N° 36



N. 33



N. 34









N. 43



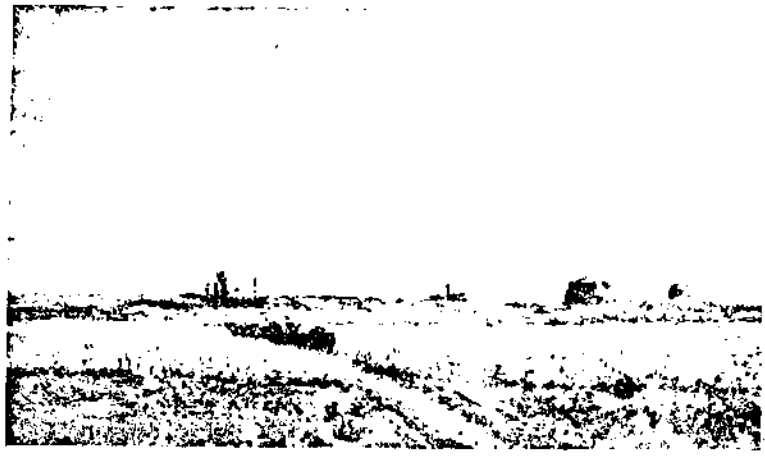
N. 44



N. 45



N. 46

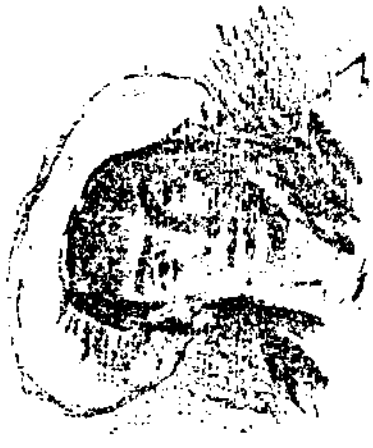


N. 47



N.° 59







N.° 3-D



N.° 4-D



N.° 5-D

OBSERVAÇÃO: — Por se ter verificado que a tela n.º 77 não é da autoria de Silva Porto, não foi exposta.

"EXPOSIÇÃO CENTENÁRIA COMEMORATIVA DO NASCIMENTO DO GRANDE PINTOR SILVA PORTO"

(S.N.B.A. - Outubro/Novembro de 1950)

(Junta-se fotocópia do respectivo "Catálogo", o qual se encontra arquivado na S.N.B.A.)

136

COMEMORAÇÃO CENTENÁRIA DO
NASCIMENTO DO GRANDE PINTOR

SILVA PORTO

(11-XI-1850 — 11-XI-1950)



PROMOVIDA PELA
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1950

Perante a notável projecção da Obra de Silva Porto cumpria à Sociedade Nacional de Belas Artes comemorar o centenário do seu nascimento, sendo nomeada uma comissão a fim de colaborar com a Direcção.

Concordou-se realizar a presente exposição com elementos do património da Sociedade e obras na posse de particulares que generosa e gentilmente as cederam, não nos sendo possível obter outras que mais a valorizariam.

Pretendeu-se, com esses elementos, patentear a actividade evolutiva do glorioso Artista que vai da infância ao seu apogeu e, para esse fim, houve que expor uma diversidade de trabalhos, desde o simples apontamento à obra definitiva.

COMISSÃO DE HONRA

PRESIDENTE

O Presidente da Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes
ANJOS TEIXEIRA (FILHO) — Escultor

VOGAIS

Professor-Pintor LUÍS VARELA ALDEMIRA
Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes
e Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa

Pintor ALBERTO DE SOUSA
Presidente do Conselho Fiscal da Sociedade Nacional de Belas Artes

Pintor DOMINGOS COSTA
Aluno de Silva Porto na Escola de Belas Artes de Lisboa

Pintor ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO E SILVA
Sócio Fundador e Director do Grémio Artístico

Professor-Pintor JOAQUIM LOPES
Director da Escola de Belas Artes do Porto

Professor-Pintor ACÁCIO LINO
Professor Jubilado da Escola de Belas Artes do Porto

Professor-Pintor ANTÓNIO SAÚDE
Presidente do Conselho Técnico e da Secção de Pintura
da Sociedade Nacional de Belas Artes
e do Grupo Silva Porto

Escultor EUCLIDES VAZ
Presidente da Secção de Escultura da Sociedade Nacional de Belas Artes

Arquitecto FRANCISCO KEIL DO AMARAL
Presidente da Secção de Arquitectura da Sociedade Nacional de Belas Artes

Professor-Pintor FERNANDO SANTOS
Presidente da Secção de Desenho da Sociedade Nacional de Belas Artes

Professor-Pintor JÚLIO SANTOS
Presidente da Secção de Artes Decorativas da Sociedade Nacional de Belas Artes

Professor FERNANDO LOPES GRAÇA
Presidente da Secção de Música da Sociedade Nacional de Belas Artes

Professor-Pintor JOÃO DE MELO FALCÃO TRIGOSO
Da antiga Sociedade Silva Porto e Grupo Silva Porto

Pintor JOÃO REIS
Do Grupo Silva Porto

AMILCAR DE BARROS QUEIROZ
Da Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes
e Presidente da Secção de Propaganda

P R O G R A M A

28 DE OUTUBRO A 8 DE NOVEMBRO

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

8 DE NOVEMBRO ÀS 21,30

CONFERÊNCIA PELO EMINENTE HOMEM DE CIÊNCIA
PROFESSOR DOUTOR EGAS MONIZ SOBRE *SILICA PORTO*

11 DE NOVEMBRO ÀS 16 HORAS

COLOCAÇÃO DUMA PALMA EM BRONZE NO MONUMENTO
A *SILICA PORTO*, NA AVENIDA GRÃO VASCO, EM BENFICA,
PRONUNCIANDO ALGUMAS PALAVRAS O PRESIDENTE DA
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

NOTAS BIOGRÁFICAS

Silva Porto nasceu em 11 de Novembro de 1850 na rua da Ponte Nova, na cidade do Porto. Era seu nome António Carvalho da Silva, a que juntou o apelido «Porto» por devotado bairrismo à cidade que lhe foi berço, sendo como quasẽ todas as grandes figuras, de origem humilde, filho dum modesto latoeiro.

Revelara sempre uma tendência natural para o desenho o que levou o pai a matriculá-lo, a par da Escola Industrial do Porto, que cursou durante dois anos com distinção, na Escola de Belas Artes, na qual obteve altas classificações nos cursos de arquitectura, escultura e pintura, de 1865 a 1873.

A pintura conquistou-o particularmente e aos 23 anos, depois de terminados os seus cursos, obteve por concurso uma pensão do Estado e partiu para Paris a completar a sua educação, tendo sido discípulo de Cabanel, Daubigny, Beauveri, Yon e Giroseilles, desde 1873 a 1877.

Neste último ano seguiu para Roma, Veneza, Capri, Como, etc., e no regresso, mas agora à sua custa, percorreu ainda os grandes centros artísticos da Holanda, Bélgica, Inglaterra e Espanha, dos quais trouxe preciosos apontamentos.

Os seus trabalhos figuraram no Salon de Paris em 1876, 1878 e 1879, concorrendo ainda, em 1878, à Exposição Universal daquela cidade, onde conquistou os seus primeiros prémios. Em 1881 expôs também em Madrid, por ocasião das celebrações centenárias de Calderon.

Regressou a Portugal em 1879 e Lisboa atraiu-o e aqui se instalou sendo nomeado interinamente naquele mesmo ano professor da Escola de Belas Artes da aula de «paisagem», na vaga deixada por Tomás da Anunciação, falecido em 3 de Abril desse ano, e, algum tempo depois, professor do curso geral de Desenho. Em 1883 era professor efectivo.

Em Portugal expôs pela primeira vez, em Lisboa, em 1880 na 12.ª Exposição da Sociedade Promotora de Belas Artes onde obteve a 2.ª medalha e ainda na 13.ª Exposição, 1884, e 14.ª, em 1887, a última que a Promotora realizou, e Exposição Industrial do Porto, classificado com a 2.ª medalha.

Tomou também parte nas exposições realizadas de 1881 a 1888,

pelo Grupo do Leão, de que era o Mestre, o Chefe, e em 1891/92/93 no Grémio Artístico, de que foi fundador e presidente, tendo obtido a 1.ª medalha em pintura.

Em 1888 concorreu à Exposição Industrial de Lisboa com os quadros «A Salmeja» e «A Volta do Mercado», conferindo-lhe o júri a medalha de ouro.

Silva Porto foi um dos artistas que tomaram parte nos trabalhos comemorativos do tri-centenário de Camões, sendo seu o desenho do carro de guerra.

Foi em torno do seu laureado nome que se fundou o Grupo do Leão, de audaciosa pintura naturalista.

Ao Grupo do Leão, já então com numerosos adeptos, sucedeu-se o Grémio Artístico e tanto nas reuniões preparatórias como nas reuniões, já, do próprio Grémio, Silva Porto foi sempre duma assiduidade apreciável e figurou em quase todas as comissões para as categorizar com o seu nome respeitado.

Um dia, porém, faltou à sessão de 9 de Maio de 1893. A Direcção esperou e ficou esperançada que o seu querido presidente voltaria de novo a oferecer o seu esforço para a defesa dos interêsses do Grémio Artístico. Mas não voltou. A sua figura de bondade desapareceu para sempre no dia 1 de Junho de 1893, deixando atrás de si um rasto de luz que ainda se não apagou.

Várias homenagens foram prestadas à sua memória entre elas a construção do Mausoleu, no Cemitério Oriental, por iniciativa do Grémio Artístico, inaugurado em 1 de Junho de 1897.

Também a ideia dum monumento foi aprovada pelo Grémio Artístico, mas a sua realização foi-se arrastando por dificuldades financeiras. A ideia voltou porém a ganhar vulto com a Sociedade Nacional de Belas Artes e em 1905 Costa Mota (Sobrinho) apresentou o respectivo projecto, mas só em 1921 foi lançada a primeira pedra e inaugurado em 1926.

A estas manifestações devemos juntar a criação da Sociedade Silva Porto, fundada por Carlos Reis, António Saúde, Falcão Trigoso, Alves Cardoso e outros, em 1896, e mais tarde os mesmos com Frederico Aires e João Reis o Grupo de Ar Livre «Silva Porto», como ainda, da iniciativa do professor Carlos Reis, um obelisco no jardim da sua casa da Lousã, em memória do saudoso paisagista.

O P E R F I L

Silva Porto visto pelos homens do seu tempo

«... Organização impressionável e delicada; perfeitamente educado para a sua arte, sabendo ver, sabendo sentir e sabendo executar; bom, simples e afectuoso; querido e admirado de todos — Silva Porto era verdadeiramente um mestre, conquistara um prestígio enorme, e, na arte nacional, exerceu uma profundíssima acção renovadora. Foi o iniciador e era o chefe da escola contemporânea de paisagistas. ...»

(Do Relatório da Direcção do Grémio Artístico, aprovado em sessão de 19 de Maio de 1901).

«... Artistas como Silva Porto são criadores; eles imortalizam o indivíduo, iluminam a história, fixam o aspecto, como que santificam o trabalho.

Este gostava da paisagem, do animal dos campos, do trabalho rural; sabia achar a nota dramática da vida, da luta, da natureza, na lavoura forte, na azenha agreste.

Era um mestre, foi entre nós um inovador. Não será fácil substituí-lo; é impossível no momento actual. A sua morte é por isso muito sensível na arte portuguesa, é na verdade uma perda para a nação.

E morre tão cedo! cortado em plena vida, no auge da sua mestria de pintor!

Ele marcou um grande passo progressivo na pintura portuguesa; viu, compreendeu, exprimiu, melhor que os antecedentes.

Ele conquistou a impressão luminosa, tão especial, do céu português. Era um naturalista, vendo, justamente e dando ao mesmo tempo o lado poético; há idílios encantadores nas suas telas; as suas pinturas prendem, consolam e fazem cismar.

(De um discurso de Gabriel Pereira no funeral de Silva Porto)

«... Porque de todas as obras do homem, só a obra de arte é eterna. Dos grandes conquistadores, dos grandes sábios, dos grandes santos, fica o nome na história, a obra passa; mas dos grandes artistas fica o nome e a obra.

Silva Porto não pintará mais obras-primas. O destino arrebatou-no-lo no vigor da vida e do talento, no meio da sua carreira; mas, ainda assim, o valiosíssimo património que ele nos deixou com os seus quadros admiráveis, dá-lhe direito ao reconhecimento perpétuo do seu país, e é um enorme, um precioso título para a terra que lhe foi berço.

Silva Porto foi um grande artista e um homem bom.

Podia ser vaidoso e era modesto; podia ser arrogante e era benévolo e tímido; podia ser um fanfarrão e era um taciturno.

Tinha todas as qualidades dos grandes, o talento, o amor entranhado da arte, a rectidão de carácter, a bondade do coração, a constância no trabalho. ...»

(De um discurso de Emídio de Brito Monteiro no funeral de Silva Porto).

«... não será difícil, assim, fazer notar a segurança e a espontaneidade da sua execução de mestre; mostrar como ele sabia dar aos seus quadros, irrepreensivelmente, a cor local, como, educado em país estranho, foi depois um pintor tão português, tão nosso; pôr em relevo a sua acção energica, poderosa, indiscutível, no evidentíssimo e consolador progresso da pintura em Portugal nestes últimos quinze anos e finalmente, provar que Silva Porto não era um realista desapaixonado e frio, ùnicamente preocupado com a reprodução exacta do que via mas que, pelo contrário, tinha a percepção da vaga poesia da natureza, era um contemplativo, um cismador, um delicado, um melancólico, traindo na pintura a comoção religiosa do seu ser perante o espectáculo das coisas, e a tristeza serena, suave, resignada da sua alma. (...)

. . é inquestionável que pelos trezentos ou quatrocentos quadros que subscreveu, se pode reconstituir, traço a traço, a sua fisionomia artística, e que essa é das mais nobres, das mais inconfundíveis, das mais acentuadamente portuguesas; e é também inquestionável que a sua arte é daquelas que nós devemos bendizer e adorar, porque nos consola, porque nos orvalha a alma de bondade e de enternecimento, e que a sua pintura há-de sempre atrair-nos e emocionar-nos, porque exprime bem esse «quid» de vago, de triste, de saudoso, que constitui o fundo do carácter nacional e tão intensamente se reflecte no lirismo sentido e profundo da nossa poesia popular. ...»

(De uma alocução de D. José Pessanha lida na sessão em que foi inaugurado o retrato de Silva Porto).

«... Quando Silva Porto veio para Lisboa, tão moço ainda, com as faculdades todas vibrantes da sua longa peregrinação de estudo por França e pela Itália, pelos Países Baixos e pela Espanha, a pintura jazia aqui numa crise próxima da agonia, entregue à sua sorte pela dispersão de vontades que poderiam alentá-la, e sobretudo pela incúria das estações oficiais, pela incompreensão do público, por esse terrível desapego geral, cujos efeitos

repetidos com tanta constância atestariam tristemente a aptidão estética da nossa raça, se não representassem antes um entranhado vício de educação.

Chegou ele então com os seus belos quadros, que tinham uma frescura e um encanto de aurora, palpitantes de impressões sinceras da natureza, vivificados de pleno ar, e desembrulhados das convenções que aconselham certos formulários de escola. E não tardou que em torno do brilhante professor de paisagem se agrupassem os elementos de resistência e de luta, que neste meio restavam, levantando se um espírito de iniciativa imanado espontâneamente daquele portador feliz da Boa Nova da pintura. Agora me lembro melancólicamente de que, quando se abriu a primeira exposição de arte organizada pelo desenvolto «Grupo do Leão», os companheiros de Silva Porto nessa aventureira tentativa, sucedida dum êxito tão largo, costumavam dizer-lhe num gracejo cheio de amor, que ele acolhia com o seu sorriso de bondade:

— Este é o nosso divino Mestre...

De facto, Silva Porto derramou amplamente a verdade, com a profusão luminosa das suas telas, e com a generosidade do seu ensino, praticado com a irrepreensível honestidade profissional que completava a probidade inteira do seu carácter: e atraiu para um caminho abençoado de progresso os trabalhadores da paleta, que estavam em risco de perder-se na obscuridade atrofiadora. E nunca a sua acção benéfica esmoreceu nem lhe foi diminuída a supremacia que se assinalara desde a sua aparição. Ele não fez pregão de doutrinas, não assoalhou programas ou manifestos; mas executou com tenacidade a mais nobre e mais útil propaganda, mostrando o exemplo saudável das suas obras, em que robusteceu e depurou consecutivamente a harmonia do estilo magistral, que era a expressão perfeita do seu temperamento.

(Da alocução de Monteiro Ramalho lida na sessão em que foi inaugurado o retrato de Silva Porto).

«Se é certo que um país é tanto mais digno de se considerar a par das nações civilizadas, quanto melhor sabe cultivar a arte e honrar os artistas, nós, perante o mundo culto, reclamamos de direito esse lugar. (...)

Ele foi um mestre e um reformador; foi mestre de nós todos e sê-lo-á das gerações futuras; vive na sua obra, que, por tantos títulos, se destaca na nossa evolução artística, que tão alto afirma essa organização privilegiada, uma das mais poderosas, senão a mais poderosa que até hoje tem aparecido em Portugal. Silva Porto teve a rara fortuna de

se impor a todos, porque todos o compreenderam. Logo às primeiras manifestações do seu talento refulgente, conquistou os aplausos da crítica e o respeito dos mestres. (...)

É por isso que a obra de Silva Porto, sobre ser a obra de um sincero, de um profundo admirador da natureza, é sobretudo a obra de um mestre, porque ele rasgou novos horizontes aos seus discípulos e pôs em todos os seus trabalhos a nota sentidamente humana do seu grande temperamento. (...)

E nós então, formando círculo em volta do mestre, com os olhos pregados nas tábuas em que ele tanto gostava de pintar, assistíamos a um prodígio: — desse pedaço de madeira surgia a seara dourada pelo sol mordente de Julho, surgiam as azinhagas marginadas de piteiras, tão características dos arredores de Lisboa, mas todo tão real, tão simples, de verdade e de emoção, que dir-se-ia que o mestre não pintava com as cores da sua paleta insubstituível, mas sim com a própria luz que sobre ela jorrava, porque toda a sua obra é luz; e era a luz que, por sua inspiração, guiava os nossos primeiros passos de artistas; é a luz que ainda hoje nos ilumina; é a luz que brilha como a mais refulgente estrela da arte portuguesa!»

(Do discurso de Carlos Reis na sessão solene em homenagem à memória de Silva Porto).

«... É para nós, alunos, que a sua perda, a sua ausência de quatro anos, é mais do que uma perda nacional: — é a falta de um professor, de um amigo dedicado, que nos amparava logo aos primeiros passos nas nossas tentativas, mostrando-nos, com toda a fidelidade, os mil encantos da natureza, que o grande mestre conhecia e apreciava como ninguém.

É perante vós, professores, companheiros dedicados do falecido Mestre que há quatro anos choramos, e de vós, condiscípulos, irmãos no estudo e no trabalho, que eu, o mais modesto de vós todos, o que menos pôde avaliar as suas raras virtudes, os seus exímios trabalhos de paisagista consumado, tributo à memória de Silva Porto, a mais sentida homenagem de irremediável saudade e profunda admiração. ...»

(Do discurso de Alfredo Maria de Campos, aluno do 4.º ano do curso geral da Escola de Belas Artes, em nome dos alunos da mesma Escola, proferido no acto da trasladação de Silva Porto).

«... Não se pode ter da força da aplicação e da constância do trabalho um espectáculo mais consolador e mais benéfico do que eu tinha diante dos olhos. Eu, velho trabalhador, que já me tenho por experimentado,

mas que tantas vezes desanimo ainda em medonhas horas desfalecidas, envenenadas de indiferença ou de pusilanimidade para a luta, tive vontade de abraçar esse belo e corajoso rapaz, de me retemperar pelo contacto da sua natureza na força de alma de que ele me dava a lição mais eloquente e mais saudável.

Sim, grande mestre e bom amigo tu irás avante e triunfarás brilhantemente na vida, porque descobriste nos anos oscilantes da inexperiência o segredo de ser perfeito. (...)

«... Todos os quadros de Silva Porto, todos os seus esboços, todos os seus estudos são feitos ao ar livre, em plena luz, defronte do vivo. É por isso que em todas as suas telas se admira, como a centelha do talento, a palpitação poderosa da verdade, transmitida através da personalidade sincera e bondosa de um homem simples que aprendeu a amar a natureza à força de a inquirir e de se lhe dedicar.»

(Ramalho Ortigão «Arte Portuguesa» 3.º volume).

C A T Á L O G O

Ó L E O S

1 — NU (Estudo — Roma)
2 — PAISAGEM MINHOTA
3 — A LOTA DO PEIXE
4 — A MOLICEIRA
5 — PRAIA DO NORTE
6 — LAVADEIRAS NO TANQUE
7 — CAMPO DA GOLEGÃ
8 — PAISAGEM DE AZEITÃO
9 — CAMPO EM FLOR (Por concluir)
10 — A MULHER DA BRETANHA
11 — O MOÍNHO (Barreiro)
12 — CHARNECA ALENTEJANA
13 — MACIEIRAS
14 — A QUEIMA DO ALCATRÃO
15 — CHARNECA DE BELAS
16 — ESTUDO DE PAISAGEM
17 — PARREIRA (Incompleto)
18 — O MOÍNHO
19 — PAISAGEM (Torres Vedras)
20 — PENEDOS
21 — A CABANA
22 — MARGENS DO OISE
23 — PAISAGEM FRANCESA
24 — INTERIOR DE IGREJA (Itália)
25 — UMA RUA (Itália)
26 — CASA (Pintura em folha de Flandres, feita pelo artista aos 14 anos)
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Anastácio Gonçalves)
27 — RAPARIGAS DO LUMIAR (Incompleto)

28 — FLORES

29 — FLORES

30 — RETRATO DO FILHO DE SILVA PORTO, ANTÓNIO
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Carlos Alberto da Silva Porto, filho de Silva Porto)

31 — MULHER ITALIANA
(Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Comesuli Ferreira)

32 — DUNAS

33 — DUNAS

34 — PAISAGEM
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Professor Doutor Egas Moniz)

35 — PESCADOR
(Pertence à Ex.ma Sr.ª D. Emília Melo Osório (Proença-a-Velha)

36 PASSAGEM DA BARCA

37 — ESTUDO DO QUADRO PASSAGEM DA BARCA

38 CANCELA

39 RAPARIGA DOBANDO

40 LUGAR DO PRADO
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Jorge Ferreira das Neves)

41 RETRATO

42 AREIAS

43 AREIAS

44 PAISAGEM
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Bustorff Silva)

45 PORTINHO DA ARRÁBIDA
(Pertence ao Ex.mo Sr. Karl Andersen)

46 — PALMEIRAS

47 — CASAS
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Duque de Palmela)

48 PAISAGEM

49 — PRAIA

50 — BARCOS DO DOURO

51 — VACAS

52 MINHOTA
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

53 MARGENS DO VISELA
(Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Francisco Caeiro)

54 PAISAGEM

55 — BARCAS
(Pertencem ao Ex.mo Sr. José Filipe Rodrigues)

56 — CONVERSANDO (Retratos da Mulher do Artista e Dona Maria Augusta Bordalo Pinheiro)

57 — BURROS

58 — PAISAGEM DE CARRICHE
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Ramos da Costa)

59 - FLORES
(Pertence ao Ex.mo Sr. Silva Santos)

60 — RUA DA ALDEIA

61 — PAISAGEM
(da Colecção do Pintor Carlos Reis)

62 — PAISAGEM

63 - PAISAGEM

64 - A CASEIRA DA QUINTA DO PAÇO
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Augusto Fernandes de Almeida)

65 - PAISAGEM
(Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. António Craveiro Lopes)

66 - PAISAGEM
(Pertence ao Ex.mo Sr. Comandante Juliano de Carvalho)

67 — CABEÇA DE VITELA
(Pertence ao Ex.mo Sr. José Frederico Torres Pereira)

68 - DEBULHA

69 — A SALMEJA (Estudo)

70 - PAISAGEM

71 — BARCO
(Pertencem a Ex.mas Sr.as Dona Joana Maria Torres Pereira)

72 — RETRATO DO MÉDICO DOUTOR ILDEFONSO DA SILVA
(Pertence à Sociedade de Ciências Médicas)

73 — PAISAGEM
(Pertence ao Ex.mo Sr. José Bragança)

74 — PAISAGEM
(Cedido gentilmente pelo Ex.mo Sr. Director Geral da Fazenda Pública)

75 - PONTE EM ALCOBAÇA (Por concluir)

76 - CASA MINHOTA (Por concluir)

77 — CARRO DE TORRES VEDRAS (Estudo)

78 — BÚZIOS (1870/1873) (Estudo)
(Pertencem à Sociedade Nacional de Belas Artes)

79 — VOLTA DO TRABALHO (Para venda)
(Pertence ao Ex.mo Sr. Ricardo de Freitas Ribeiro)

80 — PAISAGEM (Apontamento)
(Pertence à Ex.ma Sr.a D. Preciosa da Cruz Silva Pinheiro)

81 — PAISAGEM
Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Mário Carmona)

82 — PAISAGEM

83 — MULHER NO BURRO (Estudo)

84 — CAMPINO (Estudo)

85 — CAVALOS NA FONTE (Estudo)

86 — PAISAGEM

87 — FLORES SILVESTRES

88 — ROMÂNS

89 — PAISAGEM (Incompleta)

90 — PAISAGEM

91 — NORTE

92 — PAISAGEM

93 — RAPARIGAS (Estudo)

94 — CARNEIROS (Estudo)

95 — CASTANHEIROS
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Dom Caetano de Portugal)

96 — RETRATO da Ex.ma Sr.ª Dona Elisa Bon Sousa Roxo
(Pertence ao Ex.mo Sr. Luiz Bon de Sousa Roxo)

97 — PAISAGEM

98 — PAISAGEM
(Pertence ao Ex.mo Sr. Manuel da Costa Falcão)

99 — PAISAGEM
(Pertence ao Ex.mo Sr. Tito Cerónimo da Silva Lagos)

D E S E N H O S

DESENHOS INFANTIS

1 a 41 — ESTUDOS

42 — ESTUDO ACADÉMICO

43 — ESTUDO ACADÉMICO
(Pertencem à Sociedade Nacional de Belas Artes)

44 — AUTO-RETRATO — aos 23 anos

45 — Retrato da Ex.ma Sr.ª Dona Adelaide Torres Pereira Silva Porto
Mulher do Artista

46 — Retrato do filho de Silva Porto, Carlos Alberto
(Pertencem ao Ex.mo Sr. Carlos Alberto da Silva Porto)

47 — PAISAGEM (esboço a pastel)
(Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes)

AGUARELAS

48 — PLANÍCIE EM BARBIZON

49 LA BUTTE DU LION (Waterloo)
(Pertencem à Sociedade Nacional de Belas Artes)

DIPLOMAS ESCOLARES

ESCOLA COMERCIAL DO PORTO

Distinção — Novembro 1866
Distinção — Outubro 1868

ACADEMIA PORTUGUESA DE BELAS ARTES

Digno de Elogio — 1.º ano de Desenho Histórico — Agosto 1866
Digno de Elogio — 4.º ano de Desenho Histórico — 1869
Digno de Elogio — 2.º ano de Escultura — 1869
Digno de Elogio — 3.º ano de Arquitectura — 1869
Digno de Elogio — Perspectiva — 1870
Primeiro Prémio Pecuniário — 5.º ano de Desenho Histórico — 1870
Digno de Elogio — 3.º ano de Escultura — 1870
Digno de Elogio — 1.º ano de Arquitectura — 1870
Digno de Elogio — 4.º ano de Escultura — 1871
Digno de Louvor — 5.º ano de Arquitectura — 1871
Digno de Elogio — 1.º ano de Pintura Histórica — 1871
Digno de Louvor — 5.º ano de Escultura — 1872
Digno de Louvor — 2.º ano de Pintura Histórica — 1873
Digno de Louvor — 3.º ano de Pintura Histórica — 1874
(Pertencem à Sociedade Nacional de Belas Artes)

D I V E R S O S

OS BOIS — Desenho e litografia de Silva Porto
(Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes)
BUSTO DE SILVA PORTO — Original de Costa Mota (Sobrinho)
(Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes)
PALETA DO ARTISTA — Oferta da viuva de Silva Porto
(Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes)

Desenhos elementares de ornato (1865)
Desenhos de máquinas (1865/1866)
Desenhos de figura
Desenhos de arquitectura
Desenhos de anatomia
Desenhos de perspectiva e sombra
Apontamentos diversos

"EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA CINQUENTENÁRIA" - 1901/1951
(S.N.B.A., Lisboa, 1951)

(Junta-se fotocópia do respectivo "Catálogo", o qual se encontra arquivado na S.N.B.A.)

SOCIEDADE NACIONAL
DE BELAS ARTES

138

EXPOSIÇÃO
RETROSPECTIVA
CINQUENTENÁRIA
1901 1951



ABERTA DE 9 A 24 DE JUNHO

A Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, agradece a valiosa colaboração dada pelos 15 sócios fundadores desta Casa, a quém presta as suas homenagens, destacando a «Comissão Executiva», sem a dedicação da qual não teria sido possível esta realização notável.

A Direcção

COMISSÃO DE HONRA

:nte da Assembléia Geral, Prof. LUÍS VARELA ALDEMIRA

Sócios fundadores:

Pintora D. MARIA AMÉLIA DA COSTA NÉRY

:ntora D. SARAH DE VASCONCELOS GONÇALVES

Pintor ALBERTO SOUZA

Pintor ALFREDO DE MORAES

Escultor ANTÓNIO A. DA COSTA MOTA, Sob.

Pintor ANTÓNIO SAUDE

Pintor ANTÓNIO T. CONCEIÇÃO SILVA

Pintor DAVID E. DE MELO

Pintor DOMINGOS COSTA

Pintor JOÃO M. FALCÃO TRIGOSO

Pintor JOÃO C. MATOSO DA FONSECA

Escultor JOSÉ ISIDORO NETTO

Arquitecto MANUEL J. NORTE JÚNIOR

Pintor PEDRO GUEDES

Pintor RAFAEL DE CASTRO

DIRECÇÃO

Presidente, Escultor ANJOS TEIXEIRA

Vice-Presidente, Pintor JULIO SANTOS

1.º Secretário, Arquitecto FRANCISCO CASTRO RODRIGUES

2.º Secretário, Dr. JAIME MURTEIRA

1.º Tesoureiro, Arquitecto JOÃO SIMÕES

2.º Tesoureiro, Escultor VASCO PEREIRA DA CONCEIÇÃO

Vogal, AMILCAR DE BARROS QUEIROZ

Suplente, ÁLVARO PERDIGÃO

COMISSÃO EXECUTIVA

Escultor ANJOS TEIXEIRA, Presidente da Direcção

Arquitecto INÁCIO PEREZ FERNANDEZ, Presidente do «Sindicato dos Arquitectos»

Pintor ANTÓNIO CONCEIÇÃO SILVA

Pintor ANTÓNIO SAUDE

Pintor JOÃO M. FALCÃO TRIGOSO

Pintor PEDRO GUEDES

ntilmente os trabalhos que figuram nesta Exposição:

luseu Nacional de Arte Contemporânea
ámara Municipal do Porto
. Albertina Ribeiro
amília Roque Gameiro
amília Simões de Almeida
. Fernanda de Melo Rego
ernando Mardel
. Lavínia de Sacadura Bretes Alves Cardoso
me Sousa Rosa
. Maria Adelina de Melo Veloso Salgado
. Maria da Graça Bleck da Silva
. Maria Faustina Simões Alves Margiochi
gostinho Fernandes
r. António Anastácio Gonçalves
ntónio Eça de Queiroz
)r. F. R. da Costa
ão da Costa Falcão
r. João de Deus Ramos
ão Reis
osé Ribeiro Júnior
lanuel Posser de Andrade
r. Pedro Batalha Reis
)r. Ricardo Espírito Santo
uy Vaz
ng. Sebastião Garcia Ramirez
isconde de Assêca
isconde de Santa Margarida

P R O G R A M A

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO A 9 E ENCERRAMENTO A 24 DE JUNHO

■

CONFERÊNCIAS

DR. REINALDO DOS SANTOS
PRESIDENTE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

DR. JOÃO COUTO
DIRECTOR DO MUSEU DE ARTE ANTIGA

■

DIA 20

CONCÊRTO PELA ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

■

BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO

Nesta comemoração do *Cinquentenário da Sociedade Nacional de Belas Artes*, iniciada no dia 16 de Março com uma Sessão solene e o descerramento duma lápide no seu átrio de entrada onde vivem em medalhão alguns dos nossos maiores artistas contemporâneos, resolveu a Direcção, ao organizar a presente exposição dos artistas falecidos que foram premiados com a *Medalha de Honra*, tornar extensiva a evocação na homenagem aos primeiros actos associativos no espírito e na disciplina dos artistas portugueses. É breve, porém, a sua história, porque ainda não data de há um século.

As exposições de Arte, colectivas, limitavam-se a tarefas escolares, de programa instituicional, com o propósito de revelação pública por meio de provas práticas, da proficiência nos ensinos e por especialidades, nas Academias de Belas Artes, há pouco fundadas. A primeira destas exposições, na qual os Professores e os Académicos se apresentaram ao lado dos estudantes, realizara-se em 1840. Outras se seguiram com auxílio às famas dos mestres e demonstrações de concepção moderna nos alunos, que provocaram ataques de políticos, confundindo sonhos e valores que anseavam expansões de cultura, com vaidades ou interesses individuais.

Anunciação, com o seu espírito e o seu sentimento associativos, desde que fôra eleito para o Corpo docente da Academia de Lisboa, logo aliciou sem preferências os artistas consagrados e novos, para que se associassem em pé de igualdade, cada qual com os seus méritos e os seus ideais, e fundassem uma sociedade para periòdicamente apresentarem em exposição pública as melhores obras da sua invenção, fora daquelas limitadas condições académicas. Foi assim, que os pintores românticos inauguraram em 1862, a primeira exposição da recém-fundada *Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal* sob os auspícios régios de D. Pedro V, nas próprias salas da Academia, por outras não haver em condições, exactamente onde hoje está instalado o Museu Nacional de Arte Contemporânea, que arquiva e exibe a principal produção artística daquela e das seguintes épocas.

Esta Sociedade, cujo título era o mesmo doutra similar sua contemporânea, fundada em Nápoles, foi, portanto, a primeira Associação de artistas que houvemos, não contando com a Irmandade de S. Lucas, de Artes e Ofícios, nem com as Academias de diversa origem, que nunca organizaram qualquer demonstração exposicional das suas actividades. Ás catorze exposições que efectivou, sendo a última de 1887, concorreram os melhores artistas daquele período, cuja escolha de valores representativos agora foi feita para na presente exposição se prestar a devida homenagem às heranças das iniciativas do passado, neste panorama histórico das nossas associações de Arte.

Tendo falecido Anunciação, tomara o seu lugar, Silva Porto, não só na cátedra do professorado na Academia, como também no encorajamento agremiativo dos artistas. Logo em seu redor agruparam os mais jovens pintores de então, considerados revolucionários, que fundaram o *Grupo do Leão*, em 1881, em reacção de modernidade condenatória da orientação da Sociedade Promotora, que manifestamente denunciava declínio. Alguns destes novos artistas deram simultâneamente cooperação às exibições da Promotora e às do Grupo, as quais em breve, com a colabo-

ração de outros valorosos elementos, competiriam com aquelas. Percorrendo insuficientes instalações, por empréstimo, estas oito exposições findariam em 1888.

A presença da grande tela de Columbano, com os retratos dos fundadores do Grupo do Leão, na exposição de agora, significa na sua ordem cronológica a importância associativa desses artistas, que neste catálogo não está de outra forma expresso, visto muitos deles terem feito parte das duas Sociedades, a anterior e a posterior, que ora se recordam.

Ao mesmo tempo é justo registar-se nestas linhas a missão paralela dos artistas do Porto, que em 1879, por iniciativa de Soares dos Reis e Marques de Oliveira, ali fundaram o *Centro Artístico Portuense*, organizando iguais exposições públicas até 1883, para quatro anos depois se formar o *Grupo de Exposições de Arte*, que continuou aquela tarefa e a encerrou em 1895.

Resolvendo o Grupo do Leão suspender as actividades para que, numa fusão de esforços, se organizasse uma nova Sociedade, foi resolvido fundar-se o *Grémio Artístico*, em 1890, com alvará oficial. Em exposições anuais, iniciadas em 1891, sem qualquer interrupção, em precários recintos por míngua de instalação própria, que viria a ser compreensível causa para suspensão dessas freimas, o Grémio houve de findar tão auspiciosas empresas no ano de 1899, sempre com a colaboração do Rei D. Carlos, que inaugurara essas nove grandes exposições.

É então, com o surgimento do século XX, que após a compilação e aprovação dos estatutos, na mais tenaz e beneficiativa cooperação de artistas e de adeptos associados, se fundou a SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, em 1901, realizando nesse ano a sua primeira exposição. Doze anos depois, em edifício expressamente construído e delineado por Álvaro Machado, onde finalmente se instalara a sede da casa dos Artistas Portugueses, colectividade reconhecida pelo Estado, passaram as

exposições, não só da Sociedade mas as individuais ou de núcleos dos seus sócios, a efectivarem-se aqui.

El-Rei D. Carlos e a Rainha Dona Amélia honraram as festas da Associação com a sua presença e com a sua representação artística, que viria a ser premiada com a Medalha de Honra que D. Carlos conquistou em 1904, como verdadeiro artista que era, de fina sensibilidade e apurada técnica. Porque, devido ao recente falecimento do pintor Ferreira Chaves, nesse 1.º Salão se organizasse exposição póstuma do mestre, foi a este conferida, em excepção de retrospectividade, a 1.ª Medalha de Honra. Depois dele, em anos subsequentes, foram até hoje distribuídas a artistas portugueses algumas dezenas destas Medalhas, sendo na presente exposição apenas registadas as que foram ganhas pelos artistas e sócios da Sociedade, falecidos.

Resultou, pois, esta homenagem em memória da fundação da SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, numa exposição retrospectiva, para a qual deram solicitada cooperação, o Estado, com as obras do seu Património pertencentes ao Museu de Lisboa, e muitas colecções de particulares.

Cinquenta anos de canseiras e persistências numa associação de classe, particularmente duma colectividade, que por natureza e desejos de constantes reformas e perfeições, é insatisfeita e composta por personalidades tão dispares, que chegam a pelejas de ideais e de inconformismos no seu modo diferente de amar a Arte, representa na realidade um facto de significado associativo tão elevado, quão admirado e merecedor de louvores. Longa seria a enumeração de iniciativas desta Sociedade, que as Direcções e as Assembleias Gerais defendem, remodelam ou substituem por outras em cada período de lógicos anseios, que lhes permitem os Estatutos e o entusiasmo pela causa comum de melhorias culturais, para nestas linhas as citarmos. Devemos, contudo, distinguir, entre tantas, as da fundação duma Biblioteca que se compõe de 5.000 volumes de Arte, duma Galeria privativa de quadros, gravuras e esculturas — o inventário de obras de Silva

Porto atinge o número de 250 — e das aulas nocturnas de desenho e pintura, com respectivos prémios e bolsas de estudo no estrangeiro, iniciativas estas que só por si justificam o título de instituição patriótica e de proveitosa colaboração no desenvolvimento da cultura artística da Nação.

A Comemoração do CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES não é caso vulgar de vaidades ou de história associativa; é muito mais do que isso, porque é de justiça e de reconhecimento que Portugal lhe deve.

DIOGO DE MACEDO

ÁTRIO DE ENTRADA

MEDALHÕES

1 — VELOSO SALGADO

2 — JOSÉ MALHOA

3 — ANJOS TEIXEIRA

4 — LUÍS MONTEIRO

5 — SILVA PORTO

6 — SIMÕES DE ALMEIDA (Tio)

7 — MIGUEL LUPI

8 — TOMÁS DA ANUNCIAÇÃO

9 — EZEQUIEL PERÉIRA

10 — CONSTANTINO FERNANDES

11 — ERNESTO CONDEIXA

12 — SOARES DOS REIS

13 — JOÃO VAZ

14 — CARLOS REIS

15 — *DESTERRADO* (bronze) por SOARES DOS REIS

16 — *PUBERDADE* (gesso) por SIMÕES DE ALMEIDA

17 — *POESIA LIRICA* (gesso) por ALBERTO NUNES

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELAS ARTES EM PORTUGAL (1862-1887)

PINTURA (ÓLEO)

VISCONDE DE MENESES (1817-1878)

18 — RETRATO DA VISCONDESSA DE MENESES
Dimensões: ... × ...
Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Ricardo Espírito Santo

Luís de Miranda Pereira de Meneses (Visconde de Meneses), portuense de nascimento, foi discípulo de Fonseca na Academia de Belas Artes de Lisboa e do alemão Overbeck em Roma.

Artista plástico cheio de talento, desde a sua juventude começou a manifestar vocação para o desenho. Afirmou-se um retratista penetrante e requintado, deixando uma vasta obra, na qual se contam, além de retratos e composições, naturezas mortas e muitas paisagens, que se encontra, em parte, disseminada no estrangeiro, sobretudo na Escócia.

O Museu Nacional de Arte Contemporânea possui deste artista, algumas telas valiosas, entre as quais se destacam o *Retrato da Viscondessa de Meneses*, o *Retrato de Antero*, etc.

Foi vice-presidente da Sociedade Promotora de Belas Artes em Portugal. Faleceu em Lisboa.

TOMÁS DA ANUNCIAÇÃO (1818-1879)

19 — CARNEIRO E BORREGO
Dimensões: 0,88 × 0,59
Pertence ao Museu Nacional de Arte Contemporânea

Tomás José da Anunciação, nasceu na freguesia da Ajuda, e cursou, com distinção, a Academia de Belas Artes de Lisboa, de 1837 a 1844.

Em 1852, foi nomeado professor interino da aula de paisagem na Academia, passando à efectividade, precedendo concurso, em 1857.

Foi a Paris em 1867, visitando os *ateliers* de Yvon, Palizzi, etc..

A obra de Anunciação, como paisagista, é vasta, distinguindo-se, porém, mais como pintor animalista.

Concorreu a várias exposições, alcançando na do Porto, em 1865, a Medalha de Honra e na de Madrid, em 1871, a Primeira Medalha.

Dedicou-se, também, à gravura, reproduzindo a água-forte, como quase todos os pintores da sua época, muitos quadros que pintou. Morreu em Lisboa.

MIGUEL LUPI (1826-1883)

20 — RETRATO DA MÃI DE SOUSA MARTINS
Dimensões: 0,77×0,62
Pertence ao M. N. A. C.

Miguel Angelo Lupi, nasceu em Lisboa. Em 1841, matriculou-se na Academia de Belas Artes de Lisboa, sendo discípulo de António Manuel de Fonseca e de outros. Frequentou a Escola Politécnica, mas desanimado com a falta de estímulo para exercer a sua Arte, decidiu procurar colocação mais remunerativa, e assim, em 1849, entrou como amanuense da Contadoria na Imprensa Nacional, onde permaneceu até 1851. Esteve em Africa e no regresso continuou a vida burocrática.

Encarregado de executar o retrato de D. Pedro V para a Sala do Tribunal de Contas, obteve, então, uma pensão do Estado para ir estudar a Roma.

De regresso a Lisboa, foi nomeado professor da cadeira de Pintura Históriaca.

A sua obra encontra-se dispersa por museus, Palácios Nacionais e galerias particulares.

Miguel Angelo Lupi foi, especialmente, um grande retratista. Morreu em Lisboa.

JOÃO CRISTINO 1829-1887)

21 — PAISAGEM COM FIGURAS
Dimensões: 0,95×1,45
Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes

João Cristino da Silva nasceu em Lisboa.

Concluindo o curso geral de desenho na Academia de Belas Artes, em 1845, passou a frequentar o de Pintura Histórica, regido por António Manuel da Fonseca, e o de paisagem, a cargo de André Monteiro da Cruz.

Recebeu, também, lições de Anunciação, de quem foi condiscípulo. Afastado por algum tempo da pintura, dedicou-se à arte de cinzelador.

Entregando-se de novo à pintura, em 1855 apresentou o quadro *Cinco Artistas em Cintra* (que eram: Anunciação, Metrass, Vítor Bastos, José Rodrigues e o autor). Este quadro foi adquirido por D. Fernando e figurou, nesse ano, em Paris, na exposição universal. Hoje encontra-se no Museu Nacional de Arte Contempotânea. Foi nomeado professor substituto de paisagem, na Academia, em 1959. Morreu em Lisboa.

ALFREDO DE ANDRADE (1839-1915)

22 — O PÂNTANO
Dimensões: 0,57×1,00
Pertence ao M. N. A. C.

Alfredo César de Andrade, pintor e arquitecto, nasceu em Lisboa e faleceu em Génova.

Em 1853, matriculou-se na Academia de Pintura daquela cidade italiana, onde foi discípulo de Tammar Luxoro. Seguiu, depois, para a Suíça, tendo como mestre o célebre pintor Calame.

Voltando a Portugal, aqui se demorou de 1864 a 1868, sendo um dos concorrentes ao monumento a D. Pedro IV.

Quando regressou à Itália foi nomeado, precedendo concurso, professor de arquitectura da Academia de Belas Artes de Génova e encarregado, pelo respectivo governo, do restauro dos seus monumentos, especialmente do Piemonte e da Ligúria.

O nome de Alfredo de Andrade é consideradíssimo em Itália, tendo sido nomeado cidadão honorário de Turim. Possuía a gran-cruz de S. Maurício e de S. Lázaro, da coroa de Itália. Era, também gran cruz de Isabel a Católica, da Legião de Honra, etc., etc..

MOURA GIRÃO (1884-1916)

23 — A GALINHA E OS PINTOS

Dimensões: 0,60×0,80

Pertence à S. N. B. A.

José de Sousa Moura Girão, foi um pintor conscienciοso. Educado no convencionalismo da escola velha, adaptou-se gradualmente aos processos pictóricos dos realistas; fraco paisagista, foi todavia um excelente animalista, que pintou de preferência, com traço vivo e levemente humorístico, galináceos e coelhos soberbos de naturalidade.

Deixou numerosos quadros.

Exerceu durante trinta e seis anos, o cargo de restaurador do Museu Nacional de Arte Antiga. Faleçeu em Lisboa.

ALFREDO KEIL (1850-1907)

24 — A PRIMAVERA

Dimensões: 0,76×1,12

Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. António Anastácio Gonçalves

Alfredo Cristiano Keil, era natural de Lisboa, falecendo em Hamburgo.

Desde muito novo mostrou predilecção pela música e pela pintura. Com 17 anos apenas, partiu para a Alemanha onde iniciou os seus estudos com os pintores românticos von Kaulbach e Kremling. Seguiu, depois, para Munich.

Regressando a Portugal, aproveitou as lições de Joaquim Prieto, expondo pela primeira vez, em 1875, na Sociedade Promotora das Belas Artes.

Concorreu às exposições de Paris e Madrid, sendo condecorado com a Ordem de Carlos III. Possuía, também, o hábito de Cristo.

Keil, além de pintor, foi um grande músico, tendo algumas das suas óperas obtido grande sucesso.

Foi o autor do Hino Nacional, «A Portuguesa».

ARTUR LOUREIRO (1853-1932)

25 — PAISAGEM DE FRANÇA
Dimensões: 0,44×0,54
Pertence ao M. N. A. C.

Artur Loureiro, nasceu no Porto e faleceu na serra do Gerês.

Matriculou-se na Escola Superior de Pintura de S. Lázaro, hoje Escola de Belas Artes do Porto, concluindo o curso em 1871. Em 1873, concorre com Silva Porto ao pensionato de Paris, desistindo a favor deste.

Artur Loureiro, que era um talento privilegiado, parte para a Itália a espensas de Delfim Guedes, Conde de Almedina.

Era sócio do Círculo Artístico de Roma, apresentado por Pradila e Placencia.

Regressando a Portugal, em 1879, concorreu na Academia de Belas Artes de Lisboa, com Columbano e Condeixa, à pensão em Paris, sendo o primeiro classificado.

Em França, foi discípulo de Cabanel. Espôs no *Salon*. Seguiu, depois, para a Austrália, Melburne e Londres onde, na exposição de 1899, obteve a Medalha de Ouro.

Em 1901, regressa a Portugal concorrendo a várias exposições. Possuía a Comenda de Santiago.

JOSÉ DE BRITO (1855-?...)

26 — A VAGA
Dimensões: 0,70×1,00
Pertence à Câmara Municipal do Porto

José de Brito, frequentou a Academia Poertunse de Belas Artes, onde foi discípulo de João Correia e de Tadeu Maria de Almeida.

Em Paris, foi discípulo de Jean Paul Laurens, Benjamin Constant e J. Lefebre. Expôs no *Salon*, sendo premiado com 2.ª medalha. No «Grémio Artístico», obteve as 2.ª e 1.ª medalhas, e na S. N. B. A. a 2.ª medalha. Na exposição do Rio de Janeiro, foi premiado com a medalha de ouro, etc.

A sua obra é grantliosa de composição, tendo alguns dos seus trabalhos nos museus de Lisboa, Porto, Viseu, etc.

Foi professor da Escola de Belas Artes do Porto.

HENRIQUE POUSÃO (1859-1884)

27 — CABEÇA DE RAPARIGA
Dimensões: 0,18×0,12
Pertence ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes

Henrique César de Araújo Pousão, nasceu em Vila Viçosa. A transferência de seu pai, que era Delegado do Ministério Público, de Elvas para Barcelos foi a causa determinante de Henrique Pousão se matricular na Academia Portuense de Belas Artes, por revelar apreciáveis tendências artísticas. Foi ali, discípulo de António José da Costa e João António Correia.

Devido a um resfriamento, adoeceu gravemente, vendo-se forçado a abandonar a França, seguindo para a Itália.

Em Roma, continuou trabalhando, mas em vista do seu precário estado de saúde, regressou a Portugal, vindo a falecer em Vila Viçosa, tendo apenas vinte e cinco anos de idade.

Deixou, apesar de novo, uma notável galeria de trabalhos (óleos e aguarelas) que hoje se guarda no Museu Soares dos Reis, Porto.

ESCULTURA

ALBERTO NUNES (1838-1912)

28 — POESIA LÍRICA (Gêsso).

Pertence à S. N. B. A.

António Alberto Nunes foi discípulo de Calmels em Lisboa e de E. Guillaume em Paris

Era professor da cadeira de Composição de Ornato na Academia de Belas Artes de Lisboa.

A sua obra artística não é muito vasta, destacando-se, porém, entre as melhores, o *Filho Pródigo*, excelente bronze, que hoje pertence ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, uma das estátuas simbólicas do monumento aos Restauradores, *Génio da Liberdade*, voltada ao sul, bronze enérgico, viril, vibrante em sua nobre rebeldia, e a que está está exposta neste salão, *Poesia Lírica*.

Morreu em Lisboa.

SOARES DOS REIS (1847-1889)

29 — DESTERRADO (Bronze).

Pertence ao M. N. A. C.

António Soares dos Reis, após um curso rápido na Academia do Porto, ganhou o proveitoso estágio na Escola Imperial de Paris, que a Guerra de 70 motivou um propício seguimento da pensão conquistada, na Cidade Eterna de Roma, onde começou os estudos para a sua obra prima.

É num penedo de Capri que o *Desterrado* se assenta, mas foi em Vila Nova de Gaia — sua terra natal — que Soares dos Reis, dois anos depois, deu os últimos toques nesta obra sublime de estatuária, que se encontra exposta.

Soares dos Reis possuía a mais portentosa personalidade que é possível obter-se naquele insatisfeito desejo de criação sempre para avante...

Entre as mais notáveis obras de Soares dos Reis, destacaremos — além do *Desterrado* — o *Busto da Inglesa* e *A filha dos Condes de Almedina*, dois «mármores» encantadores, hoje existentes no Museu de Arte Contemporânea.

Expôs em Madrid em 1881, o *Desterrado*, ganhando a 1.ª Medalha de Ouro e sendo agraciado, por distinção régia, com o grau de Cavaleiro de Carlos III.

Em 1886 aceitara, muito instado, a regência da cadeira de escultura na Academia de Belas Artes do Porto, que exerceu com superior competência e rara dedicação. Faleceu em Vila Nova de Gaia.

GRUPO DO LEÃO

30 — Tela pintada por Columbano, que esteve no restaurante LEÃO DE OURO, Rua Primeiro de Dezembro, onde se reuniam os componentes deste «Grupo».

Dimensões: 2,00×3,90

Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. F. R. da Costa

Silva Porto, regressado da sua longa estadia no estrangeiro, como pensionista do Estado, onde recebeu proveitosas lições do célebre paisagista Daubigny e de outros mestres, trazia na sua bagagem artística obras de tal quilate, que viriam dar novo rumo e novo alento à depauperada arte portuguesa de então.

Na penúltima exposição da «Promotora», em 1880, apresentou Silva Porto os seus primeiros trabalhos. Foi um acontecimento, que revolucionou o nosso acanhado meio artístico.

Alguns artistas daquele tempo, entre os quais Silva Porto, reuniam-se na antiga cervejaria «Leão» da Rua do Príncipe, e ali discutiam, acaloradamente, o movimento artístico daquela época, aparecendo alvitres e comentários próprios do entusiasmo juvenil dos presentes.

Alguns literatos acamaradavam com os artistas, entre os quais o escritor Alberto de Oliveira, espírito vivo, irrequieto e de largas iniciativas. Conseguiu convencer os «revolucionários» do «Leão» a reunirem algumas das suas obras e a expo-las em recinto próprio. Para este fim, Alberto de Oliveira procurava, por todas as formas, obter casa onde se pudesse realizar a exposição que ele idealizava. Após várias canseiras, conseguiu que a Sociedade de Geografia, então instalada num 2.º andar da rua do Alecrim, lhes cedesse as salas para esse fim. Ali realizou o «Grupo do Leão» 9 exposições, cujos catálogos eram organizados por Alberto de Oliveira.

Num dado momento, constou nas habituais reuniões do «Grupo», que a cervejaria «Leão» ia acabar por qualquer motivo. O boato, que era verdadeiro, inquietou os «revolucionários»; mas o criado Manuel, sempre amável, trouxe informações que tranquilizaram os componentes do «Grupo», pois que o patrão lhe garantiu que os artistas continuariam a ter casa para se reunirem. Nessa noite bebeu-se cerveja à larga e um dos presentes alvitrou a decoração das paredes da cervejaria com quadros pintados, gratuitamente, pelos artistas do «Grupo».

O proprietário Monteiro aceitou e agradeceu o generoso oferecimento e semanas depois abria o café «Leão de Ouro». O caso deu brado e chamou farta concorrência.

Todos os artistas do «Grupo» contribuiram com obras suas e Columbano pintou a famosa tela (1885) — que hoje figura nesta exposição — constituindo um precioso documento, que se pode dizer *histórico*. Ali figuram: no primeiro plano, sentados, da esquerda para a direita, Malhoa e Girão. No segundo plano, sentados, da esquerda para a direita, Manuel Henrique Pinto, João Vaz, Silva Porto, António Ramalho, Rafael Bordalo Pinheiro, e Rodrigues Vieira. Em pé, da esquerda para a direita, Ribeiro Cristino, Alberto de Oliveira (o animador do «Grupo») o simpático Manuel, Columbano, outro criado e Cipriano Martins.

Hoje o «LEÃO DE OURO continua na mesma rua e na mesma casa, mas completamente transformado e sem o ambiente de arte de outros tempos.

REPRESENTAÇÃO DO GRÉMIO ARTÍSTICO (1891-1899)

PINTURA (ÓLEO)

ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA (1840-1929)

31 — RODODENDROS
Dimensões: 0,50 × 0,70
Pertence ao M. N. A. C.

António José da Costa era natural do Porto. Fez um curso brilhante na Academia de Belas Artes daquela cidade. Disputou, depois, o concurso de pintura histórica, conquistando o primeiro prémio.

Discípulo de João Correia e de Marques de Oliveira, distinguiu-se, sobretudo, como pintor de flores, produzindo quadros maravilhosos, cheios de fina sensibilidade e impecáveis de feitura, que se encontram dispersos por Galerias particulares e museus. Faleceu no Porto.

SILVA PORTO (1850-1893)

32 — A VOLTA DO MERCADO
Dimensões: 1,10 × 1,50
Pertence ao M. N. A. C.

António Carvalho da Silva Porto, nasceu na cidade do Porto e faleceu em Lisboa. Era, como muitas das grandes figuras, de origem humilde, filho de um latoeiro.

Seu pai, vendo a sua natural tendência para o desenho, matriculou-o na Escola Industrial do Porto, que cursou durante dois anos, e, a seguir, na Escola de Belas Artes onde conseguiu altas classificações nas disciplinas de arquitectura, escultura e pintura, que frequentava alternadamente.

Obtendo, por concurso, uma pensão do Estado, partiu para Paris, aos 23 anos, onde foi discípulo de Cabanel, Daubigny e outros mestres. Concluída a sua educação na capital francesa, seguiu para Roma, Veneza, Capri, etc.; e no regresso, agora à sua custa, percorreu os grandes centros artísticos da Holanda, Bélgica, Inglaterra e Espanha.

Expôs no *Salon* de Paris durante três anos e noutras capitais estrangeiras.

Em 1879, regressou a Lisboa, sendo nomeado professor de «paisagem» na Escola de Belas Artes, substituindo Anunciação.

A sua formidável obra, de todos conhecida, marcou uma época de rejuvenescimento da pintura portuguesa no século XIX.

MARQUES DE OLIVEIRA (1853-1927)

33 — A ESPERA DOS BARCOS
Dimensões: 0,76×0,97
Pertence ao M. N. A. C.

Marques de Oliveira. Filho do Porto, onde cursou a Academia de Belas Artes desde 1864 a 1873. Neste mesmo ano partiu para Paris, como pensionista do Estado na especialidade de «pintura histórica».

Discípulo de Cabanel e de Yvon, expôs no *Salon* de 1876 um belo retrato de senhora. Nesse mesmo ano partiu para a Itália, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Espanha.

No regresso à pátria, em 1881, foi logo nomeado professor interino da cadeira de desenho na Academia portuense. Em 1882 foi nomeado, por concurso, professor efectivo.

Deixou numerosos trabalhos, que se encontram em museus e colecções particulares. Faleceu no Porto.

ANTÓNIO RAMALHO (1858-1916)

34 — O LANTERNEIRO
Dimensões: 1m×0,82
Pertence ao Ex.mo Sr. Visconde de Asseca

António Monteiro Ramalho, nasceu e morreu em Lisboa.

Matriculou-se na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde se distinguiu pelo seu aproveitamento como discípulo de Anunciação e de Silva Porto.

Expôs pela primeira vez na Sociedade de Geografia. Conseguiu ser classificado como pensionista do Extado, partiu para Paris, tendo ali como professor o grande artista Cabanel.

O seu quadro *O Lanterneiro*, exposto no *Salon* em 1883 — e que figura nesta exposição — foi acolhido com agradáveis referências da crítica.

Regressando a Portugal, já pleno de talento, começa, então, a sua obra de paisagista, marcando igualmente no retrato, no quadro de género e na decoração.

ERNESTO CONDEIXA (1858-1933)

35 — AUTO-RETRATO
Dimensões: 0,48×0,57
Pertence ao Ex.mo Sr. José Ribeiro Júnior

Ernesto Ferreira Condeixa, nasceu e morreu em Lisboa.

Foi aluno da Academia de Belas Artes de Lisboa, como discípulo de Miguel Lupi, obtendo vários prémios.

Em 1880 seguiu para Paris, como pensionista do Estado, onde foi discípulo de Cabanel, até 1885, e obteve cinco medalhas.

Espôs no *Salon* em 1883 e 1886. Neste último, figurou o seu célebre quadro *D. João II ante o corpo inanimado de seu filho D. Afonso.*

Era académico de mérito, membro do Conselho de Arte e Arqueologia e professor da Escola de Belas Artes.

A obra de Mestre Condeixa, de desenho sólido e escrupuloso, é vasta sobre assuntos históricos, paisagens, marinhas e quadros de género.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO (1860-1932)

36 — ALDEÃ
Dimensões: 0,36×0,29
Pertence ao M. N. A. C.

João Augusto Ribeiro, naceu em Vila Real (Trás-os-Montes).

Desde os bancos da escola se celebrizou, obtendo, sempre, prémios e louvores.

Discípulo de João Correia, na Academia Portuense de Belas Artes, foi um retratista consciencioso e objectvo.

Foi notável na interpretação de figuras rústicas, fixadas com perspicácia e com saber, como em alguns tipos inesquecíveis de velhos camponeses de olhar sem brilho, longas suíças e queixos bem escanhoados.

João Augusto Ribeiro, foi, ainda, um erudito escritor.

Morreu no Porto.

EZEQUIEL PEREIRA (1868-1943)

37 — PAISAGEM
Dimensões: 0,46×0,59
Pertence ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes

António Ezequiel Pereira, naceu em Lisboa. Contando apenas 13 anos, matriculou-se no «Curso Geral de Desenho» da Escola de Belas Artes de Lisboa. Em 1885 frequentou o curso de Escultura, como discípulo de Víctor Bastos; abandonando, pouco depois, este curso para se empregar como desenhador do Banco de Portugal.

Em 1887 voltou à Escola de Belas Artes, frequentando a aula de Paisagem, onde foi discípulo de Silva Porto.

Pensionado pelo Dr. Ayres de Campos, Conde do Ameal, partiu para Paris em 1894. Ali, teve por mestres os grandes artistas Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Antes de partir para Paris, pintou alguns quadros de paisagem, que expôs no «Grémio Artístico», obtendo a 2.ª medalha.

Uma das suas grandes telas, expostas no «Grémio» — *Lavadeiras no Mondego* — foi por ele oferecida ao Conde de Ameal.

Toda a obra de Ezequiel Pereira se ressente, nitidamente, dos bons ensinamentos do seu grande mestre Silva Porto.

No seu regresso a Portugal, dedicou-se ao professorado nas Escolas Técnicas, continuando, porém, a pintar e a expôr na S. N. de Belas Artes, onde foi premiado com a 1.ª medalha. Faleceu em Lisboa.

JÚLIO RAMOS (1868-1945)

38 — TEMPESTADE PRÓXIMA
Dimensões: 0,61×0,93
Pertence ao M. N. A. C.

Júlio Gonzaga Ramos, nasceu e faleceu no Porto.

Frequentou a Academia Portuense de Belas Artes, como discípulo de Marques de Oliveira, onde obteve vários prémios. Estudou em Paris com os grandes mestres Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant.

A sua vastíssima obra consta, na sua maioria, de paisagens, preferindo os crepúsculos e os poentes esbraseados, em que era admirável.

Júlio Ramos, possuía um excelente carácter e uma bondade extrema.

Alguns dos seus quadros encontram-se em museus e galerias particulares.

ANTÓNIO CARNEIRO (1872-1930)

39 — INTERIOR DA IGREJA DE S. FRANCISCO, PORTO
Dimensões: 0,55×0,46
Pertence ao M. N. A. C.

António Carneiro, nasceu e morreu no Porto.

Na Academia Portuense de Belas Artes, que frequentou com invulgar aproveitamento, teve como professor João Correia. Em Paris, para onde seguiu como pensionista do Estado, foram seus mestres Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant.

António Carneiro, era um desenhadr poderoso e subtil, cujo traço aéreo possuía o condão de fixar o invisível. Foi um extraordinário e impressionante retratista, cheio de espiritualidade, mais preocupado em desvendar o enigma psicológico dos seus modelos do que em lhes acusar, com minúcia, as particularidades fisionómicas.

António Carneiro foi professor eminente da Academia Portuense de Belas Artes.

SOUSA LOPES (1879-1944)

40 — INTERIOR DE ATELIER
Dimensões: 0,81×0,55
Pertence ao M. N. A. C.

Adriano de Sousa Lopes, nasceu em Leiria e faleceu em Lisboa. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, sendo um dos mais distintos discípulos de Luciano Freire e de Veloso Salgado.

Terminado o curso de pintura histórica, partiu para Paris, como pensionista do Estado, onde teve como mestre o grande artista Cormon.

Ali permaneceu durante a Grande Guerra (1914-1918) encarregado pelo Governo Português, no posto de capitão, de executar os necessários estudos, do natural, para as suas grandes composições, sobre assuntos militares, que hoje se encontram no Museu Militar. Era um pintor de forte personalidade especialmente no género histórico.

Exercia o cargo de Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea quando faleceu.

MEDALHAS DE HONRA
DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
(ARTISTAS FALECIDOS)

FERREIRA CHAVES (1838-1899)

41 — RETRATO DE D. ANGELA BERGARO DE BULHÕES

Dimensões: 0,90×0,71

Pertence ao M. N. A. C.

42 — RETRATO DO EX.mo SR. FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI, 2.º, (Par do Reino).

Dimensões: 1,45×1,02

Pertence à Ex.ma Senhora D. Maria Faustina Simões Alves Margiochi

43 — PIONIAS

Dimensões: 0,70×0,80

Pertence à Ex.ma Senhora D. Maria Adelina de Melo Veloso Salgado

José Ferreira Chaves, nasceu em Chaves e veio muito criança, ainda, frequentar a Academia de Belas Artes de Lisboa, tendo como mestres Metrass e Miguel Lupi.

Seguiu o curso de pintura histórica, revelando excepcional vocação para esta especialidade.

Nos intervalos do seu labor artístico, dedicou-se à contabilidade, chegando a ser nomeado chefe de repartição da Câmara Municipal de Lisboa.

Não abandonou, porém, a sua carreira de artista pintor, executando alguns retratos e, especialmente, flores em que era inexcedível.

Em toda a obra de Ferreira Chaves se nota uma calma serenidade, reflexo do seu temperamento.

Regeu a cadeira de pintura histórica na Academia, substituindo o seu mestre Miguel Lupi, de 1881 a 1897.

Possuía o hábito de Santiago. Faleceu em Lisboa.

JOSÉ MALHOA (1855-1933)

44 — RETRATO DE M.elle ZOÉ WAUTHELET
Dimensões: 1,05×0,84
Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Pedro Batalha Reis

45 — AS PAPAS
Dimensões: 0,82×1,20
Pertence ao Ex.mo Sr. João da Costa Falcão

46 — AMANHÃ OS ARRANJAREI
Dimensões: 1,21×084
Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. João de Deus Ramos

José Vital Branco Malhoa, nasceu nas Caldas da Rainha, filho de gente humilde, cedo mostrou invulgar vocação para o desenho.

Iniciou a sua vida como aprendiz de entalhador, nas oficinas de Leandro Braga. A conselho deste seu mestre, matriculou-se na Academia de Belas Artes tendo apenas 12 anos de idade. Foi, ali, discípulo de Anunciação, Miguel Lupi e Simões de Almeida.

Terminado o curso, sempre com as melhores notas, concorreu ao pensionato no estrangeiro.

Vendo-se injustamente preterido, resolveu abandonar a paleta e os pincéis e fez-se caixeiro da loja de modas de seu irmão Joaquim.

Malhoa, porém, como artista de raça, que era, não podia manter-se nesta situação, voltando meses depois a retomar a sua brilhante carreira artística.

Dedicou-se à paisagem, aos quadros de género, à pintura histórica e decorativa, produzindo obras magistrais que, em grande número, se encontram dispersas por vários museus e colecções particulares.

O «Museu José Malhoa», nas Caldas da Rainha, guarda o melhor conjunto da sua formidável produção.

No género «retrato» era inexcedível.

Malhoa manteve sempre, até aos últimos momentos, o mesmo vigor de espírito e de técnica.

Possuía a comenda de Santiago da Espada. Faleceu em Lisboa.

SOUSA PINTO (1856-1930)

47 — O BARCO DESAPARECIDO
Dimensões: 0,73×0,91

48 — AMUADOS (pastel)
Dimensões: 0,325×0,36

49 — O VELHO BORGES (pastel)
Dimensões: 0,305×0,24
Pertencem ao M. N. A. C.

José Júlio de Sousa Pinto, natural de Angra de Heroísmo, faleceu em Paris, onde residia durante muitos, anos vindo raras vezes a Portugal.

Frequentou a Academia Portuense de Belas Artes, como discípulo de João Correia, fazendo um curso brilhante.

Seguiu Paris como pensionista do Estado. Foi um dos discípulos mais distintos de Cabanel. Ali e na Bretanha pintou Sousa Pinto as suas melhores telas, muitas das quais expôs no *Salon*, onde alcançou a categoria de «Hors-Concours». O governo francês adquiriu muitos quadros de Sousa Pinto para os seus museus.

Os nossos museus de Lisboa e do Porto possuem, também, algumas obras deste eminente artista pintor. Foi um consagrado mestre no género «óleo», mas os seus «pastéis» não eram inferiores, pela frescura, delicadeza de execução e correctíssimo desenho.

COLUMBANO (1857-1929)

50 — RETRATO DE JOÃO ROSA

Dimensões: 2,00×0,80

Pertence ao M. N. A. C.

51 — RETRATO DE CARLOS REIS

Dimensões: 0,34×0,24

Pertence a seu filho João Reis

52 — RETRATO DE FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Dimensões: 0,33×0,24

Pertence ao M. N. A. C.

Columbano Bordalo Pinheiro, quase lisboeta, pois nasceu da outra banda do Tejo, na vila de Almada, matriculou-se na Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1872, onde foi discípulo de seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, e de Simões de Almeida.

Em 1881, subsidiado por D. Fernando e pela Condessa de Edla, seguiu para Paris, sendo ali discípulo de Carolus Duran até 1883. Em Paris, pintou, e expôs no *Salon* de 1882, o célebre quadro «Soirée chez lui» («Concerto de Amadores»), hoje exposto no Museu Nacional de Arte Contemporânea, que conseguiu despertar a atenção da crítica parisiense.

O curiosíssimo foi que este quadro, aceite pelo numeroso, ilustrado e meticuloso júri do *Salon* de Paris, foi regeitado pela nossa «Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal», que lhe recusou a entrada nas suas salas.

Toda a obra de Columbano é dum idealista, com sentidos de harmonia e delicadeza; de um visual que sublima a verdade; de um intimista que espiritualiza os seres e as coisas pela escolha da luz, ambiente em que os concebe e coloca; de um evocador que analisa, filtra e reproduz com o génio da sua personalidade de solitário exigente e intransigente.

Foi professor da Escola de Belas Artes de Lisboa e Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Faleceu em Lisboa.

JOÃO VAZ (1859-1931)

53 — PITEIRAS (Setúbal).
Dimensões: 0,34×0,56
Pertence ao M. N. A. C,

54 — ESTUDO, MOSTEIRO DE JESUS (Setúbal).
Dimensões: 0,28×0,37
Pertence ao Ex.mo Sr. Ruy Vaz

55 — MANHÃ (Algarve).
Dimensões: 0,28×0,37
Pertence ao Ex.mo Sr. Eng. Sebastião Garcia Ramirez

João Vaz. Nasceu em Setúbal e faleceu em Lisboa. Cursou a Academia de Belas Artes de Lisboa, sendo discípulo de Anunciação e de Silva Porto.

Foi um dos componentes do «Grupo do Leão», e sócio fundador do Grémio Artístico e da Sociedade Nacional de Belas Artes. Exerceu o professorado nas Escolas Técnicas, ocupando o lugar de Director da Escola Industrial Afonso Domingues, em Xabregas.

Como pintor «marinhista, deixou quadros admiráveis, hoje dispersos por vários museus e colecções particulares. Dedicou-se, também, à pintura decorativa. Era oficial da Ordem de Santiago.

EL-REI D. CARLOS (1863-1908)

56 — AO CAIR DA TARDE, VILA FRANCA (pastel).
Dimensões: 0,60×0,85
Pertence à Sociedade Nacional de Belas Artes

57 — PAISAGEM DO ALENTEJO (pastel).
Dimensões: 1,00×1,67
Pertence a M.me Sousa Rosa

58 — ALENTEJO (óleo).
Dimensões: 0,60×0,85
Pertence ao Ex.mo Sr. António Eça de Queiroz

D. Carlos I (Rei de Portugal), nasceu e morreu em Lisboa. Foi discípulo de Casanova.

Deixou uma notável obra artística, em todas as modalidades, óleo, aguarela e pastel. No género «pastel», era indiscutível mestre, que as suas obras expostas confirmam.

Os seus temas alentejanos e as suas «marinhas», destacam-se pelo vigor do colorido e admirável técnica.

Muitos dos seus quadros foram expostos no Grémio Artístico e Sociedade Nacional de Belas Artes alcançando justa consagração. Era sócio honorário destas duas agremiações.

CARLOS REIS (1863-1940)

59 — RETRATO DE MINHA MÃI
Dimensões: 0,52×0,53
Pertence a seu filho João Reis

60 — MOINHO DO RAMAL
Dimensões: 2,00×1,37

61 — LEMBRAS-TE?
Dimensões: 1,29×1,50
Pertencem à Ex.ma Sr.a D. Fernanda de Melo Rego

Carlos António Rodrigues dos Reis, nasceu em Torres Novas. Cursou a Academia de Belas Artes de Lisboa, sendo discípulo de Alberto Nunes, Simões de Almeida, Miguel Lupi e Silva Porto.

Por conta do Estado, e com o auxílio do rei D. Carlos, partiu para Paris, em 1889, depois de aprovado em concurso público. Nesta cidade, foi discípulo de Leon Bonnat, de Martinez e de Joseph Blane.

Regressando a Portugal, em 1896, concorreu à cadeira de Pintura de Paisagem — vaga por morte de Silva Porto — ficando aprovado.

Foi, durante alguns anos, o oganizador e o Presidente do «Grupo Silva Porto», constituído por artistas seus discípulos.

Carlos Reis, como paisagista, foi um grande interprete, vibrante, das cores opulentas ou suaves da nossa paisagem.

Como retratista exímio, a sua obra é vasta e valiosa.

No retrato de sua Mãi, exposto em Dresden, em 1897, obteve a única Medalha de Ouro ali conferida a estrangeiros.

Faleceu em Lisboa.

ROQUE GAMEIRO (1864-1935)

62— RETRATO DE MINHA MÃI
Dimensões: 0,90×0,70

63 — ARCO DA PRAIA DA ADRAGA
Dimensões: 0,35×0,42
Pertencem à família do Mestre

64— ENTRADA DA PRAIA DA ADRAGA
Dimensões: 0,20×0,25
Pertence à Ex.ª Senhora D. Maria da Graça Bleck da Silva

Alfredo Roque Gameiro, nasceu em Minde e faleceu em Lisboa.

Discípulo de Manuel de Macedo, um erudito e um grande ilustrador, cujas lições lhe foram muito proveitosas, tornou-se um desenhador de excepcionais qualidades.

Cursou a Escola de Artes e Ofícios de Leipzig (Alemanha), onde se especialisou nas Artes Gráficas e Litografia.

Dedicou-se à aguarela, em que foi consagrado mestre, concorrendo a várias exposições nacionais e estrangeiras.

Roque Gameiro foi, além de exímio pintor de aguarela, um admirável ilustrador. Colaborou com Manuel de Macedo e Alberto Souza em vários obras de carácter histórico. Como retratista, produziu obras magistrais, destacando-se, entre todas, o *Retrato de minha Mãe*, maravilha de técnica e de potencial expressivo.

Roque Gameiro foi, também, durante muitos anos, professor do ensino técnico.

Deixou uma valiosíssima galeria de obras dispersas por museus e colecções particulares. Faleceu em Lisboa. Possuia a comenda de S. Tiago da Espada.

LUCIANO FREIRE (1864-1934)

65 — SILVA PORTO
Dimensões: 1,25 × 1,00
Pertence à S. N. B. A.

66 — AUTO-RETRATO
Dimensões: 0,66 × 0,55

67 — RETRATO DE JÚLIO MARDEL
Dimensões: 0,67 × 0,57

Luciano Martins Freire, era natural de Lisboa. Matriculou-se na Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1878, tendo como mestres Lupi, Chaves e Silva Porto.

A obra de Luciano Freire é numerosa, predominando a pintura histórica e a de paisagem. Dedicou-se ao restauro da pintura antiga para o que se deslocou ao estrangeiro. Entre as principais obras restauradas por Luciano Freire, que era uma autoridade no assunto, destacam-se os célebres painéis de Nuno Gonçalves, hoje colocados no Museu Nacional de Arte Antiga e que tanta polémica provocaram. Era comendador de S. Tiago. Faleceu em Lisboa.

VELOSO SALGADO (1864-1945)

68 — NO CEMITÉRIO, BRETANHA
Dimensões: 1,46 × 1,115

69 — RETRATO DA MÃI DE VENTURA TERRA
Dimensões: 0,65 × 0,54
Pertencem ao M. N. A. C.

70 — PAISAGEM DE COLARES
Dimensões: 0,65 × 981
Pertence à Ex.ma Senhora D. Maria Adelina de Melo Veloso Salgado

José Veloso Salgado, de origem espanhola, naturalizou-se português e ingressou na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde fez um curso brilhante sob a orientação de Ferreira Chaves, seu mestre.

No seu concurso para o pensionato em Paris, apresentou uma prova de pintura histórica, *Morte de Catão*, em que já demonstrava segura técnica, harmonia de composição e de colorido.

Seguindo para Paris, ali foi discípulo de Elie Delaunay, Cormon e Cabanel. Durante a sua permanência na capital francesa, pintou e expôs no *Salon* várias obras que lhe valeram as melhores referências da crítica e a maior distinção que ali se pode conseguir: *Hors-Concours*. Os seus retratos são admiráveis.

Nos museus nacionais e estrangeiros, deixou Veloso Salgado excelentes obras.

Esteve em Itália estudando e copiando alguns mestres da primitiva Renascença. Regressando a Portugal, foi nomeado professor da aula de «Pintura Histórica» da Escola de Belas Artes de Lisboa, em substituição do seu mestre Ferreira Chaves.

Era cavaleiro da Legião de Honra e Grande Oficial de S. Tiago.

Faleceu em Lisboa.

CONSTANTINO FERNANDES (1878-1920)

71 — INTERIOR, retrato das filhas do Ex.mo Sr. Dr. José Manuel Ribeiro
Dimensões: 0,75 × 0,90
Pertence à Ex.ma Senhora D. Albertina Ribeiro

72 — FALCOEIRO
Dimensões: 0,55 × 0,46
Pertence ao Ex.mo Sr. Manuel Posser de Andrade

73 — RETRATO DO Ex.mo SR. CONS.º ANSELMO DE ANDRADE
Dimensões: 0,70 × 0,60
Pertence ao Ex.mo Sr. Visconde de Santa Margarida

Constantino Álvaro Sobral Fernandes, era natural de Lisboa, onde faleceu.

Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, sendo discípulo laureado de Simões de Almeida e de Veloso Salgado.

Concorreu, no Porto, ao lugar de pensionista do Estado, em 1902, obtendo a primeira classificação.

Em Paris, foi discípulo de Jean Paul Laurens, Cormon, Backet e Schommer, conseguindo expor no *Salon*. Concluídos os estudos em Paris, seguiu para Roma, onde fez larga estadia estudando os grandes mestres da Renascença.

Antes de regressar a Portugal, percorreu ainda, a Holanda, a Bélgica, a Espanha, etc. Toda a obra de Constantino Fernandes reflecte bem o seu temperamento calmo e de grande probidade artística.

Das suas telas, recolhidas em museus e colecções particulares, destaca-se, pelo sentimento da composição e rigor da técnica, o seu quadro *Abandonadas*, que é considerado uma obra prima. A sua galeria de retratos, em grande parte femininos, é admirável.

ALVES CARDOSO (1883-1930)

74 — A MORTE DO BOI
Dimensões: 1,25 × 1,63

75 — RETRATO DE MINHA AVÓ
Dimensões: 0,67 × 0,56

76 — CASTANHEIROS, OUTONO
Dimensões: 1,20 × 0,91

Pertencem à Ex.ma Senhora D. Lavínia de Brites Sacadura Alves Cardoso

Artur Alves Cardoso, nasceu em Lisboa. Desde muito novo, manifestou o seu extraordinário temperamento de artista.

Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, concluindo o curso em 1901. Foi, ali, um dos mais distintos discípulos de Carlos Reis.

Seguindo para Paris, como pensionista do Estado, aproveitou, durante quatro anos, as lições dos grandes mestres Carmon e Jean Paul Laurens, que muito o estimavam.

Depois de visitar os principais centros de arte em Italia, regressou a Portugal, sendo, então assombrosa a sua actividade artística. De profunda sensibilidade, embebeu os olhos, amorosamente, na terra portuguesa, que soube traduzir, em sua técnica de pincelada larga e vibrante.

. Além de algumas decorações que executou no Parlamento e na Maternidade, pintou vários retratos de individualidades em destaque. Porém, a sua forte personalidade artística ficou mais vinculada nos assuntos de carácter regional, que sabia tratar com superior talento.

Realizou no Rio de Janeiro uma exposição de algumas das suas obras, alcançando um autêntico triunfo.

De regresso a Portugal, mais se agravou a seu já precário estado de saúde, vindo a falecer, pouco tempo depois, em Lisboa, com 47 anos apenas, em pleno vigor da sua actividade artística.

ESCULTURA

SIMÕES DE ALMEIDA (1844-1926)

77 — PUBERDADE (gesso)
Encontra-se no átrio de entrada com o N.º 16

78 — ESPERANÇA E SAUDADE
Pertencem à S. N. B. A.

79 — BUSTO DO DUQUE DE ÁVILA (bronze)
Pertence ao M. N. A. C.

José Simões de Almeida, nasceu em Figueiró dos Vinhos e faleceu em Lisboa.

Discípulo de Assis Rodrigues e de Vítor Bastos na Academia de Belas Artes, de Lisboa. Seguiu para Paris, em 1866, como pensionista do Estado, frequentando a Escola Imperial de Belas Artes, até 1870, tendo como professor Jouffroy e onde recebeu 5 medalhas de prata, uma menção e o prémio de 220 francos na exposição de trabalhos escolares.

Em Roma, foi discípulo de Giulio Monteverde.

Regressando a Portugal, foi nomeado professor efectivo da Academia de Belas Artes, de Lisboa, em 1881, sucedendo a Vítor Bastos na cadeira de Escultura.

Simões de Almeida, admirável cultor da forma, foi um clássico perfeito, de técnica impecável.

Entre as suas admiráveis obras, destacam-se a estátua do *Duque da Terceira*, a *Puberdade* (bronze) — premiada em Paris — *D. Sebastião*, ambas do Museu Nacional de Arte Contemporânea, e uma das figuras decorativas do monumento aos Restauradores, *Génio da Glória* (lado Norte), etc.

TEIXEIRA LOPES (1860-1942)

80 — CAIM (gesso)

81 — HISTÓRIA, redução (bronze)
Pertencem à S. N. B. A.

82 — CABEÇA DE CRIANÇA
Pertence ao M. N. A. C.

António Teixeira Lopes, foi o maior dos discípulos de Soares dos Reis. Em Paris, em cuja Escola de Belas Artes ganhou um primeiro prémio entre cem concorrentes, seguiu as lições de Cavelier e Barrias.

Havendo recebido sólida formação clássica, alcançou um realismo sem crueza, cheio de alta espiritualidade. Artista de profundo sentimento e de visão prodigiosa, Teixeira Lopes tratou de preferência os temas eternos da dor humana, traduzidos com admirável intensidade emotiva de formas belas e perfeitas.

Entre outras, deu-nos uma obra de pungente humanidade — *A viúva* (1890) — hoje no Museu Nacional de Arte Contemporânea. O *Santo Isidoro*, a *Rainha Santa Isabel* e outras, tantas, maravilhas, confirmam a arte sublime deste extraordinário mestre estatuário. Teixeira Lopes foi professor da Escola Portuense de Belas Artes, possuia a grã-cruz de Santiago da Espada e outras condecorações.

Nasceu e morreu em Vila Nova de Gaia.

COSTA MOTA (1862-1930)

83 — BERNARDIM RIBEIRO (bronze)
Pertence ao M. N. A. C.

84 — BUSTO DE MALHOA (bronze)
Pertence à S. N. B. A.

85 — BUSTO DE RAPARIGA
Pertence ao M. N. A. C.

António Augusto da Costa Mota, natural de Coimbra, faleceu em Lisboa. Matriculou-se na Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1884. Foi discípulo de Vítor Bastos e de Simões de Almeida. Durante o curso, que terminou em 1891, obteve cinco medalhas e dois prémios pecuniários.

Costa Mota foi um dos estatuários que mais produziram entre nós e concorreu a muitas exposições, São da sua autoria algumas notáveis obras que se admiram em Lisboa: o grácioso monumento a Pinheiro Chagas, na Avenida; o monumento a Afonso de Albuquerque em Belém; os túmulos de Vasco da Gama e de Camões, nos Jerónimos; *Bernardim Ribeiro* (bronze, 1907), deliciosa evocação trovadoresca, que se admira nesta exposição. Era comendador de S. Tiago da Espada. Faleceu em Lisboa.

FRANCISCO DOS SANTOS (1878-1930)

86 — SALOMÉ (mármore)

87 — BACANTE (mármore)

88 — CABEÇA (mármore)
Pertencem ao M. N. A. C.

Francisco dos Santos, nasceu em Paiões (Sintra), filho de pais humildes. Em 1887, entrou, como aluno, para a Casa Pia de Lisboa. Em 1893, foi Francisco dos Santos, escolhido, pela benéfica administração Simões Margiochi, para a frequência da Escola de Belas Artes de Lisboa com outros seus condiscípulos. Terminado o «Curso Geral de Desenho», em 1897, com as melhores notas, matriculou-se no «Curso de Escultura», como discípulo de Simões de Almeida. Concluído o seu curso de uma forma brilhantíssima, seguiu para Paris, como pensionista do Estado, depois de umas provas, sobre o tema «Morte de Virgínia», que lhe valeram ser o primeiro classificado.

Em Paris, fez concurso de admissão à Escola de Belas Artes, sempre difícil para artistas estrangeiros, conquistando o 3.º lugar. Foi discípulo de Verlet.

A obra de Francisco dos Santos é formidável de realismo. Indicaremos algumas das muitas que deixou:

Parte escultórica do monumento a Pombal; o «Homem ao Leme» (Cais do Sodré); «Prometheu» (no Jardim Constantino); o «Monumento a Gomes Leal» (no Alto de S. João); e tantas outras. No Museu de Arte Contemporânea é, talvez, o escultor mais representado.

Passou uma temporada em Roma.

Francisco dos Santos, nos intervalos da Escultura, dedicava-se à Pintura, com tendências «impressionistas», escola Degas, Manet, etc. Faleceu em Lisboa.

ANJOS TEIXEIRA (1880-1935)

89 — IMPRECAÇÃO (gesso)

Pertence ao M. N. A. C.

90 — BUSTO DE D. FILIPA SÁ PAIS DO AMARAL COELHO (Viscondessa de Alverca)

Pertence à Ex.ma Senhora Viscondessa

91 — VARINA (bronze)

Pertence ao M. N. A. C.

Artur Gaspar Anjos Teixeira, nasceu em Lisboa. Aos 14 entrou para a Academia de Belas Artes de Lisboa, alcançando, durante o seu curso, alguns prémios pecuniários e várias distinções.

Foi seu mestre o eminente estatuário Simões de Almeida (tio) que muito o considerava e estimava.

Anjos Teixeira concluiu o seu curso de escultura com a alta classificação de 18 valores, passando a estagiar no «atelier» do escultor Costa Mota (tio) que o tinha na mais enternecida consideração.

Em 1907 partiu para Paris, como pensionista do Estado, obtendo êxitos consideráveis no *Salon*.

Entre as obras mais notáveis da sua autoria, contam-se alguns bustos e estatuetas admiráveis de realismo; o seu impressionante grupo *Imprecação*, que se encontra nesta exposição, pertencente ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, etc.

Em concurso, foi escolhido o seu magnífico projecto destinado ao monumento a Camilo Castelo Branco, no Parque Eduardo VII, que não chegou a ser executado por motivos que se desconhecem.

Anjos Teixeira tinha, também, grande predilecção pela música.

Faleceu em Lisboa.

SIMÕES DE ALMEIDA, Sob. (1880-1950)

92 — BUSTO DE LUCIANO FREIRE (gesso)

93 — FILOSOFO (bronze)

Pertenceu à família do autor

94 — Escrava (mármore)

Pertence ao M. N. A. C.

José Simões de Almeida, sobrinho, nasceu em Lisboa. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa como discípulo de seu tio, o grande estatuário Simões de Almeida. Recebeu, também, lições do medalhista Macedo Alves.

Esteve em Paris como pensionista do estado, tendo por mestre Verlet.

Pouco tempo depois do seu regresso a Lisboa, foi nomeado professor de Escultura da Escola de Belas Artes, lugar que conservou até à sua aposentação.

Deixou algumas obras de valor, como estatuário da escola clássica, algumas no Museu de Arte Contemporânea.

Colaborou com Leopoldo de Almeida, como continuadores da obra de Francisco dos Santos, no monumento ao Marquês de Pombal.

A sua estátua equestre de Mousinho para o monumento em Lourenço Marques, é considerada uma obra de mestre.

Faleceu em Lisboa.

AGUARELA

SILVA PORTO

95 — PAISAGEM

Dimensões: 0,30 × 0,40

Pertence à S. N. B. A.

EL-REI D. CARLOS

96 — NA PRAIA. Estudo

Dimensões: 0,50 × 0,60

Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. António Anastácio Gonçalves

RICARDO HÓGAN (?...-1890)

97 — CENA DE SALÃO

Dimensões: 0,305 × 0,445

Pertence ao Ex.mo Sr. Dr. António Anastácio Gonçalves

Ricardo Hógan de Mendonça, nascido em Lisboa, recebeu em Inglaterra uma esmerada educação, trazendo já dali o gosto pela aguarela. Estudou com Casanova.

Era um artista delicadíssimo, apaixonado pelos costumes do século XVIII e pelas elegâncias do «Directório», sendo grande admirador de Fortuny.

Expôs em Lisboa e em Madrid, onde os seus trabalhos eram apreciadíssimos. Faleceu em Lisboa.

COLUMBANO

98 — A MINHA CASA DE JANTAR

Dimensões: 0,29 × 0,23

Pertence ao M. N. A. C.

HENRIQUE POUSÃO

99 — RAPARIGA ITALIANA, Estudo

Dimensões: 0,385 - 0,27

Pertence ao M. N. A. C.

ANTÓNIO RAMALHO

100 — CAMPINO

Dimensões: 0,16 - 0,245

Pertence à Ex.ma Senhora D. Alice Silva Porto. Oferta do autor a Silva Porto.

ROQUE GAMEIRO

Ver secção MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

No primeiro andar do edifício está patente, também, uma interessante exposição de vários documentos encontrados no Arquivo desta Sociedade, que dizem respeito à vida associativa da Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal (1862-1900), Grémio Artístico (1891-1900) e Sociedade Nacional de Belas Artes (1901-1951) — entre os quais, alguns preciosos autógrafos de Ramalho Ortigão, Columbano, João de Deus, Teófilo Braga, Fialho, etc.

Nesta mesma sala está exposta uma secção de *Arquitectura* representada por várias fotografias de edifícios da autoria de arquitectos já falecidos, a quém foi conferido o «Prémio Valmor» e de outros antigos e consagrados arquitectos.

Também aqui figura uma pequena secção de *Caricatura* com obras de alguns dos nossos mais distintos caricaturistas já falecidos.

NOTA FINAL

Não teria sido possível levar a bom termo esta exposição sem o auxílio e a boa vontade do Estado, cedendo trabalhos dos seus Museus, e das entidades particulares de quém recebemos muitos dos trabalhos expostos, a que faremos referência numa lista destacada em página especial.

Pedindo que nos relevem qualquer falta, impossível de evitar numa exposição de tal categoria, agradecemos, penhorados, a todos, que de qualquer forma, nos auxiliaram, nomeadamente o ilustre Director do Museu de Arte Contemporânea a cuja dedicação muito ficamos devendo.

A DIRECÇÃO

A COMISSÃO EXECUTIVA

ESCLARECIMENTO

As notas biográficas dos artistas que figuram nesta exposição, são transcrições e simples compilações das seguintes obras:

— *Colecção «Museum»* (Diogo de Macedo).
— *Um Século de Pintura e de Escultura em Portugal* (Fernando Pamplona).
— *Arte e Artistas Contemporâneos* (Ribeiro Artur).
— *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.*
— *Catálogo da Exposição Retrospectiva da S. N. B. A.* (1937).

P. GUEDES

A OBRA DE SILVA PORTO

12ª. EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELAS-ARTES - 1880

1 - PAISAGEM, tomada na charneca de Belas, ao pôr-do-sol (0,85x1,50)

2 - OS CARROS, paisagem tomada na charneca de Belas (0,60x1,00)

3 - MACIEIRAS EM FLOR, paisagem tomada nos arredores de Anvers, em França (0,33x0,53)

4 - A PRIMAVERA, paisagem tomada na Tapada da Ajuda (0,33x0,56)

5 - PRAIA DE BANHOS, na Póvoa de Varzim (0,33x0,56)

6 - AS LAVADEIRAS, na Tapada da Ajuda (0,33x0,56)

7 - A PLANÍCIE EM BARBIZON, França (0,33x0,56)

8 - RUA DO CASTELO EM PASIGNANO, Itália (0,40x0,25)

9 - BARCO DE CAPRI (Itália) (0,25x0,40)

10 - MARGENS DO OISE EM ANVERS, França (0,16x0,24)

11 - CALLE DE LOS PANECITOS EM SEVILHA (0,18x0,12)

12 - RUA DA JUDIARIA, em Almada (0,18x0,12)

13 - BANCO VENEZIANO (0,18x0,12)

14 - UMA RUA EM ANVERS, França (0,18x0,12)

15 - INTERIOR DE UM PATEO EM CAPRI, Itália (0,18x0,13)

16 - UM RETRATO (0,24x0,16)

17 - UMA AZINHAGA EM BELAS (0,18×0,26)

18 - O CASTELO DE PALMELA, visto de Setúbal (0,12×0,18)

19 - LARANGEIRAS, em Belas (0,12×0,18)

20 - PAISAGEM EM COLARES (0,12×0,18)

21 - O LAGO DE ENGHEIN (0,68×1,00)

22 - NAPOLITANA FIANDO (0,95×0,60)

23 - PAISAGEM AO PÔR DO SOL (0,33×0,55)

24 - VISTA DAS MARGENS DO OISE (0,84×1,38)

25 - PAISAGEM representando a planície (0,69×1,20)

26 - UM COSTUME DE CAPRI (1,00×0,59)

27 - UMA MARINHA (0,59×1,09)

28 - A TIGELA QUEBRADA (0,84×0,49)

29 - UM CAMPO DE TRIGO (0,79×1,41)

GRUPO DO LEÃO - 1881

30 - PRAIA DA PÓVOA DO VARZIM (0,60×1,00)

31 - CHARNECA (Belas) - (0,60×1,00)

32 - BARCO DE PESCA (Setúbal) - (0,45×0,29)

33 - LUGAR DA PORTELA (Margens do Mondego) - 0,30×0,53)

34 - PORTINHO D'ARRABIDA (Setúbal) - (0,30×0,53)

35 - PAISAGEM DO MINHO (0,43×0,74)

36 - BAIRRO DOS PESCADORES (Póvoa do Varzim) - (0,30×0,53)

37 - AZINHAGA (Portela) - (0,24×0,15)

38 - CAMINHO DA FONTE DOS AMORES (Sintra) - (0,11×0,17)

39 - O LAGO ARANGUEZ (Setúbal) -(0,11×0,17)

40 - CONVENTO DE S. FRANCISCO D'ARRABIDA (0,30×0,53)

41 - CASTELO DA PENA (Sintra) - (0,11×0,17)

42 - COSTUME DE CAPRI (Cabeça) - (0,11×0,17)

43 - COSTUME DA CAMPANHA ROMANA (Cabeça) - (0,15×0,21)

44 - VENDEDEIRA DE LARANJAS (costume do Minho) - (0,41×0,32)

45 - MARINHA (Veneza) - (0,17×0,11)

46 - GRANDE CANAL (Veneza) -(0,17×0,11)

47 - SANCONSTANZO (Capri) - (0,17×0,11)

48 - CARCELA VERMELHA (Barbizon-França) - (0,11×0,17)

49 - ENTRADA DAFAZENDA (Setúbal) - (0,11×0,17)

GRUPO DO LEÃO - 1882

50 - A CABANA (Anvers)

51 - NA ARRIBANA

52 - UMA VITELA

53 - PRIMAVERA

54 - AO PÔR DO SOL (Santa Marta, Minho)

55 - LOGAR DA PORTELA (Margens do Mondego)

56 - LOGAR D'ARNELAS (Margem do Douro)

57 - RETRATO (da Senhora D.A.P.)

58 - LOGAR DA CASTANHEIRA (Belas)

59 - MARGEM D'OISE (França)

60 - UMA VIELA DE LISBOA

61 - POR DO SOL (Alcochete)

62 - PINHEIROS (arredores do Porto)

63 - BARCOS DE SAL (Alcochete)

64 - CABEÇA (camponeza do Minho)

65 - CASA RÚSTICA

66 - PONTE DO BICO (Minho)

67 - BATEL (Setúbal)

68 - CABEÇA DE VITELA

69 - VACA BARROZÃ

70 - CASTELO DA PENA

GRUPO DO LEÃO - 1883

71 - OS BOIS (1,10×1,50)

72 - NA PASTAGEM (0,62×1,10)

73 - O RIO LEÇA EM MATOZINHOS (0,43×0,74)

74 - NA PARAIA (Matozinhos) - (0,32×0,54)

75 - A VOLTA DA PESCA (Póvoa do Varzim) - (0,32×0,54)

76 - A PRAIA DOS PESCADORES (Póvoa do Varzim) - (0,21×0,37)

77 - A CASCALHEIRA (Vizela) - (0,51×0,32)

78 - RUA DO MÉDICO (Vizela) - (0,33×0,21)

79 - CABEÇA DE MULHER (costume espanhol) - (0,24×0,18)

80 - MARGENS DO DOURO (Avintes) - (0,32×0,54)

81 - CANTO DE RUA (Algarve) - (0,17×0,11)

82 - CAMPO GRANDE (0,11×0,17)

83 - NA ARRIBANA (0,11×0,17)

84 - LARGO DA ERMIDA (Ermezinde) - (0,17×0,11)

85 - HORTA DOS JUDEUS (Algarve) - (0,33×0,21)

86 - MADRUGADA (Ribatejo) - (0,16×0,27)

87 - AO POR DO SOL (Algarve) - (0,16×0,27)

88 - DO TERRAÇO (Algarve) - (0,17×0,11)

89 - A NORA (Setúbal) - (0,16×0,27)

90 - ALAMEDA DE QUINTA (Setúbal) - (0,16×0,27)

91 - PONTE DE FRIELAS (0,35×0,57)

92 - CAMPINO (0,54×0,32)

93 - CANOAS (Setúbal) - (0,32×0,54)

94 - AS LAVADEIRAS (Frielas) - (0,16×0,27)

95 - PAISAGEM DE CARNIDE (0,16×0,27)

96 - CABEÇA DE MULHER (arredores do Porto) - (0,17×0,11)

97 - LAGO DE ARANGUEZ (Setúbal) - (0,11×0,17)

98 - LUGAR DE CAMPANHÃ (Porto) - (0,11×0,17)

99 - PRAIA DA FOZ (Porto) - (0,11×0,17)

100 - RETRATO DA SRA. D.ª A.P.

SOCIEDADE PROMOTORA DE BELAS ARTES - 1884

101 - NA ARRIBANA (0,73×1,15)

102 - OS BOIS (0,35×0,54)

GRUPO DO LEÃO - 1884

103 - A SALMEJA (Lumiar) - (1,34×2,50)

104 - VACAS NA ARRIBANA (0,73×1,15)

105 - SINCELADA (0,36×0,54)

106 - RIO VIZELA (0,36×0,54)

107 - QUEDA DE ÁGUA (Vizela) - (0,36×0,54)

108 - PONTE VELHA (Vizela) - (0,36×0,54)

109 - CAMINHO NOVO (Vizela) - (0,30×0,20)

110 - A MANHÃ (Margens de Vizela) - (0,30×0,20)

111 - OS MOINHOS (Cascalheira) - (0,36×0,54)

112 - NO AREINHO (Douro) - (0,36×0,54)

113 - PRAIA DE VALBOM (Douro) - (0,36×0,54)

114 - PRAIA DOS PESCADORES (Povoa) - (0,33×0,54)

115 - BAIRRO DOS PESCADORES (Povoa) - (0,20×0,30)

116 - PRAIA DA POVOA DE VARZIM (0,20×0,30)

117 - LUGAR DE CAMPANHÀ (0,17×0,11)

118 - VILA DO CONDE (0,11×0,17)

119 - RAPARIGA DA POVOA DE VARZIM (0,24×0,18)

120 - LUGAR DO ARIEIRO (Lumiar) - (0,39×0,82)

121 - VALE DO FORNO (Lumiar) - (0,36×0,54)

122 - A SEIFA (Lumiar) - (0,33×0,54)

123 - OLIVAL (Lumiar) - (0,20×0,30)

124 - AZINHAGA DE TELHEIRAS (0,36×0,51)

125 - NO JARDIM (0,20×0,30)

126 - A PARREIRA (Telheiras) - (0,20×0,30)

127 - CAMINHO DA VENDA SECA - (0,29×0,45)

128 - CONTRARIADA (0,54×0,36)

GRUPO DO LEÃO - 1885

129 - CAMPINAS

130 - NA ARRIBANA

131 - PENEDOS (margens do Vizela)

132 - A MANHÃ (Cascalheira)

133 - PRAIA DE VALBOM (Douro)

134 - GOLEGÃ

135 - CAPELA DA SENHORA DO VALE ONTE

136 - LUGAR DA ESTALAGEM (Vizela)

137 - PRAIA DOS PESCADORES (Póvoa de Varzim)

138 - O ALBUM

139 - AZINHAGA EM TELHEIRAS

140 - NAS MARGENS DO VIZELA

141 - CAMINHO DO ALFAGEME (Santarém)

142 - CAMINHO EM VIZELA

143 - PRAIA DA FOZ

144 - MULHER NA FONTE

145 - EM VILA FRANCA

146 - FABRICA DE PAPEL (Vizela)

147 - MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO

148 - MOINHOS (Barreiro)

149 - ESTRADA DE BEMFICA

150 - LUGAR DE COIMBROES (arredores do Porto)

151 - CARVALHEIRAS (Vizela)

152 - CAMINHO EM CAMARATE

153 - ERMIDA DE S. SEBASTIAO (Lumiar)

154 - O GIGANTE, AO POR DO SOL (Barreiro)

155 - OLIVAL (Lumiar)

156 - MACIEIRA EM FLOR

157 - PARA A DESCASCA

158 - BAIRRO DOS PESCADORES (Póvoa)

159 - COSTUME ESPANHOL

160 - AVINTES (Margens do Douro)

GRUPO DO LEÃO - 1886

161 - A VOLTA DO MERCADO

162 - LUGAR DA ESTALAGEM (Vizela)

163 - FABRICA DE PAPEL (Vizela)

164 - LARGO DO MATADOURO (Tomar)

165 - UM POÇO EM CARNIDE

166 - TUY (margens do Minho)

167 - TEJO (efeito do mar)

168 - TOMAR (margens do Nabão)

169 - MOUCHÃO (margens do Nabão)

170 - MOINHOS DE MATRENA

171 - LUGAR DE COIMBRÕES

172 - ERMIDA DE S. SEBASTIÃO (Lumiar)

173 - MOINHOS (Barreiro)

174 - MARGENS DO NABÃO (Tomar)

SOCIEDADE PROMOTORA DE BELAS ARTES - IV EXPOSIÇÃO - 1887

175 - CAMPINO (1,14×0,75)

176 - A MANHÃ (Vizela)

177 - NA CEIFA (0,36×0,54)

GRUPO DE LEÃO - 1887

178 - O AMOR NA ALDEIA

179 - O MOINHO GIGANTE (Barreiro)

180 - O CASAL (Bemfica)

181 - NA EIRA (Caldas das Taipas)

182 - LUGAR DE PORTOZELLO (Viana do Castelo)

183 - RIBEIRA DE CARUNCHO (Queluz)

184 - O COVÃO CETTE

185 - LUGAR DE CARENQUE (arredores de Lisboa)

186 - MOSTEIRO DE CETTE

GRUPO DO LEÃO - 1888

187 - VOLTA PARA A ARRIFANA (arredores de Lisboa)

188 - CAMINHO DA SEARA (Caldas das Taipas)

189 - PAISAGEM (arredores de Lisboa)

190 - PONTE VELHA (Caldas das Taipas)

191 - PRAIA DOS PESCADORES (Póvoa de Varzim)

192 - ESTRADA DE SANTO ELOY (arredores de Lisboa)

193 - CASAL DO FALCÃO (Carnide)

194 - POÇO NO ARNEIRO (arredores de Lisboa)

195 - NA VOLTA DO MERCADO (arredores de Lisboa)

GREMIO ARTÍSTICO - 1891

196 - À PORTA DA VENDA (estrada de Torres) - (1,20×0,96)

197 - RUA DO MEDICO (Vizela) - (0,42×0,58)

198 - CANCELA, SERRELEIS (Minho) - (0,30×0,20)

199 - CAMINHO, COIMBRÕES (arredores do Porto) - (0,14×0,23)

200 - CAMINHO DO AREEIRO (Paço do Lumiar) - (0,30×0,20)

201 - NA CEIFA (Paço do Lumiar) - (0,41×0,32)

202 - MOINHO DE GREGORIO (Santa Marta) -(0,55×0,41)

203 - NA PASTAGEM (Tramagal) - (0,55×0,41)

204 - OLIVAL DA FONTE VELHA (Lumiar) - (0,30×0,20)

205 - GUARDANDO GADO (Minho) - (0,55×0,41)

206 - TECEDEIRA (Minho) -(0,36×0,45)

207 - LUGAR DA PONTINHA (arredores de Lisboa) - (0,55×0,41)

208 - O POÇO VELHO (Odivelas) - (0,55×0,41)

209 - CAMINHO DA FONTE VELHA (Paço do Lumiar) - (0,41×0,45)

210 - RETRATO DO EX^{mo} SNR. E.M.R. (0,41×0,55)

GREMIO ARTÍSTICO - 1892

211 - BARCA DE PASSAGEM EM SERRELEIS (Minho) - (2,00x1,33)

212 - AZENHA (Minho) - (0,53x0,43)

213 - CASTELO DO ALMOUROL (margens do Tejo) - (0,43x0,53)

214 - CASA MINHOTA (arredores de Braga) - (0,36x0,45)

215 - CABEÇA DE CAMPONEZA (0,24x0,31)

216 - PRIMAVERA (arredores de Lisboa) -,(0,31x0,24)

217 - CAVALOS BEBENDO (0,31x0,34)

218 - NA PRAIA (Setúbal) - (0,31x0,24)

219 - À BEIRA MAR (Setúbal) - (0,24x0,31)

220 - RIO AVE (Santo Tirso) - (0,34x0,26)

221 - LUGAR DO PRADO (Santa Marta) - (0,53x0,43)

222 - RAPARIGA A DOBAR (costume de Santa Marta) - (0,24x0,31)

GREMIO ARTÍSTICO - 1893

223 - CONDUZINDO O REBANHO (arredores de Lisboa) - (2,00×1,60)

224 - CEIFEIRAS (Lumiar) - (1,20×0,90)

225 - LEVADA DE TARRIO (Minho) - (0,24×0,33)

226 - CAMINHO DA IGREJA (Sande) - (0,56×0,42)

227 - MOINHOS DO ARQUINHO (Minho) - (0,56×0,42)

228 - CAMINHO DE PERRE (Minho) - (0,24×0,33)

229 - OS MOINHOS DA CONFRARIA (Caldas das Taipas) - (1,20×0,90)

230 - MANHÃ (margens do Ave) - (0,42×0,56)

231 - NA EIRA (Caldas das Taipas) - (0,56×0,42)

GRÉMIO ARTÍSTICO - 1894

232 - MACIEIRAS EM FLOR (inacabado).

PANORÂMICA DA OBRA DE SILVA PORTO

ATRAVÉS DA SUA PARTICIPAÇÃO INSERIDA NOS CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES EXISTENTES NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES DE LISBOA

ANO	NOME: SILVA PORTO António Carvalho da EXPOSIÇÃO	OBRAS	DIMENSÕES	PRECÁRIO
1874	11ª Exposição Trienal da Academia Portuense das Belas-Artes	— "Retrato" a esfuminho feito natural, de forma elliptica — desenho	0,64 x 0,50	—
		— "Estudo" de desenho feito natural, uma das provas de concurso para viagem ao Estado nacional e especial de belas-artes — desenho		
		— "Estudo" de desenho feito antigo, sob a direcção de Ilª Evon — desenho		
		— "Academia" desenhada feito modelo vivo, uma das provas do concurso para pensionato do estado em paiz estrangeiro — desenho		
		— "Academia" desenhada feito modelo vivo para anno do 5º anno, e julgada unanimemente digna do primeiro premio pecuniario, em conferencia geral de 31 d'Agosto de 1872 — desenho	0,59 x 0,45	—
		— "Um estudo de paisagem" feito feito de fontainebleau — pintura		
		— "Um estudo de paisagem" feito em Auteuil, nos arredores de Paris		
		— "Cabeça" feito modelo vivo para anno de 4º anno que lhe foi dada em sessão em conferencia geral de 31/8/1871 — escultura		
		— "Cabeça" dum dos anjos de 2 anjos, feito ao 4º anno — escultura		
		— "Cabeça" de idem, idem — escultura		
		— "Cabeça de decoração", feito ao 3º anno — escultura		
		— "Grupo", feito ao 5º anno escultura		
		— "S. Jeronymo", esboço modelado em gesso para anno do 5º anno que lhe foram dadas em conferencia geral de 31/8/1872 — escultura		

NOME: SILVA PORTO, António Carvalho da

ANO	EXPOSIÇÃO	OBRAS	MEDIDAS	PREÇÁRIO
1880	12ª Exposição da Sociedade Promotora	– "Paisagem" tomada nas Charneca de Belas, arredores	0,85 x 1,50	300$000
		– "Os Caniços" paisagem tomada nas Charneca de Belas	960 x 1,00	200$000
		– "Recreio em flor" paisagem tomada nos arredores de Amiens, França	0,33 x 0,56	54$000
		– "A Primavera" paisagem nas Tapadas d'Ajuda	0,33 x 0,56	54$000
		– "Praia de banhos" tomada na Foz do Douro	0,33 x 0,56	70$000
		– "As Lavadeiras" Tapadas d'Ajuda	0,33 x 0,56	70$000
		– "A floresta em Barbizon"	0,33 x 0,56	54$000
		– "Rua da Castella em Carrigiana, Italia	0,40 x 0,25	40$000
		– "Barco de Capri", Italia	0,25 x 0,40	40$000
		– "Margens do Oise" em Amiens, França	0,16 x 0,24	30$000
		– "Calle de los Pannitos" em Sevilha	0,18 x 0,12	27$000
		– "Rua das Judiarias" em Almada	0,18 x 0,12	27$000
		– "Barco Veneziano"	0,18 x 0,12	20$000
		– "Uma rua em Amiens", França	0,18 x 0,12	20$000
		– "Interior de um forno em Capri, Italia	0,18 x 0,13	20$000
		– "Um retrato"	0,24 x 0,16	36$000
		– "Uma abrigo em Belas" (Pertencem ao Governo Francês)	0,18 x 0,26	
		– "O castello de Palmella, visto de Setúbal" (Pertencem ao Governo Francês)	0,12 x 0,18	
		– "Paisagem" Belas (Pertencem ao Governo Francês)	0,12 x 0,18	
		– "Paisagem em Cintra" – Pertencente ao Governo Francês	0,12 x 0,18	
		– "O Lago de Cogimar" (Pertencem ao Governo Grego)	0,68 x 1,00	
		– "Interior" (Pertencem ao Governo Grego)	0,95 x 0,60	
		– "Paisagem ao pôr do Sol" (Pertencem ao Governo Grego)	0,33 x 0,55	
		– "Vista das margens do Oise" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	0,84 x 1,32	
		– "Paisagem, representando a planície" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	0,69 x 1,20	
		– "Um costume de Capri" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	1,00 x 0,59	
		– "Uma cravina" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	0,59 x 1,09	
		– "A tigela quebrada" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	0,84 x 0,49	
		– "Um campo de trigo" (Quadros pertencentes de Luiz Conceição de estudo e pertencem à Academia Nacional de Belas-Artes)	0,79 x 1,41	

EXPOSIÇÃO	OBRAS	DIMENSÕES	PREÇÁRIO
1884 13ª Exposição da "Sociedade Promotora"	– "Nas azinheiras"	0,73 x 1,15	300$000
	– "Os bois" – Pertencente ao Artista pequena Chaves	0,35 x 0,54	
1887 14ª Exposição da "Sociedade Promotora"	– "Campino"	1,15 x 0,75	180$000
	– "A manada" (Vizella)	0,36 x 0,54	54$000
	– "Nas cerca"	0,36 x 0,54	54$000
1891 1ª Exposição do "Grémio Artístico"	– "A foice da cerda" (entradas de Tomes)	1,20 x 0,96	450$000
	– "Rua do Medico" (Vizela)	0,42 x 0,56	60$000
	– "Cancella," Serzedas (Minho)	0,30 x 0,20	36$000
	– "Caminho" Coimbrões (arredores do Porto)	0,14 x 0,23	30$000
	– "Caminho do Anceio" (Paço do Lumiar)	0,41 x 0,32	36$000
	– "Na seiva" (Paço do Lumiar)	0,41 x 0,32	
	– "Moinho do Grezório" (Santa Martha)	0,55 x 0,41	
	– "Nas pastagens" (Tramagal)	0,55 x 0,41	
	– "Chiqueiro da Fonte Velha (Lumiar)	0,30 x 0,20	
	– "Guardando Gado (Minho)	0,55 x 0,41	
	– "Touchinha" (Minho)	0,36 x 0,45	
	– "Loja da Pontinha (arredores de Lisboa)	0,55 x 0,41	
	– "O poço velho (Cadiz)	0,55 x 0,41	
	– "Caminho da Fonte Velha (Paço do Lumiar) – pertencente ao Sr. Abel Botelho	0,41 x 0,45	
1893 2ª Exposição do "Grémio Artístico"	– "Barraca de forragem em Sanlucar (Minho)	2,00 x 1,33	700$000
	– "Azenha" (Minho)	0,53 x 0,43	70$000
	– "Cantão d'Almocel" (margens do Tejo)	0,43 x 0,53	60$000
	– "Casas arruinadas" (arredores de Bargas)	0,36 x 0,45	60$000
	– "Cabeça de camponeza"	0,24 x 0,31	50$000
	– "Primavera" (arredores de Lisboa)	0,31 x 0,24	45$000
	– "Cavalos bebendo"	0,31 x 0,24	50$000
	– "Nas praias" (Setúbal)	0,31 x 0,24	36$000
	– "A beira mar" (Setúbal)	0,24 x 0,31	54$000
	– "Rio Ave" (Santo Mayeso)	0,34 x 0,26	40$000

Este sito quadro pertence ao Sr. António Cambeiros Monteiro

ANO	NOME SILVA PORTO, António Carvalho da. EXPOSIÇÃO	OBRAS	DIMENSÕES	PREÇÁRIO
Idem (1892)	Idem	- Logar de Pinho (Santa Marinha) - Pertence ao Francisco Carlos Ferreira das Neves	0,53 x 0,43	
		- Rapariga a dobar (costumes de Santa Marinha) - Pertence ao José de Alcântara Ferreira das Neves	0,24 x 0,31	
1893	3ª Exposição do "Grémio Artístico"	- "Conduzindo o rebanho" (Arredores de Lisboa)	2,00 x 1,60	800$000
		- "Colheita" (Lumiar)	1,20 x 0,90	400$000
		- "Levada de Telhio" (Minho)	0,24 x 0,33	36$000
		- "Caminho das Cegonhas" (Sande)	0,56 x 0,42	90$000
		- "Moinhos do Arquinho" (Minho)	0,56 x 0,42	70$000
		- "Caminho de Telhio" (Minho)	0,24 x 0,33	36$000
		- "Os moinhos das Cegonhas" (Caldas das Taipas)	1,20 x 0,90	400$000
		- "Mamilã" (Margem do Ave)	0,42 x 0,56	90$000
		- "Nova vida" (Caldas das Taipas)	0,56 x 0,42	70$000

→ (VER)

ANO	NOME: SILVA PORTO Anos → Cerrillo da, EXPOSIÇÃO	OBRAS	DIMENSÕES	PRESTÁRIO
1898	8ª Exposição do Grémio Artístico - Secção retrospectiva - Artistas falecidos	- "Costume" das Camponesas Romanas (cabeça) - 1879(?)	0,15 x 0,21	—
		- "No caminho" - 1882	1,00 x 0,60	
		- "Na pastagem" - 1883 - pertence ao Sr. Dr. Aguas de Campos	1,10 x 0,62	
		- "A volta do mercado" - 1886 - pertence ao Sr. Polycarpo Aguas	1,54 x 1,12	
		- "Conduzindo o rebanho" (Campos da Beira) - 1892	2,00 x 1,60	
		- "Carneiros" (Beira) - 1892	1,20 x 0,90	
		- "Os amantes da Campanha" (Caldas das Taipas) 1892	1,20 x 0,90	—

PARTICIPAÇÃO DE SILVA PORTO NOS TRABALHOS DE SOLENIZAÇÃO DO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES (10-6-1880)

- Desenho de um "Carro Triunfal" representando a guerra (0,530×0,450)

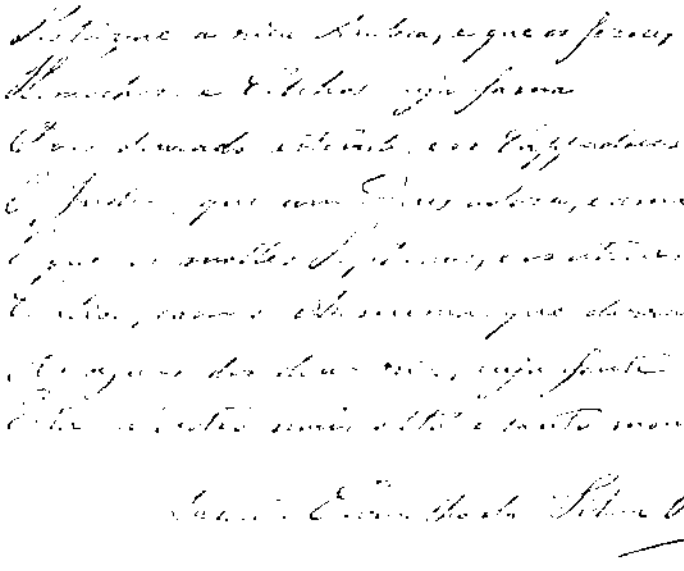
PARTICIPAÇÃO DE SILVA PORTO NAS COMEMORAÇÕES DO "QUARTO CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA"

- Transcrição da Estrofe LXXII do Canto Terceiro de "Os Lusíadas" (Edição Autographica do Programma Official do Centenário)

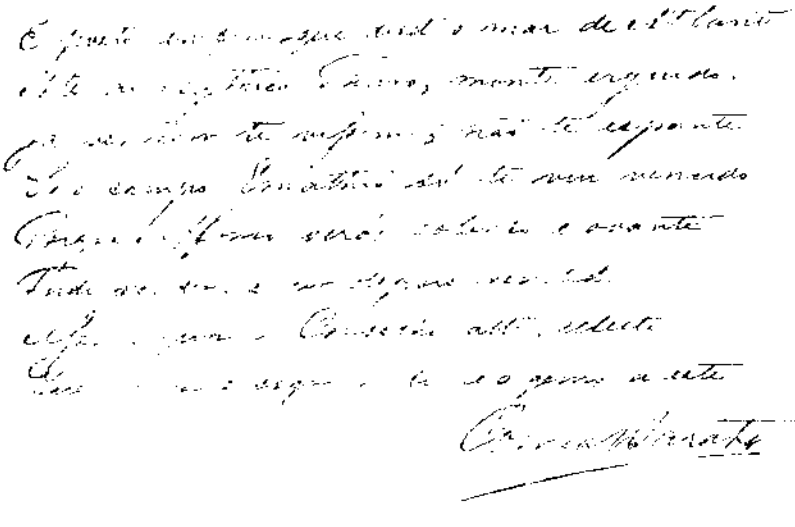
(Junta-se fotocópia da respectiva transcrição, inserida na página 155)

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

LXXII



LXXIII



PRÉMIOS ATRIBUÍDOS A SILVA PORTO

1 – Medalha de 2ª. Classe na 12ª. Exposição da "Sociedade Promotora das Belas-Artes, em 1880

2 – Hábito da Ordem de Carlos III na Exposição da Celebração do Bicentenário de Calderon, em 1881

3 – Medalha de Ouro na Exposição Industrial de 1888

4 – Medalha de 1ª. Classe na 2ª. Exposição do "Grémio Artístico"

– Em 1926 foi inaugurado o seu monumento em Benfica, em frente ao Parque, que tomou o seu nome, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa;

– Em 1934 o jornal "O Primeiro de Janeiro" realizou uma Exposição de trabalhos de Silva Porto e procedeu à inauguração da "Saleta" Silva Porto, no Museu Nacional de Soares dos Reis; A Câmara Municipal do Porto mandou colocar uma lápide na casa onde nasceu o pintor, em 11 de Novembro de 1850, na Rua da Ponte Nova, nº. 50 (freguesia da Sé);

– Em 1935 foi feita uma grande exposição dos artistas portugueses com trabalhos de Silva Porto, oferecidos para o grande "Sorteio Nacional de Arte", cujo produto reverteria para três monumentos: Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro;

– Em 1944, a 1 de Junho, a "Casa do Distrito do Porto", em Lisboa, com o patrocínio da S.N.B.A. e da Câmara Municipal de Lisboa, mandou colocar uma lápide na casa onde morreu Silva Porto, na Rua Luísa Todi, nº. 6 r/c;

– Em 1950, no primeiro centenário do seu nascimento, em 11 de Novembro, foi inaugurado no Porto o monumento a Silva Porto, no "Jardim de S. Lázaro", patrocinado pela "Sociedade Superior de Belas-Artes e pela "Câmara Municipal do Porto". Houve uma exposição de obras suas no Museu Nacional de Soares dos Reis e a cunhagem de uma medalha comemorativa (Grémio dos Industriais de Ourivesaria). A Câmara Municipal do Porto concedeu-lhe, a título póstumo, a Medalha de Honra da Cidade.

Em Lisboa, a S.N.B.A. realizou uma exposição de trabalhos do pintor, uma Conferência pelo Dr. Egas Moniz e procedeu à colocação de uma Palma no seu monumento em Benfica;

– O artista Alberto Silva fundou no Porto um "Salão de Arte" a que deu o nome de "Silva Porto".

RELAÇÃO DE LOCALIDADES QUE INTEGRAM NO SEU PATRIMÓNIO

RUAS DESIGNADAS POR "SILVA PORTO"

- Cacém

- Freixial

- Lisboa (Ajuda)

- Loures

- Setúbal

RECORTES EXTRAÍDOS DE "O PRIMEIRO DE JANEIRO" A PROPÓSITO DAS HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO E DOS MONUMENTOS A SILVA PORTO, HENRIQUE POUSÃO E ARTUR LOUREIRO

(18.02.1934 A 10.05.1939)



LAPIS INEDITO—DE ABEL SALAZAR

Silva Porto

Pregões & Prédicas

O PAI DE SILVA PORTO

Há um rôr de anos, em todos os tons, por todos os modos e feitios, que ando a apregoar aos quatro ventos, alto e bom som, aos que querem e não querem ouvir-me, a minha admiração funda, o meu culto fervoroso por Silva Pôrto, o maior e mais glorioso Artista portuense—que, sendo um dos maiores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

Por êle e pela sua obra, com prosa áspera e lingua solta, tenho queimado os meus melhores cartuchos, tenho acirrado toda a magna caterva dos meus inimigos, atirando-lhes á cabeça, sem dó nem piedade, com as bojardas mais grossas do meu desbocado vocabulário, e, se nada me pesa, se remorsos não tenho, de, pela vida fóra, haver, a tôrto e a direito, por montes e vales, semeado ventos para colhêr tempestades—um, dos meus orgulhos, uma das minhas desvirtuosas malfeitorias—a que mais preso e a de que mais me ufano—é, pela certa, a de jámais haver arripiado caminho e deixado de vir a terreiro por Silva Pôrto e pela sua obra, tendo feito pagar bem caro, com lingua de palmo, á boca do cofre e em prestações, com capital e juros, aquela celeberrima baforada de inepcia viperina e gaga, celebre entre as mais celebres das bacoradas da critica oficial e mandarinica das Malas-Artes-Antigas-e-Contemporaneas, desdenhando, por gaguejo mental e desconveniência de serviço, **Silva Pôrto que nem desenhar sabia...**

*

E de resto, mal o conheci, pois só uma vez lhe falei, numa das Exposições do Grémo Artistico, diante da **Volta do Rebanho**, que Fialho de Almeida me levara a vêr, apresentando-me ao Artista—acanhado, titubeante, quási encolhido, no seu corpo franzinito e magricela, em fraca-figura de Jão-Ninguém amanuensado em Génio—todo êle concentrado na operação dificil de enrolar e desenrolar a mortalha do cigarro, diante dos dizeres e gesticulares do Soberano Senhor dos Gatos, falscante de entusiasmo, a sacudir o fraque, a sacudir-nos as vestias, da poeirada que o rebanho levantava na azinhaga, entre as piteiras do valado e que da tela vinha envolvernos e cobrir-nos a todos, invadindo a sala, empoeirando tudo, segundo Fialho, muito a sério, com ares catedráticos, de capêlo e borla em toda a casta de poeiras e pinturações, afirmava, solene, em publico e raso, pelos seus gráus de critico e de doutor.



O ultimo retrato de Silva Porto
(Foto de A. Benarus)

E que fôssemos dali ao Jansen, a refrescar as gorjas, a desempoeirar as guelas, que, certo como a êle já nos picava o pigarro e era de fazer suar em bica toda aquela soalheira saloia, que do raio do painel irradiava, em braseiro, aquecendo-nos a alma diante daquele naco de pintura—do melhorado que havia saído das bentas unhas dum grande pintor português.

Silva Pôrto, confuso, a córar de gôso, por baixo da barbita negra e mal aparada, tartamudeava vagos agradecimentos, olhando, tímido e orgulhoso, os que em roda, iam formando grupo, fazendo cêrco ao Fialho—e, quando arrancamos dali, a reboque do Antonio Ramalho, impaciênte e sequioso dês que, se falara no Jansen—onde, havia pouco, acabara o maravilhoso primôr dos seus grupos decorativos—eu trazia enquistada na alma, para a vida e para a morte, a minha instintiva e inabalável admiração pelo Mestre Paisagista, trazendo arreigado, bem fundo e para sempre, na fascinação das pupilas, onde a **Volta do Rebanho**, para toda a vida, me ficou gravada, o meu culto devoto, quási fanático, pelo seu talento e pela sua obra...

E depois, pelo tempo adiante, na minha convivência em Lisboa com o alto espirito de Antonio Ramalho, aqui no Pôrto, passados anos, na minha intimidade com a boa alma do santo velhinho que era o Mestre Artur Loureiro, essa admiração e êsse culto fôram-se alicerçando em bases sólidas, fôram-se consolidando em observações raciocinadas, e, Silva Pôrto, visto, estudado, admirado, com olhos de vêr, com calma, com serenidade, com reflexão, tornou-se-me, em dogma fundamental e basico da nossa Arte Contemporanea—o maior e mais glorioso artista portuense, que, sendo um dos maiores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

Falando dêle, procurando conhecê-lo e explica-lo na sua obra, em que um fundo sentimental de melancolia, um vago esvoaçar de sombria tristeza matisam e nimbam, em suavidades de ternura, as mais acres policromias da sua originalissima palheta de Mestre Naturalista, que só pintava o que via mas que sentia sempre o que pintava—foi o Antonio Ramalho que, uma noite, me mostrou o texto famoso de Ramalho Ortigão, catalogando Silva Pôrto e Artur Loureiro: **«ambos mais ou menos achacados do pello, pertencendo, como tais, á categoria**

daqueles predestinados «Doentes do Infinito» no agiologio da Arte em que Monclaire compreende, por sintomas comuns de nostalgia poética, de nervosidade exacerbada, de ternura febril de insociabilidade ideal e de melancolia mistica, certos privilegiados temperamentos, como o de Watteau na pintura, o de Verlaine na poesia, o de Mozart, Chopin e Schubert na musica».

Mas foi, muitos anos depois, que uma tarde, no atelier do Palácio, Mestre Artur Loureiro pareceu dar-me a chave do enigma, com uma explicação decisiva e concludênte:

—Silva Pôrto foi sempre, na vida, um triste. Mesmo em rapaz, pesava-lhe, como um estigma, o drama intimo, a tragédia familiar, que, como um pesadêlo constante, de noite e de dia, lhe apagava dos lábios o riso franco, a alegria môça de todos nós, os seus camaradas...

—Mestre, que drama?

—O pobre do pai, um grande artista, cheio de talento, o melhor gravador do Pôrto, prêso na Relação, por não querer denunciar o mariola que o envolvêra num caso de notas falsas... Parece-me até que o Urbano falou nisso no jornal, dando uma trepa das dêle, quando foi do julgamento...

Mestre Artur Loureiro—até aos ultimos dias da vida—foi sempre um pitoresco e loquaz repositório vivo de coisas, de casos, de factos, de anedoctas, de acontecimentos. Agora para o fim, baralhavam-se-lhe um pouco as datas, os nomes, a conquistenação dos episódios—mas, nunca a mentira poluiu os seus lábios ou a calunia envenenou a limpidez serena e cristalina dos seus austeros dizeres—foi sempre, modelarmente, estruturalmente, um homem honrado e um homem de bem.

Tomei nota do drama intimo que tão fundamente vincara no caracter de Silva Pôrto e em que não havia nem sombra de desprimôr para o Artista glorioso, nem sequer para seu pai—porque, envolvido num vulgarissimo caso de notas falsas, por um mariola que abusara da sua miséria e da sua lealdade, o pai de Silva Pôrto poderia ter saído das cadelas da Relação, sem quebra e sem mancha na sua dignidade.

Mas como sei a terra em que se vive e as manhas da boa gente que nos rodeia, ao ter outro dia, de frizar, perante os olhos piscos do juri da Escola



António da Silva Carvalho Pôrto

(O pai de Silva Porto).

de Belas Artes, o desnivel social entre os dois concorrentes—um, filho de clinico abalisado, popularissimo, com larga clientela e larguissima influência eleitoral; outro, filho dum pobre artifice, preso na Relação—procurei esbater todas as arestas, velar todos os melindres, evocando os moedeiros falsos que Camilo romanceou nas **Memórias do Cárcere**, dando-lhes quási que uma canonisação facil, com carta-patente de varões ilustres e beneméritos, por seus feitos, virtudes e santidades...

E como não podia pôr em duvida a informação fidedigna de Mestre Artur Loureiro, deixo-os, camaradas, calcular a minha surpreza, o meu espanto, a minha sincera e dórida atrapalhação, ao lêr numa carta dirigida **o Primeiro de Janeiro** pelo Snr. Umberto Silva, chefe da antiga e conceituadissima **Casa do Léque**, da rua 31 de Janeiro: ...**O pai de Silva Pôrto, artista latoeiro e não gravador, como se diz, foi na sua arte um mestre e nunca esteve preso na Relação...**

Felizmente, refeito do sobresalto, continuei: ...«**quem esteve preso e foi para o degrêdo, pelo crime de moedeiro falso, foi um gravador de nome Francisco Antonio Galo, que era concunhado de Antonio da Silva Carvalho Pôrto, pai de Silva Pôrto**».

*

Não ganhei para o susto, mas há males que vêem por bens e cada vez me convenço mais de que, se Deus, Nosso Senhor, sabe escrever—escreve sempre direito por linhas tortas.

A informação de Mestre Loureiro não era perfeitamente exacta e rigorosa, mas não deixava de ser honestissima e quasi certa: existia um drama intimo que unhara para sempre, com laivos fundos de melancolia a infancia de Silva Porto e que, pela vida fóra, penumbrando de tristias a alacridade da sua obra, veio a ser uma das caracteristicas mais pessoais e inconfundiveis do seu talento:—não tivera o pai preso, mas fôra-lhe degredado, para a Costa de Africa, um tio, gravador, o artista da familia, como moedeiro falso.

Ao fim de tantos anos, Loureiro apontando o facto, recordando, sobretudo, a influencia que ele tivera no caracter e no talento do Artista, confundiu o pai com o tio—mas não inventou, não deturpou, não mentiu, porque era incapaz de inventar, de deturpar, de mentir, o honrado velho, o glorioso Artista, o Mestre Artur Loureiro.

Mas a carta vinha cheia de informes, de particularidades, de detalhes sobre Silva Porto e sobre os seus.

Mesmo que não fôra, senão por méro dever de cortesia, eu tinha, naturalmente de procurar o seu signatário.

Venho de lá. Estão desfeitos todos os mal-entendidos, esclarecidos todos os factos, trocadas todas as explicações— e eu marco esta tarde como uma das mais deleitosas e mais proficuas para o meu culto encendrado por Silva Pôrto, porque falando dele, enternecidamente, com uma venerandissima Senhora—que me lembrou, nas suas rugas e nas suas farripitas brancas, as rugas e as farripitas da Santa que foi minha mãe—eu soube coisas que não sabia, conheci factos que não conhecia, e, andando há um rôr de anos, em todos os tons, por todos os modos e feitios, a apregoar aos quatro ventos, alto e bom som, aos que querem e não querem ouvir-me, que Silva Pôrto é o maior e mais glorioso artista portuense—só hoje soube, de ciencia certa, que, ao contrario do que muitos me afirmavam, em 11 de Novembro de 1850, aqui no Porto, na velha rua da Ponte Nova, na casa n.º 50—filho do mestre latoeiro Antonio da Silva Carvalho Porto, nascido na rua da Bainharia, e de sua mulher D. Margarida da Silva Carvalho, nascida ali na rua de Santo Antonio, no predio onde, desde 1883, existe a **Casa do Leque**—nasceu Antonio de Carvalho Silva Pôrto o maior e mais glorioso artista portuense,—que

sendo um dos maiores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirado e o mais português de todos os pintores portugueses.

❁

E consolo-me de ter bem ganho o meu dia—apesar-de ter de deixar para outro pregão, que pela demora não perde, **Os artistas esquecidos e a sua consagração nos «Cem anos da arte portuense»**—pregão já amanhado e pronto, sobre uma ideia feliz a dinamisar-se numa realisação em marcha, pois que anda a esboçar-se e a tomar vulto, com disvelo e inteligencia, nas ruins cabeças de muita gente boa...

BRAZ BURITY.

19-2-34

Pregões & Prédicas

Os artistas esquecidos e a sua consagração nos «Cem anos de Arte Portuense»

Creio não haver por aí, por entre os ossos, cêbo ou trapos da Feira da Ladra das contraditas e contestações nacionais, quem contradiga e conteste terem sido expoentes máximos das Belas-Artes e das Artes-Plasticas-Contemporâneas, em Portugal, dois grandes e gloriosos artistas portuenses um escultor outro paisagista—SOARES DOS REIS e SILVA PORTO—tão grande qualquer dêles, esculpindo ou paisajando, que todos os outros, nados no Pôrto, em Lisboa, ou por êsse país fóra, na centuria dos oitocentos, dentro da Arte Nacional, todos gravitam, grandes e pequenos, como satélites ou vagalumes, na sua órbita astral de Mestres, Maiorais e Pontifices do Cinzel e da Palheta, vincando a obra de ambos, no mármore e na téla, como peças fundamentais e decisivas do património artistico da nossa terra e do nosso tempo.

Em tôrno dos dois, no sulco luminoso da obra de ambos, na seiva fecundante dos seus talentos—no escultor, roçando pelo Génio, no pintor, sempre tocado pela Beléza—tomaram pé, deitaram raizes, abriram caminho, criaram nome, conquistaram fama, no Pôrto e em Lisboa, todos os maiorais da geração famosa do *Grupo do Leão* e do *Grémio Artistico*, com o Malhôa, o Loureiro, o Ramalho, o João Vaz, o Sousa Pinto, o Columbano e o Marques de Oliveira, na pintura, com o Simões Velho, o tio Costa Mota e o Mestre Teixeira Lopes, na estatuária—vindo dos dois astros tripeiros—e, por consequencia, da velha Escola de S. Lazaro, onde os irmãos Correias a ambos iniciaram nos basicos preliminares do desenho—todo o movimento artistico, que, na peugada do naturalismo francês, marca o renascimento e o fulgôr da tradição setecentista do Machado Castro, dos dois Vieiras e do Siqueira—que, nos desenhos das Janelas Verdes, e descontando-se-lhe, por mal dos seus pecados, tudo quanto pintou ao estilo da época e pelos figurinos do tempo,—ainda é e sempre será — entre alfacinhas e tripeiros, entre todos os portugueses — o Maior de Todos.

*

Mais que justificada, assim, quási necessária e urgente, por isso, a ideia da sua demonstração, com documentos juntos, com provas á vista, na realisação sensata e inteligente, ponderada e conscienciosa, nos *Cem Anos de Arte Portuense*, que anda no ar e vai efectivar-se, pelos modos, com as ajudas, vistos, achêgas, benaplacitos e cobres da Camara Municipal; a quando e a par da Exposição Colonial do Palácio, no certamen de arte exclusivamente tripeira, abrangendo o periodo compreendido entre 1830 e 1930 e no qual será documentado, o mais possível e o melhor que se possa, a contribuição prestada pelo Pôrto—a terra de Soares dos Reis e de Silva Pôrto — á Arte Nacional, durante os últimos cem anos—por iniciativa arrojada e impulso feliz do sr. dr. Vasco Valente, a quem, pessoalmente, não conheço, mas a quem, artisticamente, já todos devemos que o escandalo da vergonhosa miséria do Museu Soares dos Reis, sem deixar de ser uma miséria citadina, não seja, ainda, como até há pouco foi—uma escandalosa vergonha nacional.

A ideia não póde ser mais interessante nem mais oportuna—agora que, com a Exposição Colonial ali do Palácio, há esperanças de foguetear o ramerrão do viver citadino, com a nota gárrula duns problemáticos milhares de forasteiros, que, certo, depois de se embasbacarem com toda a pitoresca *mise-en-scene* do Portugal-Escarumba, pôsto arteiramente em férreo contraste com todas as camuflagens do Portugal-Calado-de-branco — comparando, pelo cheiro, a Metropole com as Colónias, pondo, em equação de fedores, a catinga dos prêtos e os sabonetes da Nally —certo, não deixarão de ir, valdosamente, certificar-se all defronte, ao Palácio dos Carrancas, diante do mostruário dos Artistas Portuenses, que, pelo menos, de há cem anos para cá, em coisas de artes e talentos, em pinturações e bonecagens, *blanquinho famem ser gente*—que é como quem diz, que, em espiritualidades plásticas, há muito, não anda a boa gente tripeira, a colaborar na mistificação vulgarissima de se maquilhar em branco por fóra, ficando negroide ou mulata por dentro.

*

Mas para que isto assim seja e não resulte exactamente o contrário, — em inesperado louvor dos pretoguêses coloniais, que ainda se não meteram em altas cavalarias de plasticisar a Naturêsa, e em desolador detrimento dos pretogueses reinois, que por aí andam, pelas ruas da Amargura, a desnaturalisar todas as artes plasticas—fazendo ressaltar e pondo bem em fóco os dois Grandes Mestres — em plena apoteose das suas obras primas, com o *DESTERRADO* e a *FLOR AGRESTE*—que são da Camara—e com a *VOLTA DO REBANHO* e *OS MOINHOS DA CONFRARIA*—que estão no Pôrto, mas será preciso ir pedir emprestadas ao seu dôno—todos os cuidados são poucos, todas as cautelas são precisas para que justiça seja feita a todos, colocando em seus logares, na sua ordem, nos seus postos, na sua classe e na sua categoria os que, até agora, têem andado baralhados e confundidos, uns, em farta celebridade, outros em denso esquecimento—com tal desproporção entre méritos e valores, numa tal amalgama de nainhos e gigantões, que, *se os Cem Anos de Arte Portuense*, não vêem pôr côbro e dar remédio a tão empinado desafôro—continuará muita gente, pela arreata da crítica que cataloga Barbizon entre os impressionistas franceses, a tomar a sério, como pintura de arte, a *VERDADE* do Museu Municipal, ou, como escultura decorativa, a Seresma do Chafariz e os Meninos do Paliteiro, dos Aliados, continuando o grosso do público, a ignorar, por exemplo, que nasceu o Pôrto um tal AUGUSTO MOREIRA, que tão pouco vivendo e tão pouco pintando, foi um dos grandes paisagistas portugueses, embora, da sua obra, só raros conheçam o *VALE DE PENACOVA*—que é, no Pôrto e em toda a parte, uma soberba e formidável paisagem; que houve no Pôrto, no nosso tempo e por vergonha nossa, uma grande e gentilissima alma de artista—AURELIA DE SOUSA—que sentia e vibrava como mulher e pintava e sabia pintar como poucos homens pintam; ou que, muito antes dela, morreu com 25 anos, também aqui, no Pôrto, um pobre e lindo rapaz, HENRIQUE POUSÃO—companheiro e camarada de Silva Pôrto e de Artur Loureiro, o qual teria sido, se a tuberculose o não levasse, ao lado, a par ou talvêz acima de Silva Pôrto—o mais delicado, o mais emotivo e o mais luminoso dos paisagistas portugueses—sendo, pela certa, o percursor e o apostolo, o iniciador e o mestre do Impressionismo em Portugal.

*

Arrumar, pôr em ordem, um século de Arte—mesmo a dentro dos muros dum velho burgo como o Pôrto, em que, por nos conhecermos todos, andamos sempre aos encontrões e ás pisadelas uns aos outros—não é emprêsa fácil, comoda, sem amargos de bôca e sem canceiras.....

Mas, com uns mêses de antecipação, congregando todas as boas-vontades, reunindo todos os elementos, chamando a capitulo todas as dedicações, escorraçando todos os empatas e pondo de quarentena todos os metediços, a tarefa do sr. dr. Vasco Valente póde e deve ser coroada do mais completo exito—e, para que bem-mereça da cidade para que bem-mereça de todos que pela Arte se interessam, bastará que, a Exposição dos *«CEM ANOS DE ARTE PORTUENSE»*, se mais não conseguir, consiga, ao menos, pôr em realce e destaque, trazer á luz do dia e á memória olvidadiça dos que não deviam esquecê-los nunca, os nomes e as obras de toda a pleiade de artistas—uns, que, recolhidos na Torre de Marfim da sua Arte, longe dos bulícios do mundo e do vozear das turbas, acanhados por modéstia ou picados pelo azar, passaram despercebidos, vivendo e morrendo ignorados; ou, outros, que a Morte levou, em início de floração artística, ao rebentar da fôlha em plena mocidade, quási ao saír da Escola, quási ao entrar na Vida—antes mesmo de haverem marcado ao sol, de haverem vincado na Arte, os seus lugares e as suas rubricas, as suas individualidades e os seus valores—fazendo rolar do anonimato da Vala-Comum para o Limbo dos Nado-Mortos os que mais apetrechados e melhores fadados pareciam para ascender e grimpar pela Vida fóra, pela Arte dentro, das bôcas do mundo ás trombetas da Fama, dos galarins da celebridade aos pincaros cimeiros da Glória.

São os esquecidos e poderiam, talvêz, ter sido os triunfadores, porque não havendo a descontar fracassos, a deduzir derranques, a pontuar falhanços nos que morrendo novitos, morrendo antes do tempo, morrendo quando na Arte e na Vida estavam a nascer, em fogachos efémeros e lampejantes, de brilho intenso e rápido, que o tempo vai delindo e vai esfumando, em clarões mortiços, em sombras vagas, quási que em apagadas saudades dos raros que, tendo-os conhecido e tutejado, tráz dêles, foram morrendo e esquecendo também—são sempre êres, os que a Morte leva, os que, para nós que, devéras, os não conhecemos, mais alto teriam subido e mais falta vieram a fazer, porque, tendo, de facto, prome-

tido muito, sendo justo, pelo que prometeram, vaticinar-lhes, em castelos no ar, em mundos e fundos, ainda melhor e muito mais—e, não tendo chegado a cumprir—comparado com o que dêles era lícito esperar-se—em coisa que se visse, nada ou pouco mais de nada — enquanto, de todo se não apagam e se não esquecem, dêles vão refulgindo, de ouvido e tradição, como realidades positivas e certas, o que mais não eram do que promessas falíveis e fagueiras—creditando-se-lhes, assim, e sempre a maior distancia, por honra das firmas e por ouvir dizer, todo um capital de esperanças falhadas e de ilusões perdidas, a que, na mais das vêzes, em apuro de contas, se a Morte os houvera poupado, se deveria contrapartir, na escrita sempre dobrada da Arte, todo o passivo de desenganos e decepções a que só raro fogem e se escapam, em provas reais de talento, de originalidade e de perfeição, os maiores e mais cotados dos vivos, que não morreram á nascença, e que, ás vêzes, bem pequenos são, quando aos mortos, que chegaram a viver, se emparelham e se comparam.

*

Mas morreram os pobresitos, em pleno sonho, ao estuar-lhes na alma toda a seiva ardente duma Arte-moça, duma Arte-pura, que os tocára, logo ás primeiras refregas escolares, com a aza da Glória, que os embriagára, em sêdes ancioadas de Belêza, com os ruidosos triunfos das provas estudantis;—e, não tendo deixado, tráz de si, o sulco fundo, o rasto luminoso duma obra feita e perfeita, duma carreira larga, fecunda e decisiva—não é fácil a tarefa de querer, ao recordar-lhes os nomes, reconstituir-lhes a personalidade artística e, menos ainda, marcar-lhes o posto de honra, que, na fileira da sua geração, entre artistas do seu tempo e da sua escola, êles ocuparam de facto, sendo, clara e logicamente, absurdo, pretender adivinhar-lhes, com nicromancias e bruxedos, o logar que na Arte Portuguesa teriam vindo a ocupar, se, em vêz de a tuberculose os ter atirado para a cova, a Sorte os houvera bafejado, e, vivos e sãos, fôros e rijos, em vêz das sombras vagas de pobres artistas esquecidos, êles fossem, ainda hoje, quási centenários, as relíquias sagradas da Idade de Oiro das Artes Plásticas Portuguesas—da grande e gloriosa Arte Portuense, em que, ao tempo, marcando a geração e imortalisando a época, fulguraram, como astros, SOARES DOS REIS e SILVA PORTO — o Mago da Pedra e o Bruxo da Paisagem — que os «*CEM ANOS DE ARTE PORTUENSE* vão fazer reviver e fazer relembrar, glorificando os Célebres, consagrando os Esquecidos — numa grande e memorável hora de reparação e de justiça, numa afortunada e salutarissima lição de Beleza, num inteligente e vibrante exemplo de bom, honrado e teimoso bairrismo tripeiro, em que todos teremos que aprender, que aplaudir e que admirar, indo todos, vaidosamente, certificar-nos, ali defronte, ao Palácio das Carrancas, diante do mostruário dos Artistas Portuenses, que, pelo menos, de há cem anos para cá, em coisas de artes e talentos, em pinturações e bonecagens—*blanquinho também ser gente*—que é como quem diz, que, em espiritualidades plásticas, há muito, não anda a boa gente tripeira a colaborar na mistificação vulgarissima de se maquilhar em branco por fóra, ficando negroide ou mulata por dentro.

BRAZ BURITY.

25-7-24

Pregões & Predicas

A consagração de Silva Porto

Quarenta anos depois da sua morte

Uma dívida da cidade ao seu maior Artista. O descerramento duma lápide na casa onde nasceu. A inauguração da saleta Silva Porto no Museu Soares dos Reis A exposição da sua obra no Salão de Festas de — — — «O Primeiro de Janeiro». — — —

Faz no próximo dia 1 de Junho 40 anos que morreu António de Carvalho Silva Porto—o maior e mais glorioso Artista portuense, que, sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

O Pôrto, êste velho, honrado e glorioso burgo onde Silva Pôrto nasceu, na casa n.º 50 da rua da Ponte Nova, em 11 de Novembro de 1850, tem em aberto há quarenta anos uma grande e sagrada dívida—uma imprescriptível dívida de honra!—para com a memória do Artista que, até hoje, mais alto ergueu o prestígio dominador do Pôrto na vida espiritual e artística do Portugal-Contemporâneo.

Apontou-a, ainda há pouco, num dos grandes diários alfacinhas, o Dr. Pedro Vitorino, o mais erudito, mais simpático e mais ferrenha e conscienciosamente bairrista dos nossos críticos de Arte, lamentando, que ainda estivesse por fazer no Pôrto a consagração citadina do maior e mais glorioso artista portuense, que já tem, no lindo e pitoresco Parque de Bemfica, num recanto suburbano de Lisboa, o seu pequenino e singelo monumento—o seu busto em bronze, num simples e expressivo pedestal de mármore, com o seu nome, as datas do nascimento e da morte e as palavras votivas: «os seus admiradores, os seus camaradas e os seus discípulos».

Lisboa pagou, assim, há já anos, a sua dívida ao maior e mais glorioso artista portuense, que, morrendo em Lisboa, foi o mais português dos pintores portugueses e o seu Município, acaba de colocar uma placa comemorativa na casa onde em Lisboa viveu, nos últimos tempos, o Mestre José Malhôa, Malhôa nas Caldas e que as Caldas, numa ruidosa e inteligentíssima consagração, a semana passada, acabam de homenagear pondo uma lápide na casa onde Malhôa nasceu e tomando Malhôa como orago e patrono do museu regional de Arte—que, dentro em pouco será um dos encantos e uma das jóias da pequenina cidade extremenha, onde a rainha D. Leonor criou a primeira Misericórdia, onde Bordalo enformou as suas melhores faianças e onde Mestre José Malhôa nasceu.

No Pôrto—nada lembra, nada evoca o nome e a obra de Silva Pôrto—o maior e mais glorioso artista portuense...

Absolutamente nada—porque, se, de facto, o roteiro da Cidade indica, vagamente, uma vaga e longínqua «rua Silva Pôrto», onde se fabricam fósforos e por onde eu nunca passei, o Silva Pôrto modesta e parcamente consagrado nos letreiros das esquinas dessa rua, nem sequer é o Silva Pôrto, Mestre Pintor, mas o velho e heróico Silva Pôrto, o patriota sertanejo que, no Bihé, envolvido na bandeira das Quinas, morreu pela Pátria, fazendo-se estilhaçar por um barril de pólvora, a que, romanêsco e épico, chegara o fogo...

No Museu da Cidade, não há uma única tela de Silva Pôrto, e no Museu Soares dos Reis—museu da Escola onde Silva Pôrto se fez pintor—existem, apenas, maltratadas, com as tintas alteradas, em pésimo estado de conservação, as suas provas escolares e de Pensionato—telas preciosas como documentos, mas que é necessário isolar da visinhança das pequeninas maravilhas de Henrique Pousão, para as não subalternisar e empequenecer, em confronto desolador para o que mais tarde foi, como Bruxo da Paisagem, o mais português dos pintores portugueses.

Nem uma só das suas numerosas e formidáveis obras-primas nos museus do Pôrto e nem uma simples pedra, cá fóra,—a memorar-lhe o nome, a perpétuar-lhe a obra, a glorificar-lhe a Arte—na própria terra onde nasceu, onde se fez homem e artista se fez, com tão insigne talento, tão alto mérito, tão explendorosas faculdades e tão forte e vincada personalidade tripeira, que sendo o maior e mais glorioso artista portuense, foi um dos melhores paisagistas de todo o Mundo e é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

*

Certo, o Pôrto, não pode, não deve, nem quer ficar eternamente atrás de Lisboa, na consagração de Silva Pôrto, o maior e mais glorioso dos artistas portuenses, o, mais dia menos dia, mais ano menos ano, o que tem de ser tem muita força, all no velho jardim de S. Lázaro, acatitado, ensombrado, ajardinado, apergolado pelos mais apitorados figurinos da urbanisação modernista, o Pôrto—ou alguém por êle—acabará por levantar, diante da Escola onde se fizeram artistas, no Jardim dos Pintores,—o monumento sóbrio e dominador de Mestre Silva Pôrto, ladeado pelo busto de Marques de Oliveira, que já lá está e pelos bustos de Henrique Pousão e de Artur Loureiro, que ainda lá se hão-de pôr...

Mas, daqui até lá, largos dias tem cem anos, Roma e Pavia não se fizeram num dia, e, como sempre mais valeu passaro no mão que em bando a voar, sendo o último o pior inimigo do bom, como nada está feito e para que não fique tudo por fazer, mais valendo tarde do que nunca, a 40 anos da morte de Silva Pôrto, bem é que, no Pôrto se comece enfim a fazer qualquer Pôrto se comece, enfim, a fazer qualquer coisa, fazendo cada um de nós quanto possa e quanto saiba, para que, no pouco ou muito que se fizer—já lá não é sem tempo—alguma coisa fique feito.

Falhando-me, por falta de rimas e talentos, embocadura camoneana para Curador de mortos e ausentes, nunca armei em juiz e mordomo de festas ou gato-pingado e cargalheiro de enterros, e, graças a varios Senhores, não sabendo ao certo e bem o que seja, não sou, positivamente, empreiteiro de lápides e placas comemorativas—mas, como daqui até ao fim de mês não vejo possibilidade material de algum se meter na empreitada de um modesto e decente monumento a Silva Pôrto em S. Lázaro—atrevo-me a perguntar, em alto e berrado pregão, ao Pôrto inteiro, aos seus homens de cabeça e aos seus homens de coração, aos seus homens de inteligências e aos seus homens de governo, ás suas forças vivas e aos seus poderes ocultos, ás suas classes burguesas e ás suas massas populares, aos seus artistas e aos seus operários, aos que trabalham e aos que pensam, aos que suam e aos que gosam—a Vocês, rapazes das Escolas, em que, pelos modos, só corre o sangue e só a alma se tem sentido vibrar nos oitos-a-zeros da Boia-Nacional, e a Vocês, velhôrros do meu tempo, a fazermos das fraquezas forças, a negar-nos nas subidas, e, ainda, de pés para a cova, impenitentes e incuráveis, de braços cruzados, á espera do que há-de vir!—a todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, velhos e novos, cultos e incultos, a todos, que sois do Pôrto, porque do Pôrto sois ou no Pôrto estais,—a todos, vos pergunto, se, ainda, o Pôrto, quarenta anos depois de Silva Pôrto ter morrido, deixará passar mais um aniversário da sua morte, sem ir ali abaixo, ao travesso ingreme que liga a rua Mousinho da Silveira á rua das Flores,—á velha rua da Ponte-Nova, á casa número 50, onde Silva Pôrto nasceu—para prantar uma simples e tosca pedra, em que, com toscos e simples dizeres, se lhe comemore a Vida honrada e a Obra gloriosa—ou, apenas se aponte—o que ainda será melhor—o seu nascimento e o seu nome, que, por si só e para todo o sempre, ali ficam honrando e glorificando, com o Artista glorioso e glorificado, a casa, o lugar, a terra—êste Pôrto, honrado e glorioso, onde nasceu Silva Pôrto o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portuguêses...



Silva Porto, em 1876. Pochade do Marques de Oliveira

Por iniciativa e com o patrocinio de «O Primeiro de Janeiro», com o consenso e a coadjuvação da Comissão Administrativa da Camara Municipal do Porto, ainda há pouco, ouvindo-me os pregões, um grupo contado e restrito de admiradores e de amigos do velho Mestre Artur Loureiro—deixando de remissa, para depois da Exposição Colonial, a reconstituição do seu atelier no Palacio de Cristal—colocou uma placa de marmore, ali ao alto do Bomjardim, na casa onde Mestre Loureiro nasceu.

O que tão facil e singelamente se fez a Mestre Artur Loureiro, não pode nem deve deixar de se fazer a Silva Porto—mas, para que o senso das proporções se não perca e se não possam estabelecer confusões neste baralhar de lapides e homenagens a artistas da mesma geração e da mesma igualha, de facto, distanciados um do outro pela influencia e acção, que dispares, exerceram, a dentro da sua epoca e na sua Arte—um, como Chefe de Bando, Arauto do Ar-Livre, Apostolo Nacionalisador dos frouxismos de Barbizon, em Fundador de Escola, Mestre, Orientador, Modelo e Guia dos que lhe andaram ao lado ou lhe vieram atrás e morto, na força da Vida, quando ainda nele era lícito esperar mais e melhor; outro, como Mestre de si mesmo, sem discipulos e sem caudas, a ensinar damiselas, ensimesmado na sua Arte e enconchado no seu atelier, trabalhando sempre e trabalhando de mais, morrendo a trabalhar, de trabalho e de velho, quando em Arte já dera ainda mais do que tinha a dar—para que se consagre a obra de Silva Porto e se respeite a memoria de Artur Loureiro, o que para Artur Loureiro foi carinhosa iniciativa de meia duzia de admiradores e de amigos, tem de se alargar para Silva Porto á glorificadora iniciativa da Cidade—iniciativa de todo o Porto, representado pela Camara Municipal, sendo a Camara secundada pelo esforço e pela adesão de todos os artistas portugueses.

E para que o acto se revista da pompa e solenidade que a obra de Silva Porto requer e de que se não pode, lisamente, prescindir, em contraste frisante com a singeleza e modestia que, de proposito, se imprimiu á homenagem a Mestre Artur Loureiro, ao mesmo tempo que, lá baixo, na Ponte-Nova, se descerre, entre foguetes, retorcas, aclamações, vivorios e bandas de musica, a placa comemorativa do nascimento de Silva Porto—o maior e mais glorioso dos artistas portuenses—com o calor, com a emoção, com entusiasmo que o Porto de 'c, há quarenta anos, á memoria do Artista e que o Porto—mais do que ao Artista—deve a si mesmo, devendo-o aos seus brios de velho burgo bairrista sempre avaro e sempre cioso dos grandes artistas e das grandes glorias da sua terra—lá cima, no Museu Soares dos Reis, o talento activo e desempoeirado do Dr. Vasco Valente, embora com o pé no estribo para mudar de poiso, emquanto o pau vai e vem e não lhe folgam as costas, certo, não deixará de arranchar á festa, inaugurando, em comemoração da data, a saléta reservada exclusivamente ás provas escolares e do Pensionato de Silva Porto, abrindo-se aqui, na grande sala de festas do «Primeiro de Janeiro»—bizarra e patrioticamente posta pela sua Empresa á disposição dos que assim pretendem cultuar o mais português dos pintores portugueses—a exposição de todos os quadros de Silva Porto, que, em mãos de particulares, no Porto existem, para honra da Cidade, que os não conhece e por felicidade dos bons e ilustres tripeiros, como o Sr. Honorio de Lima, o Dr. Jacinto Magalhães, o Sr. Conselheiro Mourão e o Sr. Cupertino de Miranda—que, possuindo algumas obras-primas do Mestre, algumas das suas melhores telas, certo não se recusarão a expô-las, uns dias, á admiração e ao culto dos que no Porto, apenas vagamente conhecem Silva Porto—o maior e mais glorioso artista portuense—por ouvir dizer e sob a palavra de honra...

E dando-se aos trez actos—aos trez numeros do programa—o descerramento da lapide, a inauguração da saléta Silva Porto no Museu Soares dos Reis e a abertura da Exposição das Obras do Mestre no Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro», toda a remanencia e todo o destaque, todo o brilho e todo o aparato duma grande festa da Cidade—não se faz com certeza, tudo quanto há a fazer—mas faz-se, na verdade, o que, com menos dum mez deante de nós e quarenta anos depois da morte de Silva Porto, nós todos podemos fazer para começar a pagar uma grande e sagrada divida—uma imprescritivel divida de honra!—que o Porto, este velho, honrado e glorioso burgo onde Silva Porto nasceu, tem, há quarenta anos, em aberto e tem de liquidar, seja como fôr, custe o que custar, aconteça o que acontecer, a quarenta anos da data, no proximo dia 1 de Junho, ali abaixo, em frente da casa n.º 50 da velha rua da Ponte-Nova, onde há 84 anos nasceu, a 11 de Novembro, o maior e mais glorioso artista portuense, que, sendo um dos melhores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admiravel e o mais português dos pintores portugueses...

BRAZ BURITY.

5-6-24

Homenagens citadinas ao Mestre Pintor Silva Porto

Ouvindo o Pregão lançado no «Primeiro de Janeiro», pelo nosso camarada Braz Burity e correspondendo ao seu apêlo, reuniram ontem no Salão Silva Porto, á rua de Cedofeita, varios admiradores do maior e mais glorioso artista portuense, o Mestre Paisagista Silva Porto e, resolvendo fazer a sua consagração no próximo dia 1 de Junho, 40.º aniversario da sua morte, iniciaram os seus trabalhos elegendo uma grande comissão promotora das homenagens composta pelas figuras mais prestigiosas da cidade e de que amanhã deremos os nomes.

A Comissão executiva ficou assim constituida:

Presidente, dr. Antonio Bragança, da Comissão Administrativa da Camara Municipal do Porto; vogais: Alberto Silva, dr. Joaquim Madureira (Braz Burity) e M. Pinto de Azevedo Júnior.

A sêde das comissões, onde se tratam os assuntos referentes ás homenagens a Silva Porto e para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, é no Salão Silva Porto, rua de Cedofeita, 285, telefone 2793.

6 - 5 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A grande comissão promotora das homenagens

Como dissemos, ficou ante-ontem constituida, no Salão Silva Porto, a Cedofeita, a Grande Comissão das Homenagens Citadinas a Silva Porto, o grande e glorioso artista portuense, de que no dia 1 de Junho proximo se commemora o 41.º aniversario da sua morte.

A Comissão está assim constituida:

Presidentes honorarios:

Dr. Alfredo Magalhães, Presidente da Comissão Administrativa da Camara do Porto; Mestre Carlos Reis, artista pintor; Eduardo Honorio de Lima, amador de Arte.

Presidente efectivo:

Manuel Pinto d'Azevedo, Presidente do Conselho de Administração de «O Primeiro de Janeiro».

Vogaes:

Dr. Herculano Ferreira, governador civil do Porto; Brigadeiro Schiappa de Azevedo, comandante da Região; Marques da Silva, director da Escola de Belas Artes; Dr. Adriano Rodrigues, reitor da Universidade; Dr. Vasco Valente, director do Museu Soares dos Reis; Julio Brandão, director do Museu Municipal; Dr. Joaquim Costa, director da Biblioteca; Dr. Mario Pacheco, director da Escola Infante D. Henrique; Sousa Caldas, director da Escola Faria Guimarães; Um representante da Sociedade Nacional de Belas Artes (Lisboa); Alberto Silva, Presidente da Sociedade de Belas Artes do Porto; Juliano Ribeiro, pelos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; Antonio de Oliveira Caiem, pela Associação Comercial; Xavier Esteves, pela Associação Industrial; dr. Guilherme Braga, pelo Ateneu; João da Cunha Guimarães, pelo Club dos Fenianos; Lemos Ferreira, pela Liga Agrária do Norte; Raul Ferreira, pela Associação dos Comerciantes; J. Pinto Leite, pelo Centro Comercial; Um representante dos alunos da Escola de Belas Artes e de cada uma das Faculdades da Universidade do Porto.

Artistas: Falcão Trigoso, pelo Grupo Silva Porto; Margarida Costa, Sofia de Sousa, Mestre Teixeira Lopes, Acacio Lino, José do Brito, Joaquim Lopes, Julio Ramos, Aires de Gouvêa, Manuel Lucio, Octavio Sergio, Carlos Carneiro, Alberto de Sousa, Julio Pina, Antonio Costa, Ed. Moura, Manuel Monterroso, João Monteiro, Luiz Cunha, Silva Gouveia, Fernandes Lima, Antonio Azevedo, Henrique Moreira, J. Oliveira Ferreira, Fernandes de Sá, Rodrigo de Castro, Pedro de Figueiredo, Lauro Corado, Abel Santos, Cristiano de Carvalho, Paulino Gonçalves, Adelfo Marques, Americo Gomes.

Arquitetos: Manuel Marques, Baltazar de Castro, Amoroso Lopes, Oliveira Ferreira, Julio Brito, Joaquim Madureira, filho, Emanuel Ribeiro, Rogerio de Azevedo, Romero.

Amadores de Arte: D. Maria Terra, Dr. Jacinto Magalhães, Vasco Ortigão de Sampaio, Dr. Leopoldo Mourão, Francisco Borges, Cupertino de Miranda, Fernando de Castro, Amadeu Vilar, Dr. Couto Soares, Dr. Manuel Pinto, Fernando Calhiano, António Ramos Pinto, D. J. J. Pereira Osorio, Dr. Alberto Aguiar, Dr. Adriano Fontes, Dr. Almeida Garrett, Dr. Alvaro Teixeira Bastos, Dr. Carlos Lima, Camilo Macedo, Diogo Macedo, Visconde de Francos, Dr. Antonio Luiz Gomes, Dr. Casimiro de Carvalho, Dr. Jacinto Romariz, Dr. Sena Cabral, Dr. Pinto de Mesquita, Antonio Dias, Antonio Seixas, Dr. José Mentres, Dr. Pinheiro Torres, Tomaz Joaquim Dias, Dr. Aurelio Proença, Umberto Silva, J. J. Mota Barbosa.

Criticos de Arte: Dr. Aarão de Lacerda, Dr. Gaspar Baltar, Visconde de Villa Moura, Dr. Pedro Victorino, Raul Alvarenga, Antero de Figueiredo, Dr. Magalhães Basto, Ramiro Mourão, Dr. Mendes Correa, Dr. Claudio Basto.

Jornalistas: Bento Carqueija, director do «Comercio do Porto»; Anibal Moraes, director do «Jornal de Noticias»; Dr. Marques Guedes, director do «Primeiro de Janeiro»; A. Seixas, director da «Montanha»; Marques d'Abreu, Director da «Instrução Moderna»; Tito, Martins, pelo «Seculo»; João Duque, pelo «Diario de Noticias»; Dr. Francisco Sequeira, pela «Voz»; Teixeira Pinto, pelo «Diario da Manhã»; Aurora Jardim Aranha, Mario de Figueiredo, Eduardo Santos, Mario Amoral e Marques da Cunha.

Como dissemos, ficou assim constituida a

Comissão Executiva:

Presidente: Dr. Antonio Bragança, da Comissão Administrativa da Camara Municipal.

Vogais: Dr. Joaquim Madureira (Braz Burity), Alberto Silva e M. Pinto de Azevedo Junior.

A sede das Comissões, onde se tratam todos os assuntos referentes ás homenagens a Silva Porto e para onde deve ser dirigida toda a correspondencia é no Salão Silva Porto, rua de Cedofeita 285, telefone 2793.

6 - 5 - 34

Homenagens citadinas a Silva Pôrto

Na sua sessão de hoje deve ser apresentada, pelo respectivo vogal da Comissão Administrativa da Camara do Pôrto, o sr. dr. Antonio Bragança, a proposta para se colocar uma lápide commemorativa no próximo dia 1 de Junho, na casa n.º 50 da rua da Ponte Nova, onde nasceu a 11 de Novembro de 1850, o grande e glorioso Silva Porto, falecido em Lisboa em 1 de Junho de 1890—e que há quarenta anos esperava do Pôrto, a cidade onde nasceu, onde se criou e onde se fez artista, a mais simples e mais justa das homenagens citadinas.

No Museu Soares dos Reis também já o seu illustre director sr. dr. Vasco Valente mandou iniciar os trabalhos de carpinteiro para se inaugurar nêsse dia as *Salas Silva Porto*, consagradas exclusivamente ás telas de Silva Porto, que o museu possue — as suas provas escolares e de Pensionato.

Por parte dos possuidores de quadros do Mestre tem sido tão entusiasticamente acolhida a ideia da exposição a realisar no belo Salão de Festas do nosso jornal com as numerosas e valiosissimas obras primas que existem nas colecções particulares do Porto, que o invulgar exito da exposição póde, desde já, dar-se por garantido.

10 - 5 - 34

Pregões & Predicas

Arrumando a escrito...

A consagração citadina de Silva Porto. A Exposição da sua obra na Sala de Festas do «Primeiro de Janeiro». As publicidades artisticas. Estabelecendo principios e definindo situações. Casos pendentes. A Maquete do Mestre Joaquim Gonçalves e a situação do estatuario Silva Gouveia

Ovante e triunfal vai singrando em seus preparativos e tramites a *Consagração Citadina de Silva Pôrto* — o maior e mais glorioso Artista portuense, que, sendo um dos maiores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e mais português dos pintores portuguesses.

Há quarenta e um anos—fá-los no próximo dia 1 de Junho—que o Pôrto, a Cidade onde o Artista nasceu, tinha em aberto para com a memória de Silva Pôrto uma grande, uma sagrada, uma insprescritivel divida de honra.

Há 8 dias que se começou a tratar do pagamento dessa dívida e póde já, afoitamente, dizer-se que, no próximo dia 1 de Junho, para a sua completa integral liquidação, faltará apenas, com alguma das obras-primas do Mestre no Museu da Cidade, o seu pequenino monumento no Jardim dos Pintores, ali em S. Lazaro, em frente da velha Escola de Belas Artes, onde Silva Pôrto iniciou a sua gloriosa carreira de Artista.

O que tudo a seu tempo se fará, pois tudo o mais que havia a fazer —e era essencial e inadiável se fizesse—tudo, no dia 1 de Junho, ao fim de quarenta e um anos de inércia, de esquecimento e de ingratidão, tudo estará feito—porque nêstes oito dias bendo de se começer pelo principio, para não se parar a meio do caminho e se chegar ao fim, já se organisou *A Grande Comissão de Homenagens a Silva Pôrto*, constituida com os mais representativos nomes da Cidade; já se escolheu e pôz a mecher a *Comissão Executiva*, formando-a com os que, por obrigação e devoção, não podendo fugir a encargos nem furtar-se a canceiras, hão-de fazer quanto saibam e quanto possam, ao dar de bom grado e por honra da firma, os ricos corpinhos ao manifesto; a Camara Municipal, póde dizer-se, sem inconfidencia, já tomou a si e lápida comemorativa e a sua solene colocação na casa da rua da Ponte Nova n.º 50, aonde Silva Porto nasceu; lá acima, no Museu Soares dos Reis, o dr. Vasco Valente já começou a agetar a *Saleta Silva Porto*, consagrada ás provas escolares e do Pensionato—as ùnicas que o Museu possue; e com as bizarras, generosas e valiosissimas adesões, já anunciadas e nunca suficientemente agradecidas, dos eméritos colecionadores de Arte, Eduardo Honorio de Lima, dr. Jacinto Magalhães e dr. Leopoldo Mourão, a que me orgulho de juntar hoje a gentilissima cooperação de Manuel Lucio e Fernando de Castro, os dois colecionadores Artistes—o exito certo, seguro, invulgar e victorioso da *Exposição das Obras de Silva Pôrto existentes no Pôrto*, a abrir no dia 1 de Junho, aqui, no grande e belo Salão de Festas do *Primeiro de Janeiro*—está garantido, excedendo já e em muito, as mais risonhas expectativas que eu, optimista, lhe sonhára, há oito dias, ao lançar aos quatro ventos o meu pregão.

Mas como o tempo aperta e não há, para falecias e escrevinhações tempo a perder, vá de arrumar hoje, de vez, a escrita atrazada de casos pendentes para começar, dia a dia, a dar em gravura, a reprodução das magnificas telas que irão brilhar na *Grande Exposição do «Janeiro»*, pondo, assim, em contacto com a multidão as formidáveis obras-primas de Silva Pôrto, que, existindo no Pôrto, o Pôrto não conhece, porque, aferrolhadas a sete chaves, há quarenta anos, por quem tem a felicidade de as possuir e de lhes chamar suas, póde dizer-se que tornavam desconhecida de quási todos os portuenses, de quási todos os portugueses, menores de 60 anos — quási desconhecida de Portugal inteiro!—a obra artistica de Silva Pôrto, que, no próximo dia 1 de Junho, comemorando o quadragesimo primeiro aniversário da sua morte, consagrando a sua memória, pagando a dívida do Pôrto ao seu Maior Artista, o *Primeiro de Janeiro* vai expôr durante alguns dias, a todo o Pôrto—a todos os portuenses, que dando a honra da sua visita ao Salão de Festas de O *Primeiro de Janeiro*, aqui venham conhecer, admirar e cultuar a obra de Silva Pôrto—o maior e mais glorioso Artista portuense, que sendo um dos maiores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável, o mais português dos pintores portugueses.

*

Desde o penultimo domingo, que, no Salão Silva Pôrto, 20 aguarelas de Alves de Sá fazem aro e cercadura a um copioso e variado mostruário das cerâmicas alfacinhas dos velhos fornos do Intendente, onde o Mestre Aguarelista e o seu discipulo e camarada Eduardo Leite estão a dar requintados foros artisticos aos popularissimos barros saloios da Viuva Lamêgo.

Interessante e pitoresca toda a caqueirada de «jarrões, jarras, potes, cache-pots, loiças de fantasia, vasos de pé, encanastrados, azuis, laços, gregas e outros; azulejos com padrões antigos e todos os objectos de cerâmica tradicional portuguêsa» «trabalhos *«artisticos e industriais»* executados nesta fábrica por vários artistas, sob a orientação do Sr. João Chaves, de colaboração com J. Alves de Sousa e Eduardo Leite»—como resa o catálogo.

E deveras pitoresca e interessante a exposição do seu mostruário, no Salão de Cedofeita, pois levanta a lebre e póe em foco um problema de publicidade, que, é como quem diz, um acto de comércio, um caso de interesses e pecunias, a debater, muito a sério, entre os donos das várias Industrias em jôgo—e para cuja solução, nós, os assalariados das diferentes emprêsas—homens da Arte ou homens da Pêna—não metendo o prego na estôpa, andamos como Pilatos no Credo e sem sabermos ás quantas se anda, cá vamos andando, tem-te não caias, com o credo na bôca...

Como nunca fui de arcas encoiradas e procurei sempre, por dever de ofício, saber a lei em que vivo, pão pão, queijo queijo, prêto no branco a falar como gente—pônho nitida e claramente a questão:

As emprêsas jornalisticas, vivendo industrialmente das variadas e complicadissimas modalidades da publicidade—vendem o seu artigo—o jornal—ao publico, directamente, por assinatura ou, pelos seus intermediários e retalhistas—os ardinas.

Um comércio simples, banal, corriqueirissimo—toma lá a gasêta, dá cá o cobre—que, daria com as emprêsas em pantana, tornaria calamitosa a situação da Imprensa e impossivel a exploração das grandes tiragens—sabido como é, que, *só em papel*, muitas vezes, acontece gastar-se mais, dar-se ao publico um valor muito maior, do que aquele, que, *em niquel*, do publico se recebe.

Por consequencia, antes do jornal vir para a rua, antes de entrar na máquina, há uma intrincada rêde de operações mercantis que são o segredo e a alma do negócio jornalistico e que, representando os ganhos e lucros das emprêsas, dantes se cifravam, quási, nas diferentes modalidades do ANUNCIO,

e agora, cada vez se complicam mais nas emaranhadas telas da PUBLICIDADE.

Resumindo e pondo o dêdo na ferida:—o leitor paga ao dôno do jornal—por atacado, ou seja por assinatura, ou a retalho, por intermédio do ardina—umas tantas fôlhas de papel impresso e a emprêsa do jornal, para lhe poder vender essas fôlhas impressas,—tendo de pagar a quem lhe fornece o papel, a quem o compõe, a quem o imprime,—e até a quem lh'o escreve! — procura, naturalmente, quem lhe pague essas despesas todas e a pônha a coberto dos possiveis e quási certos prejuizos materiais, que, afora os concomitantes amargos de bôca das grandes naus sob as grandes tormentas—são os escolhos em que naufragam sempre e cada vez mais as grandes empresas publicitárias de todo o mundo.

*

Ha, pois, por banda da emprêsa proprietária e exploradora da industria jornalistica a tendencia natural e legitima de transformar em publicidade paga tudo quanto na gasêta se publica e há, por outro lado, por banda dos que necessitam dessas publicidades, a teimosa ancia DA BORLA—a grande, a obsecante, a suprema aspiração de toda a gente, para quem o dinheiro é sangue e por isso foge de pagar seja o que fôr—como, no catecismo, o Diabo fugia da Cruz e na Vida, cada um de nós foge de levar uma facada.

Por uso e costume, por velhos habitos e direitos consuetudinários, que vêm dos tempos remotos em que os jornais eram de quem os escrevia e que, na camaradagem boemia das Artes e Letras toda a purria de literatos, jornalistas, cómicos, pintores e estatuários, sempre depenada e sem vintem, estabelecia, fraternalmente, entre todos, as mais imprevistas trocas de serviços, em homenagem ás doutrinas clássicas de Benthan e ás contingencias cultuais da Santa Penuria—a milogrenta padroeira de redacções, palcos e ateliers—as publicidades atinentes á Arte e ao Teatro gosam, ainda, ante as emprêsas jornalisticas, dum regimen especial, de favôr, em mutua troca de borlas, que, hoje mais do que nunca, me parece necessário delimitar e definir no interêsse comum e com honra para todas as partes.

Os jornais já não são de quem os escreve, mas de quem, industrialmente os explora e as Artes, por via de regra, mesmo quando se cultivam como Arte, exeroem-se, se não como industria organisada, pelo menos, como modo de vida e ganha-pão—e, mal comparado mas bem achado, os artistas, pintores e escultores, vendem os seus quadros e as suas estátuas, talqualmente, como o artista alfaiate nos vende os seus fatos e o artista sapateiro nos vende as suas botas.

Com a industria de Teatro—em que os artistas são quási sempre mieros assalariados e no Cinema, onde nem artistas assalariados há—ainda o caso das relações entre as emprêsas exploradoras de publicidade e exploradoras de espectáculos, tem menos espinhas e menos osso—para se aclarar a situação e se estabelecer, em principio basilar e imutável, entre umas e outras—*o passez a la caisse*.

*

Como critico de Arte, claro que nada tenho com o facto da emprêsa que me paga a prosa,—sem me impôr quaisquer restrições ao que penso e ao que escrevo—ter ou não ter com os Artistas a que livremente me refiro, quaisquer contratos de publicidade.

A mim—pagam-me para escrever o que escrevo, como posso, como sei e como quero escrever, pondo-lhe o nome por baixo e respondendo pelo que escreva.

Não acho, realmente, justo que um Artista, a quem, de qualquer modo eu enalteça a Arte ou prejudique o negocio gabando-lhe o talento ou estragando-lhe o arranjinho — tenha de pagar, ainda por cima, seja a quem fôr, o espaço que ocupei na gazeta, a servir simplesmente a Verdade, dizendo o que sinto e o que penso, para ganhar limpo e honradamente o que ganho...

Mas, fóra das criticas de Arte, tudo o que o jornal publica sobre obras vendaveis e expostes á venda, sobre Artistas que exercem a sua Arte como modo de vida ou como simples prenda manual, mas de que, com os lucros materiais, procuram tirar os proventos espirituais da publicidade—tudo isso se traduz, *a la caisse*, com a regreta na mão e a tabela á vista, numa conta redonda de escudos e centavos—com que eu nada tenho, mas que a *Empresa do «Primeiro de Janeiro»* não pode nem deve deixar de inscrever entre as suas legitimas e naturais fontes de receita.

E neste caso da Exposição das 20 aguarelas do Alves de Sá, a fazerem aro e cercadura ao copioso e variado mostruário das ceramicas alfacinhas dos velhos fórnos do Intendente, onde o Mestre Aguarelista e o seu discipulo e camarada Eduardo Leite estão a dar requintados fóros artisticos aos popularissimos barros saloios da Viuva Lamego—eu prefiro nada lhes dizer das magnificas estampas do Mestre de *«A volta do rebanho»* e do *«Interior do Cabinete do Dr. Jacinto de Magalhães»*, que, como o *«Retrato da Mãe do Artista»*, de Mestre Roque Gameiro, são as trez peças fundamentais, decisivas e esplendorosas da Aguarela Portuguesa e que, na verdade, não aquentam nem arrefentam a minha velha e inabalavel admiração pelo Artista que creou, mantem e aperfeiçoa uma technica, original e personalissima, de aguarelar—do que tive de relegar a Viuva Lamego e a caquelrada artistica da sua industria cerâmica, ás complicadas contabilidades da publicidade com que nada tenho nem quero ter.

*

E para [illegible] dos que no Pôrto e [illegible] fóra—onde, [illegible] estes *[illegible]* — [illegible] pelo talento e pela [illegible] Mestre Joaquim Gonçalves e pela diligencia e pela [illegible] [illegible] do perfeitamente [illegible] do aplauso e de [illegible]

E por que, [illegible] Artistas, [illegible] [illegible] — [illegible] [illegible] [illegible]

o Estado, a Câmara—ou a generosa iniciativa de quem o possa e queira fazer — os meios materiais de Silva Gouveia reproduzir, industrialmente, as suas maravilhosas estatuetas—que, certo, teriam vasta procura, lucrativa e proveitosa. Metê-lo em altas cavalgadas de nova obra, a explorar filões inéditos, ricos, ao que parece, audaciosa temeridade, redundante para o Artista e para quem o financiasse, em dividendos fraccionários de todas as energias e de todas as ilusões que Silva Gouveia diz sentir trabalhonar no seu dormente cérebro arcaboiço—arregaçado pelo infortúnio, pela doença e pelas medicinas... Proporcionar-lhe meios de viver, honradamente, com o produto das suas obras já consagradas—não é uma caridade, chega a ser um dever e pode até, redundar num bom negócio.

Mais do que isso, seria, também, uma fértil aventura em que não arriscaria ninguém se metia, metendo em problemáticas audiências um belo e honrado Artista—velho, com a sua grande

BRAZ BURITY.

13 - 5 - 34

Pregões & Predicas

O homem do leme

Ou de como acima dos triuntos faceis e efemeros destes Pregões, acima do proprio exito, certo e seguro, das HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO, se aponta e se marca a revelação de Americo Gomes como um dos grandes estatuarios da Grande Estatuaria Portuguesa

Embora faça doer a muita gente bôa, não podia ser mais completo, mais perfeito, mais rapido e retumbante o miraculoso efeito destes estiraçados e compridos PREGÕES—de periodos longos, sintaxes arrevesadas e copiosa adjetivação, dum escrever dificil, tão ridiculo, nos tempos que vão correndo, como os falares difíceis a que a Academia, ainda apegada ao «azurrar» do seu Dicionario, põe o véto olimpico e omnipotente dos seus maiores e mordomos.

Começou-se, ainda não há 5 mezes, por bradar aos Ceus contra a inepta e testaruda mal-querença dos Mandarinatos Artisticos da Nossa Terra a esbanjar, em mãos rôtas, por compadres e amigalhotes as magras dotações das Belas-Artes e fechando, ostensiva e refinadamente, a bolsa do Estado e as portas dos Museus a Mestre Carlos Reis, a quem há 18 anos se não comprava um quadro e se não fazia uma encommenda — preguntando, então, a quem de direito pudesse responder, se ainda teriamos todos de bater, por muito tempo, ás portas do Museu de Arte Contemporanea, para elas se abrirem, de par em par e sem favôr, e por elas entrarem, por direito proprio, por direito de realesa e direito de conquista, como obra prima da nossa Arte-Moderna, estas ASAS de sonho, ASAS de prodigio, ASAS de milagre, ASAS de assombro, ASAS de beleza—que acabam de ser adquiridas pelo Estado, e que, apesar de toda a inepta e testaruda mal-querença dos Mandarinatos Artisticos da Nossa Terra, já fazem parte do patrimonio Artistico da Nação e, dentro de poucos dias, serão uma das grandes, ráras e gloriosas obras-primas do Museu de São Francisco, onde, antes de mais ninguem—aqui se lhes marcara o logar e poiso certo.

E, não contando com a Policia em bolandas á cata dos malfeitores do crime nefando da destruição da maquette AMOR DA PATRIA do grande e desventurado Mestre Joaquim Gonçalves, de quem, ainda não há 2 mezes, já ninguem se lembrava; nem com a lapide de Mestre Loureiro ao alto do Bomjardim; nem com o Henrique Pousão, relembrado, posto no seu logar e com os seus desenhos desalapados da Escola e a caminho das estantes giratorias do Museu; com o pobre do Silva Gouveia a sonhar novas series de sonhadas estatuetas e o bom do Adolfo Marques a desunhar-se, goivando a estupenda e fantasiosa bonecagem duma proxima Exposição—as HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO, ao fim de quarenta anos de esquecimento, de desleixo e de ingratidão, vão no proximo dia 1 de Junho, liquidar uma velha, sagrada e imprescritivel divida de honra deste velho e honrado burgo do Porto ao maior e mais glorioso dos Artistas Portuenses, colocando a Camara, em nome da Cidade, uma lapide comemorativa do seu nascimento na casa da Rua da Ponte Nova onde o Artista nasceu, inaugurando-se no Museu Soares dos Reis a SALETA SILVA PORTO, reservada ás provas escolares e do Pensionato e abrindo no belo e magestoso Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro» a EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE SILVA PORTO EXISTENTES NO PORTO expondo-se, assim, á admiração e ao culto das modernas gerações o maior e mais glorioso Artista portuense, que sendo um dos maiores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admiravel e mais portuguez dos Pintores portugueses.



Americo Gomes a trabalhar na sua estatua «O homem do leme»

Pois tudo isso—que tanto e—e tão alto levanta o prestigio deste prestigioso «Primeiro de Janeiro»—o pulpito miraculante, onde, liberrimamente, os da Casa, tornam possiveis, e, por consequencia, miraculados estes liberrimos pregões—tudo isso é nada—amados ouvintes em coisas de Arte—para o meu velho e esfrangalhado coração, de todo insensivel e embotado ás gloriolas fugazes da boa letra-redonda e ao escolcinhar bravio das ruins tretas da Vida, tudo isso é nada—fumo que se esvai, sombra que passa, luz que se apaga, calôr que esfria, fonte que seca, ilusão que se perde, fome que se mitiga, sêde que se sacia, desejo que se alcança ou amôr que se esquece—tudo isso, sendo tanto, em verdade não é nada—comparando isso tudo, com os momentos eternos, os grandes, os gloriosos, os inefaveis e inesqueciveis momentos que ontem passei, num sujo e desmantelado barracão, ao fundo dum quintalorio de Cedofeita, nas trazeiras do Salão Silva Porto, vendo desemtrapar das lonas molhadas, o barro hú-

mido, o barro vivo, o barro palpitante, o barro estupendo de movimento, estuante de fôrça, herculeo de vigôr, radioso de belesa, fremente de grande, de alta e de purissima Arte do HOMEM AO LEME—a assombrosa e formidavel estatua de grande, alta e purissima Estatuaria, que o sopro acalentador destes desenjardinados Pregões—estirraçados e compridos, de periodos longos, sintaxes arrevesadas de copiosa adjectivação dum escrever dificil, tão ridiculo como os falares dificeis a que a Academia põe o veto olimpico e onipotente dos seus maiorais e mordomos—encitou a modelar, encorajou a conceber, animou a realisar ao talento inato, á intuição ingenita, á prodigiosa fôrça creadora desse encarquilhado e franzino Americo Gomes—o faisante fazedôr de bonecos de barro, mestre santeiro de profissão, barrista de oficio, Artista de raça, que, no HOMEM DO LEME, de repente, surde, se revela e se impõe como um dos grandes estatuarios da grande Estatuaria Portuguesa.

—Ponham-lhe outro nome por baixo e aquilo é a obra-prima dum grande estatuario que, rubricando-a, para todo o sempre, terá, no HOMEM DO LEME, a eterna glorificação da sua rubrica gloriosa...

Disse-m'o, tremulo de emoção, febricitante de entusiasmo, outro grande Artista, que ainda ninguem conhece e que, tendo-o levado a abraçar o Americo Gomes, que ele mal conhecia—eu vi, irmanados a ambos, na Arte e na Gloria, naqueles momentos eternos, nos grandes, nos gloriosos, nos inefaveis e inesqueciveis momentos que ontem passei, num sujo e desmantelado barracão, ao fundo dum quintalorio de Cedofeita, nas traseiras do Salão Silva Porto.

*

Ao fazer de esta, coberto de gesso, na mortalha dos tasselos, sujeito aos precalços dos amanhos primitivos da formagem, o HOMEM DO LEME, tal como eu o vi ontem, tal como, em zincogravura, hoje, o verão os leitores do «Janeiro» não posso, ao certo, dizer-lhes como ele renascerá na fria encarnação do gesso, ao natural ou com a maquilhagem duma disfarçadora patine, da multidões, que, ao meio da grande Nave do Palacio de Cristal, daqui a semanas, o forem topar como inesperado e surpreendente «clou» artistico da famosa Exposição Colonial.

Mas, por muito que, do barro ao gesso, venha a perder, eu, que horas antes estivera enlevado e embevecido diante do gesso quasi divino do CONDE DE FERREIRA do divino Soares dos Reis—eu estou que o HOMEM DO LEME, que não poderá ficar no gesso e que, apoz a Exposição Colonial, por direito proprio, por direito de realesa, por direito de conquista—os trez direitos com que valiceu ás ASAS do Mestre Carlos Reis o Museu de S. Francisco—está destinado á glorificação eterna do bronze—O HOMEM DO LEME, no expressionismo vincado e rude da sua mascara, no fulgôr estranho do olhar fito no magneto da bussola e nos longes do horisonte, no movimento forte do seu arcaboiço semivergado no esforço muscular de rondar a roda do leme, imponente de arropancia na consciencia viril da responsabilidade do mando, batido pelo vento, encharcado pela vaga, mais do que a figura desempenada e possante, dos nossos marcantes, dos nossos velhos lobos do mar, o HOMEM DO LEME é a eterna encarnação racica, forte, sintetica e artistica, de todo um grande povo de navegantes que, tomando, emfim, conta dos seus destinos, dettando então ao leme, olhos no futuro, seguro na rota, domina a tempestade, foje dos escolhos e singra, orante, por entre procelas, ao Porto-Seguro, ao Porto-Franco, ao Porto-Santo da sua libertação e do seu ressurgimento.

*

Vi-o, assim, ontem, no barro, num sujo e desmantelado barracão, ao fundo dum quintalorio de Cedofeita, nas traseiras do Salão Silva Porto—e se, a vuelo da grande Nave do Palacio de Cristal, daqui a semanas, assim o forem topar como inesperado e surpreendente «clou» artistico da Exposição Colonial—dizei—amados ouvintes em coisas de Arte—se tudo o mais, sendo tanto—fumo que se esvai, sombra que passa, luz que se apaga, calôr que esfria, fonte que seca, ilusão que se perde, fome que se mitiga, sede que se sacia, desejo que se alcança ou amôr que se esquece—se, tudo isso, é ou não é nada, comparando isso tudo, com os momentos eternos, os grandes, os gloriosos, os inefaveis e inesqueciveis momentos que ontem passei ao ver, que do talento inato, da intuição ingenita, da prodigiosa força creadora desse encarquilhado e franzino Americo Gomes—o faisante fazedôr de bonecos de barro, mestre santeiro de profissão, barrista de oficio, artista de raça—no HOMEM DO LEME surdia, de repente, se revelava e se impunha, um dos grandes Estatuarios da Grande Estatuaria Portuguesa?...

BRAZ BURITY.

20 — 5 — 34

Pregões & Predicas

As homenagens citadinas a Silva Porto

Da sua oportunidade, da sua tardia e reparadora justiça, da lição de Arte que delas resulta e do mais que se disser

Mandada gravar e esculpir, bem fundo, em redondas e claras letras, em nome da Cidade do Pôrto, pela sua Camara Municipal, na lápide comemorativa do 41.º aniversário da sua morte, solenemente descerrada, no próximo dia 1 de Junho, na frontaria da casa da rua da Ponte Nova, n.º 50, onde o Artista nasceu, pelos tempos fora e através dos tempos, ficará a consagração na História da Arte, nos Fastos da Cidade, no culto dos Artistas e no espírito de toda a gente—de António Carvalho da Silva Pôrto, o maior e mais glorioso Artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de Todo o Mundo, é o mais belo, o mais forte, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português dos pintores portugueses.

No Museu Soares dos Reis, o Dr. Vasco Valente, dos mais activos e inteligentes, mais cultos e devotados dos altos funcionários das Belas-Artes, já tem organisada e pronta, a inaugurar na data fixa, á hora marcada, a pequenina Saleta Silva Pôrto, onde, numa pequerricha capela votiva, num vero sacrario de Arte, as 12 telas escolares e de Pensionato do Mestre—as unicas que o Museu possue—de tal guisa resplandeçem e brilham, que chega a gente a perdoar o dislate, a baforada de asneiras, daquele moço, em cujo acarvoado talento eu cheguei a ter a ingenuidade de acreditar, e que, ainda outro dia, no «Frad'ques», na ansia de fazer um frete, notulava a sua má fé, ao escancarar a sua ignorancia de toda a obra de Silva Pôrto: «Nêste caso está o pintor S. P.—(pintor tout court e só com as iniciais). Na Academia de Belas Artes do Pôrto há trabalhos dêste artista, anteriores á sua ida a Paris, extraordinariamente melhores e mais fortes que toda a sua obra posterior».

O que, de facto, estaria certo, se o môço confessasse que nunca vira as outras, ou fazia parte da malta, dos que para governarem a vida, se fazem tôlos de nascença...

✲

No Salão Silva Pôrto, em Cedofeita, séde da Comissão e apetrechado laboratório de todas estas complicadas alquimias duma grande festa de Arte, começam a reunir-se as maravilhosas obras-primas, que, no proximo dia 1, na sexta-feira que vem, se Deus quiser, hão de opulentar, soberbas e dominadoras, a «EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE SILVA PORTO EXISTENTES NO PORTO» a abrir, com fausto e solenidade, entre musica e flores, no magnifico e explendido Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro», por onde, durante cinco dias, vai passar, em reverente e admirativa romagem, todo o Pôrto—com a fina-flor da intelectualidade tripeira, os seus homens de ciencia, os seus artistas, os seus letrados, a mocidade das suas escolas; com as suas autoridades, os seus homens de governo e os seus homens de acção, na industria, na finança e no comercio; com o bando chalrante, belo e elegante, das suas gentilissimas senhoras, damas e damiselas, vibrantes de emoção e de prazer ante a beleza irradiante das obras-primas do Mestre; estando reservado o Domingo—de hoje a oito dias—para que, de manhã á noite, as grandes massas populares, as grandes forças trabalhadoras do Pôrto, as gentes das fábricas, dos cais e das oficinas, toda a semana presas ao mourejado labôr do pão quotidiano, honrem o Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro»—o grande orgão popular nortenho, jornal do Pôvo e para o Pôvo, onde, por entre musicas e flores, numa grande, inesquecivel e belissima lição de Arte, vejam, sintam, admirem e reverenceiem a grande e gloriosa obra do maior e mais glorioso artista portuense.

✲

Até aqui, Silva Pôrto, morto há quarenta anos, com as suas telas e as suas tabuas dispersas e aferrolhadas, a sete chaves, nas colecções e galerias de Arte dos raros privilegiados da Fortuna e da Sorte que tinham a alegria e felicidade de as possuir e de lhes chamarem suas—tão mal representado nos Museus do Estado, que, o Museu Soares dos Reis, apenas possue as provas escolares, do Concurso e Pensionato, o Museu Municipal do Porto—a Cidade onde Silva Pôrto nasceu e se fez artista, não tem uma unica coisa—tela, estudo ou esquiço—do maior artista da sua terra!—e o proprio apregoado Museu de Arte Contemporanea, com todos os prodigios da sua afamada organização, tendo, ha tempos, feito arranchar Silva Pôrto ás desastradas frescatas columbanicas do Jeu-de-Pomme, para levar a Paris quatro telas, a caudatar as 45 amostras da subalternaria do Patrão, teve de pedir a pessoas amigas duas emprestadas e mal escolhidas,—Silva Porto de quem, realmente, se fez, em Lisboa, um ano depois da sua morte, uma grande exposição retrospectiva, em que figuraram 205 trabalhos seus e de que, no Pôrto, em Novembro de 1981, por ocasião da visita do Rei D. Manuel, se expuseram algumas das suas telas—Silva Pôrto, é, para as gerações de hoje, um artista quasi ignorado e desconhecido, que uns respeitam por ouvir dizer, que muitos admiram sob palavra d'honra, não sendo, infelizmente, raros os que, por conta propria ou de conta alheia, lhe mordem na sombra e sobre ele asneiam e vomitam o que lhes vem á bôca—como o outro, que, dogmatico e gago, pontificava: «O SILVA PORTO NEM DESENHAR SABIA» e que, á custa do Estado, em conta calada, em edição oficial, afirmava em francês: «SILVA PORTO — Elève de l'Academie des Beaux-Arts de Lisbonne de 1865 a 1875... Peu de temps après sa mort on organisa a l'Academie une exposition très complete qui permit d'etudier l'artiste dans ses divers phases de peintre d'histoire, peintre de genre et de portraits»—não sendo—é natural—estudado como paisagista o Mestre e Fundador da Paisagem Portuguesa, porque, havendo, nessa exposição, apenas três retratos de pessoas amigas, faltavam lá os quadros de género e os quadros de historia—porque o artista nunca os havia pintado—avolumando e exclusivando quasi todo o conjunto de 200 trabalhos de ar-livre, em que não convinha nem valia a pena falar... porque SILVA PORTO NEM DESENHAR SABIA.

✲

E a obra de Silva Porto, para quem não a viu, há quarenta anos, em Lisboa, para quem, há vinte e seis anos, não conseguiu vê-la no Porto—não havendo sequer o esboço duma monografia ou uma tentativa de album do Artista—a obra de Silva Pôrto, para artistas e amadores de Arte, para o grosso do publico que, por coisas de Arte ainda tem um inato pendor e uma instintiva atracção—era o fruto proibido, em que, raros apenas, metiam o dente, na sofreguidão dos seus aferrolhados tesouros, saboreando-o com delicia e encanto, no enlevo fanatico dum culto, secreto e intimo, requintado e supremo—quando o diabo as não armava de modos que acontecesse, como aconteceu, nos meus tempos de Coimbra, ao Aires de Campos—então, possuidor das obras-primas com que o sr. Honorio de Lima, sempre bisarro e generoso, gentilissimamente, concorre, agora, para o exito invulgar e invulgar brilhantismo da «Exposição do Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro» e que, são, na sua inequalavel belêsa e valor, as peças fulcrais do estranho e vedado Museu de Maravilhas, que, não sendo, positivamente, o Museu Nacional das Artes Contemporâneas, é, nas mãos largas e inteligentes de quem o creou, o organisa e lhe chama seu, o mais belo, rico e segentes de quem o criou, o organisa e leccionado Museu de Arte com que o Pôrto se honra e de que todos nós, que em Portugal nascemos, honrando o seu dôno, honrando-nos, nos podemos orgulhar.

Foi o caso que, tendo-as adquirido o velho Aires de Campos—como mais ou menos adquiria tudo o que lhe vinha á mão—pelo tamanho, pelas molduras e um pouco por ouvir dizer ao Ezequiel Pereira e ao velho Costa Mota—seus agentes de compras em Lisboa—que o Silva Pôrto fôra um rapaz de talento, a que o D. Carlos namorava os quadros, que valiam, a olhos fechados, o que pediam por eles—as conservou por desencaixotar, anos e anos, nas arrecadações terreas do seu velho palacete da Sofia, até que, após a sua morte, os herdeiros se deram ao trabalho de as desprezarem dos caixotes e pregá-las nas paredes ...para as pôrem em leilão, ao quem mais dá de bricábraquistas, antiquários, ferros-velhos e cabeças de pau de variados cambões...

✲

De longe em longe, em enternecido e inteligente preito ao Mestre dos Mestres, o aguerrido Grupo Silva Pôrto, chefiado pelo grande Mestre Carlos Reis, ao abrir as suas exposições em Lisboa, procura nas colecções particulares uma das peças fundamentais e representativas do Orago e Patrono do Grupo, expondo-a em lugar de honra, em devoto altar, ao reverente e admirativo culto dos seus fieis, criando-lhe novos devotos e proselitos e acendrando a fé dos velhos crentes, fanáticos, relapsos e contumazes.

Por aí e pelas pessimas reproduções em gravura, cada vez mais raras, se tem mantido, entre as gentes das Artes, o nome, a tradição e a fama do Mestre Pintor, em tôrno do qual, no velho «Grupo do Leão», se germinou e desenvolveu toda a Paisagem Portuguesa, toda a nossa Pintura Contemporânea—decalcada—é claro—no ar-livre de Barbizon e em todo o movimen-

to paisagistismo do revolucionalismo — hoje classico como as botas de elástico — do Corot, do Millet, do Monet e do Bastien Lapage, mas cunhada em moldes lusitanissimos, graças á luminosidade estonteante do nosso sol, dos nossos céus, das nossas águas e á sentimentalidade vaga da nossa gente, das nossas sombras e dos nossos arvoredos a marcarem, na obra dos Artistas, vera e exclusivamente portugueses, como Silva Pôrto, como José Malhôa, como João Vaz e como o Artur Loureiro, dentro da mais polleromada variedade de palhetas, a mais harmonica tonalidade de regionalismo bairrista — de portuguesismo castiço e vernáculo, como uma arcaica lauda de Fernão Lopes, uma épica estancia dos Lusiadas ou uma cutelante pagina de Camilo — diversissimas no fundo e na forma, no sabôr e na essencia, no espaço e no tempo, mas todas elas a ressumarem o suco e á seiva, o sangue e a alma deste lindo e bendito Portugal — que para ai andam, a ferro e á força, a quererem fazer maior, e que, assim, pequenito, como sempre foi, ainda chega a ser grande de mais, em glorias com que não póde, em grandesas que o derarnoam, em cavalarias altas em que o metem — velho e cançado das heroicas aventuras em que, sempre pequenito, deu mundos novos ao mundo...

Dando-nos, ainda por cima, em final de festa — e como no dia 1 de Junho se vai vêr no «Salão do 1.º Primeiro de Janeiro» — artistas como Silva Pôrto, o maior e mais glorioso artista portuense, que, sendo um dos maiores paisagistas de Todo o Mundo, é o mais belo, o mais forte, o mais perfeito, o mais admiravel e mais portuguêz dos pintores portugueses.

BRAZ BURITY.

27 - 5 - 34

A exposição da obra de Silva Porto

no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro,,



CONDUZINDO O REBANHO

Uma das obras primas do Mestre da «Coleção Honorio de Lima» e que figurará na Exposição a abrir no nosso Salão de Festas no proximo dia 1 de Junho—em que numa grande homenagem citadina se fará a comemoração do 41.º aniversario da morte de Silva Porto — o maior e mais glorioso dos artistas portuenses

A exposição da obra de Silva Porto
no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"



«A VOLTA DO TRABALHO»
Uma das obras primas do mestre, pertencente á galeria do dr. Jacinto de Magalhães

16-5-24

A EXPOSIÇAO DA OBRA DE SILVA PORTO
no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"



Outro precioso quadro de Silva Porto — pertencente ao sr. dr. Jacinto de Magalhães — que figurará na Exposição

17-5-24

HOMENAGENS CITADINAS

A exposição de quadros de Silva Porto no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"



A FONTE DE MASSAMÁ

(Quadro da galeria do sr. dr. Jacinto de Magalhães)

(O quadro que ontem reproduzimos «Amor na aldeia», pertence á colecção do sr. Honorio de Lima)

(Vêr noticia na 2.ª página)

HOMENAGENS CITADINAS

A exposição de quadros de Silva Porto no salão de festas de «O Primeiro de Janeiro«

Na sessão de ontem da Comissão Administrativa da Camara Municipal, foi aprovada a seguinte proposta do sr. dr. Antonio de Bragança:

«Comemorando-se no proximo dia 1 de Junho o 41.º aniversario da morte de Silva Porto, o grande e glorioso artista portuense, proponho que a Camara, associando-se em nome da cidade, a todas as homenagens a prestar nêsse dia ao Excelso Artista, tome a seu cargo a iniciativa da colocação duma lapide comemorativa na casa da rua da Ponte Nova n.º 50, onde êle nasceu em 11 de Novembro de 1850».

Esta deliberação que honra a Camara do Porto vem dar ás homenagens citadinas a Silva Porto um cunho oficial que lhe imprimirá toda a grandeza e solenidade do pagamento duma divida que, há quarenta anos envergonhava o Porto, nos seus brios artisticos—porque, na verdade, não há justificação possivel para a incuria, o desleixo e a ingratidão do maior artista portuense não ter na terra onde nasceu e que tanto glorificou—uma simples pedra a preitear-lhe a memoria.

Para a exposição da sua obra, no salão de sessões do «Primeiro de Janeiro» continuam as mais entusiasticas adesões dos varios coleccionadores que no Porto possuem telas do Mestre. Além dos nomes já indicados, dos srs. Honorio de Lima, drs. Jacinto de Magalhães, Vasco Ortigão, Leopoldo Mourão, Fernando de Castro e Manuel Lucio, podemos acrescentar os srs. Humberto Silva, Pedro de Castro, Ferreira Guimarães, Galo & Lima que, gentilmente, puzeram á disposição da Comissão Executiva as magnificas telas que possuem.

O exito da exposição está, assim, absolutamente garantido—como garantida está tambem a presença do grande Mestre Carlos Reis, que virá expressamente ao Porto, presidir a todas as solenidades, a que tambem virão assistir varios artistas lisbonenses e os dois filhos de Silva Porto.

19 - 5 - 34

HOMENAGENS CITADINAS

A exposição de quadros de Silva Porto

no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"



Ceifeiros (Lumiar) quadro de Silva Porto, propriedade do sr. Eduardo Honorio de Lima

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A exposição da sua obra no Salão de Festas do "Primeiro de Janeiro,,

A ABRIR NO PROXIMO DIA 1 DE JUNHO



«Os moinhos da Confraria», de Silva Porto, pertenceute á galeria do sr. Eduardo Honorio de Lima

Cada vez está mais garantido o invulgar brilhantismo da «Exposição da Obra de Silva Porto existente no Porto», a abrir no proximo dia 1 de Junho, porque tem sido inexcedivel a gentileza com que todos os possuidores de quadros do Mestre, a que a Comissão se tem dirigido, tem acedido ao desejo de os expôr no nosso Salão de Festas.

Como, porém, pode e deve acontecer que existam quadros de Silva Porto na posse de amadores que a Comissão não conhece, roga-se a todos os bons portuenses que possuem qualquer tela do maior e mais glorioso dos artistas do Porto, se dirijam ao Salão Silva Porto, na rua de Cedofeita—séde da Comissão—indicando o titulo, dimensões e valor do quadro (para efeitos do seguro) com que se dignem honrar a Exposição do nosso Salão de Festas, concorrendo assim para o maior brilho das homenagens citadinas a Silva Porto.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A exposição da sua obra no Salão de Festas do "O Primeiro de Janeiro"

A abrir no proximo dia 1 de Junho



A VOLTA DOS CABRESTOS

(Quadro pertencente ao sr. dr. Leopoldo Mourão)

O numero do programa das «Homenagens citadinas a Silva Porto», comemorando o 41.º aniversario da morte do maior e mais glorioso artista portuense, que o «Primeiro de Janeiro» tomou a seu cargo, abrindo no seu magnifico Salão de Festas a Exposição das Obras de Silva Porto existente nas preciosas colecções particulares da cidade, vai pôr em contacto com a Obra Artistica do grande paisagista as nossas modernas gerações que totalmente a ignoram e desconhecem.

A obra quási completa do Mestre foi exposta há vinte e tantos anos no Porto graças á iniciativa da antiga Sociedade Promotora de Belas Artes, tendo a abertura da exposição feito parte das festas em honra do rei D. Manuel.

Alguns dos quadros que figuram, agora, na «Exposição» do «Primeiro de Janeiro» já brilharam nessa exposição, saudosamente recordada pelos que a ela assistiram, como um dos mais belos certames de Arte realizados no Porto.

Mas, algumas das obras primas expostas no nosso Salão de Festas, são verdadeiras revelações—mesmo para êsses velhos admiradores de Silva Porto, porque, ao tempo, não estavam encorporadas nas varias colecções particulares do Porto e a Sociedade Promotora de Belas Artes não conseguiu trazê-las cá.

Para os que, há vinte e tantos anos, ainda se não interessavam pela Arte—para a grande maioria da gente citadina—a «Exposição das Obras de Silva Porto» existentes na cidade, será assim, além duma devota homenagem ao Artista—uma bela e extraordinaria lição de Arte para toda a gente.

23 - 1 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A exposição da sua obra no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro,,

A ABRIR NO PROXIMO DIA 1 DE JUNHO



«NA ARRIBANA»

(Quadro pertencente ao sr. Cupertino de Miranda)

24 - 5 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A exposição da sua obra no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"

A abrir no proximo dia 1 de Junho



A «NAPOLITANA»
Quadro pertencente ao sr. Honorio de Lima

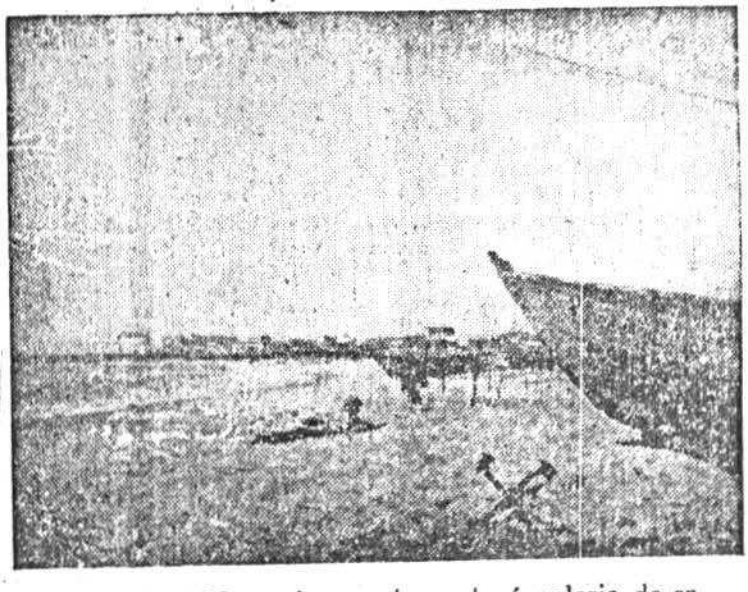
A Comissão Executiva das Homenagens citadinas a Silva Porto, gratissima a todas as pessoas a quem se tem dirigido solicitando a cedencia das telas do Mestre para a Exposição a abrir no proximo dia 1 de Junho no magnifico Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro», pede a todos os bons portuenses que tenham a felicidade de possuir qualquer quadro de Silva Porto e queiram homenagear o maior e mais glorioso artista da nossa terra a gentileza de indicarem para o Salão Silva Porto, na rua de Cedofeita o local onde podem ser procurados, para sem qualquer outro encomodo, despesa ou responsabilidade, fazerem brilhar na Exposição do «Primeiro de Janeiro» as obras do Mestre que possuirem e tiverem a gentileza de para êsse fim nol-as cederem

24 - 5 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Exposição da sua obra no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"

A abrir no proximo dia 1 de Junho



O quadro «Na praia», pertencente á galeria do sr. Eduardo Honorio de Lima

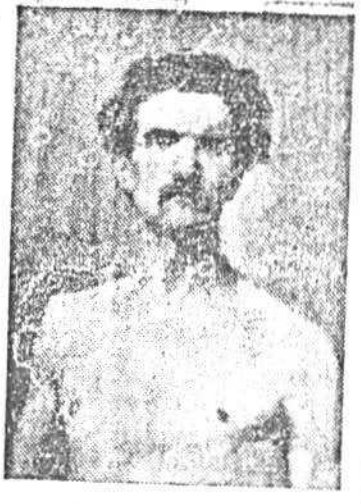
Para assistirem ás solenidades que no proximo dia 1 de Junho se realizam nesta cidade comemorando o 41.º aniversario da morte do glorioso Artista, o descerramento da lapide que a Camara Municipal manda colocar na frontaria da casa onde Silva Porto nasceu, na rua da Ponte Nova, a inauguração da «Saleta Silva Porto» no Museu Soares dos Reis e a abertura da «Exposição das Obras de Silva Porto, existentes na cidade—vem de Lisboa, com os dois filhos do Artista, o grande Mestre Carlos Reis e representando a Sociedade Nacional de Belas-Artes os ilustres artistas João Reis e Falcão Trigoso.

No Salão Silva Porto, á rua de Cedofeita, séde da Comissão, já têem sido entregues por varios amadores algumas das telas que hão-de brilhar na Exposição do Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro», a que está reservado o mais brilhante exito.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Exposição da sua obra no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro"

A abrir no proximo dia 1 de Junho



Estudo academico
Oleo pertencente ao sr. Alfredo Ramos

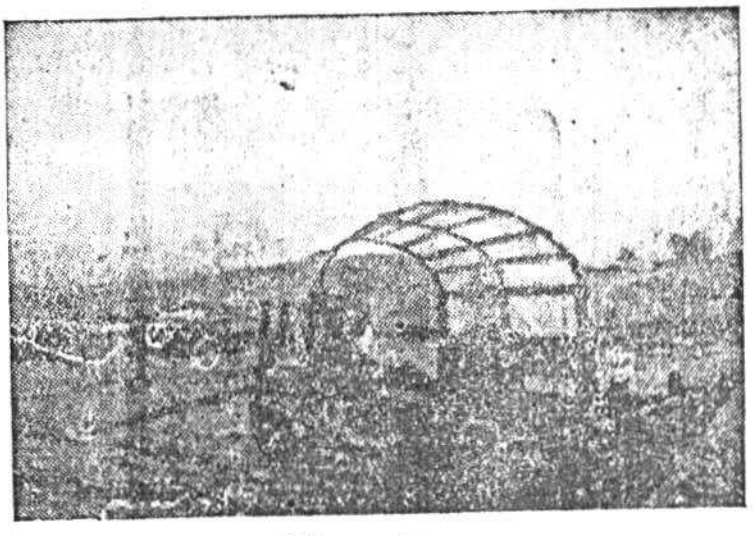
Os esforços empregados pela Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto para trazer ao Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro» os quadros existentes nas colecções particulares da cidade, no proximo dia 1 de Junho, pode dizer-se que têem sido coroados pelo mais completo e brilhante exito.

Amanhã ou depois daremos a lista completa dos coleccionadores que gentil e generosamente têem acedido aos desejos da Comissão, enviando para a «Exposição da Obra de Silva Porto» no Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro» algumas obras primas do Mestre Paisagista—peças fundamentais e decisivas da Paisagem Contemporanea, que as modernas gerações desconhecem por completo e que nunca mais tornará a ser possivel reunir num conjunto tão harmonico e esplendoroso de beleza.

29-5-24

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Exposição da sua obra no Salão de Festas de "O Primeiro de Janeiro" A abrir no proximo dia 1 de Junho



«BARCA DE AVINTES»

(Oleo da colecção do sr. Honorio de Lima)

Está a aproximar-se o dia da abertura da Exposição das Obras de Silva Porto existentes nas colecções particulares da cidade, que até hoje tem sido anunciada como devendo efectuar-se no grande e magnifico Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro».

Efectivamente, na proxima sexta-feira, efectuar-se-á a abertura da Exposição, nos edificios do «Primeiro de Janeiro», que, considerando o excepcional valor dos tesouros artisticos que eram confiados á sua guarda e responsabilidade, mandou construir, expressamente, nas suas novas instalações para oficinas de tipografia, construidas pelos mais modernos e rigorosos modelos das edificações incombustiveis,—um salão magnifico, com todas as condições de luz e de segurança.

Sob a direcção tecnica do ilustre e distinto arquitecto Manuel Marques e com a colaboração artistica de Alberto Silva, o activo e experiente organizador do Salão Silva Porto, o esplendido Salão que a Empresa do «Primeiro de Janeiro», num prodigio quási milagroso de iniciativa e de rapidez mandou construir, nas vastissimas edificações destinadas ás novas oficinas, fica com todas as condições de luz e de segurança e nêle as obras-primas de Silva Porto serão pelo «Primeiro de Janeiro», com excepcionais garantias e invulgar brilhantismo expostos, dentro de instalações incombustiveis á admiração e ao culto dos que, durante cinco dias, visitarem a exposição de tantas e tão preciosas maravilhas, que a Empresa do «Primeiro de Janeiro», não olhando a sacrificios de qualquer natureza, se propôs facultar á cidade do Porto, e em homenagem ao grande artista portuense.

30 - 5 - 32

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

Exposição da sua obra no Salão expressamente construido em homenagem a Silva Porto nas novas instalações do "Primeiro de Janeiro,,

á abrir ámanhã, dia 1 de Junho



«AS SALOIAS»

(Quadro pertencente ao sr. Vasconcelos Porto)

(Vêr noticia na 2.ª página)

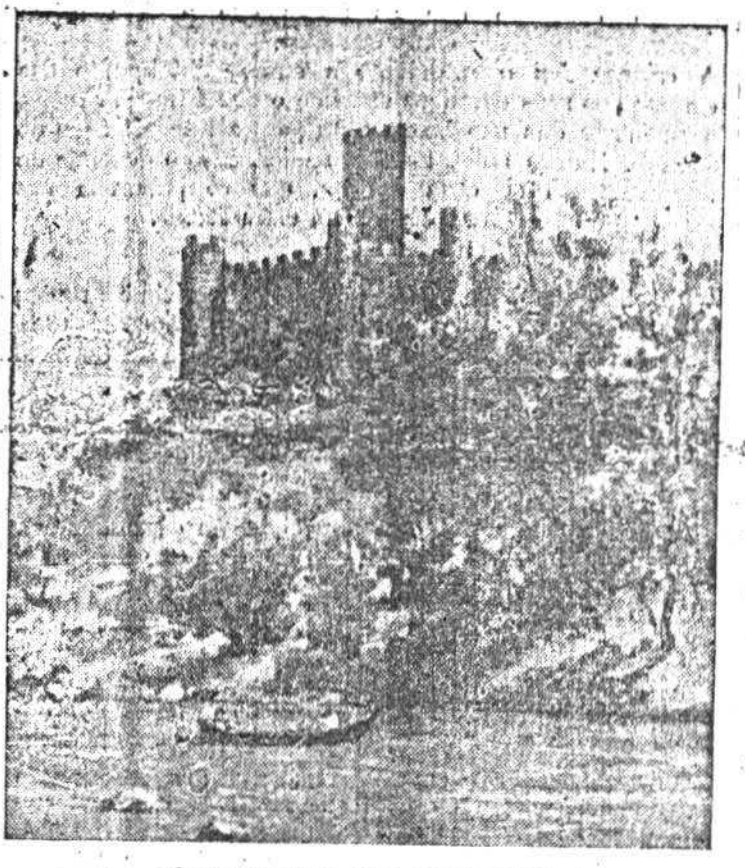
O ULTIMO TRABALHO DO ARTISTA



«MACIEIRAS EM FLOR»
(Por concluir)

NO SALÃO DE "O PRIMEIRO DE JANEIRO"

A exposição das obras de Silva Porto



«O CASTELO DE ALMOROL»

(Oleo pertencente ao sr. Pedro Maria da Fonseca)

(Vêr noticia na 3.ª página)

SEXTA-FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1934

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:
R. DE SANTA CATARINA, 324, 326, 326-A

TELEFONES: Direcção, 2942; Redacção, 2940; Administração, 2941
Em LISBOA 23536

Director: MARQUES GUEDES

O PRIMEIR

Fundador

Propriedade da Em

Redactor principal: LOPES VIEIRA

Agencia em Lisboa,



A ULTIMA FOTOGRAFIA DE SILVA PORTO

HOMENAGENS

GLORIFICAND

Quarenta e um anos após a sua morte, o P
e com brilho, a mais sagrada das suas dívidas a f
gistas de Todo-o-Mundo, é o mais forte, o mais belo,

A Câmara Municipal do Porto, interpretando
Silva Porto nasceu, na rua da Ponte Nova n.º 50, um

No Museu Soares dos Reis — o museu da E
a "SALETA SILVA PORTO" consagrada ás provas escol

E, em frente do seu antigo Salão de Festas,
samente construido com todos os requintes de segur
pelo Porto, pelo seu povo, pelos seus artistas, pel
tuguesa — preiteando em Silva Porto o expoente má
a virem á Exposição das suas obras homenagear Si
e gentilmente, cederam para esta gloriosa lição de
saldar uma antiga e sagrada dívida do Porto, ao ma

PRIMEIRO DE JANEIRO

66.º ANO ■ PREÇO 30 CENTAVOS ■ N.º

Fundador: GASPAR FERREIRA SALTAR

Propriedade da Empreza "O Primeiro de Janeiro,,

Agencia em Lisboa, rua do Carmo, 101-2.º (Frente ao Rossio) — Editor: ANTONIO LOUREIRO DIAS

O presente núme
foi visado pela Comi
são de Censura

ENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

GLORIFICANDO O MAIOR ARTISTA PORTUENSE

e um anos após a sua morte, o Pôrto, citado em alto pregão do cimo destas colunas de «O Primeiro de Janeiro» começa a pagar, com soleni
mais sagrada das suas dívidas a Antonio Carvalho da SILVA PORTO — o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores pa
-Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e mais português dos Pintores Portugueses.
ra Municipal do Porto, interpretando briosa e patrioticamente o sentir da cidade, vai hoje, ás 18 horas, homenagear o Artista, descerrando, na casa
eu, na rua da Ponte Nova n.º 50, uma singela e apoteótica lápide comemorativa.
eu Soares dos Reis — o museu da Escola onde Silva Porto cursou e se fez artista — o Dr. Vasco Valente, seu prestigioso director, inaugura, ás 14 h
PORTO" consagrada ás provas escolares do Concurso e do Pensionato — as únicas que o museu possue.
frente do seu antigo Salão de Festas, aproveitando parte das suas novas e monumentais instalações, ainda por concluir, num magnifico Salão ex
ido com todos os requintes de segurança e com explendidas condições de luz, «O Primeiro de Janeiro» — no seu velho, acendrado e indefectivel
seu povo, pelos seus artistas, pelas suas glórias, pelos seus progressos, pelos seus brios e pelas suas liberdades de culta e laboriosa Cidade
eando em Silva Porto o expoente máximo da Arte em Portugal — convida todos os portuenses, sem distinção de classes, de credos ou de condi
ição das suas obras homenagear Silva Porto, admirando as maravilhosas obras-primas que todos os que no Porto possuiam telas do Mestre, bi
cederam para esta gloriosa lição de Arte, com que «O Primeiro de Janeiro», profundamente agradecido a todos os seus valiosos cooperadores, pr

Os imortais das Belas-Artes

Homenagens citadinas a Silva Pôrto

Não pode O Comercio do Porto alhear-se á homenagem tão cabida e tão oportuna a Silva Pôrto e que em boa hora o nosso presado colega «O Primeiro de Janeiro» promoveu e organizou. No Salão de Festas dêste nosso colega, toda a vastissima obra dispersa, ali reunida, agora,



Silva Pôrto

penosa mas vitoriosamente, ha-de projectar-se em todo o esplendor que é Arte.

Honra é devida a quem honra valores mais altos da nossa cidade, donde o Mestre foi pelo nascimento. Honra, pois, a «O Primeiro de Janeiro».

Homenagear Silva Pôrto — universal pelo talento — é homenagear um artista todo nosso pelo sentimento, côr, ternura, de toda a sua extensissima Obra.

Cursando com extraordinário brilho a Academia Portuense de Belas-Artes, como pensionista do Estado, a engrandecer-se, cursa em Paris, em Roma, e novamente em Paris. Espicaçado pelo genio, á sua custa, instrui-se na Bélgica, na Holanda, Inglaterra, Espanha e Itália.

Precedido do nome que grangeou nas exposições do «Salon» em 1876 e na Exposição Universal de 1878, onde alcançou prémios, pelos seus méritos, é nomeado professor da Academia de Belas-Artes de Lisboa.

Com a chegada do Mestre operava-se o renascimento da nossa Arte de Pintura, e desdobrado em educador aos seus discipulos não faltam palavras de incitamento a secundá-los nos seus esforços.

Fecundo o seu trabalho, aparecia em todas as Exposições. Na de 1893, ultima a que concorreu, Silva Pôrto fechava o ciclo do seu labor. «Conduzindo o rebanho» e as «Ceifeiras» marcam nesta Exposição o zenite da sua obra de glória, para si e para a Arte Nacional.

Ao morrer, deixou discipulos, e o mais amado, e já agora Mestre, Carlos Reis, com os delegados da Sociedade Nacional das Belas-Artes, João Reis e Falcão Trigoso, assistem a esta homenagem citadina.

*

A's 3 horas da tarde de hoje, no Salão de Festas do nosso presado colega «O Primeiro de Janeiro» abrir-se-á a exposição das obras dispersas de Silva Pôrto pelas colecções particulares da cidade e carinhosamente reunidas na Exposição.

A's 6 horas da tarde realiza-se o descerramento da lápide comemorativa do 41.º aniversario da morte do Artista, na casa onde nasceu, á Rua da Ponte Nova n.º 50.

No Museu «Soares dos Reis» haverá, ás 2 horas da tarde, uma festa de inauguração da «Saleta Silva Pôrto», consagrada ás obras escolares do concurso e do pensionato do Artista, primeira manifestação efectiva desta homenagem de hoje.

1 - 6 - 24

Silva Porto

por ABEL SALAZAR

Quanto mais estudo a arte, mais embaraçado me vejo para escrever sobre qualquer artista

E isso porque, sob o ponto de vista científico, cada vez se compreende mais, em face dos trabalhos da psicologia moderna, que tudo o que é génese artística provém do Inconsciente. Ora, sôbre este nada sabemos; todo o progresso consistiu em mostrar a sua hegemonia, na vida mental e emotiva do homem, sobre o Consciente. Foi longa ilusão histórica da humanidade a crença no poder da razão, e o recuo, a que vai ser ainda forçado o homem nas suas eternas ambições, será terrível: ás limitações do passado o homem terá de juntar as limitações do futuro.

E' do Inconsciente que sái toda a criação artística; é nele que ela é gerada;—mas como? Aqui começam as trevas apesar dos esforços da Escola de Freud.

Por outro lado, a Arte é manifestamente a relação entre uma «fórma» e um «estado emotivo»;—entre muitos triangulos, só um é agradável, só um gerou a sublimidade do frontão grego. Porque só um, entre muitos, se encontra numa relação definida com um determinado estado da Emoção. A fórma que corresponde hoje a êsse estado pode ser expressa numa formula matematica; mas qual é a sua relação com a Emoção, e qual o estado da Emoção que lhe corresponde? Não o sabemos nem podemos saber, porque os correlativos são de diferente natureza, não comensuraveis:—e, que o fossem, o que nos diria a fórmula de tal relação?

Ora, isto contem o fundo de toda a questão; todo o resto deriva deste problema:—e assim, a limitação impõe-se aqui, dura e brutal, mas que não lucramos nada em procurar transpôr.

Assim posto o problema, que define o impossivel, resta o possivel: e este possivel é mediocre, se quizermos ser honestos.

E' desta forma que vou tentar falar de Silva Porto, participando na homenagem justa que lhe é prestada.

Como tanta vez tem escrito neste jornal *Braz Burity*, Silva Pôrto é o maior dos nossos pinteres modernos; porquê, eis o que é dificil dizer, como difícil é dizer porque é bela uma mulher. A sua obra não receaia confronto, nos grandes museus da Europa com a de nenhum paisagista. Há-os mais profundos, mais dramáticos, como Ruysdaël, mais poetas, como Corot, mais delicados, como Sisley,—não os há, porêm, mais fortes. Esta fôrça não reside só na técnica, na expressão, que lhe é peculiar; reside sobretudo na síntese que ele deu da Natureza. O paisagista mediocre reduz-se ao «efeito» banal e epidermico, por muito bem pintado que seja; e o «efeito» é uma das doenças da arte moderna.

Em Silva Porto a síntese do conceito expresso é irradiante, isto é, faz cercar o motivo figurado de ondas concêntricas de sensações, que elevam o quadro, por muito pequeno que seja, á altura duma generalização. Da mesma maneira que Cuvier reconstituiu especies desconhecidas com alguns ossos de animais desaparecidos no decorrer das convulsões do globo, assim o grande paisagista exprime a Natureza em síntese, com um simples episódio. O infinito paira em volta das «Glaneuses» de Millet; a emoção irradia deles, numa amplificação épica; a história da paixão revôlta do homem emana tempestuosa, dos quadros de Delacroix; o esmagado tédio da ambição humana desiludida das esculturas de Miguel-Angelo; a meditação sonhadora dos frescos de Puvis de Chavannes...

Das telas de Silva Pôrto surge, em síntese, a potente maternidade da terra, da rude terra em continua fecundação, no grande e misterioso amplexo das fôrças cósmicas. Em Silva Pôrto reflete-se o misterio da vida da Matéria, tão perturbador e profundo como os misterios do espirito e da alma. Na forma da sua síntese, está toda a sua superioridade.

O artista é impessoal, como Velazquez; não insiste sobre este ou aquele aspecto; mostra-nos o grande drama da materia, no seu enigma, como Velazquez o grande misterio do continuo fluxo da vida.

As águas correm, as seáras crescem, louras e varridas do vento, os arvoredos, túmidos de seiva, cobrem a terra: —tudo é seiva que sobe, semente que germina, no grande úbere da Terra-mãi, tudo é materia que vive, na fôrça potente e cega da sua missão sem repouso.



CASA ONDE NASCEU SILVA PORTO NA RUA DA PONTE NOVA N.º 50 E ONDE HOJE A CAMARA MUNICIPAL DO PORTO DESCERRA EM NOME DA CIDADE A LAPIDE COMEMORATIVA DO 41.º ANIVERSARIO DA SUA MORTE

Nenhum detalhe; massas: o suficiente para exprimir completamente a síntese.

E a luminosidade que dissolve a matéria, e a transforma em fantasmagoria espectral, como no Impressionismo, é contida nos justos limites que são necessarios á síntese.

Daí uma construção «arquitectónica», numa forte e pesada pasta, que modela com vigôr a forma e a materia das coisas, e sua geologia. Daí tambem o predominio da qualidade, que é incompativel com uma luminosidade excessiva.

Este materialismo forte, onde está expressa a potencia fecundante e criadora da Natureza, contem uma interrogação extática e muda, uma como que perplexidade hesitante:—e, neste ponto, Silva Pôrto contem-se, não responde, não faz afirmações metafísicas. Apenas revela, e a emoção vem desta revelação, porque ela é forte e poderosa e subjuga o espectador, como a propria sugestão da natureza.

A paisagem, assim concebida, revela ao homem a maternidade muda e forte que o gerou, que será seu túmulo; é o mistério donde saiu, cego e para onde cego voltará:—tudo o resto é Ilusão, poeira.

Daí a vaga melancolia, serena e forte, resignada e calma, que produz a obra do artista; daí a sua fria, mas forte e positiva, filosofia. Daí tambem a solidez da sua forte prosa:—e todos sabem que a prosa é mais profunda que a poesia. Silva Pôrto é um dos grandes prosadores da paisagem; a seu lado, e por contraste, Corot parece um «maviosos» poeta, e Ruysdaël um dramaturgo... Vai ao fundo embrionário das coisas, e, assim, é rude e plebeu na sua prosa marcada; e por toda a parte a forte vida da materia, que o snobismo do homem despreza, como um filho degenerado e doutoreco—despresa a sua rude mãi...

*

Silva Pôrto representa, entre nós, a corrente naturalista e nacionalista da arte européa: foi e é o chefe da Pintura Portugueza Esta, como sempre, é apenas um éco da Arte Européa; entre nós nunca chegou a formar-se aquilo que se deve entender por uma Escola, apesar das ridiculas tentativas de certos criticos neste sentido.

O periodo a que pertence Silva Porto, desenvolvendo-se no tempo, dissolveu-se no individualismo extremo, que o ultimo «Salon» de Paris exprime por uma forma conclusiva e quasi espasmódica E' a grande doença da pintura moderna.



LAPIS INEDITO—DE ABEL SALAZAR

Essa doença só pode ser curada pela evolução da nova Arquitectura, porque uma fórmula nova nesse sentido pode dar á Arte a unidade e convergencia de esforços necessarios á sua evolução biocal.

E' num periodo destes, a meu vêr, que a evolução artistica vai entrar. Será ainda, porem, muito longa a produzir-se e ainda mais longinquo o seu reflexo em Portugal. Assim, toda a arte da nossa pintura continua sob a influencia dupla de Silva Pôrto e da arte estrangeira. Enquanto Sousa Pinto faz «pastiches» de Bastien-Lepage, e João Augusto Ribeiro de toda a gente, Malhôa e Carlos Reis, seguem na esteira do grande pintor. E' porem Malhôa, a meu vêr, o verdadeiro continuador de Silva Pôrto, numa perfeita identidade de vistas, de concepções e de execução.

Sousa Pinto, como disse, é francês; Carlos Reis um «corolista» e desviou-se na corrente internacional dos Zorn: por isso a arte nacional moderna encontra em Silva Pôrto e Malhôa os seus mais elevados exponenciais.

A estes dois grandes artistas deve o país o preito que lhes é devido, na terra em que nasceram, adentro das nossas fronteiras, tornando-os, depois conhecidos dos meios europeus, mas sem cair em exageros, em tristes, deslocados e absurdos exageros, como se fez ultima e desastradamente com Columbano, aqui em Paris.

Paris, 11 de Maio de 1934.

ABEL SALAZAR.

1 - 6 - 34

Silva Porto

Celebrar, grandes nomes não é só dever nosso indeclinavel — é tambem serviço publico.

As homenagens a artistas primaciais são ainda talvez mais consoladoras. Nos horizontes espirituais, quantas vezes turvos e fatidicos, elas abrem subitos rasgões fulgurantes, acendem fogachos de Ideal, que nos elevam e nos guiam pelos divinos caminhos da Beleza...

Dos charcos estagnados, ou das ondas de egoismo e perfidia em que tantos gastam a vida, deve ascender-se para regiões milagrosas, onde o poder criador dos verdadeiros Mestres nos mostra como o amôr e a beleza são imortais.

A Exposição Silva Pôrto, com uma grande parte dos seus quadros de maravilha, vem, mais uma vez, patentear-nos a grandeza do Paisagista excepcional—que temos de admirar ao lado dos mais extraordinários de qualquer país; e enternece-nos profundamente, de tal maneira o Artista nos soube dar aspectos inolvidaveis da terra em que nascemos, cujo coração de mãe amada e bemdita como que sentimos palpitar nas telas que é, afinal, o nosso próprio coração reconhecido e amoroso .. Nada, portanto, mais educador, mais emocionante, mais belo!

Porque não há-de ter Silva Pôrto um monumento — que a Cidade lhe deve, como a alguns outros portuenses? Além da lápide, que lhe vai ser colocada na casa onde nasceu, um busto, como o que foi levantado a Marques de Oliveira no Jardim que hoje, tem o seu nome?

E' que entre nós não é vivo o amôr nem o respeito das memórias gloriosas. E' vêr o tempo que leva a agitar a ideia de que se ergam monumentos aos nossos grandes homens. Os anos passam, o monumento de maravilha se realisa. Quando muito, fica no barro da maquette,—porque, na maior parte dos casos, o clamor da glorificação adormece esquecido na acta duma sessão lardeada de alvitres, ou no papel dum projecto que pouco a pouco amarelece e se rasga...

Para nós, os que encanecêmos, é, como disse, um dever quási sagrado erguer alto a memória dos que honraram a sua terra. Para os mais novos .. oiçamos a palavra elegante e verdica do eminente escritor de *La peur de vivre*:

«Cette celebration des glorieuses mémoires contient une vertu sacrée. Elle exalte en de jeunes imaginations l'ardeur de vivre et le désir de durer. Elle provoque la pensée de contribuer par de fortes actions á la grandeur du pays natal.

JULIO BRANDÃO

CURRICULUM VITAE

Segundo Filho
Antonio da Silva
Natural do Porto Freguezia da Sé
Nasceu a 11 de 9bro de 1850 na Rua
da Fontainha na Casa N.º 50
numa Segunda Feira as 8 Horas da
manhã Baptizado a 24 de 9bro do
mesmo anno Sendo os padrinhos
o Antonio Jozé Carvalho e
Margarida Caroliná Macedo.

Antonio Carvalho da SILVA PORTO—Nasceu no Porto, ás oito da manhã de segunda-feira, 11 de Novembro de 1850, na casa n.º 50 da rua da Ponte Nova; segundo filho de Antonio da Silva Carvalho Porto, artista latoeiro, e de sua mulher Margarida da Silva Carvalho. De 1865 a 1873 seguiu com distinção os cursos de Arquitectura Civil, Escultura e Pintura na Escola de Belas-Artes do Porto. Discipulo, em desenho, de Tadeu e João Corrêa, ás vezes substituido pelo Rezende; em arquitectura, de Sardinha, e, em escultura, de Fonseca. Contemporâneo e condiscipulo de Henrique Pousão, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, Vitorino Ribeiro, Souza Pinto, Salazar, Lagôa e Cirilo Carneiro, tendo influido sobre êles todos Soares dos Reis, vindo de Paris, por causa da Guerra, em 1870, a desenhar para a Escola do Nú. Em 1873, tendo feito concurso com Artur Loureiro, partiu para o estrangeiro como pensionista do Estado. Dirigiu-se, primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discipulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Grosseillez, sendo Daubigny aquele que maior influência teve sobre o Artista. Em 1877 foi para Roma, donde voltou para França, com Loureiro, tendo estado em Capri com Pousão e realizando, á sua custa, uma viajem pelos museus da Bélgica, Holanda, Inglaterra e Espanha.

No seu regresso a Portugal, em 1879, foi nomeado interinamente para um dos lugares de professor de Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa—lugar que a morte de Anunciação, ainda nesse ano, deixou vago. Em 1883 passou á efectividade e regeu a Cadeira de Paisagem até á sua morte, tendo por discipulos Carlos Xavier, Carlos Reis, Ezequiel Pereira, A. Benarus e Conceição e Silva. Concorreu ás exposições do **Salon,** em Paris, em 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras atenções e referencias da critica. Enviou tambem alguns quadros á Exposição Internacional de Paris de 1878 e, quando, em 1881, a Espanha celebrou o 2.º Centenario de Calderon, expôs diversos trabalhos em Madrid.

Em Portugal, apresentou-se, pela primeira vez, em 1880, numa exposição organisada pela Sociedade Promotora de Belas Artes. Depois tomou parte nas oito Exposições, realisadas de 1881 a 1888 pelo **Grupo do Leão** de que era o Chefe e o Mestre—e, em 1891, 1892 e 1893, nas Exposições do **Grémio Artistico,** de que foi presidente e um dos fundadores. Figuraram, ainda, trabalhos seus na 13.ª e na 14.ª Exposição da Sociedade Promotora de Belas Artes e no Porto em várias Exposições. A' Exposição Industrial de Lisboa, em 1888, enviou dois dos seus melhores quadros: **A Salmeja** e a **Volta do Mercado,** obtendo a medalha de Ouro. No tricentenário de Camões foi seu o desenho do Carro da Guerra. Vitimado pela tuberculose, que, de longa data, lhe vinha lentamente desfacelando os pulmões, melancolisando-lhe o temperamento e requintando-lhe a sensibilidade, faleceu em Lisboa, no rés do chão do prédio n.º 10 da Travessa da Estrela, em 1 de Junho de 1893. Um ano depois da sua morte organisou-se em Lisboa a Exposição Retrospectiva da sua Obra com 205 dos seus trabalhos, avultando entre eles, as obras primas:—**Campinos, A Volta do Mercado, O Amor na Aldeia, A' Porta da Venda** e **Barca de Passagem,** que, com **Conduzindo o Rebanho, Os Moinhos da Confraria, As Ceifeiras, Na Arribana, No Chafariz de Massamá** e a **Condução de Cabrestos** — são as melhores obras do Mestre Paisagista, que, deixando no cavalete, por concluir, as **Macieiras em Flor,** e tendo exposto em vida 252 quadros, jaz no Cemiterio do Alto de S. João, no votivo mausoléu, que lhe ergueram os seus admiradores, e tem no Parque suburbano de Benfica o seu singelo e expressivo monumento, datado de 1921 tendo esperado, até 1 de Junho de 1934 que o Porto — a terra onde nasceu — colocasse uma simples lapide comemorativa na casa onde nasceu o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas do Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admiravel e o mais português de todos os pintores portugueses.

Filho Meu Filho
Antonio Carvalho da
Silva Porto a 1
de Junho de 1893
na Cidade de Lisboa
Travessa da Estrella
Nº 10 Res-do-chão
e ta sepultado no
Cemiterio do Alto
de S. João

1-6-34

Silva Porto nos Museus

Vai pela segunda vez a cidade do Porto apreciar em conjunto uma boa parte da obra do genial intérprete da paisagem portuguêsa. E' ocasião oportuna para referir certos propósitos de realizações práticas, mais do que para lançar ao vento vans palavras.

O facto extranho cifra-se nesta afirmação triste, mas verdadeira: a terra que foi berço desse grande lírico do pincel que se chamou Silva Porto, não apresenta publicamente nos seus museus (pobres museus desafortunados) nenhum dos importantes trabalhos que a sua paleta produziu.

A razão só pode ser atribuida a uma lamentável incúria e não ao desprezo intencional pela obra do portuense ilustre que soube ser um poeta emotivo da paisagem do seu paiz. Mas nêste caso a incúria equivale ao próprio desprezo.

Feita a primeira exposição de quadros de Silva Porto, em Dezembro de 1908, na sede da Sociedade de Belas Artes, á travessa da Picaria, não mais se pensou no Mestre nem no modo de o homenagear perenemente.

Os dezasseis trabalhos que o respectivo catálogo cita, pertencentes á, então, Academia Portuense de Belas Artes, agora incorporados no Museu Nacional de Soares dos Reis, todos da época escolar no estrangeiro (1873-1879), pouco representam como consagração ao pintor.

Apenas reflectem a fase primária da sua vida profissional. O próprio artista os catalogou, como o dever de pensionista do Estado lhe impunha.

Do extraordinario pintor que o destino levou para fora do seu torrão natal, a escola que o creara parece ter-se desinteressado. Por isso, em meio século decorrido nenhuma aquisição feita (e diversas podem apontar-se) compartilha do seu aureolado nome. Daí, a quasi indigência de uma representação pictural que por direito competia ser apoteótica.

No Museu Municipal, onde as glorias portuenses artisticas e historicas deviam preponderar, ainda peor. Nem um simples desenho sequer existia que recordasse o Mestre glorioso. Isso me levou a ofertar em 1929, por intermedio dos Amigos do Museu, uma academia, que pertencera ao pintor Vitorino Ribeiro, condiscipulo de Silva Porto, cuja reprodução acompanhou umas despretenciosas linhas que inseri na *Ilustração Portuguêsa*, n.º 809, 1921, por ocasião do lançamento da primeira pedra para o monumento a erigir no Parque Silva Porto, em Bemfica.

Cabe ás direcções dos museus esforçarem-se por adquirir os trabalhos dos artistas nacionais mais representativos, mesmo á custa de elevados sacrificios. E quando êles respeitem em particular á própria terra, todos os esforços devem ser tentados.

Deficiência de instalação ou pletora de objectos não são razões plausiveis a invocar. O recurso consiste na selecção. Um museu hoje comporta duas partes distintas, a que o público vê e a que para estudo se guarda. Do critério ponderado dos dirigentes depende a escolha. Mas aquilo que estiver patente ao visitante, ordenado e catalogado, tem de exprimir um verdadeiro ensinamento. Nisto se deveria ter já pensado.

No caso particular de Silva Porto, é uma provada ingratidão.

Não resultará do presente certame um desejo veemente de honrar o Mestre, reunindo na medida do possivel os seus trabalhos nas nossas galerias?

PEDRO VITORINO.

1 - 6 - 34

Silva Porto

Paisagista Português

Quando o grande Pintor abandonou o país, para ir lá fóra receber o baptismo de consagração, que no seu tempo se não dispensava aos que manifestavam as mais decisivas tendencias criadoras, levou com êle o amor da terra e uma independencia de espirito, tão elevada e tão nobre, que não poderia modificar-se nunca, mesmo ao contacto das correntes mais inovadoras da Arte.

A renascença romântica tinha quási passado de todo em pintura; e o naturalismo despertava e irrompia, como um verdadeiro milagre, pela disciplina da inteligencia, dominada pela observação exacta e pelo sentimento da vida, nas suas manifestações mais elevadas ou mais justas.

O idealismo não fôra banido de todo, mas o processo de trabalho adoptado vinha quebrar, em parte, os impulsos da imaginação livre.

A paisagem, animada ou solitária, já não reflectia o convencionalismo anterior. Mas a natureza, fixada amorosamente, não era inerte.

Corot, muito sentimental ainda, possuia, contudo, uma fremente vibração humana. E Daubigny, ao pintar emocionantemente as margens do Oise, juntava sempre ás suas tintas uma certa idealidade e graça, o que corresponde a dizer que servia os melhores processos técnicos dentro de uma estranha expressão de vida interior.

Quando Silva Porto se pôs em comunicação com os melhores artistas franceses, o estudo da paisagem entrava claramente numa fase de franca renovação.

O sentido do pitoresco definia-se melhor; e a escola de Barbizon teria de agrupar uma série de paisagistas de grande mérito, orientados por uma fórmula de Arte, em que o classicismo e o espirito romantico, um pouco convencional ainda, já não logravam influir na criação livre.

Silva Porto, com o seu admiravel temperamento de pintor, assistiu impressionado a essa esplendida renovação artistica, compreendendo, por certo, com Teodoro Rousseau, que o patético apenas se poderia obter por uma grande sinceridade.

E a sinceridade foi o seu guia e a sua escola. O coração do nosso Pintor expandia-se em graciosidades de colorido, mas o sentimento rigoroso da observação não o atraiçoava nunca. Simplesmente, a paisagem que êle reproduzia não era, por forma alguma, uma visão inerte. E assim, pôde surprender e definir a vida inquieta e dramatica da natureza.

Fixando o seu cavalete á sombra das florestas ou junto da serenidade pacificadora dos lagos, pintou a vida rústica, na expressão poderosa da sua palpitação vegetal; olhou, com amor, as grandes árvores seculares, os cursos de água e a tranquila luminosidade do céu.

Aprendeu com Daubigny a pintar com poesia e enternecimento. Mas de tudo o que lhe ensinaram nada conseguiu abalar o poder maravilhoso da sua inspiração interior. O sentimento inato que nêle havia não se modificou, por forma alguma, ao contacto e á influencia da obra alheia.

No meio dos campos, sentiu profundamente a vibração e a vida das paisazens. Era uma bela sensibilidade á solta, dominada, ainda assim pelo ritmo da mais nobre e clara beleza.

Como os grandes pintores da rusticidade, voltou-se apaixonadamente para a terra, que fixou nos seus aspectos do mais raro e surpreendente pitoresco. E em vez de cantar os campos, como Virgilio nas suas «Geórgicas», pôs-se a pintar as suas aradas, as suas casas de colmo, as eiradas, os moinhos e as azenhas, as cenas de maior interesse campestre, ou simplesmente os motivos serranos e os animais de lavoura, nos quintéiros ou nas arribanas portuguesas.

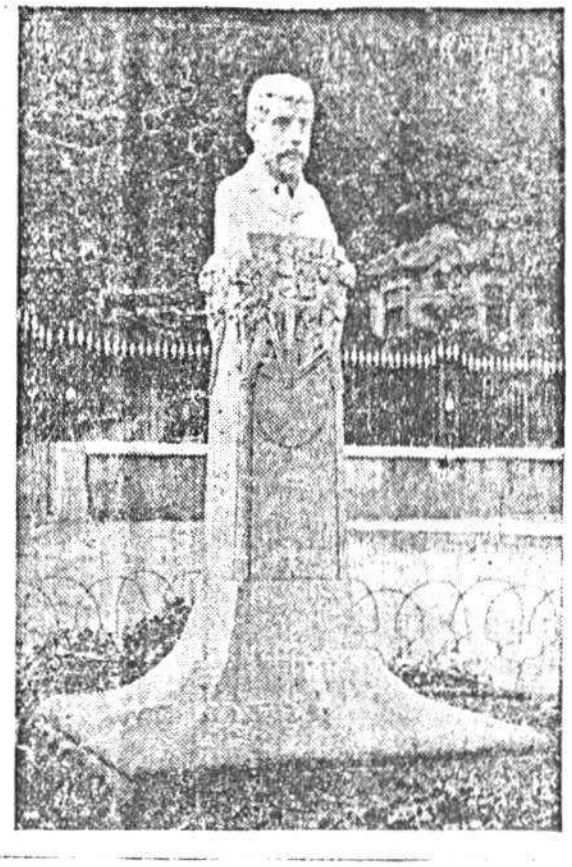
Foi essencialmente uma alma amorosa, ao serviço da terra. Mas nenhuma escola o subordinou aos seus cánones estéticos ou pôde alterar a sua índole nativa.

A sinceridade vivia na sua paleta, ensinando-o a procurar, com os mais belos horizontes, os costumes e a graça do povo, para que ficasse sendo o seu mais perfeito e rigoroso intérprete.

E o sentimento que transmitiu ás tintas revive, com simplicidade, na sua Arte, como se o céu e a terra amorosamente se confundissem, para confirmar a sua gloria.

JOAQUIM COSTA.

Monumento a Silva Porto
Escultura de Costa Mota S.º no Parque de Bemfica em Lisboa inaugurado em 1921



Falando com Evaristo Ramalho

Contemporaneo de Silva Porto e o critico que mais energicamente o defendeu

Após esta entrevista—chamemos-lhe sentimental—sobre Silva Porto—filtrada através da ternura e da saudade de uma alma de arminho—impunha-se outra entrevista, entrevista intelectual—com um dos criticos de arte que mais influiram na sua geração e nas gerações que se lhe seguiram—não só pelo valor de suas análises e pela agudeza das suas previsões—como tambem pela veemencia, impetuosidade com que descastelou comodismos, logares comuns, defendendo os novos e novas visões...

Refiro-me ao sr. Evaristo Ramalho—irmão doutro pintor glorioso, discipulo de Silva Porto e que com Silva Porto conjurou contra a inercia do nosso meio artistico no celeberrimo «Grupo do Leão...»

Começou um joven—e com uma juventude pujante e forte, os seus combates jornalisticos. As suas criticas de arte, consideradas, na sua época, revolucionarias pela nobre audacia da verdade—no «Occidente», na «Revista Ilustrada», no «Diario de Noticias», foram seleccionadas num livro saido em 1897 e ha muito esgotado: «Folhas de Arte...»

Amargurado pela desilusão e pelo pessimismo de que «todos os esforços em culto da arte, no nosso paiz, mesmo os mais sãos, fortes, logicos, se esfarelam contra o indiferentismo e a insensibilidades (a frase é a sua) retirou-se, desertou, exilou-se em Barqueiros, afogando a sua bela velhice com o silencio, a calma, as recordações...

Chegar a Barqueiros não é proeza suave. Horas de automovel, em continuas curvas, numa aspiral contorcionada entre abismos...

Pensara eu, defrontar-me com um velho alquebrantado, trapego, em cujo espirito fogo—factuasse apenas restos dum brasido a extinguir-se... Agradavel desmentido aos meus calculos—essas saborosa horas de convivio com o sr. Evaristo Ramalho. Forte—la dizer mêço...;—energico, duma viveza sem um instante de fadiga, pupila ardente, brilhantissimo na palestra e fidalgo na hospitalidade...

«—A iniciativa do «Janeiro» não podia deixar de me impressionar e... de me comover! diz-me.—E' que eu não esqueço a minha época—a revivo sempre a obra que realizei—dentro da qual Silva Porto se entroniza num dos postos de honra—honrando-me e orgulhando-me...»

Uma pausa em que ambos nos preparamos—eu para interrogar, ele para me responder... Um olhar pela sala... Um retrato realizado pelo irmão do meu entrevistado e que evoca um episodio sangrento: o retrato do comendador José Julio de Oliveira Pinto—morto, em duelo, com espadachim cheio de hasofia, que servira o exercito italiano e que era sobrinho do marechal Saldanha...

«—Quer vêr alguns trabalhos de Silva Porto—que conservo como um tesouro?

Rubimos a outra sala... São três quadros bem representativos do talento e da tecnica do grande artista... O primeiro é um retrato do sr. Evaristo Ramalho...

«—Esta obra amordaçou os inimigos de Silva Porto que, já exgotados de argumentação—o apedrejavam, como ultimo recurso, com a affirmativa de que êle não era um retratista... Pediu-me a ser seu modelo—um modelo paciente, tão ancioso pela sua vitória e tão certo dela—como êle...

Os outras dois quadros—um pastel duma singleza internecedora e uma aguarela—sintese da paisagem do sol...

Comecei então a provocar confidencias—recordações...

«—Como sabe foi o Grupo do Leão que enfrentou os seus moldes e dogmas de arte—tomando a iniciativa—ai por mil e oitocentos e tal—duma serie de exposições de pintura...—«Salões», como eu lhes chamei, inumerando-os nas minhas criticas...

«Silva Porto foi, de todos os nossos dia época, o mais combatido, devido á incompreensão dos velhos e... do proprio publico—até da propria critica. O Malhôa—o grande Malhôa—que não era então um «velho»—«bocou tambem uma attitude hostil contra o estilo de Silva Porto. Fui eu quem saí a floretear em defeza de Silva Porto—e Malhôa, tanto me compreendeu (e se arrependeu...) que não tardou em evolucionar, paralelamente ao camarada de quem discordava.

«E Columbano? Um dia—ha quantos anos!—encontrando-me em Lisboa—confessou-me, lealmente: «—Era você quem tinha razão—quando defendia Silva Porto!»

«Meu irmão foi discipulo desse grande artista. Tempos antes—um outro mestre quasi que se indignara com o seu «modernismo»—chegando a aconselhar-lhe, desabridamente, que procurasse outra carreira porque, para a pintura, não servia. Quando Silva Porto chegou do estrangeiro com as suas polainas, a sua nostalgia, os seus quadros revolucionarios (a isto me refiro no meu livro) e disseram a meu irmão—baixito, timido, que era o seu novo professor—meu irmão assustou-se com a ideia que ia ser dirigido por artista recem-vindo de Paris, naturalmente ironico, mordaz, trocista e impaciente. Em breve começou a animar-se, consoladamente, vendo que o seu mestre era o rapaz mais simples do mundo, de poucas falas e com uma certa brandura ingenua...

«—E foi então mui violenta a reacção contra Silva Porto?

«—Violentissima—e com que saudade recordo as emoções dos combates que empreendi contra os que o abocanhavam... Não eram mui imaginativos, os atacantes—devo confessar... Por ultimo pretendiam limitá-lo... como paisagista; mas no ultimo salão apresentou o seu quadro «Na Arrifana»—em que (affirmei-o eu e pode lêr-se nas minhas «Fôlhas d'Arte») se revelava como o nosso melhor animalista, sendo, sem duvida, essa obra, a mais valiosa da exposição...

Interrompe, por instantes a sua quasi febril palestra. Aproveito esse momento para analisar o seu admiravel perfil de velho-môço... O recorte do seu rosto, a sua cabeleira branca, ondulada; as suas pupilas faiscantes, o seu monoculo preso por um fitilho negro recorda-me... recorda-me... Não tardo a descobrir... Dir-se-ia que estou cavaqueando com uma das figuras mais simbolisantes do célebre grupo do «Leões»: Rafael Bordalo Pinheiro... Ao escutar esta minha impressão sorri-se:

«—Sempre nos consideraram como «irmãos»—tão grande era a nossa semelhança...

E voltando ao assunto principal da entrevista:

«—Um dia, um célebre pintor—não preciso dizer qual—disse-me: «—Tu não vês se não Silva Porto.»—Respondi-lhe: «—E' a prova que vejo bem!»

E ainda hoje, tantos anos volvidos, vejo... que via bem!»

E para rematar cita-me esta passagem duma das suas criticas—que considera definitiva:

«... Os seus quadros «Salmeja», e a «Volta do Mercado»—são solidos e soalheiros trechos de Natureza—realizados na tela pela contemplação instintiva e pelo fundo sentimento dum poeta que parece saber pintar com a propria luz.»

Estava terminada a reportagem. Partí—deixando o sr. Evaristo Ramalho na fofidão do seu exilio e das suas saudades. E contemplando, no regresso, as maravilhas da paisagem—cometi o sacrilegio de pensar que Silva Porto colaborara com o Creador...

REPORTER X.

SILVA PORTO

(Algumas breves notas)

Um delicado impressionista, descrevendo-nos numa frase terna a figura pequenina e discreta de Silva Pôrto, dizia êle:

«Dá um ar dum Cristo que tivesse pedido feriado na ceia dos Apóstolos...» Tímido e simples, solitário e dôce, franzino e triste, olhos habitualmente adormecidos numa morte-luz de saudade, a pele num tom macilento e terroso, as feições grossas e plebeias dum sensual, modesto no trajar, humilde nas falas, retraído nos gestos, Silva Pôrto passava nas ruas como uma sombra, sem atrair um olhar, muito casto com as parêdes, muito «João Ninguém» no aspecto, surpreendido talvez de não lhe tomarem contas e talvez mesmo pronto a pedir desculpas de ser o mestre da paisagem com aquela cara...

Era um homem de vida interior, acanhado e cauteloso diante de estranhos, dilatando-se apenas na solidão ou na convivência de algum raro íntimo. Então, um outro Silva Pôrto surgia daquela criatura emblocada para o mundo, um Silva Pôrto bom burguês, familiar, infantil, por vezes brincalhão, com inofensivas malícias nos olhos e uma graça ingénua nos ditos, amigo de rir, feliz de viver. Este Silva Pôrto que poucos conheceram realmente e o outro que descia à vida, recoso, contrafeito, atarantado, explicam, me parece, a feição a um tempo perfeito e pueril, honesta e banal, limitada e sincera, de toda a sua obra.

O seu apêgo ao solitarismo levou-o ao amôr pela paisagem. Diante das árvores pacíficas e inocentes, das águas preguiçosas e sentimentais, das atmosféras diáfanas e leves, estava inteiramente à vontade. Pintando figura, necessitava para iludir aquela sua cobardia invencível, dum modêlo plebeu e inferior que não o intimidasse ou dalguém que o agradável convívio lhe fôsse hábil e lentamente insinuando na sua ambiência de artista.

Os seus instintos de exemplar burguês,—tomo a palavra na bôa acepção—fazem-no escravo duma moral atávica, instintiva, obrigando-o a cumprir quási como um ofício a sua arte magistral.

Saía cêdo, invariàvelmente, e trabalhava o dia inteiro, na aula, no atelier, nas lições particulares, chegando a casa para jantar, extenuado como um operário à volta da oficina.

A maior característica nos seus quadros é a probidade de técnica: as suas paisagens são verdadeiras, duma verdade toda material; dão a região, a hora, o sítio.

Não lhe peçam o lado vasto e misterioso da natureza, alguma indefinível surprêsa ou qualquer idéia transfigurando-se em sonho imaterial. Não, Silva Pôrto pinta o que vê e só o que vê. Trabalha, luta, esforça-se por conseguir o que tem diante dos olhos, sem deixar a mínima coisa ao acaso do pincel. Procura dar o aspecto completo da sua visão e foge sistemàticamente à improvisação que êle julga uma finta. Gostava o conde de pintar e, não raro, aproveitando uma excursão do mestre, partia para o campo a trabalhar ao lado de Silva Pôrto. Duma vez, escolheram ambos o mesmo trecho de paisagem e cada um com sua tabuinha tratou de fazer a respectiva mancha.

No primeiro plano havia uma árvore tôsca e imperfeita que crescêra sem cuidados nem amparo, à mercê do tempo. O conde, a-pesar-de artista, era um eminente botanico, professor duma escola superior e começou logo duma escola superior e começou logo desenhando a sua árvore como um especialista e profundo conhecedor da anatomia plástica do modêlo.

A pouco e pouco, levado pela sua paixão, ia corrigindo a pobre árvore inculta, detalhava-lhe ramos, compl'etava-lhe a arquitéctura dos troncos, prendia-lhe simètricamente tufos de folhagem, descia a minúcias de recôrte da fôlha, era meticuloso na implantação dos pecíolos. Quando Silva Pôrto deitou os olhos ao estudo do conde, não conheceu a árvore. E levantando-se, muito grave e muito triste disse:

—Está muito bonita, mas não é o que lá está!

E para o resto do dia ficou furioso contra aquele atentado, enquanto o conde ria a bom rir...

Os quadros de Silva Pôrto vivem prodigiosamente por essa probidade e por essa solidez de factura que tem já de chamar-se individualidade. Conhecem-se de longe, sem precisar de vêr quem os assinou, e nada entretanto os domina como garridice ou efeito propositado. A tinta é sempre suave, harmoniosa e bela, e o truc é tão admiràvelmente disfarçado na justeza e habilidade dos processos que o quadro parece não existir como obra de arte mas como inexplicável redução da própria natureza. Silva Pôrto pinta bem e essa indispensável qualidade num mestre de pintura é adquirida aos poucos, numa tenacidade espantosa em indivíduo português, como consequência da sua honestidade burguesa se repercutir na sua vida artística. É preciso pintar bem para não enganar o publico...

Vêmo-lo, por exemplo, mudar muitas tintas da sua paleta ao reconhecer que certos brancos, alguns amarelos, determinados vermelhos, cresciam ou negrejavam com o tempo, prejudicando o quadro. Vêmo-lo também estudando todas as suas paisagens ao ar livre, enchendo-se de apontamentos do natural, queixando-se sempre ao pintar o quadro definitivo no atelier de que lhe faltam documentos. O seu desejo seria levar a grande tela para o campo e ali executar, fielmente, à vista do modêlo.

Procurando ser exacto, perseguindo a verdade, chegou a apoderar-se de fórma. A sua técnica, mórmente nos ultimos anos, é incomparavel, quási incompreensível; tem segurança, facilidade, largueza. Quem nos dirá, olhando a primeira árvore que Silva Pôrto pintou, estar ali o futuro compositor da magnífica tela «Conduzindo o rebanho?... Dessa primeira árvore, hirta e chata, de côres carregadas e falsas, de folhagem banal e miudinha, pacientemente feita a grânulos de tinta, dando-nos a impressão de certas pacotilhas alemãs que imitam grosseiramente hediondas chinesices de exportação, até aos hábeis e perfeitos trabalhos do fim da sua vida, que constantemente e pertinaz progresso, que contínua e lenta ascenção, que espantosa e esforçada luta para vêr, para tentar, pa arconseguir, para triunfar?

O seu ideal é sempre o mesmo; ser probo, pintar o que lá está... E dêste modo atinge um outro: ser pessoal, inconfundível, ser Silva Pôrto.

Estamos habituados a chamar artistas a creaturas que não passam dos domínios duma técnica habilidosa que adquirem, à força de insistir no tempo e na paciencia, um processo correcto de factura sem originalidade nem individualidade. São tipos frios, astuciosos, preparando a pincelada com a receita dos outros, sofrendo sucessivos abalos na maneira conforme as influências próximas, executando como um qualquer ao cabo do mesmo esforço de cópia. São incontestavelmente trabalhadores, com grandes qualidades assimilativas, mas que chegam ao limite do molde sem nunca o ultrapassar.

Para fisionomia de grande artista falta-lhes potência à idéia, falta-lhes o caracter na obra, falta-lhes a sinceridade na execução. Não conseguêm interpretar; o vôo que alguma vez ensaiam não se livra, é rasteiro, roçando o que vêem sem jámais se levantar ao que sentem... porque nada sentem. A própria técnica vão buscá-la a palestras estranhas, sem nunca tentarem uma tinta de sua lavra: pintam como se usa: a moda limitrofe, sem poder criar. E a história de quási todos os nossos pintores que vão estudar lá fóra. Abdicam da sua nacionalidade e do seu sentimento, mascaram-se de pastcheurs, e raras vezes procuram libertar-se da influência estrangeira.

Silva Pôrto não foi assim. Andando cinco anos em estudos pela França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Espanha e Itália, ficou sempre genuinamente português. Não se desenraizou da sua terra; ao contrário, parece que a ausência da pátria, rondo-o de saudades, avigorou o amôr que lhe tinha, e inadaptação a um meio estranho, artificial, hóstil e complicado de mais para o seu fatalismo de plebeu e para a sua credulidade infantil, fez pungir essas tristes e nostálgicas idéias que depressa o trouxeram para Portugal, na ancia de outra luz e melhor céu.

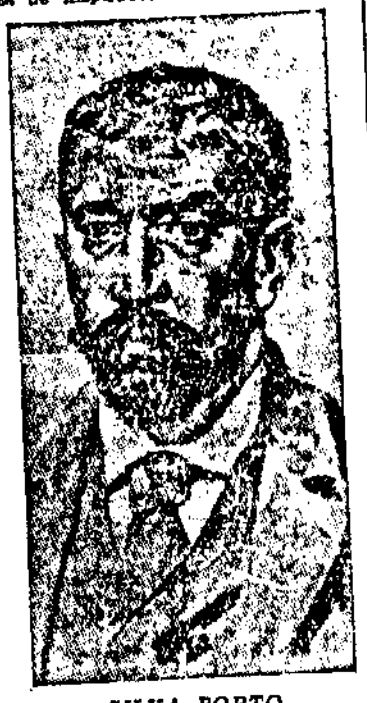
Uma vez na pátria, fazendo arte, nunca se esqueceu de prover às necessidades caseiras e ao equilibrio material da sua vida. Dá lições particulares, rege uma cadeira na Academia e ainda os motivos que escolhe de preferência para pintar são os que seduzem prontamente o comprador. O Minho com a sua paisagem mansinha e dôce, lavrada de suavidades de luz e melodiosa na orquestração das côres, fornece-lhe uma série fácil de esboços, apontamentos e pequeninas telas, sempre disputadas pelos amadores.

Os arredores de Lisboa, pedregosos e baços, os campos ribatejanos, certos trechos pitorescos da província, encontram em Silva Pôrto não só o pintor inexcedível de fidelidade mas também o representante sincero duma clientela.

A sua arte tem um lado prático, é quási sempre um modo de vida.

vêmo-lo, por exemplo, fixar o preço dos seus quadros pelo tamanho da téla e não pela qualidade de pintura. A maravilhosa Cabeça de Camponesa realizada com um amôr e uma delicadeza de inspirado, é vendida por sessenta mil reis como qualquer mancha de natureza rústica e banal. E quem estranhasse o facto, encontrava o pintor, tímido e envergonhado, desculpando-se:

—Então havia de pedir mais dinheiro por um bocadinho tão pequeno de pintura?!



SILVA PORTO
Aguarela de Roque Gameiro

Este feitio medroso de negociante prendeu-lhe as asas para a concepção duma larga obra em que as suas extraordinárias aptidões de paisagista e animalista se imortalisassem por alguma coisa mais do que a virtuosidade.

Ao seu lado faltou aquele anjo que, no dizer ingénuo de Corot, desce do céu para lhe pintar as melhores télas...

Nas reproduções que acompanham estas ligeiras notas encontrará o leitor que por infelicidade nunca lograsse vêr os quadros de Silva Pôrto, a expressão da realidade atingida pelo paisagista ao cabo dum esforço paciênte e pertinaz de longos anos. Algumas parecem instantaneas cópias fotográficas, tão flagrantes é a acção do quadro, tão nitida a movimentação da cêna. Na Barca de passagem, o rio, as arvores, os montes, o carro de bois, a barqueira são dum naturalismo perfeito... e impasivel. Nas Ceifeiras, uma das suas melhores télas, o quadro dá espantosamente essa seara dos suburbios de Lisboa, dum amarelo convalescente, e nas figuras há um vislumbre de evocação poética que raramente se encontra no artista, tão raramente que só nelas recordam mais dois quadrositos seus: um com o estudo duma manhã de nebôina no Tejo e outro em que há uns cavalos bebendo.

No quadro Conduzindo o rebanho, duma factura admiravel, inegualavel, única, o virtuose parece querer mostrar-nos todos os seus recursos na clara e nitida execução dum trecho deliciosamente complicado. Nessa extraordinária téla de quási dois metros, juntam-se todas as maiores dificuldades duma paisagem.

A luz é a do meio-dia em Agôsto, o céu abafa num calôr de torreira, o terreno é o duma azinhaga dos arredores de Lisboa; piteiras, silvas, uma oliveira carcomida e velha, tudo poeirento e sequioso, numa atmosfera de febre; pela verêda pedregosa uns carneiros, um pastor, um burro e uma lavadeira, levando uma poeirada assustadora...

Não há palavras que expliquem suficientemente o efeito dêste quadro: é preciso tê-lo visto para se compreender até que ponto ia a consciência do pintor escravisando-se á exactidão da cêna.

Diante desta paisagem onde o artista se preocupou em nos revelar que sabe pintar, é que se sente bem a falta que fez um pouco de ideal, de comoção, de sonho, a divinisar-lhe aquelas inexcediveis faculdades de técnico.

Seria um nunca acabar de escrever mesmo sumáriamente as tresentas ou quatrocentas télas que deixou. São rápidas manchas, pequenos estudos, trechos de arvoredo, notas animalistas, casas alpendradas, engenhos de água, marinhas, regadas, costumes e trajos minhotos, cênas de campinos, mulheres fiando, riachos verdosos, recantos rústicos... De vez em quando, uma mulher de Santa Marta, de Avintes, de Meadela ou da Maia, aparece com o seu lenço á chinesa e jaleco de ricas, saia entrançada de côres como um arco iris, com suas resplandecentes arrecadas nas orelhas e grilhão de muitas voltas ao pescoço, as meias de neve, a chinelinha ponteaguda no bico do pé...

Outras vezes, é uma saloiasita nubil e fresca, de roupinhas pobres e lavadas, humilde e casta, um lenço verde, um melro decaído para os ombros, um sorriso meio acanhado na bôca inexpressiva,—uma saloiasita como a dessa Cabeça de camponesa, tão cheia de caracter e de graça, que um amigo meu, enfeitiçado pela suave e encantadora modelação da pequenina téla, intitulou a Jocunda portuguêsa...

Pena é que toda essa obra valiosa e variadissima esteja em mãos de particulares, sujeita aos acasos da fortuna e a problemáticos destinos no futuro. Os poderes publicos, sempre distraídos com as rotinices da máquina política, esqueceram-se de adquirir, em época própria, os indispensaveis documentos para a história do maior paisagista português, e assim sucede, é vergonha dizê-lo, que no Museu Nacional das Janelas Vêrdes há apenas uma pequena téla de Silva Pôrto, que, por maior infelicidade, não pertence á sua última feição de técnico pujante e incomparavel.

Coisas caracteristicas da nossa terra...

O seu ultimo quadro, por concluir parece-me que pertença ao Grémio Artistico e deve estar hoje na Sociedade Nacional de Belas Artes. E' uma linda mancha de côr, com uma atmosfera fluida e luminosa, onde se recortam os ramos floridos de duas macieiras. O terreno, em três gradações de vêrde, numa pastada larga, alonga-se a perder de vista. Há certos pontos em que as tintas aparecem ainda sobrepostas tal como o pincel, á pressa, as colheu na paleta, sem tempo de as fundi-las completamente E' um valioso e interessante documento para quem pretender algum dia estudar o processo de pintar de Silva Pôrto.

As macieiras em flôr apareceram na exposição do Grémio, um ano depois da morte do paisagista. Todos os dias, em frente do quadro, os visitantes deixavam o tapete coberto de flôres.

MANUEL PENTEADO

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO

Quem me dirá, quando em 1889 publiquei alguns traços biográficos do grande paisagista português, exaltando-lhe as raras qualidades, que tam pouco tempo decorrido estaria aqui a prestar-lhe a ultima homenagem.

Quarenta e dois anos apenas, na força da vida, na pujança do talento realisada essa afirmativa de mérito especial e qualidades unicas que tornam um homem uma individualidade, um horisonte largulssimo de esperanças, toda uma prôle em botão, os que amam a arte e anceiam para a sua terra glórias com os olhos fitos nele, como num ponto luminoso de onde irradiam esplendores, e vem a morte, que, na sua carreira cega, passa distraida por tanta miséria inutil, e tanto vicio funesto, pega em todas essas esperanças, em toda essa glória e, arremessa-as violentamente para a sombria arca de pedra, em que a eternidade põe o invioldvel zêlo.

Pobre e querido grande artista! Vi-o pela ultima vez na gare do Rocio. «Até quando?» Até ás férias, talvez. «Irei, se poder ao Minho, e farei lá alguma coisa». E os seus olhos animaram-se ante a visão sorridente dos formosos campos que êle tanto amava, ao impulso desse febre de trabalho, que era toda a essência do viver dele. Poucos dias depois dizia-me numa carta, que se sentia outra vez docente, a maldita cólica não o deixava, e participava-me o nascimento de uma filhinha. Triste berço que se abria á beira da sepultura do pai!

Uma perda irreparavel para a arte portuguesa, porque Silva Pôrto, era um artista na mais larga acepção da palavra, e um artista tão nosso!

Juntara em estrofes repassadas de uma terna melancolia, que é a expressão mais intima da alma nacional, um poêma vastissimo, em que cantam todas as harmonias dos cambiantes vêrdes dos nossos campos, os sorrisos das auroras, as lágrimas dos ocasos, os murmúrios das águas, as scintilações deslumbrantes e as suaves carícias de uma atmosféra de luz. No seu olhar, concentrado, ou perdido no vago de uma abstracção profunda, existia permanente a imagem das coisas simpáticas que se tinham tornado como uma parte viva de sua alma, êsses campos por aí além, pelo país fóra, essas figuras rústicas, que a perde lá avista de dia curvadas sob o trabalho, e á tardinha surgem, nas voltas dos caminhos, parecendo uma emanação da terra, os irmãos gémeos das arvores robustas, e êsses mansos animais, que, nas télas dele, nos fitam ás vezes com tão humana expressão.

A sua pintura era tão singéla, mas tão sentida, que a todos fazia pensar, prendendo num encanto suave e indiscriptivel. Tinha, sem dar por isso, alcançado uma influência enorme, e essa pleiade de paisagistas novos que irrompem, trasbordando sobre todos os outros géneros de pintura, era tambem devida ao talento dominador de Silva Porto. A paisagem parecia mais formosa através das suas télas, e todos abalavam para o campo a buscar aí as emoções que a obra do mestre despertava. Era, porém, único; até hoje ainda nenhum alcançou devassar os segrédos que a sua alma de poeta guardava, nem essa virtuosidade de pincel que o tornava um superior, um mestre.

Querido de todos, de uma bondade inexplicavel, marcando-se a mais severa linha de conduta, tinha para as fraquezas dos outros uma tolerancia sem igual. Todavia conhecia e avaliava bem as coisas e os homens, e essas misérias, pequenas e grandes, que esses fazem enojar tantas vezes da humanidade olhava-as êle compassivo, limitando-se a encerrar-se num estreito circulo, em que agrupava aqueles para quem a sua alma tinha expansões carinhosas de irmão.

Trabalhador inesgotavel, deixa uma obra enorme para os poucos anos que viveu. Os mais notaveis dos seus trabalhos representam paisagens e scenas rústicas da Extremadura e do Minho, que êle adorava, sentindo um prazer extremo em esconder-se num qualquer canto, bem rústico, da aldeia, e trabalhar lá incessantemente: de manhã, indo surprender as alvoradas; ao meio dia, para espalhar nas télas a pulverisação dourada do sol; á tarde, para nos deixar a impressão dos ardores fugitivos do poente, e, nas poucas horas de descanso, entre o trabalho e uma frugal refeição campesina, ficava-se á cismar, quieto como um budista, os olhos fitos na paisagem, que parecia conversar com êle numa linguagem mistériosa e terna.

A arte era a sua preocupação dominante; tentava fazê-la revigorar, florescer e respeitar por todas as formas. As associações artisticas *Grupo do Leão* e *Grémio Artistico*, que tão vivamente impulsionaram a pintura entre nós nos ultimos anos, devecam muitissimo á sua iniciativa e aos seus cuidados. Nas cartas para os amigos, êle sente profissional revela-se a cada passo, na satisfação pelos triunfos de algum artista, pelo bom resultado de uma exposição, cuidados que todas as coisas de arte lhe mereciam, e nos sinceros e uteis conselhos que aos discipulos dava. Cançoiras do presente, planos do futuro, e, sempre acima de tudo, a arte.

Depois a familia. Aqueles que imaginem todo o artista *doublé* de um boémio, espécie de ideal vislumbrado, que corre sem freio, fustigado pelo desejo de sensações ardentes e novas, podiam estudar em Silva Porto um modelo de chefe de familia exemplar.

Filho carinhoso, esposo e pai amantissimo. Nas suas excursões artisticas, sofrendo as privações e incomodos inherentes ao internato pelas mais bravias aldeias, só uma coisa o magoava, as saudades dos seus; e na volta, com que silenciosos e doces sorrisos se deixava acariciar pelos filhos, todo embevecido na ternura paternal. Algumas vezes os vi agrupados, êle amedrontando os cabellos de Carlos, que, rubinisto loiro, enquanto o Antonio, traquinas nervoso, lhe trepava ao pescoço em expansões joviais. O amor pelos filhos fazia-o adorar as crianças, e todas lhe queriam. Em minha casa uma visita de Silva Porto era uma festa para os pequenos, á mêsa queriam ficar sempre ao pé dele, e chegavam, numa familiaridade infantil, a jogar as escondidas pelos cortinados. Comovia-me vêr aquele homem, de habitual tão reservado, abrir-se em larga comunicação com as singelezas pueris da inocencia. Possuia o mais amoravel coração que tenho encontrado, e ao lamentar a perda que a arte nacional sofre com a morte de Silva Porto, choro também, com mágua profunda, a falta do meu melhor amigo.

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO, nasceu no Porto aos 11 de Novembro de 1850. Começou cêdo a dedicar-se á pintura, e completos os seus estudos em Paris e em Roma, realisou uma viagem de instrucção pela Belgica, Holanda, Inglaterra e Espanha. Concorrendo ás exposições do Salon de 1876 a 1878, já então os seus trabalhos mereceram na grande capital, onde o conheciam pelo nome de Antonio Porto, a atenção da critica. Em 1879 voltou a Portugal e foi nomeado para reger interinamente na escola de bellas-artes de Lisboa a cadeira de paisagem, então vaga pela morte de Anunciação. Desempenhou este lugar até ao fim da vida, e a sua falta na escola é mais uma perda a lamentar.

Em 1880 concorreu á exposição da *Sociedade promotora de bellas-artes*, onde a rica bagagem artistica que trouxera do estrangeiro e os trabalhos já executados em Portugal apareceram como a revelação de alguma coisa nova e inesperada. A «Charneca de Belas», hoje propriedade de El-Rei, que a adquiriu no espólio de seu avô D. Fernando, obteve então a Silva Porto uma medalha de prata.

Em 1881 expôs em Madrid alguns trabalhos, por ocasião do centenário de Calderon e foi-lhe oferecido o habito de Carlos III.

Neste mesmo ano o *Grupo do Leão*, sociedade brilhante de artistas novos, abria nas salas do *Comercio de Portugal*, na rua de S. Francisco, em Lisboa, uma exposição, livre de toda a influencia oficial, que obteve um grande acolhimento, e foi ponto de partida para um certo desenvolvimento, que o gosto pela pintura tomou entre nós. Silva Porto, um dos iniciadores mais influentes do *Grupo*, expôs neste concurso uma das suas melhores télas «Os Cardos». Na segunda exposição, em 1882, apresentou Silva Porto vinte e uma télas de maiores ou menores dimensões, que indicavam um poderoso talento e um infatigável braço. Entre estes quadros estava o retrato de sua esposa, e os outros eram quási todos paisagens, todas sentidamente impregnadas de côr local, verdadeiras interpretações da paisagem portuguesa, sinceras sem *ficelles*. Do Minho lá estavam um «Pôr do Sol», em Santa Marta, e a «Ponte do Bico»; o mais notável, porém destes trabalhos era «Na Arribana», em que Silva Porto manifestava as suas distintas qualidades de animalista.

Na exposição do Grupo, em 1883, encontravam-se umas trinta télas de Silva Porto, encantadores pedaços do Minho, do Douro, da Extremadura e do Algarve, um trabalho febril. Chamavam a atenção especialmente «O Boiz», e o «Campino». Na exposição de 1884 sobresai a «Salmejas», episodio de faina rural da Extremadura, cheio de verdade, de sentimento e de côr.

Silva Porto nesta exposição confirmou-se um mestre e adquiriu indiscutivelmente o logar do primeiro, do mais completo, pintor português do seu tempo. Além da «Salmejas», as «Vacas da Arribanas», «A Celfas, figuras de camponezes, aspectos da Extremadura, impressões do Minho, deliciosas como a «Manhã nas margens de Vizela», uma preciosa joiasinha da minha preciosa collecção. Nenhum trabalho banal, toda a natureza viva de um país, idealisada pelo pincel.

Em 1885, a continuação com uma explendida téla «Os Campinos»; em 1886 expõe menor numero de quadros, mas distinguem-se de entre êles «A volta do mercado», e um «Efeito de luar no Tejo». Em 1887 e 1888 realisaram-se as ultimas exposições do

Grupo do Leão, e nesta avulta um belo trabalho de Silva Porto «A volta para a arribana». Neste último ano concorreu também á *Exposição Industrial de Lisboa*, onde alcançou a medalha de oiro. Dissolvido o *Grupo do Leão*, formou-se anos depois o *Grémio artistico*, organisado mais regularmente, e Silva Porto foi um dos seus principais fundadores e o primeiro presidente. Inaugurou o *Grémio* as suas exposições em 1891, sendo na primeira a obra do mestre representada por grande numero de telas, algumas superiores, como «A' porta da venda», o «Moinho do Gregório» e «Guardando o gado», estas duas do Minho.

Na seguinte exposição, a maior parte dos trabalhos de Silva Porto são inspirados pelas margens do Lima, como a sua magnifica «Barca de passagem em Serreleis», e o «Logar do Prado». Producto desta sua ultima excursão ao Minho, possuo eu um quadrosinho a «Vaca na pastagem» (Quinta de Santa Teresa em Serreleis), memória querida da minha convivência intima, de algumas semanas, com o grande artista. Entre os quadros que nesta exposição apresentou notava-se também uma «Cabeça de camponeza», que é um soberbo trabalho. O Grémio, conferiu então a Silva Porto a primeira medalha.

Na exposição de 1893, a ultima a que concorreu, Silva Porto foi mais do que nunca o mestre, «Conduzindo o rebanhos», e as «Ceifeiras», vieram cerrar gloriosamente o ciclo do seu trabalho.

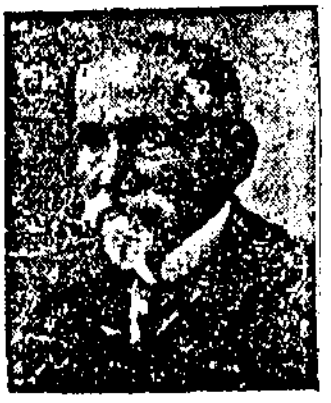
Todos os discipulos e admiradores do nosso grande paisagista esperavam dele uma obra que fôsse a síntese das raras qualidades do seu enorme talento, um trabalho de largo fôlego, que ficasse como um monumento da sua glória. Pensaria nisso o artista? Pensava, mas as dificuldades do nosso acanhado meio adiaram, e a morte veio cortar êsse grande projecto. Silva Porto deixa, porém dispersa em fragmentos, uma obra gloriosa para a sua memória e para a arte nacional; é o pintor mais português que tem existido, e as suas obras são, como as trovas de Bernardim Ribeiro, uma verdadeira expressão do que nós sentimos e amamos na formosa Pátria nossa.

Apesar da quasi indiferença que em Portugal existe pelas coisas de arte, a morte de Silva Porto comoveu geralmente. Poucos ignoravam o seu valor e o seu prestigio vencêra a modéstia em que se ocultava. Em Lisboa, apesar das noticias que corriam da grave doença de que sofria, a sua morte causou um certo assombro. Era tão novo ainda, esperava-se tanto dele, que custava a crer que tivesse morrido.

Viveu para a arte e sonhando com ela morreu. No delirio dos ultimos momentos, olhando os cortinados do quarto, Silva Porto murmurava: «Vejo ali uma figura e além uma paisagem; com que vontade as desenharia». Foram as suas derradeiras palavras.

1 - 5 - 24

O pai de Silva Porto



ANTONIO DA SILVA CARVALHO PORTO, artista latoeiro, cujos autografos, apontamentos, dum caderno intimo, abrem e fecham o «Curriculum vitae» do Artista, hoje publicado pelo «Primeiro de Janeiro»



A CASA ONDE MORREU SILVA PORTO NO REZ-DO CHÃO N.º 10 DA TRAVESSA DA ESTRELA, EM LISBOA



SILVA PORTO NO CAMPO
(Pochade de Marques de Oliveira)

O que Ramalho Ortigão disse de Silva Porto

E' o modo de Malhoa conceber a paisagem perante a contemplação da terra portuguêsa, de seleccionar os assuntos, de submeter á técnica á exteriorização de deter minados efeitos psicológicos por meio de correlativas combinações de linhas, de luz e de côr, que especializa a sua obra e a distingue da dos seus mais ilustres predecessores na interpretação plástica da vida rural da nossa terra e do nosso povo—Silva Porto e Artur Loureiro.

Os dois eminentes artistas a que me refiro (um dêles, Loureiro, ainda felizmente vivo e em plena fôrça de trabalho), terão, creio eu, de ser considerados na história da arte do nosso tempo como os iniciadores e primeiros mestres da paisagem em Portugal. Intimas analogias os relacionam um com o outro.

São ambos do Pôrto da terra verde e montanhosa, das empinadas e musgosas azinhagas, dos campos de milho quadriculados pelas videiras de enforcado, dos pinheirais, das azenhas, das águas murmurantes, das translúcidas neblinas e das lindas raparigas de olhos azuis e tranças louras. Ambos essencialmente minhotos, inclusos, sentimentais, e nostálgicos, ambos conjuntamente educados em França, pintando em Fontainebleau com os impressionistas do tempo, na convivencia dos grandes mestres de Barbison, Corot, Daubigny, Troyon, Diaz, Millot. Enfim, ambos mais ou menos achacados do peito, pertencendo como tais á categoria daqueles predestinados doentes de infinito» no agiológio da Arte, em que Maucl air compreende, por sintomas comuns de nostalgia poética, de nervosidade exacerbada, de ternura febril, de insaciabilidade ideal e de melancolia mistica, certos privilegiados temperamentos como o de Watteau na pintura, o de Verlaine na poesia, o de Mozart, de Chopin, e de Schubert na musica.

Loureiro e Silva Porto são sempre, atravez das suas mais hilariantes sinfonias de côr, dois delicados, dois contemplativos, dois sonhadores.

De uma vez, no atelier de Silva Porto, achando-o em frente de uma tela em que o artista virgulava por glacis uma afinação de tons numa paisagem sombria, tristonha, quási dolorida, representando um desolado trecho de charneca, ao sol posto, num céu glauco e duro, uma senhora perguntou-lhe:

—Porque escolheu um ponto tão deshabitado, tão triste, e, sinceramente, tão feio?

Silva Porto, de paleta e pincers na mão esquerda, dentro da sua grande blusa de linho, o rosto afogueado, os olhos baixos, torcendo o bico da barba, respondeu na sua velada voz, enrouquecida, mas concludente:

—Escolhi êste ponto feio, porque o acho lindo.

Nunca Malhôa concordaria com semelhante critério de opção.

RAMALHO ORTIGÃO.

Carlos Reis e a homenagem a Silva Porto

Não pôde Carlos Reis, Mestre da pintura portuguesa, laureado em certames de notavel representação artistica no estrangeiro, fazer um desenho, que se lhe havia pedido, para a grandiosa manifestação de saudade e de admiração a Silva Pôrto, levada a efeito pelo «Limeiro de Janeiro».

Trabalhos de inadiavel cumprimento e falta de saude impediram o cumprimento da nossa aspiração.

Esse facto não impediu, entretanto, que o brilhante autor de «Azas» se associasse a essa homenagem, com aquela emoção e ternura que envolvem e cimentam a sua sensibilidade delicada de poeta e artista.

Em pedra vermelha de Alvelte, que sob a acção do sol adquire efeitos surpreendentes de luz, fez singelo monumento, em frente á cabaida de Mestre Carlos Reis,—desse ninho de arte de onde tantas composições adoraveis tem saído para encanto de temperamentos sedentos de Beleza,—está ali a testemunhar que num grande artista pulsa, com vibração, um grande, afectuoso e grato coração.

Nesta hora de consagração justissima, não mandou Mestre Carlos Reis essa primicia do seu talento, em plena e inspirada actividade. Envia-nos, no emtanto, a prova documental, para que todos o saibam, do preito que lhe mereceu o grande Silva Pôrto,



O OBELISCO A SILVA PORTO NO CASAL DA LAGARTIXA, NA LOUZA, VENDO-SE, AOS LADOS, OS DISTINTISSIMOS PINTORES FALCÃO TRIGOSO E JOÃO REIS, DO GRUPO «SILVA PORTO»

De resto, a veneração que Mestre Carlos Reis abriga, como sentimento perfeito, no seu coração pelo Paisagista Silva Pôrto está eloquentemente documentada no obelisco erguido, entre grinaldas de lindas rosas, no Casal da Lagartixa, na Louzã.

colocando em frente da sua retina um pequeno monumento tam grandioso em significado.

MARIO DE FIGUEIREDO.

1 - 6 - 34



SILVA PORTO
CARVÃO DE CONDEIXA

SILVA PORTO VISTO POR FIALHO DE ALMEIDA

I

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO: discreto, pequenino, o ar dum Cristo que tivesse pedido feriado na Ceia dos Apostolos. Por baixo da ultima tela do ano passado escreveu a palavra «continuas», dando a entender que a sua paisagem forma série como nos romances-folhetins. E de facto, ei-la este ano prosseguindo, no mesmo estilo igual, personagens identicos, a mesma falta de surpresas, e a mesma impermiável monotonia. Lembra êstes saloios que dizem: eu cá sou Frúcisco Castanha, aqui e em toda a parte! Ele por toda a parte é Silva Porto. Está este ano um pouco definhado, e a sua paisagem dir-se-ia convalescer dum ataque d'influenza, tão doces tintas d'esmalte lhe desmereceram a elisea mocidade. Tem uma grande tela minhota, *Barca de passagem em Serleis*, onde a intuição da vida rustica lhe fez apercebor recantos flagrantissimos. Ao centro o rio, corcova e esprai-se pela areia, no fundo das serras, um grupo de árvores á esquerda, e o céu opáco, como se o sol tivesse posto óculos de fumo. A barca vai largar duma das margens, transportando um carro de milho, com carreiro e bois, de rustilhada, e já a barqueira fincando a vara na riba, impele o barco na direcção da riba oposta. Toda a porção esquerda do quadro, areia, árvores, serra, e sombras de verde poderoso na água quieta, são duma realidade evocativa, penetrada d'encanto, duma justeza de tons, maravilhosa. A postura da barqueira sabe ligeiramente a academia, a água que reflecte o folhelho do milho é francamente má, e os bois do carro se me afiguram um tudo nada de cartão. *Cabeça de camponeza:* tipo do povo, vincado por sinais cientificos de raça, que o artista fixou num momento de síntese genial. E' a gulodice rara da exposição de Silva Porto, esta cabecita chata de sopeira, queixo redondo, a pele de grão vermelho, olhando de lado—como quem diz que não é dessas... Fragrancia de rosa rustica respiram-se nas suas chitas lavadinhas, do mandrião pintalgado, do lenço vermelho do pescoço, do aventalinho fazendo-lhe peitoral na castidade do seio ainda adormecido. A bocca, humida, plebea, dum riso besta de camponeza que se sente observada, é uma maravilha de *rendu*, e no modelado da testa sente-se o mestre acostumado a estudar amorosamente o seu modelo. Daí por diante, a exposição de Silva Porto é uma série de manchas rapidas e vagas, historiando instantaneos d'impressão: aqui uma casita entre arvoredos, charcos reflectindo romarias de outono, empoeiradas, mais além veredas com silhuetas de campónios, alpendres beirões, cancelos rusticos, moitas, marinhas, bocadinhos enfim de natureza afona, desenhados com arte, coloridos com verdade, perfeitos, fieis, sentidos e banais.

II

A ESTAGNAÇÃO DA PAISAGEM E O «CONDUZINDO REBANHO», DE SILVA PORTO

Ao fim de três exposições do **Grémio Artistico**, sociedade organisada menos para fomentar as artes do que para prover ao ménage dos artistas, já se está vendo qual o futuro provável do tal grémio, que será retrair cada vez mais para misantropias nostálgicas os verdadeiros pintores, deixando aos curiosos o furor de se exibir. Esta exposição é já de feito o sintoma prenuncial do advento do curioso á gloria da publicidade, a feira franca da pintura constituida em prenda feminina, e inscrita no catálogo de habilidades de mãos, ao lado do bordado a tor-



Silva Porto aos 14 anos com o pai, a mãe e a irmã

çal, das flôres de sabugo e dos lavores próprios do sexo. Exautorado a tal ponto num congresso de artes cujos inícios, senão triunfantes, pelo menos deixavam prever ao Grémio um futuro de conscencioso esforço e honesta laboração, poucas simpatias lhe restarão da crítica imparcial: á uma porque a ideia de arte seja incompativel com a do negócio ao metro, á outra porque não é mais possivel tomar a sério certamens onde a pintura ameaça tornar-se em carta de curso de meninas casadoiras. E' doloroso assim vêr frustrado um certâmen simpático de regeneração pictural, e liquidarem em aprontadores para exame, moços artistas que o destino fadára talvez para mais viris reputações.

A exposição actual oferece de pitoresco esta imprevista nota de réclamo; e vem a ser que há discipulas assinando com doze lições quadros que os mestres exposeram no ano passado, e mestre que para sublinhar os progressos das discipulas não duvidaram subscrever como trabalhos seus patacuadas que nenhuma delas quiz expôr. Correndo as salas de exposição uma por uma, é-se ferido pela quantidade de merciaria que resuma a pintura portuguesa, e pela paragem chata de talento e de processo em que a cigarrice da venda paralisou a acção até dos mais conscenciosos estilistas. Raríssimos, pode-se afirmar, pensam em arrojar-se a uma elocubração de sonho estético supremo, e em pôr o seu nome ao canto duma pintura com vislumbres de obra definitiva; ninguém progride, e o que é mais terrivel quási, quási todos retrogradam. Esta conclusão final é deploravel, e escandalisa tanto mais, quanto é certo ter o odioso retrocesso por móvel causas que deshonram profundamente o ofício de pintar. Essas causas são de sobejo conhecidas e não gastarei carvão para as ferver: A educação preliminar de atelier fojem quási todos os artistas descurada, raros desenham, poucos conhecem de teoria sequer a ciência dos tons e perspectivas, rarissimos sabem observar, e os que observam não concluem, do que resulta nenhum sentir o quadro, e consequêntemente sabê-lo compôr in memte, antes de lhe dar realidade. A todas estas desagradaveis desfalências juntar-se-ão as necessidades de dinheiro, levadas nos mais reputados a uma cubiça de vendilhões á cóca de se encher, e sobrelevando, o completo desprezo que lhes merece o publico grosseiro ,o publico pagante, incapaz de sentir as obras pessoais, de ser tocado por uma excepção de gôsto tergiversante do ramerrão banal oleográfico, e desafiando-os por isso mesmo, a êles, artistas, ao rien faire do quadradinho de dez libras, com duas bestas, um parreiral; e a ponte de Algés onde na Judia está Jerusalem.

Tenho médo de apontar exemplares das insuficiências intelectuais e morais que atraz fixei, e pelas quais vejo apagar-se a fébre de arte sob que há seis ou sete anos se iniciára o grupo do Leão. Nos artistas parados o melindre profissional é uma ulcera dolorosa, tocar-lhe é fazê-los sofrer horrivelmente; e de que servirla isso?—á hora em que vamos já na brotaria da reclamagem qualquer, reacção salutar para a pintura portuguesa.

Não poderão dizer os pintores que á mingua de publico lhes esmoreceu a antiga actividade, porquanto mesmo nos anos maus seguidamente o publico concorre a comprar télas, fornindo áqueles garantias de vida que êle sonega aos melhores dos seus modernos escritores. Tam pouco alegarão lhes tenha faltado o aplauso da crítica, os ruidos da voga e as simpatias gerais da opinião. Tudo isso têem tido ás regaçadas, e eis o que torna a sua apatia deshonesta, porque na plena seiva em que estão parar não é uma crise psiquica da idade; parar é uma ronha de tipos que se alapardam sob o para-sol de nomes feitos, e querem intrujar o seu tempo com painelices pelintras e leliôesinhos de pintura acarneirada. Pois não é justo exigir á paleta de artistas superiores como Silva Porto, cuja técnica completa e cuja subtil anotação não podem mais preocupá-lo sobre os meios de fazer em que tropeçam os seus colegas, não é justo exigir, dizia eu, dessa surpreendente aptidão de paisagista e animalista de quando em quando um quadro mestre, onde o seu astro fique sobredoirado na concessão imortal duma obra prima? Vejam-se as suas exposições de sete anos: é tudo ensaios, apontamentos mais ou menos completos de uma obra de folego que o artista, com uma cobardia singular, evita de ano para ano, preferindo viver au jour le jour do prestigio que se fez na esperança desiludida sempre do publico, e adiando para as kalendas gregas a apoteose suprema a que tem jús.

Digam-se se não é realmente um crime deixar dormir nas fáceis gloriolas do quadrinho ao alcance de todos, êsse pincel que poderia sem grande esforço, quintessenciando um pouco as suas belas faculdades poéticas em germen, interpretar em três ou quatro télas típicas as grandes comoções da nossa vida rural, apercebendo desta não o detalhe eterno, a nota anedótica ou sentimental, que é o que Silva Porto explora e pinta nos seus languores de poéta preguiçoso, mas as divinas nupcias e segredos intimos da terra, mãe benevola e pródiga, os fecundos e maternos amagos da paisagem, a ginecologia esplendida do humus, toda a epopeia dos laços que prendem enfim a natureza bruta ao ser, êste á ideia e á ideia ao sonho imaterial.

Abanco em frente do grande quadro de carneiros que passa por ser uma das coisas capitais de Silva Porto; bocado de dois metros, onde, por uma azinhaga esboroenta dos calôres de Agosto, vem uns carneiros, um burro e um pastor. Na barreira da esquerda há uns silvados, piteiras á direita, e acima destas uma oliveira ferrugenta, comida de poeira, queimada dos ardores do Sol e pondo uma silhueta doente, hostil, num céu de trovoada. Toda a figuração da cêna é escrupulosamente composta do modêlo, e tão autentica a poeira do fundo que uma pessoa a chegar-se e a ficar com o casaco branco dela. Pode-se estudar tambem cada acesóriosinho da pintura, está tudo exacto, no seu lugar, com uma factura tão nitida, e uma consciência do minusculo por tal forma escrupulosa que é impossivel destrinçar nela dos carneiros fio que não seja pura lã, e na ramada das silvas folhas que não tenha sido vista a microscópio. Fotografe-se agora a téla, e tão exacta é a cópia, que pelo chiché não há meio de apurar se a máquina apontava a um quadro, ou se visou realmente uma cêna natural. Eis aí, me parece, a melhor crítica aos carneiros de Silva Pôrto, chamados pela fotografia tem uma cópia banal do modêlo morto, e autenticos ao ponto do artista abdicar do seu sonhante, para nessa obra depôr apenas como uma testemunha imparcial. Quando o pincel assim se enfenda á realidade por uma forma tão árida, por mais valor que se tenha o sacerdócio da ideal é letra morta, e dêsse instante, perdido o dom de evocação poética na arte, o paisagista não passa dum empalhador da natureza.

III

SILVA PORTO ENTRE OS ARTISTAS DO SEU TEMPO—A historia do movimento, artistico propulsionado ao redor de Silva Porto, embora não de grande tomo, é, contudo, tarefa para interessar um observador curioso e inteligente. Algumas risonhas exposições saíram dele, alguma curiosidade se fez em favor dos artistas que nele tomaram parte, e, quanto á pintura portuguesa, se literalmente se não pode dizer florescesse sob a égide inspirativa do mestre, deve-se atribuir o caso antes aos instintos gananciosos dos que o cercavam, do que propriamente á falta de preponderancia do seu talento na acção de contemporaneos e seguidores.

Silva Porto era apenas uma alma de contemplativo evocador de aspectos neutros, poetizada pela misantropia, e anotando honestamente o seu sonho incompleto da natureza... A sua obra não tem talvez, grandeza, mas, pela fidelidade das impressões, pela escrupulosa minusculeria dos temas, pela saudade monotona que exala, aqui e além, enternece, dando a impressão de haver sido vivida pelo artista. Personalidade absorvente, num meio mais largo, vou dizer que Silva Porto não seria, mas a sua índole doce, a sua modestia receosa, a sua voz em fio no fundo da laringe, tudo concorria nele para duplicar o encanto dos seus quadros, que assim explicados eram como a autobiografia sentimental do paisagista.

Na vida de intrigalha e ciumeira azêda, que é o fundo dramatico de todos os meios artistas, Silva Porto com o seu caracter limpido, o seu geito conpiliante, o seu tacto de guiar-se, era um caso moral de sensação, e o amor dos amigos e discipulos lhe concretou parte da lenda poetica, entre que a sua obra nos aparece ainda hoje, um pouco estragada pela oxidação das tintas e pela deificação incondicional dos exagerados.

O indiscutivel foi que essa obra, além de um cunho de sinceridade representativo da identificação do homem com a arte, exerceu seduções estéticas em alguns espiritos contemporaneos, do que resultou formar-se um grupo de pintores empenhado em progredir, durante um certo tempo. O grupo chamou-se do *Leão*, por causa de um café da rua do Principe, onde ás noites iam cavaquear e beber cerveja, artistas nele incorporados, e o seu advento nas exposições do «*Comercio de Portugal*» é trepidação de um susto novo na maneira portuguesa de pintar.

Anos depois de organizado o grupo *Leão*, bolorencias inerentes á natureza pantanosa deste genero de sociedades, levaram alguns artistas a se separarem dele, e a incorporarem-se-lhe outros, e a nova confraria a alargar-se num programa mais ingreme de letras e artes, que, pela vida periclitante da nova milicia, intitulada *Grémio Artistico*, não chegaram a cabal execução, á parte as exposições, decaidas, que o profissional hoje evita, e que a invasão do *furioso* amador quási tornou festidiosas.

Tal é, em quatro palavras, a historia evolucionada na Pintura Nacional dos ultimos quinze anos, cujo esqueleto deixo, rude e nuamente raspado de tecidos decorais.

XV

O MONUMENTO A SILVA PORTO—A morte de Silva Porto trouxe ao enternecimento artistico dos que amaram a obra e o homem, a ideia tradicional aliás, de lhe fixar num monumento a gloria candida. Alvitres duns e douros preciosando o projecto, opinaram logo desde colocar-se-lhe a estatua ao centro duma praça, até reduzir-lhe as proporções de imortalidade a um simples busto sobreposto a uma especie de bloco de granito. Vou dizer o que me parece sobre o caso, supondo que todos conhecem a posição de



SILVA PORTO
em 1879

Silva Porto na pintura portuguesa, e a justiça que seja faze-lo lembrando ás gerações de emocionais. O estudo da sua pintura, computado pouco mais ou menos em quatrocentos ou quinhentos quadros, pela maior parte de pequenas dimensões, reservo-o para quando discipulos e adoradores levarem a feito a exposição da obra completa, porque só aí veremos em toda a lucidez o corpo estético que a arte de Silva Porto formava no seu espirito, e a luminosa historia do seu sonho de paisagem, tão organicamente ligado ao feitio fisico e á discreta penumbra em que o artista sempre respirou. O que fragmentariamente se poderia alvitrar sobre a natureza moral nas suas relações com os produtos da paleta, já por varias vezes o escrevi neste panfleto com a sinceridade e o ardor de quem desejaria vê-lo ascender depressa aos cimos, e a impaciencia de quem, sondando o curto folego da vida, receava não ver exceder-se ao sublime essa admiravel virgindade de melancolico paleista.

Está claro que dada a fisionomia artistica de Porto e a qualidade especial da sua obra, não são elas de estatura a atravancar com um bronze a praça publica, mesmo nos casos da mais incondicional admiração: primeiro porque o publico não poderia nunca admirá-lo como estatura dominante na vida civica do país, onde tantas grandes figuras aguardam que a divida de homenagem lhe seja paga; segundo porque realmente se não compadeçam com o penetrante perfume minusculo da obra, dum caracter tão intimo, tão para poucos, os ambientes largos, frios, democraticos e banais, por onde carroça a vida pratica e tumultuária da multidão. O monumento tem de ser pois, não uma estatua colosso, á altura dos segundos andares, mas um busto, colocado não num centro de largo, mas num macisso de flores formando square, ou numa pelouse emoldurada de jardim. Alguma coisa de mimo, cinzelada pelos amigos, colaborada por todos os discipulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos e dos ramos, tocada como uma joia e diante de quem toda a gente pare e se enterneça.

Porque os monumentos grandes não são para a adoração, mas para o respeito ou para o enfado. Compreende-se que a estatua dum rei esteja alta, porque ninguem necessita olhar para ela. Mas a efigie dum artista como Silva Porto, que legislou não sobre opressões mas sobre estados de alma, a boa fronte candida desse comentador amoravel da nossa vida rustica, tão mubuda de comezainas mi-seriordias pelas simples coisas da aldeia e da bolada, essa deve-nos estar perto da mão porque lhe enxuguemos o suor agonico do olvido, perto da bôca porque lhe beijemos a bôca pura de evangelista extatico do belo, perto dos olhos porque todos os dias, na flamagem da tarde, ao fim da lida, possamos ir vê-la e dizer-lhe ardegas, querido mestre! Como Silva Porto nunca foi popular e deve sê-lo, pois os pinaoros da inteligencia humana em todo o mundo estão actualmente na arte e na ciência—a politica deixando de ser um pináculo para se tornar n'uma caverna—não só a qualidade do monumento será factor de propaganda, como tambem o local onde o erguirem. Por exemplo no largo da Bibliotéca, acho absurdo: primeiro porque esse largo seja na vida de Lisboa, um arrabalde; segundo porque ele de modo nenhum defronte com a portaria ou portada da Escola onde Silva Porto professou. A Escola de Belas Artes não tem por emquanto frontaria, nem tão pouco entrada, por emquanto. Não existe como edificio. E' um casarão provisorio que á Academia emprestou a Bibliotéca. Em poucos anos vêr-se-á forçada a desabalhar desse covil, e nesse dia em que desprezivo abandono ficaria colocado o pobre Silva Porto?

FIALHO DE ALMEIDA.

1-4-34

Reportagens á volta de Silva Porto

Uma entrevista com um companheiro de infancia do artista

Seja qual fôr a reportagem (porque a investigação historica tambem é uma reportagem...) o que mais emociona o investigador—é defrontar-se com um espectador vivo, espectador de olhos... e de alma, do «affaires» em focagem. Visiona facilmente o entusiasmo de Rocha Martins se, por um prodigio de longetividade, pudesse escutar a recordação duma testemunha da morte dos Tavoras—um daqueles, que, em Belem, assistiram, satisfeitos ou angustiados á «feerie» de tortura misenscenada pelos carrascos sob o texto da fereza pombalina—ou de D. José, não sei bem. Silva Porto—não está tão distante... Mas a sua obra—e a sua morte—entronisaram-no a tal altura que o reporter, nascido depois, para o medir perde um pouco um sentido das proporções—e enfileira-o no frizo glorioso e misterioso das figuras de além...

A entrevista que acabo de realizar com a ex.ma sr.ª D. Laura Silva—dedilhava-me os nervos precisamente por isso. Por que foi uma companheira de infancia de Silva Porto...

E' proprietaria dum estabelecimento de oculismo da rua de 31 de Janeiro. Invadi o seu repouso ao principio da tarde...

Que só podia receber-me—e falar—ás seis horas. Fui quási pontual... Mas mais pontual foi essa terna velhinha que já me esperava, na sua cadeira, quando entrei... Gostaria de ser um bom retratista—um... Silva Porto da prosa, para a pintar... Se os olhos, são, de facto, o espelho da alma—que alma a dessa velhinha... E fisicamente, magresa sem esqueletismo; aprumo (ia a dizer juventude, olvidando-me da idade que ela me revelou...) viveza de espirito; e no rosto, as proprias rugas parecem maquilhagem...

«—Já sei... Quer que eu fale... que eu recorde Silva Porto... Pouco posso dizer-lhe...

—Mas foi sua companheira de infancia—segundo me afirmaram...

«—Os pais dêle eram muito intimos de meus pais! Conhecia-o desde menina... Mas êle era tão concentrado... vivia tão isolado na sua arte e no seu coração...

«—Recordações...

«—Um fanatico pela sua arte... pelos seus estudos... Poucas palavras...

Os olhos da minha entrevistada perdem-se no espaço... Parecem transparecer não só saudade—mas curiosidade afectiva de uma alma enigmatica que ela gostaria ter desvendado e cujo mistério, ainda hoje, a perturba.

«—Eu lhe digo... Vinha a casa de meus pais, todos os dias—mas quedava-se calado—com se o sol, o ar, as pessoas que passavam lhe trouxessem recados de beleza, assuntos para os seus quadros...

Interrompi-a para lhe preguntar se a casa em a mesma...

—«Ah! Não! Nós—a minha familia, estamos aqui, na rua 31 de Janeiro há pouco tempo... Ainda não fez cincoenta anos...

E depois:

«—Outro dia afligi-me com certas palavras que escreveram a seu respeito—assim como me emocionei quando soube que o seu jornal, por iniciativa do sr. dr. Madureira ia prestar homenagem á sua obra—á sua vida! E afligi-me porque êle vinha duma familia nobre—dessa nobreza em que só os actos, as acções praticadas podem valer. O pai era latoeiro—mas era um artista—um artista em tudo a que se dedicava! Recordo-me dum presepio que fez... Que maravilha! O avô foi um liberal—daqueles que souberam nivelar os ideais com o sacrificio da existencia. Combateu! Foi tambem um artista—no seu heroismo, lutando com o sr. D. Pedro IV...

Calou-se um instante... A evocação feita ao «sr. D. Pedro IV» fica-me no ouvido como se ela o tivesse conhecido e lidado de perto...

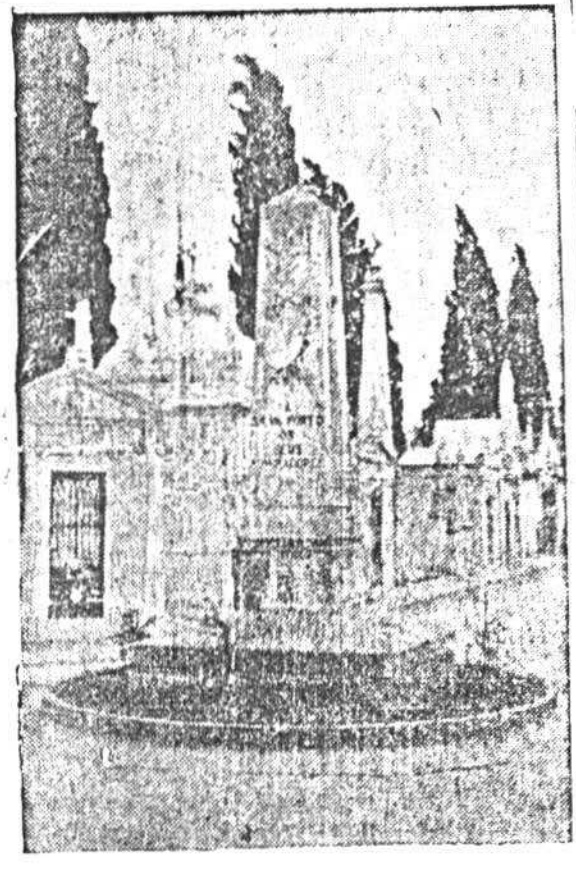
Faço uma pregunta:

«—V. ex.ª era da mesma idade de Silva Porto...

Um pequenino assomo bem feminista:

«—Não senhor! Ele era mais velho do que eu... mas velho alguns anos... Se fosse vivo teria oitenta e quatro...

E a seguir:



O MAUSOLEU DE SILVA PORTO MANDADO ERIGIR PELOS SEUS ADMIRADORES NO CEMITERIO DO ALTO DE S. JOAO EM LISBOA

«—Eu era mui pequena quando êle trabalhou aqui, nas oficinas da casa. Pouco tempo foi! Mas tive sempre a impressão que os seus destinos estavam apontados á gloria... Nunca me surpreendeu o seu triunfo... Eu adivinhara-o ainda em menino... Homem muito novo... Está no nosso jazigo—junto ao pai e á irmã...

O cristal dos oculos de D. Laura Silva são muito transparente. Brilha—atravez dêle—uma lagrima... E rematando, fatigada pela emoção que lhe fui provocar, abana vagarosamente a cabeça—e murmura—num suave desabafo, como numa confidencia só para a sua saudade:

«—Ele era tão concentrado! Falava tão pouco! Ocultava tanto os seus proprios sentimentos... Que mais quer que eu lhe diga?

REPORTER X.

1-6-34

omenagens citadinas a Silva Porto

GLORIFICANDO UM GRANDE ARTISTA PORTUENSE





EM CIMA:
SISTÊNCIA NA OCASIAO
DA ABERTURA
DO «SALAO»
O PRIMEIRO DE JANEIRO»
EM BAIXO:
INTOR FALCAO TRIGOSO
ENDO O SEU DISCURSO
NA CERIMONIA
NAUGURAÇAO DA SALETA
«SILVA PORTO»,
MUSEU SOARES DOS REIS

omemorando o 41.º aniversario da morte de Silva Porto, realie ontem, por iniciativa de *O Primeiro de Janeiro*, varias ces de homenagem áquele glorioso pintor, cuja obra dispersa eus e salões de amadores de belas-artes é uma maravilha de de sentimento, de enternecida poesia e de perturbadôra

A todas essas cerimonias, que dentro da sua simplicidade revestiram um consolador significado espiritual e moral, assistiram personalidades da maior evidencia no nosso meio social, a quem estas manifestações delicadas não são indiferentes e fazem vibrar a sensibilidade.

useu Soares dos Reis
uguração da saleta «Silva Porto»

nicio ás homenagens de adevidas á memoria de Silva tuou-se ás 14 horas, no Mu- dos Reis, que o dr. Vasco dirige com inteligencia e arinho, a inauguração da n o nome prestigioso dande paisagista português. ónia, que foi simples, re- col da sociedade portuense. utras personalidades que a iram, irmanadas no mesmo admiração pelo Mestre insamos os srs. drs. Adriano vice-Reitor da Universidade; tenente João de Bourbon Trigoso, representando o sr. comandante da Região Militar; Eduardo Honorio de Lima, Acacio Lino, Mestre Teixeira Lopes, Júlio Brandão, Joaquim Lopes; Pedro Maria da Fonseca, pela Direcção da Associação Comercial do Porto; José de Brito; Francisco de Oliveira Ferreira, pela Sociedade de Belas Artes do Porto; Alberto Silva, que representava a Escola Livre das Artes de Desenho de Coimbra e o pintor Fausto Gonçalves; Falcão Trigoso, que representava a Sociedade Nacional de Belas Artes; João Reis, por seu pai Carlos Reis e pelo Grupo «Silva Porto», de Lisboa; Ramiro Mourão; dr. Aarão de Lacerda; dr. Armando Matos, pela C. A. da Camara Municipal de Gaia; Manuel Camanho, Antonio Seixas, Augusto Candido Ramos, D. Amelia Moreira de Sá, D. Julia Molarinho, D. Felicidade Martins de Sá, D. Maria de Jesus Claro da Silva, D. Maria Isabel Fontes de Macedo, D. Maria Deolinda da Costa, D. Joaquina Machado Cunha, D. Maria Felicidade Lopes Ferreira, D. Claire Jeancourt Gouveia, dr. Pedro Vitorino, Luiz Colaço, Dórdio Gomes, Francisco da Silva Gouveia, dr. Joaquim Madureira, dr. Artur de Magalhães Basto, engenheiro Taveira, Paulino Gonçalves, Visconde de Vila Moura, Eurico Lima de Magalhães, Visconde de Villabô, Tito Martins, Mário Amaral, Antonio Marques da Cunha, Abel Santos, que representava o pintor Frederico Aires, de Lisboa; dr. Alberto de Sousa, Guilherme de Carvalho, Sousa Caldas, etc.

Procedendo á inauguração, usou, primeiramente da palavra o sr.

Dr. Vasco Valente,

distintissimo director do Museu «Soares dos Reis», que pediu licença para proferir umas palavras indispensáveis para sua justificação.

«Antevendo com algumas, e julgo que não infundadas razões, a fortuna de os Altos Poderes do Estado atenderem finalmente as reclamações e reiteradas queixas que de ha um seculo a esta parte o Porto lhes tem dirigido sobre a instalação e vida deste Museu—diz o sr. dr. Vasco Valente—sendo dada, assim, satisfação ás suas legitimas aspirações culturais, eu não deveria talvez, no momento presente, ter colaborado, como seu Director, nesta bem merecida consagração dum dos maiores pintores portugueses.

Como já tive ocasião de frisar quando da reabertura deste Estabelecimento, considero provisorias as suas instalações e, como tal, a modestia da

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

A' memória de Silva Pôrto



prestou, ontem, a cidade-natal do Artista, votivas homenagens a que se associou todo o elemento artístico e intelectual portuense

Em cima, algumas pessoas que assistiram ao acto inaugural da exposição, numa das salas de O Primeiro de Janeiro, *vendo-se, ao centro, sentado, mestre Teixeira Lopes, tendo ao colo uma nétinha do grande artista Silva Pôrto. No oval, o talentoso pintor sr. Falcão Trigoso, lendo o seu discurso. Em baixo, à esquerda, a nétinha de Silva Pôrto descerrando a lápida; à direita, na* Saleta Silva Pôrto, *(Museu Soares dos Reis), após o acto*

As homenagens citadinas prestadas, ontem, a Silva Porto marcaram brilhantemente — e foram uma justa apoteose dedicada a quem, como o exceiso Artista, tão alevantada e nobremente honrou a arte da pintura e deu á sua terra, que é a nossa, que é êste Porto que tem servido de berço a alguns dos nomes mais ilustres das artes, das letras, da ciencia e da historia, um luminoso prestigio artistico.

O nosso presado colega O Primeiro de Janeiro — *que, em tão boa hora, se lembrou de organisar esta grandiosa homenagem — deve estar plenamente satisfeito com a sua obra, pois as homenagens que promoveu tiveram, a caracterisa-las, um cunho de grandesa e de elevação artistica e intelectual deveras extraordinaria.*

Foram bem dignas do egregio nome do glorioso Pintor — e bem dignas ainda do prestigio de que gosa a entidade organisadora, o nosso estimado colega O Primeiro de Janeiro — *pelo que lhe apresentamos as nossas felicitações*

A inauguração no Museu Soares dos Reis, da *Saleta Silva Porto*

A primeira solenidade das homenagens prestadas, ontem, ao grande Artista que foi Silva Porto verificou-se, como *O Comercio do Porto* anunciara, no Museu Soares dos Reis, pelas 2 horas da tarde.

Ali acorreu, como era de esperar, o escol do nosso mundo artistico e intelectual, tendo a cerimónia revestido, assim, um aspecto particularmente interessante.

A *Saleta Silva Porto*, servindo para cultuar a memoria do pintor insigne, vem, ao mesmo tempo, constituir um novo e forte motivo de interesse para os visitantes do nosso primeiro museu de arte.

Dentro da sua propria modestia, a *Saleta* permite apreciar bem o talento magnifico de Silva Porto, que refulge em algumas das obras que o seu nome imortalisou firmou.

O acto inaugural, a que deram o seu concurso, como já acentuamos, alguns dos nomes de maior cotação nos meios artistico e literários portuenses teve, naturalmente, a imprimir-lhe a nota solene, as palavras do elemento representativo, que não faltou com a sua presença em cerimónia tão simpática e tão significativa.

*

O sr. dr. Vasco Valente, zeloso e distinto director do Museu Soares dos Reis, proferiu, então, o discurso oficial de inauguração, começando por afirmar:

— Antevendo com algumas, e julgo que não infundadas razões, a fortuna dos Altos Poderes do Estado atenderem finalmente, as reclamações e reiteradas queixas que, de há um século, a esta parte o Porto lhes tem dirigido, sôbre a instalação e vida dêste Museu; sendo dada assim, satisfação às suas bem legítimas aspirações culturais, eu não deveria, talvez, no momento presente, ter colaborado, como seu director, nesta bem merecida consagração dum dos maiores pintores portugueses.

E, depois, declarou:

— Este museu, onde passam a ficar patentes as já brilhantes provas escolares do Concurso e do Pensionato de Silva Porto, a par das quais deveriam figurar outras obras suas hoje, infelizmente, dispersas, espera, porém, conseguir que a obra do grande Artista português nele venha a ser condignamente apresentada e representada, em melhores e mais apropriadas instalações. E eu, também, deveria ter esperado, resistindo ao meu impulso e às amigas sugestões que me foram feitas...

E acrescentou:

— Considerem, pois V. Ex.as como definitiva e permanente a homenagem, mas como provisória e de carácter transitório a forma de a realizar.

Referindo-se à acção da comissão promotora das homenagens a Silva Porto:

— Impondo-se, instantâneamente, no nôsso País, a restauração e desenvolvimento dos valores espirituais, libertando-nos de uma condenável e condenada filosofia materialista, como há dias, disse o ilustre Chefe do Govêrno, é bem digna de louvor a acção da comissão promotora das homenagens citadinas ao nosso grande e glorioso Artista António Carvalho da Silva Porto, que, na opinião de Dubosc de Pesquidoux, é, por certo, de nós todos.... *et bien de son pays et la toile sent de Portugal comme son nom.*

O sr. dr. Vasco Valente concluiu o seu breve mas conceituoso discurso felicitando a comissão executiva das homenagens à memória de Silva Porto e exortando-a a que prossiga no belo caminho que se traçou, para bem do Porto e para bem da Nação.

Palmas calorosas, no final

*

O sr. dr. Joaquim Machado, conhecido crítico de arte, proferiu, depois, em nome da comissão executiva das homenagens citadinas a Silva Porto, duas singelas palavras de agradecimento, particularmente dirigidas àqueles que tinham honrado aquele acto inaugural com a sua presença.

Palmas, também, no final.

*

Por último, o talentoso pintor Falcão Trigoso, em nome da Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, que oficialmente, aí, representava, leu o seguinte discurso:

— Honrou-me a Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes com a incumbência de a representar neste acto solene, mas não posso, nem quero, deixar de estar todo aqui também em meu próprio nome, como homano, como português, como pintor, como neto espiritual que me considero do notável Mestre que foi, que será sempre, Silva Porto.

E acrescentou:

— Se de há muito ajoelhei perante a sua divina obra, costumei-me a venera-la, a vesa-la, dia a dia, na íntima convivência de outro grande Mestre português que seu discípulo foi, que meu Mestre é.

Carlos Reis, como seu dilecto filho espiritual, firmando-lhe a escola, tem sido, permanentemente, a mais expressiva e elevada exaltação desse seu idolatrado Mestre, que outros amigos soube apaixonar, para assim perpetuarem a sua memória, o seu larvilar e real valor.

Dela brotou o monumento ao inolvidável pintor, junto do lindo parque que tem o seu nome, em Lisboa, o Grupo Silva Porto, e muito do devido apreço de tantos pelo eminente artista.

Continuando emocionado:

— Lamento não poder aqui transformar em puras perolas estas singelas mas limpidas palavras que me veem aos lábios nascidas no coração de artista e emolduradas na sincera gratidão por esse Mestre do meu Mestre, a quem devo a espiritualidade requintada do meu ser, o íntimo culto à natureza e portanto à verdade eterna e imutável.

Definindo a obra do Artista:

— E porque a obra de Silva Porto é a própria ecencia dessa natureza, do seu brilhante e claro sol, do seu ar puro, da sua beleza equilibrada e harmónica, ela deslumbrará, agora e sempre, todos os espíritos delicados, todas as almas sensíveis, pois irradia da verdade Poetrada pelo seu privilegiado talento.

Apontando uma luminosa verdade:

— Mas a obra magnífica de Silva Porto é, ainda, nos tempos que vão correndo, um exemplo vivo da honestidade e probidade e portanto um conforto para todos os que teimam em ser probos e honestos, e eu não posso nem devo desligar essa excelsa qualidade do grande Mestre da justíssima homenagem que lhe estamos prestando com a consciencia tranquila, com o coração a latejar, e à qual, estou certo, outros se associarão de longe, por não poderem estar aqui presentes.

Silva Porto veio abrir, em Portugal, aos artistas de todos os tempos a cerrada janela do respeitável convencionalismo romantico da época, e por ela entrou, logo, a jorros, a luz com que iluminou e poetizou as suas naturais e notáveis telas, que, já agora, só o tempo poderá infelizmente, destruir.

Aludindo a si próprio:

— Fui dos que encontraram nessa escola realista de beleza, inteligencia e luz, a suprema razão espiritual do meu ser, sou discípulo de Carlos Reis, sou, pois, dos que veneram e abraçam, conscientemente, a obra dessa incontestável valor nacional, aqui homenageado.

Em seguida:

—A obra de Silva Porto perdurará, eternamente, como tudo que é belo e por ser baseada, difundida, na eterna e linda natureza, equilibrada e sábia, podendo e devendo pois ser estimada, respeitada e exaltada, por velhos e novos, ricos e pobres, cultos e incultos.

Como verdadeira obra de arte, abre os seus braços divinos a Deus que quiserem e souberem, descaixadamente, e inteligentemente, conjugar o coração com a razão na necessária sensatez e lógica existencia do belo.

Precisando:

— Homenagens como esta em que estamos comparando de alma e coração, homenagens de qualidade e não de quantidade, não são só gratas legítimas e justas manifestações de puro civismo, mas também, a melhor e mais expressiva garantia presente e futura, para todos os que trabalham, honesta e intensamente, com o espírito alto, de dentro para fora, devendo ser, ainda, protestos para congraçar almas, energias dispersas, diferentes valores individuais, aparentemente antagónicos, diversas e justificadas escolas, que, como elos, numa grande cadeia de positivos valores, circundo, reforçando a divina arte, exaltando a Pátria e a intelectualidade humana, tão necessitada de amparo no estranho momento que passa.

Concluindo:

— Bendita seja pois, aquela madrugada de há 41 anos, benzido o primeiro sol que iluminou Silva Porto, bendita a hora que deslumbrou o seu génio de artista maior, bendita seja esta terra linda que lhe foi berço, que lhe embalou os sonhos, terra honrada, jóia valiosa engastada na bendita Pátria nossa e que Pátria foi, também, dum glorioso Mestre, que tanto a soube honrar!

O discurso de Falcão Trigoso dum cunho acentuadamente carinhoso, foi, também, alvo dos aplausos calorosos do auditório.

*

E, com estas palavras, estava terminada a brilhante cerimónia a que vimos assistir, entre outras individualidades de categoria nos nossos meios artístico e intelectual, de que nos foi impossível tomar nota, os srs. arquitecto Marques da Silva, director da Escola de Belas Artes do Porto escritor dr. Antero de Figueiredo, tenente Oscar Fragoso, que representava o sr. comandante da I Região Militar capitão Baptista, representando o comando da P. S. P. do Porto, estatuário prof. Teixeira Lopes, arquitecto Oliveira Ferreira, prof. Adriano Rodrigues, reitor da Universidade do Porto, Júlio Brandão, director do Museu Municipal do Porto, dr. Joaquim Costa, director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, pintor João Reis, que representava seu pai, o mestre Carlos Reis, e o Grupo Silva Porto de Lisboa, Eduardo Honório de Lima, Pedro Maria da Fonseca, representando a direcção da Associação Comercial do Porto, a que pertence, prof. Abel Santos, que representava o pintor Frederico Ayres do Grupo Silva Porto, de Lisboa, prof. Aarão de Lacerda crítico e historiador de arte e colaborador de *O Comércio do Porto*, dr. António Paul, representando a direcção do Clube Fenianos Portuenses, a que pertence, pintor Joaquim Lopes, Manuel Pinto de Azevedo presidente do conselho de administração do nosso presado colega *O Primeiro de Janeiro*, que tomou a iniciativa das homenagens, etc.

Assistiram, também os filhos do grande Artista, srs. António e Carlos Alberto Silva Porto.

*

Do Museu Soares dos Reis, seguiram quási todos os assistentes para *O Primeiro de Janeiro*, onde, numa das dependências daquele nosso estimado colega, estava patente à exposição dos trabalhos de Silva Porto.

Às 3 horas da tarde inaugurou-se, solenemente numa dependência das grandes instalações do nosso distinto colega *O Primeiro de Janeiro*, a exposição dos quadros do ilustre e saudoso Pintor existentes nas colecções particulares do Pôrto.

Num salão expressamente construido para esse fim — o que demonstra, bem claramente, o carinho e o entusiasmo que *O Primeiro de Janeiro* dedicou a estas homenagens —, instalado num local arejado e cheio de luz, vêm-se ali reunidos muitos dos trabalhos que formam a belíssima e notável obra do grande Mestre.

Parece-nos azado o momento de esmiuçar, nestas linhas alguns traços biográficos do egrégio Artista, para que — aqueles que não conheçam suficientemente o seu perfil de Artista — possam apreciar dos privilegiados méritos do Pintor que acaba de ser tão eloquentemente homenageado.

António Carvalho da Silva Pôrto, nasceu no Pôrto às oito da manhã de segunda feira, 11 de Novembro de 1850, na casa n.º 50 da Rua da Ponte Nova; segundo filho de António da Silva Carvalho Pôrto, artista latoeiro, e de sua mulher Margarida da Silva Carvalho. De 1865 a 1873 seguiu com distinção os cursos da Arquitectura Civil, Escultura e Pintura na Escola de Belas Artes do Pôrto, discípulo, em desenho, de Taden e João Correia, às vezes substituido pelo Resende, em arquitectura, de Sardinha, e, em escultura, de Fonseca Contemporâneo e condiscípulo de Henrique Pousão, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, Vitorino Ribeiro, Sousa Pinto, Salazar, Lacôa e Girão Carneiro — tendo intitulado sôbre fios todos Soares dos Reis, vindo de Paris, por causa da guerra em 1870, a desenhar para a Escola do Natural. Em 1875 tendo feito concurso com Artur Loureiro, partiu para o Estrangeiro como pensionista do Estado. Dirigiu-se primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discípulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Grosseilliez — sendo Daubigny aquele que maior influência teve sôbre o Artista. Em 1877 foi para Roma, donde voltou para França, com Loureiro, tendo estado em Capri com Pousão, e realizando, à sua custa, uma viagem pelos museus da Bélgica, Holanda, Inglaterra e Espanha.

No seu regresso a Portugal, em 1879, foi nomeado interinamente para um dos lugares de professor de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa — lugar que a morte de Anunciação, ainda nesse ano, deixou vago. Em 1883 passou a efectividade e regeu a Cadeira de Paisagem até á sua morte, tendo por discípulos Carlos Xavier, Carlos Reis, Ezequiel Pereira, A. Benarus e Conceição e Silva. Concorreu ás exposições do *Salon*, em Paris, em 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras atenções e referências da crítica. Enviou também alguns quadros á Exposição Internacional de Paris de 1878, e, quando, em 1881, a Espanha celebrou o 2.º Centenário de Calderon, expôs diversos trabalhos em Madrid. Em Portugal, apresentou-se, pela primeira vez, em 1880, numa exposição organizada pela Sociedade Promotora de Belas-Artes. Depois tomou parte nas oito Exposições, realizadas de 1881 a 1888 pelo *Grupo do Leão* de que era o Chefe e o Mestre — e, em 1891, 1892 e 1893, nas Exposições do *Grémio Artistico*, de que foi presidente e um dos fundadores. Figuraram, ainda, trabalhos seus na 13.ª e na 14.ª Exposição da Sociedade de Belas-Artes e, no Pôrto, em várias Exposições. A' Exposição Industrial de Lisboa, em 1888, enviou dois dos seus melhores quadros: a *Salmeja* e a *Volta do Mercado*, obtendo a medalha de oiro. No tricentenário de Camões foi seu desenho do Carro de Guerra. Vitimado pela tuberculose, que, de longa data, lhe vinha lentamente desfacelando os pulmões, melancolisando-lhe o temperamento e requintando-lhe a sensibilidade, faleceu em Lisboa no rés-do-chão do prédio n.º 10 da Travessa da Estrela, em 1 de Junho de 1893.

Um ano depois da sua morte organizou-se em Lisboa a Exposição Retrospectiva da sua Obra com 205 dos seus trabalhos, avultando entre êles, as obras-primas: — *Caminhos — A Volta do Mercado — O Amor na Aldeia — A' Porta da venda — Barca de Passagem — Conduzindo o Rebanho — Os Moinhos da Confraria — As Ceifeiras — Na Arribana — No Chafariz de Massamá* e a *Condução de Cabrestos* — são as melhores obras do Mestre Paisagista, que, deixando no cavalete, por concluir as *Macieiras em Flor* e tendo exposto em vida 252 quadros, jaz no Cemitério do Alto de S. João, no votivo mausoléu, que, lhe ergueram os seus admiradores, tem no Parque suburbano do Bemfica o seu singelo e expressivo monumento — tendo esperado, até 1 de Junho de 1934, que o Pôrto — a terra onde nasceu e se fez artista colocasse uma simples lápide comemorativa na casa onde nasceu o maior e mais glorioso Artista portuense, que foi um dos melhores paisagistas do Mundo.

São sessenta e cinco os trabalhos ali expostos, exibidos obsequiosamente por vários amadores de arte.

Vêem-se ali: cedido pelo sr. Alberto Ayres de Gouveia — Ponte Velha de Vizela; pelo sr. Alberto Silva — Começo dum quadro; pelo sr. Alfredo Ramos — Estudo académico; pelo sr. António Ramos Pinto — Na Floresta; pelo sr. António Vasconcelos Pôrto — Saloias, Paisagem, Impressões de Viagem e Estudo de Vizela; pelo sr. Artur Cupertino de Miranda — Na Arribana; pelo sr. Artur Fernando Paulo — Estudo oleo «Areínho»; pela sr.ª D. Berta Vilares — Na Ceifa e Veneza; pela Camara Municipal de Gaia (Museus Teixeira Lopes) — Paisagens e Esboço (carvão); por **O Comércio do Pôrto** — Dois Estudos a crayon e Ilustração duma Fábula; pelo sr. Eduardo Honório de Lima — Conduzindo o rebanho, Moinhos da Confraria, Amor na Aldeia, Ceifeiras, Macieiras em flor (a ultima tela por acabar), A Pôça, Napolitana, Barco de Avintes e Academia do Nu (souce); pelo sr. Eduardo Bastos de Lima — Rapariga italiana; pela sr.ª D. Elisa Andressen Guimarães — Paisagem; pelo sr. Fernando Abreu — Paisagem (mancha), Procissão (mancha) Cavalariça (mancha) e Gondola (mancha); pelo sr. Fernando de Castro — Cabanas; pelo sr. Gilberto Lima — Manuel Passos (crayon), Vieira Portuense (crayon), Rembrandt (crayon), Portico (crayon) e Paisagem (oleo); pelo sr. dr. Jacinto de Magalhães — Mosteiro de Cette, Volta do Trabalho, Chafariz de Massamá, O Espigueiro, A Vendedeira, Interior de S. Marcos, Paisagem do Oise, Paisagem da Bretanha, Estudo para o Campino, Estudo de terreno e Estudo de paisagem; pelo sr. José Ferreira Dias Guimarães — Estudo (aguarela); pela sr.ª D. Julia da Costa Soares Veloso — Fim de tarde; pelo sr. dr. Leopoldo Mourão — Condução de Cabrestos e Paisagem; pela sr.ª D. Maria Castro Henriques Orswald — Na Tapada da Ajuda; pela sr.ª D. Maria Clara da Silva — Estudo (crayon); pelo sr. dr. Mario Esteves — No Estábulo; pelo sr. Pedro de Abreu Franco — Paisagem; pelo sr. Umberto Silva — Manuel Passos (crayon) e Moinho (estudo-aguarela); pelo sr. Vasco Ortigão de Sampaio — Três paisagens; pelo sr. Manuel Mario Lucio — No Tejo e Margens do Tejo.

E', como se vê, uma galeria de arte soberba, a que os nossos olhos se prendem num deslumbramento — e num extasiamento de admiração pelo excelso Artista, que seria grande em qualquer país do mundo, que soube fixar na téla tão preciosas obras-primas.

A pujante, inconfundivel e notabilissima personalidade artistica de Silva Pôrto está ali bem primorosamente marcada.

A' abertura da exposição assistiram as autoridades civis e militares, muitos escritores, artistas e jornalistas, bastantes individualidades de representação e muitas senhoras.

Alberto Silva — o talentoso artista e proficiente professor — foi o organizador inteligente e dedicado desta admirável galeria de arte.

*

João Reis, o talentoso pintor, representava seu pai — o glorioso Mestre Carlos Reis —, a Sociedade Nacional de Belas Artes e o Grupo Silva Pôrto.

Falcão Trigoso — o pintor brilhante, vindo expressamente de Lisboa, assim como João Reis — representava a direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes e o Grupo Silva Pôrto.

Abel dos Santos — o pintor e professor distintissimo — representava o talentoso pintor Frederico Aires.

*

A importante e bem conhecida casa Alfredo Moreira da Silva & Filhos deu ao recinto da exposição um ambiente adorável de festiva primavera, com as preciosas flores que ali colocou.

Descerramento duma lápide

A's 18 horas, foi descerrada uma lápide na casa n.º 54 da rua da Ponte Nova, onde nasceu Silva Pôrto.

Ao acto assistiram as individualidades mais em destaque nos nossos meios artisticos e sociais.

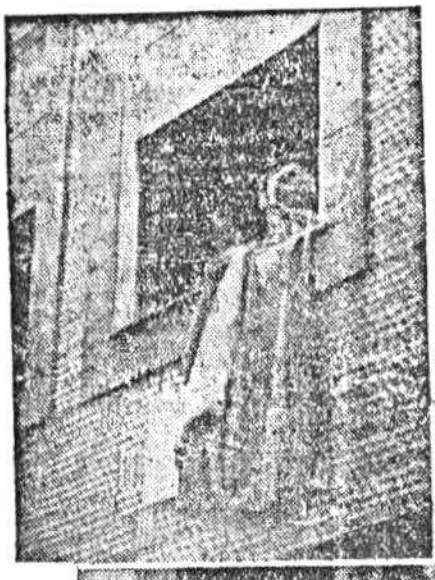
A lápide, iniciativa da Camara Municipal, foi descerrada por uma neta de Silva Pôrto e tem a legenda seguinte: «Silva Pôrto, homenagem da Camara Municipal».

Em nome dos artistas falou o pintor Falcão Trigoso, representante da Sociedade Nacional de Belas Artes, que proferiu um discurso simples e eloquente, focando a actividade artistica de Silva Pôrto.

2-6-34

2-6-1934

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO









EM CIMA:

A NETINHA DE SILVA PORTO
DESCERRANDO
A «LAPIDE»

AO CENTRO:

ASPECTO DA ASSISTENCIA
A' CERIMONIA

EM BAIXO:

O SR. FALCAO TRIGOSO
DISCURSANDO

(CONTINUADO DA 1.ª PAGINA)

sabeta hoje inaugurada não se póde, de facto, coadunar com a fulgurante grandeza do Artista que pretendemos homenagear. Este Museu onde passam a ficar patentes as já brilhantes provas escolares do Concurso e do Pensionato de SILVA PORTO, a par das quais deveriam figurar outras obras suas hoje infelizmente dispersas, espera porém conseguir que a obra do grande Artista portuense nêle venha a ser condignamente apresentada e representada, em melhores e mais apropriadas instalações. E eu tambem deveria ter esperado, resistindo ao meu impulso e ás amigas sugestões que me foram feitas...

Considerem pois v. ex.as como definitiva e permanente homenagem mas como provisoria e de caracter transitorio a forma de a realizar».

E continuando:

«Impondo-se instantemente no nosso Pais a restauração e desenvolvimento dos valores espirituais, libertando-nos de uma condenavel e condenada filosofia materialista, como ha dias disse o ilustre Chefe do Governo, é bem digna de louvôr a acção da Comissão promotora das homenagens citadinas ao nosso grande e glorioso Artista Antonio Carvalho da Silva Porto que, na opinião de Dubosc de Pesquidoux e, por certo, de nós todos, «...est bien de son pays et se tolle sent le Portugal comme son nom».

Portanto, com as desculpas pela justificada pouquidão do meu concurso, apresento á ex.ma Comissão Executiva desta homenagem as mais sinceras felicitações, pedindo-lhe que prossiga na sua sobremodo louvavel campanha

regionalista, estendendo-a a outros artistas da nossa terra ou que nela se formaram—e bem do Porto e até da Nação».

A seguir, fala o sr.

Falcão Trigoso,

ilustre pintor do Grupo «Silva Porto» e que representava a Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa.

«Honrou-me a Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes com a incumbencia de a representar nêste acto solêne, mas não posso, nem quero, deixar de estar todo aqui também em meu próprio nome, como humano, como português, como pintor, como neto espiritual que me considero do notavel Mestre que foi, que será sempre, Silva Porto.

Se de há muito—continua Falcão Trigoso—ajoelhei perante a sua divina obra, costumei-me a venerá-la, a respeitá-la, dia a dia, na intima convivencia de outro grande Mestre português que seu discipulo foi, que meu Mestre é.

Carlos Reis, como seu directo filho espiritual, firmando-lhe a escola, tem sido, permanentemente, a mais expressiva e elevada exaltação dêsse seu idolatrado Mestre, que outros amigos soube apaixonar, para assim perpetuarem a sua memoria, o seu invulgar e real valor.

Dela brotou o monumento ao inolvidavel pintor, junto do lindo parque que tem o seu nome, em Lisboa, o Grupo Silva Porto, e muito do devido apreço de tantos pelo eminente artista.

Lamento não poder aqui transformar em puras perolas estas singelas mas limpidas palavras que me vêem aos labios nascidas no coração de artista e emolduradas na sincera gratidão por êsse Mestre do meu Mestre, a quem devo a espiritualidade requintada do meu ser, o intimo culto á natureza e portanto á verdade eterna e inmutavel.

E porque a obra de Silva Porto é a propria excelencia dessa natureza, do seu brilhante e claro sol, do seu ar puro, da sua beleza equilibrada e harmonica, ela deslumbrará, agora e sempre, todos os espiritos delicados, todas as almas sensiveis, pois irradia da verdade poetisada pelo seu privilegiado talento.

Mas a obra magnifica de Silva Porto é ainda nos tempos que vão correndo um exemplo vivo de honestidade e probidade e portanto um confôrto para todos os que teimam em ser probos e honestos, e eu não posso nem devo desligar essa excelsa qualidade do grande Mestre da justissima homenagem que lhe estamos prestando com a consciencia tranquila, com o coração a latejar, e á qual, estou certo, outros se associarão de longe, por não poderem estar aqui presentes.

Silva Porto—exclama o orador—veio abrir em Portugal, aos artistas de todos os tempos, a cerrada janela do respeitavel convencionalismo romantico da epoca, e por ela entrou logo, a jorros, a luz com que ilumina e poetisou as suas naturais e notaveis telas, que já agora só o tempo poderá, infelizmente destruir.

Fui dos que encontraram nessa escola realista de beleza, inteligencia e paz, a suprema razão espiritual do meu ser; sou discipulo de Carlos Reis, sou pois dos que veneram e abraçam, conscientemente, a obra desse incontestável valor nacional aqui homenageado.

A obra de Silva Porto perdurará eternamente, como tudo que é belo e por ser baseada, diluida, na eterna e linda natureza, equilibrada e rádia ,podendo e devendo pois ser estimada, respeitada e exaltada, por velhos e novos, ricos e pobres, cultos e incultos.

Como verdadeira obra de arte, abre os seus braços divinos a todos que quizerem e souberem, desapaixonada e inteligentemente, conjugar o coração com a razão na necessaria, sensata, e logica existencia do belo.

Homenagens como esta em que estamos cooperando de alma e coração, homenagens de qualidade e não de quantidade, não são só gratas, legitimas e justas manifestações de puro civismo, mas tambem a melhor e mais expressiva garantia, presente e futura, para todos os que trabalham honesta e intensamente com o espirito alto, de dentro para fóra, devendo ser ainda protestos para congraçar, abraçar, emerxire dispersas, diferentes valores individuais aparentemente antagonicos, diversas e justificadas escolas, que como ôlos de uma grande cadeia de positivos valores, circunde, resguarde, a divina arte, exaltando a pátria e a intelectualidade humana, tão necessitada de amparo no extranho momento que passa»

E concluindo:—«Bendita seja, pois, aquela madrugada de ha 41 anos, bendito o primeiro sol que iluminou Silva Porto, bendita a hora que deslumbrou o seu genio de artista maior, bendita seja esta terra linda que lhe foi berço, que lhe embalou os sonhos, terra honrada, joia valiosa engastada na honrada, joia valiosa engastada na bendita pátria nossa e que pátria foi tambem dum glorioso Mestre, que tanto a soube honrar».

Encerrou a serie de discursos, o nosso colaborador sr. dr. Joaquim Madureira, ilustre critico d'arte, que num pequeno mas expressivo discurso agradeceu ao sr. dr. Vasco Valente o carinho manifestado pela instalação da saleta «Silva Porto», no Museu «Soares dos Reis» e tornou extensivo esse agradecimento a todas as pessoas que com a sua presença ali vieram testemunhar a sua admiração, culto e respeito pela obra do insigne paisagista portuense.

Estava terminada a cerimonia.

A ela assistiram, tambem, a nora do Artista sr.ª D. Alice Silva Porto e gentil neta e os filhos srs. Antonio da Silva Porto e Alberto da Silva Porto.

A Exposição das Obras de Silva Porto em "O Primeiro de Janeiro"

A's 13 horas efectuou-se a segunda cerimonia das homenagens a Silva Porto,—a abertura da exposição das obras daquele insigne pintor no Salão, propositadamente, construido para aquêle fim numa das dependencias das modernas, amplas e confortaveis instalações que vão servir para as novas oficinas de *O Primeiro de Janeiro*.

O «Salão», cuja distribuição de luz foi observada com todos os preceitos, reune cerca de sessenta trabalhos admiraveis que nesse recinto encontram ambiente carinhoso e digno.

E' surpreendente o aspecto de conjunto que essa primorosa colecção de quadros oferece.

Um notavel museu, sob todos os pontos de vista. Ali se juntaram as varias manifestações da brilhantissima actividade artistica e do formoso temperamento de poeta que foi Silva Porto.

A paisagem domina em todo o seu esplendor o certame. E' uma nota de deliciante sedução. Não se cança a vista de apreciar aquele conjunto de maravilhas. Atmosferas fixadas com a mais rigorosa harmonia de valores, efeitos de luz marcados com tonalidades justas,—todas as manifestações do ar livre pinceladas com sobriedade e vigor.

Admirada a paisagem, cuja técnica é assombrosa, apreciam-se na exposição as qualidades fortes e expressivas de Silva Porto retratista, Vigorosos, comunicativos de emoção, palpitantes de vida os «estudos academicos» de irrepreensiveis linhas, as figuras tipicas dos camponêses, a graciosidade da «Napolitana», a observação e sinceridade das *Ceifeiras*, a firmeza de mascara do pastor conduzindo o rebanho, o pitoresco e a saudavel expressão das *Saloias*, a attitude do lavrador na evolta do trabalho.

Lá se afixam, tambem, no «Salão» os animais pelo qual o Artista sentia devotado carinho. Primorosos trabalhos em que ha anatomia, côr, desenho com largueza, vigor de detalhes e precisão de colocação. Depois, enfileiram, tambem, asemarinhas, impulsionantes de leveza, de mimo e de delicado sentido artistico.

Pois esse conjunto de preciosidades artisticas reune-se na salão de *O Primeiro de Janeiro*, em homenagem áquele vulto da pintura portuguêsa.

Para que essa manifestação fosse levada a efeito, para que essa lição de beleza se pudesse demonstrar a sensibilidades sedentas de emoção muito contribuiram personalidades em evidencia no nosso meio social que se desprenderam, louvavelmente, por dias, dêsse inefável prazer espiritual, consentindo que das suas salas saissem essas maravilhas da pintura nacional.

Atitude simpatica, gesto nobre, prodigalidade de objectivo artistico, que permitiu momentos de emoção e de suave espiritualismo.

A essas personalidades—e são elas os srs. Eduardo Honorio de Lima, dr. Jacinto de Magalhães, Camara Municipal de Vila Nova de Gaia, Alberto Aires de Gouveia, Alberto Silva, Alfredo Ramos, Antonio Ramos Pinto, Antonio Vasconcelos Porto Artur Cupertino de Miranda, Artur Fernandes Paulo, D. Berta Vilares, «O Comercio do Porto», Eduardo Bastos de Lima, D. Elisa Andresen Guimarães, Fernando Abreu, Arnaldo Leite, dr. Fernando de Castro, Gilberto Lima, José Ferreira Dias Guimarães, D. Judith da Costa Soares Veloso, dr. Leopoldo Mourão, D. Maria Clara da Silva, dr. Mário Esteves, Pedro Abreu Franco, Humberto Silva, engenheiro Vasco Ortigão Sampaio e Manuel Maria Lucio,—renova «O Primeiro de Janeiro» os seus melhores agradecimentos.

*

No momento de ser inaugurada a Exposição, usou da palavra o nosso presado colaborador sr. dr. Joaquim Madureira que, a pedido da Empresa de «O Primeiro de Janeiro», e em seu nome pessoal, agradeceu a todas as pessoas que confiaram os seus quadros, valiosas obras de arte, para serem expostos no certame, e bem assim a todos os que deram a honra de assistir áquela inauguração.

O sr. dr. Joaquim Madureira manifestou, tambem, o seu reconhecimento pessoal, muito sincero, aos que colaboraram para o brilho da Exposição, destacando, em especial, os srs. Eduardo Honorio de Lima, dr. Jacinto de Magalhães, Alberto Silva e Manuel Marques.

Por fim, o sr. dr. Madureira agradeceu á Empresa de «O Primeiro de Janeiro» a honra de lhe ter confiado a

organização das homenagens a Silva Porto.

✲

Entre outras pessoas que visitaram ontem a Exposição no «salão» de «O Primeiro de Janeiro», vimos os srs. capitão Fernando Brandão, que representava o sr. Governador Civil do Porto; tenente João de Bourbon Trigoso, pelo sr. Comandante de 1.ª Região Militar; prof. drs. Adriano Rodrigues e Almeida Garrett; Manuel Pinto de Azevedo, Amadeu Vilar, Ernesto Canavarro, dr. Joaquim Madureira, Manuel Pinto de Azevedo Junior, Eduardo Honorio de Lima, dr. Jacinto de Magalhães, Augusto Ribeiro Pinto, João Reis, Falcão Trigoso, dr. Duarte Leite, dr. Carlos Ramalhão, dr. João Antunes Guimarães, dr. Couto Soares, Arnaldo Leite, Tomaz Mascarenhas, José Julio Barbosa, Francisco Costa, dr. Angelo Vaz, Alberto Dias de Menezes e Castro, D. Marta de Mesquita da Camara, D. Maria Oliveira Costa, José dos Santos Castro, Ramiro Mourão, Hugo Rocha, dr. Fernando de Castro, Alberto Silva, Eduardo dos Santos (Eduriza), D. Maria do Couto Santos, A. Pinto da Cunha, Pedro de Abreu Franco, Luciano Lambert, Adolfo Marques, Antonio Ribeiro Junior, D. Berta de Matos de Morais Pinto dos Santos Gonçalves Fernandes, Acacio Trigueiros, Narciso de Azevedo, Claudio Basto, Alvaro Ferreira Alves, Alberto de Barros, Acacio Lino, dr. Joaquim Costa, representado pelo sr. Narciso de Azevedo, J. Martins de Almeida, Sousa Caldas, João Moreira Fernandes, Paulino Gonçalves, D. Claire Jeancourt Gouveia, Francisco da Silva Gouveia, José Augusto Dias da Cunha, Fernando Cal, José Maria dos Santos Carvalho, José Maria Rodrigues, Teodosio Ferreira, Alberto Paulo Osorio, Adolfo de Söguier e esposa, Leopoldo Gonçalves Fernandes, João Teixeira de Queiroz, dr. Armando de Matos, pela Camara de Gaia; dr. Alberto de Sousa, dr. Antonio de Oliveira, Julio Brandão, D. Albertina Branca de Azevedo, Luiz de Melo, Americo Gomes, Antonio Paul, José Cervaens y Rodriguez, Eurico Limá de Magalhães, Carlos Clavel do Carmo, Antonio Bessa, visconde de Vila Moura, dr. Antero de Figueiredo, Manuel Marques, Henrique Moreira, dr. Artur de Magalhães Basto, Luiz Marques de Carvalho, Kol d'Alvarenga, Augusto Candido Ramos, D. Sara Matos de Barros, D. Olimpia de Almeida, D. Sara de Almeida, D. Irene de Almeida, dr. Vasco Valente, dr. Aarão de Lacerda, Dordio Gomes, José de Brito, engenheiro Vasco Ortigão Sampaio, F. Silva Pereira, Carlos Alberto da Silva Porto, Julio Pina, Antonio Ferreira Rego, engenheiro Taveira, etc.

Em frente á casa onde nasceu Silva Porto

A homenagem da Camara Municipal

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do Pôrto, associando-se ás homenagens prestadas a Silva Pôrto, resolveu que na casa onde o ilustre paisagista nasceu, á rua da Ponte Nova numeros 50, 52 e 54, fôsse colocada uma placa comemorativa.

A placa, porém, não foi possivel concluí-la a tempo, mas o facto não impediu que a ceremónia se realisasse ontem, sendo a placa substituida a título provisório, por um quadro em cartão, com os seguintes dizeres em letras douradas: «*A Silva Pôrto—Homenagem da Camara Municipal*».

Pelas 18 horas,—afixada para o acto do descerramento,— compareceram na rua da Ponte Nova representantes da Camara Municipal, reitor e professores da Universidade; director, professores e alunos da Escola de Belas Artes; directores da Biblioteca e Museu Municipal; artistas, arquitectos, amadores de arte, professores de Escolas Industriais, criticos de arte, escritores, jornalistas e a Comissão executiva das homenagens tributadas a Silva Pôrto.

Todos se congregaram defronte da casa onde o ilustre Pintor nasceu, vendo-se as três janelas do 1.º andar engalanadas com colchas de seda.

O sr. dr. Antonio Bragança, vereador do pelouro da Instrução, proferiu então algumas palavras em nome da Camara Municipal, dizendo que ela se associava ás homenagens que a Silva Pôrto eram prestadas, mandando colocar no frontespício da casa onde o grande artista nasceu uma lápide que perpetuasse a sua memória.

Nêsse momento, a menina Dora da Anunciação Silva Porto, encantadora netinha do homenageado, descerrou a colcha que revestia a janela central, deixando a descoberto a lápide simbolica ali colocada para marcar onde há-de ser afixada a definitiva.

Toda a assistencia se descobriu, sublinhando o acto do descerramento com uma prolongada salva de palmas.

Falou, depois, pela Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, pelo Grupo Silva Pôrto, e em nome de todos os artistas portugueses, o sr. Falcão Trigoso, que, pondo em relêvo a notável figura do homenageado, disse muito justamente que o grande artista não só honrou o Pôrto como todo o país, cobrindo-se até de gloria no proprio estrangeiro.

Outra salva de palmas rematou a singela e significativa homenagem, que atraiu ao local grande multidão de curiosos.

Por parte da família de Silva Pôrto, assistiram ao acto os filhos do homenageado, srs. Carlos Alberto e António da Silva Pôrto, que foram muito cumprimentados.

Horário da Exposição

A Exposição continúa aberta e franca ao público, em *O Primeiro de Janeiro*, todos os dias, das 12 ás 19 horas.

Várias notas

Associando-se á homenagem a Silva Porto, recebemos os seguintes telegramas: Da viuva do saudoso pintor Alves Cardoso—«Associo-me á homenagem ao grande Mestre Silva Porto». Do arquitecto sr. Baltazar de Castro, acidentalmente em Vouzela:—«Impossibilitado de comparecer, não posso esquecer tão justa e devida homenagem ao grande Artista Silva Porto». Dos srs.: Conceição Silva e Ezequiel Pereira, discípulos de Silva Porto: —«Modestos mas antigos discípulos do grande Mestre Silva Porto, do coração nos associámos á justissima homenagem».

✲

O pintor João Reis representou em todas as cerimónias seu pai, o Mestre Carlos Reis, que, devido a falta de saude, não pôde, bem contrariado, comparecer.

✲

A Comissão Executiva das Homenagens a Silva Pôrto era constituida pelo sr. dr. Antonio Bragança, presidente; Joaquim Madureira, Alberto Silva e Manuel Pinto de Azevedo Júnior, vogais.

Pregões & Predicas

LAUS DEO

O exito miraculoso das Homenagens a Silva Porto e das rendidas graças aos santos da casa que operaram o milagre e como, em fim de festa, se fecha com o pregão do antes de andar a roda — Quem acaba o resto?

Obrigado! Muito obrigado!...

Nem quando, ha um rôr de anos, ao transpôr a porta da Camara para os Passos-Perdidos, onde acabava de ser eleito Presidente da Republica, o velho e honrado Manuel de Arriaga, tremulo de emoção, no seu primeiro gesto inconstitucional, saindo do cortejo protocolar, me apertou contra o peito, num grande e enternecido abraço:—Lá dentro já abracei os que me votaram, mas aqui fóra o primeiro abraço é para si que me elegeu!—nem quando, anos depois, na redacção de «O Intransigente» o bom do Augusto Machado Santos, rompendo como um furacão, me atirou para cima da meza com o telegrama anunciando que o Rei de Inglaterra comutara a pena de morte ao Oliveira Coelho, que sem mim teria bailado na força—nunca, na minha longa e agitada vida de velho galeriano da pena, impenitnte Quichote das letras redondas, nunca tive maior sensação de alegria e de triunfo, do que, ante-ontem, depois de ter, lá cima, em S. Lazaro, assistido á inauguração da «Saleta Silva Porto»—que a rasgada iniciativa e actividade inteligente do Dr. Vasco Valente consagrou no Museu Soares dos Reis, ás obras escolares de Silva Porto—aqui, entre as radiosas lonas do novo Salão do Primeiro de Janeiro—em nome do Primeiro de Janeiro, agradecendo ás pessoas que nos tinham confiado as preciosos joias dos seus opulentos tesouros — num simples, num sentido, num profundo, num supremo «Muito obrigado a todos!» arrancado do fundo da alma, desentranhado, a sangrar, bem vivo do coração—abri a Exposição das obras de Silva Porto existentes nas colecções particulares da cidade e agora, reunidas e expostas, até ao dia 6, aqui neste novo Salão do Primeiro de Janeiro, onde estou a escrever, onde vivo, onde ante-ontem gosei, onde ainda hoje gosso os mais belos, os mais altos, os mais felizes, os mais vitoriosos momentos desta minha longa e agitada vida de velho galeriano da pena, de impenitente Quichote das letras redondas!

Obrigado! Muito obrigado!

E agradecendo a todos, rendendo a todos que cooperaram no exito miraculoso das «Homenagens citadinas a Silva Porto», a melhor forma, ainda, para a todos render justiça e não melindar ninguem, na inevitavel gradação dos agradecimentos que a todos devo, estou que será contar singelamente, sem divagações e sem perifrases, todos as graças e gentilezas, todas as provas de consideração, de confiança e de amizade com que, todos, com quem tive tratos nesta campanha, parece que, ao desafio uns com os outros, me iam aomulando de favores e mercês, de amabilidades e atenções—como se todos, á uma, empenhados tanto como eu no que havia a fazer, fazendo quanto podiam, pouco ou nada me deixaram que fizesse.

Vá, pois, de contar como as coisas se passaram...

Ha tempos—a quando da lapide ao Mestre Artur Loureiro—eu tive o prazer de conhecer, na Casa do Leque, á rua 31 de Janeiro, enrugada e encarquilhadinha no seu culto por Silva Porto, a sr.ª D. Laura Silva—que os leitores do «Janeiro» já conhecem atravez da nervosa reportagem do Reinaldo Ferreira—o Reporter X.

—E olhe que no dia 1 de Junho faz 41 anos que ele morreu—e eu não queria que a Morte me levasse sem saber que o Porto, a terra dele e minha terra, começava a pagar-lhe o que lhe deve e que, por vergonha vossa, Lisboa que menos lhe devia, já lhe pagou.

Eu cada vez me entendo menos com homens feitos, mulheres novas e gentes moças—mas, entendo-me, cada vez melhor, com esses pedacitos de gente de palmo e meio, que ainda não aprenderam a viver e são o ultimo encanto das nossas vidas; acatando, respeitando cada vez mais—talvez por egoismo e espirito de classe—as reliquias do passado, os cabelos brancos, que me lembram sempre as farripitas brancas da santa velhinha que foi minha mãe.

E para cumprir os desejos da Senhora D. Laura Silva—com o 1.º de Junho a bater á porta, tratei de me entender com o Alberto Silva, que, não sendo ainda um velho, rebileiro e de sangue na guelra, não sendo já rapaz—é das raras pessoas com quem sempre me entendi bem...

Conchavamos um programa: — uma exposição, a Sáleta no Museu e uma lapide na rua. Não era tudo—mas não havia tempo para mais. Materialmente, porque nenhum de nós, em questões de pecuniais podemos com uma pata pelo rabo—a exposição não poderia fazer-se, como seria natural e legitimo, no belo Salão Silva Porto, a Cedofeita, no obrigatorio e classico complemento circunstancial do lugar onde se realizam todas festas de Arte do Porto—mas, feita lá ou em qualquer parte, Alberto Silva estava á frente da exposição e a exposição podia e havia de fazer-se, se conseguissemos que para ela nos cedessem quadros.

E antes de lançar o pregão, com dois telefonemas, os quadros indispensaveis conseguiram-se: o sr. dr. Jacinto Magalhães, num rasgo dos seus e com o seu encendrado culto por Silva Porto foi generoso e grande: — Pode contar com os meus quadros todos. São 11 e a minha pena é que não sejam mais. O sr. Honorio de Lima, exactamente por que fez um sacrificio maior, prometendo alguns dos seus quadros—que, pelo seu excepcional valor e pelas suas dimensões só por um requinte de generosidade e grandeza de alma podem ser deslocados do estranho e vedado Museu de Maravilhas, que, não sendo, positivamente, o Museu Nacional das Artes Contemporaneas, é, nas mãos largas e inteligentes de quem o creou, o organisa e lhe chama seu, o mais belo, rico e seleccionado Museu de Arte com que o Pôrto se honra e de que todos nós que em Portugal nascemos, honrando o seu dôno, honrando-nos, nos podemos orgulhar—o sr. Honorio de Lima, tornando possivel, com alguns dos seus quadros, a abertura da Exposição —se não aumentou sensivelmente o infindavel rosario das suas benemerencias —tornou-me obrigatoria a modificação das regras de civilidade que me ensinaram em pequeno e que o Raul Caldevila, anda no «Folhetim Utilitario» a ensinar a toda a gente: As pessoas de respeito, cortejam-se, tirando-se-lhe o o chapeu e apertando-lhe a mão: ao senhor Honorio de Lima, sempre que tiver o prazer de o encontrar, tirando o chapeu,.. beijo-lhe as mãos.

Uma simples e afectuosa palestra com o dr. Vasco Valente e com o dr. José Meneres, arrumaram os outros numeros do programa:—podia lançar-se e lançou-se o pregão.

E lançado o Pregão do alto cimeiro deste velho baluarte de todas as ideias grandes, de todas as ideias justas que é «O Primeiro de Janeiro», estava tudo feito, faltando, apenas, fazer o resto.

E o resto, sabido que é sempre o rabo o peor de esfolar—nem eu nem o bom do Alberto Silva nos meteriamos

a levar a cabo, já atrás de nós, animando-nos, dando-nos todas as facilidades, proporcionando-nos todos os meios, facultando-nos todos os poderes, ultrapassando-nos todos os desejos, a Empresa do «Primeiro de Janeiro», do princípio ao fim, do primeiro momento ao último, não excetuou em muito aquilo com que se contava e que era lícito imaginar-se.

Santos da casa não fazem milagres, mas, desta feita, o milagre operou-se e, embora eu infrinja, pela primeira vez, as instruções recebidas, excedendo os poderes largos e amplos que me conferiram, conto, apenas, uma pena e aponto simplesmente os nomes dos personagens:

Alberto Silva, o arquiteto Manuel Marques e eu discutíamos a disposição a dar aos quadros no vasto e magnífico Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro» e, realmente, dado o valor dos quadros a expor, as dimensões de alguns deles, embaraçava-nos a luz que entrava a jorros pela frente—iluminando a grandiosidade do Salão, mas roubando-nos a melhor das suas paredes.

Entrou o sr. Manuel Pinto d'Azevedo e mal se tinha esboçado a dificuldade do excesso de luz, atalhou, rapido e decisivo:— Mas os senhores ficavam mais contentes se tivessem luz só de cima?... Venham daí.

Atravessamos o terraço. Entramos nos novos edifícios destinados às oficinas de «O Primeiro de Janeiro».

E o sr. Pinto d'Azevedo disse apenas:—Escolham o sítio, o sr. Alberto Silva marca o tamanho e o sr. Manuel Marques diga o que é preciso para se fazer em três dias um salão.

Olhamos os três uns para os outros. Olhamos todos para o sr. Manuel Pinto d'Azevedo—e o Salão fez-se.

E foi neste Salão que eu—em nome do «Primeiro de Janeiro», abri a Exposição das Obras de Silva Porto, existentes nas colecções particulares da Cidade, agora reunidas e expostas, até ao dia 6, aqui, neste novo Salão, assim feito, onde estou a escrever, onde vivo, onde ante-ontem gosei, onde ainda hoje gozo, os mais belos, os mais altos, os mais felizes, os mais vitoriosos momentos desta minha longa e agitada vida de velho galeriano da pena, de impenitente Quichote das letras redondas...

Obrigado! Muito obrigado!

*

E, agora, em fecho de festa, vá de lembrar que a dívida da Cidade a Silva Porto, começou a ser paga quarenta anos depois da sua morte, mas ainda não está liquidada de todo. Falta o resto.

Enrugada e encarquilhadinha no seu culto por Silva Porto, a sr.ª D. Laura Silva—que os leitores já conhecem através da nervosa reportagem do Reinaldo Ferreira—o Repo X, disse-me imperativa e trémula, na tarde em que a conheci:—Eu não queria que a morte me levasse sem saber que o Porto, a terra dele e a minha terra, pagava o que lhe deve e que por vergonha nossa, Lisboa, que menos lhe devia, já lhe pagou...

Desde 1921, Silva Porto, o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e mais português dos pintores Portugueses, Silva Porto, tem no Parque de Bemfica o seu lindo e singelo monumento, obra em que Costa Mota Sobrinho, realisou o sonho de Pialho de Almeida: O monumento tem de ser pois, não uma estátua colosso, á altura dos segundos andares, mas um busto colocado não num centro de largo, mas num macisso de flores formando square, ou numa pelouse orvalhada de jardim. Alguma coisa de íntimo, cinzelada pelos amigos, colaborada por todos os discípulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos e dos ramos, tocada como uma jóia e diante de quem toda a gente pára e se enternéça».

Eu fiz já o que pude—e parece que se fez tudo quanto se podia; mas, aqui, do alto cimeiro deste velho baluarte de todas as ideas grandes, de todas as ideas justas que é «O Primeiro de Janeiro», já que para Silva Porto, começou a andar a roda das homenagens e das consagrações, largo, nobre e bem-vindo pregão:

—QUEM ACABA O RESTO?...

E a todos e por tudo, mais uma vez, obrigado. Muito obrigado!

BRAZ BURITY.

3 - 5 - 24

9-6-1934

No Salão de "O Primeiro de Janeiro,,

A Exposição das Obras de Silva Porto

Foi ontem o segundo dia da Exposição das Obras do Mestre Silva Porto —que hoje estará aberta das 11 ás 19 horas. O Salão de «O Primeiro de Janeiro», extraordinariamente concorrido, manteve-se sempre com animação, vendo-se pessoas de todas as camadas sociais.

Entre os visitantes que ontem afluiram á Exposição vimos as sr.as D. Maria Estela de Faria e Sousa, D. Alice Martins Pinheiro de Sá, D. Lucinda C. Gomes e A. Leonor da Silva Costa, Antonio S. Braga, Antonio de Sousa Guedes Cardoso Machado, Sebelino Augusto Santos Pinto, Fernando Augusto Pinto Ribeiro, Luis Antonio Corte Real Leite de Vasconcelos, eng. M. Rodrigues, Aires Maximo Saraiva de Aguilar, Antonio Maximo Saraiva de Aguilar, Fernando de Matos Pinto, Abel da Silva Pereira, Jaime Valente, Manuel Reis, Avelino Costa, José Pereira Dias, Julio Worm, Abel Lopes dos Santos, Manuel José Vaz, Luis Moreira Junior, Antonio Carvalhal, José Joaquim Pereira Osorio, Ernesto P. Baptista, Eugenio Mourão, Angela Mourão, Antonio Machado da Costa Lima, Henrique Carvalho de Assunção, Constantino Teixeira Rocha, Joaquim Ferrão Lemos, João Correia Guimarães, Manuel Bernardo Birra, D. Amelia A. Lopes Vieira, D. Ana Trindade Chaga, Jorge Dias Oliveira, Adalberto Lemos, Antonio da Silva, Arminda Costa, D. Maria Luisa Cruz S. da Costa, D. Wanda Cruz S. da Costa, D. Maria Luisa Medeiros Alves, D. Maria Amelia Gomes da Silva, Antonio Rodrigues Teixeira, Mario Dores da Silva, J. Ferreira da Silva, F. Sá Barros, Casimiro Gonty, Alvaro David, Mario Teixeira, Afonso Valentim, Arnaldo Ferrer, Pedro Augusto Ferreira, Gonçalo Pacheco Pereira, Boavista Macieira, Miguel José da Costa, Moisés Nogueira, Manuel Magalhães, D. Maria Soares de Albergaria, D. Julia Calem Hölzer, Alfredo Hölzer, Alfredo Guedes de Oliveira, Domingos da Costa, Serafim Pinheiro, Antonio de Barros, Eduardo de Moura, Francisco Pereira de Sequeira (Bayard) pela «A Voz», Abilio Antonio da Fonseca Branco, Carlos Pais, Jacinto Romariz, J. Maria Pinto de Azevedo, Faustino Lopes Vieira, Professor Emilio Velo, Julio Rocha, professor; Matos Morais, José Ribera, D. Margarita Marques Guedes, D. Venusina de Caldas Osorio Puga Costa Sottomayor Ferreira, Henrique Pereira de Oliveira, Raul Saller, Justino Braga, D Virginia Marques Braga, Horacio A. Bernardo Pereira, Waldemar da Cunha Barbosa, José Miranda Junior, Henrique Perdigão, Francisco Alexandrino da Silva, Manuel Martins de Almeida, Agostinho Salgado, Carlos A. de Sampaio Santos, Mariasina de Menezes, Antonio Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, Silverio Magalhães, dr. J. Alberto Vieira, D. Irene Vieira, Fernando Augusto de Moura Ramôa, Erman Schrect, Valeriano Nandim, Antonio Sardinha, eng. Flavio Pais, Leopoldo Mourão, Alfredo Alberto Alves, Afonso de Castro, Abel Andrade de Lima, Jaime Rodrigues, Serafim Francisco Rodrigues, Artur de Sousa Monteiro, Luiz Ferreira Gomes, Aires Torres, D. Eduarda de Campos Vandschneicier, D. Maria Francisca de Carvalho Wandschneicier, José Emidio Presado, Alberto Pinto Coelho, Emidio A. de Castro, D. Maria R. Terra, D. Fernanda Costa, Arsenio Nunes da Fonseca, D. Olimpia Marques da Fonseca,, João Resende, Henrique Leite, Luis de Sá Cardoso, José Trepa, João Pinto, D. Emilia Madureira, Abeilard, Manuel Rodrigues, José M. Rodrigues, José Moura Machado, D. Maria Estela de Faria e Sousa, D. Alice Martins Pinheiro de Sá, Rodrigo da Silva Guedes, Rogerio Moreira, Hernani Oliveira, José Emilio Figueiroa Costa, Artur Aires, Artur Beires, D. Lucinda C. Gomes, D. Leonor da Silva Costa, Antonio Andrade, Arlindo Carneiro, Mario Cardoso Gomes, Carlos Gomes, Raul Ferreira, Raul Ferreira Junior, Maria da Gloria Ferreira, Elias Lourenço Correia.

❀

Nota colhida em plena Exposição. Um visitante estrangeiro pediu que o elucidassem sobre o objectivo da Exposição das obras de Silva Porto, inquirindo se a sua realisação obedecia a fins beneficentes ou mercantis. Esclarecido sobre a finalidade que presidiu á sua organisação, o visitante, bem impressionado, adquiriu um catálogo por 20 escudos!

5-6-1934

No Salão de "O Primeiro de Janeiro"

Agradecimento da familia Silva Porto

Dos filhos e neta de Silva Porto os srs. Antonio e Carlos Alberto da Silva Porto e Dora de Anunciação da Silva Porto recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte agradecimento: «Ao deixarmos o Porto, terra bemdita, berço que foi do nosso saudoso Pai e Avô, testemunhamos a nossa comovida gratidão a todas as individualidades que promoveram e concorreram á efectivação das homenagens a Silva Porto.

A' Imprensa os nossos muitos agradecimentos pela maneira como acarinhou todas essas homenagens».

A exposição das obras de Silva Porto

Extraordinariamente concorrida se manteve domingo e ontem a Exposição das obras de Mestre Silva Porto que, desde sexta-feira, se encontra aberta ao publico no Salão de «O Primeiro de Janeiro», das 11 ás 19 horas, e que hoje será encerrada.

Entre os visitantes dos dois ultimos dias, vimos:

D. Maria da Conceição Ferreira dos Santos, Serafim Ramadas, Alberto Correia, D. Graziela Correia, Alvaro Pereira de Sousa, Amadeu de Araujo Pimentel, Manuel M. Recarey, João Ferreira Guedes, Arnaldo Barroso, D. Luciana de Oliveira, Manuel de Oliveira Costa, D. Alice N. Leite Diniz, José Diniz, Francisco Torres, Antão de Almeida Loureiro, D. Arminda Ferreira, Antonio Justino Ferreira, Braz Coelho, José Coelho Vital, Cesar Augusto Morais, Ribeiro Moutinho Gomes, D. Carolina Pais de Oliveira Alves, Antonio Joaquim da Silva Alves, José Afonso, Bartolomeu Severino, Manuel Soares Coimbra, Fernando de Barros, Carlos Gilberto, Laurentino A. Machado, Benjamim Melo, Domingos Pais, João Martins Santos Paul, Dr. Morêno de Matos, Rodrigo Ferreira Pinto Bastos, Augusto Emilio Correia, Alberto Ribeiro Bastos, Eduardo Lima Macedo, Araujo de Passos, Alfredo Recarote, Manuel Pedro Brito Viana, José Ferreira de Sousa, Manuel Lopes, A. V. Coimbra, João Azeredo Ferreira, Antonio Ferreira Couto, Clemente Francisco Reis, Amandio Soares, Manuel Dias Ferreira, Carlos Manuel Ramos, Antonio de Araujo, Inácio P. Bastos, José Gonçalves, José Mota, Raul Reis Leão, João Carlos de Pina, Amorim Santos, José Conceição Cardoso, M. Sousa Oliveira, Carlos Alberto da Silva Porto, Afonso Martins Pinheiro, Antonio Costa, José Magalhães dos Santos Correia, Manuel Martins Soares, José S. Ferreira, Antonio Pinto de Carvalho, José de Deus Gomes, João Pedro Estevinha, Joaquim D. Soares Pinho, Rogerio Rocha, José Reivas Xavier, José A. Teixeira da Costa, Joaquim Ferreira, Manuel Fernando, Antonio O. Almeida, J. A. Ferreira Dias, Emilio Barreiros, Joaquim Pinto Ramos, Augusto de Sousa Maia, Joaquim Rodrigues Martins, Miguel Falcão Reis, Candido Quintão, Manuel Alves da Silva, Pedro Maria da Fonseca, D. Almira M. Pereira da Costa Fonseca; Joaquim Luiz de Oliveira, Carlos Miranda, Antonio Abreu Campos, Benjamim Maia de Castro, Emilio Monteiro, J. Eurico Terroso, Antonio Camões, Armando Rêgo, D. Esmeralda Torres, Jaime Felipe Sousa, Maria Judit P. Rocha, Carlos Oliveira, José Costa, Manuel Amaro, Alberto Almeida, D. Maria da Gloria Coelho de Oliveira, D. Olivia Brandão de Oliveira, Fernando Gonçalves, M. Costa Leite, Lincoln Mendes, Antonio de Jesus Gonçalves, Maria Roselia de Almeida, Eugenio Lage de Almeida Gomes, José Matos da Silva Neto, João Crisostomo Ramos, Julio Carneiro dos Santos, Luiz Felipe, Antonio Salgado Junior, D. Fernanda Salgado, Luiz Ribeiro de Andrade, Joaquim Ribeiro de Melo Caldas, Bernardo Gomes da Costa Coutinho, Manuel Ribeiro de Araujo, J. Alvão, João Martins Pinheiro, D. Deolinda Pinheiro, Diniz Lobo, Antonio Faria, Azevedo Antas, Julio Gabriel Ferreira, José Gomes Andrade, Eduardo da Silva Bastos, João Moutinho Caldeira Amaral, Mario Mingot, Antonio Moreira Junior, Alfredo Cesar de Brito, José Augusto Fernandes, capitão; D. Elisia Andresen Guimarães, Antonio Peixoto Guimarães, Jeronimo Pimenta, Manuel Ribeiro Pais, João de Sousa Magalhães, João Serrano de Faria, Antonio Augusto Neves Pimenta, Antonio Mendes Cardoso, José Teixeira de Vasconcelos e Melo, Antonio O. Teixeira de Melo, D. Eulalia Emilia Ferreira de Melo, D. Fernanda Valentina F. Teixeira de Melo, Raquel Queiroz Alexandrino, Aloysio Alexandrino, D. Alice da Fonseca Araujo Cardoso, D. Maria Alice Raquel Vinhal, Felix Calliet, Joaquim Alves Ribeiro, Vitorino do Couto, Alfredo José de Almeida Xavier, Manuel de Castro, Eduardo Pinto da Silva de Carvalho, Manuel Camanho, Francisco Barros, Manuel Costa, Antonio Sousa Vasconcelos, Armando Marques, Armando Juvenal Gama Marques, Alberto Eduardo M. S., D. Marinha A. Correia de Sá, D. Maria Lopes de Almeida, D. Maria José de Sousa Campos, Guilherme F. Elinhardt, Fausto de Albergaria, Manuel da Costa Ferreira, Antonio A. Nunes Eufrazio, Miguel Garcia, José de Oliveira Moreira, Joaquim Teixeira Macario, Alberto Gomes da Cunha, D. Arminda Augusta Correia da Cunha, Carlos Alberto Correia Lucas da Cunha, D. Maria Rosa Baptista, José Ferreira Dias Guimarães, Neves Guimarães, Hernani M. Melenas, Tomé Francisco de Campos, D. Maria Manuela, Raul Cruz, João Antonio de Castro, Antonio Carmo, Antonio Almeida Silvano, Antonio Joaquim Dias Barros, Abel Ferreira da Silva, Domingos Martins Bouça Nova, Fernando Rodrigues da Costa, Francisco Moreira, Alfredo Nunes de Matos, Diogo Teixeira Marinho, Alfredo Vieira, Ribeiro Quirino, Horacio Coelho de Freitas, Manuel Rodrigues Conceição, Adriano Teixeira de Carvalho, Mario Luiz Soares Seixas, Joaquim Augusto Gomes, D. Alice Vieira da Rocha, Augusto Maria Lagos, Fernando Rosa, Eduardo Silva Brandão, Miguel Fernando Silva, Edmundo Sousa Oliveira, Guilherme Fernandes, José Maria Borrêgo Junior, Alexandre Amorim Pinto, Humberto Silva Ribeiro Pinto, Francisco Costa Ferreira, José Jorge Torres, Carlos Dubini, Artur Mendes da Fonseca, Eduardo Augusto Taveira, Antero Teixeira Lopes, Antonio Joaquim Nunes, Armando Soares Cardoso, Vitorino dos Santos Costa, Julio Sousa, José Augusto da Silva, José Gonçalves, Luiz Aug. Ribeiro, Anselmo Reis Pereira, D. Maria Izabel Procópio dos Reis, D. Ilda de Arriaga Guimarães, José Martins, Julio Enes Baganha, Augusto Leal, Anjos Fontaiva (jornalista), Arnaldo Coelho, Pedro Pinto Ferreira, Antonio Caetano Ferreira de Castro, H. Andresen Guimarães, Joaquim de Campos Ribeiro, Alvaro Armando Serra, Maria Faria, Rodolfo Faria, D. Mariana Miranda, D. Luiza Faria Barreto, J. Cardoso Rocha, Julio Durão, Teodorico de Sousa Malafaia, Francisco de Carvalho Moita, Domingos Manuel Oliveira, Fernando de Paula, R. da Cunha Paula, Mario Sarmento Osorio, Antonio Faustino de Andrade, Alberto Monteiro de Carvalho, Carlos Ferreira de Almeida, Arnaldo Soares de Sousa, José Eduardo do Amaral Mesquita, Luiz Santos.

Luiz Costa e Almeida, Maria O. Cedrosa, dr. Pedro de Almeida de Eça, Luiza Froes Martins, Elisa Augusta Borges de Sousa, Antonio Ferraz, Jaime dos Santos, Antonio da Silva Santos

Azevedo, Manuel Marques Ferreira dos Santos, engenheiro Costa Marques, Filomena de Moura, Fernando de Moura, Antonio Oliveira, José Fernandes Soares, Antonio G. P. Sarmento Osorio, Antonio Almeida Cardoso, Laurinda A. da Costa Leite, Manuel Pinheiro da Fonseca, Damaso Romão Carreira, José Pinho Barbosa, Manuel Moreira, Manuel Domingos Moreira, Fredique M. Paulo Santos, Ernestina Santos Silva, Ernestina Mongado dos Santos Silva, Sofia Allen Placido da Costa, José da Cruz Lima, João Vaz, Eduardo Pastor de Lima, Baltasar Cardoso Valsa, Manuel Craveiro Junior, Ana Schreck, Maria Virginia F. Schreck, Maximiliano F. Schreck, Manuel Ferreira da Costa, Eugenio Lage de Almeida Gomes, Joaquim Enes Begonha, Serafim Lopes Rodrigues, Alberto Rodrigues Aires de Gouveia, José Maria Domingues, Amilcar Monteiro, M. G. Macedo, Sofia Maia Pinto Martins, João Rueia Ramos, Joaquim Soares, Delfim Gonçalves Vieira, João Cid, Faustino Pereira, Domingos Fernandes de Matos, Amelia Pina Gonçalves, Berta Lemos, Maria Augusta Ramos, Faria Cortez, Antonio Matias, Manuel Coelho da Rocha, Clotilde Castel Branco da Cunha, Maria Conceição Pereira, Raul Gonçalves, Maria Rosalinda de Sousa e Silva Correia Leite, Antonio Moreira da Silva, Alice de Azevedo Ribeiro, Conceição de Azevedo, Claudio de Sousa Silva, José da Silva Filipe, Veiga Pires, O. S. Machado, Jaime de Araujo, Maria Santos, Rosalina de Oliveira, Silvina de Sousa, Camilo Soares, Antonio Carvalho Almeida, Manuel Pinto, José Viana da Cruz, Fernando Castro, Gondomar; Alberto Delgado, Porto; Antonio Montenegro, José Paulo Lancastre, Bernardino Enes Correia, Antonio de Barros Machado, Ernesto dos Santos, José Filipe, José de Brito, Raul de Caldevila, Maria de Caldevila, Berta Gomes Ferreira, M. Sousa Machado, Declinda Machado, A. Correia da Silva, Anibal Faria, Antonio Lopes Barbosa, Eduardo Mayor Gonzales, Albino Guedes de Sousa, Constantino M. Martins, Julio Cardoso, Antonio Santos Beleza, Adriano Oliveira Rodrigues, Domingos Fernando de Matos, Fernando Gregorio Duarte, Antonio Domingues de Castro, Luiz Magalhães, Alice Gonzales, Eduardo Mayor Gonzales, Henrique Lobo Ramos, Maria Genoveva Canavarro, Alfredo da Rocha Matos, Adolfo Campos, Diamantino Guilherme Pereira, Carlos Chaves, José Moreira de Lemos, Manuel de Oliveira Manarte, Noemia Gonçalves da Costa Lima, Alice A. da Costa Pinto, Antonio de Sousa Cirne de Lima, Anibal S. de Carvalho, Rodrigo Guimarães, Henrique Cunha, Fernando Soares de Albergaria, Gilda Soares de Albergaria, Mario Ximenes, Antonio de Araujo, Antonio Gomes da Silva Cruz, Maria José Luiz Gomes, Carlos A. Lima, Napoleão Maria, Pedro de Figueiredo, F. M. Costa Leite, M. Gomes Correia de Melo, Cesar Abbott.

No Salão de «O Primeiro de Janeiro»

encerrou-se ontem a Exposição de Obras de Silva Pôrto

Encerrou-se ontem a Exposição das Obras de Silva Pôrto, que constituiu um brilhante exito. Fôra um dos detalhes simpáticos das homenagens sinceras de culto, de admiração e saudade levadas a efeito pelo *Primeiro de Janeiro* e às quais se associaram todos os valores da nossa terra e o grande público portuense.

Encerrou-se a notável Exposição que, durante alguns dias, esteve patente, no improvisado salão de *O Primeiro de Janeiro*, a todos os devotados de assuntos de belas-artes.

Ainda durante o dia de ontem a concorrencia ao admiravel Certame foi desusada e enorme, não se cançando o público de apreciar aquelas preciosidades artisticas.

A todos os que gentilmente, associando-se ao justo objectivo de homenagear Mestre Silva Pôrto, cederam os seus quadros para a formação do pequeno e valioso salão de *O Primeiro de Janeiro*, aqui novamente expressamos o nosso profundo reconhecimento.

Dámos a seguir a nota das pessoas que ontem visitaram a Exposição. São elas:

Valentim de Faria Mascarenhas, D. Vicência da Gloria Amaral de Mascarenhas, Americo Teixeira Lopes, Julio Mota, F. J. Nugent, D. Elvira de Campos, Julio Moreira Gonçalves, Antonio Pereira, D. Otilia Carneiro Ramalho Ortigão, D. Joaquina Machado da Cunha, Antonio Pinto Lisboa, Henrique Oliveira, Aquilino Candido Ribeiro Torres, Alvaro Rodigues de Oliveira Brandão, Abilio Mourão, J. Reis Maia, José Bomfim Barreiros, Delfim da Costa Barreiros, Manuel d'Almeida Junior, João Baptista da Silva, D. Elvira Augusta Antunes, Arnaldo Pereira Pinto, Maria Valente Fernando Rosas, Alvaro Rosas, Jaime Costa, Mario Dias, Felisberto Moreira Vale, Alberto Marinho, Almirio Fernandes de Sá, Augusto Allen Rocha, Francisco Antonio Borges, José Pinto, A. Pinheiro, José Francisco Almeida, Antonio Coutinho Magalhães, Antonio Marques dos Santos, Guilherme Firmino, D. Ernestina Fernandes Paulo, Antonio Moura, José Henrique Pinto, Edmundo Moreira, Arlindo Francisco de Sousa, Antonio Mendes da Silva, Antonio Martins França, Manuel Gonçalves da Silva, Dionisio da Silva, José Augusto Monteiro, Ramiro Barros, Afonso Valentim, D. Maria da Conceição de Sousa Magalhães, D. Maria Magalhães Macedo Santos, Mario Guimarães, Manuel Bernardino de Araujo Abreu, Sebastião Barbosa de Albuquerque, Manuel J. João Barbosa, Aurelio Proença, José Joaquim Ferreira, Antonio Ramos Pinto, Carlos Guimarães da Cunha, D. Palmira Mourão, José Domingues Alvares, D. Herminia de Moura, D. Sarah Adarção, D. Branca Adarção, Sergio Bessa, D. Zilda Costa, Domingos Teixeira, Eduardo de Moura, João Pinto Bessa F.º, Elisiário Andrade Costa, Francisco Lucas da Cunha, Dr. Vicente de Almeida d'Eça, José Pereira Monteiro, Domingos Rodrigues Junior, Joaquim Moreira da Cruz, Alvaro Cunha, José Sebastião de Meneses Junior, Pedro de Carvalho, Anibal Alves, D. Maria Julia F. Pinto Basto, D. Carlota C. Telly, Guilherme Guimarães, A. Nunes de Siqueiredo, Duarte Menezes, Norberto Teixeira de Carvalho, Manuel Coelho Moreira, Americo Damásio, Arnaldo Correia, D. Ana Cardoso, D. Marialina C. Valente, Umberto Silva, D. Maria Urbana, D. Amelia Sousa, Fernando M. de Oliveira, Gualter Queiros, José Arnaldo Pinto, D. Maria Fernanda Braga, D. Claudina Braga, Vitorino Gonçalves da Fonseca, Tomas de Moura, Afonso Ribeiro, Augusto Fernandes, Elias Lopes Coelho, D. Maria Carlota, D. Laurinda A. da Lima, Antonio de Almeida, Arquitecto Fernandes Gomes João Rios Alves da Silva, Augusto Pereira Braga, Fructuoso Araujo Neves, D. Ana de Sousa de Araujo, Carlos Ventura Gomes Pinto, Alberto Coelho dos Santos, Emidio Lopes, Antonio Dinis Almeida, Manuel Delgado, Luiz Guedes, D. Maria Lucinda Caimon, D. Candida Rosa Liborio, J. Pacheco, Acacio de Faria, D. Maria Izabel Ramalho Ortigão, D. Graziela Maria Ramalho Ortigão, D. Maria Loureiro Ramalho, D. Joana Braga, D. Lucinda Rodrigues Nunes, Veiga Pires, Joaquim Carlos Coutinho, João Guimarães, Alberto Gomes de Araujo, Silvino R. de Sousa, D. Amalia Rato, Benedito de Azevedo, Ernesto de Oliveira, Lino Cardia, D. Maria Hermengarda Luiz Gomes, Artur Nunes Santos, Eduardo de Sá Ramos, D. Maria Candida Ramos Costa, Abel Pêgo Fiuza, Eduardo Rodrigues, D. Leonilda de Castro Neves, D. Hercilia Lucia Fernandes Dias, Antonio Pereira de Carvalho, Americo Gonçalves, Joaquim C. Matias, Tomaz Artur de Carvalho, Julio dos Reis Lourenço, Candido Alves, Arlindo Carvalho Borges, J. Afonso Guimarães, Adalberto Mendes, Armando Fernandes Morais, D. Joaquina Osorio Sequeira, D. Isolina Barbedo de Magalhães, D. Rosalia Barbedo de Magalhães, D. Margarida Badoni Barbedo, Manuel Gonçalves da Gama, D. Luiza Candida dos Santos, D. Maria do Rosario Rangel Cardoso Alves da Cunha, Madame Resende da Rocha Guimarães, D. Alda Gonçalves Guimarães, José Vasques Marques, Elisio Coelho Moureira, Carlos de Sousa, Vitor Ramos, Antonio Casimiro Pereira de Carvalho, Henrique Dias Teixeira, Hernani Torres, Alberto H. Andresen, D. Maria da Gloria Lencastre Ribeiro da Silva, Dagoberto Gonçalves Borges, José Ribeiro Machado, D. Maria da Gloria Nobre Andresen, Manuel de Figueiredo, Joaquim Salgueiro da Silva, J. Aragão, D. Maria Guilhermina Mendonça da Luz, Felix Pinto de Sousa, Antonio Pinto, Trajano Lima de Magalhães, Graziela Veiga Ramalho Ortigão, Isabel Dantas da Gama, Augusto Gama, Augusto da Silva Seabra, João Cardoso, D. Fernanda Ramalho, M. Grilo Carneiro, Alfredo Soares da Costa Matos, José Côrte Real, Julio Amaral, D. Alzira de Sousa, Eduardo Fonseca, Alzira de Barros Lima Martins, D. Clarinda Queiroz, D. Amelia Rodrigues de Sousa, Paulo Conceição de Lima, Joaquim Mota, Benjamim Vilas Boas, D. Lucilia Gomes Braga, D. Judite Gomes Braga, D. Carolina Morais, D. Maria Rosa Morais Teixeira, Vasco de Melo Braga, D. Elvira de Melo Braga, D. Ilda Andrade, Alfredo Angelo de Magalhães, B. da Silva Borges, D. Clotilde da Costa Carvalho, D. Beatriz Magalhães Almeida, Antonio Teixeira Rebelo, D. Maria Margarida C. Ferreira Caldas Teixeira Rebelo, Raul Machado, Anibal dos Santos, Gladys Muriel Giddy, D. Guilhermina Machado Giddy, D. Mariat Fernanda da Cunha e Sousa, Manuel Pinto Cruz, S. M. da Nobrega Pinto Pizarro, C. Gomes Martins, Manuel Vieira, Fernando de Moura, Oliveira Cabral, João de Almeida, Francisco Aguilera, D. Candida Monteiro, M. Pinto de Almeida, José Vieira de Sousa Junior, Guilherme Joaquim de Oliveira, João José Nogueira, Alberto Pinto Monteiro da Silva, D. Branca Leite de Sousa Cabral, D. Guilhermina Santos Sampaio, D. Maria Regina Costa, D. Sylvia Leite Vasconcelos Costa, D. Elvira de Oliveira Loureiro, D. Maria Caldeira, dr. Afonso Coutinho Caldeira, F. de Abreu, José Fernandes da Silva, D. Laurinda Rodrigues da Silva, D. Maria Estela Queiroz de Abreu, professor Emilio Veio, Augusto Cesar da Cunha Morais, Angelo de Morais, Marcilio de Azevedo, José A. Machado, Antonio Casimiro Ferreira de Carvalho, Francisco Fernandes, Fernando da Costa Oliveira Coque, Antonio da Silva Carvalho Junior, Abel dos Santos Assunção, Manuel de Almeida, Camilo Ferreira de Andrade, Joaquim Pereira Monteiro de Araujo, João Fernandes de Sá, Jorge Martins, Joaquim José Banacha, Vitorino Valero Ferreira, Diogo Marcelo, Oliveira Junior, D. Maria Ribeiro, Augusto Cesar Gomes Rosiro, José Gonçalves Guimarães, Rodolfo Peixoto Veiga, Fernando de Pamplona, Antonio Cunha, Eng. Manuel Gonçalves de Araujo, D. Jacinta Correia, Antonio Resende Dias, D. Maria Soledade Alves, D. Alice Alves, D. Maria Julia Santos Alves, Arnaldo Carneiro, Candido Peixoto de Magalhães, Jácome Costa, Francisco Correia de Matos, Adrião Guerreiro de Sá F.º, Ernesto Azevedo, Francisco Joaquim Coutinho, Emilio Fernando Costa, Manuel Antunes Machado Torres, João Vilaça de Carvalho, Antonio E. Silva, Manuel Miranda Pinto, Carlos Alberto Maldonado, Manuel Ribeiro, D. Celia Ferreira de Almeida, Francisco de Gama Amorim, Eduardo Ribeiro Marques, Antonio Marcolino da Silva, D. Lucinia Pereira da Silva, D. Julia Pereira da Silva, Joaquim Pauperio Marques dos Santos, Antonio José Rodrigues, D. Adelaide Estrada, Zeferino Coelho e D. Laura Marques dos Santos.

6 - 6 - 34

Pregões & Predicas

Para acabar o resto...

Ou de como daqui a 6 mezes se assentará em S. Lazaro a primeira pedra do monumento a Silva Porto com o produto das obras de arte de todos os artistas portugueses que enviem os seus trabalhos á Exposição do «Primeiro de Janeiro»

Na linda ermida de Arte, que a iniciativa ousada e inteligente da Empresa do *Primeiro de Janeiro* lhe ergueu e consagrou nos novos e monumentais edificios das suas vastissimas instalações gráficas, durante cinco dias, em festivo e glorioso *lausperenne*, esteve exposto ao culto dos seus fieis e devotos tudo quanto humanamente foi possivel colher e reunir, nas colecções particulares da cidade, da obra de Silva Porto, o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais belo, mais forte, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português dos pintores portugueses.

Perante êsse conjunto inegualavel de oitocentas e tantas maravilhas, passou tudo quanto no Pôrto, socialmente, marca, pela sua posição, pela sua cultura, pela sua fortuna, pela sua inteligencia, pela sua laboriosidade, pela sua elegancia ou, simplesmente, pelo seu interesse espiritual por coisas de Arte e de Belêza.

Nunca, no dizer consciente e unanime dos habituais frequentadores dos nossos certamens de Arte, se conseguiu maior e mais variada concorrencia a uma exposição—porque, em verdade se póde dizer, que todas as classes sociais do Pôrto, mostraram o seu interesse e o seu carinho, o seu respeito e a sua admiração pela obra maravilhosa do maior e mais glorioso artista da sua terra.

E é esta a primeira conclusão a tirar:—por entre a materialidade brutal dos tempos ásperos que vão correndo, ainda não é só de pão que vive o homem—e o interesse espiritual pelas obras de Arte, que nos falam á alma, que nos erguem os olhos acima da gamela e da mangedoira, ainda emociona e faz vibrar, em todas as classes sociais, a sensibilidade artistica, que, todos nós, cultos e incultos, trasemos ingenitamente alapada dentro de nós mesmos—para em alguma coisa se extremarem e distinguirem os homens das bestas.

Ora, não deixando arrefecer o entusiasmo pela obra de Silva Porto, procurando tocar mais uma vez essa sensibilidade artistica da boa gente tripeira, vá de repizar e pôr definitivamente em fóco, na pedra e na ordem do dia, o que falta cumprir e realisar para que se liquide por completo a divida que, escandalosamente, estava em aberto há quarenta anos e que, citada nêstes pregões, com galhardia e brilhantismo o Porto começou a pagar a Silva Porto, o maior e mais glorioso dos artistas portuenses.

*

Em Lisboa, no lindo e pitoresco Parque da Bemfica, tem Silva Pôrto, desde 1921, o seu singelo e votivo monumento,—interpretação felicissima do escultor Costa Mota Sobrinho do belo sonho de Thalho de Almeida, que, não é demais relembrar, ainda uma vez: «O monumento tem de ser, pois, não uma estátua-colosso, á altura dos segundos andares, mas um busto colocado não num centro de largo, mas num macisso de flores formando *square*, ou numa *pelouse* orvalhada de jardim. Alguma coisa de mimo, cinzelada pelos amigos, colaborada por todos os discipulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos, e dos ramos, tocada como uma joia e diante de quem toda a gente páre e se enterneça».

O velho e engradado Jardim de S. Lazaro está destinado, dentro de curto praso, a ser transformado, ajardinado, acatitado, apergolizado pelos mais apilarados figurinos das urbanisações modernistas e o meio desse Jardim, onde já está—e muito bem—o monumento Marques de Oliveira, ali em frente da velha Escola de Belas-Artes do Pôrto, onde Silva Porto artisticamente se criou e em Arte se fez gente, é que o seu monumento terá de ser erguer, ladeado pelos monumentos dos seus camaradas e companheiros de Escola—Mestre Artur Loureiro—o santo e glorioso velhinho que se não houvera morrido a trabalhar, tendo toda a vida trabalhado de mais, seria o maior de todos—e o pobre do Henrique Pousão, que não tendo nascido no Porto, mas tendo morrido aos 25 anos, é do Porto porque no Porto se criou e se fez artista e artista tão grande, que—á não ter morrido tão novo, quási ao nascer na Arte, tocado pelo génio logo á nascença, e deixando uma obra tão luminosa e tão bela,—seria a glória da sua geração, e outros, só por que viveram mais, com Henrique Pousão não comparavam sem os louros das vitórias e dos triunfos que a Morte, para si só, lhe não deixou colher.

Transformando em *Jardim dos Plásticos*, o velho Jardim de S. Lazaro, será, através dos tempos, a eterna [illegible] do [illegible]co—e da sua velha Escola de Belas-Artes, onde Domingos de Siqueira fundou e regeu a primeira cadeira de desenho, onde o Tadeu e os Correias ensinaram a desenhar e Soares dos Reis e a Silva Pôrto e onde a desenhar aprenderam todos os grandes desenhadores portuguêses cientistas—que em Paris, com Silva Pôrto, com o Pousão, com o Loureiro, com o Marques de Oliveira e com o Sousa Pinto foram cotados como os melhores desenhadores do seu tempo.

*

A 11 de Novembro, próximo, daqui a 6 mêses, faz 84 anos que no Pôrto nasceu Silva Pôrto, o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, mais belo, mais perfeito, mais admirável e mais português dos pintores portugueses...

Nêsse dia, a meio do Jardim de S. Lazaro, é preciso—pelo menos—que se escente a primeira pedra do monumento que o Pôrto lhe deve—e que vai pagar-lhe, com brilho, com a galhardia, com que o Pôrto paga sempre as suas dividas, não deixando, em contas do Porto, os seus creditos por mãos alheias.

E este velho e honrado *Primeiro de Janeiro*, baluarte inexpugnavel de todas as ideias grandes, de todas as ideias generosas e boas, tomando a si, a iniciativa dêsse monumento, apelando para a cooperação de todos os artistas portuenses, de todos os artistas portugueses, convida desde já todos os que acabam de admirar a obra de Silva Porto, na linda ermida de Arte, que a iniciativa ousada e inteligente da sua Empreza lhe ergueu e consagrou, durante 5 dias, nos novos e monumentais edificios das suas oficinas gráficas—O *Primeiro de Janeiro* convida todos os bons e honrados portuenses zelosos dos creditos e dos brios da cidade do Pôrto—a ajudarem-no na tarefa a que vai meter ombros—de consagrar um singelo monumento, a meio do Jardim de S. Lazaro, a Antonio Carvalho da Silva Pôrto—o maior e mais glorioso artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais belo, o mais forte, o mais admirável e o mais português dos pintores portugueses — como há muito eu lhes venha dizendo e como todos viram durante cinco dias, na Exposição com que o *Primeiro de Janeiro* cooperou nas *Homenagens citadinas a Silva Pôrto*, que, com tão raro encanto esplendor, marcaram o triunfo artistico dêste velho e honrado Pôrto onde Silva Pôrto nasceu.

A cada artista portuense, a cada artista português, vai pedir-se um dos seus trabalhos—uma pequenina obra representativa do talento e da arte de quem a assina e que, com a sua arte e o seu talento, concorre para a consagração de Silva Pôrto na terra onde nasceu.

Essas obras reunidas e expostas no Salão do *Primeiro de Janeiro* em magnificas condições de luz e de segurança—serão como que o balanço artistico da nossa Arte Contemporanea e terão a admirá-las não só este Porto culto que, durante cinco dias, admirou a obra maravilhosa de Silva Pôrto, mas toda a popupulação flutuante que vai passar pelo Pôrto durante a Exposição Colonial e que, visitando o Salão do *Primeiro de Janeiro*, colherá uma nota espiritual, uma impressão requintadamente artistica do alto valor dos artistas plasticos da nossa terra—pintores, escultores,

aguarelistas, desenhadores, gravadores e baixistas, que, homenageando Silva Pôrto, honrarão os seus nomes, honrarão a Arte Portuguesa.

E com o produto dessas obras de Arte—o monumento a Silva Pôrto, no Jardim dos Pintores, será em vez dum velho sonho, uma viva realidade.

BRAZ BURITY.

10 - 6 - 34

Pregões & Predicas

A Exposição dos Artistas Portugueses

Em vez dum pregão uma carta de Mestre Carlos Reis

Apesar de velho alfacinha, nado e creado como santo taumaturgo pelas alturas do Castelo e pelas redondezas da Sé, embora na vida por mal dos meus pecados haja quebrado muita bilha—não sou, positiva e infelizmente, o milagroso Santo Antonio e não tendo, por isso, o dom de falar aos peixinhos, não vou, a meio deste barafustico reboliço da luta-luta do triunfal bastique das Artes à Gentes Negras, perder-me sobre Arte ou coisas e artes atinentes. Seria escrever na areia e atirar ao vento com palavras loucas para orelhas moucas. Mas, como simples noticiarista, aos que ainda não esqueceram o pregão de domingo passado, cumpre-me informar que Mestre Carlos Reis e os seus camaradas do Grupo Silva Porto, já calorosa e entusiasticamente aderiram á ideia da *Exposição dos Artistas Portugueses*, que o *Primeiro de Janeiro* vai organizar em condições absolutamente inéditas e excepcionais, para apoiar o produto de todas as obras de Arte que para isso lhe sejam ofertadas pelos seus autores, ao monumento a Silva Porto a ponderamente, aos monumentos a Henrique Pousão e Artur Loureiro...

Antes mesmo de receber a circular, que esta semana vai ser dirigida a todos os artistas portugueses, Mestre Carlos Reis, o glorioso Artista das *Aias*, escreveu-nos:

«*Meu amigo: Em rapidas palavras aqui estou dizendo-lhe que pode contar com trabalhos nossos—meus e dos meus camaradas do Grupo—em beneficio do monumento a Silva Porto que se projecta para o Jardim de S. Lazaro.*

E' de esperar que a Camara Municipal do Porto concorra para uma devida e justissima homenagem a tão grande artista português, que a estupidez e maldade de varios derrotistas, tenta fazer esquecer.

Empfim [illegible]

Da nossa parte contribuiremos com o que facilmente se vende, a fim de não tolher a sua realização.

Sempre ao seu dispor o amigo velho —CARLOS REIS».

Vale ou não vale esta carta uma comprida tirada e um berrado pregão?

BRAZ BURITY.

14 - 6 - 34

Homenagens citadinas a SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses no «Primeiro de Janeiro»

Alem de Mestre Carlos Reis e dos seus camaradas do Grupo Silva Porto, que, antes mesmo de receberem a circular convidando todos os artistas portugueses a concorrerem com uma das suas obras para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, a realizar-se nas novas instalações do *Primeiro de Janeiro* e cujo produto reverterá para os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro a levantarem-se no velho Jardim de S. Lazaro—o Jardim dos Artistas—mandaram a sua adesão e prometeram o envio de belos trabalhos seus, temos a registar hoje, igual gesto do ilustre pintor Joaquim Lopes, simpatico professor da Escola de Belas-Artes e do Mestre barrista Maia Elios, que promete deixar-nos, ao encerrar a sua magnifica exposição no Salão Silva Porto, um dos seus admiraveis trabalhos, para cooperar, assim na justa Consagração de Silva Porto e dos seus dois grandes e inolvidaveis camaradas Artur Loureiro e Henrique Pousão.

A circular a todos os artistas com as *Bases organicas da Grande Exposição dos Artistas Portugueses* deve, ser expedida ainda esta semana—o certo produzirá a melhor impressão nos meios artisticos, não só pelo fim a que se destina o producto da Exposição, mas pelas condições em que se realisa, que são, na verdade, absolutamente excepcionais e prestigiantes para os artistas que a ela concorrem com a sua Arte e o seu talento.

20 - 6 - 34

Pregões & Predicas

A arte na 1.ª Exposição Colonial Portuguesa no Palacio de Cristal e as miniaturas em barro de Mafra Elias, no Salão Silva Porto

Pouco dado e menos streito a grammar, em artes, as berrantes e zaragateiras extravagancias modernistas, em que os falhanços palmares de desenho e de perspectiva se camuflam e cantaneiam em estridencias chilonas de côr e sobreposições abracadabrantes de massas e planos, confesso que fa com a pedra no sapato e o credo na bôca, entre desconfiado e azêdo, a vêr os desconchavos e estapafurdios decotativos da Exposição Colonial, no Palácio, que, puxando, naturalmente, para os motivos e thetos indigenas das meias-artes negras—europanisadas pela maita boche dos expressionistas, cubistas, futuristas e fumistas das ultimas Galerias do Intrujionismo-Cosmopolita—seriam muito de recear e de temer trafulhadas em chão pretoguês pelos empreiteiros decorantes que, aos cardumes, em fazedores apressados de prodigios, armando em génios, abriram as guélras e deram ás barbatanas em torno do isco amgolado pelas permuras de tempo, e de pecunia de que, em seus autocraticos plenos-poderes, dispuzha o talento prático e o senso organisador do sr. capitão Henrique Galvão—que eu não conheço e me dizem ser, um pouco em ourico caixeiro, o *deus ex-machina* de todo aquele assalgalhado e efemero cosmos de lindas e horrendas coisas, em gêsso, estuque, estafe, lona, serapilheira, ripas, estopa e papel pintado.

E, em boa verdade, esperando milhentas vezes pior, —por ..meus.. graus atesto e juro ter gostosamente reconhecido, ser, em positivo, do melhorado que poderia dentro do possivel, desejar-se, no seu conjunto global e em seus parovisados detalhes, tudo que, a tempo e a horas, de relogio em punho, com precisão, com rigor e com método a vontade forte, a disciplina rija e o espirito desempoeirado do sr. capitão Henrique Galvão conseguiu arrancar e pôr de pé, num admiravel esforço colectivo de fazer certo e fazer rápido, que, honrando e ensaiecendo, acima de tudo, as aptidões ùnicas, invulgares e quási incultas, dos nossos explendidos operários e mesteirais, se, aqui e ali, se desmancha em flagrancias de desaforo e destempero por banda de um ou outro arrematante de tarefas e empreitadas, logo se solda e vulcaniza no bloco homogeneo, equilibrado e quási perfeito, duma bela obra pessoal, delineada, esturiada e realisada por quem, sabendo o que faz e o que manda fazer, fez o que quiz e o que soube, como queria e sabia que se havia de fazer em praso certo e sem ajudas dos visinhos.

E, exactamente, porque a obra directiva do sr. capitão Henrique Galvão é qualquer coisa de grande e de forte, enquadrando, com brilho e galhardia, a demonstração inteligente do formidavel esforço coloniador déste pequenino Portugal que não precisa ser maior para ainda ser muito grande—e enquadrando em vitorioso e triunfal destaque o monumento admiravel das industrias nortenhas—julgo que, louvando-lhe e reconhecendo-lhe o mérito e valor, seria amesquinhar e denegrir, o não apontar uns fáceis e acessórios remendos, que, saltando aos olhos de todos, não lhe passaram ao certo, pela malha, e devem, ao fazer desta, estar a cocegar-lhe a vontade de lhes dar ainda um geito, de lhes deitar ainda umas tombas, mandando ao diabo quem tão mal e porcamente deu conta do recado e do frete para que, fretando-se, se ageitou e ajustou, não cumprindo, afinal, o ajuste e mostrando não lhe ter Deus dado nem posses nem geito para semelhantes e tão altas cavalarias.

Assim, vá, pois, de apontar, pelo que respeita a coisas de Arte, apenas, as que, em altos bérros, bradam aos céus e, em calamitosos mamarrachos, arrepiam os cabelos a quem não fôr carèca de todo.

Apezar de se impôr, logo á entrada da Nave, pelo seu alto valor escultórico, o belo e másculo *Infante D. Henrique*, de Oliveira Ferreira, que ali está a reclamar a consagração definitiva do bronze e de serem, devéras, notabilissimas as demonstrações artisticas, em seus *stands* realisadas, pelos cinzeladores, repuxadores e lavrantes das vélhas e portuguesissimas Pratas da Casa—que é como quem diz dos Ourives da Prata Portuguesa—a grande, a autentica e verdadeira obra de Arte da Exposição é, como aqui se previra, o belo e monumental gêsso do *Homem do leme*, dominando, imperavel e sobranceiro, toda a Nave Central do Palácio e impondo, pelo movimento, pela expressão e pela beleza, o talento criador, modesto e obscuro de Américo Gomes, que de mestre baírrista pinchou a mestre escultor e que, no desmanchar da Feira, adquirida pela Camara, fundida em bronze e á beira-mar plantada a sua obra-prima—ficará sendo um dos grandes estatuarios do seu tempo e da sua terra.

Sem que o ouvissem ou o consentissem, colocaram-lhe a estátua em cima de um desenjarcado caixote cubico, que lhe serve de peanha ou pedestal—e, como se não bastara isso, para prejudicar toda a linha decorativa, imponente e escultural do *Homem do leme*, pregaram-lhe nos tampos laterais do caixote quatro estafermadissimos espantalhos de gêsso, patinado a purpurina dourada—sem arte, sem desenho, sem modelação, sem significado e sem qualquer atadura ás pretenciosas veleidades trolhais de baixo-relêvo apoteótico dos *Herois do mar, Nobre povo*—tocado a berimbau, com acordes da Marta Cachunha.

Por um simples acto de decôro artistico, e num simpático gesto de desagravo pessoal ao talento modesto e honrado de Américo Gomes—certo que o sr. capitão Henrique Galvão—a não querer substituir por um socio artisticamente decente o desengraçado caixote que ao *Homem do leme* serve de peanha,—mandará arrancar e deitar ao lixo os quatro mostrengos que lá lhe pregaram e por que lhe surripiaram uns cobres—e que tapando a base de bela estátua de Américo Gomes cobrindo-lhe a assinatura e não deixando enxugar os pés do *Homem do leme* aos olhos dos pretos que por ali passam e para vergonha dos brancos que ali os deixam—como que uma moldura de escarros á grande, autentica e verdadeira obra de Arte da Exposição.

Feito isso e dando queixa em juizo, por abuso de confiança ou por insuficiencia mental, contra quem, sob pena da cadeia ou de manicómio, ao topo da Nave Central, amesendou, em *Futuro das Colónias*, toda aquela ignára e ignobil mostrengada de laxativos espantalhos, dréticos machacazes e purgativos e macacais longuinhos de portonrões negruscos, que em esforricantes incontinencias tripais, são a eterna vergonha de quem, desavergonhadamente, aos empurrões e a bouxe-mouxe ali os alarou em concentrados garrafões de oleos de mamona e magnesias-reforçadas—o sr. capitão Henrique Galvão terá feito o que limpa, honesta e airosamente, há a esperar em favor da Arte e a bem da higiene e do saneamento, dum homem que eu não conheço nem sequer de vista, mas que depois de ter visto, entre desconfiado e azêdo, com a pedra no sapato e com o credo na bôca, a Exposição Colonial Portuguesa, reconheço e proclamo, em alto pregão, como um homem a valer e um homem de valor, entre os homens, hominhos e homunculos que, entre gentes que nem gente são, em estado novo e em estado de vélhos, por aí andam, em chafra-naifra de ferros, ferrinhos e ferrôlhos, a barulhar rópias e a estrupir farroncas de Celebridades Nacionais.

❀

E não quero, já agora, encerrar a *Prédica*, sem notular a passagem, pelo Salão Silva Porto, de Mafra Elias, discipulo e continuador de seu tio—o Grande Elias das Caldas—criado á beira e á sombra da prodigiosa intuição artistica de Rafael Bordalo e seu colaborador nas figuritas célebres da celebérrima jarra Beethoven—e que, a dentro da tradição familiar, barrista e baírrista das Caldas, em barro das Caldas miniaturias, com perícia, com leveza, com graça, com minucia e com carradas de paciência, pequerrichas estatuetinhas, pouco maiores que o dédo mindinho do estatuetário, cinzelando-as a bico da alfinete, modelando-as á lupa, com curpo e geito—em tais proporções de pequenez, fragilidade e minusculária que as estatuetas do bom Silva Gouveia tomem, nos seus dois palmos máximos, o aspecto avantesmico de tamanhonas de mais que o natural—e toda picula imaginaria do Américo Gomes, modelada a dédo, em miseros pinguelhos de barro, resulta atarracadançada como o bisarmico Santa-Camarão, entre a arraia-miuda de piorros patarrecos que o saudam e agigantam, em dias solénes de sopaparia brava, pos três das cordas do *ring*.

As obras de Arte não se medem aos palmos e sendo a Arte, gramaticalmente feminina, não vou longe de admitir que, como a mulher e a sardinha, não perde a Arte por pequeni-

na, embora, para muitos, com maiores olhos que barriga, nisto de artes, mulheres e pescadas se queiram das mais alentadas.

Apesar disso, porém, a *arte* de Mafra Elias,—como a do grande Elias seu tio e como a dos seus colegas caldenses, Soares, Belo e Vitorino—vindo todos êles, mais ou menos, do insigne e prodigioso caldeanço repentista de Rafael Bordalo, no *tour de force* da caprichosa decoração das suas faianças filigranadas em monumentos —revelando muito mais habilidade do que talento, mais paciência do que técnica, mais graciosismo do que originalidade, não é, positivamente, por ser pequerrichinha, que essa Arte terá de se relegar dos domínios altos e plásticos das Belas-Artes para o canteiro subalterno das simples prendas caseiras ou das complicadas habilidades domesticas—mas porque, em verdade, lhe sobra em lindeza o que em beleza, mais de que em tamanho, lhe falta, dando-nos aos olhos e nanja á alma, umas coisinhas bonitinhas, abonecadinhas, lambidinhas e fragelasinhas e pequerruchinhas, que olhando-as de perto, como se de longe as estivessemos vendo com um binóculo invertido, a única exclamação que nos arrancam pode pôr-se no indicativo: *Não lhe bulas Madanela, não lhe bufas que é pior...*

Mas, apesar disso e por isso mesmo, são muito de se verem—até por baixo das campânulas irritantes das suas feias redomas—dessas lindas e pequeninas grupelhas de passos bíblicos, cênas populares, lances históricos, números tauromaquicos, ou reproduções artísticas, como a *Ultima Ceia*, *O Clrio*, *A Sorte de Morte*, ou as modelações felizes de *O Fado*, de *A Volta da Romaria* e do *Esperando o comboio* de Mestre José Malhôa, e, ainda toda a casta de santos e santas da Côrte dos Céus e toda a magna confraria dos nossos grandes homens, antigos, modernos e modernissimos, todos, em barro, reduzidos á expressão mais simples e alguns, até, postos, pela primeira vez e assim apequerrichados, no seu proprio tamanho natural.

Uma visita ao Salão Silva Porto e uns minutos de prazer visual diante das obrelhas de Mafra Elias—não podem, certo, contar, como fortes e vivas impressões de Arte, mas serão, até, para muita gente de bom-gosto e de algumas posses, uma bela ocasião para substituir por delicados *bibelots*, caracteristicamente portugueses, genuinos das Caldas—como as cavacas e as amas de cria—toda a infindável e horrenda manipanseria de camelotagens e quinquilharias que brio&braquejam, achinezam e ajaponizam os interiores cafres de muitas casas ricas, janotas e apalaradas

...E só por isso sente a gente ganas de lá mandar meio-mundo...

BRAZ BURITY.

24-6-24

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A grande exposição dos Artistas Portugueses a realisar nas salas de "O Primeiro de Janeiro"



A bela placa de marmore e bronze que a Camara Municipal do Porto vai colocar na casa da Rua da Ponte Nova n.º 50 onde o Artista nasceu

Iniciando os trabalhos preparatorios de **A Grande Exposição dos Artistas Portugueses**, a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro» e cujo produto reverterá para se elevarem no **Jardim dos Artistas**—o velho jardim de S. Lazaro—os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, começaram a ser expedidas hoje, a todos os artistas portugueses, pintores, escultores, aguarelistas, pastelistas, desenhistas, agua-fortistas e barristas, a circular solicitando-lhe a oferta dum dos seus trabalhos para esta exposição, cujo sucesso antecipadamente se pode assegurar como garantido, dadas as condições inéditas e excepcionais em que está sendo organizada.

Porque isso tambem interessa ao publico e lhe dá a impressão da importancia e da originalidade do plano que vai realizar-se, publicamos a nota que acompanha as circulares expedidas a todos os artistas:

Bases organicas da Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Nas novas e vastissimas instalações de «O Primeiro de Janeiro», durante os meses de Setembro e Outubro—época em que será maior a afluencia de visitantes ao Porto, atraidos pelo sucesso da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa—realizar-se-á um grande certame de Belas Artes—**A Grande Exposição dos Artistas Portugueses**—para que se solicita a cooperação de todos ós pintores, escultores, aguarelistas, pastelistas, desenhistas, agua-fortistas e barristas de Portugal, que queiram, com a sua Arte e com o seu talento, concorrer para a consagração nacional de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, a quem o Porto, com o patrocinio da sua Camara Municipal, vai levantar três singelos e expressivos monumentos em frente da velha Escola de Belas-Artes no Jardim de S. Lazaro—o Jardim dos Artistas.

Os obstaculos que geralmente se opõem ao exito de todas as exposições de Arte organizadas para fins patrioticos ou de beneficencia, com as generosas dadivas dos artistas, são: a falta de compradores para a maioria das obras expostas, a falta de estimulos artisticos entre os oferentes, e as naturais susceptibilidades e melindres entre os artistas que não conseguiram vêr colocadas as suas obras ou as viram, no fim, leiloadas por preços mesquinhos e deprimentes.

Obviando a isso e dispondo da larga publicidade e da expansão de «O Primeiro de Janeiro» na Grande Exposição dos Artistas Portugueses estabelece-se como principio que nenhuma das obras oferecidas será vendida, sendo todas colocadas, pelo valor que lhe fôr atribuido pelo seu autor, como prémios de uma grande «Lotaria Artistica», a realizar com todas as formalidades legais, ao encerrar-se a exposição

Nessa grande e originalissima lotaria a ordem e classificação dos premios será determinada pela classificação e ordem das **duas medalhas de ouro, quatro medalhas de prata e seis de cobre**—além das numerosas mensões de honra—premios que a Empresa de «O Primeiro de Janeiro» oferece e que ás obras expostas serão atribuidos pelo sufragio directo ao publico que visite a exposição e que, adquirindo os boletins de voto, os catalogos ou as cadernetas da lotaria, se habilite ao sorteio de todas as obras expostas.

Possivelmente, se o valor global dos trabalhos oferecidos e o custo dos monumentos a isso dere margem, além das medalhas e menções conferidas pelo sufragio dos visitantes da Exposição, haverá um ou dois premios pecuniarios exclusiva e livremente sorteaveis entre os artistas que concorram com as ofertas dos seus trabalhos.

Hors-Concours, ficarão, na Pintura, Mestre Carlos Reis e na Escultura, Mestre Teixeira Lopes—cujos envios, serão, por isso mesmo, os dois **primeiros prémios extras** da grande lotaria.

Nenhum artista terá, assim, motivo para se melindrar, porque respeitado o valor parcial da sua obra no computo total do montante da lotaria, verá o seu trabalho julgado e galardoado pela opinião publica e adquirido, por quem, não tendo posses para dar por êle o valor corrente de uma obra de Arte—se habilitou, modesta e democraticamente, a um sorteio, que ensaltecendo os artistas, vulgariza a sua Arte e consagra o seu talento—além de concorrer decisivamente para a consagração de Silva Porto, de Henrique Pousão e de Artur Loureiro nos modestos e expressivos monumentos que lhes serão levantados no velho jardim de S. Lazaro—o **Jardim dos Artistas.**

26-6-34

Silva Porto



A ULTIMA FOTOGRAFIA DE SILVA PORTO

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Acompanhando as *Bases organicas da Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, que ontem publicamos e que tão vivo interesse despertou nos meios artisticos da Cidade, onde, em todas as conversas foi o caso do dia, está a ser enviada a todos os artistas, pintores, escultores, pastelistas, aguarelistas, desenhistas, aguafortistas, estampistas e barristas, a seguinte circular:

«*Ex.mo Senhor*.—A Comissão Executiva das «Homenagens Citadinas a Silva Porto» de plano acordo com a Empreza de *O Primeiro de Janeiro*, contando com a sua valiosissima cooperação e com o seu generoso apoio moral e material e animada pelo extraordinario exito das homenagens commemorativas do 41.º aniversario da morte de Silva Porto—realizadas, como V. Ex.ª sabe, em 1 do corrente, com a inauguração da Saleta Silva Porto, no Museu Soares dos Reis, com a colocação da lapide na casa onde o Artista nasceu e com a Exposição das suas obras existentes nas colecções particulares da Cidade, aberta, durante 5 dias, no Salão expressamente construido nas novas instalações das officinas gráficas de *O Primeiro de Janeiro*—resolveu completar a sua missão consagrando ao maior e mais glorioso portuense e aos seus companheiros e camaradas Artur Loureiro e Henrique Pousão, no velho jardim de S. Lazaro—o «Jardim dos Artistas»—em frente da Escola de Belas Artes, onde já existe o busto de Marques d'Oliveira, os monumentos que a Cidade deve aos três eminentes e inolvidaveis artistas.

E para realizar essa ideia vai organizar nos edificios de *O Primeiro de Janeiro* uma Grande Exposição de Arte a que concorrerão todos os artistas portugueses, que, homenageando Silva Porto e os seus companheiros, se dignem enviar á essa exposição—a realizar durante o 2.º periodo da Exposição Colonial, que por certo vai chamar ao Porto um grande numero de forasteiros—uma das suas obras, revertendo o seu produto para o fundo destinado ao Monumento a Silva Porto e para os monumentos a Artur Loureiro e Henrique Pousão.

Confiados em que V. Ex.ª enviando-nos para os fins indicados, um dos seus trabalhos, se dignará cooperar com o alto prestigio do seu talento nesta exposição organizada em condições absolutamente ineditas e excepcionais—como poderá verificar pelas suas Bases Organicas—agradecemos antecipadamente e subscrevemo-nos—De V. Ex.ª Ad.mos Mt.º Att.os e Obrgd.os—A Comissão Executiva: *Antonio Bragança*, presidente; *Alberto Silva*, *Joaquim Madureira (Braz Burity)*, *M. Pinto de Asevedo Júnior*».

Nota—A entrega dos trabalhos offerecidos deverá effectuar-se contra recibo, na Redacção de *O Primeiro de Janeiro*—rua de Santa Catarina, 326—Porto, ou na sua agencia de Lisboa, rua do Carmo, 101-2.º—até ao dia 30 de Julho, acompanhando cada trabalho do seu titulo, do seu valor, do retrato do seu autor e, possivelmente, da fotografia da obra offerecida—que, dia a dia, e á medida que forem dando entrada, irão sendo publicadas em *O Primeiro de Janeiro*.

24 - 5 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nas Salas de "O Primeiro de Janeiro,,



«A SAIA AMARELA». Tela oferecida para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, de Joaquim Lopes

Ainda não chegaram ao seu destino as circulares pedindo a todos os artistas a oferta dum dos seus trabalhos para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» que vai realizar-se nas salas do Primeiro de Janeiro», revertendo o seu produto para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, e, além do valioso concurso e da entusiastica adesão de mestre Carlos Reis e dos seus companheiros do Grupo Silva Porto, a que já há dias nos referimos, hóje começaremos o publicar a série de gravuras de todos os trabalhos que para aquele fim nos forem generosamente enviados pelos seus autores, de que, daremos, igualmente os retratos.

Rompe a marcha, a reprodução do belo quadro «A Saia amarela», do distinto professor da Escola de Belas-Artes do Porto, Joaquim Lopes, que antes de partir para a sua viajem de estudo pelo norte de Italia, Belgica e Holanda, nos deixou para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» essa formosssima tela, que na ultima Exposição da Sociedade de Belas Artes de Lisboa fazia parte do grupo de trabalhos que o juri galardoou com a medalha de ouro e que tinha o preço de catalogo de 4 contos.

E' caso para dizer, que abrimos com chave de ouro e que, apresentando o Joaquim Lopes, velho amigo desta casa, os nossos agradecimentos e as nossas saudações, damos a «tout seigneur toute l'honneur...»

28 - 6 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portuguezes a realisar nas salas do Primeiro de Janeiro

Damos hoje o retrato do ilustre professor da Escola de Belas Artes, o nosso velho amigo e distinto artista Joaquim Lopes que tão generosa e brilhantemente iniciou, com a valiosissima oferta da sua magnifica tela *Saia Vermelha*, ontem publicada no *Primeiro de Janeiro*, a série, seguramente esplendida de trabalhos com que todos os nossos artistas vão concorrer para a Grande Exposição dos



JOAQUIM LOPES

Artistas Portugueses, a realisar nos salões do *Primeiro de Janeiro*, em condições absolutamente inéditas e originais, pois que revertendo o seu produto para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, a erigir no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, todos os trabalhos expostos constituirão os premios duma grande «Lotaria de Arte, a realisar-se ao encerrar a exposição.

29 - 6 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nos Salões do «Primeiro de Janeiro»



«ANDALUZA»

O velho professor de Belas-Artes o nosso amigo José de Brito, artista ilustre com uma obra consagrada, antes mesmo de receber a circular dirigida aos artistas pela Comissão Executiva das Homenagens a Silva Porto, pedindo-lhes o seu concurso para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, a realizar nos salões do «Primeiro de Janeiro» e cujo produto, numa grande lotaria de Arte, será aplicado aos monumentos a erigir no Jardim dos Artistas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—veio trazer-nos, com a sua simpatica e valiosa adesão, a oferta gentilissima da bela tela «Andaluza» que hoje reproduzimos em gravura e que tem o valor de catalogo de dois contos.

Agradecendo ao ilustre artista José de Brito, de quem amanhã daremos o retrato, a espontaneidade e gentileza do seu gesto, não apontamos o seu exemplo aos outros artistas porque, estamos certos, que todos briosos e generosissimamente, já estão a preparar os seus envios para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses.

4 - 7 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nos salões do "Primeiro de Janeiro"

Como ontem prometemos, e como, de resto, faremos a todos os artistas que enviem os seus trabalhos para a GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES e cujas obras constituirão os premios da GRANDE LOTARIA DA ARTE, destinada a erigir no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, damos hoje o retrato do velho e ilustre professor da Escola de Belas Artes do Porto, José de Brito, autor da bela tela *A Andaluza*, generosa e gentilmente oferecida para a Exposição e que ontem publicamos em gravura.



PROFESSOR JOSE' DE BRITO

José de Brito, como dissemos, não esperou a recepção da Circular dirigida aos Artistas, para nos trazer a sua adesão calorosa e a oferta valiosissima do seu trabalho—sendo, entre os vivos, um dos raros artistas contemporaneos de Silva Porto, de Henrique Pousão e Artur Loureiro, o simpatico e ilustre Professor da Escola de Belas-Artes apressou-se, num belo gesto de solidariedade e de camaradagem artistica, a demonstrar a sua simpatia, o seu entusiasmo pela iniciativa de glorificar os três grandes artistas de quem foi amigo e camarada e ofertando para a Exposição uma tela do alto valor de *A Andaluza*. José de Brito, mais uma vez demonstrou o carinho e o interesse com que, a vida inteira, tem cultivado a Arte, servindo-a e amando-a com afinco e com tenacidade, num esforço constante e honesto de Perfeição e de Beleza.

5 - 7 - 34

Pregões & Predicas

A Grande exposição dos Artistas Portugueses

Explicando o que está explicado, redizendo o que está dito, contando o que está feito e fazendo o que se conta fazer — e quem quizer mais que peça o que tenha a pedir...

Tem de ser.

O entusiasmo, o vivo e profundo interesse que está despertando nos meios artísticos a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, avalia-se e abitola-se, não só pelas calorosas adesões e as valiosas ofertas, que, *avant la lettre*, de todas as bandas nos tem chegado, mas, ainda e sobretudo, pela série infinita de perguntas, alvitres e aplausos que, a todas as horas e de todos os lados, nos vem caindo, em chuva miudinha e persistente de tais elogios e lisonjas, que, positivamente, assanham-nos a proverbial modestia, falsa modestia seria chamar-lhe chuva de molha-tolos.

Vá, pois, de responder a uns e outros, agradecendo, é claro, a todos e procurando não descontentar ninguem.

Expedidas 350 circulares a todos os artistas inscritos como socios da *Sociedade Nacional de Belas Artes*, de Lisboa, e da *Sociedade de Belas Artes do Porto*, solicitando-lhes a oferta de um dos seus trabalhos para a «*Grande Exposição dos Artistas Portugueses*» a realisar nos salões de *O Primeiro de Janeiro*, revertendo o seu produto para os monumentos a Silva Pinto, Henrique Pousão e Artur Loureiro a erigir no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, em frente da velha Escola de Belas-Artes do Porto e acompanhando essas circulares as «*Bases organicas da Exposição*» já publicadas nestas colunas, vá de, em rápidas e simples anotações, explenar, definir e pôr a claro o que, por original e inedito, por invulgar e pouco costumeiro, nessas bases póde causar estranhos engulhos de interpretação, vagos comentários de incredulidade ou gegas insinuações de velhacada aos que, medindo os outros por si, adivinham sempre patifarias e perfidias, segundas intenções e entrelinhas, patacoadas ou desaforos no que, saindo dos moldes correntes da sopa, vaca e arroz do ramerrão quotidiano, nem por isso ou por isso mesmo, deixa de ser simples, claro, liso, honesto e inteligente.

Ponhamos, pois, as coisas como elas são—sem perifrases, sem eufemismos, sem tapujos, sem endrominas, sem arcas encoiradas, no pão pão, queijo queijo, do preto no branco, a falar como gente, em letra redonda.

*

Procurando-se, á sombra benéfica e miraculosa, dum grande e honrado periodico, como este velho *Primeiro de Janeiro*, que, por honra sua, tem dotes mas não tem coleiras, e, para honra de todos nós que nêle trabalhamos, não tendo coleiras e tendo donos, não põe taboinhas, não arma ratoeiras e não nos põe, á vontade do freguez, de papo para o ar, a apanhar moscas, a pregar aos peixinhos, a vender sabonetes, pescando á gorgoa, nas águas turvas, o quem-mais-dá e o que-mais-quere das grandes tiragens mercenarias ou das grandes publicidades indecorosas da Imprensa!—procurando-se, adentro dêste grande e honrado *Primeiro de Janeiro*, fazer em Arte e pela Arte, uma grande e honrada obra de impulso e renovação, de movimento e propaganda, de cultura e de consagração, marcando logares, distinguindo valores, gizando principios, apontando tendencias, cortando abusos, focando escandalos, verberando crimes, arrumando a casa, emfim, um pouco com os nervos e muito com o coração, pondo, consante se póde e sabe, os homens e as coisas nos seus sitios e nos seus logares—procurou-se, com a força, formidável, latente e possante, de *O Primeiro de Janeiro*—o grande jornal do Porto, o seu orgão, seu arauto, o seu baluarte e o seu guia—pagar á bôca do cofre, em menos de 15 dias, uma grande e velha divida do Pôrto ao maior e mais glorioso dos artistas portuenses — a Silva Porto, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais portuguêz dos pintores portugueses.

E por iniciativa de *O Primeiro de Janeiro*, essa divida começou a pagar-se, com brilho, com galhardia, com calido entusiasmo, ao commemorar-se o 41.º aniversário da morte de Silva Porto, que a estupidez e maldade de vários derrotistas tentava fazer esquecer na frase lapidar de Mestre Carlos Reis, e que, durante quarenta anos, a grande maioria dos portuenses que hoje lhe conhece, admira e cultuou as obras-primas na sala do *Primeiro de Janeiro*, vinha confundindo com o seu homonimo, o heroico sertanejo Silva Porto — como uma das figuras lendárias, vagas e apagadas, com que o balcrismo paroleiro, vasio de ideias e de impar de prosapias, ás vezes enche a bôca, em flatulencias roncantes de patriotismo fácil—em crises agudas de má digestão.

E uma vez começada a pagar essa velha e sagrada divida da Cidade ao Maior dos seus Artistas, empunha-se o aproveitar a aragem, para, em saldo de contas, honrando as tradicionais contas do Porto, levar a seu termo e remate a consagração citadina do grande artista Silva Porto e dos seus dois companheiros e camaradas Henrique Pousão e Artur Loureiro—as três lidimas e gloriosas figuras da Pintura Portuense—apelando, para isso, directamente, para todos os artistas portugueses e contando, natural e implicitamente, com o brio, com o pundonor, com a liberalidade e com o bairrismo consciente de todos os bons tripeiros, que, positivamente, como aquela simpatica velhinha, da rua 31 de Janeiro, a senhora D. Laura Silva, que não queria que a morte a levasse sem que o Porto, a terra de Silva Porto e a sua terra, a Silva Porto pagasse o que lhe deve e que Lisboa, que menos lhe devia, por vergonha nossa, já lhe pagou—não podem, por mais tempo, tolerar o vexame citadino de haver, desde 1921, no Parque de Bemfica, em pelourinho de opróbio tripeiro, o modesto e expressivo monumento com que o talento escultorico do Mota Sobrinho interpretou e realisou o sonho estetico de Pinho de Almeida: alguma coisa de mimo, cinzelado pelos amigos, colaborado por todos os discipulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos e dos ramos, tocada como uma joia e diante de quem toda a gente pára e se enterneça.

Estava, claramente, indicada uma exposição a que concorressem com as suas obras todos os artistas portuguezes—mas restava descobrir a maneira de interessar todo o Porto, de integrar todos os bons portuenses na realização dos monumentos—no pagamento da divida, que sendo do Porto, a todos pertencia, a todos tocava saldar.

Daí, a organização, dentro das disposições legais, de uma *Grande lotaria de Artes*, com bilhetes vendaveis e acessiveis a todas as bolsas, e colocar largamente por todas as classes, bilhetes com que todos, ricos e pobres, pódem habilitar-se, habilitando-se ao sorteio de todos os trabalhos expostos, que constituirão os premios dessa grande lotaria e que, sem desprimor, sem melindre para os artistas que generosamente os ofertaram, serão *todos sortedos pelo seu justo valor*, e colocados pela Sorte em mãos carinhosas que saberão guardá-los, com desvelo e com ternura, não só como obras de uma Arte que, sendo privilégio dos ricos, lhes parecia inacessivel—mas como documentos do seu entranhado amor por êste velho Pôrto—cujas dividas, em contas do Pôrto, pagando cada um a sua parte, todos ajudam a liquidar.

E removendo-se, ainda, o obice tremendo, e insuperável obstaculo, que apavora sempre os organisadores honestos e conscientes das exposições para que, tão a miudo, se solicitam as ofertas dos artistas—o inevitável preciso, desastroso e envovalhante, das obras mofinas que não obtêem compradores — ainda, constituindo-se premios de uma grande lotaria, se difunde, vulgarisa e democratisa a Arte, pondo-a ao alcance dos que, sapiando, sabe Deus com que anceio, a posse e o goso duma obra artistica, passam a vida inteira, com água na bôca, a olhar cuspados para os privilegiados da Fortuna, que comprando às vezes, uma tela ou um mármore, a peso de

oiro, por vaidade, por fausto, por pecorrencia e por snobismo, olham para o que compram, como bois para Palacio —ou como o velho Aires de Campos sempre olhou para as obras-primas de Silva Porto, através das tábuas em que, durante anos, as teve encaixotadas, até que os herdeiros as despregaram para as pôr em leilão

Por mal dos nossos pecados e ruim distribuição dos bens dêste mundo, raros são os verdadeiros, sinceros e cultos amadores de Arte que, diante dum quadro ou duma estatueta, enlevados e cativos da Beleza que lhes irradia uma verdadeira obra de Arte, que lhes fala á Alma, lhes toca o coração, que lhes impressiona o cerebro, que lhes põe em vibração e extasi aquela estranha faculdade de admirar, que distingue o homem da bêsta —raros são os que podem puchar pelos cordões á bolsa e dar por um painel ou por um bacro todo o dinheiral preciso para lhes chamar seu, para o levarem para casa e para com êsse pedaço de Arte, em que vibra o talento dum artista, em que falsca uma scantelha de génio ou explode o brasciro duma alma; a vida inteira, no aconchego dos seus ninhos, no relicario dos seus lares, saciarem as sêdes da Perfeição, as fomes da Arte, as sêdes do Belo, que, tantas vezes, tantalisam e desesperam a legião infinita dos que, não vivendo só de pão, logo por azar são os que maiores lida armam, mais tratos curtem com as contas da tenda e do padeiro...

Pôr a Arte—uma vez na Vida—ao alcance dos que pela Arte, em vão, aspiram e almejam a vida inteira, sendo uma das bases originais e ineditas da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, é, sem duvida, um dos aliciantes elementos do seu seguro e ruidoso exito, antecipadamente vaticinavel como certo e garantido, além de tudo, pelo vêso portuguesissimo de todos nós, no fundo, andarmos no mundo, aos baldões da Sorte, á espera do andar da roda, na fagueira e dôce ilusão, que, não nos trazendo ámanhã a taluda, para que, de resto, cauta e sensatamente nos não habilitámos, mais dia menos dia, nos baterá á porta, com uma aproximação, com a côr, ou com o mesmo dinheiro...

*

Destribuiram-se 350 circulares pelos artistas associados e inscritos nas Belas-Artes de Lisboa e Porto, mas para que a «GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES» possa de facto, em verdade e com rigor, marcar como certamen nacional, como parada e balanço das Belas-Artes Contemporaneas, em Portugal, suprindo deficiencias de distribuição postal, falhas ou omissões de endereços, aqui fica, em alto pregão, o caloroso e vibrante apelo para que todos os que do Norte ao Sul, em Prtugal inteiro, novos e velhos, como profissionais ou como amadores, como mestres ou como aprendizes, por oficio ou por distração, por necessidade ou por vocação, cultivem em terras portuguesas as Artes-Plasticas, todos enviem, até ao fim do corrente mez de Julho, á redacção de «O Primeiro de Janeiro», aqui no Porto, ou á sua agencia em Lisboa, um dos seus trabalhos, acompanhado do respectivo titulo, da nota do seu valor e da fotografia do ofertante—porque, concorrendo todos para a consagração de Silva Porto e dos seus camaradas Artur Loureiro e Henrique Pousão—as tres lidimas e gloriosas figuras da Pintura Portuense—concorrem para obra patriotica de «O Primeiro de Janeiro», que, procurando prestigiar e exaltecer a Arte Nacional, procura tornar conhecidos, respeitados e amados por todos os portugueses todos os artistas de Portugal, grandes ou pequenos, celebres ou obscuros, vulgarisando-lhes, igualmente, os nomes e as obras e premiando-lhes a arte e o talento, com duas medalhas de ouro, quatro medalhas de prata e seis medalhas de cobre, que, *por sufragio directo do publico*, em votação diante da obra dos artistas, classificando valores e tendencias, farão a gradação dos premios da *«lotaria de Artes»*—sem possibilidade de melindres e susceptibilidades, porque, naturalmente, pelos seus nomes feitos, pelas suas obras consagradas, pelas suas eminentes reputações estabelecidas, ficarão *hors-concours*, como os dois primeiros premios extra, os envios de Mestre Carlos Reis, na Pintura e de Mestre Teixeira Lopes, no Estatuario.

Sobre o merito e valor artistico de todos os outros trabalhos expostos, livremmente, sem outros determinantes e outras sugestões além dos da impressão colhida em flagrante diante da obra á vista—dirão de sua justiça, das suas predilecções, do seu gosto ou do seu instinto e intuição artistica, os visitantes da Exposição, que, adquirindo o boletim do voto—que será, ao mesmo tempo uma das várias modalidades do bilhete do sorteio—mostram o seu interesse pela Arte e pelos Artistas, mostrando, por isso mesmo, um grau de cultura, que, natural e legitimamente, lhes valorisa o significado da votação —tanto ou melhor,—e certo muitissimo mais democraticamente—do que se essa votação fosse feita pelo classico escrutinio dos habituais jurís das nossas exposições e concursos—com as suas manhas bastas, inveteradas e infalíveis —com *as trampas*,—como dizem os espanhois.

*

Em simples sorteio, sem outra intervenção que não seja a do proprio numero do recibo da obra oferecida, pode dar-se já, como quasi certo e assegurado, que serão sorteados pelos artistas oferentes um ou dois premios pecuniarios—ficando só para lhes fixar o valor, o fixar-se o montante do valor dos trabalhos expostos e, consequentemente, o montante dos bilhetes a emitir, nos termos da lei, da *«grande lotaria de Artes»*—o que é urgente e inadiavel fazer-se e só se fará, quando, no dia 30 deste mez, todos os artistas tenham enviado as suas generosas ofertas para a «Grande Exposição dos *Artistas Portugueses*».

E só, sobre essa Exposição, a realisar nas Salas de «O *Primeiro de Janeiro*», para com o seu produto se erigirem, em S. Lazaro, no Jardim dos Artistas os tres monumentos a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão—as tres lidimas e gloriosas figuras da Pintura Portuense—ainda por ai houver quem tenha cebo, trapo ou osso de qualquer duvida ou necessidade de algum esclarecimento, é dizel-o, sem papas na lingua, sem perifrases, sem eufemismos, sem tapujos, sem androminar, sem arcos enoirados, no pão pão, queijo queijo, do preto no branco, a falar como gente, em letra redonda, porque é pelas palavras que a gente se entende—não se esquecendo, é claro, de lhe pôr um nome por baixo...

Porque, respondendo-se a todos—só aos anonimos se não responde, pela simples razão de que se não têem...

BRAZ BURITY.

8 - 7 - 34

Pregões & Predicas

A Exposição dos «Bonecos de Pau» de Adolfo Marques no Salão Silva Porto

Ainda não vai para seis mezes, com alvoroço e alegria, aqui mesmo, do alto destas colunas, revelei em alto e berrado pregão, aos leitores de «O Primeiro de Janeiro», a Arte bizarra e personalissima, o talento forte e criador de Adolfo Marques—um obscuro, simpatico, modesto e prodigioso fazedor de bonecos de pau, «raro e privilegiado temperamento de Artista que a deambular, por inspiração propria, pelos atalhos e corregos do seu oficio manual de entalhador, enveredava, tateante, pela senda luminosa da grande Arte, e, pelo seu pé, de cabeça erguida, mão firme e coração ao alto, abria um caminho novo e laico, abria um sulco inexplorado e modernista, á velha escultura de manipansos mais ou menos sacros e pondo, por completo, de banda a modelação ductil e maleavel do barro e da cêra, indo de cara, para os chifres duros, retorcidos e profissionais da talha, cortava rijo e fundo, na propria madeira, as linhas, as arestas, os planos e os volumes da carcassa humana—e descurando, de proposito, as minucias do acabamento e os alindarados da encarnação e do chique, dava, em cheio, como Verdade e como Realização, em pequenos nacos de pau, de menos de palmo, veros poemas de Beleza, de Humorismo e de Sentimento, dando, ao mal-amanhado, tosco e rude, do Bicho-Homem ou da Bicha-Mulher que Deus fez—na sua expressão artistica e sintetica—a sua imagem viva, real, sentida, movimentada e perfeita.»



D. Quichote e Sancho Pança

E dizendo-lhes da minha viva admiração e do meu enlevado encanto pelo talento masculo e pela Arte originalissima de Adolfo Marques—de que ninguem ainda falara e ninguem, ao tempo, ainda conhecia—disse-lhes em estiraçado pregão o que pensava e o que sentia dos seus «bonecos de pau, cheios de vida, de força, de expressão, de vigor, de movimento, de graça, de levesa, de simplicidade, de caracter, talhados de golpe, com possança, com destreza, com alma, com talento e com unhas, em cortes fundos e rijos, em incisões intencionais e ásperas, em ranhuras certas e firmes, a marcarem atitudes, planos, relevos, anatomias, gestos, linhas, vultos, com modelações flagrantes de verdade, de beleza, de humorismo, com laivos hilares de caracatura uns, com halos enternecidos de sentimento outros».

Disse-lhes, ainda, não ha seis mezes, que, «graças á força criadora do Artista, todos esses bonecos de pau dão, em figurelhas de pouco menos de palmo, a imagiaria pitoresca das gentes da nossa terra, dos anonimos das nossas ruas, dos operarios das nossas oficinas, dos carregadores dos nossos cais, da fauna anafada das Sacristias e da flora esqueletica da Miseria—o padralhaz que responsa, o sacrista que incensa, o homem do guião, os irmãos da bandeja e da cruz alçada, com os cegos da flauta, da rabeca, da viola e da guitarra mail-a sua cantadeira—o com o capador empurrando a roda-de amolar, com os galegos da padiola, com os ferreiros que malham na bigorna, com o mineiro encostado á pá, com o pastor agarrado ao cajado, com o cavador puchando pela enxada, com o pedreiro arrancando a picareta, com o tanceiro dobrando a aduela, com o sapateiro a sovelar as tombas ou com o recadeiro á espera do frete na simbolisação rodinica do «Descanso» e da «Tranquilidade de consciencia» — sem culpas no cartorio e sem letras no protesto...

Afirmei-lhes, ainda, que, da primeira á ultima, em todas essas estatuetas vivas de realidade, frementes de Beleza, faiscantes de Observação, trepidantes de Vida—ricas de colorido no tom neutro da nogueira encerada, opulentas de movimento na rigida inercia de madeiros sêcos,—em todas, a originalidade do Artista palpita e vibra, se impõe e domina, delicada e forte espontanea e criadora,—sem peias, sem modelos, sem mestres, tão longe da Arte-Sacra, classica, canonica e convencional dos tradicionais santeiros, como paredes-meias, tu-cá-tu-lá, com a grande Arte Estatuaria de Constantin Meunier,—o Mestre Belga, que na pedra esculpiu a Epopêa do Trabalho Contemporaneo—e, sobretudo, com os esquissos em barro cru do Daumier,—que são, em Arte, a nota gloriosa da Revolução de Julho—e com a grande Arte Naturalista de Millet, que era, assim, que desenhava as figuras dos seus labrostes e ganhões, porque assim as via e assim elas feriam a sua prodigiosa sensibilidade de Artista—saltando-lhe, depois, em borbotões de talento e de rabiscos, do seu lapis duro de Mestre-desenhador.

❀

Hoje, a menos de seis mezes da data, como nem pouco nem muito haja a acrescentar e nada—louvado Deus!—haja a corrigir ao que de Adolfo Marque e dos seus bonecos de pau, então, lhes disse, não é com menos alvoroço e com menos alegria, que, tambem, em primeira mão, lhes dou a nova de que, amanhã, segunda-feira, lá cima no Salão Silva Porto, na rua de Cedofeita, abre ao publico a exposição de meio cento daqueles pedacitos de pau, de rijos nacos de boa nogueira transmontana, feitos gente e gente que se mecha, gente que anda e gente que se agita, gente que trabalha e gente que sua, gente que toca e gente que canta, gente que sente e gente que sofre,—gente que vive!—e gente tão nossa e da nossa gente, que estando, apenas, individualisados, um professor das Escolas Industriais e um empregado dos Correios, naquele meio cento, de pequenas obras primas, se conhecem e se tutejam pelo gesto e pela expressão, pelo movimento e pelo caracter, na sua profissão, na sua idade, na sua fisionomia e na sua indumentaria, os tipos populares das nossas ruas, do nosso convivio diario, do nosso trato constante a que, Adolfo Marques, como lhes disse, a modelar, á larga, a grosso modo, com a goiva e desenhando, em instantaneos do natural, as silhuetas que lhe saltam aos olhos, esboça e estuda com o lápis, contorna e pinta no papel, cortando-as depois no pau, com uma tal destreza de golpe, com um tal rigor de vista e uma tal certeza de mão,

numa tão alta e tão clara intuição de Arte e de Beleza, que, madeiro que apanha a geito e lhe passe pelos dedos, como insuflado de personalidade e de Vida, se transforma numa pequena obra-prima de Verdade, de delicadeza, de humorismo e de emoção—dando-nos, na simplicidade larga das linhas, das arestas e do relevo, todo o expressionismo, toda a dinamica e toda a psiquica estruturas das figuras—como nessa, eminente e assombrosa, interpretação da parelha eterna do «D. Quixote e do Sancho», que, sendo a peça mestra, do efeito e do sucesso da Exposição, é, nos seus quatro componentes legendarios e classicos—do Heroi e do Escudeiro, do Rocinante e do Rucio—do Espirito feito Oso e da Jumencia feita Enxundia—uma das mais belas, mais fortes, mais perfeitas, mais admiraveis, mais originais e inconfundiveis creações de toda a vasta iconografia manchega, em que, quási todos os grandes mestres do lapis e do cinzel, da ilustração e do palco,—e agora do cinema—têm procurado, quási em vão, encarnar, em estilisações artisticas de heroís, pateos, cavalleiras e burricos, as linhas e as almas dos quatro prodigios literarios do genio Creador de Cervantes que tendo, dentro do Catecismo, dado almas ao Quixote e ao Sancho, dentro da Razão e da Verdade, almas deu ao cavalo e ao burro—da duas bestas.

Com o maximo da simplicidade no maximo do expressionismo, Adolfo Marques, que nunca detalha, que não pormenorisa, que, galvando, apenas indica e sugere, deixando adivinhar, dando, ao perto, a impressão, que ao longe, se miudeia e corporisa, Adolfo Marques vinca e marca na carcassa anguloza e, arbretudo, na mascara tartara do Quichote, de longos bigodes murchos e pendentes,de farripas engadelhadas e revoltas, provocando ao verte sob o elmo de Mambrino, na beatitude anafada e entontecida do Sancho, afagando, com caricias de avô,—mó crecorde dos carinhos humanos!—as pelancas bojudas da borracha, nas ancas aquelidas e esqueleticas do Rocina, a darem ás pêas de Ideal do Cavaleiro e fraternal alicerce das suas fomes de Ração de Cavalgadura e no bambolear placido e desencontrado das grandelhudas orelhas do burrico, cantando todo um poema de paz-de-alma e bemaventurada resignação—Adolfo Marques dá, por intuição, toda a epopeia das altas cavalarias andantes nestes baixos lamaçais mundanetros—em que a Heroicidade, comicamente, vai com a malmequeira, a formura, miseriosamente, se confunde com a vinhaça, e, homens e bestas, por mais voltas que déem, magica e fatalmente, confraternisam na mesma amcia insatisfeita da manjedoira—a digerirem, uns, platonismos espirituais de ideias sonhando, outros, com o ribar material das maquias de fava...

Vão vêr. Estamos lá todos: está lá o mundo inteiro, naqueles dois blocosinhos de linda nogueira transmontana, talhada á goiva, das duas estatuetas equestres: o Espirito e a Materia cavalgando uma pileca lazarenta e um gerico casmurro!—gordos e magros, fartos e famintos, montadores e montadas—eu e tu, tu mais eu, todos os eus e todos os tus da pobre Humanidade.

Mas, com graça e leveza, com sentimento e humanismo—uns toques de caricatura em livros de emoção—num fundo solido, equilibrado, macisso de Observação, de Verdade e de Vida, todos os «Bonecos de Pau» de Adolfo Marques, fazendo lastro, ambiente e cortejo ao fulcro artistico, dominador, do «D. Quixote e do Sancho»—a sua obra prima até se fazer desta—com que o publico amanhã vai tomar contacto directo no Salão Silva Porto, como ainda não há seis meses lhes disse, marcando uma lauda nova, inesperada e inedita, pessoal e originalissima, na Arte Portuguesa, são todos a prometedora e assombrosa revelação dum forte e vibrante temperamento artistico, que rompe e rasga sulcos novos, novissimos rutelros, laicos e modernistas, á velha e lusitanissima Arte de Imaginario—precisando, apenas, Adolfo Marques de se consagrar, de corpo e alma, á sua maravilhosa vocação, cultivando-a, aperfeiçoando-a, requintando-a, com tenacidade e esforço, com afinco e com amor, certo que nela marcará, como Criador e Mestre, em pleno triunfo, em plena glorificação—porque vale bem mais ser grande em pequeninas coisas, que nunca ninguem fez, do que viver e morrer pequeno, nas coisa grandes que todos fazem e só raros sabem e podem fazer.

...Como, com convicção e entusiasmo, consagrando o Artista e disputando-lhe a Obra, certo, o vão reconhecer e atestar, com alvoroço e alegria, os que, tendo passado amanhã pelo Salão Silva Porto, vierem de lá, como bons e incredulos São-Tomés—acreditando e fazendo fé na alegria e no alvoroço, com que dentro da Verdade, servindo a Verdade e por amor á Verdade, ainda não há seis meses, nem mesmo, do alto destas colunas, em alto e bemdado pregão, lhes revelei a Arte personalissima e o talento criador de Adolfo Marques—o fazedor dos bonecos de pau—de que ninguem ainda falara e ninguem, ao tempo, conhecia e que, na Exposição do Salão Silva Porto fica sendo, a dentro da sua Arte—um dos grandes artistas da sua terra e do seu tempo, pela inconfundivel e interessante originalidade do seu talento e pelo bizarro e personalissimo encanto da sua obra.

BRAZ BURITY.

15 - 7 - 34

VIDA ARTISTICA

BONECOS DE PAU

Uma exposição interessante



O artista Adolfo Marques juntamente com as suas produções

Adolfo Marques, temperamento curioso de artista que «O Primeiro de Janeiro» tornou publicamente conhecido pelas «Prédicas & Pregões» do seu distinto colaborador dr. Joaquim Madureira, apresenta agora, no Salão Silva Porto, a sua colecção de «Bonecos de Pau», que, pela feliz observação das figuras e originalidode de execução, tem constituido, de facto, um surpreendente exito.

A exposição, que foi acolhida com viva curiosidade, veio satisfazer não só as sensibilidades delicadas, empolgadas sempre por manifestações d'arte, como o grande publico que procura nos certames um pouco de vibração e de conhecimentos.

Merece uma visita a exposição.

Adolfo Marques é um curioso temperamento de escultor. Um pedaço tôsco de madeira serve-lhe á maravilha para a reprodução de figuras em contacto com a sua observação. E' maleavel a sua intuição como maleavel se transforma nas suas mãos a materia prima das suas realizações. Modela-as a seu geito, sem a minuciosidade e a escola a que se subordinam os estatuarios. Mas a madeira tôsca ganha, nà originalidade dos seus processos, uma execução sentida. Não necessitam de legendas os seus «bonecos de pau». Eles tem vida, revelam caracter, acusam movimento. Realça-os um acento profundo de humanidade. E têm beleza de fórma e afirmam-se como elementos decorativos.

O «D. Quichote e Sancho Pança» são duma expressão perfeita, imagens palpitantes de vida e de pitoresco. Todas as figuras que formam a procissão, desde o homem do «guião», ao da «cruz alçada» e «prégador» constituem um precioso documentario caricatural.

Adolfo Marques debruçado sobre a alma popular e alheio a classicismos, apresenta-nos figuras que se acotovelam no anonimato da multidão como os «tocadores», os «galègos de padiola», as «peixeiras», os «pedintes», a «mulher das castanhas» e o «amolador de facas». Fixa tambem, animadamente, figuras boçais dos campos e os vigorosos trabalhadores das oficinas.

Adolfo Marques dá-nos expressivas caricaturas de duas figuras conhecidas—Manuel Braga e Emanuel Ribeiro,—que assinalam o seu temperamento de humorista.

A exposição continua franqueada ao publico tendo sido muito visitada. O seu exito assinalou-se, tendo a documentá-lo a venda e encomenda de alguns dos «Bonecos de Pau».

18 / 4 / 34

Pregões & Predicas

Notas varias sobre varias coisas

«Os trages regionais» na Parada Agricola da Exposição Colonial, «Os Bonecos de Pau» no Salão Silva Porto «O Brotero de Soares dos Reis irremediavelmente perdido» no Jardim Botanico de Coimbra. «A Grande Exposição dos Artistas Portugueses e Grande Lotaria de Arte» para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas a S. Lazaro

Não vi, no domingo passado, nem a atravessar as ruas do Porto, nem a estadear-se por entre a multidão que para a vêr se insolveu na Exposição Colonial, essa famosa Parada Agricola do Entre-Douro e Minho, que, no dizer entusiastico, conforme e unanime, de todos que a viram foi o mais belo, mais sensacional e mais pitoresco dos espectaculos há muitos anos realisados no Porto.

Tenho pena, mas como o que não tem remédio remediado está, pelo facto de não ter visto a Parada, não é isso, para que, do seu ruidoso exito, não tire os corolários e conclusões desse exito emanentes e que, melhor e mais alto que os mais altos pregões, avelbam de meter pelos olhos dentro de toda a gente a necessidade instante, urgente e inadiavel, de por uma larga campanha na imprensa, por todos os meios de propaganda, de incitamento e de sugestão se procurar radicar no espirito maleavel e ductil das nossas gentes do campo e das aldeias o dever patriotico, a obrigação civica, de se conservarem e manterem, de reconstituirem e se generalisarem os lindos e tradicionais trajes regionais das varias gentes portuguesas, que, do Norte ao Sul, do Minho ao Guadiana, da Beira-mar a raia-sêca, são os mais alegres, os mais garridos, os mais belos e mais vivos cartazes da nossa independencia, da nossa hegemonia na Peninsula, sendo os mais solidos, os mais fortes, mais coloridos e mais sugestivos documentos da nossa individualidade racica, das tendencias artisticas, das manifestações plasticas, do velho e arreigado culto da Beleza, inatos indestructiveis, na velha, gloriosa e grande Alma-Nacional de este velho, glorioso e pequenino Portugal—tão grande e tão lindo, pelo sol que o ilumina, pela terra que o sagra, pelo ar que o acaricia, pelas moças que o pisam, pelas flores que o cobrem, pelas aguas que o regam e pelo mar que o beija, como pelos seus feitos e vêsos, pelos seus habitos e costumes, pelas suas tradições e glorias—que negro e nefando crime é deixa-lo despir de suas galas e louçanias, dos seus atavios e das suas roupagens, para o aperaltrar e enfarrapar no rasoirante catitismo dos arreios citadinos, ao sabor das modas que passam, dos alguebebes que vergamente lhe internacionalisam as andainas dominguieiras das modas e das modistelhas que torpemente lhe accamopolitelam, em macaquerações e figurinos da estranja, os vestidos e as saias, o bragal e os exageros das mulheres—que, mesmo assim, amaçacadas pela Civilização, abonecadas pela Moda, são das mais lindas do Mundo, sendo as nossas tentações e os nossos pecados...

Em toda a parte, onde o homem se veste e a mulher se despe a indumentaria nacional, como vinculo da Raça, como caracteristica da Grey, é uma das bases fundamentais de todo o nacionalismo culto, patriotico e inteligente—deixá-la perder, deixá-la diluir é cavar a propria ruina—é desnacionalisar as almas começando por desnacionalisar os corpos...

Entre nós, neste nosso Portugal, tão cheio de côr, de garridismo, de pitoresco na indumentaria caracteristica de cada região, quasi que de cada vila e de cada aldeia—a não ser o lantejolado corpete de Viana do Castelo, banalisado e generalisado por todas as carnavaladas do Entrudo e das Revistas—tudo se tem perdido, tudo se tem obliterado, nos usos e costumes das nossas gentes campesinas.

Corre-se o Minho de lés a lés, de romaria em romaria, e não se tôpa uma lavradeira e, ainda ha pouco, passei o dia de S. João em Coimbra—e não vi uma trigana.

E o que nesses lindos trajes, de linhas graciosas e côres garridas, ha de belo, de sadio, de gentil, de elegante, de pitoresco, de genuino e autenticamente português, viu-se no domingo passado, num variegado e brilhantissimo conjunto, na Parada Agricola.

O que haveria a lucrar em que, habitualmente, nas fainas diarias, nas festas e romarias, as lindas rapariguas das nossas terras voltassem a vestir-se e ataviar-se assim—salta aos olhos de toda a gente, e, mais dia, menos dia, ha de dizer-se, por miudo, com documentos á vista, em sucessivas predicas e mais altos pregões...

*

O exito de Adolfo Marques e da sua originalissima Arte de entalhar e estatuetar com a goiva em cavacos de boa madeira transmontana, em prodigios de expressionismo e maravilhas de simplicidade, as formas, as linhas, os vultos, o movimento, a anatomia, a idade, a indumentaria, a fisionomia, a alma e a vida de todo o largo cortejo de padralhases, sacristas, carrejões, ferreiros, enxadeiros, peixeiras, sapateiros, tanoeiros, pedreiros, pastores, cavadores, aguadeiros, tocadores e cantadeiras, pedintes e ganhões, que enquadram e fazem fundo ao formidavel grupo do D. Quixote e do Sancho, do Rosinante e do Ruço—que vale por toda a Exposição e vinca por si só e pela medida grande, o talento creador de Adolfo Marques e impõe, de vez e para sempre, a bizarra e forte originalidade da sua Arte como uma das mais belas, mais altas e mais decisivas manifestações artisticas portuguesas dos ultimos tempos—o exito de Adolfo Marques e da sua obra, avalia-se e abiola-se, mais ainda do que pelo numero estranho das vendas e das encommendas, pelo enfusiasmo com que tudo o que no Porto marra pela sua cultura e pelo seu amor á Arte tem admirado a extranha revelação dos «Bonecos de Pau», deputando-os com calor e com encanto e marcando a sua passagem pelo Salão Silva Porto como uma rara, inedita e fortissima impressão de boa e solida, expressiva e emocionante Arte.

O que, com prazer, orgulho e desvanecimento se constata como uma prova de justiça ao alto merecimento do belo Artista que é Adolfo Marques e para maior gloria da sua Arte... e destes «Pregões & Predicas», que, nessa glorificação, desde o inicio, tem cooperado, como se sabe e se pode, servindo e amando a verdade e só pela Verdade...

*

Como lhes disse, passei o ultimo dia de S. João em Coimbra...

Não cheguei a vêr a romagem á rampa do bem e risonho Quinta Martins, não vi a velha Maria Mirrolja, não vi em toda a Cidade, uma unica tricana—mas vi, por mal dos meus pecados, lá cima, ao alto do Jardim Botanico, á sombra da velha arvore do Ponto, o marmore genial do «Brotero», do quasi divino Soares dos Reis, horrivel e miseravelmente perdido, com a cabeça, o rosto e parte do capelo eminado e carcomido por uma horrenda vegetação de lichens negros, que, mascarando-lhe a alvura, corroendo o marmore, destruindo-lhe toda a delicada modelação dos cabelos, da fisionomia e das insignias doutorais—é em Coimbra, um jardim universitario, numa terra de doutores a mais torpe, a mais funebre e mais miseravel prova de incuria, de desleixo, de irreverencia pelo genio artistico de Soares dos Reis, de desapreso pela Arte que, em terra de selvagens, no horisonte duma cubata de negros, nos confins da Cafraria, seria plausivel imaginar-se, mesmo, depois

de se ter encontrado, no Porto, ao cabo! dum visita da Escola de Belas Artes, destruida e arrecadada a maquette «Amor da Patria» do grande e desventurado Mestre Joaquim Gonçalves.

Dizem os jornais, que já depois do dia de S. João, a quando das Festas da Rainha Santa, Coimbra foi visitada por cem mil forasteiros... Dando de barato, que mais de metade não haja sequer passado pelo Jardim Botanico e que metade mesmo dos que por lá passaram nem um olhar sequer tiveram para o marmore genial do «Brotero», que, eu considero, acima do «Conde de Ferreira», o mais proximo parente do «Desterrados», simplesmente divino —ha, pelo menos, por esse Portugal inteiro—sem contar lentes, estudantes e futricas que constituindo a população coimbran tem graves culpas no cartorio—uns quinze ou vinte mil portuguezes, que, como eu, constataram o estado miserando a que, pelo menos, por incuria e desleixo, se deixou chegar, em Coimbra, um jardim universitario, numa terra de doutores a estatua de Brotero—um dos maiores, mais belos e gloriosos marmores da Estatuaria Contemporanea...

Demais, eu sei, que, aqui ao pé da porta, ali no cemiterio de Agramonte, o marmore do «Conde de Ferreira» está quasi no mesmo estado, apesar da nobre e levantada campanha que, para lhe valer e o salvar, ha tempos levantou o energico brado do Dr. Pedro Victorino, levando aos poderes publicos um longo abaixo-assinado, com a rubrica dos melhores nomes das cartadas intelectuais de Portugal inteiro...

Mas por sobre tudo isso—e não ignorar o resto—atrevo-me, confiado e testarudo, a perguntar, em alto pregão, aos lentes, aos estudantes e aos futricas de Coimbra, aos quinze ou vinte mil forasteiros que, a quando das festas da Rainha Santa constataram o estado miserando a que chegou o marmore de Brotero, atrevo-me a perguntar a todos e a cada um, se não haverá alguem, com energia e com nervo, que culturando a Arte, admirando o genio de Soares dos Reis, não queira ajudar-me, seja como fôr, a salvar-lhe a obra—recolhendo ao Museu Machado de Castro em Coimbra o marmore de Brotero, para o tratar e manter, pelo menos, em estado de conservação e de asseio, substituindo-o, no Jardim Botanico, por um bronze e recolhendo ao Museu Soares dos Reis, aqui no Porto, o marmore do Conde de Ferreira, substituindo-o por um bronze no Cemiterio de Agramonte?!...

Não ha por si quem me ajude—a mim, que desde já declaro, que desisto de levar a cabo semelhante empreza—grande e pesada demais para um homem só?

*

...E que, louvado Deus, muito bem acompanhado, levo, ao fazer desta, quasi vencida a ingreme ladeira, de levantar ali acima, no velho Jardim de S. Lazaro, no *Jardim dos Artistas*, os monumentos a Silva Porto, a Henrique Pousão e a Artur Loureiro—as tres lidimas e gloriosas figuras da Pintura Portugueza.

Porque, na verdade, para o conseguir, o essencial e indispensavel era o concurso de todos os artistas, enviando a oferta de um dos seus trabalhos para a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, a realizar nos Salões de «O Primeiro de Janeiro», constituindo todos esses trabalhos os premios de uma «Grande Lotaria de Arte», cujo produto será integralmente aplicado aos tres monumentos do Jardim dos Artistas...

E esse generoso e gentilissimo concurso pode dizer-se que está largo, brilhante e velozmente garantido, porque, a todas as horas e de toda a parte, nos vem chegando as promessas de envios, as suas fotografias, a nota dos seus nomes e dos seus valores.

E tendo já começado a publicar, no «Primeiro de Janeiro», pela ordem cronologica da sua entrada, a reprodução em gravura das valiosas ofertas de Joaquim Lopes, de José de Brito, de Maria Ellos e de Agostinho Salgado, diariamente, e sem interrupção, se irão dando no «Primeiro de Janeiro» as reproduções das obras e os retratos dos seus autores, dando-se, é claro, de tempos a tempos, contas detalhadas do que se fôr fazendo e do que faltar fazer—para, assim, se chegar ao fim, sem que nada falte e o tempo para tudo chegue...

BRAZ BURITY.

22 - 7 - 84

ARTE

Exposição de Bonecos de Páu

E' deveras interessante e curiosa, sugestiva e original, a exposição de bonecos de pau que o moço e talentoso artista portuense Adolfo Marques acaba de inaugurar no Salão Silva Porto, e que tão largo exito de arte e de vendas está a vincar.

Trata-se, de facto, em boa verdade, duma primorosa e encantadora colecção de esculturas em madeira — que são o documento flagrante e definitivo dum excelente temperamento e duma viva inteligência de artista — de ampla e clara visão de belesa e estética e dum pujante pessoalismo na concepção e na fatura dos seus trabalhos interessantissimos.

Adolfo Marques — inteligente professor da Escola Industrial Faria Guimarães — é, na escultura em madeira, um artista brilhante e pessoal, que sabe dar aos blocos inexpressivos da madeira fórma e vulto notáveis e cheios de relevo e caracter.

As suas figuras — que não têm aqueles recortes finos e abonecados de usança nos escultores de imagens — têm expressão e, através dos seus traços largos de escultura, parecem criar vida e ritmo de atitudes.

D. Quichote e Sancho Pansa é um trabalho magnifico. *O Guido* é admirável; aquele boneguinho de pau parece que vive no poder expressivo da sua figura solene e atenta á missão que vai a cumprir. *Cruz Alçada* tem naturalidade. *Na peugada* é rico de expressão. *O Pedinte* tem uma flagrante humildade. *Os Cegos* formam um grupo precioso. *A Cantadeira* é dum realismo impressionante. *Quentes e boas* impõe-se pela flagrancia que acusa.

São muitas as figuras populares que Adolfo Marques surpreendeu na vida e, com as suas mãos privilegiadas e a sua apurada sensibilidade de artista, as fixou na madeira, com um poder de naturalidade e verdade que nos surpreende e, ao mesmo tempo, nos encanta.

Essas figuras da rua e das aldeias — como *A Velha*, *Mulher das castanhas*, *Agua fresca*, *A's compras*, *Leiteira*, *Carro de Mão*, *Peixeira*, *Varredor*, *Pedreiro*, *Amola-Facas*, *Homem do caneco*, *Homem do bacalhau*, *Homem da enchada*, *Mulher da enchada*, *na feira*, *O rapaz das cabras*, etc. — têm detalhes preciosos de verdade e têm caracter.

Ha em cada uma dessas figuras um aliciante ritmo de vida e de expressão que lhes dá um cunho de valor invulgar e apresenta o expositor como um artista digno de apreço.

Bem digna da admiração do publico é esta sugestiva galeria de arte, e que já tanto tem interessado os nossos mais exigentes amadores de arte.

E' já muito elevado o numero de trabalhos adquiridos.

Esta exposição continua patente ao publico, todos os dias, no Salão Silva Porto, até ás 7 horas da tarde.

18-7-34

ARTE

Exposição de bonecos de páu

Continua a estar patente ao publico, todos os dias, até ás 7 horas da tarde, no Salão Silva Porto, a interessante, original e sugestiva exposição de bonecos de pau do distinto artista Adolfo Marques, que tão visitada e admirada tem sido.

Este curioso certame tem prendido as atenções dos nossos mais exigentes amadores de arte.

E' já muito elevado o numero de trabalhos adquiridos, contando-se entre os compradores as sr.as D. Maria Terra, D. Maria Borges e D. Maria Pinto de Azevedo, o rev. Guimarães Dias e os srs. Eduardo Honorio de Lima, arquitecto Januario Godinho, engenheiro Flavio Pais, dr. Jacinto Magalhães, dr. Alberto Saavedra, dr. Guilhermino Nunes, eng. Vasco Ortigão Sampaio, Emanuel Ribeiro, Pedro Baptista, J. Pereira da Costa, Antonio Seixas, dr. Couto Soares, arquitecto Marques da Silva, dr. Alberto Placido, etc., alguns dos quais adquiriram varios exemplares de bonecos.

25-7-34

(d' O Commercio do Porto')

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses nos Salões de «O Primeiro de Janeiro»



Filipa de Vilhena armando seus filhos cavaleiros

O sucesso da Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto será aplicado ao levantamento no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, dos monumentos a Silva Porto, dos dois Pousão e Artur Loureiro, está plenamente garantido pelo numero e pelo valor das ofertas que diariamente vem chegando ao «Primeiro de Janeiro».

E assim, depois de termos dado hoje os retratos e a reprodução dos magníficos quadros dos ilustres artistas Joaquim Lopes e José de Brito que foram os primeiros a enviar-nos os seus trabalhos, daremos alternadamente a reprodução das ofertas que cronologicamente tem chegado ao «Primeiro de Janeiro», iniciando hoje essas reproduções com o belo grupo em barro, miniatura histórica, «D. Filipa de Vilhena armando os filhos cavaleiros», um dos melhores trabalhos do barrista ilustre Eduardo Mafra Elias, que, no encerrar a sua Exposição, no Salão Silva Porto, nos ofereceu um dos trabalhos que no catalogo tinha mais elevado preço.

Como se diz na circular expedida aos artistas, as ofertas devem ser entregues no «Primeiro de Janeiro», aqui na redacção no Porto ou na nossa agencia em Lisboa, até ao proximo dia 1 de Agosto e devem vir acompanhados do valor do trabalho, seu titulo e retrato do autor.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato do ilustre barrista caldense Eduardo Mafra Elias, que com o miniaturista, tem há muito a sua reputação feita e que, como continuador da tradição artistica de seu tio o Grande Elias das Caldas,

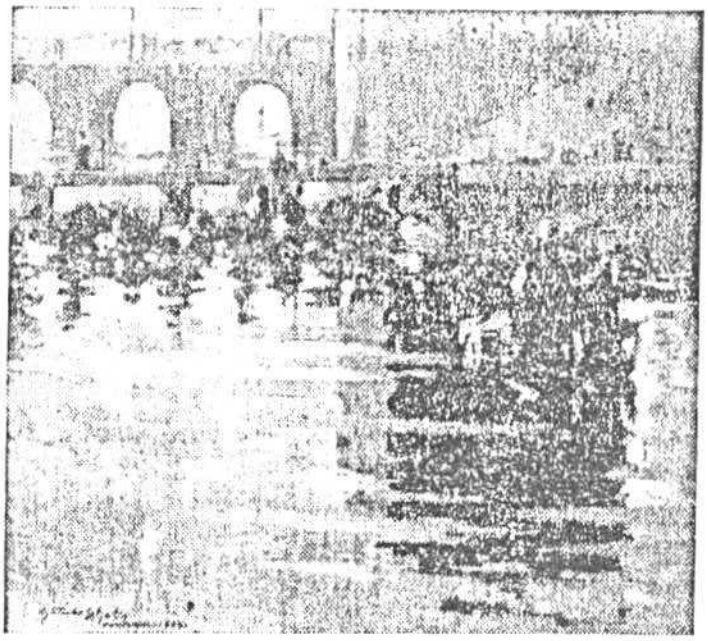


marca na Arte Nacional um lugar de destaque, pelo real valor dos seus pequenos trabalhos em barro, de que o grupo historico **D. Filipe de Vilhena armando os filhos cavaleiros**—oferecido para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, é, seguramente, um dos mais interessantes e valiosos.

26-7-34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses nos salões de O PRIMEIRO DE JANEIRO



«LAVADEIRAS DO LEÇA»

(Oleo de Agostinho Salgado)

Damos hoje a reprodução das «Lavadeiras de Leça», o belissimo oleo que o moço e já insigne artista Agostinho Salgado, um dos reaes e autenticos valores da nova geração, ofereceu para a Grande Exposição dos Artistas Portuguezes» a realisar nos Salões de «O Primeiro de Janeiro» e cujo produto, numa grande lotaria de arte, é destinado aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no velho Jardim de S. Lazaro, transformado em «Jardim dos Artistas».

Homenagens citadinas a Silva Porto



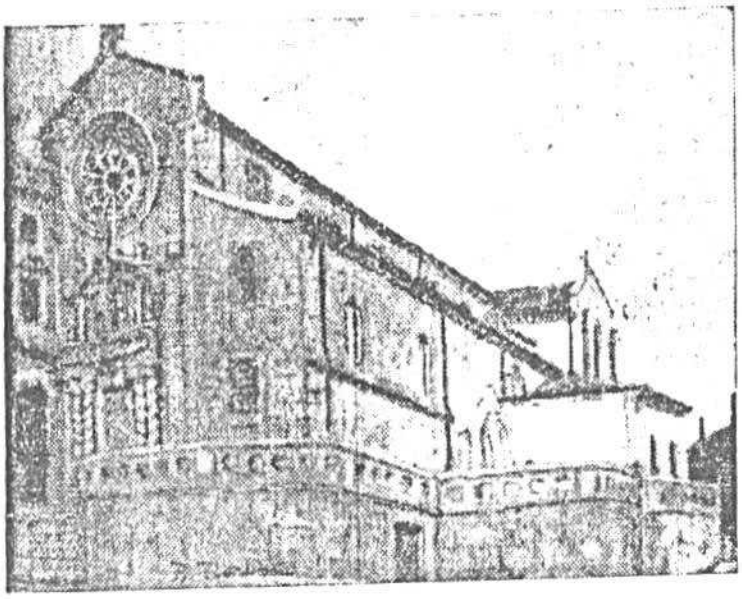
Agostinho Salgado

Agostinho Salgado é o moço e esperançado artista que oferecendo para a **Grande Exposição dos Artistas Portugueses** o seu belo e sugestivo oleo **«As Lavadeiras de Leça»** dando uma magnifica prova do seu vigoroso talento, quiz demonstrar a sua enthusiastica adesão ao plano de se consagrar em no Jardim dos Artistas a S. Lazaro tam simples e despretenciosos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, em a que se destinam todos os trabalhos enviados á **Grande Exposição dos Artistas Portugueses** que constituirão os valiosos e numerosissimos premios de uma Grande Lotaria de Arte cujo sucesso está plenamente garantido.

28 - 7 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realisar nas salas do "Primeiro de Janeiro,,



IGREJA DE S. FRANCISCO

(Oleo de Brito Bastos)

O quadro *Igreja de S. Francisco*, de que damos hoje a reprodução, é a valiosa e esplendida oferta para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, com que generosamente concorre o simpático e velho artista António de Brito Barbosa, pintor histórico, que, na Arte Portuense marcou sempre pela modestia e probidade do seu autentico valor de artista consciencioso que no seu quadro *Igreja de S. Francisco* tem um dos seus trabalhos de realce e merecimento.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realisar nas salas de «O Primeiro de Janeiro»

Antonio Brito Barbosa, é o velho e simpatico artista portuense, pintor historiado de merecimento, que ofertou para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses—seu belo quadro Igreja de S. Francisco, um dos seus trabalhos de merecimento e de realce e que marcam bem o seu posto de honra entre os pintores conscienciosos e honestos que vivem da sua Arte e pela sua Arte, Deus sabe com que sacrificios e com que heroismo.



A sua oferta para a Grande Lotaria de Arte, destinada aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro é mais uma prova do seu culto pela Arte que professa e da sua admiração pelos Artistas que nela triunfaram e se fizeram grandes.

31 - 7 - 34

27 - 7 - 34

Terminou ante-ontem o prazo marcado na circular expedida aos Artistas, pedindo-lhes a oferta dum dos seus trabalhos para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses e cujo produto, numa grande Lotaria de Arte, se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro.

São numerosissimos os trabalhos entregues, não só aqui na Redacção de *O Primeiro de Janeiro*, como na nossa Agencia em Lisboa, mas mais numerosas são ainda as cartas de muitos artistas, uns communicando que breve farão a remessa dos seus trabalhos, outros pedindo uma prorrogação de prazo para a sua entrega.

Acedendo, como nos cumpria, aos desejos de quem tão gentil e generosamente com o *Primeiro de Janeiro* coopera na obra grandiosa de se glorificarem os seus grandes Mestres da Pintura Portuense, fica, pois prorrogado até ao próximo dia *15 de AGOSTO*, corrente o prazo para a entrega dos trabalhos destinados á Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nos Salões de *O Primeiro de Janeiro*, devendo, até essa data serem entregues, na nossa redacção ou na agencia de Lisboa, todos os trabalhos acompanhados da fotografia do autor e de uma nota indicando o seu titulo e o seu valor.

2 - 8 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realisar nas salas do "Primeiro de Janeiro"



OS ANALFABETOS

(Baixo-relevo em bronze de Zeferino Couto)

Alterando um pouco a ordem cronologica das entregas feitas na redacção do «Primeiro de Janeiro» das ofertas para a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* cujo produto reverterá para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, damos hoje a reproducção da primeira obra de escultura que para a Exposição recebemos.

E abre-se, a secção de escultura com chave de oiro, porque o belo trabalho de Zeferino Couto, o illustre e esperançoso artista bracarense, *Os analfabetos*, sugestivo e interessantissimo baixo-relevo em bronze, não só vinca o talento forte do auctor, como marca bem a sua gentileza e generosidade porque, o seu bronze, é alguma coisa de bom e de valioso, como, certo, o reconhecerão os que vierem admira-lo na Grande Exposição dos Artistas Portugueses, a realisar nos Salões do «Primeiro de Janeiro»

2 - 8 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realisar nos Salões de «O Primeiro de Janeiro»

Zeferino Couto, cujo magnifico baixo-relevo em bronze, «Os Analfabetos», ontem publicamos e que constituirá, graças á gentileza e generosidade do Artista, um dos valiosos premios da «Grande Lotaria de Arte», destinada a erguer no «Jardim dos Artistas», a S. Lazaro, os tres monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—é um moço e prometedor temperamento de escultor, que na moderna pleiade dos que em Portugal se consagram á Escultura, começa a impôr-se pelo seu talento forte e pessoal, pela honestidade dos seus trabalhos e pelo clacissismo das suas tendencias.



ZEFERINO COUTO

Vivendo na provincia, entregue á sua Arte, Zeferino Couto, não é dos nomes falados nas mezas dos cafés e nos centros de cavaco, onde se fazem, em geral, as reputações dos artistas.

Mas é um autentico e real valor—que se impõe sempre que uma das suas obras toma contacto com o grande publico, marcando, como nos «Analfabetos», um logar de distinção ao seu modesto, obscuro mas já insigne autor.

3 - 8 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A grande exposição dos Artistas Portugueses a realisar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



AMUADA

(Oleo de D. Maria Amelia Magalhães Carneiro)

Continuando a dar pela ordem cronologica da sua entrada nesta redacção a reprodução das valiosas ofertas com que os Artistas Portugueses concorrem para a Exposição de Arte cujo produto se destina ros monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, honra-se hoje «O Primeiro de Janeiro» arquivando nas suas colunas o sugestivo e interessante quadro «Amuada», gentil e generosa oferta da ilustre e insigne amadora D. Maria Amelia Magalhães Carneiro, que, pelo seu talento e distinção, marca, com destaque, na élite das senhoras que em Portugal cultivam a pintura.

HOMENAGENS CITADINAS

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato da Senhora D. Maria Amelia Magalhães Carneiro, a distinta e apreciadissima amadora de Pintura, que generosa e gentilmente ofereceu para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, o sugestivo e interessante quadro «Amuada» que será



certamente um dos bons premios da Grande Lotaria de Arte, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

5 - 8 - 34.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A grande exposição dos Artistas Portugueses a realisar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



«CABEÇA DE ESTUDO» (Oleo de Teodósio Ferreira)

A **«Cabeça de Estudo»** o forte e sugestivo oleo que hoje reproduzimos, feito com vigor e limpidez de processos, é a generosa oferta com que concorre para a **«Grande Lotaria de Arte»** cujo produto se aplicará aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, o ilustre professor da Escola Industrial Infante D. Henrique, Teodosio Ferreira, um dos nomes que se impõem no magistério artistico das nossas escolas e artista cheio de merecimento e de vontade e que, certo tem diante de si, na Arte Portuguesa, um largo e brilhante destino pelo seu talento e pela sua probidade profissional.

HOMENAGENS CITADINAS

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Teodosio Ferreira, o autor do belo e forte oleo **Cabeça de Estudo** que ontem publicamos, como um dos valiosos prémios da **Grande Lotaria de Arte**, cujo producto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—é um artista sobrio e vigoroso, que tendo já marcado o seu lugar e imposto o seu nome como professor da Escola Industrial Infante D. Henrique, há de abrir caminho na Arte Portuguesa pelo seu talento e pela sua originalidade.

8 - 8 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



«A ESTRADA DAS FIGUEIRAS»

(Paisagem de Acacio Lino)

Acacio Lino, o prestigioso professor da Escola de Belas Artes do Porto, artista consagrado, é um velho e dedicado amigo do **Primeiro de Janeiro**: assim é facil compreender-se que o seu envio para a «**Grande Exposição dos Artistas Portugueses**», promovida e realizada nos Salões de **O Primeiro de Janeiro**, para com o seu produto se levantarem os monumentos a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão—teria naturalmente de marcar pelo seu valor, pela sua beleza, pelos requintes de arte e de talento que nela se esforçaria por empregar o pintor ilustre que a assina.

De facto, **A Estrada das Figueiras**, que na ultima Exposição de Acacio Lino, abriu o catalogo e era uma das telas de mais alto preço marca na obra do Artista como uma das suas obras mais representativas da tecnica, do temperamento, do colorido e do desenho do ilustre paisagista que tem a sua reputação feita e o seu nome consagrado—sendo por isso um dos mais valiosos premios da **Grande Lotaria de Arte**, cujo produto se destina á consagração das Três Grandes e Primaciais Figuras da Pintura Portuense Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

HOMENAGENS CITADINAS

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Acacio Lino, cujo retrato publicamos mais uma vez no «Primeiro de Janeiro», sendo um dos bons, velhos e dedicados amigos do nosso jornal—é um conceituado e distintissimo artista que todo o Porto conhece e admira pelos seus trabalhos e pelo seu talento.

Professor da Escola de Belas Artes do Porto, onde foi aluno laureado e pensionista no Estrangeiro, ha longos anos que Acacio Lino enfileira, com galhardia, entre os Mestres Portuenses e a sua obra, copiosa e variadissima, tocando todos os assuntos e vincando em todos os ramos da Pintura, desde a Paisagem á Arte Sacra, do retrato á Pintura historica—é, incontestavelmente, uma obra de merecimento e de valor que honra e enobrece quem a assina.

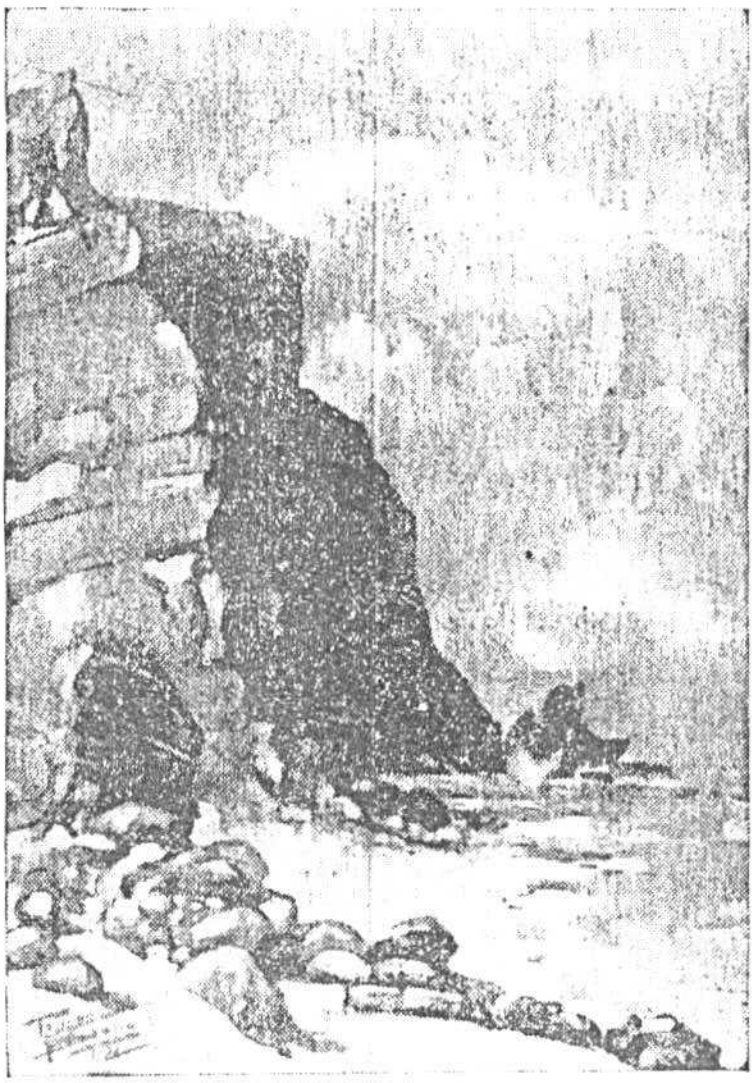
Tendo contribuido para a *Grande Lotaria de Arte*, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, com a bela paisagem *Na Estrada das Figueiras*, que ontem reproduzimos em gravura, Acacio Lino patenteando com todo o vigor quanto em Arte é capaz, patenteou, mais uma vez, com a sua amizade ao «Primeiro de Janeiro», a generosidade do seu caracter e o seu vivo entusiasmo pela consagração de Silva Porto, de Henrique Pousão e Artur Loureiro, os trez grandes artistas portuenses.

Honra lhe seja e em sua honra se diga...

10/8/34

HOMENAGENS CITADINAS

A grande exposição dos Artistas Portugueses a realisar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



ARRIBAS
(Aguarela de Regina Branco)

Damos hoje a reprodução da formosa aguarela *Arribas*, de D. Regina Branco—nome de uma gentil e entusiasta amadora de Arte que começa a ter, nas exposições que abrilhanta com o seu talento, um publico que lhe distingue e aprecia os trabalhos—sempre largos de factura, bem coloridos e graciosamente desenhados.

A oferta de D. Regina Branco para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro—é, realmente uma bela prova das suas invulgares aptidões de aguarelista e será, na Exposição uma agradavel surpreza para os que ainda não conheciam o talento de Regina Branco.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



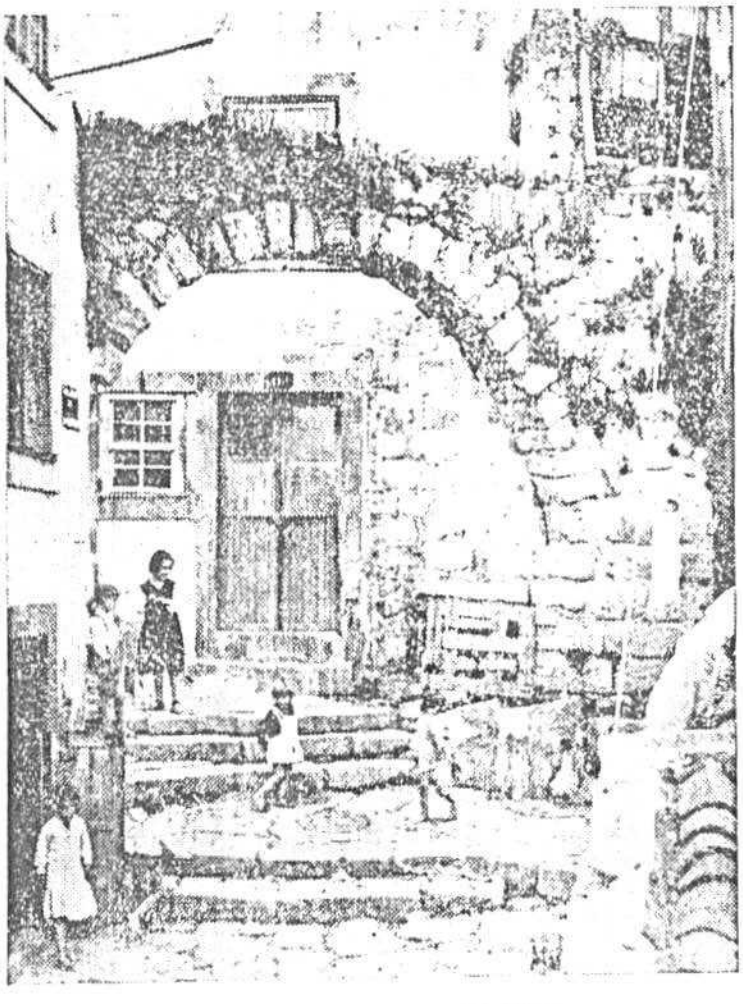
Regina Branco, a aguarelista distinta das *Arribas*, cuja reprodução ontem publicámos, como um dos premios da Grande Loteria de Arte, destinado aos monumentos Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—é um nome que convem registar entre os das mais insignes senhoras, que em Portugal cultivam a Arte essencialmente feminina da aguarela.

Tem talento, tem personalidade, mancha com largueza e sente os seus motivos—é uma artista.

12 - 6 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A grande exposição dos Artistas Portugueses a realisar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



«ESCADAS DO BARREDO»

(Fotografia policromica de Platão Mendes)

Alterando, mais uma vez, por conveniencia de serviço, a ordem cronologica das ofertas para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, damos hoje a reproducção das «Escadas do Barredo», esplendida prova do que pode obter-se, em Arte, pela fotografia, quando o fotografo, profundamente artista, conhecendo todos os segredos do «metier», a fotografia consagra o seu talento forte e criador—procurando fazer novo e fazer belo.

«As Escadas do Barredo», fotografia primorosamente colorida a lapis policromicos, sendo uma prova de valor profissional de Platão Mendes, chefe das oficinas de gravura de «O Primeiro de Janeiro», inicia, com invulgar brilho, a secção fotografica da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto é certo para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—e inicia-a admiravelmente, porque é uma bela e sugestiva obra de Arte — sob qualquer aspecto que se analise, se estude e se admire.

Pode, talvez, fazer-se tão bom—melhor, certamente, não se faz...

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Platão Mendes modesto e proficiente artista, que nas oficinas de gravura de «O Primeiro de Janeiro» tem demonstrado, como chefe dos serviços o que pode e o que vale, revela, na brilhante prova das *Escadas do Barrêdo*, que ontem reproduzimos, como um dos premios da «Grande Lotaria de Arte», destinada aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—o que, um temperamento de artista, conhecendo a fundo os segredos do seu «metier», pode alcançar e realisar, elevando a Fotografia, a uma Arte, re-



quintadamente plastica, requintadamente bela, requintadamente sugestiva—flagrante, como nenhuma outra, de movimento e de vida.

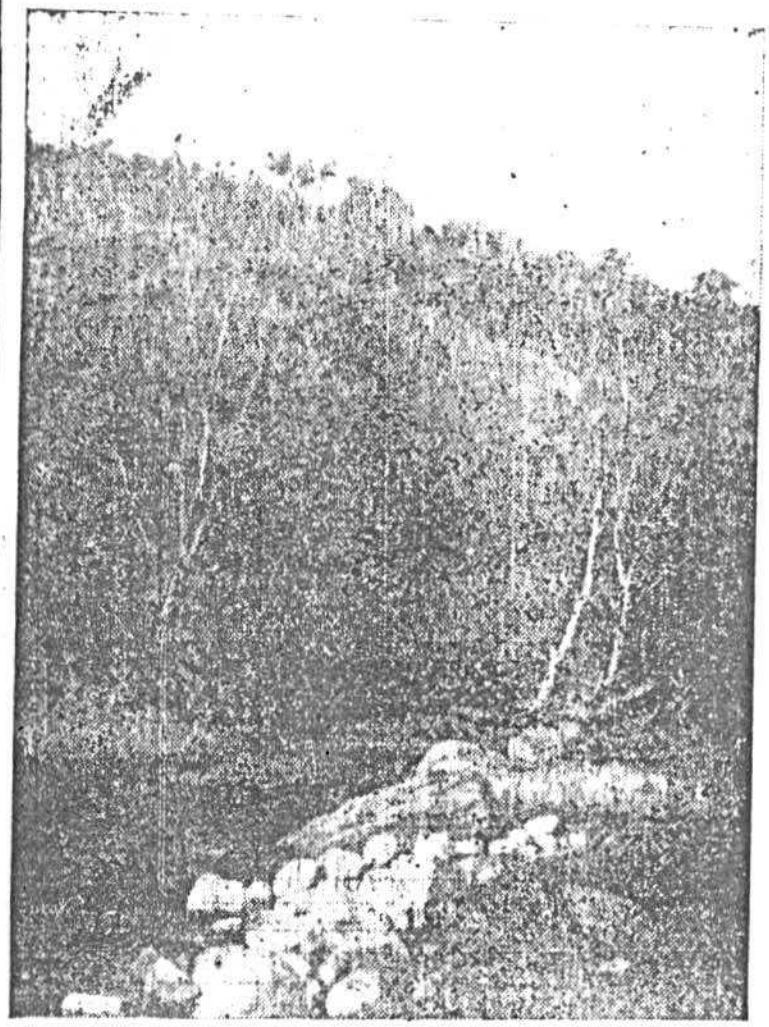
Platão Mendes é, fundamentalmente, um artista—e por isso o seu logar estava de direito marcado entre os artistas portugueses, que, com tanto brilho, tanta gentileza e tanta generosidade teem enviado ao «Primeiro de Janeiro» a oferta dos seus valiosos trabalhos, prestando assim a sua homenagem aos tres grandes mestres da Pintura Portuense e mostrando a sua simpatia pelo «Primeiro de Janeiro», onde, de longa data, todos os artistas sabem que teem sinceros e vivos admiradores, sempre prontos a render-lhes justiça e a manifestar-lhes o seu profundo respeito e o seu vivo entusiasmo pela Arte e pelo talento.

15 — 8 — 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



«PAISAGEM BRASILEIRA»

(Oleo de Marques Guimarães)

Restando a ordem cronologica da entrada nesta redacção das ofertas de trabalhos para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo producto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro, damos hoje a reprodução do quadro *Paisagem brasileira*, significativa e valiosa cooperação dum velho e illustre artista portuguez, o professor Marques Guimarães, ha longos annos exilado no Brasil e que tendo há pouco regressado ao Porto, não quiz deixar de concorrer com o seu talento e com o prestigio do seu nome, para a consagração dos três grandes Artistas do seu tempo e da sua terra.

Um trabalho de Marques Guimarães — um nome illustre ha tanto afastado da Arte Portuguesa, em que marcava a sua personalidade e impunha a sua [illegible] — com certeza, uma [illegible] de interesse e de sensação na Grande Exposição dos Artistas Portugueses em que o *Primeiro de Janeiro*, agradecendo ao Artista e illustre professor Marques Guimarães a sua offerta, que [illegible] vista, efectuou saudosos pelo seu regresso á Patria e faz votos por que [illegible] de muito e ao fim de tantos annos, entre os brilhantes pioneiros da Arte Portuguesa, Marques Guimarães mantenha, com brio e galhardia a sua reputação de Artista e consagração.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Damos hoje o retrato do velho professor de Pintura Marques Guimarães, artista laureado da velha geração portuense de Marques de Oliveira, Victorino Ribeiro e Antonio Costa, e que tendo ido por os Brasis onde durante muitos anos honrou a Arte Portuguesa, pintando e ensinando a pintar toda uma geração de artistas brasileiros que ao proficiente ensino de Marques Guimarães devem o lugar prestigioso que ocupam na Arte Brasileira, de regresso á Pátria, gentil e generosamente ofertou o seu belo oleo «Paisagem brasileira» para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

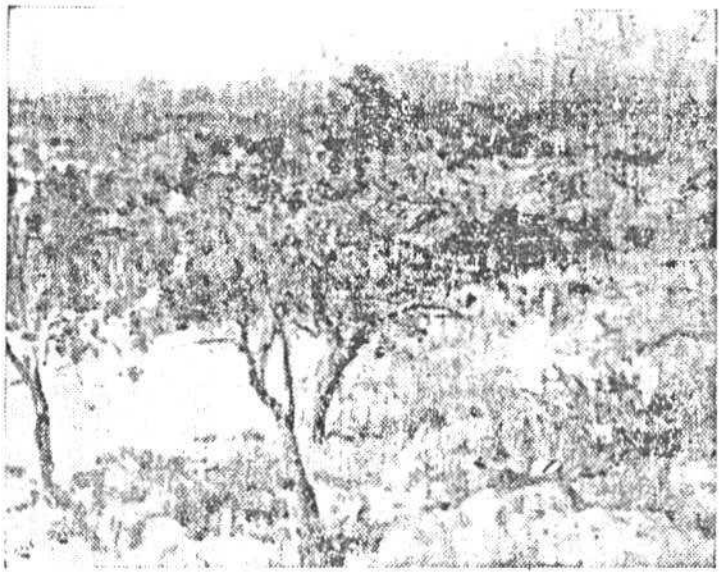
Marques Guimarães, ainda cheio de vigôr, vem, certo, reocupar com brilho o seu pôsto entre os artistas portuenses, que nunca o esqueceram e que, com carinho e entusiasmo, receberam a noticia do regresso do seu camarada illustre e talentoso.

17 - 8 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



«CASAL DA FELIZARDA»

(Oleo do Mestre Carlos Reis)

1.º premio «fóra concours» da Grande Lotaria de Arte

Damos hoje a reprodução do formidavel oleo *Casal da Felizarda*, que Mestre Carlos Reis, com a galharda generosidade dum grande senhor, com todo o brilho do seu fulgurante talento e com toda a magia da sua Arte dominadora, destinou para o 1.º premio «fóra concours» da *Grande Lotaria de Arte* cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.

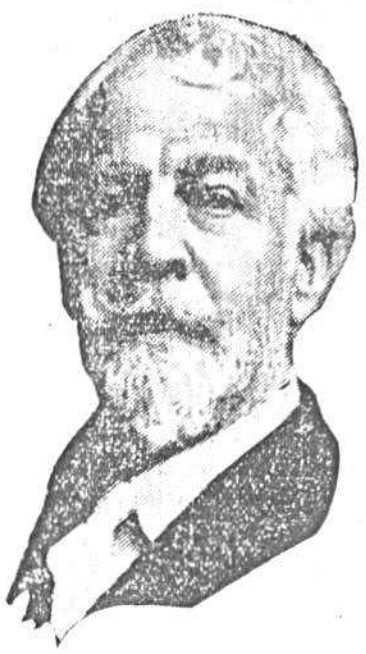
O *Casal da Felizarda*, prodigio de tecnica, maravilha de côr, explende mais uma das suas grandes obras primas de paisagista e marca pelo seu valor artistico, além do eminente prestigio do Mestre ora agraciado, que a tela — o enthusiasmo criterioso com que Mestre Carlos Reis se associa, de alma e coração, á ideia de commemorar no bronze dum monumento a gloria de Silva Porto, que foi seu Mestre — e dos seus dois camaradas Henrique Pousão e Artur Loureiro que mestres foram da Pintura Portugueza em que Carlos Reis, entre os vivos, é o Mestre dos Mestres

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Mestre Carlos Reis o maravilhoso paisagista do **Casal da Felizarda**,—a bela obra prima que constitue o 1.º premio «hors concours» da «Grande



MESTRE CARLOS REIS

Lotaria de Arte» destinada aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—é, entre os grandes artistas portugueses do nosso tempo, o maior de todos, pelo seu talento, pelo seu colorido, pela sua tecnica, pela originalissima personalidade que vinca em toda a sua obra a garra possante dum grande e glorioso Mestre.

A sua preciosa colaboração na Grande Exposição dos Artistas Portugueses, em que, por direito proprio, ao lado de Mestre Teixeira Lopes, na Escultura, Mestre Carlos Reis, na Pintura, está «hors concours», constituindo o seu valiosissimo e magistral trabalho O Casal da Felizarda, um dos dois primeiros premios da «Grande Lotaria de Arte»—marca bem o carinho e o enthusiasmo que na sua grande Alma de Artista vibra sempre que se trata de prestigiar, enaltecer e glorificar o nome e a obra de Silva Porto de quem Mestre Carlos Reis, foi o discipulo amado e é, oficialmente, como seu sucessor na Cadeira de Paisagem da Escola de Belas-Artes de Lisboa—o herdeiro directo e o ultimo continuador.

Honrando mais uma vez o seu retrato a Galeria Artistica de «O Primeiro de Janeiro», apresentamos a Mestre

Carlos Reis, com a fervorosa homenagem de todos os admiradores do seu excelso talento, que trabalham nesta casa, a homenagem de sinceríssima gratidão do Grande Oriente Lusitano da Grande Loja Legal dos Artistas Portugueses, cujo êxito está garantido, artisticamente, se mais não fosse, senão por ter como um dos seus primeiros prendas, a **maravilha do Casal da Felizarda**—com a valiosa gloriosa do Mestre Carl a Reis.

10 - 8 - 3[illegible]

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,

NA FONTE NOVA — Oleo de João Reis



Damos hoje a reprodução da linda paisagem *Na Fonte Nova*, o precioso trabalho com que João Reis, o distinto e privilegiado artista, que, tão brilhante e vigorosamente acaba com a tremendas responsabilidades artísticas de ser o filho querido e o discípulo amado de Mestre Carlos Reis concorre à Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo produto se destina á consagração citadina de Silva Reis, Henrique Pousão e Artur Loureiro, erigindo-lhes três esplendidos e simbolicos monumentos no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.

Trabalho de folego, sugestivo e espontaneo, duma palheta rica, manobrada por um artista cheio de mocidade e de talento, a tela *Na Fonte Nova* é duma feliz e garbo efeito e de real valor, matizando bem a tecnica de João Reis e vincando-lhe, no colorido e na factura, a filiação glorioza de paisagista que, paisajando, na Arte e na Vida, não esquece nunca, com carinho e orgulho, o nome e a gloria de Carlos Reis—seu mestre e seu pai.

Homenagens citadinas a Silva Porto

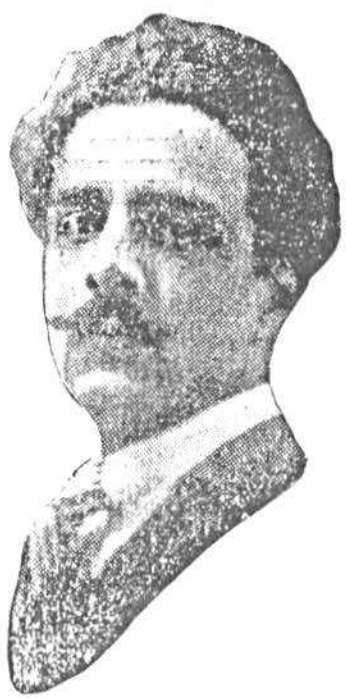
A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato do moço e talentoso artista João Reis, um dos valores mais altos e mais solidos da sua geração e que, com verdadeiro orgulho pode ufanir-se de ser a demonstração viva e artistica do velho adagio: *Filho de peixe sabe nadar*. João Reis, que gallhardamente oferece para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, a sugestiva paisagem *Na Fonte Nova*, que ontem reproduzimos no *Primeiro de Janeiro*, é, como filho de Mestre Carlos Reis—um artista de raça mas, abstraindo mesmo desta hereditariedade gloriosa, João Reis, pelo seu talento personalissimo, seria, por si só, em qualquer parte, um belo e grande artista—como



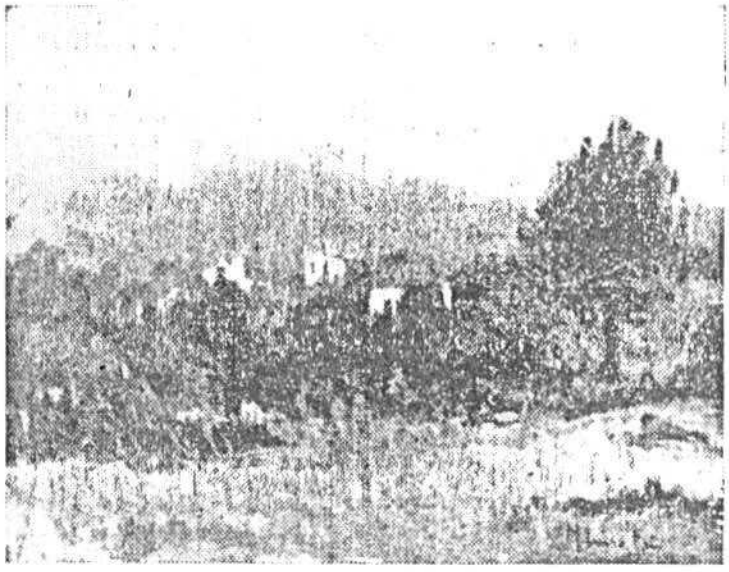
o tem demonstrado em toda a sua obra, como, ha pouco, o demonstrou com o seu envio ao Salon de Paris e como o demonstra agora nesta *Fonte Nova* que é um dos belos premios da Grande Lotaria de Arte, destinada aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.

22 - 8 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



«DIA DE NEVOA»

(Oleo de D. Maria Luiza Reis)

A bela paisagem, cheia de sentimento, de profundidade e de côr *Dia de Nevoa* que hoje reproduzimos em gravura, é a amabilissima e generosa oferta de Maria Luiza Reis, a gentil e talentosa filha de Mestre Carlos Reis para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro.

O *Dia de Nevoa* é trabalho consciente e brilhante, duma verdadeira artista, cheia de talento e de mocidade, que se esforça, quanto pode e quanto sabe, com enternecido amôr e vivo entusiasmo, por manter na Arte o glorioso nome que usa, glorificando por si só e por suas mãos, a gloriosa tradição de Mestre Carlos Reis—o seu pai e o seu mestre e, como premio da *Grande Lotaria de Arte* destinado aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, o *Dia de Nevoa*, de Maria Luiza Reis será, com certeza, um dos mais aliciantes e ambicionados.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Abrilhanta hoje a Galeria Artistica do «Primeiro de Janeiro», o retrato de D. Maria Luiza Reis, a gentilissima e talentosa filha de Mestre Carlos Reis, que para a Grande Exposição dos Artistas Portuguezes destinada aos Monumentos a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão concorreu com a bela paisagem «Dia de Nevoa» cuja reprodução então publicamos.

Maria Luiza Reis, com brilho e com galhardia, com constantes progressos que dia para dia se accentuam, vem merecendo com distinção, um prestigioso lugar entre as artistas que em Portugal fazem vida pela Arte e tendo sobre si, a pesada responsabilidade do nome glorioso do Pai e do Mestre, Maria Luiza Reis arca com valor e com talento com esse pêso enorme—e que certo esmagaria quem não tivesse, a par das suas altissimas e privilegiadas aptidões, um forte e vincado temperamento artistico, cheio de graciosidade feminina, mas exuberante também de originalidade e de personalismo, que, nos permitem vaticinar-lhe, sem sombra de ilusão, um grande e largo futuro na Arte Contemporanea, em que seu Pai e Mestre, mais em que Maria Luiza Reis, certo virá a ser, como filha e como discipula, a illustre, insigne e prestigiosa continuadora.

24/8/34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses
a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



«FLORES CAMPESTRES»

(Oleo de Tomaz de Moura)

Damos hoje a reprodução das «Flôres Campestres», belo e valioso trabalho com que concorre á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Loureiro, o velho e simpatico artista portuense Tomaz de Moura, um dos nomes consagrados da velha guarda, que, ao fim duma longa e laboriosa vida de artista probo e consciente, não tendo conhecido as horas enebriantes do triunfo, mantem com galharida e com vigôr faculdades e aptidões que lhe poderiam invejar muitos dos que beijados pela Fortuna, acariciados pela Gloria, em Arte nunca de si deram provas nem maiores nem melhores que Tomaz de Moura, que além de ser um dos nossos melhores restauradores ainda arranca da sua paleta com brilho e com vigôr, essas «Flores Campestres», sólidas, equilibradas, ricas de colorido, perfeitas de tecnica, que honrariam em toda a parte a rubrica do Mestre que as assinasse.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses
a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Tomaz de Moura, o autor do belo quadro «Flôres Campestres», que ontem publicamos e que galharda e generosamente, não sendo rico, escolheu um dos seus melhores e mais valiosos trabalhos para o ofertar á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto



Tomaz de Moura

se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—é na velha guarda dos artistas portuenses um nome que se impõe pelas suas verdadeiras e invulgares qualidades do artista probo, consciente e laborioso que vivendo da sua Arte o pela sua Arte, faz o que sabe e o que póde, com uma tecnica segura, um desenho limpido e um conhecimento profissional do «metier» que poucos possuem e não raros lhe invejam.

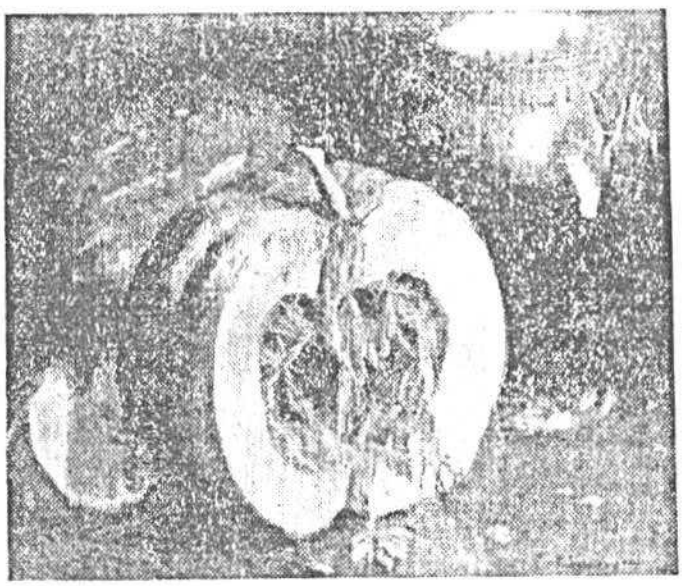
Que era, com seu irmão Eduardo, um dos nossos primeiros restauradores já todos os que não correm atraz das opiniões alheias o sabiam, mas, que, pintando figura ao ar livre, chegava á beleza e á perfeição das «Flores Campestres», é, deveras, uma surpreza—porque Tomaz de Moura, vinca nesse tela um tal vigôr de factura, uma tal certeza de desenho e uma tal frescura de colorido, que o colocam, por direito proprio, na primeira fila dos belos artistas da sua geração em que todos os pintores sabiam desenhar e em que o desenho era a base da Pintura.

26/8/34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



«ABOBORAS»

(Oleo de Eugenio Coelho)

Damos hoje a reprodução da interessante tela «As aboboras», com que a gentilissima artista D. Eugenia Coelho, generosa e brilhantemente, concorre para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.

Do assunto banal e luzrato que escolheu, tira Eugenio Coelho, com delicadeza de tons, certezas de traço e brilho de colorido, todos os efeitos plasticos. Alliando na tela «As aboboras» a sua personalidade, concretizando as esperanças que no seu talento depositam os que a tem visto caminhar com elegancia e firmeza pela estrada da Arte onde, certo, a esperam as mais gloriosas victorias.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Eugenia Coelho

Tem brilho e prestigio entre os artistas portugueses, o nome de D. Eugenia Coelho, uma esperançosa vocação; que, começa a vincar como um rial temperamento de artista, impondo-se como um dos valores da sua geração e do seu sexo.

Tendo concorrido com o seu lindo oleo *As Aboboras*, para a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, a gentilissima oferta de Eugenia Coelho é, um dos aliciantes premios da Grande Lotaria de Arte que se está organisando e cujo sucesso está de antemão assegurado e garantido.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,



Damos hoje a reprodução dum trabalho de escultura, o busto em gêsso patinado «*Maria da Graça*» com que honra a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, a erigir no Jardim dos Artists, em S. Lazaro, uma outra joven escultora portuguesa, gentilissimo espirito de artista, duplamente gentil pelo talento com que modela o barro e pelo apelido com que assina as suas obras—Isabel Gentil.

E' um nome a fixar, porque é um valor que se impõe e um talento que se manifesta, neste lindo busto de «*Maria da Graça*», cheio de expressão, de sentimento, de vida.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



D. ISABEL GENTIL

Damos hoje o retrato de D. Isabel Gentil, a gentilissima escultora, que honra a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos tres monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, com o sugestivo busto «Maria da Graça», que ha dias reproduzimos em gravura.

D. Isabel Gentil, delicado temperamento de artista, cheia de talento, dá frescura e de mocidade, cultiva a escultura e modela o barro com um vigor tão forte e crendor, que nos faz esperar brilhantes e decisivos obras, que a coloquem na vanguarda das raras senhoras que em Portugal, hoje dedicam à escultura todo o seu esforço inteligente e tenaz para abrirem caminho, criar um nome e uma reputação na Arte Portuguesa.

D. Isabel Gentil, afirma na sua «Maria da Graça» notaveis qualidades e invulgares aptidões: caminha pelo seu pé, e, mesmo devagar, estamos que irá longe.

*

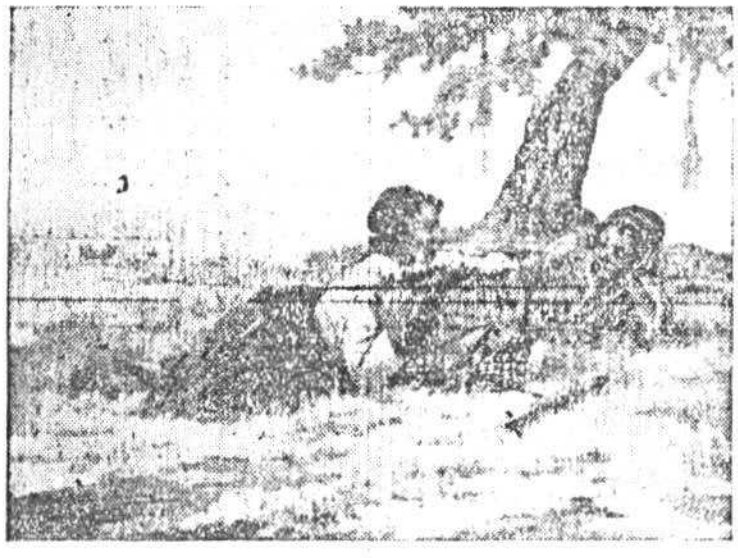
2-9-34

2-9-34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



ENCONTRO DE DUAS AMIGAS

(Oleo de Eduardo Moura)

Publicamos hoje a reprodução da grande tela **Encontro de duas amigas**, com que o velho e conceituado artista portuense Eduardo de Moura, uma das individualidades marcantes da sua geração de artistas modestos, consciencioso e trabalhadores, que honrando a Arte Portuguesa, honraram sempre a terra em que nasceram, com fidalga generosidade concorre á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo producto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Tendo mandado o melhor que tinha e do melhor que faz, Eduardo Moura patenteia bem o seu amor pela Arte que professa e pelos grandes artistas, que no seu tempo, mais alto e glorioso prestigio deram á Pintura Portuense, de que Eduardo Moura, dentro da sua modestia e da sua probidade, sempre foi e ainda é, um dos mais tipicos e apreciados ornamentos, sendo, como restaurador de quadros, incontestavelmente, o primeiro entre os primeiros—pela sua technica perfeita e pela sua inconcusa honestidade de limitar todo o seu esforço a reparar estragos, a restaurar belezas e não a pintar fantoxes, crear monstros e estragar telas, como fazem por ai os que, como restauradores, crearam fama de mestres inguaiavris e mistificadores.

Damos, tambem, a seguir o retrato do velho e conceituado pintor portuense Eduardo Moura, autor da tela «Encontro de duas amigas» ontem reproduzida no «Primeiro de Janeiro».

Eduardo Moura é um dos mais velhos e dos mais populares artistas do Porto, onde todos o conhecem, todos o respeitam e todos olham com simpatia, e veneração os seus laboriosos e constantes esforços para viver briosamente da sua Arte e pela sua Arte, senão com o brilho ofuscante dos triunfadores, com a galhardia e o orgulho dos que fazem o que podem e sabem fazer o que fazem.



EDUARDO MOURA

Como retratista teve aura Eduardo de Moura e ainda hoje tem o seu publico fiel e dedicado, e, tendo-se destacado sempre, com correcção e com probidade em todos os ramos da Pintura a que em Portugal tem de consagrar-se um Pintor, que, não sendo rico tem de viver pela sua Arte, Eduardo Moura criou um nome e consolidou uma solida reputação na especialidade ingrata de restaurador de quadros em que raros o igualam e em que, ninguem, até hoje, no nosso meio, se lhe avantajou. Tecnico consciente e pacientissimo, conhecendo a sua Arte e todos os segredos do emetiére, tem a consciencia do que faz—e sobretudo do que não póde nem deve fazer, e, por isso, quadro antigo, que lhe saia das mãos, sai anonimo se anonimo lhe entrou para o atelier, ou sai com o nome de quem o pintou se com esse nome para lá entrou—em se lhe trocarem as rubricas, se lhe fantasiarem belezas, se lhe inventarem perfeições, em escamoteios habeis, que, se não chamam a intervenção da policia e tem, pelo contrario feito a reputação de muita gente

1-3-34

2-3-34

Pregões & Predicas

Fala-se mais uma vez da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» e dá-se conta do muito que está feito - - e do pouco que para a exposição falta fazer - -

Correspondendo com brilho impulpar, com entusiastico fervor, ao apêlo da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, uma centena redonda de Artistas enviou, até à data, com o melhor que tinha e do mais valioso que, no momento, podia dispôr, a sua adesão pessoal e o seu apoio material e artistico à «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina à consagração de Silva Porto e dos seus camaradas e companheiros, Henrique Pousão e Artur Loureiro, erigindo-se-lhes trez singelos e expressivos monumentos no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, em frente da velha Escola de Belas-Artes, onde os tres Artistas se fizeram, prestigiando-a, honrando o Porto e glorificando a Arte Portuguesa.

Temos já em nosso poder, no enorme Salão do «Primeiro de Janeiro», as belas e valiosissimas obras de Arte com que concorrem os artistas Joaquim Lopes, José de Brito, Mafra Elias, Brito Barbosa, Agostinho Saloio, Teodosio Ferreira, Maria Amelia Magalhães Carneiro, Acacio Lino, Marques Guimarães, Carlos Reis, João Reis, Maria Luisa Reis, Eduardo Moura, Abel Mendes, Zeferino Couto, Abel Santos, Emilio Velo, Manuel Lucio, Joaquim Costa, Alipio Brandão, José Carvalho, Luiz Marcolino, Custodio da Silva, Platão Mendes, Pedro de Figueiredo, Osorio Gomes, Francisco Elias, Francisco Gonveia, Lucilia Aranha, Dordio Gomes, Alice Grilo, Braz Burity, Tomaz de Moura, Altino Maia, Quirino Luiz, Lino Roldão, Roma Junior, Ezequiel Pereira, Serra da Mota, Porfirio Abreu, José Teixeira, Maria de Lourdes Melo e Castro, Dominguez Alvarez, Antonio Alegro, Sampaio e Melo, Manuel Rodrigues, Paulino Gonçalves, Margarida Costa, Fernanda Costa, Pereira de Oliveira, René Bandat, Lincoln Mendes, Marques Rodrigues, Maria Luisa Wright, Branca Alarcão, Argentina Alarcão, Sara Alarcão, Branca Ferraz Monteiro, Maria Luisa Vilhena, Arnaldo Malho, Dr. Alberto de Sousa, Alberto Alves Gouveia, Felix Iglesias, Regina Branco, Armando Costa, Eugenia Coelho, José da Fonseca, Isabel Gentil Varela Aldamira, José Leite, Edomena Freitas, Falcão Trigoso, Branca Assis, Pedro Cruz, Henrique Tavares, Antonio Saude, Lima Machado Pereira, Manuel Monteiroso, Antonio Vale, Alexandrina Chaves e Alves de Sá.

E, estando, ainda, nos seus portuguesissimos ateleres, recebendo os ultimos retoques, as obras que especialmente destinaram à Exposição dos Artistas Portugueses, Alberto Silva, Abel Salazar, Adolfo Marques, Americo Gomes, Teixeira Lopes, Alberto de Sousa, Cristiano de Carvalho, José Campas, Lauro Corado, Heitor Cremez, Eduardo Leite, Eduarda Lapa, Frederico Ayres, Octavio Sergio, Francisco Viana, Antonio Mendes, João Monteiro, Gladys Giddy Galhano, Julio Ramos, Espirito Santo de Oliveira, Fernanda de Oliveira, Julio Vaz, Sousa Caldas, Antonio da Costa, Sofia de Sousa e Antonia de Azevedo, pode, afoita e categoricamente, assegurar-se que, nunca em Portugal, se realizou uma tão completa e tão luzida parada artistica, em que, todos os ramos das Belas-Artes, se representam pelos seus mais altos expoentes e pelos que, na sua modesta obscuridade à força de talento e de persistencia, procuram vincar um nome e criar uma obra, concorrendo, bizarra e generosamente, para a patriotica consagração dos tres Gloriosos Mestres da Arte Portuense.

Materialmente, pelo valor atribuido aos seus trabalhos pelos proprios artistas, as obras que já estão entregues ao «Primeiro de Janeiro», representam, em numeros redondos, cerca de «Cem Contos» e, podendo atribuir-se as que nos estão destinadas um valor superior a «Cincoenta Contos», o montante dos prémios da Grande Loteria de Arte que vai organisar-se nos termos e condições legais, cobre, por completo, o custo dos tres monumentos, a erigir no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Mas, como pela gentilissima iniciativa de algumas discipulas do Mestre Artur Loureiro que para isso pediram concurso de todas as alunas do Mestre sabemos que todas elas na Exposição se farão representar, e, sabendo, tambem, haver, ainda, artistas que, uns, por modestia, outros por orgulho, muitos por descuido, aguardam mais instantes e permentes solicitações para o seu concurso—esperando, até ao fim, por todos, mas não agardando, mais ninguem, para adiantar os trabalhos organicos da exposição e da loteria de Arte, AQUI SE LANÇA NOVO E ALTO PREGÃO PARA QUE NENHUM ARTISTA PORTUGUEZ DEIXE DE CONCORRER COM O PRESTIGIO DO SEU NOME, O BRILHO DA SUA ARTE E VALOR DE UMA OBRA SUA PARA A CONSAGRAÇÃO DE SILVA PORTO, HENRIQUE POUSÃO E ARTUR LOULEIRO, CONSAGRANDO OS TREZ GRANDES MESTRES DA ARTE PORTUENSE, A ARTE PORTUGUESA E OS ARTISTAS DE PORTUGAL.

Pessoal e directamente, não faz minguem instar com mais ninguem, porque os que já vieram bondam e sobram para assegurar e garantir, materialmente, o exito completo da empreza em que nos metemos dando plena, integral e absoluta realização a tarefa que ninguem nos encomendou e de que não queremos, não esperamos nem desejamos outros loros, bemoes ou quilates, além da satisfação do dever cumprido e da obra feita com os concomitantes amargos de boca, azares e patadas, que são da praxe e do estilo, desde que o Mundo é Mundo, e a que não foge, nunca, quem, em tudo de gente, procura fazer o que os outros não fazem, e, empre al pais de feito, todos eram capazes de fazer nada, melhor e mais bem acabado...

Mas, objectivamente, em alto preço, ainda, mais uma vez, se insiste em instar a todos os Artistas Portugueses que, para honra e prestigio da Arte Portuguesa, não façam nem mais nem menos do que já fizeram os cento e tantos Artistas, que, dos mais ilustres e gloriosos, como os consagrados Mestres Carlos Reis e Teixeira Lopes—os dois premios hors-concours da Grande Loteria de Arte—aos mais modestos e obscuros, como esses dois simpaticos moços, Luiz Marcolino e Altino Maia, que, com requintes de humildade, nos vieram trazer as premicias dos seus prometedores talentos—todos, grandes e pequenos, ouviram o pregão e, não curando do preconceito, pondo de banda simpatias ou antipatias, não lembrando velhas testilhas, nem evocando recentes afagos, todos, pequenos e grandes, como Artistas e por amor da Arte, concorreram à «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, trazendo ou mandando ao «Primeiro de Janeiro» o melhor que tinham e o melhor que sabiam fazer, tendo, todos, a antecipada certeza de que seriam recebidos com o mesmo agradecimento e fazendo, todos, quanto podiam para honrar o seu nome, honrando a Arte Portuguesa.

✲

E agora, enquanto não chegam os retardatarios e sem parar à espera seja de quem fôr, vamos tratar, pelas vias competentes, da cooperação da Camara Municipal do Porto na transformação do velho, triste e engradado Jardim de S. Lazaro, no livre, risonho e bem-assombrado Jardim dos Artistas onde se levantem os trez singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, a Henrique Pousão e a Artur Loureiro—e aos mais que atraz deles vierem e da Arte o bem-merecerem—organizando-se a Grande Loteria de Arte, com todos os requesitos legais, para por ela se sortearem todos os trabalhos com que os Artistas Portugueses, generosa e patrioticamente, concorreram para a consagração dos trez Mestres da Arte Portuense—Loteria para que, para honra do Porto e para honra de Portugal, se habilitarão todos os portuenses e todos os portugueses, que, como bons tripeiros e bons lusiadas, amando a terra em que nasceram, amem a Arte Portuguesa...

E, então, temo-las travadas e vai ser obra, porque terão de se calar estes pregões de Arte, para começar, em pregão de canteleiro, com o classico «AMANHÃ ANDA A RODA!... QUEM ACABA O RESTO?!» que vai secar muitas quelas e dar agua pela barba a muita gente boa...

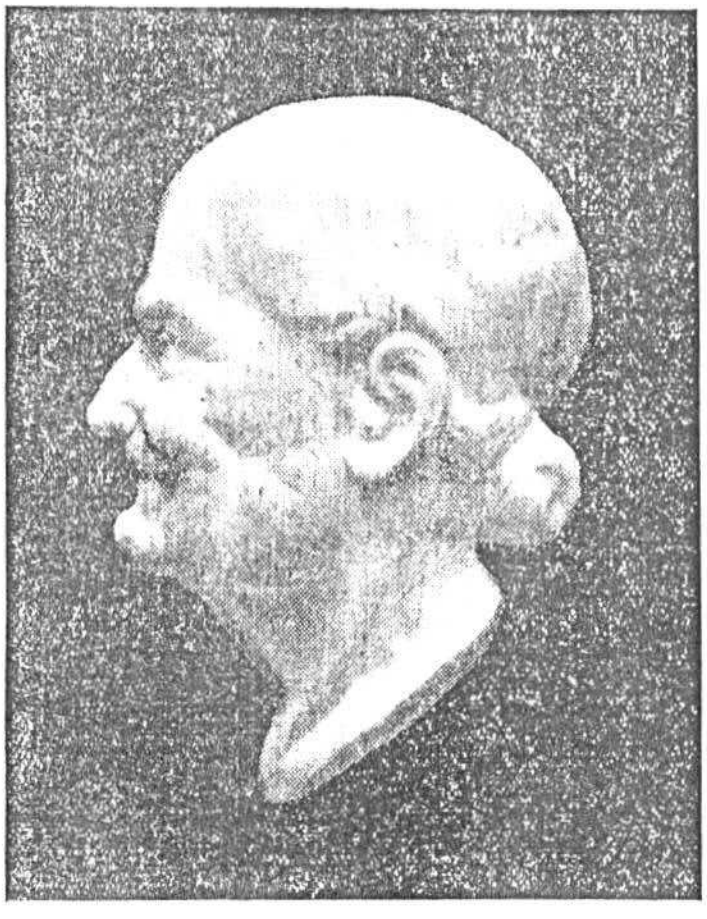
BRAZ BURITY.

2 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



CABEÇA DE VELHA — Alto relevo em marmore de José Fonseca

Damos hoje a reprodução da «Cabeça de Velha», alto relevo em marmore, trabalho valioso e ilustrativo com que o conceituado artista José da Fonseca, exulta de facil merecimento e artista de sciencia facilidade, offereceu generosamente para a secção de escultura da Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo producto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro.

Trabalho honesto e de apreciavel effeito «A Cabeça de Velha», de José da Fonseca, é uma prova interessantissima da individualidade artistica de quem a modelou no barro e cinzelou de mão de mestre com carinho e enlevo, em sympathia e intimidade, procurando dar com arte a expressão exacta da Vida, passada á pedra, com as rugas vincadas do modelo, um pouco de tristeza e entre as culturas que ephemeram a Grande Exposição dos Artistas Portuguezes a de José da Fonseca tem brilho proprio e vivo ...

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



JOSE' DA FONSECA

Damos hoje logar na vasta galeria artistica de «O Primeiro de Janeiro» ao retrato do artista sintrense José da Fonseca, escultor de merecimento, com a sua reputação feita no sul do Paiz e que o Norte pouco ou nada conhece, mas que se impõe entre os artistas que em Portugal trabalham a pedra, pela consciencia, laboriosidade e honradez dos seus processos artisticos—fazendo o que sabe, o que pode e lhe ensinaram a fazer com amor pela sua arte e com respeito pelo seu nome, procurando acertar, procurando sempre, fazer melhor e mais perfeito.

O valioso marmore *Cabeça de Velha*, que ontem reproduzimos em gravura e que generosamente José da Fonseca ofereceu para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo producto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, é uma prova do valor artistico de José da Fonseca e marca o seu logar entre os artistas probos que com probidade fazem da escultura o seu modo de vida e o seu ganha-pão.

4-9-34

5-9-34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



PAISAGEM DE LARBERCO

Damos hoje a reprodução da interessante tela **Paisagem de Larberco** que o artista pintor Abel Mendes, nome que começa a marcar e a distinguir-se entre os modernos paisagistas nortenhos, ofertou gentil e generosamente para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses.

A **Paisagem de Larberco**, é uma bela manifestação das faculdades artísticas de Abel Mendes, que honrando a Escola de Belas Artes do Porto, onde foi louvado como aluno, no magistério livre de desenho, ocupa por direito de conquista um lugar de destaque e relêvo.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realisar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato do distinto pintor paisagista Abel Mendes, que bizarra e generosamente ofertou para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro—a bela tela *Paisagem de Larouco* (Bacroso), que ante-ontem reproduzimos no «Primeiro de Janeiro».



Abel Mendes

Abel Mendes, que durante o curso de pintura na Escola de Belas Artes do Porto vincou sempre a sua personalidade com as mais altas provas escolares, revelando magníficas faculdades de colorista e de desenhador, tem vindo pela vida fora, cultuando sempre a sua Arte e cultivando o seu talento, sendo, adentro da sua geração, um dos artistas que mais trabalham e mais se afirmam, sem grandes espalhafatos de publicidade, sem extravagancias de concepção, pisando com cautela o seu caminho e avançando com honestidade na senda dos verdadeiros artistas, que sabendo desenhar e sabendo pintar, a desenhar e a pintar ensinaram o que Abel Mendes hoje ensina, como professor livre de desenho e de pintura.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,



«SOUTO ALENTEJANO»
Oleo de *Abel Santos*

Reproduz hoje o *Primeiro de Janeiro* um dos mais belos trabalhos oferecidos para a «*Grande Exposição dos Artistas Portugueses*», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

O *Souto alentejano*, generosamente oferecido por Abel Santos, honra a rubrica deste ilustre e simpatico artista e confirma, brilhante e decisivamente, a sua solida reputação de paisagista forte e vigoroso, de pincelada larga e desenho firme, vibrando com sentimento a alma da paisagem e dando com mestria o colorido e a luminosidade da Natureza. E' em toda a parte, sugeito a todos os confrontos, a todas as visinhanças e a todas as comparações, uma verdadeira obra de arte, um belo quadro e uma sólida pintura, e, marca, esteja onde estiver, o logar de realce e de destaque de Abel Santos, que entre os melhores dos melhores discipulos de Mestre Carlos Reis já é e será sempre um verdadeiro artista, um belo paisagista e um sólido talento de pintor.

9 - 9 - 34

11
9
34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Abel Santos, o moço e galhardo artista, cujo retrato honra hoje o «Primeiro de Janeiro» é o autor do belo quadro *Souto alentejano* cuja reprodução demos em gravura e que, certo, pelo seu merecimento, pela sua beleza e pelo seu intrinseco valor será um dos mais aliciantes premios da *Grande Lotaria de Arte*, destinada á consagração de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, nos trez monumentos a erigir-lhes no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.

Abel dos Santos, que enfileira, com brilho e realce, na aguerrida falange dos discipulos de Mestre Carlos Reis, acatando-lhe as lições, admirando-lhe a obra, respeitando-lhe o talento, procurou sempre, como Artista, caminhar pelo seu pé, desenhar com os seus lapis, pintar com as suas tintas e crear, em Arte, uma individualidade propria, uma technica sua e uma obra



Abel Santos

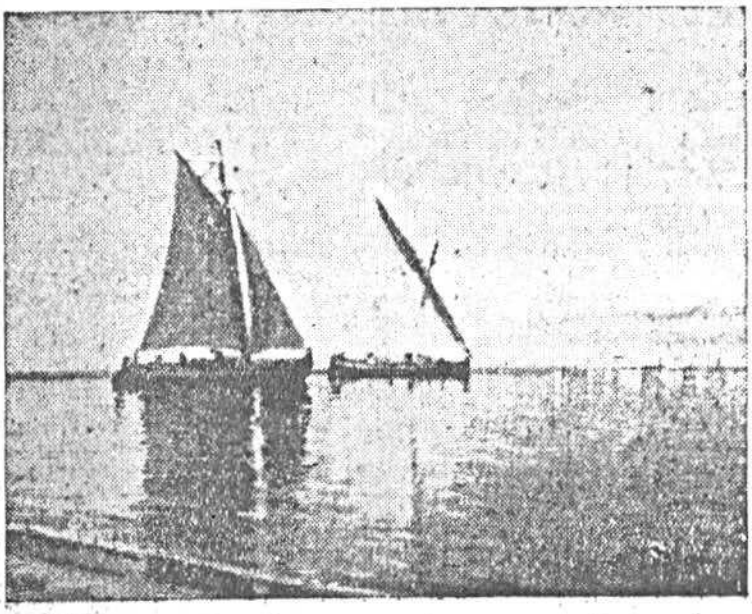
original e personalissima:—é dos que, por uma questão de higiene artistica, preferem o seu pequeno copo aos copazios dos camaradas e dos mestres.

Cheio de talento e de força, se não é, como por direito proprio poderia ser, uma das figuras marcantes das exposições e certamens do Grupo Silva Porto, é, em compensação, para ganhar a vida, um dos mais activos e prestigiosos pioneiros do ensino artistico em Portugal, e a sua obra, na Escola Industrial de Portalegre, como mestre e como organisador, é alguma coisa de grande e de notavel, que, absorvendo-lhe, quasi por completo, o tempo e cortando-lhe bem cerce, os movimentos, só de raro em raro lhe tem deixado aparecer nos salões de Arte, onde, quando aparece, os seus trabalhos—como o belo e sugestivo *Souto alentejano*—o impõem como um verdadeiro artista e o consagram como um dos mais fortes e talentosos paisagistas da nossa terra e do seu tempo.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



«MEIO DIA, NA BAÍA DE CADIZ»

(Oleo de Emilio Velo).

Damos a reprodução duma bela marinha, «Meio dia na baia de Cadiz», oleo cheio de luz e de côr, solido de desenho, explendido de composição que, sendo a valiosa e gentil colaboração de Emilio Velo, artista espanhol, para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, tem, além do seu real merecimento artistico, o interesse especial de focar um palpitante problema de arte:— podem ou não podem os artistas espanhois, residentes em Portugal, concorrer com os artistas portugueses a uma exposição cujo produto se destina á consagração de três grandes e gloriosas figuras da Arte Portuguesa?

Aceitamos e agradecemos a colaboração artistica de Emilio Velo, porque, o seu amôr á terra portuguesa onde vive e onde ha tantos anos trabalha, há muito, lhe dá fóros de artista português—e, excluí-lo dum certamen em que se honram e consagram três artistas portugueses, seria, além duma desprimorosa ingratidão, uma estupida e revoltante incoherencia, porque, entre portugueses e espanhois—com igual honra para ambas as partes—havendo, politicamente, duas pátrias, inconfundiveis e indestrutivas na sua estrutura e na sua independencia, há, apenas, uma Arte, como há só uma terra-mãe—esta santa e linda terra, beijada pelo mesmo mar, iluminada pela mesma luz, coberta pelo mesmo céu, em que todos nascemos e em que falando todos, quasi a mesma lingua, todos, portugueses e espanhois, somos irmãos.»

12 - 9 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



EMILIO VELO

Abrilhanta hoje a vasta galeria artistica do «Primeiro de Janeiro», o retrato do ilustre pintor espanhol Emilio Velo, que generosa e gentilissimamente ofertou a sua preciosa marinha «Meio dia, na baia de Cadiz» que ontem reproduzimos em gravura, para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Emilio Velo, nado e criado para lá da raia minhota, da outra banda do Guadiana, é, há muito, pelo seu entranhado amôr a Portugal, á Arte e ás coisas portuguesas, um artista, artisticamente tão português, tão nosso pelo talento e pelo coração, como o mais português dos artistas portugueses—e o seu belo e espontaneo gesto de vir ofertar, para a consagração de Silva Porto, de Henrique Pousão e de Artur Loureiro um trabalho seu e do alto valôr e do alto merecimento da explendida marinha «Meio-dia na baia de Cadiz»—é a melhor e a mais frisante das provas, que, Emilio Velo poderia dar do seu encendrado portuguesismo.

E a Arte Portuguesa só se honra e só tem a lucrar, incluindo entre os artistas portugueses de vocação e de talen[illegible], o nome de Emilio Velo—um belo temperamento de artista em Portugal, em toda a Espanha e em toda a parte onde se apresente e onde trabalhe.

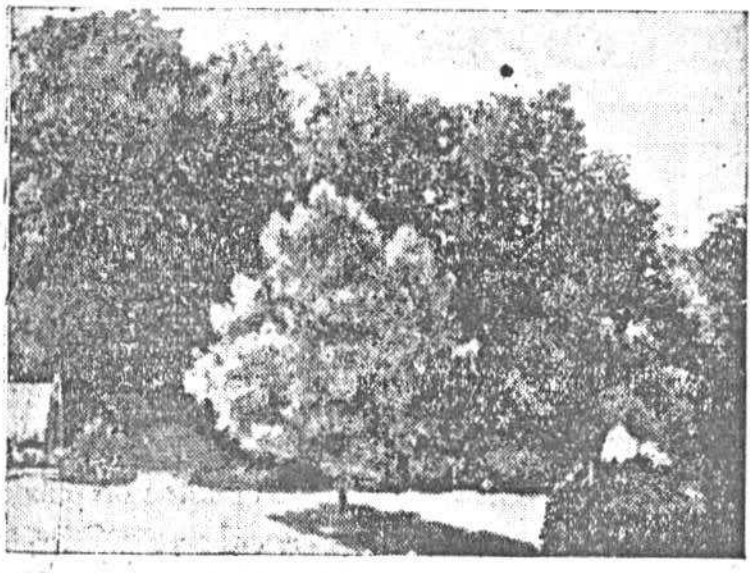
13 - 9 - 34

14-9-1934

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



«TARDE DE CALOR» — «JARDIM DUM INGLEZ»

(Oleo de MANUEL LUCIO)

A *Tarde de Colar—Jardim dum inglês*», tela interessantissima, de factura larga, tecnica segura, é, na sua côr talvez propositadamente crua, uma bela afirmação do talento pictórico de Manuel Lucio, o discipulo amado de Mestre Artur Loureiro, a cuja consagração Manuel Lucio entusiasticamente aderiu enviando êsse seu valioso trabalho para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salõesde «O Primeiro de Janeiro»

Manuel Lucio, o autor da sugestiva tela «Tarde de Calor-Jardim dum Inglês» que ontem publicamos em gravura e que constitue um dos aliceantes premios da «Grande Lotaria de Arte» cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, se não tem, de facto, praça assente entre a luzida falange dos artistas profissionais, é, como amador de Arte, cheio de talento, de vigor e de originalidade, um nome que se impõe e um valor que marca como discipulo amado do



MANUEL MARIA LUCIO

velho mestre Artur Loureiro, que por Manuel Lucio manteve até á morte, com uma amizade profunda, uma viva admiração pelos seus trabalhos, sempre repassados de sinceridade e tocados sempre, com frescura e com uma tecnica perfeita.

Manuel Lucio, conhecendo todos os segredos do «metier», desenhando com aprumo, colorindo com vigor, pastelando ás vezes, com levesa e pontilhando, quando calha, com brilho, é, na Arte Portuense, uma individualidade, uma força, um nome e, não sendo um profissional, tem atraz de si uma obra, que muitos artistas lhe poderão invejar.

E' alguem—e alguem com que em Arte se póde e se deve contar.

15-9-34

Pregões & Predicas

EZEQUIEL PEREIRA

Um Mestre-paisagista que paisaja e não vende e um pintor alfacinha que pinta e não expõe, e que sendo um dos maiores pintores portugueses, chegou perto dos 70 anos, quasi desconhecido em Portugal

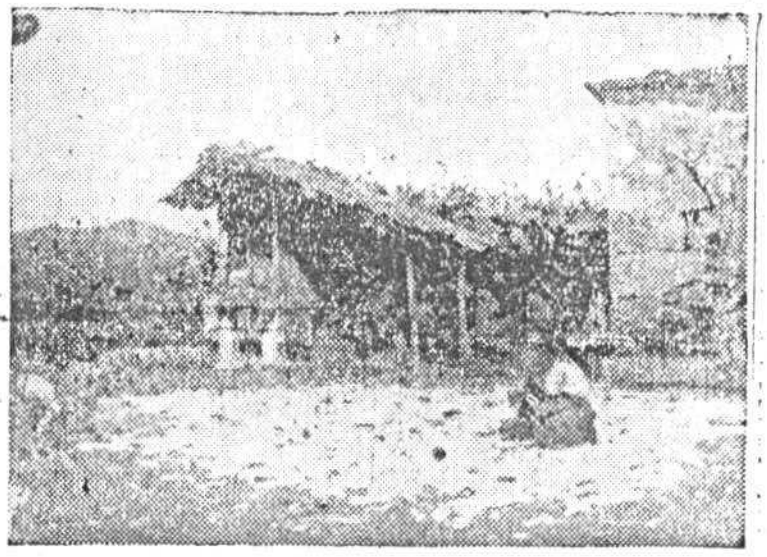
No meu arreigado e entusiastico culto por Silva Porto, o maior e mais glorioso dos artistas portuenses, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o Mundo, é o mais belo, o mais forte, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português dos pintores portugueses—de há muito, me afiz a admirar em Ezequiel Pereira, discipulo e companheiro dos ultimos anos de Mestre, o privilegiado herdeiro da sua paléta, o avaro detentor da sua técnica, a lidimo e genuino representante da sua Arte, o directo e luminoso continuador da sua obra de paisagista, pitórica, estrutural e racicamente português.

E' pois, velha de muitos anos, a minha profunda e viva admiração pelo talento de Ezequiel Pereira, e tem cabêlos brancos a minha testaruda teimosia em considerá-lo—a-pezar das suas reclamações e protestos, da sua apagada e voluntária obscuridade, e, sobretudo, da sua renitente e criminosa indiferença por todas as fugases glorificações artisticas e mundaneiras—como um dos mais belos, dos mais fortes, dos mais perfeitos, dos mais admiráveis e dos mais portugueses dos pintores de Portugal, sendo, como é, com personalidade propria, com temperamento seu, com funda e vincada originalidade, a dentro da formula paisagista de Silva Porto, o maior e o melhor dos mestres, que hoje tratam, em mestres, a paisagem portuguesa.

Sempre que tenho de falar dos outros artistas da sua geração—rendendo preito e homenagem a Mestre Carlos Reis que, em Arte, cosmopolitando-se, se desportugalisou, sendo, na paisagem mais Sorolla que Silva Porto—procuro, de raspão e por incidente, nunca deixar de falar em Ezequiel Pereira, e, porque ninguém dêle fala, e êle tão pouco de si dá que falar—vou agora despejar o saco e desta feita, falando só dêle, vou dizer tudo quanto sei e quanto posso nos limites elásticos destas enfadonhas prédicas e destes estiraçados pregões, nanja porquê, Ezequiel Pereira, por si e pela sua obra, não dê mais pano para mangas, mas porque, falando só dêle—da sua obra, mais e melhor do que eu, há-de ela própria falar, impondo e marcando o prestigioso lugar de Ezequiel Pereira na Arte Portuguesa e na Paisagem Contemporanea, quando—após a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», onde Ezequiel Pereira começára a tomar contacto com o grôsso publico, mostrando quanto pode e quanto vale, com êste formidável naco de grande, sólida e boa pintura que é «Eira Minhôta»—que, a refunfunhar e pôr-lhe defeitos, Ezequiel me deixou destacar e trazer, como a sua cooperação artistica para os três monumentos a erigir a Silva Porto, Loureiro e Pousão no Jardim dos Artistas em S. Lazaro—se faça ao publico do Porto, a todo o publico português a estupenda e inesperada revelação dum grande pintor, dum belo paisagista, dum admirável artista, que, roçando pelos setenta anos e tendo feito da pintura, desde môço, o seu oficio e a sua religião, cultuando a sua Arte, com enexcedivel carinho e com rígida probidade, com originalissimo talento e com a encendrado devoção pelo Mestre que o gulou e ainda o fascina—é, para o grôsso do publico, quási um desconhecido e um ignorado, chega, para muitos, a ser um anónimo, só não sendo, para raros apenas, um João Ninguém, neste canteiro ubérrimo das Celebridades Artisticas da Nossa Terra, onde todos se conhecem, todos se notabilisam, todos andam nas bôcas do Mundo e nos galerins da Fama, tutejando a Glória, beijocando a Imortalidade, dando cartas e dando leis, fazendo a chuva e o bom tempo, pintando todos a manta e chegando alguns, ás vezes, até ao supremo imposto de pintarem e venderem quadros.

E isso há-de fazer-se...

E, fazendo-se—da Arte de Ezequiel Pereira falará, ruidosa e triunfalmente, muito em breve, queira ou não queira êle—a Exposição da sua obra.



«EIRA MINHOTA»

(Oleo de Ezequiel Pereira)

Dêle — porque o conheço há longos anos e há longos anos o admiro—mais em desabafo do que em pregão, vou falar-lhes agora.

Roça, como disse, pelos setenta anos—com mais seis na mochila do que eu, há meses, sessentão.

Esguio, esbelto, desempenado, umas barbichas niveamente brancas e que foram desavergonhadamente loiras, enquadram a mancha rosada da sua tez sanguínea, quási britânica, a que uns olhitos felinos, vivos e lascivos, ainda gaiatos e já quási piscos, dão hoje, como há quarenta anos davam, cintilações de talento, de bonomia, duma alegre, risonha e eterna mocidade.

Nado e criado em Lisboa, em plena Baixa-Alfacinha, entre a Madalena e S. Julião, gandaiado, curado e curtido pelas imediações da velha Escola de Belas Artes, em S. Francisco da Cidade—Ezequiel Pereira é de raiz e sangue de alma e temperamento, de feitio e feição, um artista lisboeta, visceral e profundamente alfacinha, como Mestre Artur Loureiro, portuense do Bonjardim, foi, sempre e em toda a parte, mesmo nos trint'anos de homisio australiano, um artista racica e arreigadamente tripeiro...

Nanja de Ezequiel pinte Lisboa, como Mestre Loureiro se deliciava a pintar, em rosa, rosados pedaços do Porto; mas, porque, amando e sentindo Lisboa, conhecendo-lhe todos os encantos e todos os recantos, Ezequiel vive em Lisboa, ama Lisboa, sente-se, em Lisboa, como um peixe na água, e, das alturas do seu quinto-andar, nos altos de Campo de Ourique—como pardal alfacinha nas ramarias altas das árvores do Loreto,—indiferente a todo o bulicio, alheio a toda a agitação, estranho a todos os lios, avêsso a todas as ambições, que refervem e turbilhonam, cá baixo, no lamaçal da urbe, enchendo os pulmões com os ares lavados de Monsanto, encharcando a alma com a briza salina que rara é a tarde que da Barra não sopra e não refresca, do Castelo á Estrela, as sete-colinas da Cidade—Ezequiel, chilreante e independente—como toda a passarada lisboeta nos arvoredos citadinos—na calmaria pacata e serena do seu lar, sem filhos, sem achaques, sem ralhos, sem nuvens e sem contas da modista, Ezequiel, que nunca foi rico e nunca sentiu comichar-lhe a querença de deixar de ser pobre, deixa correr o marfim e deslizar a Vida, na lazeira alfacinhissima da sopinha, vaca e arroz de cada dia, tarifada e garan-

tid, sem extras nem sobremesas, na meigueira burocrática do ordenado que ao fim do mês pinga das suas cadeiras na Escola Industrial de Alcantara e que, dando-lhe, parcamente, com conta, pêso e medida, para viver sem vergonhas do Mundo, ensanchas e largas lhe dá, para se estar nas tintas,—não como pintor que das tintas podia fazer quadros e dos quadros fazer dinheiro, como o macaco de Angola, que do rabo fez sardinha e da sardinha fez viola, mas, como Artista, profundo, estrutural e viceralmente alfacinha, que da Arte faz um culto e do alto da sua Arte, faz para o Mundo e para as suas glorias mundaneiras, o que, dês'que o Mundo é Mundo e em Lisboa há passarinhos, passaros e passarões alfacinhas, toda a passarada lisboeta das ramarias altas do arvoredo faz, cá pra baixo, independente e chilreante, sôbre os homens e as coisas, sôbre as mais venerandas pedras e as mais veneráveis celebridades arruadas na Baixa, arraçoadas no Terreiro do Paço e pagas, espalhadas e gramadas por Portugal inteiro...

Ezequiel conciso do seu valor, senhor do seu nariz, dôno dos seus pinceis, contente consigo e patrão de si mesmo, sem eira nem beira, certo e seguro que há-de morrer de velho porque não tem onde caír morto, sabe de certeza, certa, matemática, absoluta, que, quando lhe der na môsca, quando calhar e estiver para isso, desce ao povoado e sem abrir loja, sem pôr taboleta, á fôrça de talento e á fôrça de unhas, com o que, em rapaz, aprendeu com Silva Porto e com o que, na obra de Silva Porto, tem ido aprendendo depois de êle morrer, sem freimas, sem canseiras, com tranquilidade e com socêgo, com honestidade e com limpeza, virá desbancar e a passar a perna, na sua Arte de Pintor, aos que, em Artes, pintando a manta, e, com honras e proveitos metem a pintura no saco, lambendo-se e pintando-se por toda aquela mofina Lisboa, que êle, um dia, ainda se há-de pôr a pintar, porque Lisboa se lhe entranhou nos cascos, lhe bailia nos olhos, se lhe filtrou no sangue, se lhe adelgaça nas carnes, e, enchendo-lhe as barbas de brancas, como uma tunsura, lhe imprime caracter e lhe norteia o destino—como unica paixão forte, viva, arreigada e profunda, que, filando-o no berço, o levará á tumba, em artista alfacinha, nado e creado, pela Arte, em Lisboa, em plena Baixa, entre a Madalena e S. Julião, gandaiado, curado e curtido em todas as malas-artes alfacinhas pelas imediações e redondesas lisboetas da velha Escola de Belas-Artes de S. Francisco da Cidade...

Guiado nos primeiros passos, ainda, pelo velho Anunciação, que desenhava como gente e o obrigou, logo de principio, a desenhar como um homem, Ezequiel Pereira foi dos primeiros discipulos de Silva Porto, apenas êste, vindo do Pensionado em França e Italia, começou a reger a Cadeira de Paisagem que a morte de Anunciação deixára vaga.

Mestre e discipulo entenderam-se, acamaradaram e, tendo confraternizado em estreitas intimidades de Arte, ligaram-se, na vida, como dois irmãos—ambos despidos de ambições, ambos enconchados em si mesmos, fazendo ambos Arte pela Arte e deslumbrados ambos pela Natureza, estonteados, igualmente, os dois, pela luminosidade dos ceus, das águas, das árvores de toda esta luminosa e linda e santa terra portuguesa—um, sentimental e melancólico, no seu ancestralismo minhoto e na sua tára morbida de achacado do Ideal e da tisica; outro, rebileiro e cábula, na sua idiosincrasia alfacinha e no seu vêzo lisboeta de gozar a vida sem canceiras, com as carnes rijas, os musculos de aço, uma saude de ferro e aferrado á sua tineta de que de vagar se vai ao longe e em Pintura, como em tudo, quem se cança morre cêdo.

Ezequiel, ainda aluno da Escola, expôs uma tabuita ao lado dos quadros do Mestre:—a Rainha D. Amélia notou-a, fitou-a, mandou comprá-la no dia seguinte, e tanto dela gostou, que, tendo comprado depois outras, havia vários Ezequiels pelos Paços Reais e alguns, certo, voltarão a Portugal no espólio legado pelo Rei D. Manuel.

Ao saír da Escola, não havendo concursos para o Pensionado naqueles anos mais chegados, arranjaram-lhe uma mesada de sessenta mil reis, que o velho Aires de Campos lhe pagou, dois anos, em Paris, onde Ezequiel, já acamaradado com o Conceição e Silva, de quem veio a ser cunhado, foi topar com o bom do Antonio Ramalho, subsidiado pelo Marquez da Praia, e com êle arranchou, p'rá vida e pr'á morte, ligados por estreitos e indessoluveis laços de talento e de corçação, de temperamento e de feitio, um tantino pela bohémia de ambos e, talvez, muito, pela mandria dos dois...

Para Coimbra, ao Aires de Campos, mandou Ezequiel, de Paris, os quadros célebres que, no Leilão Ameal foram disputados, com calor e pecunia, pelo José Relvas e pelo sr. Honorio de Lima e que tendo pago, com capital e juros, todas as despesas do Pensionado, hoje estão no Museu do Solar de Patudos e no estranho e vedado Museu de Maravilhas, que, não sendo, positivamente, o Museu Nacional das Artes Contemporâneas, é, nas mãos largas e inteligentes de quem o creou, o organisa e lhe chama seu, o mais belo, rico e seleccionado Museu de Arte com que o Porto se honra e de que todos nós que em Portugal nascemos, honrando o seu dôno, honrando-nos, nos podemos orgulhar.

Na volta de França, bohemiando por Coimbra e Condeixa uma vaga e infindável decoração do Palacio Ameal—que nunca chegou a ser decorado—tudo quanto Ezequiel pintou anda por aí, disperso e aferrolhado, pelas mais requintadas galerias particulares—onde um quadro de Ezequiel, tela de cavalete ou tabuita de pochade, esteja onde estiver, é sempre—em apoteótica glorificação da Escola, da Paisagem e da técnica de Silva Porto—uma obra personalissima de Ezequiel, sendo, entre todas as visinhanças, uma obra de destaque e de realce, sempre cheia de luz, cheia de graça, cheia de vida, cheia de côr, dando a alma da paisagem e vibrando na tela todo o portuguesismo da paisagem portuguesa.

...E o resto que é o mais e o melhor fica de remissa para a outra vez.

.....

E, ao fazer desta, Ezequiel Pereira, gaio e lampeiro, num encantador e encantado recanto do Alto-Minho, a escorropichar a derradeira quinzena das férias escolares, está a paisajar, sem freimas nem pressas, umas horitas pela manhã, umas horitas pela tarde, quando o sol vem de nascer, quando o sol vai apagar-se, procurando efeitos de luz, espoinhando efeitos de côr, com calma e pachorra, com socego e descanso, com serenidade e pausa, como se fôra ainda um rapaz de sangue na guelra e tivera diante de si—velhôrro de barbichas brancas—toda uma longa e larga vida para cultivar e florir a sua Arte, para crear nome e adquirir fama, para se celebrizar e se cobrir de gloria, como discipulo e companheiro dos ultimos anos de Silva Porto, como privilegiado herdeiro da sua paleta, como avaro detentor da sua técnica, como lidimo e genuino representante da sua Arte, como directo e luminoso continuador da sua obra de paisagista—como um dos mais belos, dos mais fortes, dos mais perfetos, dos mais admiraveis e dos mais portugueses dos pintores de Portugal, sendo, como é, com personalidade propria, com temperamento seu, com funda e vincada originalidade, a dentro da formula paisagistica de Silva Porto, o maior e melhor dos mestres que hoje tratam, em mestres, a paisagem portuguesa...

Mas, a roçar pelos setent'anos,—com mais mochila do que eu, há meses sessentou—não há remedio senão ir donde a êle esta semana, a vêr o que êle tem feito, o que por lá faz, como aquilo por lá vai e que geitos leva—e como de Ezequiel Pereira ainda há muito que dizer e pouco ou nada hoje lhes disse—depois de o vêr e de o amansar—bravo como as coisas bravas, escamado como uma barata, como, certo, vou encontrá-lo pelo pouco que dêle levo dito—sempre, domingo, lhes direi o resto, que é o mais e o melhor e que, com bravuras e escamações, vai ser o bom e o bonito.

BRAZ BURITY.

16 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



Mestre Teixeira Lopes, no seu atelier, junto de «A Decrepitude», o maravilhoso estudo em pedra portuguesa, que constitui um dos 1.os premios «hors concours» de A Grande Lotaria de Arte.

Damos hoje o instantaneo colhido pelo repórter fotografico de «O Primeiro de Janeiro» no atelier do Mestre Teixeira Lopes. O Mestre Estatuario junto do maravilhoso estudo em pedra portuguesa, «A Decrepitude», o explendido e valiosissimo trabalho com que o Mestre concorre, generosa e brilhantemente, para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, e que, com o «Casal da Felizarda» a magistrosissima paisagem de Mestre Carlos Reis, será «hors concours», os dois primeiros premios da «Grande Lotaria de Arte», cujas bases publicaremos brevemente e que, certo, vão causar o mais vivo e ruidoso sucesso.

A «Decrepitude», de Mestre Teixeira Lopes, estupendo baixo relêvo de tres infelizes, macerados pela angustia, vincados pela miseria, é todo um pequenino poema em pedra, em que palpita a Alma do Artista e refulge todo brilho artistico que o seu talento, como ninguem, sabe vincar na pedra. E' uma verdadeira e autentica obra-de-Arte — exemplar unico, que, nas mãos felizes e abençoadas de quem, pelo sorteio, lhe venha a chamar seu, além do seu inapreciavel valor de muitos contos de reis — porque, da «Decrepitude», de Mestre Teixeira Lopes, se pode dizer, com razão e justiça, que vale quanto pesa.

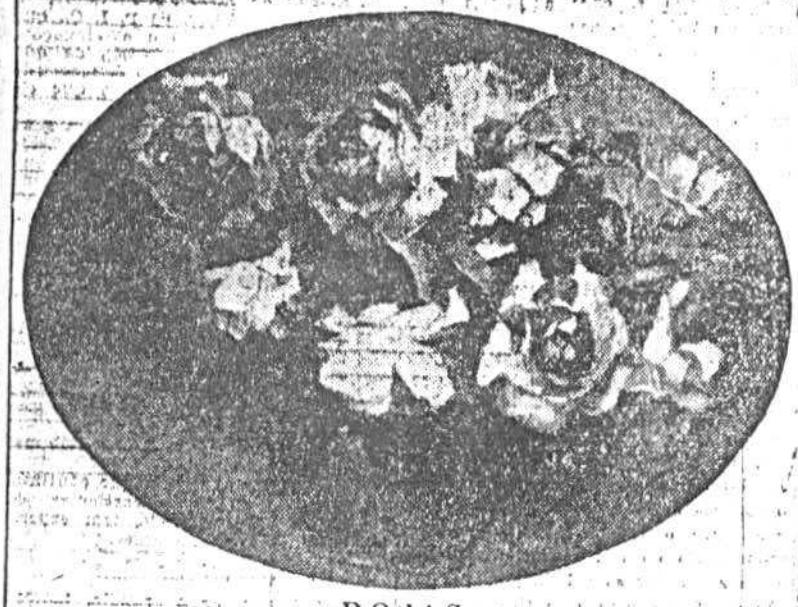
Mestre Teixeira Lopes, sempre grande, sempre generoso, grande artista e grande coração — brilha, «hors concours», na «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», no logar de honra que lhe compete e com a prova que do seu talento e da sua generosidade, da sua Arte e do seu coração era de esperar: primeiro entre os primeiros, sempre o maior entre os grandes.

18 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



«ROSAS»

(Oleo de Joaquim Costa)

Lindas de côr, lindas de modelação e de desenho as «Rosas» com que o belo artista Joaquim Costa professor da Escola Industrial Vitorino Damasio, em Lagos, concorre, generosa e brilhantemente para «A Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro—são, como encantador oleo, de factura larga e pincelada segura, uma bela afirmação de talento e marcam bem o lugar de Joaquim Costa—um nome que os centros artisticos nortenhos pouco conhecem—no realce e destaque que em todo o sul, ele tem conquistado á força de tenacidade e talento.

19 - 9 - 34

20 / 9 / 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

O môço e simpatico artista Joaquim Costa, que concorreu com o formoso oleo «Rosas» á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, sendo



Joaquim Costa

pouco conhecido nos meios nortenhos é, em Lisboa e em todo o sul um nome que marca e um valor que se impõe pelo seu talento forte e equilibrado de desenhador perfeito e de colorista vigoroso e original.

Na Escola Industrial Vitorino Damasio, em Lagos, Joaquim Costa tem exercido uma larga e fecunda acção e são já relevantes os serviços por êle prestados ao ensino artistico—sem que os deveres escolares o afastem da cultura da sua Arte e o roubem ao enebriante prazer de desenhar e de pintar, de modelar e colorir, com originalidade e com talento, os lindos pedaços da Natureza, que, sob o ceu alarvio, lhe saltam aos olhos e lhe falam á alma.

Pintor de nascença, artista de vocação Joaquim Costa tem diante de si um largo e risonho futuro e o seu belo quadro «Rosas» é já, sem favor, uma bela prova das suas faculdades e do seu talento.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro"



CASTELO DE OBIDOS — Aguarela de Braz Ruivo

Damos hoje a reprodução da linda aguarela *Castelo de Obidos*, trabalho despretencioso e de merito com que contribuiu para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, o simpatico e esperançoso artista santareno Braz Ruivo, que com talento e afinco procura abrir o seu caminho entre os artistas que em Portugal cultivam a Arte e da Arte fazem o seu culto, a sua paixão — e o seu modo de vida.

20 - 9 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato do simpatico artista santareno Braz Ruivo, que com generosidade e galhardia ofertou a sua sugestiva aguarela *Castelo de Obidos*, ontem reproduzida em gravura, para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Braz Ruivo é um novo, que cultiva



BRAZ RUIVO

a aguarela com desembaraço, manchando com leveza e desenhando com correção. Apaixonado pela especialidade artistica a que consagra todas as suas horas de folga e descanço, começou, ainda ha pouco, por ser uma risonha esperança para os que viram os seus primeiros trabalhos e começa a afirmar-se como invulgar vocação e como um artista que tem diante de si, se não esmorecer e progredir, um belo e risonho futuro.

Como frisantemente o demonstra no *Castelo de Obidos* a sua generosa contribuição para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses.

22 - 9 - 34

Pregões & Predicas

Ezequiel Pereira

Um mestre paisagista que paisaja e não vende e um pintor alfacinha que pinta e não expõe, ou, as edificantes teorias dum artista que sendo um dos maiores pintores portugueses, chegou perto dos 70 anos quasi desconhecido em Portugal



EZEQUIEL PEREIRA

(Lapis de Abel Salazar)

...**Pois afinal, tudo correu pelo melhor...**

Lá fomos donde a êle—áquele encantado e encantador recanto dos Arcos e, no alacre e pimpante engaste do risonho Hotel da Ribeira, êste verão armado em confortavel e acariciante escrinio de tôda uma larada de joias de Arte—lá o topamos, ao mofino Ezequiel Pereira—eu, o Abel Salazar, o Manuel Azevedo e o Adolfo Marques—galo a lampeiro, rebilsirante de actividade e juvencia, as barbas, desavergonhadamente, a aleirarem outra vez, os olhos mais bregeiros que há quarenta anos, apaparicado pela estalajadeira, nimbado de carinho por todo o seu bando familiar—e com quatro quadros prontos, dois em acabamento, e uma duzia de taboitas esgaçadas com alma, e manchadas com perfeição.

Pode, pois, voltar-se á carga, contar-lhes o resto, expôr-lhe as velhas e bizarras teorias de Arte, os antigos e patuscos planos de calaceirar setent' anos, para trabalhar dez e triunfar aos oitenta—e tendo-o deixado a gandaiar e a pintalgar, entre Coimbra e Condeixa, na boémia orfeónica do João Antunes e nas chalras artisticas do Quim Martins e de Mestre Augusto Gonçalves, há que segui-lo—ao Ezequiel Pereira, é claro—já revertido ao torrão natal e encrostado de vez no asfalto lisboeta, na tertulia celebre do Martinho, onde, em Artes, como ídolo, o Antonio Ramalho pontificava para o bando falscante e glorioso do Fialho, do Marcelino, do actor Ferreira da Silva, do D. João da Camara e do Coelho de Carvalho, marcando-lhe, em titulo de honra e atestado de laboriosidade, uma parte da decoração da Cervejaria Jansen, em que a fraternal camaradagem de Ramalho e de Ezequiel deu á Pintura Portuguesa—com copiosos bocks para ambos—com os seus motivos de Queluz, com os seus grupos de angelitos, musicantes e cervejentos, com os seus piculos medalhões baquicos pelas parêdes—todo aquele rendilhado milagre decorativo das sombrias abóbodas fradêscas—que, destronando, ao tempo, todas as Malas-Artes decorativas do Pereira Cão, são ainda hoje, por Lisboa inteira, o que, como sólida, e desenxovalhada amostra de Arte Decorativa, há de melhor e de mais mostravel na decoração portuguesa...

Assina-a Antonio Ramalho, que tomára conta da empreitada, mas, foi o próprio Ramalho, coitadito, que, no fim da vida, quando lá o levava ao bifezinho e ao bock de quási todos os dias, me ensinou a distinguir e a admirar, nos paineis, nas parêdes e pelos tetos, as pinceladas bastas e decisivas do Ezequiel—a desenrascá-lo de dificuldades, a livrá-lo de apuros, a tirá-lo de apertos—a fazer com que Santa Clara se não mudasse ali para o Tesouro Velho e estas obras do Jansen se não tornassem nas obras de Santa Engrácia.

❀

Foi, por essas alturas, que nos conhecemos e logo nos tutejamos, e foi, tambem, por êsses tempos, a perderem-se na pré-história de há quarent'anos, que Ezequiel, tendo concorrido a uma cadeira das Escolas Industriais e tendo casado com uma irmã do Conceição e Silva, pela primeira vez, me estarreceu 'com as suas bizarras teorias de Arte e com os seus inabalaveis planos de vida—em artista consagrado por um concurso oficial para mestre de desenho num estabelecimento do Estado e, em ex-boémio, penitente, regenerado, em pessoa séria, em chefe-de-familia, jungido, sacramentalmente, pela Estóla do Padre Prior á candura da irmã dum camarada, que, candida, tomou a si o encargo matrimonial de o socegar e lhe dar juizo—aturando-o e apaparicando-o a vida inteira, a admirar-lhe o talento, a alegrar-lhe o lar e a aturar-lhe as manias.

Ezequiel não deixou de pintar, mas não tornou a expôr—consagrou-se á sua escola, ao ensino, aos rapazes—primeiro, no Algarve, uns tempitos, nos Açóres, e, depois, há um rôr de anos, ali em Alcantara, onde os discipulos o adoram, os Mestres o veneram e as suas lições têem criado um alfôbre de artistas e de obreiros, que, em Arte, valem bem umas dezenas de obras-

primas—e essas, mostra-as, apregou-as, recomenda-as, impinge-as ao próximo e trata, ao fim do curso, de as emoldurar na vida, a dentro das suas vocações, das suas faculdades, das suas tendencias, no lugar próprio, no sitio adequado, na oficina competente,—fazendo o que sabem, ganhando o que podem, e, honrando sempre e em toda a parte ,Mestre Ezequiel, que os ensinou e os fez gente.

E continuando a pintar para seu uso e seu gôso, por capricho e deleite, duzias de maravilhosas taboitas, de menos de palmo pelo tamanho e de méio encanto pela luminosidade, pelo desenho, pela côr e pela vida—na Arte Portuguesa só comparáveis e semilares ás miraculosas taboitas do Pousão, no Museu Soares dos Reis—quando chegam as ferias escolares de Agosto e Setembro, amouchando-se com a mulher e a sobrinhada, pelos recantos do Algarve, do Alentejo ou do Minho, enveste, ao ar livre, com os quadros de cavalete—como essa estupenda «Eira de Val-de-Vez» que, de certo, vai ser uma das surprezas e uma das peças de efeito da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses.»

Taboitas e quadros, manchitas, impressões e paisagens—umas, em téla, outras em táboas—vai-as colecionando e guardando em casa—as télas enroladas, as táboas empacotadas, e, umas e outras, fechadas a sete chaves, pelas gavetas das comodas, num grande armário de guarda-vestidos—desde que, tendo aparecido pelos Leilões de Arte, em Lisboa, quadros seus, taboitas das suas, disputadas com calôr, pagas por alto preço, Ezequiel veio a descobrir, que a criada que cuidava, do atelier dum camarada, com quem êle ás vezes ia trabalhar, tinha por uso e costume, surroplar e pôr no prégo, o que lhe caia a geito e podia levar debaixo do avental...

Nunca se queixou á policia, e, no fundo, não se arrelíou...

Ele não o confessa, mas estou, até que ficou agradecido á ladra...—era uma forma geitosa, embora pouco lucrativa, de não ir esquecendo de tôdo, de ir alimentando o mercado, de ir vendo a escala ascendente da sua valorisação artistica — sem ter de córar, como uma damizela pudica, diante dos quadros, se lhe falam em lhos comprar—e sem ter de se justificar, entre lascarino e convicto, se á cara lhe atiram, com a sua aparente inercia, com o seu invencivel retraimento artistico, que, sabidas as contas, têem a sua pontita de mandria e os seus laivos de relaxação.

—Esperem pelo resto e contém tudo junto. Também foi moda chamar madraço e relaxado, ao pobre e bom do Antonio Ramalho, que se desunhou sempre a trabalhar, que trabalhou enquanto pôde, e que, quando a doença e a miséria o puzeram á margem, já tinha, em numero e qualidade, em tamanho e valôr,—mesmo medida a metro—uma obra tão grande ou maior dos que por aí passam por fecundos e incansaveis trabalhistas:—o pano de bóca do Teatro D. Maria, as decorações da Cervejaria Jansen, da Escada a Bolsa, do Hotel do Buçaco, da Escola Médica de Lisboa, do Museu de Artilharia e do Garcia de Rezende em Evora. Só decorações. Em quadros: «O Contrabandeiro» vale por si só toda a grande obra dum Mestre-Pintor. Ajuntem-lhe o «Atelier de Alberto Nunes», com uma centêna de paisagens, ultimas cenas de interiores, de retratos, de aguarélas e comparem, confrontem, com os «fa-prestos» que por aí pintam êste mundo e o outro, enquanto o diabo esfrega um ôlho—e deixem-me descançar pelos que trabalham... Deixem-me mandrar como o pobre e o bom do Ramalho mandriou. Esperem pelo resto e meçam e contém tudo junto...

E, afinal, vendo as coisas como elas são e não como êles as pintam, em Portugal, um pobre diabo que nasceu pobre, vive pobre e tem de ganhar, dia a dia, a bucha que come, os sapatos que calça e a camisa que veste, e, que tem, no sangue, a picá-lo a tarantula da paisajar, que aquece a alma, que ilumina a retina com a luz, com a côr, desta linda e ensolada terra Portuguesa—ou não sabe o que faz, ou não sabe o que poderia fazer, se fôsse rico e só paisajasse quando a paisagem portuguesa é paisajavel, com as doçuras, as suavidades, as delicadezas, as cambiantes e os detalhes das tonalidades brandes e limpidas da luminosidade maravilhosa, inegualavel, portuguesissima, da Primavera, cheia de verdes, brandos, meigos e tenros, do Outono doirado ,do Inverno frio, sêco e diáfano—daixando que se emborrachem na ssoalheiras estonteadoras, violentas e crûas, da luz escaldante do pino do Verão, os que paisajam á brocha, na lufa-lufa de pintalgar horizontes, fechados pelo luxuriante da vegetação, cenografando barrancos e casebres, oftalmicos de reflexos, leiras e regatos, ressequidos e deformados pelas incidências agressivas do sol, pelos brazeiros de luz, que queimam os primeiros planos, que fundem os valores, que confundem as linhas, que enabaralham e emborracham, em brutalismos de pincelada, em dissonancias de planos, em incongruências de desenho, as baralhadas barracheiras dos grandes azes contemporaneos.

E a fazer-se de modesto, de quem não quebra um prato ao escavacar o louceiro, justifica-se:—nanja porque valha muito ou possa de mais, mas, como ninguém na familia lhe morreu com menos d eoitenta anos, basta que comece a mostrar o que vale e o que pode, depois dos setenta—atingido pelo limite de idade, aposentado com o ordenado por inteiro, livre das aulas e dos exames, podendo ir, na Primavera, pintar para o Minho, paisajar no Outubro as Beiras e o Alentejo, ir no tempo das amendoeiras ao Algarve, nos nevões do Inverno á Serra da Estrêla—e ficando-se, regalado, em ancho sibaritismo alfacinha, em Lisboa — a terra mais temperada e mais frêsca de Portugal, na canicula do Estio, para quem sabe pela manhã aproveitar-lhe as sombras, gozar-lhe as brizas da Barra pelas tardes e fazer turismo citadino, de electrico, pela boquinha da noite—exactamente, quando, para aproveitar as férias, se faz a trouxa, se abala de Lisboa e se vêm por êsse país fóra, paisajar, o que, nem á mão de Deus Padre, é paisajavel...

Depois dos setent'anos, há-de vêr-se como Ezequiel, se deita ao trabalho, com ganas, com unhas e dentes, para quando morrer, ao fim de dez anos de canceiras, ter comido as papas na pinha aos que, por muito amanhecêr, não acordam mais cêdo do que êle, que de vagar vai ao longe e tão longe conta ir, que já se está a lamber tôdo, de alegria e de gôso póstumo, ao sentir-se pranteado nas gazetas, chorado nas Academias, enterrado pelos camaradinhas, como o Maior e Melhor de Todos.

Porque, verdade, verdade—o maior, como artista, não será porque os há muito compridos e muito grandes—tamanhões e tragalhadanças da Arte, que não sabe a gente como cabem em terra tão pequenina.

Mas o melhor—o melhor dos melhores—como homem, como cidadão, como português—não lhe ponham duvidas:—por fóra, para não passar por tôlo, uma cróstasinha de talento, a patinar, por dentro, um bloco macisso de bondade, de generosidade, de altruismo, de filantropia:—de liso, honrado e consciênte patriotismo!... Imaginem o que iria por êsse Portugal inteiro, se êle se punha a pintar e a vender o que pintava, a ser falado nos jornais, a ser disputado pelos fregueses, com uma bicha de discipulas ricas á porta, com um rôr de admiradores, a treparem ao quinto andar, a baterem-lhe ao ferrôlho, a obrigá-lo a ter guarda-portão, a usar luvas, a abrir loja, a engomar os colarinhos, a pôr tabuléta, e a trazer condecorações, com dinheiro nos bancos, cheques na carteira, contas de corretor na Bolsa, inquilinos a despejar nos predios, quintos com maus caseiros, trapalhadas de cambio, baixas de fundos e toda a miseravel angustia dos que, pôdres de ricos, tendo tudo, não chegam a saber o que teem...

E os outros, coitados, que não teem ordenado da Escola, que teem algumas mulheres e muitos filhos, que teem contas na mercearia, contas de automoveis, contas da modista, contas do sapateiro—os outros, que vivem do que pintam e do que vendem pintado—tinham de fechar as lojas, pôr trancas á porta, abrir falencia, mudar de terra e mudar de oficio...

E em vez dum mestre pintor, á espera dos setena anos, para começar a pintar em mestre paisagista, a paisagem portuguesa, Ezequiel Pereira—discipulo e companheiro dos ultimos anos de Silva Porto, o privilegiado herdeiro da sua paleta, o aváro detentor da sua tecnica, o lidimo e genuino representante da sua Arte, o direto e luminoso continuador da sua obra de paisagista, pitorica, estrutural e radicamente português, sendo, como já é, um dos mais belos, dos mais fortes, dos mais perfeitos, dos mais admiraveis e dos mais portugeses dos pintores de Portugal, com personalidade propria, com temperamento seu, com funda e vincada originalidade, adentro da formula paisagistica do Mestre, talvez não fosse, o maior e melhor dos Mestres, que hoje tratam, em mestres, a paisagem portuguesa, mas seria em calamidade nacional, em ferra-braz da pintura, o Degelador dos Inocentes, o Herodes dos pintores portugueses...

E até á data, dessa se tem livrado êle, e dessa se continuaria a livrar—se não fosse coisa certa e sabida, assente, resolvida e determinada—por quem pode e por quem manda!—que, a demonstrar-lhe o valor e o talento, todo o seu mérito artistico e todo o portuguesismo da sua obra, vincada e essencialmente portuguesa—a primeira bola a sair do saco, depois da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», a que Ezequiel Pereira já concorre, com a sua tela de Mestre «A Eira Minhota—Arcos de Val-de-Vez»—será a «Exposição de Pintura de Ezequiel Pereira», Mestre paisagista que paisaja e não vende, pintor alfacinha que pinta e não expõe e que sendo um dos maiores pintores portugueses, chegou perto dos setent'anos, quási desconhecido em Portugal.

BRAZ BURITY.

23 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



CARVALHOS DA INSUA (Rio Ave)

Oleo de JOSE' CAVADAS

Damos hoje a reprodução do belo óleo *Carvalhos da Insua* (Rio Ave) a sugestiva paisagem que José Cavadas, o simpatico e ilustre artista tirsense ofertou para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro. Trabalho honesto, cheio de sinceridade e de limpidez, como tudo quanto sai da paleta de José Cavadas, que ha anos vem marcando o seu logar na Arte Nortenha, como uma das mais belas vocações artisticas da sua geração e que, sem Escola e sem mestres, apenas guiado pela intuição e pelo seu amôr á Arte, tem avançado e progredido sempre. *Os Carvalhos da Insua*, são uma magnifica prova do seu valor artistico, da sua probidade profissional e do seu autentico e invulgar talento de paisagista.

23 - 9 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

José Cavadas, o artista que hoje ilustra a Galeria de retratos do Primeiro de Janeiro e que, á «Grande Exposição



José Cavadas

dos Artistas Portugueses» cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, de Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, concorre com a sugestiva paisagem «Carvalhos da Insua — Rio Ave» que no nosso ultimo numero reproduzimos em gravura—é um nome e um valor na moderna geração dos artistas nortenhos.

Desde a sua 1.ª Exposição no atrio da Misericordia, há uns dez anos, que, com interesse e simpatia temos acompanhado, com todos os amadores de Pintura, a sua marcha ascensional na ladeira ingreme da Paisagem Portuguesa. E com alegre satisfação se constata que são sempre seguros e certos os progressos e avanços de José Cavadas, que sem Mestres e sem Escolas, sem diplomas oficiais e sem outros guias além da sua intuição artistica e do seu Amor pela Arte, tendo começado a fazer, com unhas e talento, o que sabia e ninguem lhe ensinara, hoje sabe o que faz e já pode ensinar a muitos o que sabe fazer.

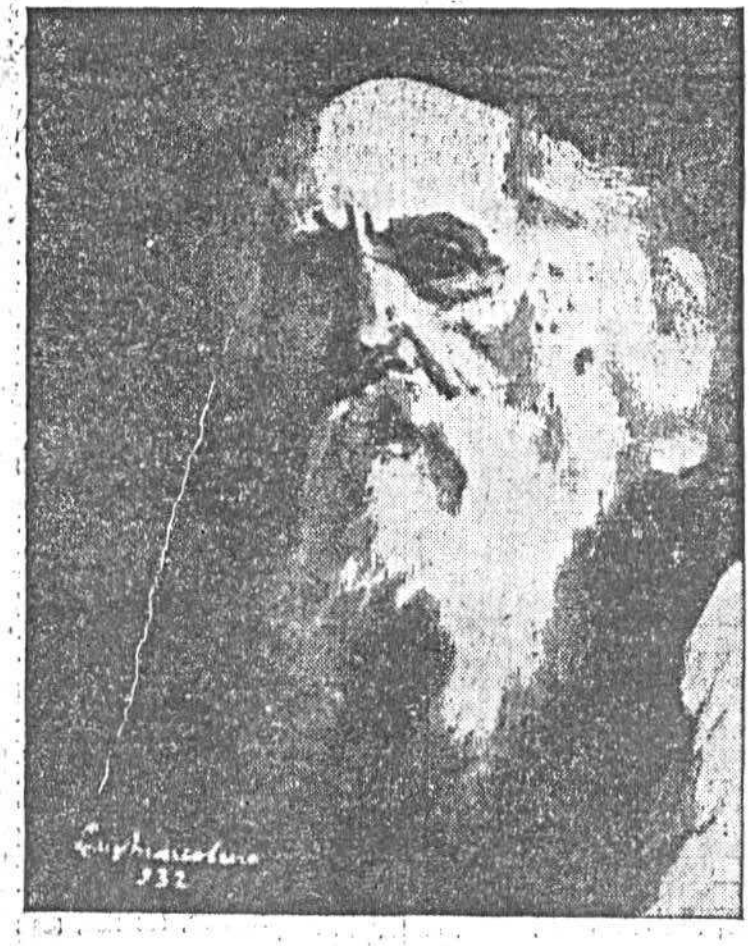
O PRIMEIRO DE JANEIRO

25 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



CABEÇA DE ESTUDO

(Oleo de Luiz Marcolino)

A «Cabeça de estudo», oleo de Luiz Marcolino, com todas as suas imperfeições de factura e ingenuidades de tecnica, é a estreia prometedora dum moço cheio de vontade, cheio de aspirações artisticas, que, desajudado de tudo e de todos, com um grande amor pela Arte, veio modestamente oferecer á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—o seu primeiro trabalho.

Outros começaram peor e muitos não chegam nunca a fazer tão bom:—Luiz Marcolino pela modestia com que se apresenta merece todas as simpatias e todos os incitivos para que insista, para que progrida, para que se aperfeiçoe e para que triunfe.

26 - 9 - 34

27/9/34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Cheio de humildade e de modestia, com acanhamento e timidez, Luiz Marcolino, o moço autor da **Cabeça de estudo** que ontem publicamos em gravura, veiu solicitar-nos que lhe aceitassemos a sua cooperação na **Grande Exposição dos Artistas Portugueses** cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro.



LUIZ MARCOLINO

Sem mestres, desagredado de tudo e de todos, desde pequenito que sente uma irresistivel vocação para a Arte e todos os momentos que pode roubar á luta quotidiana do pão para a boca, consagra-os Luiz Marcolino, quasi em extasi, rabiscando e garalujando, com lapis e pinceis, o seu sonho de Artista.

Cheio de vontade, anciado por aprender, desenha sem ter aprendido a desenhar, pinta sem ter aprendido a pintar—como sabe e como pode, como calha e como sai, sempre insatisfeito porque não realiza o que quer, sempre com vontade de fazer melhor para um dia conseguir o fazer bom...

A sua **Cabeça de estudo**, tem graves defeitos, mas tem a equilibra-la fundas e vivas qualidades—é qualquer coisa de forte e de solido, a que falta, como factura e como tecnica, força e solidez.

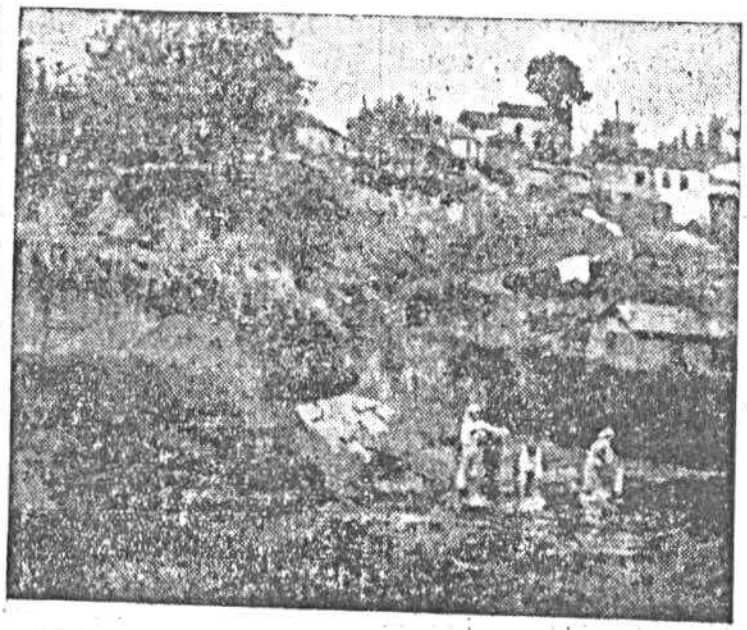
Alguem, que é em Arte um grande Mestre, viu a **Cabeça de Estudo**, e, reconhecendo nela belas qualidades inatas, traços prometedores de talento, uma vocação que sotcia, faculdades que procuram expandir-se prometeu-nos dar umas lições a Luiz Marcolino.

Ele que apareça e quem sabe se um dos grandes prodigios, desta **Grande Exposição dos Artistas Portugueses** que vai levantar no Jardim dos Artistas os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro — não será o de abrir caminho, de transformar em grande artista, esse pobre Luiz Marcolino, desagredado de tudo e de todos, que cheio de humildade e de modestia, com acanhamento e timidez, nos veiu pedir que aceitassemos a generosa cooperação da sua obscuridade na **Grande Exposição dos Artistas Portugueses?**

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



RECANTO DO CORGO

(Oleo de Albino Armando Costa)

De construção forte e equilibrada, de desenho seguro e firme, de colorido sobrio e pincelada larga o magnifico oleo «Recanto do Corgo» com que concorre á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses»—cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—o moço e simpatico artista Albino Armando Costa, é, sem duvida, uma bela prova de talento e uma esperançosa promessa dum novo paisagista, vigoroso e forte, na Ala dos Namorados da Paisagem Portuguesa.

Tem futuro, porque mostra talento e revela serias e vivas qualidades.

28 - 9 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

O môço e simpático artista Albino Armando Costa, cujo retrato abrilhanta hoje as colunas do «Primeiro de Janeiro», concorrendo com o seu belo quadro—«Recanto do Côrgo» á Grande Exposição dos Artistas Portugueses cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—demonstra, uma bela prova de talento, as suas faculdades insignes de novel pintor e a sua fortissima vocação para investir, com segurança e com brilho, com a paisagem portuguesa.



ALBINO ARMANDO COSTA

Desenha com firmeza, compõe com equilibrio, sente a Natureza e, pintando sólidamente, sem estridencias de colorido, vinca a influência dos mestres com quem aprendeu na Escola de Belas-Artes de Lisboa, marcando já uma personalidade própria e certa originalidade de pincelador.

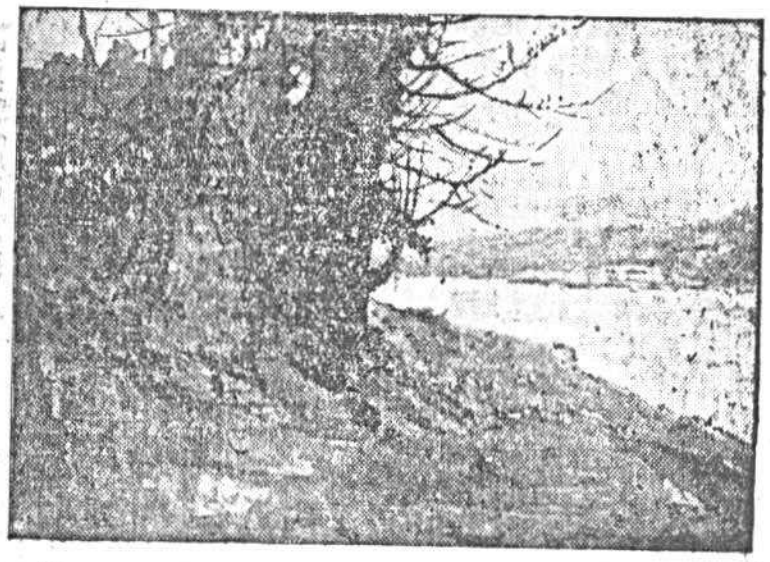
O seu oleo «Recanto do Côrgo» é uma demonstração segura e séria do seu valor—está ali alguém, que pode e deve vir a ser, um verdadeiro artista, porque tem talento e revela rijas e fortes faculdades de pintor.

29 - 9 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



DEPOIS DA CHUVA—Aguarela de Paulino Gonçalves

Paulino Gonçalves, o belo artista da velha guarda portuense, sempre laborioso, sempre modesto, que na arte do azulejo há muito calça as esporas de oiro dum consagrado e que na pintura, que ainda ás vezes o captiva e na aguarela que é o seu ultimo amor, tem, com afinco e com talento progredido e avançado sempre, enviou gentil e generosamente á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—a magnifica aguarela «Depois da Chuva», que hoje reproduzimos em gravura e que honra e prestigia o nome do artista que a manchou e a assina.

3 - 10 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»



Paulino Gonçalves

Pertence á velha-guarda, é dos do bom tempo em que se espadanhava anos e anos no terreno safaro da arte antes de ganhar nome e abrir caminho, fazer carreira, pelos lapis, pelos pinceis.

Com tenacidade e afinco, com o amor á sua arte e respeito pelo seu nome, procurando avançar e não pensando em luzir-se, Paulino Gonçalves, dos tempos aureos de Soares dos Reis, de Silva Porto e da mocidade de Loureiro, de quem ainda recorda as lições iniciais, no abc do oficio, trabalhando sempre, trabalhando em tudo, consegrou-se, quasi em exclusivo, á arte industrial do azulejo, em que marca como autoridade e como valor, mas não deixando nunca de pintar e aguarelando, sempre, a sua generosa e valiosissima oferta para a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, de Artur Loureiro e Henrique Pousão, no Jardim dos Artistas em S. Lazaro, a sua deliciosa aguarela *Depois da Chuva*, manchada com largueza, tocada com mestria, é uma bela prova do seu talento e da sua tecnica —que, não procurando caminhos novos, não abrindo novos horizontes na Arte, mas marchando pelo seu pé, pelos velhos roteiros dos Mestres, vai onde muitos não vão, chega onde outros não chegam e alcança, sem estapafurdios, sem mirabolancias, o que outros não conseguirão nunca alcançar. Paulino Gonçalves é alguem, em terra e em tempos, em que, muitos morrem, em plena celebridade, não sendo, em Arte, coisa alguma.

4 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



RAPARIGA DO CAMPO—Oleo de Pedro Figueiredo

A tela, «RAPARIGA DO CAMPO» com que concorre á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—o conhecido artista Pedro de Figueiredo, professor ilustre do ensino artistico e pintor cotado no seu meio e na sua geração—é um trabalho que honra o nome que o assina e coloca o seu autor numa merecida evidencia entre os modernos pintores portuenses.

Tem qualidades, tem rigôr e tem, sobretudo, o cunho de sinceridade que vinca o caracter probo do artista, conscienciosa e honesto, que é Pedro de Figueiredo.

5 - 10 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Professor de desenho, na Escola Industrial Faria Guimarães, antigo e laureado aluno da Escola de Belas Artes do Porto, Pedro Figueiredo, o talentoso artista da *Rapariga do Campo*, a magnifica tela que, ante-ontem reproduzimos em gravura e que será um dos aliciantes premios da «Grande Lotaria de Arte» cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro é, sem duvida um valor com que ha contar entre os modernos pintores portuenses.



Pedro de Figueiredo

Mede as suas forças, conhece o que vale e o que pode e, dentro das suas posses e das suas faculdades, procura com sinceridade e com limpeza, desenhar com correcção, colorir com sobriedade, pincelar com vigor—mostrando sempre, desenhando, colorindo, pincelando, que sabe o que faz, que faz o que lhe ensinaram e que ele, honradamente, vai ensinando aos seus alunos, com carinho, com zelo e com um tacto educativo, um senso artistico, que, criando-lhe fundas simpatias entre os discipulos, o impõem ao respeito de todos que vêem no ensino das nossas escolas industriais um dos elementos basilares do nosso progresso e do ressurgimento portuguez.

Pedro Figueiredo é um valor e a sua *Rapariga do Campo* é um lindo quadro.

9 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



IRENE—Oleo de Dordio Gomes

Damos hoje a reprodução do quadro *Irene*, que o ilustre professor da Escola de Belas-Artes do Porto, Dordio Gomes, ainda ha pouco classificado em primeiro logar para aquele cargo de pesadas responsabilidades artisticas, em concurso renhido e que ficou celebre nos anais da velha Escola de S. Lazaro, generosa e bizarramente ofereceu para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, de Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas.

Trabalho dum categorisado mestre, a *Irene* de Dordio Gomes, sendo a primeira tela sua que é exposta ao publico portuense, depois da sua entrada, como professor, para a Escola de Belas-Artes do Porto, tinha de ser, como é, alguma cousa de invulgar e de marcante e será, por isso, uma das notas mais imprevistas e mais sensacionais da Grande Exposição dos Artistas Portugueses, pela bizarria da sua factura e, sobretudo, pela alta situação artistica do seu autor.

Do brilhante semanario lisbonense «O Diabo», transcrevemos, com a devida venia e com os mais rendidas graças por tanta gentileza, que, na sua habitual e originalissima secção *Pim-Pam-Pum* diz, com talento e leveza, Diogo de Macedo, artista insigne e escultor de pulso, que maneja a prosa, como modela o barro—sempre com vigor e com personalidade;

JARDIM DOS ARTISTAS

Anda agora Braz Burity afadigado com a linda ideia de criar no Pôrto o «Jardim dos Artistas», poética e generosa iniciativa, que bem merecia ser secundada na capital, transformando a Estrêla no «Jardim dos Poetas». Já alguns lá estão glorificados, e é de esperar que não tarde a vez a João de Deus, a Cesário, a Gomes Leal, a Junqueiro, ao Sá Carneiro e tantos outros.

No antigo retiro de S. Lázaro, em frente á Escola de Belas Artes, já lá têm os tripeiros o monumento ao meigo paisagista Marques de Oliveira, meu culto professor e saudoso artista, que ensinou várias gerações de ceguinhos a ler na natureza o que ela só a eleitos revela.

Sonha agora o agitador Madureira colocar-lhe ao lado, com tôdas as honras que tal camaradagem nobilita, os bustos de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro. Bem haja pelo sonho, e pela acção com que se pôs em campo. Todos os artistas devem colaborar nesta consagração, ofertando um dos seus trabalhos, dêsses que infelizmente não topem compradores no desfavorecido ambiente em que lutamos, para que, por meio de venda numa tômbola—aonde chegou a cultura estética nesta terra de abóboras-meninas!—se consiga erguer tasas memórias que há muito os elementos mandantes já deviam ter erguido. E fica bem que só os artistas dêem o seu quinhão, sem lançar a mão á caridade publica, para honra da grei e vergonha dos maiorais.

Dos três pintores que desejam agora consagrar no bronze, apenas conheci o ultimo. Delicado velhinho, de capa e *lavallière* ao vento, magro e abstracto entre as turbas, lembrando certo retrato de Henry Heine, recordo-o no Palácio, entre flores e um bando de discipulas, aclarando-lhes a visão, a percepção misteriosa de artistas inexperientes, diante de uma olaia, de um galgo modêlo, ou de um poente lá para os lados da Foz.

Um dia inaugurou-se uma exposição no átrio da Bolsa. Todos os artistas correram á parada. A Camara Municipal, com solenidade e pouco dinheiro, resolvera fazer compras de vulto. Marcou as obras com certão especial, e tratou de regatear os preços. Quási todos os expositores apartados baixaram o custo da sua obra até onde os edis propuseram. Só Artur Loureiro se negou terminantemente á redução exigida, porque baixo era o preço que pusera no catálogo pelo seu quadro—uma vista panorâmica de Coimbra—e porque «vendia pintura e não vendia sardinhas», segundo respondera com orgulho, «se queriam o quadro de graça, estava pronto a oferti-lo; mas consentir que outrem lhe regatease o valor do seu esfôrço, é que nem a brincar o admitia».

E não vendeu o quadro.

Tivera eu a sorte, tambem, de ser escolhido pela tal Câmera. Lá estava o cartão honroso, no cavalete da *Rajada*, escultura que espatifei mais tarde, numa hora de desânimo. A' proposta de abatimento de preço, também me neguei corajosamente. Se calhar, em mim o caso foi só de soberba, porque tinha vinte e poucos anos, e julgava-me dotado de especiais talentos. Pobre tontinho!...

Mas o certo é que só Artur Loureiro e eu «não vendiamos sardinhas».

O simpático Mestre procurou-me, sem comigo ter relações pessoais, e abraçou-me. Esse abraço é uma das medalhas que ainda guardo. Outras não tenho de que me orgulhe.

Anos depois, vinha eu do Gerez quando êle para lá seguia. Cruzámo-nos no caminho, perto do convento que fica em terras do Bouro. Daí a dias lia eu a noticia da sua morte.

A vida, dizem os filósofos, que é um eterno cruzar-se com a morte...

Deve existir na colecção de um meu antigo colega de escola, o retrato de Pousão que desenhei, copiado daquele que o Museu do Pôrto possui. Sei que o desenhei com grande carinho e com aquele respeito que sempre os românticos têm pelos pais das suas amantes. Ele era o autor da vida da minha querida *Cecília*...

Apoio bem que amanhã nêsse «Jardim dos Artistas» mal reconheça no bronze êsses amigos que o meu coração sentiu festivamente. E' certo que Joaquim Madureira é um agitador levado da breca, mas também um critico exigente. Só nisso confio, senão...

E, a propósito, ouso daqui preguntar-lhe porque razão não está Soares dos Reis nêsse jardim, devendo êle ser o primeiro entre os primeiros? Ou não serão os escultores *bem-lembrados*?

... ...

Ao que, desde já se responde:

Os escultores são sempre bem lembrados—e Soares dos Reis—o Divino Mestre da Escultura Portuguesa—não poderia nunca ficar esquecido no Jardim dos Artistas, em frente da Escola onde se creou, onde professou e onde, quasi se pode dizer que morreu.

Mas Soares dos Reis, aqui ao pé do Porto, ali em Gaia, tem já o seu monumento—na terra em que nasceu.

Fica com o logar marcado no Jardim dos Artistas—mas fica á espera que a Escola de Belas Artes, a Camara e os escultores portugueses lá lhe coloquem o seu monumento.

E depois de lá estarem os de Silva Porto, de Henrique Pousão e Artur Loureiro, que o «Diabo» e o Diogo de Macedo certo vão ajudar a lá colocar—o de Soares dos Reis para lá irá, se Deus ou Diabo nos derem vida e saude.

10 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Dordio Gomes, o mais moço e o mais moderno dos professores da Escola de Belas Artes do Porto, onde disputou o seu logar e revelou quanto podia e quanto sabia num concurso renhido e celebre, prestando provas que o juri classificou em primeiro logar e que o publico apreciou e discutiu, ruidosamente, em todas as tertulias artisticas do Porto—enviando para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, a sua tela IRENE cuja reprodução ontem demos no «Primeiro de Janeiro», ao tomar, assim, contacto com o publico portuense, quiz, certamente, com bizarrias de factura e de tecnica, marcar o seu logar e arvorar o seu pendão artistico, de pintor moderno e modernista, embuido de novas teorias e arauto de novos processos,



Dordio Gomes

Em Arte todas as tendencias, todas as escolas e até todas as modas são aceitaveis desde que revelem talento, originalidade, e, sobretudo, sincera probidade da banda dos iconoclastas e dos inovadores.

Do talento e da originalidade de Dordio Gomes, não é facil duvidar para quem se lembre ainda, com admiração e simpatia, das suas formosissimas telas quasi de estreia «Aos Grelos» e «As Ceifeiras» cheios de luz, de intensidade e de vida, primorosas de desenho e de côr.

Da prova sinceridade com que, mudando de rumo, expõe, como professor da Escola de Belas Artes a *Irene*—como sua primeira obra de apresentação ao publico do Porto—tambem não é licito duvidar: cada um come do que gosta, gostos não se discutem, mas estamos em que, os discipulos das Belas Artes teriam mais a aproveitar e o Estado seria mais bem servido com o seu ensino tendo nomeado professor o moço paisagista de «As Ceifeiras», do que pelo novo mestre de S. Lazaro, que descalçando botas de elastico, se não está a mangar com a trópa, está, pelo menos, a arreplar caminho e a andar para traz—que é o que muitas vezes acontece aos que querendo vanguardizar-se, não passam da cêpa torta, quando não adrega que quebrem os narizes.

B. F.

11 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



UVAS DESTE ANO — Oleo de António Costa

Reproduzimos hoje o belo e forte pedaço de boa e solida pintura moderna —*Uvas déste ano*— o oleo primoroso com que brilhante e galhardamente concorre á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, a S. Lazaro, o moço e consagrado pintor portuense Antonio da Costa, que, pelo seu talento forte de colorista, pela sua vibratil sensibilidade de artista, é um dos mais altos, mais certos e mais esperançosos valores da moderna geração dos artistas portugueses.

A sua natureza morta *Uvas déste ano* modelar de desenho, plena de vigor, cheia de frescura, na estridula e propositada berrancia do seu colorido, é, em toda a parte, uma magnifica prova do talento pitorico de Antonio Costa— que, de resto, onde aparece, prova sempre, e em todos os campos, quanto pode e quanto vale, podendo sempre o que muitos não podem e valendo bem mais do que outros julgam valer.

12 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Honra-se o «Primeiro de Janeiro», inscrindo hoje na sua galeria de retratos, o do belo e ilustre pintor Antonio Costa, alto e marcante valor na sua gera-



ção, figura de destaque e de prestigio na Arte Portuense que abrilhanta generosa e galhardamente, com o seu magnifico quadro *Uvas déste ano*, a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Antonio Costa, embora moço, é, pelo seu talento e pela sua obra, alguem na sua terra e no seu tempo. Honesto nos processos, sincero na sua Arte e nas suas Ideias, procura abrir caminho olhando de coração ao alto e de cabeça erguida, acima das miserias mundanelras e do latir dos maatins, a rota segura dos seus ideais.

Desenha com alma, modela com talento, dá o colorido com vigor—e sabendo sempre o que faz, a nota estridula do seu modernismo é, na sua obra, alguma coisa de forte, de sentido, de espontaneo e de original.

Marcha á frente dos da sua geração —e como tal, é natural que seja o primeiro a esbarrar-se contra os barrancos do caminho, a tropeçar nas sub-rodas o que, em Arte e na Vida, a Mediocridade e a Malvadez, abrem na estrada dos que valem e dos que luctam.

E' um artista, é um pintor—e sendo ainda um moço é um homem.

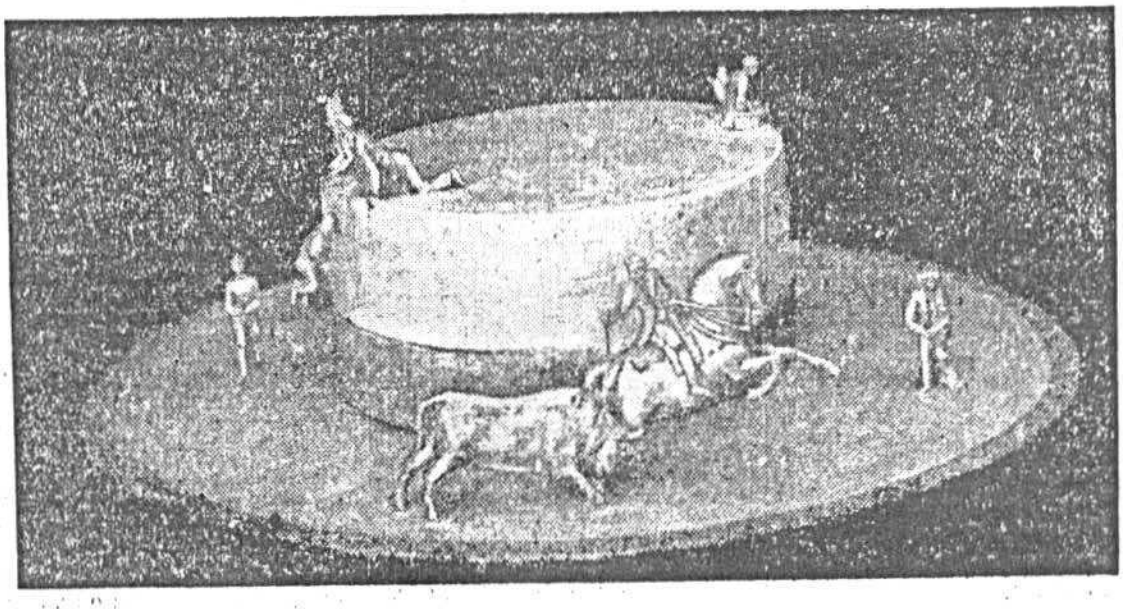
Mais um ou dois barrancos vencidos —mais uns tempitos de labor e de talento e será, seguramente, um Mestre

13 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES

A REALISAR NOS SALÕES DE «O PRIMEIRO DE JANEIRO»



TOURADA NUM CHAPEU—Miniatura em barro de Francisco Elias

Damos hoje, em conjunto e nos seus aliciantes e delicadissimos detalhes, a reprodução, da esplendida e preciosa miniatura em barro, uma das obras primas do mestre ceramista Francisco Elias— o Grande Elias das Caldas— **Tourada num chapeu á Mozzantini**, com que o famoso artista, creador duma Arte—toda delicadeza e toda minucia, o maximo da perfeição no minimo dos tamanhos, contribuiu, generosa e gentilmente, para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo producto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

E' um primor, é uma perfeição, é um encanto, é uma maravilha—é inimitavel na sua pequenez e na sua originalidade cheia de graça e de vigor, cheia de movimento e de fragilidade, cheia de delicadeza e de vida.

E' a obra dum mestre—a mais pequenina e mais graciosa das obras primas dum artista, que é, entre todos, creadores de pequeninas coisas, sempre o maior e o mais capaz de levar ao infinito da pequenidade a grandeza da sua arte pequenina...

14 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

16 - 10 - 34

Mestre Francisco Elias—o Grande Elias das Caldas—tem atraz de si, dêsdos tempos aureos das grandes jarras monumentais de Rafael Bordalo—uma grande obra e um grande nome, em dezenas de pequeninas e minusculas pecitas de encanto e de sonho, modeladas á lupa, com olhos de lince e paciencia de Santo, creou uma Arte e creou uma escola de barristas, que lhe seguem os processos, lhe imitam a tecnica, lhe copiam os motivos, não conseguindo, porem, chegar onde Mestre Elias—o Grande Elias das Caldas—chega sempre que um pingo de barro, sente a caricia do seu talento e lhe sai das bentas e priviligiadas mãos de Artista Creador.



Mestre Francisco Elias

A reducção minuscula de todas as grandes figuras e de toda a comparsaria das Capelas do Bussaco, em que Rafael Bordalo exgotou anos de vida—é, na obra de Francisco Elias, talvez a mais celebre e a mais apregoada, valendo, sem duvida, tanto ou mais que a propria obra bordaliana, mas, sobretudo grande e sempre maior, na razão inversa da pequenez das suas minusculas obras primas.

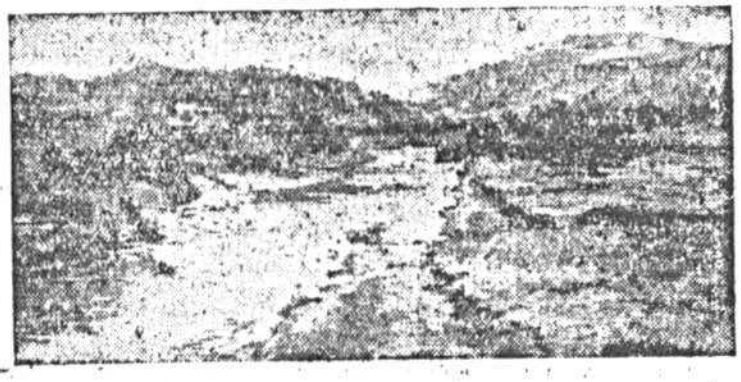
Mestre Elias é como Artista, formidavelmente grande nas piculas maravilhas da sua bibelotagem artistica, como este extranho poema de fragilidade e de graça, de vida, de movimento e de pequeninaria—*Uma tourada num chapeu á Mazantini*—a sua generosa oferta para a «Grande Exposição dos Artistes Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim de S. Lazaro.

Obra de mestre e obra-mestra, que na sua pequenez e na sua fragilidade desafia as obras colossais e macissas dos grandes escultores seus contemporaneos, a obra do Grande Elias das Caldas—é uma das grandes glorias da Arte Portuguesa sendo, de facto e de verdade, Mestre Francisco Elias, uma das mais originais e gloriosas figuras da nossa Arte-Contemporanea.

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



RIO MINHO EM MONÇÃO—*Oleo de Lucilia Aranha*

Damos hoje a reprodução da sugestiva e pitoresca paisagem a oleo *Rio Minho em Monção*, generosa e gentilissima oferta da ilustre artista D. Lucilia Aranha para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Trabalho interessante e confirmador das faculdades artisticas da ilustre Senhora que o assigna e que ha muito tem a sua reputação artistica feita e consagrada em numerosas exposições portuenses o *Rio Minho em Monção*, tem o cunho da cuidadosa technica de D. Lucilia Aranha e marca bem o seu talento e o seu amor pela Arte.

17 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato da ilustre artista portuense D. Lucilia Aranha, que para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, gentil e generosamente ofertou a sugestiva e pitoresca paisagem *Rio Minho em Monção*.



Lucilia Aranha

Trabalhando com afinco e persistencia, cuidando com delicadeza o desenho e tratando com espontaneidade o oleo, D. Lucilia Aranha marca ha muito entre as artistas portuenses pela sua laboriosidade, pelo seu talento e pelas suas bellas qualidades de artista, que sente a sua arte e com uma forma sua, como maneira sua, tem imposto o seu nome e a sua obra nas numerosas exposições que tem concorrido.

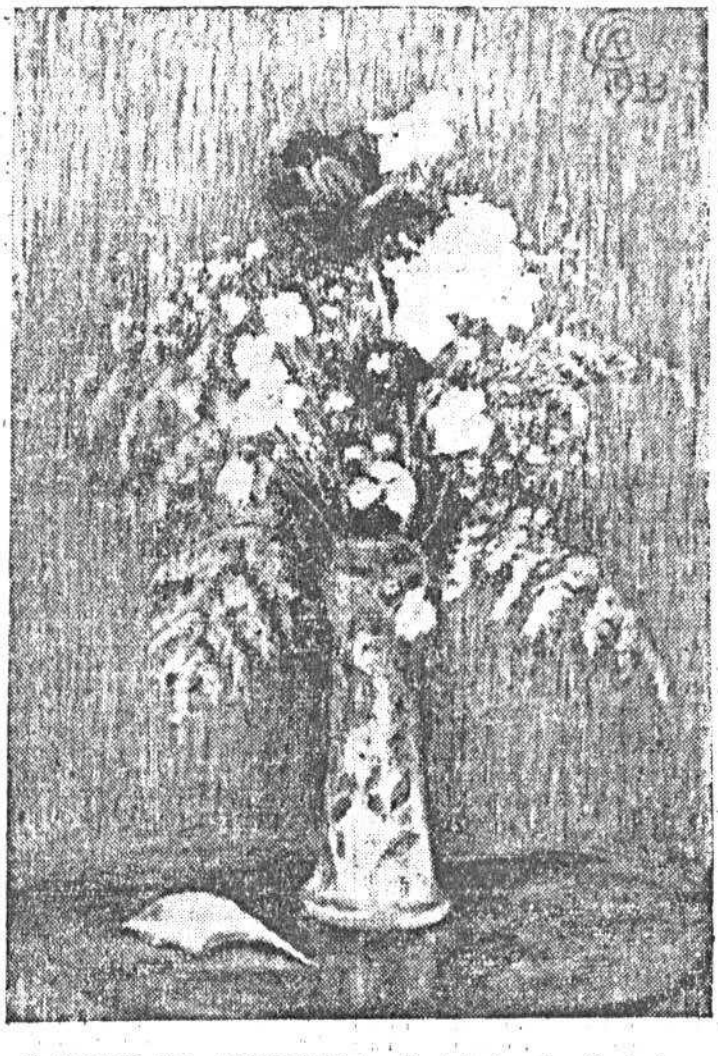
E' um dos nomes certos em todos os certamens de Arte do Porto e a sua obra, que á critica tem merecido sempre as mais elogiosas referencias, prendendo a atenção do publico e creando uma aura de celebridade a D. Lucilia Aranha—é sempre apontada pela sua probidade de technica, sempre cuidada, sempre igual, sempre sem altos nem baixos colocando D. Lucilia Aranha num logar pessoalissimo e inconfundivel entre os artistas da sua terra.

18 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



O RAMO DA AFILHADA—Pastel do dr. Casimiro de Carvalho

Trabalho delicado e delicioso dum amador que se revela como um vibratil temperamento de artista, lapizando o pastel com frescura e segurança, desenhando primorosamente, colorindo com justeza e compondo com facilidade e elegancia. «O ramo da afilhada», que hoje reproduzimos em gravura, estamos que é o primeiro trabalho de arte com que se apresenta ao publico portuense o dr. Casimiro de Carvalho que todo o Porto conhece como médico distinto, musico apaixonado, cintilante espirito da nossa reduzida «élite» intelectual, que, assim mostra o seu generoso e gentilissimo interêsse pela «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

«O ramo da afilhada» não é uma estreia que promete—é uma linda mancha de arte, que afirma e impõe o alto valor do dr. Casimiro de Carvalho em mais uma faiscante faceta do seu policordico talento.

19 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Complexo temperamento de artista, duma sensibilidade requintada, duma invulgar cultura, o Dr. Casimiro de Carvalho, marca nos meios intelectuais



DR. CASIMIRO DE CARVALHO

do Porto, pelo talento e pelo caracter como uma figura de destaque e de eleição—embora o seu nome não ande trombetado em publicidades e exibicionismos e o seu valor não ponha taboinhas e não salte aos caminhos a chamar fregueses.

Medico entre os seus doentes, musico entre os musicos do seu meio, intelectual entre os intelectuais da sua geração, o Dr. Casimiro de Carvalho, cultuando todos os ramos da Arte, cultiva, com paixão, nas suas horas de calma, a arte delicadissima do pastel e, pastelando com frescura e leveza, com elegancia e facilidade, o seu *Ramo da afilhada*, com que bisarra e generosamente concorreu á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—é uma delicada e deliciosa prova da sua vocação artistica e do seu altissimo merito como desenhador e como colorista.

20 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro,,



A ENGEITADINHA—Iluminura de Lincoln Mendes

A velha e gloriosa arte da iluminura, de tão fundas e preciosas tradições na Arte Lusitanissima dos livros de horas e dos missais, é galhardamente representada na «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro—pela *Engeitadinha*, a poesia celebre de João de Deus, caligrafada e iluminada, com primor, pelo mestre iluminurista Lincoln Mendes, um nome consagrado e de reputação feita, neste ramo das Belas Artes Plasticas.

Trabalho perfeitissimo, modelar, tocado com proficiencia, colorido com verdadeiro talento, a *Engeitadinha* de Lincoln Mendes é em toda a parte um belo specimen de boa, paciente e fulgurante iluminura—obra dum mestre, que como mestre, marca e se destaca na sua Arte, honrando, pelo seu alto merecimento, a Arte Portuense.

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Caligrafo emerito e insigne, cultivando com carinho e paixão a velha e obliterada arte da iluminura, Lincoln Mendes que tem a sua reputação feita e o seu nome consagrado no ramo difícil da Arte a que se consagrou, gentil



O professor Lincoln Mendes

e generosamente concorre com a bela pagina «A Engeitadinha» á **Grande Exposição dos Artistas Portugueses**, cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Artista cheio de delicadeza e de tenacidade, procurando com segurança os efeitos do traço e colorindo com presteza o intrincado das vinhetas, dando um tenue laivo modernista ao ritmo medieval das suas pacientes e policromicas composições, Lincoln Mendes, conhecendo todos os segredos da sua Arte e aperfeiçoando sempre os requintes da sua técnica—marca, há muito, o seu posto de honra entre os modernos iluminuristas europeus, sendo, com muita honra para as Artes Nacionais, um nome de destaque entre os bons caligrafos portugueses.

24 - 10 - 34

23 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

a realizar nos salões de "O Primeiro de Janeiro„



RUA PRINCIPAL DE ALPEDRINHA

(Oleo do dr. Serra da Mota)

Manchado com franquesa, desenhado com vontade, sobrio no colorido, justo nos valores, A rua principal de Alpedrinha, *é o sugestivo e interessante oleo com que o amador distinto que cultiva a pintura com o talento e o carinho que certo lhe poderiam invejar muitos profissionais, o dr. Serra da Mota, ilustre advogado em Abrantes, envia, num preito de Arte aos três Mestres da Pintura Portuense, para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.*

E' uma afirmação de talento e uma linda mancha de Arte.

25 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje, na vasta galeria artistica de «O Primeiro de Janeiro», o retrato do Dr. Serra da Mota, advogado ilustre e amador de Arte insigne, que com o sugestivo e interessante oleo, *A rua principal de Alpedrinha*, ontem reproduzida em gravura, brilhante e generosamente concorreu para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.



Dr. SERRA DA MOTA

Cultivando ha anos a pintura, tendo marcado o seu valor em varias exposições, o Dr. Serra da Mota que mancha com franqueza, desenha com vontade, sempre sobrio no colorido, justo sempre nos valores, revela em toda a sua obra uma vocação artistica, um talento de pintor do ar-livre, que o colocaria, hombro com hombro, com galhardia e com destaque, entre muitos profissionais da Pintura—se, por dever de oficio, a sua profissão oficial não fôra outra.

Pode ser e é, de facto, profissionalmente, advogado e cremos que até notario em Abrantes—mas, por temperamento, artisticamente, é um artista e como artista, o seu logar entre os artistas, é de realce e de valor.

Porque tem talento, sabe o que faz e fazendo o que sabe, respeita a sua Arte e respeita o seu nome.

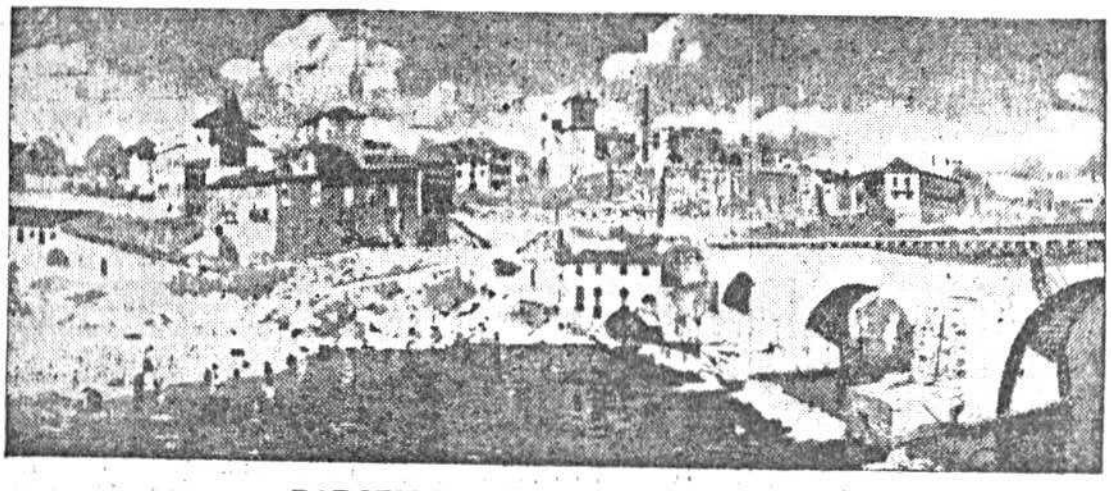
o?edcue tUrdddJ

26 - 10 - 34

HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO

A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES

A REALISAR NOS SALÕES DE «O PRIMEIRO DE JANEIRO»



BARCELINHOS—Oleo de Manuel Torres

Damos hoje a reprodução do interessante oleo «Barcelinhos», com que Manuel Torres, o simpatico e talentoso aluno de Pintura, na Escola de Belas-Artes do Porto, onde é subsidiado pela Camara Municipal de Barcelos, concorre galhardamente á «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

Trabalho dum novo, com todas as verduras da mocidade a explodirem nos verdes crus da sua paleta de tons berrantes e fortes, com ingenuidades de pincelada e modernismos de tecnica, em Arte ainda muito verdes, a paisagem «Barcelinhos» do moço artista Manuel Torres, gritante de côr estuante de mocidade, é, na «Grande Exposição dos Artistas Portugueses», uma nota fresca e risonha, sugestiva e interessante que marca um valor e vibra uma vocação.

27 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Damos hoje o retrato do moço artista Manuel Torres, aluno da Escola de Belas Artes do Porto onde chegou a ser subsidiado pela Camara Municipal de Barcelos, para cursar Pintura, e que, á *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, destinou a interessante tela *Barcelos*, que ontem reproduzimos em gravura.



MANUEL TORRES

Moço, tateando os primeiros passos na Arte, servido por uma vocação e impelido por ingenuidades de tecnica, Manuel Torres a quem a actual Camara de Barcelos retirou o subsidio e por isso deixou de frequentar a Escola, tem bizarrias de colorido e de factura, que revelando talento e faculdades de colorista, podem, bem guiados, conduzi-lo alto e longe na estrada ensolada da Paisagem Portuguesa.

Desenha, mais como arquitéto do que como paisagista, mas como desenha com correcção e limpeza, dá uma base sólida ao que pinta, pintando, ainda, com o sangue na guelra, com verduras de mocidade, que, como, tecnica, modernismo e pincelada, estão ainda mais verdes que os verdes crus da sua juvenil palheta de tons berrantes, alacres e quási infantis.

E' já uma esperança—e tem condições para vir a ser um artista se, o ajudarem e lhe derem meios de continuar a sua carreira.

28 - 10 - 34

Pregões & Predicas

Fala-se ainda uma vez da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES a abrir no proximo dia 1.º de Dezembro no GRANDE SALÃO DE "O PRIMEIRO DE JANEIRO". Prestam-se contas da obra feita e deitam-se contas á obra a fazer: PORTUGUESES, GENTES DO PORTO, AGORA, MÃOS Á OBRA!

Com a representação assegurada de mais de 150 artistas portugueses, dos maiores e mais gloriosos aos mais modestos e obscuros, com mais de 150 trabalhos a que, pelos autores, foram atribuidos valores que orçam pelos 200 contos, a «*Grande Exposição dos Artistas Portugueses*» abre, imperterivelmente, no enorme Salão de «O Primeiro de Janeiro», no proximo «*dia 1 de Dezembro*»—iniciando-se, nesse dia, no Porto e em Lisboa, e, do norte ao sul, em todas as terras do País, a venda dos bilhetes do «*Grande Sorteio Nacional de Arte*» de que todas as obras expostas no Salão de «O Primeiro de Janeiro» serão os aliciantes, profusos e valiosos premios.

Glorificando 3 Grandes Figuras da Arte Portuguesa, 3 Grandes Mestres da Pintura Portuense, pagando pelo Porto uma velha divida de honra e de gratidão a Silva Porto, o maior e mais glorioso dos artistas portuenses, erguendo-lhe o monumento que o Porto ha quarent'anos lhe deve—e que Lisboa ha muito já lhe ergueu—e fazendo-o compartilhar, nessa consagração, com os monumentos aos seus companheiros e camaradas Henrique Pousão e Artur Loureiro, nunca em Portugal se tentou empreza semelhante, mas, tambem, nunca, em Portugal, os artistas portugueses, incitados por um grande jornal, como «O Primeiro de Janeiro», para o auxiliarem numa grande obra de civismo bairrista, que, é, ao mesmo tempo, uma obra artistica e uma obra patriotica, nunca, em Portugal, os artistas portugueses, em tão grande numero e tão brilhantemente, com tão caloroso entusiasmo e tão bizarro desprendimento, concorreram a um certamen de Arte, trazendo-nos, gentil e generosamente, os frutos opimos do seu talento para a mais bela parada das Artes Portuguesas Contemporaneas, que sendo o opulento balanço artistico do nosso tempo e da nossa terra, é a consagração artistica de Trez Grandes Artistas Portuenses e a mais bela, a mais grandiosa das festas de Arte que, certamente, no Porto, e pode dizer-se que em Portugal, se tem realizado...

Graças ao generoso concurso de 150 artistas portugueses, isso—que em muito excede as nossas mais fagueiras expectativas—está conseguido, está feito: —o catalogo, ilustrado com o retrato de todos os artistas, com a reprodução de todos os trabalhos, com o valor que pelos oferentes lhes foi atribuido e com o numero que lhes corresponde no sortelo—está a compôr na oficina—e só, excepcionalmente, e por deferencia para com os retardatarios é que, até ao lavar dos cestos, *até ao dia 15 de Novembro*, em que todos os trabalhos devem estar prontos e encerrados, se aceiterão, aqui no «Janeiro» ou na agencia em Lisboa, qualquer obra ainda destinada á Exposição.

Tratando-se, agora, que os objectivos materiais da nossa tarefa não só estão atingidos, como, de facto, foram ultrapassados—de completar, em numero e qualidade, uma parada artistica, um balanço das Artes Contemporaneas—roga-se mais uma e pela ultima vez—que não falte ninguem á chamada, porque, não fazendo já, materialmente, falta ninguem—artisticamente, a falta, seja de quem fôr... será sempre uma nota desagradavel para o prestigio, para o renome, para a reputação e para a generosidade de quem faltar...

Mas certo, não faltará ninguem—porque o proprio Mestre Sousa Pinto, o unico companheiro, camarada e condiscipulo sobrevivo dos Trez Mestres que no Jardim dos Artistas vão ser estatuados e, entre artistas vivos, o que, para depois de morto, por direito proprio já lá tem o logar marcado—Mestre Sousa Pinto, que, convidado e instado, ainda não deu sinal de si—será, com certeza, «hors concours», com Mestre Carlos Reis e Mestre Teixeira Lopes, com um valioso trabalho seu, um dos cinco grandes primeiros premios do Grande Sorteio Nacional de Arte, sendo os dois outros representados pelos dois trabalhos a que por votação do publico forem atribuidas as duas medalhas de oiro—e havendo só 4 primeiros premios... se Mestre Sousa Pinto fizer ouvidos de mercador...

*

E nesse sortelo—para que já foram solicitadas, pelas vias competentes, as necessarias autorisações legais—trabalha-se, com febril intensidade, para que, na sua organisação, pela sua propaganda e publicidade, leve, numa onda de democratica vulgarisação artistica, os mais belos trabalhos dos artistas portugueses a todas as mãos, a todos os lares, interessando novos e velhos, pobres e ricos, todos os bons tripeiros, todos os bons portugueses, na Consagração dos Trez Mestres da Pintura Portuguesa, erguendo-lhes trez singelos e expressivos monumentos no velho Jardim de S. Lazaro, transformado num calmo e ensombrado Jardim dos Artistas, e levando os aliciantes premios da Grande Exposição dos Artistas Portugueses não só ao palacio opulento dos ricos, que, até aqui, em Portugal, como em toda a parte, em regalia da Sorte e da Fortuna, fruiam em exclusivo os luxos da Arte, mas até á casa modesta dos remediados, que, raro, podiam oferecer-se o goso e a posse dum quadro ou duma estatueta e ainda, mesmo, á choupana humilde dos pobres, onde, tantas vezes, como nem só de pão vive o homem, se sonham e curtem ancelos por uma pequenina mancha de Arte, uma pequenina obra-prima, que destoando entre os tesoiros dum grande colecionador, no devoto culto dum faminto, levantando o espirito, confortando a alma, fara esquecer miserias, perdoar injustiças, calar sofrimentos, amortecer amarguras...

Para esse sortelo—o «*Grande Sorteio Nacional de Arte*», que será lançado no Porto e em Lisboa, e, do norte ao sul, pelo Paiz inteiro, no proximo dia 1.º de Dezembro—como para Exposição se contou com a entusiastica generosidade dos artistas—conta-se, segura e afoitamente, com o bairrismo inteligente e ferrenho de todos os bons tripeiros, que, assim, nos vão ajudar a pagar uma velha divida, ha quarent'anos, aberta pelo Porto á memoria do maior e mais glorioso dos Artistas Portuenses e aos seus dois camaradas e companheiros na Escola de Belas-Artes do Porto, mas, conta-se, sobretudo e acima de tudo, com o sentimento artistico, com a inteligencia e com o patriotismo de todos os bons portugueses, que, cooperando na consagração dos Trez Mestres da Pintura Portuguesa cumprem, como portugueses, o dever portuguesissimo de glorificar a Arte Portuguesa, glorificando Portugal.

*

O velho e arcaico Jardim de S. Lazaro, mazombo e tristonho nas suas velhas grades de ferro, estava, nos planos municipais, condenado a desaparecer, rapado e razolrado, pelos catitismos duma urbanisação janota e arboricida, que, substituindo-lhe o frondoso arvoredo por mirabolantes pergolas—seria um dos varios jardins infantis, á torreira do Sol, com que o modernismo do nosso amulatado hoje, procura tostar e amulatar, de pequenitos, os homens de amanhã...

Para vencer os atritos burocraticos que possam surgir ao plano de transformar S. Lazaro, velho e arcaico, mazombo e tristonho, num calmo e ensombrado Jardim dos Artistas—poupando-lhe e respeitando-lhe, dentro dos possiveis das exigencias esteticas, como monumentos naturais, os belos exemplares de arvores, que levaram anos e anos a crear e desenvolver e são, na sua belesa vegetativa, tão sagradas e indestrutiveis como os monumentos nacionais consagrando-lhe a calma e as sombras a um calmo e ensombrado Jardim dos Artistas, onde, em estilo jazigo-fontenário, já está o monumento a Mestre Marques de Oliveira, cridé, se colocarão, agora, singelos e expressivos, os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, onde, com carradas de razão, o bom do Diogo de Macedo já pensa em colocar o do Soares dos Reis—que já lá devia estar—e onde se colocarão, com o andar dos tempos, os do Vieira Portuense, o do Domingos de Siqueira—que na Escola do Porto creou a tradição do Desenho que a celebrisou, com os Corrêas que tambem lá terão o seu logar—para vencer esses atritos e levar a bom porto os desejos e os planos da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto—que, já agora, terá de se ficar chamando «*Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro*»—está trabalhando com todo o tenacissimo entusiasmo de uma pessoa ponderada e fria, o Dr. Antonio de Bragança, o ilustre e devotado Presidente da Comissão Executiva.

E como, o que ele não fizer, o que ele não conseguir—ninguem o conseguirá, ninguem seria capaz de o fazer—é, coisa, pois, arrumada e que será feita—como o Dr. Antonio Bragança disser que se faça...

✲

Agora, uma nota de mero expediente: Como os trabalhos da «*Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro*»—até aqui coroados pelo mais completo exito—com a proxima abertura da «Grande Exposição dos Artistas Portuguezes», a inaugurar no proximo dia 1 de Dezembro, com a organisação e propaganda do «Grande Sorteio Nacional de Arte» e com as «demarches» oficiais para a transformação do velho Jardim de S. Lazaro em Jardim dos Artistas, vão entrar numa fase de absorvente e exgotante actividade, incompativel com os inumeros afazeres do illustre artista e nosso amigo Sr. Alberto Silva, que, como Presidente da Sociedade de Belas-Artes do Porto, com a regencia artistica dos cursos do Salão Silva Porto e com a gerencia comercial do mesmo Salão, não podia, materialmente, desempenhar-se, a seu contento, do cargo de vogal desta Comissão, desse cargo pediu escusa, que, não lhe podendo ser recusada e sendo sinceramente lamentada, impoz a sua immediata substituição pelo Dr. Abel Salazar, o grande artista e grande homem de ciencia, nosso queridissimo amigo, que já começou a exercer as suas funções, ficando assim constituida a Comissão: *Presidente*—Dr. Antonio Bragança, advogado e vereador municipal, *Vogais*:— Dr. Joaquim Madureira, Dr. Abel Salazar e Manuel Pinto de Azevedo Junior.

✲

E, agora: PORTUGUESES, GENTES DO PORTO, VA DE ACABAR O RESTO! MÃOS A' OBRA!

BRAZ BURITY.

28 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão

A grande Exposição dos Artistas Portugueses a abrir no Salão de «O Primeiro de Janeiro» no proximo 1.º de Dezembro



VELHA FIANDO

(Oleo de Fernanda Costa)

A gentilissima artista Fernanda Costa, que representa na nova geração dos artistas portuenses a dinastia gloriosa do Santo Costa das Flôres e que, como filha e discipula de Margarida Costa—artista de raça e, incontestavelmente, a primeira entre as mulheres que hoje em Portugal pintam com talento e provocação—tem sôbre si o peso tremendo do nome glorioso que usa e vai ilustrando e prestigiando, com mocidade e frescura, nos seus trabalhos de atelier, como esta linda **Velha fiando**, que generosa e gentilmente ofertou para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no Jardim dos Artistas a S. Lazaro.

A Velha fiando, mantem as tradições de familia e, sendo um lindo pedaço de pintura, honra Fernanda Costa e demonstra mais uma vez o que em Arte nem sempre é certo—quem sai aos seus não degenera.

30 - 10 - 34

Homenagens Citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

a realizar nos salões de «O Primeiro de Janeiro»

Cheia de talento e de mocidade, mantendo com ufania e elegancia as pesadas tradições artisticas da velha dinastia do Santos Costa das Flores, filha e discipula de Margarida Costa, que é um dos grandes nomes da Arte Portuguesa, Fernanda Costa, para ser a demonstração radiosa e flagrante dos velhos proloquios «quem sai aos seus não degenera» e «filha de peixe sabe nadar» não precisa, certo, ter mais talento, nem mais belas faculdades do que as que tem e demonstra ter na



FERNANDA COSTA

Velha fiando, a sua gentilissima e generosa oferta para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro.

O que precisa é consagrar-se, deveras e decisivamente, á sua Arte, com afinco com tenacidade, com aquele arreigoso amor pela Pintura, que foi o timbre do Santos Costa das Flores—o fundador da gloriosa dinastia—e que, tendo sido o primeiro mestre de Fernanda Costa, legando-lhe o seu talento... só lhe não legou, pelos modos, o apêgo exaustivo e infatigavel pela paleta e pelos pinceis.

Fernanda Costa trabalha bem—mas trabalha pouco:—precisa trabalhar muito mais para mostrar o que sabe e o que pode, que é bem mais e muito melhor do que, na sua modestia pensa e na sua apatia faz pensar—aos que a não conhecem.

1 - 11 - 34

Derradeira prédica e ultimo pregão

Ao Público e aos Artistas Portugueses

Sinceramente, não é sem uma pontita de emoção, depois dum inesplicado e longo silencio a arrastar-se do ultimo domingo de Outubro até agora que passamos a mais dos meiados de Novembro—que eu venho, como homem e como jornalista, dar uma satisfação, há algumas semanas em divida, a todos os artistas da nossa terra, dos maiores e mais gloriosos aos mais humildes e obscuros, que tendo, todos, com igual confiança e igual entusiasmo acudido, generosamente e brilhantemente, aos apêlos por mim lançados, nestas colunas, para se consagrarem no Jardim dos Artistas, em três singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—os três gloriosos Mestres da Pintura Portuense—aqui, ao «Primeiro de Janeiro» e á sua agencia em Lisboa, me trouxeram os trabalhos destinados á GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, cujo produto, obtido pelo GRANDE SORTEIO NACIONAL D'ARTE se destina á realização dessa ideia—que deixou de ser minha, para ser, por igual, de todos os que me deram a honra de a compartilhar e de lhe dar, com o brilho da sua Arte e do seu talento, todas as garantias de exito e de triunfo.

Essa explicação é fácil—e só foi demorada para poder ser segura, definitiva e vitoriosa.

Se desde a primeira hora, ao lançar a ideia e ao realizar no Salão do «Primeiro de Janeiro» a EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE SILVA PORTO EXISTENTES NAS COLECÇÕES PARTICULARES DA CIDADE eu tive, sempre, a mais completa e absoluta liberdade de acção, com carta branca, da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, tive, desde então, da «Empresa do Primeiro de Janeiro» todos os apoios, todos os auxilios, todas as facilidades e todas as atenções, que, facilitando-me, extraordinariamente, a tarefa e excedendo, ás vezes, todas as minhas espectativas, deram a essa primeira arrancada da campanha o miraculoso exito que todos recordam e que a minha gratidão jámais poderá esquecer.

Animado com essa vitoria, abalanceime a completar a consagração de Silva Porto, pagando uma divida de 40 anos da ingratidão Tripeira ao Maior e Mais Glorioso dos Artistas Portuenses, e, depois de lhe ter colocado uma lápide comemorativa no velho pardieiro onde nasceu, erguendo-lhe um monumento, ao centro da sua terra, em frente da velha Escola em que se criou e artista se féz.

E lançada a ideia, foi, logo de inicio, tão caloroso o entusiasmo que ela despertou nos artistas e no publico, que, naturalmente, teve de ampliar-se o ambito da consagração a Silva Porto, envolvendo nela os seus dois companheiros e camaradas Artur Loureiro, o santo velhinho que todo o Porto, durante muitos anos, cultuou como uma das suas glorias e das suas reliquias e Henrique Pousão, que a tuberculose fez tombar aos 25 anos e que, com 25 anos, tocado pelo Génio, agora, ressuscitou na sua salinha do Museu Soares dos Reis, como o maior pintor do seu tempo, como o maior entre os maiores pintores portugueses—precursor do impressionismo, e, se não o rei, um dos grandes mestres dêsse movimento europeu.

A' larga e á farta, para a realização prática, rápida e positiva dessa consagração em três singelos e expressivos monumentos, a ofertar á Camara do Porto, em nome dos Artistas Portugueses, davam, já de sobra, os trabalhos com que generosa e bizarramente, tinham concorrido, até fins de Outubro, perto de duzentos Artistas da nossa terra.

Foi então, que transformada a «Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto» em «Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro», anunciei, no meu ultimo pregão, para o proximo dia primeiro de Dezembro, no salão do «Primeiro de Janeiro» a abertura da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES e o inicio do «Grande Sorteio Nacional d'Arte».

E traçado o plano dessa Exposição e do lançamento a publico dêsse Sorteio, levei-o, como era indeclinavel dever meu, á sanção da «Empresa do Primeiro de Janeiro», antes, é claro, de lhe dar qualquer espécie de publicidade ou começar sequer a dar-lhe qualquer inicio de execução.

Surgiu-me, então, o primeiro e unico obstaculo com que até aí me tinha defrontado.

Apesar de toda a boa vontade, de todos os esforços e de todas as diligencias da «Empresa do Primeiro de Janeiro», era, materialmente, impossivel realizar-se a Exposição, com a duração minima de mês e meio a dois meses—o tempo estritamente necessario para a propaganda e realização do Sorteio—porque tendo chegado á Alfandega os novos maquinismos do «Primeiro de Janeiro» e não podendo lá ficar armazenados, era urgente e indispensavel montá-los nas oficinas que para isso foram expressamente construidas e as unicas dependencias da casa, onde, pela sua vastidão, a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» poderia realizar-se.

Surgiram os alvitres, estudaram-se soluções e enquanto se discutia e se trabalhava para, na melhor harmonia se resolver o caso—claro que, tudo quanto em publico se fizesse, tudo quanto se dissesse ao publico, poderia tolher movimentos, cortar iniciativas, prejudicar planos—dar em terra com o que, a todo o custo, todos, com igual interesse e igual boa fé, procuravamos realizar com condições de segurança e de exito, de orgulho e de triunfo para todos os que, por igual e desde a primeira hora, apenas ambicionavamos vêr de pé, singelos e expressivos, no Jardim dos Artistas, em S. Lazaro, os três monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—aos três Mestres consagrados por todos os Artistas Portugueses.

O calado era o melhor—daí, êste inesplicado e longo silencio, a arrastar-se do ultimo domingo de outubro até agora que já vamos a mais de meiados de novembro—e que hoje se quebra com esta simples, categorica e solene satisfação a todos os Artistas Portugueses!

«A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES E O GRANDE SORTEIO NACIONAL D'ARTE, CUJO PRODUTO SE DESTINA AOS MONUMENTOS DE SILVA PORTO, HENRIQUE POUSÃO E ARTUR LOUREIRO, POR ACORDO ENTRE A «EMPRESA PRIMEIRO DE JANEIRO» E A «COMISSÃO EXECUTIVA DAS HOMENAGENS CITADINAS» INAUGURAR-SE-HA, NO PROXIMO DIA 1 DE JANEIRO DE 1935, NAS INSTALAÇÕES DE «A SEMANA PORTUGUESA» A QUE «O PRIMEIRO DE JANEIRO» QUE COM A SEMANA PORTUGUESA NÃO TEM QUALQUER ESPECIE DE LIGAÇÃO, CEDE E TRANSFERE A INICIATIVA E O PATROCINIO DESSA REALIZAÇÃO, QUE «A SEMANA PORTUGUESA» TOMA E ACEITA, COM TODAS AS SUAS RESPONSABILIDADES E ENCARGOS, CONTINUANDO «O PRIMEIRO DE JANEIRO» A PRESTAR-LHE, APENAS, TODO O APOIO DOS SEUS APLAUSOS E DA SUA PUBLICIDADE—o que não quer dizer que se não faça a documentada e imediata entrega de qualquer dos trabalhos que nos foram confiados, se o seu autor, por qualquer motivo, não concordar com esta explicação.

E quem quizer saber o que é—o que vai ser—a «SEMANA PORTUGUESA», a que vou consagrar-me de corpo e alma, com unhas e dentes, transportando para lá o pulpito em que, durante dez meses, bem ou mal, aqui berrei os meus PREGÕES E PREDICAS, prepare-se para muito em breve lêr «A Semana Portuguesa», cuja Empreza Editora está constituida, sendo a sua redacção e administração montadas no Salão Silva Porto—Rua de Cedofeita, 238.

E, quando ela andar na rua, logo de manhãsinha, chame o ardina, dê-lhe um escudo e verá que não se arrepende.

Como eu,—que não me arrependi ainda de nada do que aqui, em dez meses, apregoei—não conto arrepender-me de, em ultimo pregão, lh'o haver aconselhado.

BRAZ BURITY.

22 - 11 - 34

Dr. Joaquim Madureira

Deixou de colaborar em «O Primeiro de Janeiro» o ilustre escritor sr. dr. Joaquim Madureira (Braz Burity), para ir dirigir a revista «A Semana Portuguesa», a aparecer em breves dias e que, atentos os elementos com que conta, promete ser brilhante.

22 - 11 - 34

Homenagens citadinas A Silva Porto

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses

A Comissão Executiva das Homenagens a Silva Porto tem a honra de convidar todas as pessoas que fazem parte da Comissão de Honra das mesmas homenagens, os Artistas que, gentilmente, enviaram trabalhos para a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, cujo produto se destina a levantar os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, no jardim dos Artistas em S. Lazaro, os representantes da Imprensa do Porto e de Lisboa e todas as pessoas que de qualquer forma se interessem por essas homenagens a comparecer na proxima segunda-feira, 3 de Dezembro, pelas 18 horas, no Salão Silva Porto, rua de Cedofeita, 285, para se tratar de assunto urgente e do maior interesse para a realização da Grande Exposição dos Artistas Portugueses. — Pela Comissão, BRAZ SURITY.

1 - 12 - 34

Homenagens citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão

*

A grande Exposição dos Artistas Portugueses — O Grande Sorteio Nacional de Arte



Um aspecto da assistencia á reunião de ontem, no Salão Silva Porto, preparativo da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» para as «Homenagens Citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão»

Realizou-se ontem no Salão Silva Porto a reünião que fôra convocada pela Comissão Executiva das Homenagens Citadinas para se ultimarem os trabalhos e se marcar a data da Exposição dos Artistas Portugueses e do Sorteio Nacional de Arte cujo produto se destina aos monumentos Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, os três gloriosos Mestres da Pintura Portuense.

Em nome da Comissão deu conta dos trabalhos realizados o sr. dr. Joaquim Madureira (*Braz Burity*), propondo, por entre aplausos da assistência, que a Exposição e o Sorteio se realizassem com o apoio e sob o patrocínio da Camara Municipal do Pôrto, apelando-se para o concurso de toda a imprensa do país, que, certamente, não deixará de prestar o seu concurso para coroar de êxito uma iniciativa que tão alto prestigia a Arte Portuguesa, consagrando os três Mestres da Pintura Portuense.

E com o apoio e sob o patrocínio da Camara do Pôrto, resolveu-se lançar desde já ao publico o Sorteio Nacional, pondo-se á venda os respectivos bilhetes por todo o país e abrindo a Exposição, a que concorrem cêrca de duzentos Artistas, no Salão Silva Porto, no próximo dia 1 de Maio.

A assistência de que faziam parte numerosos Artistas e pessoas de destaque, manifestou-se com entusiasmo pela realização em marcha das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão e autorizando a Comissão Executiva a escolher e a agregar a si uma Comissão de contas, encerrou os trabalhos agradecendo a Alberto Silva, gerente do Salão Silva Porto e pintor talentoso, o auxílio generoso da sua cooperação e a cedência do seu Salão para a Exposição, sem o que, pouco ou nada se poderia fazer.

29 - 1 - 35

Braz Burity

O ilustre escritor e critico de arte Braz Burity, regressará ámanhã á sua colaboração semanal no «Primeiro de Janeiro». E' esta a boa nova que temos a dar aos nossos leitores. Circumstancias alheias á sua vontade e á nossa levaram-no acidentalmente a afastar-se do nosso jornal. Vemos com satisfação retomar o seu posto o dr. Joaquim Madureira, que é, sem duvida, um escritor original, independente e vigoroso.

λ – λ – 35

Pregões & Prédicas

(2.ª Série – I)

Breve resumo do que lá vai em ligeiro introito do que está para vir

...Cá estou.

E, como, ha trez mezes, lhes vinha dizendo, não me arrependendo, não me arrependi, ainda, espero que nunca me arrependerei do que, predicando, a meu modo, aqui, em dez mezes, lhes pregoei, consante fui servido e na mosca me deu, pondo, com meus pregões, ali no Bomjardim, uma lapide vótiva, na casa onde nasceu mestre Artur Loureiro; lapidando, com a ajuda da Camara, ali na ruela da Ponte Nova a casa de Silva Porto; com o talento organisador do dr. Vasco Valente, consagrando-lhe uma saleta privativa nos tabiques provisorios do Museu Soares dos Reis e organisando, aqui, no «Primeiro de Janeiro», com a generosa e preciosissima colaboração dos amadores que, no Porto, entesoiram algumas das suas obras-primas, em consagração do maior e mais glorioso Artista portuense, que sendo um dos melhores paisagistas de todo o mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admiravel e o mais portuguez de todos os pintores portugueses, a maravilha e o milagre da «Exposição Silva Porto» que todos lembram, que não esquecerei nunca, como a mais bela hora da minha vida, e que, sem contesto, no dizer de toda a gente, aos acontecimentos artisticos de 34 deu a nota predominante, alta e esplendorosa, como jamais outra se dera na nossa terra e em coisas da Arte Portuguesa.

E não me arrependi, ainda, não me arrependo, espero que não me arrependerei nunca, daqui, ter posto em fóco, trazendo, quasi numa revelação, ao soalheiro das discussões e á gloriosa luminosidade duma sala-propria no Museu Soares dos Reis, o talento e a obra de Henrique Pousão, que a devota e inteligente competencia do dr. Vasco Valente, joeirando-o de amalgama das más visinhanças e creando-lhe um ninho de emoção no Museu e o talento critico doDr. Abel Salazar, definindo-lhe e demarcando-lhe a posição e valia, como precursor e mestre do impressionismo europeu, arrancaram, de vez e decisivamente, do sepulcro tenebroso de incuria, de relavação, de ignorancia, de criminosa estupidez e criminosissimo esquecimento em que, durante trint'anos, o tinham enterrado e deixavam apodrecer, assevandijando-lhe as telas, escamoteando-lhe os carvões, dispersando-lhe os albuns, ratoneirando-lhe os croquis e mantendo-lhe desprezada, ignorada e escondida, a putrefazer-se e a enxameirar-se, numa baluca ignobil, á que, irrisoriamente, chamam «Aula de Pintura», no Pardieiro de S. Lazaro, a tela maravilhosa que o Dr. Abel Salazar, ha dias, quasi ás ocultas e surrateiramente, lá desalapou e, magistral, assim descreve: «Esta obra, uma das suas academias, uma obra de Pousão ainda como aluno, uma simples prova escolar, emfim, que entusiasma os verdadeiros artistas, esta obra, anterior do impressionismo, é já uma pequena obra maravilhosa de impressionismo! Representa ela um nu feminismo; o corpo elastico, quebrado no repouso da pose, apoia-se a um tamborete de onde pendem dois panos, um branco, outro azul, em largos panejados. Ao fundo pende uma cortina branca. A precisa elegancia do desenho, a justa sobriedade da modelação, as qualidades de composição, de tecnica, são já tipicamente de Pousão; mas, sobretudo, a magia do colorido e a luz, revelam-se já com todas as caracteristicas da original visão do artista. Ausencias de relevos, de torneados, de convenções de escola; tom sobre tom, os planos destacam-se, os valores precizam-se e a atmosfera é sugerida como em Whistler. E os nacarados brancos, lambidos, de irizações de velha procelana; a riquesa do seu tom fundida num discreto harmonico; a tipica nota do azul esverdeado que anima a sinfonia de côres, no panejado patinado de epidermes doiradas, como se musgos nelas tivessem lavrado; o harmonismo musical das tintas, whistleriano, são já, tão marcadamente, a futura concepção do artista, que valem por uma assinatura e vincam desde o inicio a forte originalidade do pintor.

E já nele se revela, por intenso, todo o especial «feminismo» do artista, essa subtil compreensão e elegante expressão da elegancia despretencioza, do encanto contido, em mil modalidades, nos ritmos do corpo feminino, na graça felina ou enigmatica da moça, tumida seiva juvenil, que Pousão tão bem soube exprimir, sem afetações. Apesar do estado lastimozo em que se encontra esta pequena tela, toda fumada e suja, nenhum conhecedor, mesmo o mais mediocre, hesitará em classifical-a como uma obra de Museu e de Mestre, e, ao mesmo tempo, como uma página wistleriana de impressionismo, dum moço que na fria penumbra dum atelier de escola, solitario e abandonado, nunca tinha, visto Whistler—ao tempo quasi tão ignorado lá fóra como o era na sua terra o pobre estudan-

te alemtejano, a fazer por instinto, por intuição tocado pelo génio, impressionismo, sem o saber!»

*

Podia, em dez mezes,—tendo restringindo, por causa das duvidas, á Arte e ás coisas á Arte atinentes, o meu raio de acção—nada mais ter feito...

Ha quem, com honras e proventos, a vida inteira—espraiando por sete oficios todo o seu campo de manobra—nem tanto faça.

Mas, tendo-me, por sorte, adregado fazer, nesses dez mezes, mais alguma coisa, de nada que fiz me arrependo, não risco uma linha, não raspo uma palavra e, se, de bom grado, lhes acrescentaria, agora, as que escrevi e se não publicarem, dando, mesmo de barato, que nada valha tudo o mais que fica feito, havendo rendido justiça, entre os vivos, ao Ezequiel Pereira,—ha quarent'anos a jogar as escondidas com a Celebridade;—ao Marques Rodrigues—o bruxo das monotipias de que ninguem falara;—e, entre os mortos, ao Coelho Carvalho, ao João Augusto Ribeiro e ao Brito Camacho de quem todos haviam falado já; tendo exumado dentre os cacos estilhaçados da maquette «Amor da Patria» a sentelha genial do pobre e desventurado Joaquim Gonçalves e tendo, em vão, chamado a Policia para a descoberta e apuramento do crime nefando previsto e punido pelo Codigo Penal, que esse caso escancara e, aqui, em pormenores, se apontou; o haver-lhes pregoado, com calor e entusiasmo, na crisalida dos «bonecos de barro», a alta envergadura estatuaria desse encolhido Americo Gomes a alar-se no triunfo escultorico do «Homem do Leme»—já em bronze e a caminho da Foz—e do «Bobo do batuque»—medalhado em oiro e já em bronze tambem—depois de ter evocado as piculas e olvidadas estatuetas do decrepito e pobre Francisco Gouveia;—não será caso para me arrepender e não me arrependi nem me arrependo de lhes haver pregoado, alto e bom som, com segurança e orgulho, a inedita galhardia, a bizarra força da arte creadora de Adolfo Marques, confirmadas, a todo o pano, na sua vincada originalidade, logo a seguir, com o estupendo e excepcional exito da sua «Exposição de Bonecos de pau» e prestes a autenticar-se, em alto galardão da Fama, com a sua consagração europeia, nas laudas pegulhentas e solenes do «Studio»—londrino que não é, positivamente, em Arte, uma loja de pora abera...

*

E, teimoso, testarudo, casmurro, pirronico, a jogar as ultimas, indo ás do cabo, para levar a minha avante e não dar o braço a torcer, tendo-lhes sacrificado todo um atribulado trimestre de freimas e canceiras, de promessas e desanimos de decepções e de esperanças, de miragens que se esvaiam e de dedicações que se corporisavam, nos altos e baixos duma lufa-lufa em que se me foram os aneis e os dedos me ficaram, até no caso que venha a apurar-se—que não se apura!—que, em nada, em menos de nada, em coisa nenhuma, redundarão—que não redondam!—todos os maus quartos de hora, todos os amargos de boca, ha trez mezes empregados e curtidos para o sucesso da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» — artisticamente, já vaticinavel e quasi garantido pelo generoso concurso de duzentos cultores de todas as Belas-Artes de Portugal,—dos mais ilustres aos mais ignorados—que, todos, bizarra e gentilmente, acudiram aos meus apelos—e para o exito material do «Grande Sortelo Nacional de Arte», cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão—a que o apoio e o patrocinio da Camara Municipal do Porto, secundado pelo concurso da larga publicidade de toda a imprensa do país, certo, dará, dentro das possibilidades do nosso meio artistico, todas as garantias e seguranças da mais retumbante victoria—em lavar dos cestos, ao acabar a vindima, de nada me arrependerei, porque de tudo me dou por bem pago e muito satisfeito, com o voltar, de cabeça erguida, de consciencia limpa, a predicar e pregoar aqui, depois daqui ter posto a nado, á tôna da discussão, prôa feita á luz forte da Gloria, de róta batida para a apoteose das decisivas consagrações — Henrique Pousão, que raros admiravam, que poucos conheciam, de que ninguem falava — desventuroso e desafortunado moço de 25 anos, picado pelo Genio, varado pela Tuberculose, cuja obra, piedosamente, um miserrimo pae, inteligente e martirisado, com os olhos em lagrimas, o coração em luto, a alma a sangar, reuniu, colecionou, anotou e, num estoicismo heroico, confiou á Escola de Belas-Artes do Pôrto—que, durante trin, anos, criminosamente, sacrilegamente, a deixou, aos vae-vens da incuria e do desleixo, nas paredes soturnas dum museu-estrebaria, nas cafurnas e nos antros dos seus desvãos, pocilgas e podrideiros—á humanidade e ao bolor, á poeira e ao sol, aos ratos, ás traças, ás baratas e ás môscas, com tais requintes de cautelas, e taes melindres de segurança... que, dos seus arquivos e armarios, fechados a sete chaves, até desapareceu—e ninguem sabe onde pára!—«O AUTO DA DOAÇÃO A' ESCOLA, E A RELAÇÃO DOS TRABALHOS DOADOS.—alguns dos quais andam cá por fóra, uns, perdidos, outros, nas mãos de quem as comprou a quem as vendia ou os aceitou a quem os dava, e, que, hoje, a uns e outros, assim, adquiridos, legitimamente e por justos titulos chama seus e muito seus...

*

E relapso, contumaz, impenitente, após um largo trimestre de Silencio e Penitencias, porque assim o querem e nisso se esforçam amigos muito queridos e assim o consente e ordena, quem, em sua casa, o pode ordenar e consentir, aqui volvo e aqui estou, tal como daqui saí, tal como para aqui entrei, tal, como sou, tal, como sempre fui, tal, como já, agora, terei de ser, até no fim, nos poucos dias que me restam, predicando o que sinto, pregoando o que sei, de cabeça alta, de mãos limpinhas, de lingua solta, de pulso livre, pensando, em periodos longos, o que escrevo, escrevendo, em prosa arrevezada, o que penso, fritando os miolos, estilhaçando os nervos, queimando, ás duas por trez, o coração, mas chamando ás coisas pelos seus nomes, dizendo as coisas como elas são, irrequieto por temperamento, por feitio irreverente, deslinguado de nascença, desbocado de creação, pouco efeito a contumelias, nada atreito a transigencias, com a infelicidade de ter nascido rico e muita honra em morrer pobre, ruim de assoar quando a mostarda me chega ao nariz e fadado a ir no embrulho quando, com labia, m'a pregam na menina do olho; mais tanso que farrabraz, muito mais melurias que espirra-canivetes,—aqui me tem, cá estou de novo—com muita honra para ambas as partes—hoje com ontem, amanhã como hoje, ontem, hoje e amanhã como sempre, em fruste e desmontada encarnação do Quixotte, a bater-me contra moinhos, a esgrimir contra odres, a investir com borregos, a pelear com estafermos, de lança em riste pela Verdade—a minha amarga e desnalgada Dulcinea—sem o escanzelado rocinante do Ideal, da Fé ou da Pecunia, e dos Amôres ou das Ambições em que, velhorelho, de pés para a cova, me escarranche, sem Sancho que me escudeire e me ature,—só, cada vez mais só e menos mal acompanhado—em alma depenada do manchego Cavaleiro da Triste-Figura, perdido fóra da vila e termo na turba dos guapos cavaleiros do «Faz-me-Arranjos» senhores do Mundo, por eles chasqueado e manteado, ás vezes, colhido pelos ventos ao semear tempestades, mas, sempre, ao arrepio deles e de todos, sem invejas que tolham medranças alheias, sem odios que alimentem arranjismos proprios, ás vezes, com esgares de riso a afogar soluços, com crôstas de laracha a tapar miserias, sempre, em repelões de colera que esponcam, estralejam e se esfumam em nadas, como foguetaria brava em arraial saloio, em girandolas de entusiasmo que rodopiam, fosforejam, estoiram e se apagam em coisa nenhuma, como mansas bichas de rabiar em fogueira sanjoaneira, em calma ou por borrascas, aos solavancos e aos tombos, a pensar pela minha cabeça, a escrever com a minha pena, a vêr com os meus olhos, a vibrar com os meus nervos, a sentir com a minha'alma—como calha, como me dá na tineta, sem olhar para traz, sem mirar para o lado, a andar par a frente, a cabeçar, talvez, a torto e a direito, mas muito por meu gôsto e minha real gana, sem pedir licença aos donos que não tenho, sem reclamar troco aos freguezes que não conheço, ao dobar, hoje, precisamente, no novelo do Kalendario, os ultimos esfiapos dos sessenta—fresco e lampeiro, sem ilusões e sem remorsos, sem eira nem beira, tendo de meu, apenas,—em bens de raiz porque quasi todos os dentes são postiços—a pedra raza que, ali, em Leça, por mim espera dum dia para outro...

E sem me arrepender, até aos sessenta, do que lá vae—a vêr vamos, com sessenta e um, como elas mordem ou como elas cantam, no que está para vir...

BRAZ BURITY.

3-2-1935

Homenagens citadinas a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão

Para ultimarem os trabalhos referentes á Grande Exposição dos Artistas Portuguezes, a abrir no próximo dia 1 de Maio, no Salão Silva Porto, e ao Grande Sorteio Nacional de Arte, cujo produto se destina aos monumentos de Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, e cuja extracção se fará pela Lotaria de Santo António, em 15 de Junho, partiram ontem para Lisboa os vogaes da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas, Dr. Abel Salazar e Dr. Joaquim Madureira, que na capital se avistarão não só com os artistas que enviam trabalhos á Exposição, como com as diferentes individualidades que á Exposição virão fazer uma série de interessantes conferências.

9 - 2 - 35

Pregões & Prédicas

(2.ª Série — 2.ª)

A obra de Henrique Pousão e as criminosas malfeitorias da Escola de Belas Artes a quem essa obra esteve entregue e foi doada

Acuso!, aqui, lisa e concretamente, com clareza, com convicção e sem papas na lingua, a Escola de Belas Artes do Porto—os seus mandarins e mandões—de durante mais de quarenta anos, há quasi meio seculo, terem condenado ao abandono, por desleixo, incapacidade, incuria e relaxação, ao criminoso vandalismo dos maus tratos e ao aviltante opróbio do esquecimento, a obra maravilhosa de Henrique Pousão—sonegando, ainda agora, nas cafurnas dos seus arquivos, desvãos, podrideiros e pocilgas, no misterioso arcano da sua Secretaria, a colecção das Academias escolares, a «nuce» do Artista; e, no antro ignobil a que, irrisoriamente, em S. Lazaro, lazaramente, se chama «Aula de Pinturas», o nu-feminino, obra devinatoria do impressionismo—e como tal, inestimavel e preciosa—a que o talento critico do Doutor Abel Salazar chama «uma peça de Mestre e de Museu».

Acuso!, já, tambem aqui, a mesma Escola de S. Lazaro—os seus chantres, conegos e meninos do côro—DE TEREM DADO SUMIÇO AO AUTO DA DOAÇÃO E A' RELAÇÃO DOS TRABALHOS DOADOS—alguns dos quais andam cá por fóra, uns, perdidos, outros, nas mãos de quem os comprou, a quem os vendia, ou, os aceitou, a quem os dava, e que, hoje, a uns e a outros, assim adquiridos, legitimamente e por justos titulos, chama seus e muito seus.

Velho e curtido, com o amargo saber de experiencias feito, não sou marinheiro de primeira viagem, que, de mergulho, me atire aos mares, assim de cabeça, sem, cauto e prudente, pesar e medir o alcance e a gravidade destas acusações; e, dahi, antes de mais nada, mais por segurança individual e respeito proprio do que por melindre com as atanadas insensibilidades alheias—que de gingeira se conhecem—o dever que me imponho de provar a verdade do que digo, a certeza com que acuso, demonstrando a justiça que já me assiste, a razão que, a seu tempo e a quem de direito, me impelirá a reclamar as inexoraveis sanções para a horda de malfeitores que, em S. Lazaro, estilhaçando a maquete «AMOR DA PATRIA» do desventurado estatuario Joaquim Gonçalves; limpando pinceis ao marmore do «DESTERRADO», macualando a obra-prima de SOARES DOS REIS, com nodoas e sombras indeleveis de oleo e de tinta; dobrando, como se dobram guardanapos, telas do VIEIRA PORTUENSE—a obra de HENRIQUE POUSÃO deram tratos de polé, que ainda hoje se testemunham e constatam, indo admirar essa obra ao ninho de emoção e de carinho que o devotado e inteligente zêlo do Doutor Vasco Valente lhe criou nos tabiques provisorios do Museu, a dentro das acanhadas possibilidades do seu misero e ratinhado orçamento, de tapa-miserias com unhas de fome.

*

A demonstração da incuria, do desleixo, dos maus tratos—estão ali patentes; e o meio seculo de selvatica relaxação e criminosa estupidez, de sacrilego esquecimento—saltam aos olhos de todos—estão demonstrados por si mesmo.

*

Podem atesta-los e jura-los, por sua honra, as centenas de pessoas que lograram, alguma vez, penetrar nos podrideiros de S. Lazaro, antes e depois da direcção honesta e inteligente do Doutor Vasco Valente—da sua dedicação estetica, da sua probidade profissional, e, acima de tudo—das suas vassouras e espanadores.

*

Que, ainda hoje, sonegam, ocultam e aferrolham parte dessa obra—patrimonio da Nação e que devia estar patente ao estudo de todos os alunos da Escola, e posta á admiração de todos os cultores da Arte, em regalia, gôso e gloria de todos os portugueses—demonstra-se e prova-se com a testaruda e turronia recusa, por banda dos mandarins e mandões da Escola, da entrega ao Museu das academias escolares de Pousão—que, como obras de Arte e elementos de estudo, deveriam, há muito, estar em uma ou duas estantes giratorias do Museu Soares dos Reis—que é, tambem, um Museu Escolar—e continuam ocultas e sonegadas a todos—inutilisadas, como documentos didaticos, visto que nem os estudantes nem ninguem logra, sem bons empenhos, pôr-lhes a vista em cima—e, de todo, perdidas para o culto dos admiradores de Pousão, que, até há pouco, lhe ignoravam a existencia—aferrolhadas, a sete chaves, entre as empoeiradas papeleiras da Secretaria da Escola—ainda, há tempos, soltas e cavulsas, á mercê

do surriplanços, numa pasta de cartão, e, pelos modos, agora, com trancas nas portas de casas roubadas, encadernadas num album, que, como o sino da adivinha popular, alto está, alto mora, ninguem vê e todos adoram.

E demonstra-se e prova-se, ainda, porque, aferrolhada, suja, enfumada, a enxafurdar-se na ignominia da «Aula de Pintura», Á' PEÇA DE MESTRE E DE MUSEU que, ainda a semana passada, foi, material e burocraticamente, impossivel fotografal-a — como, por varios meios, se tentou, para acompanhar com a sua gravura a prosa aqui transcrita do Doutor Abel Salasar...

São factos—e contra factos não há argumentos...

*

Vamos agora á doação e á relação dos trabalhos doados.

Sabe-se—quasi só por ouvir dizer—que o Pai de Henrique Pousão, o Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, ao tempo, Juiz de Direito da Comarca de Odemira, tendo assistido á morte do filho, em Vila Viçosa, a 27 de Março de 1884, com o mais piedoso e inteligente dos desvelos pela sua memoria artistica, rebuscou, adquiriu, coligiu, colecionou e anotou toda a sua obra—fazendo dessa obra doação á Escola de Belas Artes do Porto de que Henrique Pousão fôra aluno laureado e premiado.

Como fez essa doação?

Naturalmente, como qualquer pessoa—ainda que não fosse um Magistrado de carreira, como o era o pai de Pousão—faria uma doação dessa naturesa e desse valor.

Conhecendo o Codigo como os seus dedos, com a Lei na ponta da lingua, certo, que o Doutor Nunes Pousão, Juiz de Direito na Comarca de Odemira, fez essa doação, de harmonia com as disposições do Codigo Civil; á certa, por um documento escrito, por um titulo autentico ou autenticado, obedecendo aos requisitos e formalidades legaes—uma das quais, é, sem duvida alguma, a relação taxativa, completa e minuciosa, dos objectos ou valores doados—o seu inventario.

Se o fez perante notario—como é mais do que provavel—deve encontrar-se o instrumento da doação em qualquer dos cartorios de VILA VIÇOSA, onde o filho morreu e tinha a sua obra, ou de Odemira, onde o doador residia por dever do seu cargo, ou, talvez, aqui no Porto, onde, presumivelmente, veio acompanhar e despedir-se dos trabalhos doados e onde, alguem, com poderes da Escola, outorgaria na escritura aceitando a doação.

Na presunção que assim seja, já por todos esses cartorios se anda nas respectivas buscas, visto, que, NA SECRETARIA DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO, ao proprio Director do Museu Soares dos Reis SE AFIRMOU QUE NÃO EXISTIA QUALQUER COPIA, CERTIDÃO OU PUBLICA-FORMA DE SEMELHANTE DOCUMENTO.

Nunca existiu?

Não é crivel nem presumivel, sendo, como era, o doador pessoa culta, homem de leis, magistrado de carreira.

Mas, se o doador, ao doar de boca, a olho, os trabalhos doados, cometeu uma leviandade imperdoavel a um tendeiro inculto, mas, absolutamente inadmissivel e inacreditavel, por parte de um Juiz togado—admite-se que a Escola aceitasse a doação, assim, de mão beijada, sem mais aquelas, ao pé para a mão, como nabos em saco, sem a inventariar, peça por peça, numero por numero?

Os absurdos de incuria oficial das nossas burocracias e da ignorancia legista dos nossos bachareis em direito, ultrapassam, ás vezes, as imprevistas ralas do disparate mais imprevisto e estapafurdio—mas, até prova em contrario, tem de admitir-se que o titulo de doação existiu e que, se não existiu, na Escola se deve ter feito, pelo menos e porisso mesmo, um rol dos trabalhos doados—senão como quem redige um documento oficial, como quem atamanca um rol de roupa-suja.

E, não podendo, assim, deixar de se admitir—de ter como certo—que existiu a doação feita pelo Pai de Pousão ou o rol feito pela lavadeira da Escola—como nem a doação nem o rol aparecem, tem, logicamente, de se concluir que levaram sumisso, que desappareceram.

Nem o francês Monsieur de La Palisse, nem o cosmopolita Calino, nem o nosso portuguesissimo amigo Banana ouzariam contesta-lo e provar o contrario.

Desapareceu êsse documento:—mas, aparecem, cá fora, na mão dos seus donos, trabalhos de Pousão, e, entre êsses trabalhos, apontam-se, conhecem-se, identificam-se trabalhos que sairam da Escola, que foram, originariamente; ao passarem para os seus actuais donos, de creaturas com cargos oficiais dentro da Escola.

Posso afirma-lo.

Posso—sem ser acusa-cristos—apontar êsses trabalhos e declinar, diante de quem de direito, os nomes dessas criaturas.

Enquanto o titulo da doação não aparecer e isso se não fizer, será preciso mais para demonstrar a verdade do que levo dito—para fundamentar, sem outras carradas de razões, o alcance e a gravidade desta acusação, lisa e concreta, feita com clareza, com convicção e sem papas na lingua, á Escola de Belas Artes do Porto, aos seus mandarins e mandões?...

E' pedir por boca:—ainda há muito pano para mangas e como largos dias tem cem anos—o que se não faz em dia de Santa Maria, faz-se noutro dia.

Assim, o «Primeiro de Janeiro» dispusesse de espaço para liquidarem estas contas todas duma só vez, duma assentada e no mesmo dia.

RAZ BURITY

10 - X - 35

Mestre ARTUR LOUREIRO



Fez ontem um ano que, por iniciativa de «O Primeiro de Janeiro» e comemorando o 81.º aniversário do nascimento do glorioso artista Mestre Artur Loureiro, um grupo de admiradores e discípulos do grande paisagista colocou uma lápide votiva, na casa da rua do Bomjardim, em que êle nasceu.

Comemorando essa data «O Primeiro de Janeiro», faz votos para que, de ontem a um ano, se inaugure no Pôrto o monumento ao glorioso Mestre a que, como aos monumentos a Silva Porto e Henrique Pousão, seus companheiros e camaradas, se destina o produto do *Grande Sorteio Nacional de Arte*, cujos prémios são constituídos pelos trabalhos oferecidos por cêrca de 300 cultores de todas as Belas-Artes de Portugal para a Grande Exposição dos Artistas Portuguezes, a abrir no próximo dia 1 de Maio, no Salão Silva Porto.

12 - 2 - 35

As homenagens postumas aos mestres Silva Porto, Henrique Pouson e Artur Loureiro

Reuniu esta noite, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a Comissão executiva das homenagens citadinas a Silva Porto, Henrique Pouson e Artur Loureiro.

Além da exposição artística, a que o nosso jornal tem dado larga publicidade, a efectuar no Porto, ficou resolvido realisar, simultaneamente, em Lisboa, uma exposição retrospectiva das obras dos três homens, iniciativa que será patrocinada pelo Município da capital.

Deliberou-se fazer pela lotaria de Santo Antonio o sorteio nacional de artes, cujo produto se destina ás despezas com os monumentos a erigir á memória dos tres pranteados mestres.

Durante a exposição que vai realisar-se no Porto irão fazer conferencias á capital do Norte os srs. drs. Ricardo Jorge, Duarte Leite, Reinaldo dos Santos, Xavier da Costa e Abel Salazar e engenheiro Cunha Leal.

15 - 2 - 35

Pregões & Prédicas

Homenagens citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro. A Grande Exposição dos Artistas Portugueses. O Grande Sorteio Nacional de Arte

Nascida e inicialmente acalentada aqui, nestas colunas, a ideia de consagrar aos trez grandes mestres da Pintura Portuense, Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, trez expressivos e singelos monumentos, homenagem e tributo de todos os artistas portuguezes e pagamento duma velha divida da Cidade do Porto aos trez gloriosos pintores que tão alto elevaram o renome e o prestigio da Escola de Belas Artes—é, aqui, nestas colunas, que, em primeira mão, me julgo obrigado a dar conta, da marcha triunfal, embora acidentada, dessa, cada vez mais triunfalmente em marcha e cada vez próxima, segura e certa do mais completo e ruidoso triunfo.

Excedendo todas as previsões e espectativas, ao apêlo aqui lançado póde dizer-se que todos os cultores das Belas-Artes em Portugal, brilhante e generosamente nos vieram trazer os seus trabalhos, dando todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, dos mais célebres aos mais obscuros, o seu valioso concurso para a «Grande Exposição dos Artistas Portuguezes», que, nas duas vastas salas do Salão Silva Porto, no próximo dia 1.º de Maio, será como que a grande parada das Artes Contemporaneas em Portugal.

E ainda esta semana, por intermédio dos agentes e correspondentes da mais forte e acreditada organização bancária do Pôrto e com o apoio de todas as Camaras Municipais do paiz, será lançado ao público, em todos os recantos de Portugal, organizado nestas bases, o «Grande Sorteio Nacional de Artes», sob o patrocinio da Ex.ma Camara Municipal do Pôrto e autorizado por despacho de Sua Ex.ª o Sr. Ministro do Interior, revertendo o produto para os monumentos a Silva Pôrto, Artur Loureiro e Henrique Pousão:

3 Primeiros Prémios—Trabalhos «hors concours», de Teixeira Lopes, Carlos Reis e Souza Pinto.

5 Segundos Prémios—Trabalhos classificados com as duas medalhas de oiro, duas de prata e uma de cobre, da Grande Exposição dos Artistas Portuguezes.

7 Prémios—Trabalhos classificados com as 7 menções honrosas e do valor de 2.000$00.

20 Prémios—Trabalhos classificados com menção honrosa, de valor de 1.000$00.

30 Prémios—Com 30 trabalhos não classificados, de valor superior a 1.000$.

1 aproximação do 1.º prémio, com um trabalho classificado com menção honrosa, de valor superior a 1.500$00.

1 aproximação ao 2.º prémio, com um trabalho classificado com menção honrosa, de valor superior a 1.000$00.

1 aproximação ao 3.º prémio com um trabalho classificado com menção honrosa, no valor até 1.000$00.

200 Prémios constituidos por trabalhos de valor entre Esc. 150$00 e 1.000$, pela ordem da sua numeração no Catálogo da «Grande Exposição dos Artistas Portuguezes».

—267 Prémios, ao todo, constituidos pelos trabalhos de 267 artistas portuguezes, no valor de 300 contos, oferecidos para a «Grande Exposição dos Artistas Portuguezes» e sorteados segundo o plano da Loteria de Santo António, da S. C. da Misericórdia de Lisboa. Extracção no dia 15 de Julho de 1935, CADA BILHETE 5 ESCUDOS.

❀

Com todas as facilidades por parte das estancias oficiais, com o mais caloroso apoio da Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, e da Sociedade de Belas Artes do Prto, com a dedicação fervorosa de bons e leais amigos, entre os quais, sem desprimor para nenhum, o nome de Alberto Silva tem de destacar-se num preito de justissima gratidão, a «Exposição e o Sorteio», tem o seu êxito garantido e, se, por banda do público portuguez—do público do Pôrto, principalmente—houver um pouco de interêsse, um poucochito de brio e um tantinho de entusiasmo, os trez singelos e expressivos monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, oferecidos á Camara Municipal do Pôrto, por todos os artistas portuguezes, serão uma realidade.

❀

E emquanto, nos mezes de Maio e Junho, no Salão Silva Pôrto, «decôr» luminoso dos trabalhos expostos por 267 artistas portuguezes, se fizerem ouvir em magistrais conferências de Arte, os mestres conferencistas, Duarte Leite, Ricardo Jorge, Reinaldo Santos, Xavier da Costa, Abade Baçal e Abel Salazar, em Lisboa, nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, estarão expostas as obras dos trez mestres estatuados no Pôrto, reunindo-se a obra de Silva Pôrto, dispersa pelas colecções particulares de Lisboa, a obra de Henrique Pousão, existente no Museu Soares dos Reis e a obra seleccionada de Artur Loureiro, existente no Pôrto e que Lisboa não conhece.

❀

Ao esforço dispendido para levar a cabo esta empreza, procurando-se desde a primeira hora, render culto aos trez Mestres Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro e, corresponder, quanto humana e decentemente era possivel, ao belissimo gesto de generosidade com que os artistas corresponderam aos apêlos aqui lançados, falta, só, que, por banda do público por banda de todos os portuguezes, por banda de todos os bons portuenses, se não deixe cair, no marasmo da indiferença, uma ideia, que de hora a hora, de dia a dia, foi criando alentos e deitando raizes, tão fortes e tão fundas, que ao fazer desta, haja o que houver, aconteça o que acontecer, póde, afoitamente, gritar-se em alto pregão:

—No dia de Santo António anda a roda e os monumentos de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, não estão ainda feitos, mas hão de fazer-se!

BRAZ BURITY.

10 - 3 - 35

Pregões & Prédicas

A Exposição da Sociedade de Belas Artes no Salão Silva Porto

A Exposição da Sociedade de Belas-Artes — o Salon Tripeiro, que, reclamava, em prosa de capa rica, largo comento e profusa anotação, precisamente, por dever ser a parada anual, o desfile marcial e periodico, solene e imponente dos artistas nortenhos realisou-se este ano por um repentino e miraculoso arranco das aptidões formidaveis do Alberto Silva para mordomo e festeiro de todos estes arraiais da Arte—rijamente comprovados, mais uma vez, trazendo, agora, ás lonas do Salão Silva Porto, com pouco mais duma semana de preparação, uma centena e picos de tr' alhos duma trintena redonda de expositores,

E, assim, na impossibilidade de esmiuçar, em individualisações pormenorisadas, o largo rosario de impressões, boas e más, colhidas diante de todos os trabalhos expostos, não regateando louvores ao esforço honesto de quasi todos e não tentando abater as prôas dos que procuram vender o seu peixe como Deus é servido—diga-se, em honra da verdade, ser agradabilissima a impressão global do certamen e ser harmonico e equilibrado o seu conjunto, dentro da mediana das faculdades e aspirações da grande massa dos expositores—em que, pelos modos, contentando-se todos, mais ou menos, com as pratas caseiras da celebridade na sua rua, só um, arranja pelo valor das mercadorias, mas pela fartura de seus titulos e diplomas a copiosa resenha de seus premios e medalhas, põe a sua candidatura aos loiros do Premio Nobel—com a sua mirifica descoberta do moto-continuo de pôr ou tirar calos, a pastel, ás figuras de cêra e fazer crescer os cabelos, em pontos-secos, tochas-doces, aguas-fortes, oleos, desenhações e cusparelas, a quem, como o Artista, (do Porto, entre parentesis) em Artes foi careca de todo...

❀

E apontando, de fugida e raspão: o arreganho e talento com que Fernando Galhano, vem pela primeira vez á feira, a marcar o seu logar ao sol e o avanço, seguro e honesto de Alberto Silva, a trabalhar o oleo como gente, na figura e na paisagem e a dar requintes de modelação e desenho na tecnica perfeita das suas naturezas mortas; a heraldica gentilhomeria, sempre eloquente e vincada da arte personalissimo de Alberto Ayres de Gouveia, a magistrolar-se, cada vez mais, no pastel e mantendo-se, no oleo, com o preciosismo de composição, que, com bom-tom, o arranca de todos os barrancos do colorido e o soergue e notabilisa, muito acima da craveira mean dos artistas da sua egualha; seria de bradar aos ceus não pôr em destaque e realce, num hino de louvores e numa ladainha de incitamentos, a oleo, as flores e trez das cabecitas de Sofia Martins, que, bemdita entre as mulheres que ainda pintam ou já pintaram em Portugal, mantendo as tradições e a reputação da grande Aurelia de Sousa—que pintava como um homem, anda esquecida como uma sombra e é preciso fazer rebrilhar como um astro—com carradas de talento sabe do seu oficio como um Mestre e cultiva a sua Arte como uma Eleita—sem tropeções, sem deslizes, sem desanimos e sem vaidades...

❀

Mas, em nota alta e predominante, formidavel de beleza, estupenda de graça, de frescura, de vigor e de delicadesa, de naturalidade e de encanto, forte como Arte, vibrante como tecnica, impecavel como desenho, magistral como modelação, suavissima como colorido, a mocita, que, embiocada no seu chalie cinzento, com os olhitos humidos, pingo no nariz, beicitos de febre, arripiada de frio, constipadita de todo, o talento masculo, a alma san, a Arte purissima, A GRANDE ARTE, de Antonio da Costa, em hora feliz de inspiração, em bemdita hora creadora, pastelou «No Inverno»—vale, por si só, todo o resto da Exposição e vale tanto ou tão pouco, que é, sem favor, uma das grandes paginas de Arte que a Arte Portuguesa, com orgulho e sem desdoiro, pode carrear para qualquer dos grandes museus mundiais da Arte Contemporanea.

E', em toda a parte, uma grande e bela obra de Arte e aqui, nas lonas do Salão Silva Porto, é bem, por si só, na eloquente simplicidade da sua grandesa, a grande, a victoriosa e a triunfal resposta de um grande Artista, a todos as miserrimas cabulas dos subalternissimos troca-tintas que lhe ladram aos calcanhares, lhe saltam ao caminho, e, arrancando da lama em que chafurdam, as favas que se lhes enegreceram na podridão das almas.

Antonio Costa é um grande artista—o seu nome impõe-se, como um exemplo e um valor, aos artistas da sua geração, a todos os homens honestos e limpos da sua terra...

Os outros, podem fingir ignoral-o ou podem, mesmo, combatel-o. A mocita do «Inverno», responde por êle e responde a todos—tornando-o cada vez maior, colocando-o cada vez mais alto... aos ladridos da caravana, ás vilanias da Arte que são as vilanias do mundo...

❀

Do mau-setro e ruim tinêta de João Reis, em «japresto» teimoso, a pasticnar, apenas, as pressões de pincelada e falhas de acabamento do Grande Mestre e Senhor Seu Pae; da probidade pitoresca, romantica e proba de Julio Ramos e do boulevardismo de Abel Salazar—não ha que dizer, não tendo já, nem corda nem espaço para apontar o esforço operoso de Alfredo Azevedo, Antonio e Julio Victorino, Irmans Alarcão, Manuel Lucio, Emilio Velo, Brito Barbosa, Alice Grilo, Pedro Figueiredo, Othão Luiz, Porfirio Abreu, Casimiro de Carvalho, Marques Rodrigues, Carlos Carneiro e Gonçalo Pacheco e não podendo, por isso, nem engrinaldar de calorosos elogios as trez cabeças minhotas de Alberto de Sousa—o Mestre Aguarelista de quem, por miudos, aqui ou algures, lhes hei de falar um dia—nem para saudar, com viva e calorosa simpatia as lindas e luminosas manchas de Manuel Rodrigues, aguareladas com presteza, sentimento e perfeição, como aguareladas com candura, rigor e colorido são as manchas do arquiteto Agostinho da Fonseca, que, com galhardia, marca o seu posto entre os mais desempenados guerrilheiros da boa Aguarela Portuguesa.

❀

Do Americo Gomes, com a sua «Moira de trabalh', não vale falar-lhes—santos de casa não fazem milagres e o bom do Americo, dez dos seus bonecos de barro, já antes do seu «Homem do Leme» e do seu «Bôbo do Batuque»—aqui apregoados e já glorificados na eternisação do bronze—é santo com altar e baqueta, em devoto «lausperenne», na recondita ermidita do meu coração...

Nem dêle nem do Adolfo Marques, com o seu «Quixote», eu sei dizer-lhes coisas...

Dos outros, saberia dizel-as—olé se sabia!—mas passo e não quero.

Não valem a pena nem a cêra que ás vezes se gasta com os ruins defuntos.

O calado, em coisas de Arte, como na escolha dos melões, é sempre o mais seguro e o melhor...

Diz tudo—e deixa advinhar o resto.

BRAZ BURITY.

Post-scriptum—Porque me afirmam ser Duarte Camarinha um belo moço cheio de aptidões e qualidades nativas, ainda a tempo de emendar a mão e ter cura das verduras e borracheiras dum vanguardismo mais reles e mais pires do que todas as cambadas botas de elastico dos que, sabendo desenhar, pintam o que veem e o que sentem, como os ensinaram a pintar e sentir—julgo ainda mais obra de caridade do que dever civico, o apontar-lhe o caminho errado em que vai aos tropeções, com grave risco de se estatelar.—B. B.

17 - 3 - 35

Pregões & Prédicas

O Grande Sorteio Nacional de Arte

Em que pése a muita gente boa e engulhos faça a muitas almiinhas que se não julgam más, embora não prestem para nada, montados em todo o país, do norte ao sul, graças á rêde envolvente das formidáveis organizações começais da casa bancaria Borges & Irmão e da empresa editora Lelo, que, bizarra e galhardamente, tratando-se de glorificar, em trez grandes artistas portuenses, as glorias e tradições artisticas do Pôrto, marcaram os seus logares e tomaram as suas posições de «primus-inter pares», dando-nos todo o valiosissimo auxílio, toda a enorme força, do seu apoio e do seu concurso—os serviços de venda e de propaganda do *Grande Sorteio Nacional de Arte*, excedendo todas as espectativas, ultrapassando todas as previsões, antes mesmo de entrarem na fase ruidosa da publicidade, começam a coroar do mais formidável exito todos os trabalhos e canceiras em que, como numa camisa de onze varas, nos metemos, de corpo e alma, com unhas e dentes, para levantar num lindo jardim do Pôrto, trez lindos e expressivos monumentos a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão—os trez gloriosos mestres da Pintura Portuense.

De todas as cidades, de todas as vilas, de todos os recantos de Portugal, onde a casa bancaria Borges & Irmão tem um agente, onde a casa editora Lelo tem um correspondente, de toda a parte, chegam ao Salão Silva Porto, vibrantes, calorosas, entusiásticas demonstrações de apiauso, de solidariedade, de cooperação, na obra patriotica, na obra nacionalis'ma, de consagrar trez grandes artistas de Portugal e de fazer coroar de vitorioso triunfo a nobilissima generosidade de 267 artistas portuguezes, que ofertaram o melhor do seu talento o melhor da sua arte, no valor de 300 contos, para erigir no Pôrto trez belos e expressivos monumentos aos trez mestres da Pintura Portugueza.

Não é a simples e séca aquiescencia a uma banaliss'ma circular solicitando que se encarreguem da propaganda, passagem e venda de determinados bilhetes, em determinadas condições e com determinadas condições de revenda.

São compras firmes de avultado número de cadernetas, a titulo de experiencia; são pedidos instantes de cartazes, placards e impressos de propaganda; são desmesurados encomios e exagerados louvores ao arrojo da iniciat'va e á elevação moral dos seus fins; e são, sobretudo, como prova material e palpavel do interêsse superior que o *Sorteio* desperta, a inesperada e generosissima recusa de muitos, em aceitar qualquer comissão pelos arduos e absorventes trabalhos da propaganda e revenda.

A todos, na impossibilidade material de ind'vidualizar agradecimentos, a todos, de todo o coração, duas palavras só: *muito obrigado!*

✻

E mãos á obra...

Com a escrita do «*Grande Sorteio Nacional de Arte*», organizada—em livros e material de escritório, cavalheirosamente oferecidos pela conceituadissima Papelaria Central, da f'rma J. Dias Alves Pimenta & Filhos—pela alta competencia profissional de Mário Morais, empregado superior da casa Borges & Irmão, podem iniciar-se as operações e pôr-se em marcha toda a complicada engrenagem da propaganda e da venda.

Dentro de poucos dias, acompanhando a publicidade de toda a Imprensa Portugueza, nos grandes orgãos de L'sboa e Pôrto e nos orgãos locais dos grandes e pequenos centros da Provincia, muitos milhares de cartazes e placards, esmeradamente por todo o país, ilustrados com simplicidade e primor pela paleta de Alberto Silva e pelo japis do dr. Abel Salazar, chamarão a atenção de todo o povo portugues para o *Grande Sorteio Nacional de Arte*, em belos trabalhos policromicos das duas modelares litografias do Pôrto—a *Empreza Gráfica do Bolhão* e a *Litografia Lusitana*, que, num requinte de fidalga bizarria, se encarregaram gratuitamente dêsses dispendiosos trabalhos—como sua cooperação artistica, aos 267 artistas que, com as suas obras de Arte, vão erigir os expressivos e belos monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Por 250 dos principais estabelecimentos da Cidade, indicados e solicitados pelo activo e dedicadissimo Presidente da Associação dos Comerciantes do Pôrto, o nosso bom am'go Raul de Sousa Ferreira, por todos os cafés, cinemas e nas salas de espera dos mais bem frequentados consultórios, placards de propaganda e postos de venda de bilhetes, recolherão, as esportulas de todos os bons tripeiros, que, por cinco escudos, concorram para dotar o Pôrto com trez monumentos a Trez Grandes Artistas Portuenses, habilitando-se, como pessoas cultas, por cinco escudos, a adquirir, como pessoas afortunadas uma preciosa obra de Arte, orig'nal e assignada, pelos trez mestres, *hors concours*, Carlos Reis—com uma paisagem, Sousa Pinto—com um nu; Teixeira Lopes—com um baixo relêvo, ou por qualquer dos 267 trabalhos que os maiores e mais célebres artistas portugueses ofereceram, no valor de 300 contos para a *Grande Exposição dos Artistas Portuguezes*.

Em Lisboa, desde já, mas mais intensamente, quando na Sociedade Nacional de Belas Artes se realizarem as trez exposições retrospectivas de Silva Pôrto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, a vasta e inteligentissima organização de propaganda a que o fervoroso entusiasmo e a provada e generosa dedicação artistica de Agostinho Fernandes—o prodigioso organizador das «Homenagens a Mestre Malhoa»—e de António Saúde—o brilhante paisag'sta e incansável Vice-Presidente da Sociedade de Belas Artes—estão a dar, de acôrdo com os gerentes das filiais em Lisboa, da Casa Borges e da Livraria Lelo, os últimos apuros e retoques—o êxito do Sorteio Nacional de Arte, entregue a boas mãos, não deixará de dar os melhores frutos—que, por gracioso e penhorante oferecimento do Rádio Club de Portugal, em ondas curtas, médias e compridas, serão, diariamente, radiofundidos pela telefonia sem fios, através do espaço por êsses mundos sem fim.

✻

E do dia 1 de Mai'o a meiados de Junho, quando no Salão Silva Pôrto, se abrir e efectuar a «*Grande Exposição dos Artistas Portuguezes*» a que, com brilho e talento, com preciosas obras de Arte, concorrem 267 artistas contemporaneos—dos maiores e mais ilustres aos mais modestos e obscuros—com o brilhantismo das conferências, que durante a Exposição ali virão realizar os altos e eminentes espiritos de Duarte Leite, de Ricardo Jorge, de Reinaldo Santos de Xavier da Costa, de Cunha Leal, do Abade de Baçal e de Abel Salazar, com as festas de requintada arte que ali se darão—com a classificação dos trabalhos expostos pelo sufrágio directo do público, em boletins pagos e camb'áveis por bilhetes do Sortéio, e com a atração aliciante do Catálogo, com os retratos e as notas artisticas dos 267 expositores, que o talento gráfico de Marques de Abreu tornará um primor—os trabalhos e canseiras da *Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro* se não fecharem com chave de oiro, tendo amealhado fundos avonde, para os trez monumentos e dando ainda sobras para as obras de caridade das gentilissimas senhoras, que vão auxiliar-nos nesta campanha—será, positivamente, por culpa minha e só minha—que, como sempre, serei o culpado de todas as culpas...

Por todas as razões e por mais uma:—é de poder bem com todas e não estar afeito a atirá-las para cima, seja de quem fôr...

BRAZ BURITY.

24 - 3 - 35

Homenagem a Henrique Pousão

Ontem por volta das 4 horas, um numeroso grupo de admiradores de Henrique Pousão com os srs. dr. Abel Salazar, Braz Burity e dr.ª Adelaide Estrada, foi visitar no Museu Soares dos Reis a «Sala de Henrique Pousão», deixando no livro dos visitantes do Museu um protesto contra o abandono a que a obra de Henrique Pousão esteve votada, durante mais de 40 anos.

28 - 3 - 35

Homenagem a Henrique Pousão

Ontem, por volta das 16 horas, um numeroso grupo de admiradores de Henrique Pousão, com o dr. Abel Salazar, Braz Burity e Doutora Adelaide Estrada, foi visitar, no Museu Soares dos Reis, a Sala de Henrique Pousão, deixando no livro dos visitantes do Museu este protesto:

«No dia 27 de Março de 1884, morreu em Vila Viçosa, com 25 anos incompletos, Henrique Pousão, aluno laureado da Escola de Belas Artes do Porto, expositor, com o quadro »Cecilia», do Salon de Paris, em 1882, e que, adivinhando o movimento impressionista que por esses tempos ia revolucionar a Pintura Europeia, foi, em Portugal o precursor do Impressionismo Contemporaneo—o seu mais alto, mais luminoso e mais belo expoente na Pintura Nacional.

Cincoenta e um anos depois, comemorando a sua morte e ajoelhando reverentes ante a sua Obra, recolhida, com piedoso e inteligente desvelo, na Sala que, ainda não há um ano, lhe consagrou, neste Museu, o seu actual director, dr. Vasco Valente, vieram em piedosa romagem os abaixo assinados, que, como portugueses, procurando enaltecer e prestigiar os autenticos valores da nossa Pátria, protestam contra o estupido abandono e criminoso desbarato a que durante mais de 40 anos, esteve votada a obra maravilhosa de Henrique Pousão—deposito sagrado confiado pelo heroico amor do dr Augusto Nunes Pousão, pai de Henrique Pousão, á Escola de Belas Artes do Porto, que, ainda hoje teimosamente sonega á admiração publica, alguns dos seus preciosos elementos essenciais para o estudo e para o culto do grande desventurado artista, morto ha cincoenta e um anos em Vila Viçosa, e, emfim, agora, a caminho da sua gloriosa e apoteotica ressurreição».

28 - 3 - 35

Grande Sorteio Nacional de Arte

Sob o Patrocinio da Ex.ma Camara Municipal do Porto e autorizado por despacho de Sua Ex.ª o Snr. Ministro do Interior

—Revertendo o produto para os monumentos— a Silva Pôrto, Artur Loureiro e Henrique Pousão

3 **Primeiros prémios.** Trabalhos «hors concours» de Teixeira Lopes, Carlos Reis e Souza Pinto.

5 **Segundos prémios.** Trabalhos classificados com as duas medalhas de oiro, duas de prata e uma de cobre da **Grande Exposição dos Artistas Portugueses.**

7 **Prémios.** Trabalhos classificados com as **7 menções honrosas** e do valor de 2.000$00.

20 **Prémios.** Trabalhos classificados com **menção honrosa** de valor de 1.000$00.

30 **Prémios.** Com 30 trabalhos não classificados de valor superior a 1.000$00.

1 aproximação do 1.º prémio com um trabalho classificado com **menção honrosa** de valor superior a 1.500$00.

1 aproximação ao 2.º prémio com um trabalho classificado com **menção honrosa** de valor superior a 1.000$00.

1 aproximação ao 3.º prémio com um trabalho classificado com **menção honrosa** no valor até 1.000$00.

200 **Prémios** constituidos por trabalhos de valor entre Esc. 150$00 e 1.000$00, pela ordem da sua numeração no Catálogo da **Grande Exposição dos Artistas Portugueses.**

267 PREMIOS, ao todo, constituidos pelos trabalhos de 267 artistas portugueses no valor de 300 CONTOS oferecidos para a «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» e sorteados segundo o plano da Lotaria de Santo António da S. C. da Misericordia de Lisboa.

Extracção no dia 15 de Junho de 1935

Cada bilhete 5 Escudos

Cadernetas de 5, 10, 15 e 20 bilhetes

A' venda em todos os bons estabelecimentos do Porto e Lisboa EM TODO O PAIS:

NOS AGENTES DA CASA BANCARIA

Borges & Irmão

e nos correspondentes da Casa Editora

Lelo & Irmão, Sucrs.

3 - 4 - 35

Pregões & Prédicas

A EXPOSIÇÃO DE CEM PAISAGENS PORTUGUEZAS

DO MESTRE PAISAGISTA EZEQUIEL PEREIRA

Nos fins do verão passado faleilhes, aqui, em dois estiraçados pregões, dum mestre paisagista que paisaja e não vende, dum pintor alfacinha que pinta e não expõe, contando-lhes a veridica historia e as estranhas e edificantes teorias dum artista, que sendo um dos maiores pintores portugueses, chegou perto dos setenta anos quási desconhecido em Portugal.

Disse-lhes, então, que, no meu arreigado e entusiastico culto por Silva Porto, o maior e mais glorioso dos artistas portuenses, que, sendo um dos melhores paisagistas de todo o Mundo, é o mais belo, o mais forte, o mais perfeito, o mais admiravel e o mais português dos pintores portugueses—de há muito me afizera admirar em Ezequiel Pereira, discipulo e companheiro dos ultimos anos do Mestre, o privilegiado herdeiro da sua paleta, o avaro detentor da sua técnica, o lidimo e genuino representante da sua Arte, o dilecto e luminoso continuador da sua obra de paisagista—pitórica, estrutural e racialmente português.

Afirmei-lhes, que era, pois, velha de muitos anos, a minha profunda e viva admiração pelo talento de Ezequiel Pereira, e que tinha cabelos brancos a minha testaruda teimosia em considerá-lo—apesar das suas reclamações e protestos, da sua apagada e voluntária obscuridade, e, sobretudo, da sua renitente e criminosa indiferença por todas as fugazes glorificações artisticas e mundanetras—como um dos mais belos, dos mais fortes, dos mais perfeitos, dos mais admiraveis e dos mais portugueses dos pintores de Portugal—sendo, como é, com personalidade própria, com temperamento seu, com funda e vinoada originalidade, adentro da formula paisagistica de Silva Porto, o maior e o melhor dos Mestres, que hoje tratam, em mestres, a paisagem portuguesa.

E asseverei-lhes, que, uma das primeiras bolas a sair do saco, seria a exposição da sua obra que, á certa, daria que falar e seria falada, porque, falando como gente, melhor que o preto no branco, com todas as côres da variegada paléta do Mestre colorista, todos e cada um dos formidaveis nacos da grande e da forte, da boa e sólida, da quente e luminosa pintura de Ezequiel Pereira—que, valha a verdade, os mais desses nacos, em tamanho, não passam de pedacitos que não chegam a ter um palmo de tábua e uma bisnaga de tinta!—são todos, do primeiro ao ultimo, enternecidas e cantantes estrofes dum colorido e vibrante poema paisagista ao Sol, á luz, á côr, ao sentimento, ao encanto e á alma do arvoredo, das águas e do Céu das terras deste soalheiro e lindo Portugal—sentido, amado, compreendido e interpretado, em castiça e verdoula pintura portuguesa, com a Arte Portuguesa, o talento português e os pinceis portuguesissimos dum grande paisagista português até á medula dos ossos, português dos quatro costados, português de antes quebrar que torcer, português, na vida, de um só rosto, e, na Arte, de uma só fé, português como aqueles grandes portugueses de antanho, que, pelo talento e pel ocaracter, foram a gloria e timbre, em todos os tempos, dos bons portugueses de Portugal.



Ezequiel Pereira

— Disse-lhes que essa exposição, pondo em contacto o grande publico com a obra pitorica de Ezequiel Pereira, a todos, mostraria, numa estupenda e inesperada revelação, numa aura de surpresa, nimbado de triunfo, quanto pode e quanto vale um grande pintor, um belo colorista, um paisagista admiravel, um artista originalissimo que, roçando pelos setenta anos e tendo feito da pintura, desde moço, o seu oficio e a sua religião, cultuando a sua Arte, com inescedivel carinho e com rigida probidade, com personalissimo talento e com encendrada devoção pelo Mestre que o guiou e ainda o fascina—tem sido, até aqui, para a maioria de toda a gente, quasi um desconhecido e um ignorado chegando, para muitos, a ser um anónimo, e, só não sendo, para raros apenas, um João-Ninguem—neste canteiro uberrimo das Celebridades Artisticas da Nossa Terra, onde todos se conhecem, todos se notabilisam, todos andam nas bocas do Mundo e nos galerins da Fama, tutejando a Gloria, beijocando a Imortalidade, dando cartas e dando leis, fazendo a chuva e o bom tempo, pintando todos a manta e chegando alguns, até ao supremo imprevisto—de pintarem e venderem quadros.

Jurei-lhes, pelos meus graus, que tudo quanto Ezequiel pinta, com alma, com unhas e com um tantino de mandria, sentindo o que pinta e sabendo sempre o que está a pintar—tela de cavalete ou taboita de pochade——em pleno ar-livre, e em plena soalheira, era sempre, pela sua largueza e simplicidade, pela sua luminosidade e alegria—em apoteótica glorificação da Escola, da paisagem, da formula, da maneira e da tecnica de Silva Porto—uma obra honestissima, original e inconfundivel de Ezequiel Pereira, sendo, entre todas as visinhanças e sujeita a todos os confrontos, uma obra de destaque e de realce, sempre cheia de luz, cheia de graça, cheia de vida, cheia de côr—dando a alma luminosa da paisagem e vibrando na tela todo o luminoso portuguesismo da luminosidade portuguesa das paisagens de Portugal.

Disse-lhes, que não expondo nem vendendo o que pinta, pintando para seu uso e para seu goso, por capricho e deleite, duzias e duzias de maravilhosas taboitas, de menos de palmo pelo tamanho e de véro encanto pela fresoura, pelo desenho, pela composição, pela largueza, pela côr e pela vida—na Arte Portuguesa só compardveis ás miraculosas taboitas de Henrique Poisão, no Museu Soares dos Reis—a pintura de Ezequiel Pereira é qualquer coisa de forte, de belo, de grande, pela intensa luminosidade e pela arte honestissima, que, medida a metro pelo numero de peças e sua rareza, póde, talvez, pôr ao léu a calva madraceira do Artista, mas, que, pelo valor e qualidade, o guinda aos mais altos postos, ás mais elevadas esferas em que pairam, sempre nas nuvens, os raros e contados paisagistas, que, em Portugal, pelo talento, marcam, em mestres, o seu lugar ao Sol...

— No fim do verão passado, disse-lhes mais ou menos tudo isso, contando-lhes a veridica historia dum Mestre paisagista que paisaja e não vende, dum pintor alfacinha que pinta e não expõe, dum artista que, sendo um dos maiores pintores portugueses, chegou perto dos setenta anos quasi desconhecido em Portugal...

Hoje, aqui, lhes assevero, em alto pregão, que tudo quanto então disse, se prova com oem documentos á vista na EXPOSIÇÃO DAS CEM PAISAGENS PORTUGUESAS DO MESTRE PAISAGISTA EZEQUIEL PEREIRA, que servindo-se a Arte e em homenagem ao artista, vencendo a sua obstinada relutancia em apresentar e vender os seus trabalhos ao publico—só para o provar e o deixar provado aos olhos de toda a gente—com canceiras e custo se organisou, com as preciosas ajudas do Antonio Costa e do Americo Gomes e se vai abrir com a activa cooperação do Alberto Silva, logo á tarde, por volta das oatorze horas, no Salão Silva Porto...

Onde os espero, hoje, amanhã e nestes dias mais chegados, para admirarem a obra do Mestre Paisagista Ezequiel Pereira—sem contudo, porem a vista em cima do Artista que não houve meio de trazer amarrado até Cedofeita—e para me chamarem nomes feios, coisas sujas e coisas más, se, vendo e estudando, uma a uma, as CEM PAISAGENS PORTUGUESAS, concluirem que os levei ao engano, que lhes contei o conto e que ando aqui, nestes malfadados pregões, nesta quadra de folares e amendoas, a impingir-lhes gato por lebre ou a tal coisa por banha de cheiro.

BRAZ BURITY

14-4-35

Pregões & Prédicas

A ressurreição artistica de Eugénio Moreira

Entre os pintores da Idade de Ouro de Pintura Portuguesa— a geração portentosa do GRUPO DO LEÃO, desabrochada, em torno de Silva Porto com os artistas matusculos, que, em Arte, foram Malhôa e Vaz, Ramalho e Loureiro, Marques d'Oliveira e Columbano e a geração imediata, ainda de respeito, em que Constantino Fernandes se alçapremou, nas ABANDONADAS e no RETRATO DA SOFIA BAHERLEIN e de que ainda são vivos e estão na brecha, em expoentes máximos Mestre Carlos Reis—que todos conhecem—e êste luminoso Ezequiel Pereira—que ninguem conhecia—e que, com AS CEM PAISAGENS PORTUGUESAS, está em pleno triunfo a marcar, entre os maiorais, o seu logar e o seu valor, no Salão de Cedofeita—entre todos os artistas dessas duas privilegiadas gerações—que na Estatuária ainda deram, fazendo peanha a Soares dos Reis, Costa Mota, Teixeira Lopes, Joaquim Gonçalves, Augusto Santa e Fernandes de Sá, os mais altos da nossa Escultura Contemporanea—o Génio e a Desventura que tocaram o marmore divino do DESTERRADO, nimbaram de Glória e apagaram no Esquecimento dois nomes imorredoiros nas Artes da nossa terra:— Henrique Pousão e Eugenio Moreira.

Ao fim de mais de quarenta anos de abandono e desleixo, de deevergonhas e incurias Henrique Pousão ressurgiu, tem a sua obra reunida numa sala carinhosa e decente do Museu Soares dos Reis, vai mostrar-se a Portugal inteiro, em Junho, em pleno bulicio das Festas da Cidade, com Silva Porto e Artur Loureiro, nas TREZ EXPOSIÇÕES DE LISBOA e com Silva Porto e Artur Loureiro vai ter o seu expressivo e singelo monumento nos Jardins do Palacio de Cristal—graças ao SORTEIO NACIONAL DE ARTE—cujos bilhetes estão á venda e só os não compra quem não tiver uma pisca de vergonha na cara.

Eugenio Moreira, êsse, coitadito, com a obra ainda oculta, ignorada e dispersa dos vais-vens do Azar e do Acaso, sabe-se lá porque mãos—andava de todo desprezado e esquecido a apigir-se, de vez para sempre, na chama mortiça do culto que ainda o aquecia dos corações amigos de dois ou três camaradas que, em moços, o tinham conhecido e o tinham admirado e ter-se-ia esfumado e apagado de todo, se, num prodigio reconstrutivo de memória poetória e descritiva o Dr. Abel Salazar—que há vinte anos vira o estudo-maquete desse maravilhoso FIM DA TARDE—(VALE DE PENACOVA), não aparecesse Eugenio Moreira desta feita formidanda de rija e eterna pasta portuguesa:



«E' a hora mistica das Trindades; estão já lividas as côres, na penumbra violacea dos vales fundos e tudo se imaterializa na espetral agonia da luz difuza e azulada. E' o momento indeciso e vagamente ancioso que precede a noite ;e já os brancos dos caminhos e das habitações se amortecem de veladuras melancólicas.

Ao longe, no fundo da tela, para além das vertentes que fecham o vale, erguem-se, nos ares, altas serranias, onde se chapa o contrapoente: e a luz fulgura aí com esse extasis pasmado que parece a estupefação de um adeus, frente ao sol em agonia, lá no grande drama cenográfico do poente...

O lirismo patético do momento é dado com simplicidade, sem enfase; e a melancolia agonica da hora, o seu caracter de sideração enervada, de anciedade suspensa, paira bem condensado nos ares. A paisagem é sólidamente esculpida; e os detalhes burilados com uma precisão sem secura.

Notemos as habitações dos primeiros planos, lá no fundo, em prespectiva dificil e o justissimo recorte de arvoredos bem como a modelação sobria e vigorosa dos contrafortes. Esta escultura de paisagem é revestida por um colorido luminoso, duma justeza, duma harmonia, e duma musicalidade que só se encontra nos mestre da paisagem.

Os brancos e os neutros, em particular ,revestidos do seu manto de luz agonica, duma tão dificil realização, são duma justeza incompardvel.

Em todo o quadro, paira a melancolia das Trindades, nessa fadiga de luz violacea que se abandona á sepultura das sombras. Na terra, cai a estupefação da morte, esse pasmo dos montes, ao verem sumir-se o sol, no espectaculo incandescente do seu ocaso e tudo fica um momento como que suspenso numa grande hesitação perplexa, em que passa já o frémito das trevas. Não é noite nem é dia, mas a noite absorvendo os restos agónicos do dia; e tudo se concentra, nas serras e nos vales, numa reserva grave, em que paira a inquietação.

Este momento fugidio, o autor do «Vale de Pena Cova» soube fixa-lo e exprimi-lo com uma precisão em que a intensidade é acentuada, sem insistencias, sem rebusques: é a própria alma da hora nostalgica que o artista deixou na téla. Desta forma o «Vale de Penacova» pertence á categoria das paisagens de emoção concentrada, mais rica de sugestões do que de dicções e que tem a eloquencia muda das verdadeiras páginas de arte.

Por si só, define um artista, pois mais vale uma só obra de valor do que a profusão mediocre de muitas telas. A obra de Baudelaire, como poeta, resume-se ás «Flores do Mal», e esta obra tem para muitos um maior encanto do que toda a diarrêa poetica de Victor Hugo, que já poucos hoje conseguem suportar».

* * *

Eugenio Moreira tocado pelo Génio, martirisado pela Fatalidade, esfarrapado, ao fim da vida, pela loucura, com a sua obra oculta, ignorada e dispersa, sabe-se lá porque mãos, ressurgiu, em plena Glória, por milagre de memória, na prosa do Dr. Abel Salazar.

Marco-lhe aqui, neste alacre Domingo de Páscoa a gloriosa ressurreição.

E com carinho e entusiasmo, com amôr e devoção, resbuscando-lhe por todos os cantos a obra, trazendo-a á luz, mostrando-a um dia a toda a gente—como agora, no Salão Silva Porto, lhes estou a mostrar as CEM PAISAGENS PORTUGUESAS DO MESTRE PAISAGISTA EZEQUIEL PEREIRA—eu hei-de contar-lhes a desgarradora tragédia da existencia atribulada de Eugenio Moreira, irmão d'alma, pelo talento roçando em Génio, do Henrique Pousão e que sendo um dos mais belos, mais fortes e mais originais dos artistas do seu tempo—sendo, incontroversamente, uma das raras e contadas glórias astisticas de Portugal—teve a desventura de não ser, pelo sangue, irmão de Henrique Pousão, por ter nascido, por seu mal, filho doutro pai...

São contos largos e tristes contos...

Hoje, marquei-lhes, em alacre Domingo de Páscoa, a gloriosa ressurreição de Eugenio Moreira...

A seu tempo lhes contarei as maravilhas da sua obra e as dôres cruciantes da sua curta, limpida, agitada e desventurosa vida e da sua trágica e sombria morte, entre os algidos pavores do manicómio—no Hospital de Ocide Ferreira.

Não são contos pascais.

Festejem a alêluia. Visitem, mais uma vez as CEM PAISAGENS PORTUGUESAS e encham esses olhos com a alegria e a luz que irradiam daquelas telas todas.

Comprem muitos bilhetes do SORTEIO NACIONAL DE ARTE—e tenham alegres páscoas—festas muito felizes.

BRAZ BURITY

21-4 1935

Homenagem ao pintor Henrique Pousão

Como noticiamos, realizou-se no domingo passado, em Vila Viçosa, o descerramento da lápide á memoria do grande pintor alentejano Henrique Pousão, natural daquela vila.

Este acontecimento que se previa brilhante e concorrido, excedeu toda a espectativa. Não foi apenas o pagamento de uma divida, a mera afirmação do apreço de alguns admiradores do artista insigne. Foi a prova de que êste bom povo alentejano aprecia as manifestações de civismo e acompanha sempre aqueles que as promovem.

A's 16 horas do dia 21 — a chuva tinha cessado para dar lugar a um sol vivo, — na rua Oliveira Salazar, junto da casa que teve o n.º 71, com a presidencia do governador civil do distrito, sr. capitão Gomes Pereira, formou-se a mesa de que faziam parte os srs. presidente da Camara, capitão-aviador Ramalho Ortigão, Celestino David, dr. João do Couto Jardim, dr. João da Silva Figueiredo, representante da autoridade militar, vogais da Camara, etc. Numerosas pessoas de representação na vila, entre as quais algumas sennoras, tomaram lugar junto da mesa, enquanto outras, nas janelas e na rua, com o povo que a enchia, animavam o recinto.

Tomando a palavra para abrir a sessão, o sr. presidente da Camara disse numa alocução fluente e entusiastica, os motivos da homenagem e a sua satisfação por contribuir para o acto de justiça ali praticado. Henrique Pousão — afirmou — era um grande pintor e bem merecia que os vindouros soubessem da sua existência que, mesmo curta, pois morrera aos vinte e cinco anos, não o impedira de realizar uma obra notável, tal como ia demonstrar, ao fazer o panegirico do homenageado, o esclarecido investigador sr. dr. João da Silva Figueiredo.

Uma enorme salva de palmas coroou êste discurso breve, mas sentido, seguindo-se a larga exposição da biografia do pintor, e relato da sua obra formosissima e a noticia do que a critica, nos ultimos tempos, tem dito a seu respeito.

O trabalho conscienciosо e bem traçado do sr. dr. Figueiredo, ouvido com a maior atenção, obteve os aplausos de todos os presentes e representa qualquer coisa de interessante a juntar ao muito que acêrca do pintor calipolense se tem escrito desde há algum tempo.

Foi, então, a vez de o sr. Governador Civil do distrito dizer algumas palavras. Fê-lo com sinceridade e comoção. Colocando a homenagem no numero daquelas que são agradáveis, pelo seu profundo nacionalismo, ao Estado Novo, agradeceu a presença de tanta gente áquele acto e saudou todos aqueles que para êle contribuiram .

Na impossibilidade de registar as numerosas considerações que fez, com clareza e fé, regista-se o calor que nelas pôs e o prazer que teve em sair de Evora para se associar de todo o coração áquele acto de bairrismo inteligente em que os interesses do espirito tão alto foram colocados.

Procedeu-se então ao descerramento da lápide, em mármore branco da terra, e que tem a seguinte legenda: *Nesta casa nasceu, em 1 de Janeiro de 1859, Henrique Cesar de Araujo Pousão, grande pintor e mestre do impressionismo.*

Uma prolongada salva de palmas acompanhou o gesto do sr. Governador Civil ao descobrir a lápide.

A seguir, o sr. Raul Matroco, professor da Escola Industrial Gabriel Pereira, impressionado com as homenagens prestadas ao seu parente, agradeceu em nome da família. Teve palavras de apreço para o povo calipolense, para a benemerência do dr. João do Couto Jardim e para a acção administrativa com tanto talento desenvolvida pelo actual presidente da Camara, sr. capitão Ramalho Ortigão.

Novas salvas de palmas, muitos vivas e a sessão terminou deixando em todos a impressão de se ter praticado o mais nobre dos gestos, a consagração do pintor a quem o Pôrto vai erguer um monumento.

O Alentejo demonstrou uma vez mais que não é ingrato. Vila Viçosa, essa, pode orgulhar-se, no futuro, de que não esqueceu uma das suas maiores glórias.

Aqui asseguramos a nossa admiração pelo que se fez, registando que á comissão administrativa da presidência do sr. Ramalho Ortigão se fica a dever a realização de uma das mais belas manifestações do espirito alentejano.

O sr. dr. João Jardim foi, uma vez mais, o animador da homenagem. Cumprimentámo-lo também.

No acto foram lidas cartas de António Matroco, Mário Matroco e Arnaldo Pousão, e telegramas da Junta Geral, Camara Municipal e Comissão de Iniciativa de Evora.

O sr. Celestino David, representava o sr. António Matroco, o Grupo Pro-Evora e o *Noticias de Evora*.

Tal festa marcou pelo entusiasmo dos que nela colaboraram e fica como afirmação de espírito bairrista destinado a avigorar, pelo exemplo, a obra de regionalismo inteligente, de consciente nacionalismo que nos ha-de impor e distinguir

Que o nome de Henrique Pousão, orgulho dos alentejanos, jàmais se apague na memória das gerações! — *J. R.*

26-4-35

Pregões & Prédicas

Cheiro á Tripa!

O obstáculo alfacinha ao Grande Sorteio Nacional de Arte

Num sítio a Lisboa, entre dois comboios, a resolver uma pequena encrenca déste meu fadário de Cauteleiro-Desfardado, inquirindo da propaganda e marcha de venda dos bilhetes do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE, mais de uma voz amiga me apontou como o maior obstáculo a vencer, talvez como único empeno sério e grave ao êxito de todos os esforços, um mal imponderável, inesperado e tenacíssimo, impalpável e quási invencível, de difícil explicação e de absoluta lógica:—o *cheiro á tripa!*

Isto de ir levantar no Pôrto três monumentos, a três pintores tripeiros e apelar para os artistas alfacinhas, para êles concorrerem com os seus trabalhos para uma Exposição no Pôrto—já não lembrava ao diabo e tê-lo conseguido, mais e melhor do que se esperava, foi milagre, pouco aconchegadeiro e de levantar as mãos ao Céu.

Mas, contar com a venda e passagem de uma parcela de bilhetes, fóra do Pôrto e suas redondezas, procurando colocar uma mão cheia de cadernetas em Lisboa, investindo com as relutâncias e más-vontades alfacinhas, é, sôbre quási coice, não conhecer já a terra em que se nasceu, a gente com que por lá, agora, se lida e as voltas que o Mundo por lá tem dado, désde que, entre o Rossio e a Praça Nova, em tôrno do mesmíssimo D. Pedro IV—um a cavalo, outro em morrão de castiçal, ambos apregoando as miríficas virtudes da Carta—que Deus haja!—e embronzando ambiosíssimos o mesmo Imortal Dadôr—a Alface e a Tripa, pior do que nas Guerras do Alecrim e da Mangerona, aos pontapés na bola, se degladiam como o cão e o gato, que é como quem diz, como se Lisbôa fôsse a irascível e implacável sogra déste pacato e laborioso Pôrto—seu paciente e morigerado genro.

Cheiro á Tripa! Fedor á Alface!—modestíssimas odorífera da perfumada Pacificação da Família Portuguêsa, que, dada a insensibilidade de minha pituitária, pouco afeita aos treinos de meter o nariz onde não é chamada, de facto, me passára despercebida e com que não contáva, julgando, em consciência, que, de facto, o Silva Pôrto—nascido no Pôrto e já estatuado em Lisboa—o Henrique Pousão—nascido e enterrado no Alentejo, esquecido e esclavrado nb Museu do Pôrto—e o Artur Loureiro—nado e criado no Pôrto, mas que o Pôrto, mais de trinta anos, julgou perdido e sepultado na Austrália—eram, como expoentes máximos da Pintura Portuguêsa Contemporânea, grandes em Portugal inteiro, tão grandes no Pôrto como em Lisboa, senão, no espírito inculto e simplista do populacho, indiferente a todas as espiritualidades da sua terra, pelo menos, na oraveira meé dos que tendo o lôr e o escrever no corpo, não sendo broncos de nascença ou pateias de profissão, sentem e reconhecem a dura e imperiosa necessidade de cerrarmos fileiras, entrelaçarmos raízes, estrelarmos ódios, uns com os outros, todos por um e um portodos os que nascemos adentro dos muros déste risonho e ensolarado jardinsito da Europa, á beira-mar plantado—nêste pequenino canto do Mundo, em que, á larga, cabemos todos e do Norte ao Sul, de cabo a rabo, todos nos conhecemos e todos, em virtudes e manhas, devemos sêr irmãos—para que, como irmãos, nos possamos ajudar e defender uns aos outros, quando, de fóra ou de dentro, nos quizerem ir ao pêlo ou pôrem-nos o sal na moleira.

❀

Cheiro á Tripa! Vivo, há um rôr de anos, no Pôrto, mas sou—e com muita honra!—nado, criado, curtido e tostado em Lisboa, alfacinha da gêma, de raiz e geração, alfacinha dos quatro costados, da ponta dos cabelos ás unhas dos pés, e nunca—pela palavra nunca!—me desalfacinhei nêste meu longo e estiraçado destêrro tripeiro, onde, certo, por meu mal, terei de deixar os ossos que a terra há-de comer.

Mas, exactamente, por isso, sendo da Alface e vivendo na Tripa, não logro perceber, como, porque os moços se engadanham, ao pontapear as bolas esportivas das duas urbes, ou, porque, do Terreiro do Paço saiem sôbre o Passeio das Cardosas em cabazadas de decretos lisboetas, motivos de decidio e de arrelia tripeira, marcando incompatibilidade de génios e de interêsses entre a Capital política e a Capital norbonha—entre uma e outra hoje de se homologar sentença de separação de pessoas e bens, remando cada uma para seu lado e armando-se uma contra a outra, em pé de guerra, ambas como gatas assanhadas e escumadas como baratas...

E, então, em coisas de Arte—inquestionabilíssimo como alfacinha—estou em declarar, porque o sei de ciência certa e por experiência própria, não haver em toda a Lisboa quem possa levantar a mão e atirar a primeira pedra a êste hospitaleiro e generoso Pôrto, sempre de porta escancarada e bolsa aberta, a todo o biobo-careca, borra-botas ou troca-tintas, que em nome das Artes Alfacinhas, vem acolher-se á boa sombra tripeira, vendendo o seu peixe e puxando a brasa á sua sardinha.

De há anos a esta parte, o grande mercado artístico de Lisboa—é o Pôrto.

Cotejem-se as vendas do Salão Silva Pôrto, na Rua de Cedofeita, com as vendas do Barata Salgueiro, das Bobones e todos-los salões, salas, salinhas e saletes, armadas por Lisboa inteira ao pingarelho dos amadores—abstraiam as mercês do Estado que só em Lisboa compra—e ver-se-á, em conta redonda, o que, na roda do ano, o Pôrto manda em notas do Banco para Lisboa e suas visinhanças e o que Lisboa e seus arredores exporta para o Pôrto—em Lonas pintadas, gêsseos patinados e artes correlativas...

❀

E porque, ao fazer desta, um desterrado alfacinha, apelando para os bricabraquistas do Pôrto e para a solidariedade de todos os artistas portuguêses, se lembrou de levantar no Pôrto três singelos e expressivos monumentos a três grandes artistas de Portugal, porque êsses três artistas foram alunos laureados da Escola de Belas Artes do Pôrto e no Pôrto, dois dêles nasceram—esbarra-se em Lisboa com o obstáculo imponderável, inesperado e tenacíssimo, impalpável e quási invencível, de difícil explicação e absoluta lógica—o *cheiro á tripa?!...*

Pois, do dia 1 ao dia 10 de Junho, nas três Salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, no Barata Salgueiro, Lisboa inteira vai vêr reunidas nas três exposições retrospectivas de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, a obra pictorica dos três grandes pintores portuenses, expoentes máximos da Pintura Portuguêsa Contemporanea, a que no Pôrto se vão levantar três singelos e expressivos monumentos...

E se, apezar disso, ainda Lisboa tapar os narizes, calafetar todas as ventas alfacinhas, com as verdes e tenras folhas da Alface nativa, entontecida e ourada com o nauseante cheiro á tripa—tendo-se colocado já, em menos de um mez e em começo de propaganda, por todo o País, do Norte ao Sul—com excepção quási só de Lisboa—os onze mil bilhetes da 1.ª série do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE—ou já não há tripeiros nêste Burgo Invicto da Tripa, ou os onze mil bilhetes da 2.ª série, que começa hoje a colocar-se, não sairão do Pôrto, onde o seu cheiro á tripa, que tanto fede em Lisboa, será o mais aliciante perfume para os narizes tripeiríssimos de toda a boa gente tripeira...

...E isso pensa, isso sente, isso escreve e isso seria capaz de jurar, por honra e para honra do Pôrto, um alfacinha da gêma, nado, criado e tostado em Lisboa—alfacinha de raiz e geração, dos quatro costados, da ponta dos cabelos ás unhas dos pés, alfacinha que nunca—pela palavra nunca!—se desalfacinhou neste seu longo e estiraçado destêrro tripeiro, onde, certo, por seu mal, terá de deixar os ossos que a terra há-de comer.

BRAZ BURITY

28 - 4 - 35

a paz» tais são os titulos e os comentarios dos jornais sovieticos, a proposito da conclusão do pacto franco sovietico. Toda a imprensa regosija com a assinatura e consagra-se a explicar a diferençaque existe entre este pacto e as alianças de outróra que—segundo eles dizem—tinham fins agressivos. Esta convenção, frisam eles, principalmente, não é dirigida contra qualquer potencia contrária e fica aberta para todos, havendo apenas a lamentar que a Polonia e a Alemanha não tenham entendido aderir a esse pacto. Salientam igualmente que o pacto reforça a amizade franco sovietica, felicitando-se porque em França tenham sido em muito maior numero aqueles que estão convencidos da necessidade d considrar a U. R. S. S. como um factor da estabilização europeia.—(H).

Pregões & Prédicas

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses a abrir no dia 1 do corrente

O SEU PROGRAMA É DO MAIS QUE SE DISSER

Está por um fio, por um triz apenas, o fecho e remate desta longa e movimentada campanha a que meti ombros, metendo-me numa rascada, que, parecendo a muitos, em bêco sem saída, vera camisa de onze varas, embora até ao lavar dos cêstos dure a vindima e sempre o rabo seja o pior de esfolar, em boa hora se diga, a ladeira está vencida, o mais difícil está feito, e, amanhado e pronto de mãos, o resto que falta e que de mim não depende—melhor ou pior, custe o que custar, dôa a quem doer, com geito e cuspo, sempre se há-de fazer...

A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES abre na quarta-feira, 15 dêste mez, ás duas horas, fixas e protocolares, no Salão Silva Pôrto, na rua de Cedofeita, 285, apresentando ao público 267 trabalhos de 248 artistas portugueses, dos maiores e mais cotados na Arte Contemporanea—que todos admiram e cujas obras todos ambicionam—aos mais modestos e obscuros—que ao público, agora se vão revelar, dando, muitos, altas provas das suas aptidões e dos seus talentos.

O «*Catálogo da Exposição*» numa luzuosa edição em que, generosa e bizarramente, colaboram Marques de Abreu, o nosso primeiro gravador, a «*Litografia Nacional*», o modelar estabelecimento gráfico do País e a «*Imprensa Portuguesa*», a grande oficina tipográfica do Pôrto, vai sêr disputado, como preciosidade bibliográfica e como o mais completo documentário das Artes Contemporaneas em Portugal.

A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS PORTUGUESES vai abrir, e, do dia 15 de Maio ao dia 10 de Junho, os seus visitantes, munindo-se dos boletins de voto, farão a classificação de todos os trabalhos expostos e que, segundo essa classificação, constituem os 267 prémios do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE, que, lançado e propagandeado intensamente por todo o País, com os bilhetes á venda em todos os bons estabelecimentos do Pôrto e Lisboa e entregues, do norte ao sul, por essas provincias, a todos os agentes da Casa Bancaria Borges & Irmão e a todos os correspondentes da Livraria Lelo—póde dizer-se, com o coração ao pé da boca, que só não se habilitará ao «*Sorteio*», quem, positivamente, não esteja disposto a concorrer com a bagatela de 5 escudos para a consagração nacional de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—os três gloriosos Artistas Portuenses, Mestres Gloriosissimos da Arte Portuguesa—levando para casa, com a consciencia dum dever cumprido, uma das 267 obras de Arte, de valor oscilante entre 7 contos e uma centena de escudos—ou seja entre «O Casal da Felizarda»—a famosa paisagem, hors concours, de Mestre Carlos Reis—a peça de mais alto preço da Exposição—e uma das 28 provas de fotografia artística com que á Exposição concorreram, entre amadores e profissionais, os nomes mais cotados da especialidade—que só não enfileira, ombro a ombro, com as outras artes, classicamente belas, pela sua costela de industria e por não ter, ainda, dado tempo ao tempo para nas classificações didáticas os dentes lhe nascerem.

*

Os artistas fizeram todos, lindo e airosamente, mais e melhor do que dêles se esperava.

De todos os lados, em todas as classes, tenho encontrado apoios, facilidades, dedicações e até sacrifícios com que não podia contar—e que excedem todas as espectativas.

Por meu lado, fiz quanto pude, quanto sabia—fiz o que dev'a e dei o que tinha—e quem dá o que tem não é a mais obrigado.

Mas, em descargo de consciência, vai, ainda dar-se uma demão ao resto que falta fazer, trazendo ao Pôrto, ás duas salas do Silva Pôrto, em Cedofeita, em aliciantes conferências culturais de Arte, os mestres conferencistas Ricardo Jorge, Reinaldo Santos, Xavier da Costa, Cunha Leal, Reis Santos, Abel Sala-

5 - 5 - 35

Pregões & Prédicas

A três dias de vista da Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Tanto se me dá que obeire á Tripa como tresande á Alface—o que está feito, está feito e o que falta fazer, entre alfacinhas e tripeiros—todos portugueses, como os melhores que o são—sempre ha-de haver quem o faça, bem ou mal, consoante as suas forças e as posses de cada um.

A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES abre na quarta-feira e nas duas salas de Ordofeita, entre as lôas já clássicas do Salão Silva Pôrto, vai realizar-se, de 15 de Maio a 15 de Junho, a maior parada de Arte, que, até hoje, se tem realizado em Portugal e o público do Pôrto vai assistir, durante êsse mês de festas, concertos e conferencias, a um dos mais belos exemplos e a um dos mais lindos gestos de solidariedade artistica de que em Portugal reza a história da Arte Contemporanea.

Certo, terá havido—não sei bem onde nem quando—certamente mais concorridas de artistas, mais fulgurantes de obras de Arte, com mais lustradas provas de talento e mais nutridas manifestações de Beleza—mais homogeneas no seu conjunto, mais empolgantes e soberbas em seus promenores e detalhes.

Mas, como parada de valores autenticos da Arte Contemporanea Portuguesa, nos seus expoentes máximos e nos seus pioneiros obscuros, movidos todos, dos primeiros ao ultimos, dos maiores aos mais pequenos, pelo mesmo calor e pelo mesmo entusiasmo para contribuirem, segundo as suas aptidões, as suas posses e os seus talentos para a glorificação artistica de Três Grandes Artistas de Portugal—como formatura de quadros, mobilisação de artistas, revista de forças e, sôbre tudo e acima de tudo, como despreendido e generoso arranque de confraternisação e de amor pela Arte—A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS PORTUGUESES—grande em qualquer parte do Mundo—é, certo, a maior e é, talvez, a única que se tem realisado em Portugal.

Eu, que a vinha sonhando, há muito, que venho, há quási um ano, dia a dia, a organizá-la—nunca esperei realisá-la nem tão grande, nem tão variada, nem tão completa, nem tão bela.

Honra os artistas portugueses. Honra a Arte Portuguesa. Honra e dignifica Portugal.

E a todos que tão bizarra e generosamente fizeram exceder, assim, as minhas mais risonhas e fagueiras espectativas—a todos, indistintamente, sem personalisar, sem distinguir, sem graduar agradecimentos, a todos, duas palavras só, bem curtas e bem simples, que me saiem do coração aos lábios que me veem do fundo da alma aos bicos da pena—*MUITO OBRIGADO!*

*

Mas a três dias da abertura solene e protocolar da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, quando o seu pleno e seguríssimo êxito artistico está exuberantemente garantido pelo número e pela categoria dos expositores, pela quantidade e pela qualidade dos trabalhos expostos, e, do seu objectivo material—de realizar fundos para os expressivos e singelos monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, que pelos artistas portugueses vão ser oferecidos á Cidade do Pôrto—se póde considerar assegurado pelo generoso acolhimento dado por Portugal inteiro ao GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE—se, antes de mais nada, do alto destas colunas, onde a ideia dessa Consagração Nacional aos três artistas germinou e foi lançada aos quatro ventos, cumpria, como dever de honra e de gratidão, exarar o vibrante e comovido agradecimento a todos que a essa ideia se associaram e lhe deram alento, tornando-a, pela sua cooperação, pela sua simpatia e pelo seu esforço, uma vitoriosa realidade—cumpre, ainda, antes de embainhar armas, antes de recolhermos todos a quarteis, dar o corpinho ao manifesto, queimar os últimos cartuchos, para, no derradeiro arranco, levando a cruz ao Calvário, se cumprirem, do primeiro ao último, todos os números do programa, todos os detalhes e pormenores dum plano, que tendo parecido a muitos temerário e irrealisável—já todos começam a constatar que bastou para o levar a bom termo, não desistir ás primeiras contrariedades, não esmorecer aos primeiros desenhores, não recuar diante dos primeiros barrancos—marchando sempre, firme e a direito, com uma vontade forte e uma fé inabalável.

Querer e crêr—é poder e só não póde, nem com uma gata pelo rabo, quem não crê muito em si e muito pouco nos outros e não querendo relar-se, de papo para o ar, deixando correr o marfim, poderá apanhar môscas—mas não sabe querer.

Tudo quanto humana e limpamente podia fazer-se, está feito, graças aos artistas que, por seu lado, fizeram mais e muito mais do que dêles se esperava para ofertar generosamente ao Pôrto, com o produto das suas artes e dos seus talentos três expressivos e singelos monumentos aos TREZ MESTRES DA PINTURA PORTUENSE.

O resto, agora, depende do Pôrto e só do Pôrto—e o Pôrto não é terra que deixe os seus créditos por mãos alheias ou deixe de cumprir, com lingua de palmo, os deveres que lhe são impostos pelo seu brio, pela sua dignidade, pelo seu bairrismo.

E o primeiro dever do Pôrto, para corresponder com galhardia á generosidade dos artistas que lhe ofertam de mão beijada três monumentos aos TREZ GRANDES MESTRES DA PINTURA PORTUENSE—é o de acorrer em massa á GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES e admirar os trabalhos expostos e a classificá-los com os seus votos—que é a forma prática e inteligente de lhes prestar homenagem e de lhes consagrar o merecimento.

Faça o Pôrto isso—e o resto está feito, porque basta que o Pôrto isso faça, para que os monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, expressivos e singelos, na beleza eterna do mármore e do bronze, por entre o arvoredo dos jardins do Palácio de Cristal, eternamente glorifiquem, com os TREZ ARTISTAS PORTUENSES, os artistas portugueses que os homenagearam, homenageando a Arte Portuguesa e glorificando Portugal.

BRAZ BURITY

Post Scritum—HÁ ainda o bico de obra das Exposições em Lisboa, de 1 a 10 de Junho, dos quadros de Silva Pôrto existentes nos museus e galerias particulares da Capital; da obra de Pousão, existente no Museu Soares dos Reis e a que terá de juntar-se, em Lisboa, o que dêle, criminosamente sonegado, existe nos desvãos e pocilgas da Escola de Belas Artes do Pôrto, mais a maravilhosa aguarela do Museu de Arte Contemporanea e as duas aguarelas do Museu Machado de Castro; e da obra seleccionada de Artur Loureiro, que é preciso reunir e organizar aqui no Pôrto, onde ela anda dispersa pelas colecções particulares e pelo Museu Municipal.

A EXPOSIÇÃO DE SILVA PORTO, de que há perto de três mezes se incumbira, por honra do cargo e dever de ofício, Mestre Carlos Reis, discipulo e herdeiro da cadeira de Silva Pôrto, nas Belas Artes e organisador e chefe do Grupo Silva Pôrto—que Deus bajal—como Mestre Reis bateu as asas para Paris a gosar as decorações da Camara Corporativa, houve, á última hora de passar a sua organização ás mãos devótas e entusiásticas de António Saude e de Ezequiel Peixoto que, auxiliados pela Direcção da Soc. Nac. de Belas Artes—meteram ombros á empreza e tomaram a si fazer o que ainda nem sequer começado estava, mas que estará acabado e pronto, no dia marcado, com o brilho, o esplendor e o êxito de tudo que se faz com a alma e com o coração, fazendo-se honestamente o que se póde e os outros não quizeram fazer...

A EXPOSIÇÃO DE HENRIQUE POUSÃO, entregue ao Doutor Vasco Valente, que, há muito, alnejava por levar a obra de Pousão a Lisboa, resolvida como está nas instancias oficiais, sob o patrocinio do Conselho Superior das Belas Artes e do Ministério da Instrução—não tem espinha nem ôsso, é um caso arrumado.

A EXPOSIÇÃO DE ARTUR LOUREIRO—da sua obra seleccionada—essa, ainda vai dar água pela barba e tem dente de coelho: quadros não faltam, mas é preciso procurá-los, escolhê-los e é preciso, sobretudo, que os seus donos consintam em separar-se dêles por uns dias, entregando-os á guarda do Estado, no Museu Soares dos Reis, consentindo que o Estado os leve a Lisboa com a obra de Henrique Pousão e que os torne a trazer, sob a sua guarda, ao Museu—onde será feita a sua restituição e entrega.

Alguns désses quadros estão aferrolhados a sete chaves, dentro de portas onde não irei bater, nem que me mandem, nem que me chamem, nem que me peçam—nem por um decreto, nem que me matem, com a faca aos peitos e com a morte na garganta...

Mas outros—e os bastantes para uma bela e equilibradissima demonstração do excepcional valor de Mestre Artur Loureiro—estão em mãos de quem, por honra e para honra do Artista, por honra e para honra do Pôrto, não terá dúvidas nem relutancia em cedê-los para que, do dia 1 ao dia 10 de Junho, figurem, com brilho e destaque, nas salas da Soc. Nac. de Belas Artes, ao lado das obras de Silva Pôrto e de Henrique Pousão.

Esses, cedem-nos, não é verdade?

Encontram-se dizer que não—porque, uma manhã destas, eu vou com o Abel Salazar e com o António Costa, bater-lhes á porta e não venho de lá sem trazer comôsco os quadros que tenham de ir a Lisboa...

B. B.

12-5-1935

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

CONVITE

A COMISSAO EXECUTIVA DAS HOMENAGENS CITADINAS A SILVA PORTO, HENRIQUE POUSAO E ARTUR LOUREIRO, tem a honra de convidar a população do Porto, as suas autoridades, civis, judiciais, religiosas e militares, os artistas que concorreram com os seus trabalhos para a **GRANDE EXPOSIÇAO DOS ARTISTAS PORTUGUESES**, os portadores de bilhetes do **GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE E TODOS**, enfim, que se interessem pela oferta á Cidade do Porto dos três singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, a assistirem á abertura solene **DA GRANDE EXPOSIÇAO DOS ARTISTAS PORTUGUESES** que se realiza, amanhã, 4.ª feira, 15 de Maio, pelas 15 horas da tarde, no Salão Silva Porto, Rua de Cedofeita, 285. Não se fazem convites pessoais.

A COMISSAO,

Presidente,

Doutor Antonio Bragança.

Vogais,

Doutor Joaquim Madureira

(Braz Burity)

Doutor Abel Salazar

M. P. d'Azevedo Junior.

14 - 5 - 35

ARTE

A "Grande Exposição dos Artistas Portugueses„



Um aspecto da assistencia à inauguração da Grande Exposição de Artistas Portugueses *ontem inaugurada solenemente e com larga concorrencia no Salão Silva Porto*

Grande Exposição dos Artistas Portugueses se intitula a extensa e variada galeria de arte inaugurada ontem, á tarde, no Salão Silva Porto e que, ocupando duas amplas dependencias deste Salão, reune uma grandiosa e interessante colecção de trabalhos a oleo, pastel, aguarela, desenho, miniatura em barro, bronze, fotografia colorida, madeira, galvanoplastia, iluminura, monotipia, ferro forjado, agua-forte, fotografia, caricatura, marmore, cobre, gesso, barro crú, barro, marfim, croquis, arte aplicada, desenho á pena, sanguinea, carvão, etc., perfazendo a linda soma de cêrca de trezentas obras de arte ali dispostas com inteligencia e uma nitida visão artistica.

Se bem que entre essas tres centenas de obras expostas se encontrem algumas que se recomendam apenas pela generosa e simpatica intenção dos seus autores — a galhardia duma oferta em prol dum movimento de homenagem altamente justa — , não faltam neste certame, porém, trabalhos que se impõem pelo seu grande valor artistico e pelo prestigioso nome dos artistas que lhes deram forma e vulto.

E não faltaram artistas de nome que, prontamente, responderam á chamada — contribuindo com o esforço do seu trabalho e a essencia do seu espirito para que esta *Grande Exposição de Artistas Portugueses* se torne brilhante e de resultados consoladoramente compensadores.

Tem uma enternecedora finalidade esta grandiosa exposição — a de, por meio de sorteio dos trabalhos expostos, acumular os fundos necessarios para que, nesta cidade gloriosa onde eles tanto fizeram luzir a sua arte de eleição, se ergam monumentos ás saudosas e egregias figuras de artistas de raça que foram Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro

Como atraz dizemos, o certame reune um elevado numero de trabalhos magnificos — numero que mais elevado podia ser ainda (e devia, mesmo!) se todos os artistas de Lisboa se tivessem feito representar na exposição... Esqueceram-se... todavia, a muitos deles, o Porto — a sua crítica e os seus compradores de trabalhos — tem-lhes dado em generosidade o que eles agora lhe deram em esquecimento...

*

Não faltam, nesta exposição, os nomes dalguns consagrados a par dos de vários artistas modestos e doutros que começam agora a enveredar pela senda abrolhosa da arte.

Mestre Carlos Reis — lidima gloria da pintura portuguesa — ofereceu um precioso *hors concours*, em que a sua Arte maravilhosa tem a mais notavel centelha de expressão; o seu *Casal da Felizarda* é uma véra obra-prima.

Joaquim Lopes tem um oleo primoroso, *A Saia Amarela* — fortemente denunciador do seu pessoal talento.

José de Brito apresenta um precioso *pastel* — *A Andaluza*.

Mafra Elias — artista de eleição, de mãos privilegiadissimas — prende os nossos olhos com a sua preciosissima miniatura em barro — *D. Filipa de Vilhena*.

Acacio Lino — outro artista de raça, de obra larga e notabilissima — afirma o seu pujante talento num oleo encantador, *Na Estrada das Figueiras*.

João Reis — cada vez mais artista, cada vez mais notavel — tem no seu *oleo*, *Na Fonte Nova*, sobejos motivos denunciadores do seu formoso talento.

Abel Santos, professor e artista talentoso, ofereceu, generosamente, um grande quadro — *Castanheiros* — , que é um *oleo* primoroso, de brilhante valor artistico.

Julio Ramos — temperamento delicado e lirico de paisagista eximio — revela, como sempre, num *oleo* magnifico, *Céu nublado*, as suas primorosas faculdades de trabalho e talento.

Pedro de Figueiredo — artista e professor duma obra e duma inteligencia vigorosas — patenteia-nos, mais uma vez, o seu belo temperamento artistico no quadro *Rapariga da Aldeia*.

Francisco Elias mandou uma adoravel miniatura em barro.

D. Lucilia Aranha pôs a melhor essencia da sua sensibilidade de pintora numa téla sugestiva — *No Rio Minho*.

Ezequiel Pereira — o grande paisagista — tem uma autentica obra-prima, *Eira minhota*.

Manuel Rodrigues — pintor cheio de delicadesa e expressão — dá-nos uma aguarela, *Maré-Cheia*, que é um mimo de arte

Paulino Gonçalves — aguarelista cintilante — tem na sua aguarela *Depois da chuva* um documento flagrante do seu valor.

Porfirio Abreu apresenta um pastel, que é um belo trabalho de *natureza-morta*.

D. Margarida Costa — a grande pintora das flores — num *pastel*, *Lirios dos Alpes*, fere a nossa sensibilidade com a magia desse seu quadro, que é um precioso motivo de arte.

D. Branca Ferraz Monteiro tem num *oleo* — *Uma cabeça* — um trabalho valioso

Fernando Galhano — um novo começa de erguer o seu nome num belo vôo de arte — confirma as suas excelentes aptidões num delicado *oleo* com flores.

Antonio Costa — um artista que é um valor positivo na pintura — apresenta uma bela obra, *Uvas deste ano*

Mestre Sousa Pinto mandou um nú artistico — que é um trabalho digno dum muzeu.

Mais dois trabalhos dignos das salas dum muzeu — *Mar de espuma*, aguarela de Mestre Roque Gameiro, e *Decrepitude*, baixo-relevo de Mestre Teixeira Lopes.

Carlos Carneiro faz-se representar, brilhantemente, com uma bela aguarela, de boa arte — *Celeirós (Douro)*.

Alberto Silva — pintor talentoso e professor distintíssimo e proficiente, artista de requintada sensibilidade — ofereceu generosamente um magnífico quadro seu, uma *natureza-morta* que é uma verdadeira obra-prima.

Agostinho da Fonseca — moço artista de real talento — apresenta um quadro que é a manifesta afirmação dum excelente temperamento de pintor.

Tão dilatada é a lista dos expositores, que o jornalista vê-se impossibilitado de dedicar, a cada um deles, uma referencia especial, por breve que seja.

Não devemos, porém, deixar de dizer que estão no certame belamente representados, com trabalhos nos quais os seus predicados de artistas eximios se afirmam e expandem distintamente, os seguintes pintores: Eduardo Moura, D. Maria Luiza Reis, Abel Mendes, Joaquim Costa, D. Eduarda Lapa, D. Alice Grilo, Tomaz Moura, Olhão Luiz, Serra da Mota, Julio Vaz, Alberto Aires Gouveia, Lima Machado Pereira, Heitor Cramez, Varela Aldemira, Falcão Trigoso, Pedro Cruz, Antonio Saude, João Alves de Sá, Frederico Aires, Constantino da Silva, Tullio Victorino, José Campas, Abel Moura, dr. Abel Salazar, Antonio Victorino, Alberto de Sousa, Martinho da Fonseca, D. Alda Machado Santos, João da Silva, Matoso da Fonseca, Fausto Gonçalves, Augusto Pina e Oliveira Passos.

Outros expositores que apresentam trabalhos em pintura e desenho dignos de atenção: Brito Barbosa, Agostinho Salgado, Teodosio Ferreira, Maria Amélia M. Carneiro, Marques Guimarães, Emilio Velo, Manuel Lucio, Alipio Brandão, Francisco Gouveia, Braz Rulvo, D. Maria de Lourdes M. Cabral, Sampaio e Melo, D. Maria Fernanda Costa, J. Pereira de Oliveira, René Bandot, D. Maria Luiza Wright, D. Argentina Alarcão, D. Sára Alarcão, Miguel do Espirito Santo Oliveira, Henrique Tavares, Lauro Corado, D. Alexandrina Chaves, Alfredo Azevedo, Casimiro de Carvalho, D. Regina Branco, Albino Armando Costa, D. Eugenia Coelho, José Leite, D. Filomena Freitas, D. Branca Assis, Machado da Luz, Erid Mitchell, D. Helena Bourbon e Menezes, Saavedra Machado, Carlos Moura, Julio de Sousa, Augusto S. Tavares, dr. João Monteiro, José de Sousa Losada, Mario Costa, Manuel Torres, João Marques, D. Maria Lourdes da Silva, D. Maria Amélia Santos Silva, Antonio José Fernandes, D. Dinorah Moreira, Angelo Correia da Costa, Rebelo Junior, Jorge Valadas, D. Maria Izabel Loureiro Pires, Adolfo Silva, Artur Salgado Faria, D. Maria Amelia Loureiro, Anibal Salgado Faria, F. Martins Gimenez, Frederico George, José Contente, D. Maria Antonia Malheiro, D. Maria José Malheiro, Diogo de Macedo, Lucio Fanzeres, Guilherme Ferreira da Silva Campos, F. Romano Esteves, Octavio Sergio, D. Betina Nogueira Bandot, D. Maria Alcina Baia Jorge Colaço, Manuel de Oliveira, D. Maria Dina Ferreira, Joaquim Madureira (filho), Justiano de Carvalho, dr. José Nobre, Severo Portela Junior, Henry Huguenin, D. Berta Sameiro, D. Alice de Sá, D. Maria Estela Faria e Sousa, D. Maria de Jesus Pereira de Carvalho, D. Maria Elisa Aguiar Bragança, David de Melo, D. Maria Margaride Ferreira, D. Olivia Ramos, D. Noémia de Vasconcelos, Enio José Machado, D. Gardy Arriaga, D. Maria dos Prazeres Gagean, D. Maria Amelia G. Coelho, Manuel Gouveia, Saul de Almeida, Mario Augusto, Manuel Marques, D. Marina Recarey, D. Ivonne Frey, Antonio de Sousa, Julio Rezende, D. Maria Raquel M. Morais, D. Maria do Carmo M. P. de Menezes, D. Maria Emilia dos Santos Carvalho, Daniel Coristant, Carlos Pinto Ramos, Antonio Lima, Aires de Carvalho, J. J. Ramos, Gonçalo Pacheco Pereira, D. Adelina Barros, D. Maria Adozinda Ferreira, D. Maria Adozinda Seára Cardoso Dias, D. Maria Fernanda Lobão de Carvalho, Eduardo Malta, Luiz Salvador, M. Tavares, Manuel Campos Silva, D. Regina Santos, Marjo Eduardo, Fernando Batalha — e, senhores, não acaba ainda aqui a lista dos expositores em pintura e desenho.

Outros trabalhos, como escultura, fotografia, etc., fazem parte ainda deste grandioso certame, dos quais nos ocuparemos.

A exposição continua franqueada ao publico

16 - 5 - 35

VIDA ARTISTICA

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

No Salão Silva Porto, á rua de Cedofeita, inaugurou-se ontem, de tarde, a Grande Exposição dos Artistas Portuguezes, cujos trabalhos, em numero de 271, vão sêr sorteados em lotaria, devidamente autorizada e regulada pela próxima extracção de Santo António, da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

O produto liquido dêsse sorteio destina-se a custear as despezas da construção, no Pôrto, de monumentos á memória de Silva Pôrto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, três pintores insignes, dignos, pela sua notável obra, que acreditou a Arte nacional, das homenagens dos portuenses.

A exposição que é iniciativa, infatigavelmente posta em prática, do distinto escritor e critico de arte, sr. dr. Joaquim Madureira, reune exemplares de elevado merecimento. Não é um acontecimento banal êsse certame colectivo. A pintura a oleo, aguarela e pastel; aguas-fortes, *croquis* e caricaturas; os carvões e as sanguineas; as miniaturas em barro; as esculturas em marmore e bronze; os baixos-relêvos; as fotografias e os objectos cinzelados, aparecem largamente representados na exposição em afirmações de superior arte. Estão ali, a acreditar o «salão», nomes dos mais prestigiosos, dos mais respeitaveis da arte nacional contemporanea. Estão ali alguns novos, que devotadamente se quizeram associar á simpática ideia da finalidade do certame, expondo trabalhos de apreciável sentimento e execução artísticas.

Para a organização da exposição, devida ao sr. dr. Joaquim Madureira, muito contribuiram, com o seu esforço e dedicação, os pintores Alberto Silva e António Costa e o nosso prezado amigo sr. Manuel Pinto de Azevedo Júnior.

*

São os seguintes os autores que, pela ordem do catálogo, expõem neste certame:

Joaquim Lopes, José de Brito, Mafra Elias, Brito Barbosa, Agostinho Salgado, Teodosio Ferreira, Maria Amélia M. Carneiro, Acácio Lino, Marques Guimarãis, Carlos Reis, João Reis, Eduardo Moura, Maria Luiza Reis, Abel Mendes, Zeferino Couto, Abel Santos, Emilio Velo, Manuel Lúcio, Joaquim Costa, Júlio Ramos, Alípio Brandão, José Cavadas, Luiz Marcolino, João Custodio da Silva, Platão Mendes, Pedro de Figueiredo, Adolfo Marques, Eduarda Lapa, Francisco Elias, Francisco Gouveia, Lucilia Aranha, Dordio Gomes, Alice Grilo, Braz Rutivo, Tomaz Moura, Altino Maia, Othaõ Luiz, Lino Romão, Romão Pereira, Ezequiel Pereira, Serra da Mota, Porfirio Abreu, José Teixeira, Maria de Lourdes M. Cabral, José Dominguez Alvarez, A. A. de Sampaio e Melo, Manuel Rodrigues, Paulino Gonçalves, Margarida Costa, Maria Fernanda Costa, J. Pereira de Oliveira, René Bandot, Lincoln Mendes, F. Marques Rodrigues, Maria Luiza Wright, Branca Alarcão, Argentina Alarcão, Sarah Alarcão, Branca Ferraz Monteiro, Miguel do Espirito Santo Oliveira, Fernanda de Oliveira, Maria Luiza Vilhena, Júlio Vaz, Arnaldo Malho, Dr. Alberto Sousa (Pôrto), Alberto Aires Gouveia, Felix Eglezias, Lima Machado Pereira, Dr. Manuel Monterroso, Henrique Tavares, António Vale, Lauro Corado, Alexandre Chaves, Pedro Costa, Alfredo Azevedo, Casimiro de Carvalho, Américo Teixeira Lopes, Heitor Cremez, Francisco Viana, Abel Vilhena, Regina Branco, Albino Armando Costa, Eugenia Coelho, José da Fonseca, Isabel Gentil, Varela Aldemira, José Leite, Filomena Freitas, Falcão Trigoso, Branca Assis, Pedro Cruz, António Saúde, João Alves de Sá, Frederico Aires, Machado da Luz, Erid Mitchell, Helena Bourbon e Menezes, Saavedra Machado, Carlos Moura, Júlio de Sousa, Teixeira Lopes, Francisco Valença, Augusto I. Tavares, Dr. João Monteiro, Elvira Serpa Pinto Marques, José de Sousa Losada, Mário Costa, Fernando Galhano, Luiz Ortigão Burnay, Manuel Torres, José M. Coutinho, João Marques, Constancio da Silva, Maria Lourdes da Silva, Tulio Victorino, Armandina da Conceição, Maria Amélia Santos Silva, Joaquim Alfredo Duarte, António Costa, M. Alves de Sousa, António Mendes, António José Fernandes, José Monteiro, José Campas, Dinorah Moreira, Angelo Correia da Costa, Abel Moura, Francisco Couceiro, Américo Gomes, Rebelo Júnior, Alberto Silva, Arnaldo Resano, Abel Salazar, Jorge Veladas, Maria Isabel Loureiro Pires, Adolfo Silva, Artur Salgado Faia, Maria Amélia Loureiro, Anibal Salgado Faria, António Vitorino, Alberto de Sousa, Martinho da Fonseca, F. Martins Gimenez, Frederico George, José Contente, Frei Nemo, Maria Antónia Malheiro, Maria José Malheiro, Alda Machado Santos, Raúl Xavier, Diogo de Macêdo.

Lúcio Fanzeres, Joaquim Meireles, Domingos Alvão, Alvaro C. de Azevedo, Gladys Giddy, Sofia Martins, Manuel Pinheiro da Rocha, Maximiano Alves, Maria de Jesus Conceição Silva, João da Silva, Leal da Camara, Alocu, Sousa Caldas, Lourenço Chaves de Almeida, J. J. Sousa Pinto, Guilherme Ferreira da Silva Campos, F. Romano Esteves, Eduardo Leite, Roque Gameiro, José de Sá Lemos, Octávio Sérgio, Agostinho da Fonseca, Betina Nogueira Bandot, Maria Alcina Baia, Jorge Colaço, Matoso da Fonseca, Manuel de Oliveira, Maria Dina Ferreira, Joaquim Madureira filho, Cristiano de Carvalho, Fausto Gonçalves, Dr. José Nobre, Américo Braga, A. Augusto da Silva, Severo Portela Jr., Henry Huguenin, Marthe Huguenin, Isabel Huguenin, Fernando de Castro, Berta Loureiro, Henrique Moreira, Alice de Sá, Maria Estela Faria e Sousa, Magdalena Luizelo, Baltazar, Maria de Jesus Pereira de Carvalho, Maria Elisa Aguiar Bragança, Joaquim de Freitas, David de Melo, Aida Costa, Maria Margarida Ferreira, Oliveira Passos, Olivia Ramos, Rodrigo da Costa, Noemia Vasconcelos, Emio José Machado, Gardy Arriaga, Maria dos Prazeres Gageau, Maria Amélia G. Coelho, Carlos Carneiro, Manuel Gouveia, Saul de Almeida, Mário Augusto, Augusto Pina, Doutora Adelaide Estrada, Manuel Marques, Marina Recarey, Maria Adozinda Seara Cardoso Dias, Ivonne Frey, António Sousa, Júlio Rezende, Maria Raquel M. Morais, Dr. Castro Henriques, Dr. Ferreira Alves, Maria do Carmo M. P. de Menezes, Maria Emilia dos Santos Carvalho, Daniel Constant, Carlos Pinto Ramos, António Lima, Aires de Carvalho, J. J. Ramos, Gonçalo Pacheco Pereira, Adelina Barros, Maria Adozinda Ferreira, Maria Fernanda Lobão de Carvalho, Henrique Medina, Eduardo Malta, A. Costa Mota Sobrinho, Luiz Salvador, M. Tavares, Manuel Campos Silva, Regina Santos, Mário Eduardo, Fernando Batalha, Oficina de cinzelagem da Escola Faria Guimarãis.

*

A notável exposição que ocupa dois amplos Salões, num dos quais se destacam três retratos a oleo, em ponto grande, de Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, foi ontem extraordinàriamente concorrido por pessoas de representação social e muitas senhoras. Estará franqueada ao público, todas as tardes.

16 - 5 - 35

Grande exposição dos artistas portuenses no Salão Silva Porto

Tem sido extraordinàriamente concorrida esta exposição, cujos trabalhos assinados por 258 artistas se destinam a prémios do Grande Sortelo Nacional de Arte, cujo produto reverte para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Tem também sido grande a venda dos bilhetes, que, pela insignificancia de 5 escudos, habilitam a uma bela obra de Arte no valor de algumas centenas e até milhares de escudos e que, classificados, pela votação directa do público, constituirão os premios do Sorteio, regulado pelo plano da Grande Lotaria de Santo Antonio.

*

Nas salas da Grande Exposição, vão realisar-se várias conferencias de cultura artistica, que, pelo assunto e pelo nome prestigioso dos conferencistas, devem despertar o mais vivo interesse entre as diferentes camadas sociais da cidade.

A série das conferencias inicia-se no próximo sábado, ás 21 e meia horas, prelecionando sobre «A Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português» o eminente critico e historiador de Arte, professor Reinaldo Santos, que ainda há pouco, sobre Arte Portuguesa, fez três belas conferencias na Sorbonne e na Universidade de Cambridge.

21 - 5 - 35

ARTE

A grande Exposição dos Artistas Portugueses

Continua a constituir um legitimo êxito a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* — grandioso certame de arte que, todos os dias, se patenteia ao publico no Salão Silva Porto, brilhante parada do talento e generosidade dos artistas portugueses que, de todos os pontos do país, mandaram trabalhos no valor de 300 contos, ofertando o seu produto para os três monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Tudo quanto na cidade marca pelo seu interesse pela Arte e pelas tradições bairristas do Porto tem passado pelos dois Salões da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* e os bilhetes do *Grande Sorteio Nacional de Arte* tem tido o melhor dos acolhimentos.

A exposição além duma extensa galeria de trabalhos de pintura e doutras modalidades artisticas de que já nos ocupamos largamente, reune ainda, num sugestivo e interessante conjunto, muitas outras obras de variado caracter artistico, que bem merecem, como aquelas, a nota luminosa duma referencia especial, como: *Os analfabetos*, baixo-relêvo em bronze de Zeferino Coito; *D. Quixote*, preciosa estatueta em cêdro desse requintado e orig'nal artista que é Adolfo Marques; *Amores no campo*, grupo em madeira de Altino Maia; *Artur Loureiro*, primorosa foto desse brilhante artista que é José Teixeira; *A Engelitadinha*, preciosa iluminora de Lincoln Mendes; *Pinheiros bravos*, monotipia de F. Marques Rodrigues; *Milagres de Santo Antonio*, baixo-relêvo de D. Branca Alarcão; *Fantina*, adorável busto em gêsso de Julio Vaz; *Espadelada*, magnifica água-forte do talentoso artista portuense dr. Alberto Sousa; *A Historia repete-se*, excelente caricatura do brilhante artista dr. Manuel Monteiroso; algumas primorosas *fotos* do eximio artista Américo Teixeira Lopes; *Cacho de uvas*, preciosissima *foto* desse consagrado artista que é Francisco Viana; *Cabeça de velha*, bem trabalhado medalhão em mármore de José da Fonseca; *A-pesar de trabalho*, notável gêsso original, precioso de detalhes e impressionante de verdade, de Américo Gomes; *Cavaleiro tauromaquico*, preciosa miniatura em bar- do talentoso Antônio Vitorino; *Adão e Eva*, baixo-relêvo de Diogo de Macedo; *Busto*, notável bronze de primorosa arte de técnica pessoal e de superior sentido artistico do talentoso escultor Sousa Caldas; *Pasta em coiro*, magnifico e delicado trabalho em arte aplicada saído das mãos priveligiadas da proficiente professora D. Madalena Luizeth; *Ar Livre*, sugestiva *foto* desse grande artista fotográfico e médico ilustre que é o sr. dr Ferreira Alves — e muitas mais ainda que a extensão da lista de nomes e de exemplares apresentados nos inibe de destacar.

Devemos, porém, dedicar algumas palavras aos excelentes trabalhos saídos da oficina de cinzelagem da Escola Faria Guimarães como, por exemplo, o *Cêsto cinzelado* e o *Vaso cinzelado* — trabalhos estes que, pela sua perfeição e requintado gôsto artistico, muito prestigiam o método de ensino desta Escola, que o talentoso escultor Sousa Caldas dirige tão proficientemente.

Por lapso não citamos na detalhada referencia que fizemos ás obras de pintura, os trabalhos notáveis dos consagrados artista Sofia Sousa Martins e Henrique Medina

Também Fernando de Castro — espirito culto e cintilante de intelectual e artista e poeta de raça — se revela nesta grandiosa galeria de arte, numa interessantissima aguarela, um brilhante temperamento artistico que não desdenha da ironia nem das subtilezas do humorismo da vida

*

Para a conferencia do sr. dr. Reinaldo Santos, sobre a *Janela de Tomar e sua atribuição a um artista português*, que se realiza no próximo sábado, 25, ás 9 e meia da noite, nos Salões da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, a entrada é publica.

23 / 5 / 35

ARTE

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Continua a ser cada vez maior a concorrencia de visitantes a esta Exposição em que figuram os 273 trabalhos que 258 artistas ofertaram para, com o seu produto se erguerem no Porto os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

E' realmente necessário que á generosidade dos artistas, o publico do Porto corresponda indo-lhes admirar as altas pro-as de talento e habilitando-se ao Grande Sortelo Nacional de Arte.

Conferências culturais de arte

E' no próximo sábado, ás 9 horas e meia da noite, que se iniciam as conferencias de cultura artistica nos Salões da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, com a bela lição do professor Reinaldo Santos, sobre a *Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português*.

O nome do conferente e o tema da conferencia, garantem umas horas de verdadeiro encanto espiritual aos que naquela noite conseguirem lugar nos dois vastos salões da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*.

22 - 5 - 35

Vida Artística

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses. Obra de Artur Loureiro em Lisboa

Continua em pleno sucesso êste brilhante certame em que figuram as 273 obras de Arte que os artistas de Portugal ofertaram para com o seu produto se levantarem no Porto três monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Para complemento do programa estabelecido pela Comissão das Homenagens Citadinas, que no Porto realiza a **Grande Exposição dos Artistas Portugueses**, devem realizar-se de 1 a 10 de Junho nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa as três Exposições retrospectivas das obras de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Para se ultimarem os trabalhos de organização dessas exposições e sobretudo os da Exposição Artur Loureiro, pede-nos a Comissão Executiva, que noticiamos que amanhã sabado, pelas 18 horas, se reunem, sem qualquer convite especial, nas salas da **Grande Exposição dos Artistas Portugueses**, os possuidores de quadros do Mestre Loureiro, os seus discípulos e admiradores e todos os portuenses que se interessem pela realização da Exposição da sua obra em Lisboa.

«O Primeiro de Janeiro»

24 - 5 - 35

Conferência de Arte

Continua a despertar o maior interêsse a conferência de cultura artística que, ámanhã, sábado, realiza nas Salas da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* o ilustrado professor e crítico de Arte, sr. dr. Reinaldo Santos sôbre *A Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português*.

O sr. dr. Reinaldo Santos, um dos espíritos mais cultos da nossa época, crítico de Arte eminente e que ainda há pouco fez três brilhantes conferências sôbre Arte Portuguesa na Sourbonne e na Universidade de Cambridge, ainda na conferência de ámanhã, um assunto de palpitante interêsse, pois que, a formosíssima Janela do Convento de Cristo, até agora atribuída a um artista espanhol, vai demonstrar-se, pelas investigações do sr. dr. Reinaldo dos Santos, ser obra genuinamente portuguesa e dum grande artista português.

24 - 5 - 35

A CONFERENCIA

do Dr. Reinaldo Santos

Por motivos imprevistos, já não pode efectuar-se hoje, como estava anunciada, a interessante conferência cultural sôbre «A janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português», que, nas salas da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, vinha expressamente realizar o ilustre professor e eminente crítico de Arte, sr. dr Reinaldo dos Santos, e para a qual se tinham distribuido profusos convites, que ficam, assim, sem efeito.

25 - 5 - 35

Pregões & Prédicas

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses. Do seu sucesso e da obrigação citadina de todos a visitarem e lhe darem os seus votos

...Pois vinha eu dizendo—e se não me ouviram não foi minha a culpa—que abriu, com solenidade e pompa, entre o entusiasmo dos artistas e o mais vivo interesse do publico, á hora fixa, no dia marcado, a GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS PORTUGUESES.

Não houve, felizmente, pretenças de retorica, estridencias de aplausos-nem foguetes e luminarias de arraial saloio nem sequer o inevitavel «Porto de Honra» com que se molha o bico em todas as festas citadinas.

Mas, entre as centenas de pessoas que enchiam os dois salões, carinhosamente floridos por mãos amigas, sentia-se vibrar, emotiva e quente, a admiração e o respeito pelo talento, pela Arte, pela generosidade e pela galhardia dos 258 artistas que de todos os cantos de Portugal ali mandavam as suas obras, num gentilissimo gesto de solariedade, a glorificarem Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, que, espectrais, nas taboas evocativas do Abel Salazar, a todos pareciam render graças por aquelas homenagens, por aquele culto ás suas obras de Mestres, aos seus talentos de artistas,—Grandes entre os Grandes dos Artistas Portuenses, Maiores entre os Maiores Artistas de Portugal.

Abriu a GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES—a maior e mais luzida parada artistica que se tem realisado na nossa terra, a mais bela, a mais expressiva e mais eloquente demonstração do talento e da generosidade dos artistas nacionais, ali reunidos, dos mais gloriosos aos mais humildes, num preito de solariedade, num tributo de admiração aos Três grandes Mestres da Pintura Portuguesa, cujos monumentos expressivos e singelos, na sua beleza eterna do bronze e do marmore, vão ser por todos ofertados á Cidade do Porto—onde dois deles nasceram e se criaram e onde os três viveram e se fizeram artistas.

A GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES abriu e manter-se-á aberta, todos os dias, da manhã á tarde, durante um mês, até que, pela lotaria de Santo Antonio, se faça o sorteio de todos os trabalhos expostos.

Ir visitá-la, ir admirar as obras de Arte que ela encerra, ir classificá-las pelos seus valores artisticos, galardoando com duas medalhas de oiro, duas medalhas de prata, duas medalhas de cobre e 20 menções de Honra a Arte, o talento e a generosidade dos artistas que á Exposição concorreram—é mais do que um prazer espiritual, mais do que uma prova de cultura: é um dever de honra, um imperativo e brioso dever de todos os que nasceram e de todos os que vivemos neste velho e glorioso Burgo do Porto, a que os artistas portugueses, glorificando a Arte Portuguesa, preitiando três Artistas Portuenses assim, ofertam, com brilho e galhardia, três expressivos e singelos monumentos, que bem poderão vir a ser, se a boa gente do Porto o quiser, dos mais belos da Cidade.

E como nunca os bons portuenses—os velhos e honrados tripeiros—deixaram de cumprir com os seus deveres de honra, deixando os seus créditos, em contas do Porto, por mãos alheias, não será preciso insitá-los a que visitem a GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES ou que se habilitem ao GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE—bastará apontar-lhes, como dever bairrista, como indeclinavel obrigação de bons tripeiros que, na mais livre e original votação de que reza a Historia releiçoeira do Velho Burgo—vão lançar na urna do Salão Silva Porto o seu voto—marcando as suas preferencias artisticas e pagando uma dívida de gratidão aos artistas portugueses, que, com o generoso oferta dos seus trabalhos, mais não fazem do que pagar, pelo Porto, uma velha dívida do Porto aos Três Gloriosos Mestres da Pintura Portuense—Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Visitem a GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, admirem as obras de Arte que na Exposição se lhes oferece e votem, como entenderem, marcando as suas preferencias, os seus gostos, as suas predilecções, as suas simpatias...

...E ainda agora reparo, que, neste negro fadário de Cauteleiro Desfardado, eu, que na vida rarissimas vezes votei, ia dando comigo em galopim eleitoral...

*

Mas, cauteleiro ou galopim, cumprindo os fados, não largo, já agora, mão da empreitada e com a GRANDE EXPOSIÇÃO DS ARTISTAS PORTUGUESES em pleno e triunfal sucesso, com o GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE em arduo e vitoriosos êxito, cavando na vinha do Senhor, como o mal dos seus burrinhos me tem feito alveitar, sempre lhes digo, que se desta escapo não me meto noutra, mas que desta não desisto, nem á quinta facada, levando-a de cabo a rabo, do principio ao fim, de fio a pavio, em todas as suas minucias e pormenores, cumprindo-lhe á risca—quanto em mim caiba—todos os numeros e extras do programa.

Os que de mim não dependem, claro, que não posso nem devo garantir que se levem a porto seguro, apesar do bom rumo que lhes marquei e da mão rija dos mareantes a quem tive de confiar o leme.

Há a contar sempre com ventos contrarios—e o vendaval é desabrido para as bandas do Barata Salgueiro, onde, só por milagre, aproarão, desta feita, as obras do Henrique Pousão e do Artur Loureiro e onde, tambem é quási certo, que não chegarão a deitar ferro as de Silva Pôrto, tão solicita e carinhosamente reunidas pelos esforços do Ezequiel Pereira, do Antonio Saude e da Sociedade Nacional de Belas Artes, e tão generosamente cedidas pelos amadores e colecionadores de Lisboa, a quem se tinham ido pedir.

São contos largos, para o lavar dos cestos, que, no fundo, não aquentam e quasi nada arrefentam o pouco que ainda resta fazer daqui até ao andar da roda, pela lotaria de Santo Antonio.

E êsse pouco cifr-se todo em que os bons e honrados tripeiros saibam e queiram sustentar os brios bairristas da sua terra: correspondendo ao talento e á generosidade dos artistas que ofertaram os trabalhos expostos nos dois salões da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES para com o seu produto se levantarem os singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Na altura em que as coisas estão tanto monta que haja ou não haja falhas nos numeros do programa, que se realisem ou não se realisem exposições em Lisboa,—saiba o Pôrto cumprir o seu dever e tudo se fará, como, dês do principio, se disse que havia de fazer-se e ninguem acreditava que se fizesse.

BRAZ BURITY

26 - 5 - 35

A GRANDE EXPOSIÇÃO
DOS
artistas portugueses

E' hoje o segundo domingo em que está aberto ao publico êste grande certamen de Arte, em que se fazem representar quasi na sua unanimidade, todos os que hoje cultivam as Belas-Artes em Portugal e que á Grande Exposição dos Artistas Portugueses concorreram com 273 trabalhos artisticos, cujo produto se destina aos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

A avaliar pela concorrencia do ultimo domingo e que se tem mantido durante toda a semana, espera-se que hoje não faltem aos salões da rua de Cedofeita, não só os que se interessam pelas coisas de Arte, mas todos os portuenses, que para brio e gloria do Pôrto, não deixarão de corresponder á generosidade dos artistas, indo admirar-lhes as obras e habilitarem-se ao GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE

26 - 5 - 35

A Grande Exposição
dos Artistas Portugueses

Acentua-se de dia para dia o exito deste esplendido certamen, unico nos factos da Arte Portuguesa, porque nunca em Portugal os cultores das Belas Artes deram uma tão alta e tão generosa prova do seu talento e da sua generosidade, vindo de todos os cantos do país prestar uma brilhante homenagem aos tres Mestres de Pintura Portuense, Silva Porto Henrique Pousão e Artur Loureiro, concorrendo com os seus trabalhos, no valor de cêrca de 300 contos para se ofertarem á Cidade do Porto, os monumentos dos tres gloriosos artistas.

O Porto, que tem acorrido ás salas da Grande Exposição dos Artistas Portugueses, a admirar-lhes as suas obras não póde deixar de corresponder ao generoso gesto dos Artistas, habilitando-se ao Grande Sorteio Nacional de Arte, e concorrendo assim, para que a Cidade se embeleze e dignifique com tres monumentos, simples e expressivos a tres grandes artistas portugueses.

29 - 5 - 35

A Grande Exposição
Nacional de Arte

Continúa a marcar como o acontecimento do dia, na vida da cidade, a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, pois, pelos seus dois salões em Cedofeita, se póde dizer que tem passado todo o Pôrto.

Os 276 trabalhos expostos, em que há nêles especimens de escultura, de oleo, de aguarela, de pastel, de desenho, água-forte e artes aplicadas assinados pelos nomes mais prestigiosos da Arte Contemporânea têm causado verdadeira admiração no público, que, correspondendo á generosidade dos artistas que os ofereceram á cidade do Pôrto, para com o seu produto se levantarem os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, não deixa de se habilitar ao Grande Sorteio Nacional de Arte, que, por cinco escudos, fará a distribuição de todas aquelas obras de Arte pelos felizes que tiverem os numeros correspondentes aos premiados pela Loteria de Santo Antônio.

Visitar a Exposição dos Artistas Portugueses é, além de uma prova de cultura e de bom gosto, um dever de boa cortezia portuense para com os artetas que ofertaram os seus trabalhos ao Pôrto—podendo ser, além de tudo, uma afortunada ocasião de adquirir uma valiosa obra de Arte por uma quantia insignificantissima.

30 - 5 - 35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

Intensifica-se de dia para dia o exito desta brilhante parada artistica, a que, de todos os pontos do país, acorreram com os seus trabalhos os que em Portugal hoje cultivam as Belas-Artes ofertando-os, generosamente, para com o seu produto se erguerem no Porto tres expressivos e singelos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

O publico portuense tem correspondido ao belo gesto dos Artistas, admirando-lhes as obras expostas nos dois belos Salões da rua de Cedofeita e tomando parte com calor e interesse na sua classificação, votando conforme as suas simpatias e preferencias nos trabalhos que serão sorteados pela Loteria de Santo Antonio, como premios do Grande Sorteio Nacional de Arte.

31 - 5 - 35

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Foi extraordinariamente concorrido no passado domingo, a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, podendo dizer-se que tudo quanto no Pôrto marca pelo seu interesse por coisas de Arte e pelos brios bairristas da cidade, tem passado pelos salões de Cedofeita e prestado homenagem ao talento e á generosidade dos artistas que tão galhardamente ofertaram os seus trabalhos para no Pôrto se levantarem os três monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

A concorrencia manteve-se ontem, segunda-feira, e é natural que se mantenha até ao encerrar da Exposição, ao andar á roda na loteria de Santo Antonio e ao serem por ela sorteados todos os trabalhos expostos.

28 - 5 - 35

Henrique Pousão

Com a Exposição dos Artistas Portugueses pretende-se homenagear Silva Pôrto, Artur Loureiro e Henrique Pousão, como pintores portuenses.

Sucede, porém, que se descobre agora que Henrique Pousão, não é portuense, pois nasceu em Vila Viçosa, na freguesia de S. Bartolomeu, em 1 de Janeiro de 1859, segundo consta dos livros dos registos paroquiais.

Mas, a-pesar-de não ser portuense, Henrique Pousão terá no Pôrto a homenagem a que tem jus como um dos grandes artistas portugueses e como aluno da nossa Escola de Belas-Artes.

30 - 5 - 35

Pregões & Prédicas

UM ANO DEPOIS...

As Homenagens Citadinas a Silva Porto iniciadas há um ano no "Primeiro de Janeiro" e a completarem-se agora, na Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Fez ontem 42 anos que, em Lisboa, minado há muito pela tuberculose latente e liquidado de pronto por uma quási fulminante apêndicite, morreu António Carvalho da Silva Porto, que, nascido, ali abaixo, no prédio número 50 da rua da Ponte Nova, aos 11 de Novembro de 1850, foi o maior e mais glorioso artista português, e sendo um dos maiores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

E fez ontem um ano, que, nestas colunas, aqui, se lhe consagrou a vida e a obra, coligindo-se e arquivando-se, na apressada maquette jornalística dum definitivo IN MEMORIAM, a documentação biográfica, iconográfica e crítica da sua radiosa existência, e, tendo-se inaugurado, nas lôjas provisórias do Museu Soares dos Reis, uma aconchegada e privativa saleta para as suas obras escolares e do Pensionato—as unicas que o Museu possue—em festivo e solene lausperene d'Arte, expuseram-se á devotada admiração e ao fervoroso culto dos fieis, no Salão de «O Primeiro de Janeiro», sessenta e cinco das suas maravilhosas telas, quási que esmoladas, em atribulada pedinchа, pelas colecções particulares da cidade.

A festa foi rija e foram faladas todas as funções, mas, já lá vai um ano e como *tout passe, tout casse, tout lasse*, tudo estaria na mesma, como dantes ou peor do que antes, se, ali em Cedofeita, nos dois vastos e atochados Salões da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, não estivera publico e patente, aos olhos de toda a gente, com entrada franca e porta aberta, na mais numerosa e luzida parada artistica que jamais se realisou em Portugal—o esforço, o talento e a generosidade de todos os que cultivam as Belas Artes em Portugal e que de todos os cantos desta boa terra portuguesa ali vieram trazer os seus óbulos artisticos para ao Porto se ofertar, com o expressivo monumento a Silva Porto, os expressivos e singelos monumentos aos seus dois camaradas e companheiros, **Henrique Pousão e Artur Loureiro.**

* * *

E', pois, chegado o momento de olhar para todo um ano de esforço e de canseiras, de trabalhos e amofinações e de começar, a fazer, ainda em plena vindima, e muito antes do lavar dos cestos, um preludio de balanço ao muito que já está feito, ao pouco que se não faz e ao resto que falta fazer.

E se, num vibrante e caloroso agradecimento, mais uma vez, há, aqui, de constatar-se que todos os artistas portugueses—com fraquissimas e ranhosas excepções—dos maiores aos mais pequenos, todos, dos primeiros aos ultimos, deram mais do que tinham a dar, dando mais e muito mais do que do seu talento e da sua genecessidade era lícito esperar-se,—há, a constatar, tambem, e para os devidos efeitos, aqui, desde já, em alto pregão se constata, que, para que os monumentos devidos pelo Porto a Silva Porto e aos seus dois companheiros de Escola e Pensionato, de hoje a um ano possam inaugurar-se, honrando e dignificando o Porto ainda mais que aos três artistas neles consagrados—é preciso que o Porto cumpra integralmente o seu dever, suprindo com o seu tradicional bairrismo, com o seu arraigado amor pelo Porto o que talvez, só por culpa minha, por falta de geito e cuspo, tem encravado a realisação completa dum plano, que, a cumprir-se com todos os seus numeros dava, em favas contadas, o exito seguro, certo e inabalável á empreitada a que meti ombros—para honra e por honra do Porto, dos que no Porto nasceram e dos que no Porto vivemos.

E assim, como desse plano, houve de eliminar-se, bem contra a vontade de todos, a realisação das conferencias culturais já marcadas—a de Reinaldo Santos, sobre A JANELA DE TOMAR E A SUA ATRIBUIÇÃO A UM ARTISTA PORTUGUES—a de Xavier da Costa, sobre A GRAVURA ARTISTICA PORTUGUESA DO SECULO XVIII—a do Duarte Leite, sobre UM PROBLEMA DA ARTE PORTUGUESA—a de Ricardo Jorge, sobre O PORTO E TRES MOÇOS ARTISTAS DO MEU TEMPO—a do Luis Reis Santos, sobre A ORGANISAÇÃO E AS DEFICIENCIAS DOS MUSEUS DE ARTE EM PORTUGAL—e a do Abade de Baçal sobre OS PAINEIS DE S. VICENTE E A LENDA DE NUNO GONÇALVES—como tudo isso foi para o maior, num ar que lhe deu—indo-se, assim, para o maneta, toda a receita que daí adviria para o GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE—está-se a ver, como, mesmo aqui no Porto, os ares se enfarruscaram nas imprevistas boas contas que deita o preto...

E como, já agora, não é segredo para ninguém que o cheiro á tripa que bafava todas as ventas alfacinhas não poderá deesintupir-se com as *Três Exposições* retrospectivas de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, de 1 a 10 de Junho—PORQUE A DELIBERAÇÃO DO CONSELHO SUPERIOR DE BELAS ARTES, DE 5 OU 6 DE ABRIL, REQUERIDA DAQUI A 15 DE MARÇO E REFERENDADA' LOGO PELO SNR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO, AUTORISANDO O MUSEU SOARES DOS REIS A MANDAR PARA A SOCIEDADE NACIONAL DE LISBOA AS OBRAS DE POUSÃO E A RECEBER E A ENVIAR COM ELAS AS OBRAS DE ARTUR LOUREIRO QUE LHE FOSSEM ENTREGUES—SO' ME FOI COMUNICADA OFICIALMENTE EM 19 DE MAIO E AINDA ATÉ ESTA DATA, EM QUE AS EXPOSIÇÕES TERIAM DE ABRIR EM LISBOA, AINDA NÃO FOI PELAS INSTANCIAS SUPERIORES TRANSMITIDA AO DIRECTOR DO MUSEU SOARES DOS REIS, AQUI NO PORTO—a vêr-se está, tambem, que a propaganda e a venda dos bilhetes do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE EM LISBOA ficou em chão que não deu uva, como vinha vindimada, antes mesmo de começar a vindima.

Donde há a concluir: que fazendo, agora, precisamente um ano que o Porto entusiasticamente lapidou a casa da rua da Ponte Nova, onde Silva Porto nasceu e lhe inaugurou uma saleta privativa no Museu Soares dos Reis e fazendo tambem agora, precisamente, um ano que três mil pessoas passaram, durante cinco dias pelo Salão de «O Primeiro de Janeiro», admirar num culto fervoroso e inteligente a obra de Silva Porto, dispersa e oculta nas colecções da cidade agora, que nos salões da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES estão expostos 278 trabalhos oferecidos por 259 artistas para com o seu produto se levantarem os monumentos a Silva Porto e aos seus camaradas Henrique Pousão e Artur Loureiro: é ao Porto e só ao Porto, aos que no Porto nasceram e aos que no Pôrto vivevos, que compete completar o que falta fazer e que é indispensável que o Porto e só o Porto faça—que todos nós façamos—para que o esforço e a generosidade dos artistas se não perca—perdendo-se, claro, tudo quanto há um ano eu venho a esbofar-me, consoante posso e consoante sei, para se conseguir e que, para honra e por honra do Porto é um dever sagrado que se consiga quarenta e dois anos após a morte de Silva Pôrto—o maior e mais glorioso dos artistas portuenses que sendo um dos maiores paisagistas de todo o Mundo, é o mais forte, o mais belo, o mais perfeito, o mais admirável e o mais português de todos os pintores portugueses.

BRAZ BURITY

Post-Scriptum—De Vila Viçosa, donde **saiu para o «Diario de Lisbôa» e de lá** escoou para Coimbra, **a infausta nova que eu supunha** o Henrique Pousão natural do Pôrto e que, como tal, o pretendia semifrar á glória alentejana.

Ora, há mais dum ano que, nestes *Pregões* do «Primeiro de Janeiro», eu me esfalfo a chamar a atenção publica para esse pobre moço, ploado pelo génio e varado pela tuberculose, que, nascido em Vila Viçosa e dês dos 13 anos criado, educado e feito artista na Escola de Belas Artes do Pôrto, só voltou ao Alentejo, no precipitado regresso do Pensionato em França e Itália, para lá morrer—em plena mocidade, com 25 anos incompletos...

Contá-lo, com Silva Pôrto e Artur Loureiro, entre os Três Mestres da Pintura Portuense, não é ignorar-lhe nem o nascimento no Alentejo, nem a cêpa ancestral algarvia—é reivindicar para a Escola do Pôrto, um artista que no Pôrto se fês e se criou e que á Escola do Pôrto pertence—como a mais lidima e prometedora das suas glórias.

E o que é de estranhar é que, nem em Vila Viçosa, nem mesmo aqui no Pôrto, ninguem dêle se lembrasse, ninguem protestasse contra o miseravel e criminoso abandono em que o tiveram mergulhado meio século—e agora, que eu e o Abel Salazar procuramos, numa tardia reparação, colocá-lo no seu posto, apontando-o, como um dos precursores do impressionismo europeu—de todas as bandas saltem remoques e sabenças, uns apodando de exagero, outros de ignorancia o que, sobre Pousão se vai dizendo e ainda ninguem dissera.

B. B.

2 - 6 - 35

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

Em pleno e justificado sucesso, continua no Salão Silva Porto, na rua de Cedofeita, este belo certamen de Arte, a que todos os artistas de Portugal, num rasgado gesto de generosidade, concorreram com as suas obras, ofertando-as ao Porto, para que o Porto consagre em três expressivos e singelos monumentos os três gloriosos mestres da Pintura Portuense, Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Hoje, domingo, espera-se que a concorrencia do publico ainda seja maior do que nos dias anteriores e que tenham uma larga procura os bilhetes do grande sorteio nacional de Arte, pois que, pela insignificante quantia de cinco escudos, todos podem, ao andar da roda da Lotaria de Santo Antonio, chamar seus e levar para casa alguma daquelas obras de Arte entre as quais ha verdaderas preciosidades e maravilhas.

2 - 6 - 35

Vida Artistica

O MINIATURISTA ELIAS VAI EXPOR EM LONDRES

Eduardo Mafra Elias, o distinto ceramista-miniaturista que todo o país conhece atravez de uma interessantissima obra apresentada em repetidas exposições, foi convidado pela gerencia da Casa de Portugal em Londres a exibir ali os seus notaveis trabalhos de miniatura em barro, devendo para este efeito seguir em breve para aquela cidade britanica.



Eduardo Mafra Elias

Tambem a Direcção do Banco de Portugal aquiriu a estatueta «D. Filipa de Vilhena armando os seus filhos cavaleiros», original de Eduardo Elias, tendo-lhe pedido autorização para a reproduzir numa emissão de notas que vai pôr em circulação e que estão a ser executadas em Londres.

O distinto artista caldense vai certamente obter em Inglaterra exito identico ao alcançado entre nós.

2 - 6 - 35

A Grande Exposição

DOS

Artistas Portugueses

E' hoje exposto á venda nos Salões da Grande Exposição, e nos Stands da Livraria Lelo, na Feira do Livro, o Catalogo Ilustrado, desta exposição.

Numa plaquete de 100 paginas, com uma capa devida ao talento de Abel Salazar, artisticamente litografada impressa em ótimo papel e ilustrada com 242 retratos dos artistas, explendidamente gravados pelo grande artista que é Marques de Abreu—o Mestre incontestado dos gravadores nacionais—o Catalogo da Grande Exposição dos Artistas Portugueses é, no seu genero, uma preciosa raridade bibliografica, que, vai certamente, ser disputada por todos os que tem o amor e o culto pelo livro.

Com os dados biograficos dos artistas que tão generosamente concorreram para ofertar ao Porto os tres singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, o Catalogo da Exposição, ficará a documentar, atravez dos tempos, esse belo gesto de generosa solidariedade dos artistas portugueses, recordando para todo o sempre a formidavel parada artistica que, nos Salões da rua de Cedofeita, está sendo o grande e sensacional acontecimento citadino.

5 - 6 - 35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

Tudo faz prevêr que será de verdadeiro entusiasmo, o claro final deste magnifico certamen no proximo dia 10, ao proceder-se, com toda a solenidade, á abertura da urna e ao escrutinio da votação para a classificação das obras de Arte da Grande Exposição dos Artistas Portugueses, atribuindo, directamente o publico, as duas medalhas de ouro, duas medalhas de prata, duas medalhas de cobre e 20 menções de honra aos trabalhos mais belos e mais interessantes entre os 279 que enchem os dois vastos Salões de Cedofeita e que os artistas ofereceram para com o seu produto se levantarem no Porto, tres singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

A concorrencia á urna—como se dizia dantes em giria eleitoral—tem sido extraordinaria, sendo vivissimo o interesse, com que estes eleitores de nova espécie, estudam as qualidades dos eleitos, discutindo-lhes os méritos e merecimentos e tomando no Catálogo as suas notas e observações para preencherem os respectivos boletins de voto.

Antés que outro atractivo não tivesse—bastaria esse para se irem enchendo todos os dias os Salões da Grande Exposição dos Artistas Portugueses que, no domingo e ontem á tarde bateu o «récord» da concorrencia nas exposições do Salão Silva Porto—o que mais uma vez provou que o Porto, essencialmente bairrista, não deixa os seus creditos por mãos alheias quando se trata do brio e do prestigio da nossa capital nortenha.

4 - 6 - 35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

Aproxima-se o dia do sorteio de todos os trabalhos expostos neste certamen a que todos os cultores das Belas-Artes em Portugal generosamente concorreram, para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro. A afluencia do publico tem-se intensificado e cada vez é maior o interesse pela classificação dos trabalhos a que, pelos votos do publico, serão atribuidas duas medalhas de ouro, duas medalhas de prata; duas medalhas de cobre e vinte menções honrosas.

O escrutinio realizar-se-á no proximo dia 10, nos Salões da Grande Exposição.

6 - 6 - 35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

Excede todas as espectativas a concorrencia aos salões desta exposição que, incontestavelmente marca, como um acontecimento notabilissimo pelo numero de expositores, pelas sua categoria, pelo brilho e valor de muitas das obras expostas e, sobretudo, pelo seu objectivo de consagrar três monumentos aos três Mestres da Pintura Portuense Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

A poucos dias do seu encerramento e a uma semana, apenas, da Lotaria de Santo Antonio, pela qual se fará o **Grande Sorteio Nacional de Arte**, quem ainda não viu a Exposição, quem ainda não comprou o seu Catalogo ilustrado que em breve será uma raridade bibliografica e quem ainda se não habilitou a adquirir por cinco escudos qualquer dos 279 trabalhos expostos—não tem já tempo a perder, para demonstrar o seu bom gosto, a sua cultura e sobretudo o seu bairrismo tripeiro, porque na verdade, para honra e para honra do Porto, é indispensavel que todos concorram para secundar a generosidade dos artistas e ao Porto se ofereçam três belos, singelos e expressivos monumentos.

7 - 6 - 35

PREGÕES E PREDICAS

Ultimo pregão

Derradeiro apêlo ao bairrismo tripeiro

Há há por aí, em toda a cidade, meia duzia de bons portuenses, com alma e arranque, que mostrem a Lisboa, mostrando a Portugal inteiro, que para «GLORIFICAR TRÊS ARTISTAS DO PORTO», o Porto pode, o Porto sabe, o Porto quer cumprir com o seu dever?

Estamos nas ultimas jornadas da campanha, no lavar dos cêstos da vindima—no fim da festa, no fecho de contas.

A'manhã, segunda-feira, procede-se ao escrutino dos boletins de votos lançados na urna da GRANDE EXPOSIÇÃ DOS ARTISTAS PORTUGUESES.

Faz-se a classificação dos 279 trabalhos que 252 artistas, atribuindo-lhes um valor global de 222.840 escudos, ofertaram ao Porto, para, no Porto, se levantarem três expressivos e singelos monumentos aos três Mestres da Pintura Portuense Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—Grandes entre Maiores de Todos os Artistas de Portugal.

No proximo sabado, dia 15, ao andar a roda da Lotaria de Santo Antonio, de harmonia com a classificação directa do publico, que, inteligente e soberano, premiará com duas medalhas de oiro, duas medalhas de prata, duas medalhas de cobre e vinte menções de honra os trabalhos da sua predilecção e os artistas da sua simpatia — faz-se pelo GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE a distribuição de todas aquelas 279 obras artisticas—da primeira á ultima da melhor á pior, da de mais alto preço—o CASAL DA FELIZARDA, de Mestre Carlos Reis, com o valor indicado de 7 contos—a qualquer das 12 provas de fotografia artistica, avaliadas em cem escudos cada uma.

Estamos, pois, nas ultimas jornadas da campanha, no lavar dos cêstos da vindima—no fim da festa, no fecho das contas...

*

Ufa! Num alivio, num desabafo, vamos a contas...

Não há duvidas, não sofre discussão, mete-se pelos olhos dentro de toda a gente ao visitar os dois Salões da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, que tendo eu apelado, do alto destas colunas, para o talento e para a generosidade de todos os que em Portugal cultivam as Belas Artes, para se ofertarem ao Porto os três monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—os Três Mestres da Pintura Portuense—estando, há quasi um mês, no Salão Silva Porto, ali em Cedofeita, atochadas as duas vastas salas com os 279 trabalhos de 252 artistas, os artistas portugueses, grandes e pequenos, gloriosos e obscuros, todos, dos primeiros aos ultimos—com raríssimas e ranhosas excepções—todos, cumpriram com brio, com talento, com galhardia, com generosidade, mais do que o seu dever de artistas:—deram, como artistas e como portugueses, a mais bela prova de desprendimento, de desinteresse, de sacrificio, de solidariedade artistica e de inteligente patriotismo que era lícito esperar-se por êstes gritantes e medrados tempos de ganhuça que vão correndo e em que são, precisamente, os artistas os que, pela Arte, menos ganham, menos medram—e menos gritam.

Para corresponder, honesta e limpamente, a êsse belo e generoso gesto, procurou-se a forma mais airosa e mais ampla de se proceder á sua colocação e á sua venda, transformando as dadivas dos artistas, todas essas obras de Arte, nos cobres, no dinheiro, com que terão de pagar-se os três monumentos e as ofertas, maciças e prontas á Artes em Lisboa, das três Exposições de Silva Porto Henrique Pousão e Artur Loureiro—a pedirem, a seu tempo, largo ajuste de contas e a cortarem, de vez, todas as probabilidades de venda de bilhetes na Capital e a reduzirem, consideravelmente, as facilidades de sua passagem aqui no Porto.

E assim, se chegou ás ultimas jornadas da campanha, ao lavar dos cêstos da vindima—ao fim da festa, ao fecho de contas...

*

E tratando-se, agora, antes de as fechar, aqui no Porto e pelo País inteiro, de apurar o resultado da colocação da primeira emissão e de parte da segunda, chega-se, ao fazer desta, á conclusão que, pagas e saldadas todas as despezas feitas com a escrita em dia e não se devendo um real a ninguem, tendo em boa marcha a cobrança dos bilhetes vendidos e sendo desoladora a devolução, em veras bátegas de granizo, dos que estavam colocados —já—em boa hora o diga!—está depositado e á ordem, na Casa Borges um saldo liquido, que melhor ou pior, espremido e esticado, dará para se levantarem nos jardins do Palacio de Cristal e se ofertarem ao Porto, em homenagem de todos os artistas portugueses TRES SINGELOS E EXPRESSIVOS monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—os Três Mestres da Pintura Portuense, Grandes entre os Maiores dos Artistas de Portugal.

*

Simplesmente, é tão magro e exiguo êsse saldo, tão infezado e raquitico, que, por honra e para honra do Porto,—tendo diante de nós, ainda oito dias—e não podendo já contar-se com que, de fóra do Porto, venha coisa que se veja!—GARANTO-LHES QUE OS TRES SINGELOS E EXPRESSIVOS MONUMENTOS A SILVA PORTO, HENRIQUE POUSÃO E ARTUR LOUREIRO SE FARÃO, AINDA QUE NO PORTO SE NÃO APURE MAIS UM PATACO, MAS TÃO «SINGELOS» NA SUA POBREZA, TÃO «EXPRESSIVOS» NA SUA INSIGNIFICANCIA—QUE, POR HONRA E PARA HONRA DO PORTO, EU NÃO LHES DIGO JA', EM NUMEROS REDONDOS, A IMPORTANCIA ATE' HOJE APURADA, CERTO E SEGURO, COMO ESTOU, QUE AINDA HA', POR AI, EM TODA A CIDADE, MEIA DUZIA DE BONS PORTUENSES, COM ALMA E ARRANQUE PARA MOSTRAREM A LISBOA, MOSTRANDO A PORTUGAL INTEIRO, QUE «PARA GLORIFICAR TRES ARTISTAS DO PORTO», o PORTO SABE, O PORTO PODE, O PORTO QUER CUMPRIR COM O SEU DEVER—dando, num esforço de generosidade e de bairrismo, que nestes oito dias que faltam para andar a roda do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE, nestes oito dias que temos diante nós—o Porto avolume, em bola de neve, os magros contos de reis já apurados, arredondando-os e aumentando-os tanto, que os «singelos» e expressivos monumentos erguidos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, pelo bom e honrado bairrismo tripeiro, num rasgo de pundonôr citadino, sejam, na singela beleza da sua imponencia, a expressiva glorificação do brio, do civismo, da generosidade

9/6/35

NDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, que tendo eu apelado do alto destas colunas, para o tacto e para a generosidade de todos (ue em Portugal cultivam as Belas s, para se ofertarem ao Porto os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro—os Três tres da Pintura Portuense—estando, quasi um mês, no Salão Silva Portali em Cedofeita, atochadas as duas tas salas com os 279 trabalhos de artistas, os artistas portugueses, ndes e pequenos, gloriosos e obscos, todos, dos primeiros aos ultis—com raríssimas e ranhosas excesões—todos, cumpriram com brio, com ento, com galhardia, com generosiade, mais do que o seu dever de tistas:—deram, como artistas e como rtugueses, a mais bela prova de desendimento, de desinteresse, de sacrifício, de solidariedade artística e de teligente patriotismo que era lícito perar-se por êstes grintantes e meados tempos de ganhuça que vão rrendo e em que são, precisamente, s artistas os que, pela Arte, menos inham, menos medram—e menos grim.

Para corresponder, honesta e limpamente, a êsse belo e generoso gesto, procurou-se a forma mais airosa e mais ampla de se proceder á sua colocação e á sua venda, transformando as dádivas dos artistas, todas essas obras de Arte, nos cobres, no dinheiro, com que terão de pagar-se os três monumentos a ofertar, massiços e prontos, á Cidade do Porto—e lançou-se, por todo êsse País, graças ás organisações bancárias e editoriais da casa Borges & Irmão e da Livraria Lelo & C.ª, o GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE—com bilhetes a cinco escudos, em cadernetas de 5, 10, 15 e 20 bilhetes—isto é, tornando-se acessível a pobres e ricos, por Portugal inteiro, a comparticipação de todos os portugueses a essa homenagem nacional aos Três Artistas Portuenses—homenagem de Portugal á Arte Portuguesa, homenagem de todos os portugueses á Cidade do Porto...

O primeiro milho é dos pássaros—e, em menos dum mês, estava colocada por todo o País a 1.ª série do Sorteio.

Para continuar a propaganda, quando já não havia em cofre um único bilhete da 1.ª série, emitiu-se e começou a colocar-se a segunda, e, organisada a Exposição, delineado e pôsto em execução, nos seus detalhes mínimos, todo o programa de realisações, surgiu por Lisboa o óbice imprevisto do imponderavel «cheiro á tripa» a barrar as ventas alfacinhas e a dificultar toda a expansão e colocação da bilhetagem do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE em Lisboa e seus arredores.

Vieram, depois, já com a GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES aberta e em pleno exito, a inesperada supreção das conferencias culturais nas Salas de Cedofeita e as complicações e peias burocraticas á realisação, na Sociedade Nacional de Belas TRES SINGELOS E EXPRESSIVOS MONUMENTOS A SILVA PORTO, HENRIQUE POUSÃO E ARTUR LOUREIRO SE FARÃO, AINDA QUE NO PORTO SE NÃO APURE MAIS UM PATACO, MAS TÃO «SINGELOS» NA SUA POBREZA, TÃO «EXPRESSIVOS» NA SUA INSIGNIFICANCIA—QUE, POR HONRA E PARA HONRA DO PORTO, EU NÃO LHES DIGO JA', EM NUMEROS REDONDOS, A IMPORTANCIA ATE' HOJE APURADA, CERTO E SEGURO, COMO ESTOU, QUE AINDA HA', POR AI, EM TODA A CIDADE, MEIA DUZIA DE BONS PORTUENSES, COM ALMA E ARRANQUE PARA MOSTRAREM A LISBOA, MOSTRANDO A PORTUGAL INTEIRO, QUE «PARA GLORIFICAR TRES ARTISTAS DO PORTO», o PORTO SABE, O PORTO PODE, O PORTO QUER CUMPRIR COM O 'SEU DEVER—fazendo, numa esforço de generosidade e de bairrismo, que nestes oito dias que faltam para andar a roda do GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE, nestes oito dias que temos diante nós—o Porto avolume, em bola de neve, os magros contos de reis já apurados, arredondando-os e aumentando-os tanto, que os «singelos» e expressivos monumentos erguidos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, pelo bom e honrado bairrismo tripeiro, num rasgo de pundonôr citadino, sejam, na singela beleza da sua imponencia, a expressiva glorificação do brio, do civismo, da generosidade do Porto e da sua gente!...

E para isso:—

Homens do Porto!
Ricos e Pobres!

Bons portuenses de todas as classes e de ambos os sexos!—basta que cada um de vós, em exame de consciencia, pregunte a si mesmo: «Quanto dinheirinho mal gasto, vou eu atirar á rua esta semana, em porcarias, em bugigangas, em superfluidades, em poucas-vergonhas, em luxengos e em lambarices—em coisas tolas, em coisas inuteis, em coisas imprevistas, por onde o dinheiro se escôa sem deixar resíduos?

«Pois metade—metade só, em boas contas do Porto!—vou dá-lo, por que tenho vergonha na cara e sou do Porto, para demonstrar o meu bairrismo, o meu amor á Tripa, o meu amor ao Porto—arriscando-me, ainda por cima, a que Santo Antonio, com um numero de palpite, ao andar a roda, me mande para casa, dentre aqueles 279 trabalhos de Arte, da GRANDE EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PORTUGUESES, exactamente, o que eu trago de olho e mais me enche as medidas!...»

* * *

E se o fizerem—mesmo que Santo Antonio milagres não faça—os três singelos e expressivos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, serão, graças aos bons portuen-

9-6-35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

Hoje, ultimo domingo em que estará aberta ao publico a Grande Exposição dos Artistas Portugueses, deve ser grande a concorrencia aos dois vastos salões da rua de Cedofeita onde se acumulam, os 279 trabalhos oferecidos, para com o seu produto se levantarem no Porto os tres monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

E ámanhã, pelas 17 horas, realizar-se-há, numa interessante festa, o escrutinio da votação em que o publico directamente classificou todos os trabalhos expostos, outorgando com os seus votos duas medalhas de oiro, duas medalhas de cobre e 20 menções de honra aos artistas que melhor se fizeram representar e mais se distinguiram pelo seu talento e pela sua Arte.

Festa de artistas e de alto significado artistico, estamos certos que nela tomarão parte não só todos os expositores que vivem no Porto como todos os que no Porto se interessam por coisas de Arte.

9 - 6 - 35

Na Grande Exposição
dos
Artistas Portugueses

Realiza-se hoje, o escrutinio para a classificação

Agradecendo á Ex.ma Comissão Promotora a penhorante oferta do brilhantissimo catalogo ilustrado — em cuja capa se ostenta um riquissimo desenho que é devido ao traço primoroso desse grande artista, o dr. Abel Zalazar—cumpre-nos chamar a atenção dos nossos estimaveis leitores para o interesse culminante desta bela Exposição do Salão Silva Porto a qual, por mais de uma vez, temos tido ocasião de nos referir.

Pois é hoje, após a classificação das obras, a distribuição dos respectivos premios!

Devemos informar tambem que, se não foram feitas, em Lisboa, as Exposições de Artur Loureiro, Henrique Ponsão e Silva Porto, não foi por falta de diligencia das entidades organizadoras deste patriotico e belo certame, nem tão pouco das autoridades competentes para darem a autorização indispensavel. Esta, porém, só chegou a 2 do corrente.

Este facto não revela, porém, que o escrutinio hoje realizado no Salão Silva Porto não revista o maior interesse e que este alfobre notavel de artistas de genio não possa deixar de ver ligada á Grande Exposição a ideia dum dos fastos mais grandiosos da Pintura Nacional.

Bayard.

10 - 6 - 35

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Realizou-se outem, nos salões deste belo certamen, o escrutinio da votação dos trabalhos oferecidos para os monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Na ausencia, por falta de saude de Mestre Teixeira Lopes, presidiu ao acto a veneranda viuva do grande artista portuense Candido da Cunha, que formou a mesa com o sr. Fernando de Castro, representando os expositores e o sr. Fernando Galhano, representando o publico. Entraram na urna 312 listas e o escrutinio interrompeu-se depois das 8 horas para continuar hoje, em que se fará o apuramento.

Até ao encerrar os trabalhos de hoje os artistas mais votados para os primeiros premios eram: Ezequiel Pereira e Americo Gomes, medalhas de ouro; Antonio Saude e Antonio Costa, medalhas de prata, e Adolfo Marques e Arnaldo Malho, medalhas de cobre.

As menções honrosas, ainda não pôde vaticinar-se a quem caberão porque a votação, muito renhida, dispersa-se por numerosos artistas, cujo apuramento se fará hoje.

11 - 6 - 35

Grande Exposição dos Artistas Portugueses

Os artistas classificados

Terminou ontem o apuramento dos votos, com que o público classificou entre os 252 expositores, que ofertaram os seus trabalhos para os monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, aqueles que mais se distinguiram pela sua Arte e pelo seu talento.

Como ontem dissemos, entraram 312 boletins de voto na urna e o apuramento deu o seguinte resultado:

Medalhas de oiro — Ezequiel Pereira (pintura), Américo Gomes (escultura).

Medalhas de prata—Antonio Saude e Antonio Costa (pintura).

Medalhas de cobre—Adolfo Marques, (escultura em madeira), e Arnaldo Malho (ferro forjado).

Menções honrosas—Pintura: Frederico Aires, Eduarda Lapa, Abel Santos, Abel Salazar, Alberto Silva, Júlio Ramos, Lima Machado Pereira, Tomás Moura, Armandina da Conceição, Fernanda Costa, Fernando Galhano, Eugenia Coelho, Marina Recarey, Alfredo Azevedo, Agostinho Salgado e Joaquim Costa. Escultura: Maximiano Alves, Zeferino Couto, Joaquim Meireles, Izabel Gentil. Aguarela: Alves de Sá, Alberto Sousa, Manuel Rodrigues, Agostinho da Fonseca, Fernando de Oliveira, Maria Adozinda Seara Cardoso. Pastel: Margarida Costa, Sofia Martins, Aires de Gouveia, Maria Luiza Wright. Desenho: João Monteiro, Noémia Vasconcelos. Agua-forte: Luiz Ortigão Burnay. Miniatura em barro: Francisco Elias, Iluminura, Lincoln Mendes.

A votação equilibrou-se de fórma que, além das 20 menções honrosas que estavam anunciadas, o público classificou com menções e muito bem, 36 artistas, o que demonstra o alto valor dos prémios que vão ser distribuidos pelo Sorteio Nacional de Arte.

E' mais um exito a marcar á Grande Exposição dos Artistas Portugueses, que se encerra, sensacionalmente, na próxima sexta-feira, com a realisação da anunciada conferencia do dr. Reinaldo dos Santos sobre a «Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português».

12 - 6 - 35

ARTE

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses—Os artistas classificados

Terminou ontem o apuramento dos votos com que o publico classificou entre os 252 expositores, que ofertaram os seus trabalhos para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, aqueles que mais se distinguiram.

Como ontem dissemos entraram 312 boletins de voto na urna e o apuramento deu o seguinte resultado: medalhas de oiro: Ezequiel Pereira (pintura), Americo Gomes (escultura); medalhas de prata: Antonio Saude e Antonio Costa (pintura); medalhas de cobre: Adolfo Marques (escultura em madeira) e Arnaldo Malho, (ferro forjado). Menções honrosas: Pintura, Frederico Aires, D. Eduarda Lapa, Abel Santos Abel Salazar, Alberto Silva, Julio Ramos, Lima Machado Pereira, Tomás Moura, D. Armandina da Conceição, D. Fernanda Costa, Fernando Galhano, D. Eugenia Coelho, D. Marina Recarey, Alfredo Azevedo, Agostinho Salgado e Joaquim Costa. Escultura: Maximino Alves, Zeferino Couto, Joaquim Meireles, Izabel Gentil. Aguarela: Alves de Sá, Alberto Sousa, Manuel Rodrigues, Agostinho da Fonseca, D. Fernanda de Oliveira, D. Maria Adozinda Seara Cardoso. Pastel: Margarida Costa Sofia Martins, Alres de Gouveia, Maria Luiza Wright. Desenho: João Monteiro D. Noémia Vasconcelos. Agua-forte: Luiz Ortigão Burnay. Miniatura em barro: Francisco Elias. Iluminura: Lincoln Mendes.

A votação equilibrou-se de forma que alem das 20 menções honrosas que estavam anunciadas, o publico classificou com menções 36 artistas, o que demonstra o alto valor dos premios que vão ser distribuidos pelo Sortelo Nacional de Arte.

E' mais um exito a marcar á *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* que se encerra, sensacionalmente, na proxima sexta-feira, com a realisação da anunciada conferencia do dr. Reinaldo Santos sobre a *Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português*

*

Na larga referencia que fizemos a este certame omitimos — dada a extensão da lista dos expositores — o nome dum expositor que bem merece pela sua simpatica modestia, pela sua arte primorosa e pela sua delicada sensibilidade artistica, a nota luminosa duma referencia. Trata-se do artista portuense Antonio Alves de Sousa proficiente e inteligente mestre da cinzelagem na Escola Industrial de Faria Guimarães — onde tem feito um lugar brilhante — que ofereceu para êste grandioso certame, um trabalho deveras primoroso. E' um perfil de Eça de Queiroz, preciosamente cinzelado em lamina de cobre. Trabalho duma delicadeza, duma perfeição, duma flagrancia, dum sentido artistico invulgares — no qual a visão de arte e o sentimento do artista se revelou exuberantemente e belamente.

12 - 6 - 35

A Grande Exposição DOS Artistas Portugueses

A conferencia do dr. Reinaldo Santos

Entre o publico que tem frequentado este brilhante certamen, para o qual 252 artistas ofertaram 279 trabalhos para os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, e entre os portadores de bilhetes do Grande Sortelo Nacional de Arte, causou entusiasmo a noticia que ontem demos de que a Exposição se encerra com a conferencia, ha tempos anunciada, do dr. Reinaldo Santos sobre «A janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português», e que não pôde então realizar-se por imprevistas dificuldades, que foram agora inteligentemente removidas.

O dr. Reinaldo Santos é hoje um nome internacional na Critica de Arte e a sua vinda aos Salões da Grande Exposição dos Artistas Portugueses, marca na vida intelectual do Porto como um acontecimento de alto relêvo.

Fecha assim com chave de oiro a Grande Exposição dos Artistas Portugueses.

E é escusado lembrar que encerrando-se a Exposição amanhã, ás 21 e meia horas, com a conferencia do dr. Reinaldo Santos, o sorteio Nacional de Arte distribue no sabado, pela lotaria de Santo Antonio, todas aquelas obras de Arte pelos que, como bons portuenses, a elas se hajam habilitado com a insignificancia de 5 escudos.

13 - 6 - 35

ARTE

A Grande Exposição dos Artistas Portugueses—A conferencia do dr. Reinaldo Santos

Esta Exposição encerra-se, na proxima sexta-feira, com a conferencia ha tempos anunciada do DOr. Reinaldo Santos sobre *A Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista Português* e que não póde então realisar-se por imprevistas ulficuldades.

Fecha assim com chave de oiro a *Grande Exposição dos Artistas Portuguezes* e o que é preciso é que o Porto, compreenda e cumpra o seu dever, enchendo o Salão Silva Porto, para ouvir o culto conferencista, que, vindo encerrar a Exposição, dá aos seus organisadores e aos artistas que á Exposição tão generosamente concorreram uma grande e bela prova da sua solidariedade e da sua simpatia com a idea de se ofertarem ao Porto os monumentos dos Tres Grandes Artistas Portuenses.

Encerrando-se a Exposição na sexta-feira, ás 9 1/2 da noite, com a conferencia do Dr. Reinaldo Santos, o *Sorteio Nacional de Arte*, distribui no sabado pela Lotaria de Santo Antonio, todas aquelas obras de Arte pelos que, como bons portuenses, a elas se hajam habilitado com a insignificancia de 5 escudos.

13 - 6 - 35

A Grande Exposição
DOS
Artistas Portugueses

A conferencia do doutor Reinaldo Santos

Encerra-se esta noite, com a sensacional conferencia do dr. Reinaldo Santos «A Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português», o brilhante e grandioso certamen de Arte, que durante todo o mês tem sido o grande sucesso e o grande atractivo citadino, chamando aos salões da rua de Cedofeita todos os que se interessam pelas coisas de Arte.

Fecha a Exposição e fecha com chave de oiro, porque a vinda do dr. Reinaldo Santos ao Porto, pela sua altissima categoria de conferencista internacional, solicitado, a meudo para ir fazer as suas lições de Arte, aos centros culturais da Europa e o assunto da sua conferencia, a reivindicação da preciosa obra arquitectonica, que é a Janela de Tomar, para um artista português, deve marcar como um acontecimento invulgar e notabilissimo.

O dr. Reinaldo Santos, que, como homem de ciencia, como medico e operador, é uma das lidimas e prestigiosas figuras da Escola Medica de Lisboa, como critico e historiador de Arte não tem hoje, em Portugal, quem o iguale, pois as suas monografias: «A Torre de Belem (estudo historico e arqueologico)», «João de Ruão em França e os seus trabalhos em Portugal, «Os escultores francezes e a Renascença em Portugal», «O Mosteiro de Belem (Jeronimos)» e a «Arquitectura em Portugal», impõem-no como o Mestre indiscutivel, culto, inteligentissimo, dos que na nossa terra se tem consagrado, com talento, elegancia e probidade, ao estudo arduo das incognitas e dos misterios do nosso passado artistico.

A sua conferencia desta noite, nos salões da Grande Exposição dos Artistas Portugueses—para a qual foram distribuidos larguissimos convites, mas para a qual a Comissão Executiva das Homenagens Citadinas convida, por este meio, todos os que no Porto se interessam pelos altos prazeres espirituais—começa ás 21 e meia horas e será profusamente illustrada por belas projecções luminosas e por magnificas fotografias do grande artista que é Marques de Abreu e que ha muito conta a Janela de Tomar como uma das suas grandes paixões de artista e de patriota.

Que ninguem falte, pois, ao encerramento do magnifico certamen, onde se reunem todos os trabalhos oferecidos ao Porto, pelos artistas portugueses, para com o seu produto se levantarem os monumentos dos três Mestres Portuenses Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

14 - 6 - 35

ARTE

A Grande Exposição de Artistas Portugueses — A conferência do dr. Reinaldo Santos

Encerra-se esta noite, com a conferencia do sr. dr. Reinaldo Santos, *A janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português* o grandioso certame de Arte, que durante todo o mês tem sido o grande atractivo citadino, no Salão Silva Porto

A conferencia desta noite, nos Salões da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, para a qual foram distribuidos muitos convites mas para a qual a Comissão Executiva das Homenagens Citadinas, convida por êste meio, todos os que no Porto se interessam pelos altos prazeres espirituais, começa ás 9 e 30 da noite e será profusamente ilustrada por belas projecções luminosas e por magnificas fotografias do grande artista que é Marques de Abreu e que ha muito conta a Janela de Tomar como uma das suas grandes paixões de artista e de patriota.

O Comercio do Porto

14 - 6 - 35

CONFERENCIA

do sr. Dr. Reinaldo dos Santos

Como haviamos anunciado, o ilustre homem de Ciencia sr. dr. Reinaldo Santos, realizou ontem á noite, no Salão Silva Porto, e perante um numeroso e selecto auditorio uma brilhantissima conferencia sob «A janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português», como fecho do grandioso certamen de Arte.



DR. REINALDO SANTOS

Ocuparam os lugares de honra os srs. drs. Vasco Valente e Joaquim Madureira, arquitecto Marques da Silva, dr. Joaquim Costa e dr. Aarão de Lacerda, sendo este ilustre professor e critico de Arte quem fez a apresentação do conferente.

A conferencia, notabilissima, foi profusamente ilustrada por belas projecções luminosas e por magnificas fotografias de Marques de Abreu.

Amanhã faremos mais ampla referencia ao primoroso trabalho do sr. dr. Reinaldo Santos.

«O Primeiro de Janeiro»

15 - 6 - 35

Grande Sorteio Nacional de Arte

«A grande Exposição dos Artistas Portugueses», embora encerrada solenemente com a brilhante conferencia do dr. Reinaldo Santos, a que noutro local fazemos referencia—continua aberta ao publico hoje e amanhã, no Salão Silva Porto, onde, hoje, ao andar da roda da Lotaria de Santo Antonio na Santa Casa da Misericordia, em Lisboa, por um potente e magnifico aparelho R. C. A., gentilmente cedido pela acreditada casa Radio Porto serão radiofundidos todos os numeros premiados, assistindo assim o publico, ao remate e desfecho do «Grande Sorteio Nacional de Arte», destinado aos três monumentos dos Mestres Portuenses Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Até á hora de começar a extracção em Lisboa os bilhetes estarão á venda, nas salas da «Grande Exposição dos Artistas Portugueses» no Salão Silva Porto, rua de Cedofeita, 285 e na Tabacaria Borges & Irmão, esquina da rua do Bomjardim e na Tabacaria da Pensão Central—onde até á ultima hora os retardatarios poderão habilitar-se a possuir uma autentica obra de Arte por 5 escudos—concorrendo como bons portuenses para ofertar ao Porto três expressivos e singelos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

15 - 6 - 35

ARTE

O encerramento solene da Grande Exposição dos Artistas Portugueses



Em cima—*parte da assistencia.* Em baixo—*o snr. dr. Reinaldo Santos ao pronunciar a sua interessante conferencia, sobre* A Janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português

Encerrou-se ontem, á noite, solenemente, no Salão Silva Porto, a *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* — grandioso certame de arte ao qual concorreram, galharda e generosamente, com um simpático propósito, os artistas do Norte ao Sul do País.

E encerrou-se — passe o lugar-comum — com chave de oiro, com uma notável conferencia do sr. dr. Reinaldo Santos figura prestigiosa de professor, de artista e de critico de arte.

A sua conferencia — tão brilhantemente exposta, tão admirável de fluencia e clareza — foi antes uma preciosa lição de cultura artistica, na qual a erudição, a expontaneidade, a leveza, a cintilancia e a simplicidade da palavra do talentoso professor se expandiram exuberantemente e de molde a dar-nos alguns preciosos momentos de intenso prazer espiritual.

Presidiu o sr. dr. Vasco Valente, director do Museu de Soares dos Reis, secretariado pelos srs. dr. Aarão de Lacerda, professor da Escola de Belas-Artes, Marques da Silva director da mesma Escola, dr. Joaquim Costa, director da Biblioteca Publica Municipal, e dr. Joaquim Madureira.

O tema — tão curioso e palpitante da conferencia — era subordinado ao sugestivo titulo de *A janela de Tomar e a sua atribuição a um artista português*, assunto este que o sr. dr. Reinaldo Santos delineou expôs e conduziu cintilantemente, numa linguagem erudita mas singela e bem sugestiva. Foi mesmo deveras notável a clareza da exposição desta interessante conferencia — que teve a nota consoladora de mostrar com lógica e justas deduções, como a célebre janela de Tomar é a obra grandiosa e preciosa dum português.

O ilustre conferente foi muito aplaudido e felicitado após a sua primorosa lição de arte.

O sr. dr. Aarão de Lacerda — culto e talentoso critico de arte — falou a seguir. Foram breves mas cintilantes palavras de admiração pela bela palestra do sr. dr. Reinaldo Santos.

A assistencia era numerosa, vendo-se muitas senhoras e bastantes figuras de relêvo no nosso meio intelectual e artistico.

A *Grande Exposição dos Artistas Portugueses*, embora encerrada solenemente com a brilhante conferencia do dr. Reinaldo Santos, continua aberta ao publico hoje e amanhã, no Salão Silva Porto, onde hoje, ao andar da roda da Lotaria de Santo António, na Santa Casa da Misericórdia em Lisboa, serão radiodifundidos todos os numeros premiados, assistindo o publico, ao remate e desfecho do *Grande Sorteio Nacional de Arte*, destinado aos três monumentos dos Mestres portuenses Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Até á hora de começar a extracção em Lisboa os bilhetes estarão á venda nas salas da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* no Salão Silva Porto, rua de Cedofeita 285 e na Tabacaria Borges & Irmão, esquina da rua do Bonjardim e na Tabacaria da Pensão Central — onde até á ultima hora os retardatários poderão habilitar-se a possuir uma autentica obra de Arte, por 5 escudos — concorrendo como bons portuenses para ofertar ao Porto três expressivos e singelos monumentos de Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

15 - 6 - 35

Grande Sorteio Nacional de Arte

Os prémios

Daremos, amanhã, a lista dos principais prémios que têm sido entregues, no Salão Silva Porto, onde essa entrega se faz, todos os dias úteis, das 16 ás 18 horas, aos portadores dos bilhetes premiados e dessa lista se verá que, presumivelmente os melhores premios como o *baixo relevo*, de Teixeira Lopes, a *Mãe trabalho*, de Americo Gomes, a *Ilha minhota* de Ezequiel Pereira, o *Lampeão decorativo*, de Arnaldo Malho e o *D. Quixote*, de Adolfo Marques classificados com as medalhas da *Grande Exposição dos Artistas Portugueses* e muitos outros de alto valor artistico, estão no lote de bilhetes não vendidos que a Comissão depositou, antes do sorteio, no Museu Municipal do Porto, ofertando-os á Cidade, nos dois documentos, que a seguir publicamos por serem deveras interessantes:

Oficio ao sr. director do museu municipal do Porto

«Ex.mo sr.: Junto tenho a honra de enviar a v. ex.ª devidamente arado e lacrado um pacote contendo cadernetas completas e bilhetes avulsos do Grande Sorteio Nacional da Arte, salvo o êrro ou omissão numero total de 10.355 bilhetes, cuja contagem e numeração foi materialmente impossivel notar antes de começar a extração da Lotaria de Santo Antonio rogando a v. ex.ª se digne dar as necessarias ordens para que com toda a brevidade a abertura desse pacote contagem da numeração de cadernetas e bilhetes sejam feitas, conjuntamente por um empregado desse museu e pelo portador empregado desta Comissão pois que todos os prémios que cobrem a esses numeros são oferecidos a esse museu sem qualquer encargo que não seja o da sua conservação. — A Bem da Nação, pela Comissão, *Joaquim Madureira*.

Oficio ao sr. presidente da Comissão Administrativa da ex.mo Camara Municipal do Porto

«Ex.mo sr.: Na impossibilidade material de fazer o rateio pelos portadores de cadernetas do Grande Sorteio Nacional de Arte, espalhados por todo o país, nas poucas horas que precediam a extração da lotaria, e tendo de resto, esse rateio, apenas condicionalmente, sido anunciado na capa das mesmas cadernetas *«com direito a rateio se o houver»* para livrar esta Comissão de qualquer suspeita a cortar, cerce, á contingencia de protestos e reclamações — precisamente, á hora em que, Lisboa começava a Lotaria de Santo Antonio, enviou esta Comissão ao sr. director do Museu Municipal do Porto, com o oficio de que juntamos cópia um pacote devidamente selado contendo, salvo êrro ou omissão, 10.355 bilhetes, que estavam nesse momento em nosso poder.

Claro, que, sem a necessaria autorização da ex.ma Camara, o sr. director do Museu Municipal não pode aceitar, definitivamente a oferta dos prémios que correspondem a esses bilhetes e é essa a autorisação que viemos solicitar a v. ex.ª — pois que, havendo os artistas, autores dos trabalhos que constituem esses prémios, feito deles a generosa oferta á Cidade do Porto, para aí Porto se ofertarem os Monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, não tendo havido compradores para os bilhetes a que pelo Sorteio eles correspondem, seria uma desprimorosa atitude — não para esta Comissão mas para os artistas — a que de qualquer modo, dificultasse a sua entrega ao Museu da Cidade.

A título de esclarecimento, e tendo a honra de enviar a v. ex.ª dois catalogos da Grande Exposição dos Artistas Portugueses — devemos informar que, entre os bilhetes que enviamos para o Museu, há, com certeza, prémios que pelo seu alto valor artistico e pelos nomes consagrados que os assinam, tem por direito proprio o seu lugar marcado em qualquer dos nossos Museus e que se outros, pela obscuridade dos seus autores ou pela sua menor valia, não merecessem de facto, essa honra certo é que aceitando-os a ex.ma Camara nada obriga o Museu Municipal a expo-los a confirlhes categorias e destaques que por ventura não mereçam.

Para os não aceitar e não os conservar nos seus depositos é que atenta a sua generosa proveniencia nos permitimos afirmar a v. ex.ª que não haverá motivos plausiveis e razões justificaveis.

E' porque pensamos, em homenagens aos artistas que ofertaram os seus trabalhos e pelo nosso amor pela Cidade do Porto a que muito breve esperamos poder ofertar os três singelos e expressivos monumentos de Silva Porto Henrique Pousão e Artur Loureiro, solicitamos a V. ex.ª se digne autorisar o sr. director do Museu Municipal do Porto a proceder á contagem e conferencia dos bilhetes do Grande Sorteio Nacional de Arte, que com o nosso oficio lhe enviamos aceitando sem qualquer encargo além do da sua conservação os trabalhos artisticos a que correspondem como premios esses bilhetes. — A Bem da Nação. Pela Comissão, *Joaquim Madureira*».

21-6-35

PREMIOS DO GRANDE SORTEIO NACIONAL DE ARTE

Damos a lista dos premios que até ontem foram entregues, no Salão Silva Porto,—onde essa entrega continua todos os dias uteis das 16 ás 18 horas, — ás pessoas contempladas pelo Grande Sorteio Nacional de Arte:

Fernando de Castro, n.º 66—Hortenses côr de rosa, de Aires de Gouveia e n.º 252—Cabeças de Aires de Carvalho. D. Fernanda Teixeira de Melo, n.º 87—De José da Fonseca. Dr. João Francisco dos Santos Graça, n.º 46—Trecho da Aldeia, de Antonio A. de Sampaio e Melo, Helena de Azevedo Vizeu Maia Mendes, n.º 41—Rua Principal de Alpedrinha, de dr. José Serra da Mota. Joaquim de Almeida Lopes, n.º 33—Camelias, de D. Alice Grilo. Vasco Ortigão Sampaio, n.º 115—Doce Miragem, de Constancio da Silva. Dr. Fernando Matos, n.º 216 — Caricatura, do dr. Joaquim Manso. D. Marie Vicent de Araujo, n.º 204—Gesso Caricatural, de Americo Braga. Valentim Cordeiro, n.º 177—Medalhão de Mestre Malhôa, de Maximiano Alves. José de Carvalho, n.º 101 — Jamor, de Carlos Moura. Vinhais & C.ª, L.da, n.º 65—Espadelada, de dr. Alberto de Sousa. Joé Marcolino, n.º 24—Trecho da rua do Bom Pastor, de João Custodio da Silva. José Cerqueira de Carvalho, n.º 225 —Porfil de Estudo, de Rodrigo Faria de Castro. José Maria Cordeiro, n.º 48—Depois da Chuva, de Paulino Gonçalves. José de Sousa Nunes, n.º 221—Baixo Relevo, de D. Aida Costa. D. Guilhermina Botelho Mansilha, n.º 79—Mosteiro de Leça do Balio, de Americo Teixeira Lopes. J. Diniz Gouveia, n.º 25—Escadas do Barredo, de Adelino Platão Mendes. Albertino Lemos, n.º 138—Gálos de Assobio, de Jorge Valadas. D. Adelaide Estrada, n.º 178—Miniatura, de D. Maria de Jesus Conceição Silva, José Julio Barbosa, n.º 270—Caminho Minhoto, de Joaquim Meireles. Amadeu Mesquita, n.º 146—Caminho de Colares, de Alberto Sousa, n.º 20—Céu Nublado, de Julio Ramos e n.º 10—Casal da Felizarda, de Carlos Reis. Joaquim Machado da Cunha, n.º 59—Paisagens, de D. Sarah Alarcão Braz Pereira Coelho, n.º 130—Quinta da Boavista, de Angelo Corela da Costa, n.º 14—Serra do Larouco, de Abel Mendes. Dr. Vasco Mourão, n.º 49—Lirios dos Alpes, de D. Maria Margarida Costa. Alberto de Almeida, n.º 72—Recanto de Cosinha, de Lauro Corado. Mario da Cunha Braga, n.º 183—S. João Evangelista, de Lourenço Chaves de Almeida. Dr. Jacinto de Magalhães, n.º 11—Igreja de Vila do Conde, de Luiz de Ortigão Burnay. Dr. Alberto Saavedra, n.º 238 —Pagina de Album, de Manuel Marques. Mario Morais, n.º 275 — Busto de Negra, de D. Regina Santos. Tenente Melo, n.º254—Mondadeiras, de J. J. Ramos. José Julio Matos, n.º 70—Serão, de Henrique Tavares. Dr. Cassiano Barbosa, n.º 23—Chapeu á Mazantini, de Francisco Elias. Carlos Carvalho da Silva, n.º 197 — Maquete para um panneau da Exposição Colonial. Pedro A. Botelho, n.º 149—Esquiço, de Frederico George. Serafim Ribeiro Araujo, n.º 188—Mar de Espuma, de Roque Gameiro. Dr. Adolfo Faria de Castro, n.º 6—Cabeça de Estudo, de Teodosio Ferreira. Horacio Ferreira, n.º 167—Perfil de criança, de Raul Xavier. José Carlos Lopes, n.º 219—Sorriso, de Joaquim de Freitas. Carlos Monteiro, n.º 227—Notas do Banco. José Braz Alves, n.º 16—Castanheiros, de Abel Santos.

O PRIMEIRO DE JANEIRO

22 - 6 - 35

Grande sorteio Nacional de Arte

Fez-se ontem no Museu Municipal o apuramento dos prémios do Grande Sorteio Nacional de Arte, que, tendo cabido aos bilhetes não vendidos, foram oferecidos àquele Museu pela Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

São 138 premios, com o valor no catálogo de cento e dezassete contos (117.000$00), e, compreendendo, entre muitas obras de Arte, o *Decrepitude*, de Teixeira Lopes; a «Moira de Trabalho», de Americo Gomes; a «Eira Minhota», de Ezequiel Pereira; o «D. Quixote», de Adolfo Marques; «As Margens do Gerez», de António Saude; os trabalhos de Joaquim Loi, Acacio Lino José de Brito, Frederico José de Brito, Frederico Aires Alves de Sá, Falcão Trigoso, Alberto Silva, Abel Salazar, Severo Portela, Sousa Caldes, Julio Vaz, Francisco Couceiro, Tomaz, Eduardo e Abel Moura, Augusto Pina, Manuel Rodrigues, Varela Aldemira, José Campas, Francisco Valença, Frei Nemo, Fernando de Castro, etc.

E assim, os artistas que tão generosamente haviam ofertado ao Pôrto os seus trabalhos, ficam com êles no Museu da Cidade, tendo a consagração que merecem.

28 - 6 - 35

Os monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro

No cartório do notário dr. Casimiro Curado, entre o dr. Joaquim Madureira, como vogal representante da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro e o estatuário do «Homem do Leme», Americo Gomes, que na Grande Exposição dos Artistas Portugueses, obteve a medalha de ouro com o seu gêsso «A Moira de Trabalho», foi ontem assinado o contráto para a realisação da parte escultórica e decorativa dos três monumentos a Silva Pôrto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, que os artistas portugueses ofertam á Cidade do Pôrto e que serão colocados nos jardins do Palácio de Cristal.

Pelo contráto, que estabelece as bases decorativas dos três monumentos, as suas «maquétes» devem estar prontas dentro de sessenta dias, para serem expostas ao público e apresentadas á aprovação da Camara e do Conselho de Estética e Urbanisação da Cidade.

10 - 7 - 35

Exposição de *maquettes*

Monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro

A Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, realiza hoje, domingo, ás 14 horas, uma reunião, no Salão Silva Porto, á rua de Cedofeita 285, para a Exposição das três *maquettes* dos monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro e para apreciação, discussão e aprovação dos trabalhos desta Comissão, que tendo realizado a *Grande Exposição dos artistas portugueses* e o *Grande sorteio nacional de Arte*, e tendo contratado com o distinto estatuario Américo Gomes a execução dos três monumentos a ofertar á Cidade do Porto, apresentando agora as suas *maquettes* e a documentação das suas contas julga ter cumprido o seu mandato e espera que não faltem á reunião de hoje todos os artistas portuenses, vogais da Grande Comissão e todos que na Cidade se interessam pelas coisas de Arte.

15 - 12 - 35

HOMENAGENS CITADINAS

a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro

No domingo, ás 2 horas da tarde, realisou-se, no Salão Silva Porto, uma reunião da Comissão Executiva das Homenagens Citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro para a Exposição das três *Maquettes* dos monumentos e estes três notaveis e saudosos artistas e para apreciação, discussão e aprovação dos trabalhos desta Comissão, que tendo realizado a *Grande Exposição dos artistas portugueses* e o *Grande sorteio nacional de Arte*, e tendo contratado com o distinto estatuario Américo Gomes a execução dos três monumentos a ofertar á Cidade do Porto, quiz apresentar agora, as suas *maquettes* e a documentação das suas contas para assim dar por cumprido o seu mandato.

Á esta reunião assistiram varios membros dessa Comissão, tendo o sr. dr. Joaquim Madureira *(Braz Burity)* — a grande decidida e inquebrantavel alma desta grandiosa e justissima homenagem postuma —, em frases fluentes e sinceras, dado conta de todos os trabalhos realisados e apresentados, com clara documentação, as contas.

O sr. dr. Joaquim Madureira, historiou toda a sua acção e da Comissão, dispendida em prol desta jornada de postuma consagração a três grandes artistas lídimas glorias da arte portuguesa, como são Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro.

Apezar de estar ainda por receber algumas quantias, o sr. dr. Joaquim Madureira mostrou como o saldo existente já é o suficiente para a execução dos três monumentos.

Em virtude da sua retirada definitiva para Lisboa, fez entrega de toda a documentação e do saldo ao sr. José Meneres.

Os três monumentos são três belas obras de arte devidas ao distinto escultor Americo Gomes e ao distinto arquitecto sr. Joaquim Madureira (filho), que irão embelezar, grandemente, os formosos jardins do Palacio de Cristal.

De desejar é que a Comissão de Estética os aprove rapidamente — como é de inteira justiça tratando-se de três belos motivos de arte.

Americo Gomes e Joaquim Madureira (filho) marcaram brilhantemente as suas personalidades de artistas.

*

Ainda estão por reclamar 37 premios do sorteio de arte para estes monumentos; no proprio interesse dos contemplados, esses premios devem sêr procurados, no Salão Silva Porto, com brevidade.

17 - 12 - 35

VIDA ARTISTICA

Homenagem a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro



As três *maquettes* expostas. No disco, o seu autor, escultor Americo Gomes.

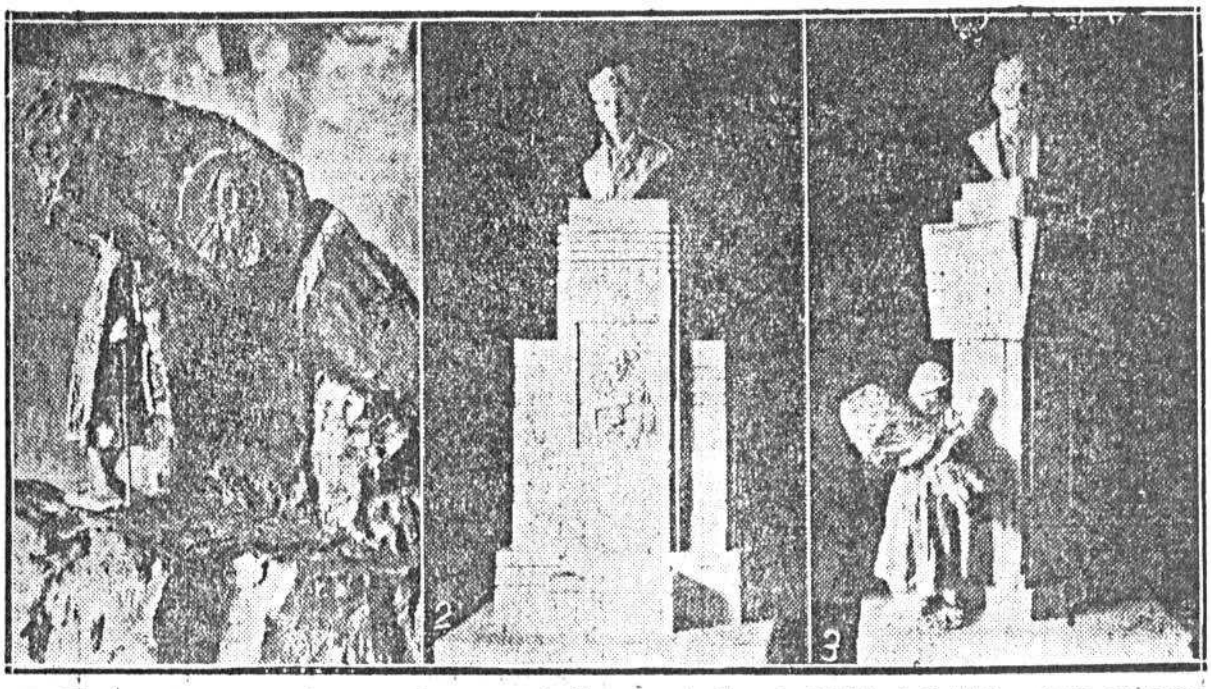
No Salão Silva Porto realizou-se, no domingo, de tarde, uma reunião de várias entidades, na qual a comissão executiva das homenagens citadinas a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro deu conta dos trabalhos efectuados, depondo o seu mandato em consequencia de ter concluido a missão de que fôra incumbida.

Foram elogiados os esforços da comissão e, em especial, o sr. dr. Joaquim Madureira, a quem se deve a iniciativa d'essas homenagens.

Foi inaugurada, depois, a exposição das *maquetes* dos monumentos dos três grandes artistas, obra do escultor Americo Gomes.

17 - 12 - 35

TRES MONUMENTOS NO PORTO



Os modêlos para os monumentos que vão ser construidos nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, em homenagem aos artistas Artur Loureiro (1), Henrique Pousão (2) e Silva Porto (3)

O SECULO *DEZEMBRO, 17 — 1935*

O PORTO DIA A DIA

A proposito das homenagens a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro

projectadas no Porto em 1934 e ainda não realizadas

PORTO, 9. — Há precisamente cinco anos constituiu-se nesta cidade, por sugestão do dr. Joaquim Madureira (Braz Burity), uma comissão de homenagem a Silva Porto — «um dos maiores paisagistas do Mundo, o mais pintor dos pintores portugueses.



O busto de Henrique Pousão

A Camara Municipal, chamando a si o encargo de colocar uma lapida na casa da rua da Ponte Nova, onde o pintor portuense nascera em 11 de Novembro de 1850, associou-se á homenagem, comemorando o 40.º anniversario do seu fallecimento.

Além desta consagração oficial fez-se uma exposição dos trabalhos do artista e inaugurou-se a «Saleta Silva Porto», no Museu Soares dos Reis.

Animado pelo exito da sua simpatica iniciativa, o dr. Joaquim Madureira lançou a ideia da construção de um monumento ao glorioso paisagista — monumento que ficaria constituindo uma bela homenagem dos artistas portugueses ao mestre pintor portuense.

E para custear as despesas desse e mais dois pequenos monumentos a Henrique Pousão e Artur Loureiro, condiscipulos de Silva Porto e pintores consagrados, organizou-se uma «Lotaria Artistica», para a qual concorreram os artistas portugueses com a oferta de valiosos quadros e esculturas.

Na expectativa, aliás justificadissima, de optimo rendimento, iniciaram-se os trabalhos e o escultor Americo Gomes modelou o busto de Henrique Pousão, reproduzindo-se em bronze dois dos melhores quadros do artista, destinados a decorarem o pedestal do monumento, projecto do arquitecto J. Madureira. A Camara de Vila Viçosa ofereceu o marmore.



Os dois famosos quadros de H. Ponsão — «Cecilia» e «O descanso do Modelo» — reproduzidos em bronze

Entretanto, a «Lotaria» continuava a ser enriquecida com novos premios de quadros e esculturas. Fez-se a emissão de bilhetes. Os projectos dos monumentos foram submetidos á apreciação da Comissão de Estética da Camara Municipal do Porto.

A «Lotaria Artistica», porém, não resultou o que se previra e apenas rendeu duas escassas duzias de contos. Pagos os trabalhos feitos, o dinheiro que sobrou foi depositado.

O busto e as duas reproduções em bronze de quadros de Henrique Pousão estão na Fundição de Arte, em Gaia, á espera que lhes dêem destino; no Banco Borges & Irmão encontram-se 11.374$30 á ordem da Comissão de Homenagens Citadinas, e os primeiros e segundos projectos dos monumentos foram reprovados pela Comissão de Estética da Camara.

Não seria possivel levar a bom termo esta cruzada que se iniciou em 1934, prestando o Porto homenagem a um dos seus filhos mais ilustres e a dois pintores que tanto ennobreceram a arte portuguesa?

Se a Camara Municipal se encarregasse dos pedestais dos monumentos, com o dinheiro que há e mais algum que se obtivesse entre os admiradores dos homenageados far-se-iam os bustos de Silva Porto e Artur Loureiro.

Aproveitando-se a oportunidade, prestar-se-ia tambem homenagem a Ciriaco Cardoso, compositor portuense de valor. O seu busto, em bronze, está feito e será oferecido á Camara se esta lhe mandar fazer a peanha onde se coloque.

Não haverá uma instituição cultural que queira, de acordo com o iniciador das homenagens, encarregar-se desta interessante iniciativa e contribuir, com o auxilio que a Camara não deixará de prestar-lhe, para que o Porto pague esta divida de gratidão a alguns dos seus filhos mais ilustres?

JOSE DE MIRANDA

10 - 5 - 39

DIARIO DE NOTICIAS

ELEMENTOS DE NATUREZA BIOGRÁFICA, fornecidos pela neta de Silva Porto, D. Dora Silva Porto

(Junta-se fotocópia de síntese genealógica efectuada pelo filho do pintor, Carlos Alberto, falecido em 31 de Janeiro de 1973)

AVÔ

ANTONIO DA SILVA CARVALHO - PORTO ?

FILHO IS

ALEXANDRE ANTONIO DE CARVALHO E MARIA EMILIA DA SILVA CARVALHO
+ 1862 + 1850

IRMÃOS

JOSÉ - HENRIQUE-RITA-JOAQUIM VICTOR e EDUARDO
+ 1864 +1869 +1873 +1866 + 1875
R.J

SOGROS

MANOEL PINTO DA FONSECA E LUIZA JOSEFA DE FREITAS
+ 1857 +1865

CUNHADOS

MANOEL PINTO DA FONSECA - CATARINA E MARIA CANDIDA
+ 1858 + 1868 + 1849

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO. 1850 a 1893

ADELINA BRANCA DA SILVA PORTO. 1852 a 1927

FILHOS DE

ANTONIO DA SILVA CARVALHO E MARGARIDA DA SILVA CARVALHO.
1827 a 1911 1825 a 1892

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO

FILHOS

ANTONIO 1883 a 1947

CARLOS 1885 a 1886

CARLOS ALBERTO 1891

MARIA IRENE 1893 a 1894

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO, foi para

PARIS em 29 de OUTUBRO 1873 e regressou ao

PORTO em 27 de ABRIL 1879.

PARTIU EM 4 DE MAIO 1879, DA ESTAÇÃO DA

CAMPANHÃ, PARA ASSUMIR O CARGO DE PROFESSOR

DE PINTURA, NA REAL ACADEMIA DE BELAS ARTES

DE LISBOA, COMO PROVISORIO, EM SUBSTITUIÇÃO

DE TOMAZ DE ANUNCIAÇÃO.

CASOU COM D. ADELAIDE TORRES PEREIRA,

1882. FILHOS ANTONIO NASCEU 1883

CARLOS ALBERTO 1891

MARIA IRENE 1893

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO.

DO SECULO DE 3 DE JUNHO 1893.

MORREU ÁS 11 HORAS DA NOITE DE 1 de JUNHO 1893.

DEIXOU 300 a 400 QUADROS.

MORREU COM 42 ANNOS, NA TRAVESSA DA ESTRELA 10.

FOI PARA O JAZIGO DE FAMILIA TORRES PEREIRA, NO

CEMITERIO ORIENTAL (ALTO DE S. JOÃO)

NASCEU EM 11 DE NOVEMBRO 1850, NA CIDADE DO PORTO

NA RUA DA PONTE NOVA, 50 -FREGUESIA DA SE.

MISSA DO 3º DIA NA EGREJA DA ENCARNAÇÃO §

CASAS EM QUE HABITOU SILVA PORTO

EM LISBOA

1880 - Rua dos Douradores, 113 D

- Travessa do Corpo Santo, 29 - 4º.
- Travessa da Estrela, 38

1881/1882: - Rua Nova do Loureiro, 12-2º.E

1887/1888 - Travessa da Estrela (actual Luisa Todi), 10 r/c

1891 - Rua Pascoal de Melo, 65 - 2º. D

NOS ARREDORES

1885 - Lumiar

1888 - Carnide

NASCIDO em 11 de Novembro de 1850, na Rua da Ponte Nova, nº. 50, no Porto (freguesia da Sé);

FALECIDO em 1 de Junho de 1893 (Dia do Coppo de Deus), na Travessa da Estrela, 10 r/c, em Lisboa.



J. R. Pereira Marello

Promove vendas em particular ou em arrematação de propriedades de casas, quintas, herdades ou foros, de papeis de credito, de navios, e leilões de mobilias, joias e mercadorias

EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS

TAMBEM OS PROMOVE DE PRONTO E MODICAMENTE MESMO OS DE GRANDES QUANTIAS DE DINHEIRO, SOBRE PROPRIEDADES, FAZENDAS NA ALFANDEGA, INSCRIPÇÕES, ACÇÕES DE BANCOS OU COM OUTRA BOA CAUÇÃO

SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS

Effectua-os nas melhores companhias de seguros

ENCARREGA-SE DE PRETENÇÕES EM TODOS OS MINISTERIOS DE ESTADO DA CAPITAL E DE COLLAÇÃO DE DOCUMENTOS NO REGISTO DE PROPRIEDADES, E DE OUTROS PROCESSOS JUDICIARES PARA O QUE TEM PROCURADORES E ADVOGADOS DE RECONHECIDA COMPETENCIA

SÓ PAGA COMMISSÃO QUEM FAZ NEGOCIO

Recebe das 9 da manhã ás 7 da tarde, em sua casa

101, 1.º—Rua Aurea—101, 1.º

LISBOA

Conta das vendas dos quadros e mais [illegible] do espolio do fallecido pintor [illegible] da Silva Porto, que foi entregue pela [illegible] a Ex.ma Sr.ª D. Adelaide Torres Pereira [illegible] para se proceder á venda em leilão, o que effectuou-se realisou no edificio da Academia Real de Bellas artes, nos dias 3 a 7 do corrente mez e an

1	Quadro: [illegible]		6 0
1	Dito: estudo: Gare do caminho de ferro		1 1
11	Ditos: pequenos	a 1.850	7 4
4	Ditos: idem	a 400	1 6
4	Ditos: idem	a 1.000	4 0
4	Ditos: idem	a 1.000	4 0
4	Ditos: idem	750	3 0
4	Ditos: idem	1600	6 4
1	Quadro (quiteiras)		2 2
1	Dito: paisagem		12 5
1	Dito: idem		1 [illegible]
1	Dito: (canto do jardim)		1 8
1	Dito: estudo		4 6
1	Dito: (lavadeiras)		1 5
1	Dito: (saloia)		9 5
1	Dito: (campino)		7 0
1	Dito: (idem)		3 9
1	Dito: (cardos)		3 1
1	Dito: (paisagem carruagens)		1 6
1	Dito: (paisagem)		7 1
			89 3

	Transporte	89$300
1	Quadro (marinha de Setubal)	6$500
1	Dito (paisagem)	10$000
1	Dito (povoa do Varzim)	10$600
15	Estudos em papel)	9$000
15	Ditos ídem	12$000
14	Ditos ídem	7$000
12	Ditos ídem	4$800
1	Quadro (estudo)	1$600
1	Dito (paisagem franceza)	2$000
1	Dito (paisagem)	1$300
4	Quadros (pequenos)	3$200
4	Ditos (ídem)	3$600
4	Ditos (ídem)	5$600
4	Ditos (ídem)	1$000
4	Ditos (ídem)	4$000
4	Ditos (ídem)	7$400
1	Quadro (pastor)	40$000
1	Quadro (barco)	4$700
1	Dito (paisagem)	12$500
1	Dito (ídem)	7$500
1	Dito (paisagem alemtejo)	21$000
1	Dito (arrabaldes)	8$000
1	Dito (pinhal)	6$200
1	Dito (paisagem)	15$500
5	Telas	5$000
5	Ditas	10$000
1	Tela (paisagem)	22$400
		330$700

	Transporte		Rs 330 700
4	Telas, diversas		1 200
1	Dita		2 900
5	Telas	a 1250	6 250
2	Telas		5 000
3	Ditas		1 500
5	Ditas		3 000
5	Ditas		8 000
5	Ditas		17 500
5	Ditas		5 500
1	Tela, paisagem		1 800
1	Dita, idem		2 700
1	Dita, idem		13 000
1	Dita, interior de egreja Italiana		3 700
1	Dita, paisagem		6 200
1	Dita, paisagem		1 800
1	Dita, paisagem		3 000
1	Dita, idem		700
1	Dita, figura		27 000
1	Dita, flor de Tenerife		26 000
1	Dita, Macieiras em flor		1 900
1	Dita, Velhas		1 200
1	Dita, Baccas		4 500
1	Dita, Macieiras		2 000
1	grande, Baccas de Sebezes		39 000
1	Dita, Baccas de pessegueiros		16 300
1	Dita, paisagem		5 500
			Rs 537 850

	Transporte Rs	537	950
1	Quadro, paisagem	3	500
1	Dito, aguarella	14	000
1	Dito, aquarella	4	600
1	Dito, amor de aldeia	150	750
1	Dito, caminho	6	100
1	Dito, cabeça	8	000
1	Dito, vendedeira de laranjas	41	000
1	Dito, paisagem	5	900
1	Dito, paisagem	5	500
1	Dito, idem	7	100
1	Dito, marinha	11	200
1	Dito, Saloia	20	000
1	Dito, marinha	5	000
1	Dito, estalagem	22	500
1	Dito, paisagem	2	000
1	Dito, uma fuga	7	500
1	Dito, boi	7	500
1	Dito, fim de aldeia, aguarella	4	100
1	Dito, fim de aldeia	10	500
1	Dito, paisagem	40	000
1	Dito, cabeças	19	000
1	Dito, estudo de creança	7	000
2	Dito, estudos	3	100
1	Dito, paisagem	16	500
1	Dito, estudo de figura	2	100
2	Dito, costume e [illegible]	30	000
		944	200

	Transporte		994 300
1	quadro, barquinho		14 600
1	Dito, paineira		13 000
1	Dito, cabeça		10 500
1	Dito, paisagem		5 000
1	Dito, pescador		2 500
1	Dito, cabeçada		1 300
1	Dito, carneiros		8 000
1	Dito, paisagem		1 800
1	Dito, estudo		600
1	Dito, idem		500
1	Dito, paisagem		13 500
1	Dito, carneiros		2 000
1	Dito, estudo de paisagem		1 500
1	Dito, paisagem		5 200
1	Dito, estudo de Baleia		6 300
1	Dito, paisagem		2 100
1	Dito, cesta		1 900
1	Dito, estudo de boi		11 000
1	Dito, uma cena		2 100
1	Dito, estudo de carro		400
1	Dito, paisagem		7 900
1	Dito, idem		1 400
1	Dito, estudo de paisagem		4 000
1	Dito, paisagem		3 000
1	Dito, arvores em flor		1 400
1	Quadro, pequeno		9 200
			1 123 000

	Transporte		103 000
1	quadro, paisagem		5 100
4	quadros, pequenos		4 400
4	ditos, idem	a 3:500	14 000
4	ditos, idem		4 000
4	ditos, idem		7 200
4	ditos, idem	a 3:600	14 400
1	dito, cena de caiti		9 000
1	dito, barcos de carga		16 500
1	dito, paisagem		31 500
1	dito, paisagem		8 200
1	dito, cena de Tarjeira		7 100
1	dito, margens do Guaxindiba		11 000
1	dito, sol posto		3 700
1	dito, barcos de atoleiro		8 000
1	dito, costume da Tarjeira		25 000
1	dito, idem idem		10 000
1	dito, lavadeiras		18500
1	dito, barcos no cais		6 600
1	dito, estudo de paisagem		19 500
1	dito, marinha		2 000
1	dito, sol posto		1 600
2	ditos, estudos de pedras e paisagem		1 900
1	dito, carneiros		3 700
1	dito, paisagem		1 400
1	dito, estudo de paisagem		1 300
1	dito, cena Caipira		65 000
			Rs 1.423 600

	Transporte		1.423 600
2	Quadros, estudos de Paisagem e barcos		1.100
1	Dito, marinhas		1.300
1	Dito, estudo		1.500
2	Ditos, cavallos e paisagem		1.400
1	Dito, estudo de bois		40 500
1	Dito, castello do estudioso		40 000
10	Ditos		3.000
10	Ditos		3.000
10	Ditos		4.200
10	Ditos		9.100
5	Ditos		13.500
4	Ditos		8.200
1	Quadro, paisagem		1.900
2	Ditos, estudos de paisagem		5.000
1	Dito, paisagem, (antigo)		1.700
1	Dito, paisagem		8.300
2	Ditos, marinhas e paisagem		7.000
1	Dito, arredores de Roma		6.000
1	Dito, paisagem		20.000
1	Dito, paisagem, margens do Dive		8.000
1	Dito, lavadeiras		11.200
1	Dito, effeito de sol posto		2.700
1	Dito, bois, lavrando		31.000
1	Dito, estudo de bois		3.000
1	Dito, paisagem		3.600
1	Dito, barcos (estudo)		1.000
			1.660 800

	Transporte		111:600$000
1	Quadro, Porta do Torreão		9:600
1	Dito, Rio Douro		12:400
2	Ditos, estudos de boi e vaca		7:000
1	Dito de figura (Parte do Corpo)		1:000
1	Dito, Campanera		3:000
1	Dito, Canto de Sant[illegible]		7:700
1	Dito, paisagem, estudo de pinho		8:000
1	Dito, paisagem de uma parte		15:500
1	Dito, estudo de cabras e carneiros		2:100
1	Dito, costumes de Espanha		13:500
1	Dito, estudo de paisagem		4:000
1	Dito, paisagem		8:200
1	Dito, estudo de paisagem		5:600
1	Dito, estudo de paisagem grande		12:000
1	Dito, bancos		11:900
1	Dito, Madrinha		7:200
1	Dito, estudo de Espanha		1:900
1	Dito, Madrinha		10:000
1	Dito, estudo de paisagem (estudo)		3:600
1	Dito, paisagem, Rua de Vila Franca		6:200
1	Dito, Porta do Torreão		54:500
1	Dito, bustos (Cantagalo)		3:000
1	Dito, cabeça		6:600
1	Dito, paisagem		1:600
1	Dito, cabeça figura		6:200
1	Dito, Carneiros		3:000
			111:884$700

S.N.B.A.

	Transporte	Rs 1880
1	tela, figura	2 80
1	Quadro, paisagem	7 20
1	Dito, idem	15 00
1	Dito, Moinhos da Cambaia	24 00
1	Dito, carneiros	8 00
1	Dito, paisagem	8 00
1	Dito, idem	9 20
1	Dito, Manada	4 20
1	Dito, vista de Pomar	25 50
1	Dito, paisagem	20 00
1	Dito, uma rua de aldeia	21 50
1	Dito, idem idem	30 00
1	Dito, pescador	10 00
1	Dito, ponte de algés	17 00
1	Dito, paisagem fluvial	12 00
1	Dito, Marinha	16 50
1	Dito, lavadeira	28 50
1	Tela, paisagem	2 30
1	Quadro, Cesto de flores	11 50
1	Dito, Casa Mimbote	8 00
2	Ditos, estudos	4 20
1	Quadro, ponte de Coleoaca	41 00
1	Dito, homem das Cruzadas	30 50
2	Quadros, deteriorados	2 00
4	Ditos, idem	1 20
3	Ditos, idem	30
		Rs 2310 10

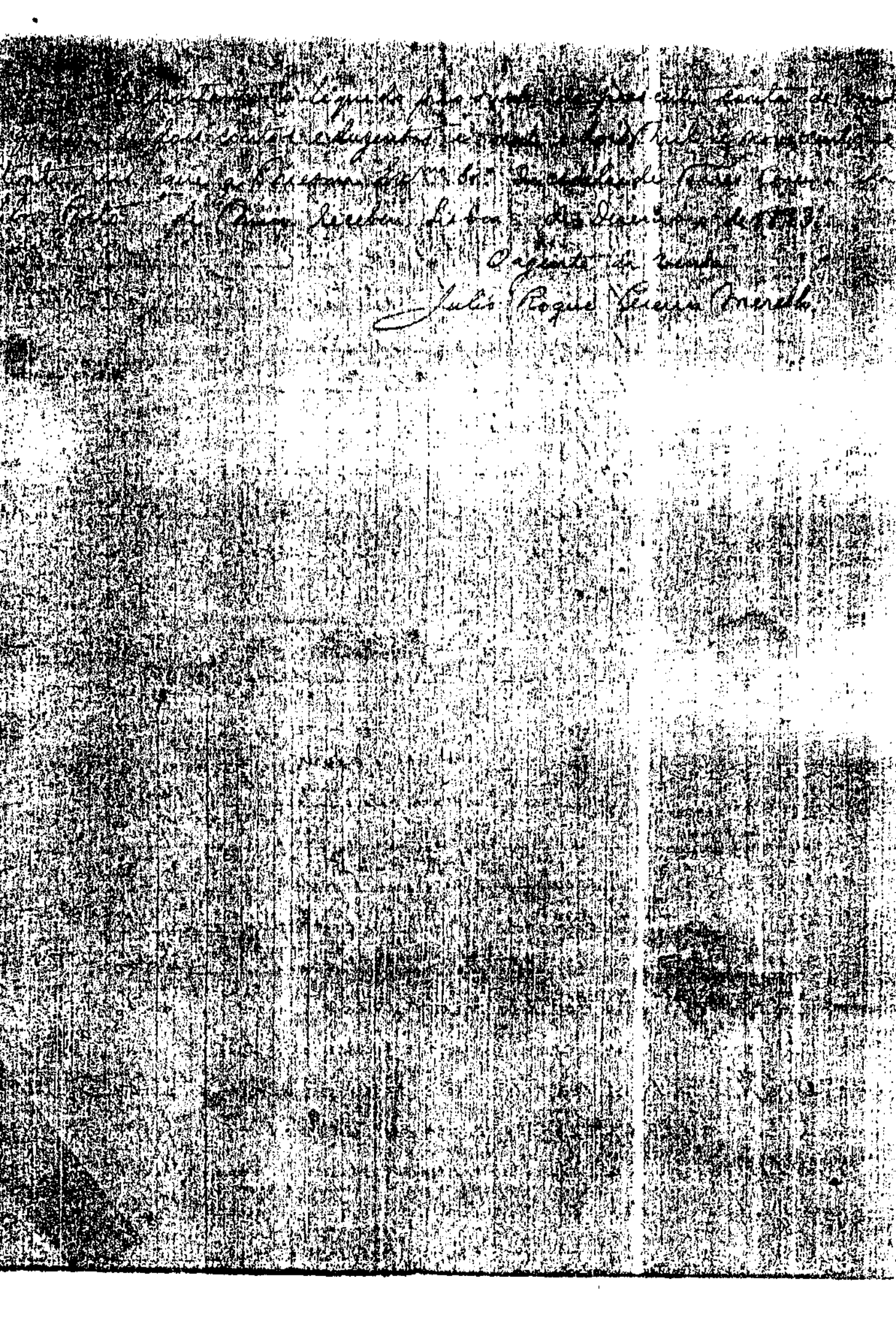
		Transporte	R$ 12:310$000
5	Quadros, desenhos		500
4	Dito, idem		960
4	Dito, idem		400
1	Peça, paisagem		2:100
4	Telas, desenhos		400
2	Dito, idem		1:000
1	Dito, idem		600
5	Dito, idem		500
7	Dito, idem		1:080
1	Peça, idem		550
5	Dito, idem		100
7	Dito, idem		560
1	Lote de photographias		1:200
1	Quadro, retrato de [illegible]		500
1	Peça, figura		100
2	Quadros com desenhos a [illegible]		1:600
2	Desenhos		200
1	Quadro, desenho		400
2	Desenhos, idem		100
2	Dito, idem		200
2	Dito, idem		240
12	Quadros, idem		480
6	Telas, idem		600
2	Quadros, idem		280
8	Telas, idem		320
1	Lote de desenhos		7:100
			R$ 32:317$000

	Transporte		
1	Estojo para aquarela, 1 compasso e lapis		6
12	cadernos para escrituração		20
1	caixa de madeira preta		1
6	caixas franceza		30
1	caixa com photographias		1
1	dita com desenhos		17
1	lote de photographias		2
1	fato do Oliveira		3
1	taboleta		
1	pasta com photographias		4
1	tela grande Lourenço		
1	lote de livros impressos		6
1	lote de jornaes		1
1	Garrafa azul		
2	rolos de molduras e de gravuras		4
			12

Deducções a deduzir:

Alvará da licença para o leilão e taxa		10	600
Dez annuncios no Diario de Noticias		27	820
Dez annuncios no Diario Popular		8	090
Dito dito no Jornal do Commercio		8	720
Seis ditos no Diario Illustrado		3	240
Tres ditos nas Novidades		3	510
Dois annuncios na Revista Illustrada			940
Seis ditos no Seculo		8	580
Taxa aos pregoeiros pelos seus leilões		22	800
Dois Empregados da Academia levarem		11	750
Sello proporcional		87	120
			205
			2.122

Rec. 2.222:9



Conhecimento de Seguro feito desde [illegible] Praça [illegible] de Vend[illegible]
[illegible] de dois contos e oitocentos mil [illegible] e [illegible]
[illegible] que a Companhia [illegible] de Seguros [illegible]
[illegible] Porto [illegible] Barca [illegible] Lisboa [illegible] de Dezembro de 1873.

O Agente da Venda,

Julio Roque Ferreira Mendes.

Lisboa 11 Dez.º 1873.

Ill.mos Srs Auto Carv.º de Sá Sotto e Joaq.m Marques da Silva Oliveira.

Recebi hoje a sua carta e apresso-me a responder-

Em 28 Novembro findo foi espedida, sobre o Com.rio Encarregado das Agencias Financial em Londres, a Ordem de pagam.to N.º 481 de ~~80~~ 866/840, importancia das juntas para alimento e despezas de estudo nos meses de Novembro de 1873 a 2 Junho de 1874 inclusivé),

Podem, por tanto, sacar da dita Agencia durante os meses de Novbro de 1873 a Maio de 1874, - cada um dos N.os, e em cada um Mez 5$160 { 33:330 Pesos / 20:830 despezas

e em o mez de Junho 5$200 { 33:350 Pesos / 20:850 Despezas

Lisboa 11 Dez.º 1873.

por esta forma tenho satisfeito os
seus desejos, devendo declarar-lhes que
a demora na expedição da Ordem pro-
veio de não constar nesta Repᵃ, nem
o dia da sua partida, nem mesmo
o da sua chegada a Paris.

Desejando-lhes muita saude
e prosperidades, tenho o prazer de me
assignar

De V. S.ª

M.ᵒ Attᵒ V.ᵒʳ e Amᵒ

Antonio José Torres Pinᵃ

Paço de Nictheroy 2 de Janeiro de 1853

CASA CIVIL DE S.M. O IMPERADOR

Illm.a S.r.a M.a

Sua Magestade El Rei o Senhor
acabam de ter conhecimento da
morte de Sabina Pinto, e encarre-
gam-me de manifestar a V.S.a o seu sen-
timento.

Pela ultima pessoal que lhe comu-
nicou lamentam esse acontecí-
mento, pela ajuda em que
tinham o seu talento artistico

a grande perda que soffre a arte
portugueza.

Mais d'uma vez tivemos [illegible]
de agradecer-lhe publicamente a sua admiração pelas
multiplas manifestações do talento
de Silva Porto e agora
que o pincel descansou da
fadiga que tanto honrou a
sua memoria, é-lhe grato pensar

que, e o pintor infelizmente
desapparecem, restão-lhes em algumas
telas, que teem a fortuna de perpetuar
a mais pura expressão da sua
personalidade artistica vibrante
toda nas paysagens tão genuina-
mente portuguezas; que são
uma gloria para quem as assigna,
e um motivo de orgulho para
o paiz que vio nascer o

GREMIO ARTISTICO

R. da Barroca, 107, 2.º
LISBOA

180

teiras obras de um talento, que não conhece
limites logar imediato ao immortal author d
este trabalho immorredor, e que, embora fra-
gados em meio das canceiras, d'insano flore
cimento, aos seus herdeiros, aos seus fieis
aos saudosos da sua formosura e aos
bravel perda, uma memoria luminosa,
ao seu pais um nome que brilhará se-
mpre e eterno no firmamento da arte bra-
sileira.

Recebe V. Ex.ª neste momento de ver
dadeira angustia, os sinceros pesames da
Direcção, do Gremio Artistico, e a homenagem

do proprietário recebeu cinco para [illegible]
na de se assignar

[illegible]

Conservatória Secretaria

Lisboa, 17 de Junho de 1893.

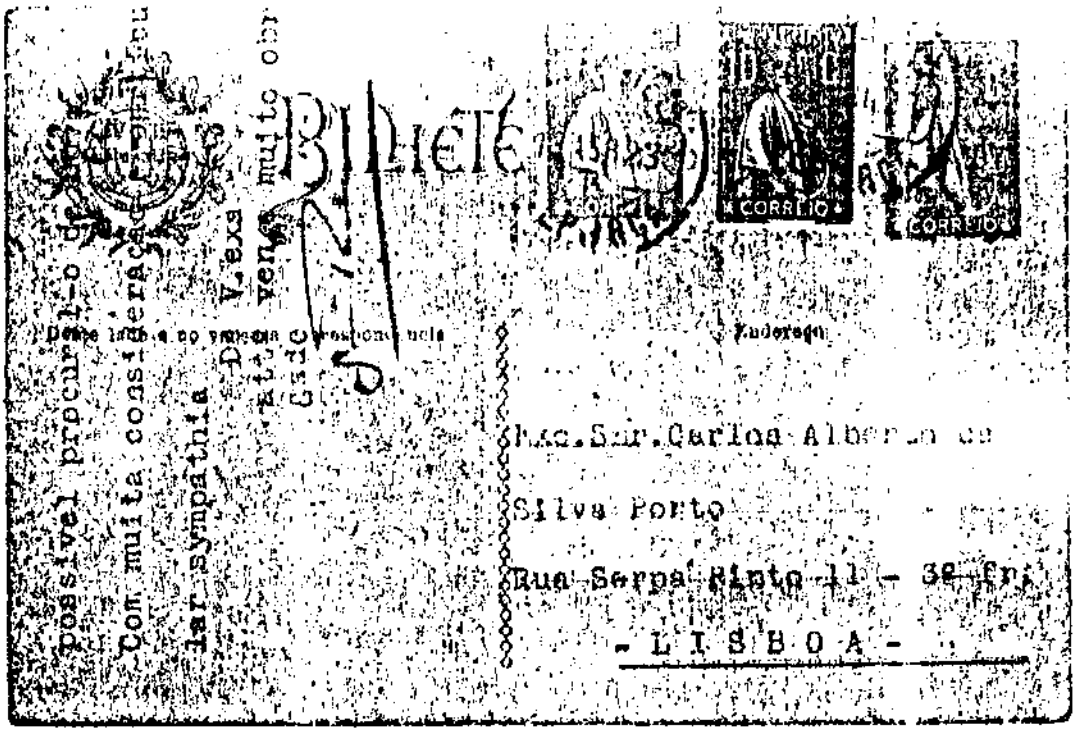
Manuel de Macedo Cardoso Continho

Reclamado [illegible] 2º Escriturário

Luciano [illegible]

[illegible]

Antonio [illegible]



BILHETE

Pode inutilizar-se qualquer correcção feita

Exmo. Snr. Carlos Alberto da

Silva Porto

Rua Serpa Pinto 11 - 3º Dt.

- L I S B O A -

Alpiarça 13 d'Abril de 1933

Na ultima vez que estive em Lisboa deixei na sua casa os tres pratos platinados por seu tio, l com o retrato de sua Mãe e os outros dois com o seu e de seu Irmão. Espero que os tenham entregue sem demora. Deixei-os a uma senhora que me recebeu no 1º andar. Senti não poder voltar a sua casa, mas tão pouco me demorei que me foi de todo im-

Receita em 1892

Outubro	8	Ordenado da Escola	47:470
		Em dinheiro	119:950
	14	M. Cabrera 12 lições (pagou em fim)	18:000
		Clara Fernanda 12 lições (pagou)	18:000
Novembro	4	Ordenado da Escola	47:470
	9	Ordenado da Escola	18:000
	15	C. Noronha 12 lições (pagou)	18:000
	23	D. Kotik 12 lições (pagou)	18:000
Dezembro	2	Dinheiro do Commercio de Cart.	47:470
	9	Ordenado da Escola	55:650
	13	recebemos de um aspirante (2 mezes)	1:500
	16	ultima lição de Clara Fernanda	18:000
	17	M. Cabrera 12 lições (pagou em fim)	10:800
	28	recebemos na secção de Natividade	6:000
	29	Alda Ferreira pagou 4 lições	18:000
	30	C. Simões 12 lições (pagou)	
		1893	
Janeiro	3	Barros Gomes pagou 12 lições (fim)	18:000
	3	Fanny Ellmis 12 lições pagou adiantado	18:000
	9	Ordenado da Escola	47:470
	19	L. Lopes 12 lições pagou adiantado	18:000
	20	M. Pinto Soares 12 lições pagou adiantado	18:000
	23	M. Cantinho 12 lições (pagou adiantado)	18:000
Fevereiro	9	Ordenado da Escola	47:470
	9	Alda Ferreira pagou 4 lições	6:000
	11	Pagou a Rebello da Silva	200:000
	18	recebemos a quota do Banco	1:500
		Transporte	18:000
	11	M. Cabrera 12 lições (pagou em fim)	18:000
	25	Hermanos 12 lições pagou	18:000
	24	Vasconcellos 12 lições pagou adiantado	18:000
Março	14	M. Pinto Soares 12 lições pagou	18:000
	18	Fonseca 12 lições pagou	18:000

Receita em 1873

Março	20	reclamos e inspetoria de quarto trimestre [illegible]	120:000
Abril	7	Alfa Pericato - 4 lições	6:000
"	8	Hortência 12 lições	18:000
"	10	Ordenado de Escola	47:470
"	26	Ferreira de Lisboa (Caminho de Ferro	36:000
Maio	1	Aguas de Campos - inspetoria a 6 quadros	1.644:000
"	6	Rebello de Lisboa dem - conto de quadro (Rio - dem 300:000	100:000
"	6	Henrique Corrêa 8 lições (dispensado de estudar)	12:000
"	9	Ordenado da Escola	47:470
"	10	Quadro comprado pro Ferreira Dias	70:000
"	10	Julia Aguiar (adiantado)	15:000

Despeza em 1892.

Outubro	9	Em despezas comida	45.000
	10	Despeza Prat. (cão)	1.800
	10		10.000
	24		
		para a casa	1.500
	27	Idem	1.500
	28	Idem	1.500
	29	Idem	3.000
	30	Idem para a mesma	1.500
	31	Idem para a casa	
		1 de Novembro 92	
Novembro	1	ordenado Jacyntho	3.500
	11	2 mêses de Gelem	4.200
	11	Idem	1.500
	2	Idem	1.500
	2	Joaquim, mais almoço	1.900
	11	para a casa	1.600
	3	Mais despeza da Renda	2.800
	4	para a casa	
	11	Joaquim a Conceição	3.500
	5	Idem para a casa	1.600
	6	Idem	1.800
	7	Idem para a casa	2.000
		Joaquim a 4 prestações	2.500
		da Companhia Industrial	

Novembro	21	rende casa de Leiria		75.000
	"	" " de Rio Tinto		18.000
Dezembro	1	Juros de Obrigações		14.000
	14	2 Letras, Juros e Dans		46.000
1893		ultima conta do Banco Lisboa		8.740
Janeiro	15	Pagou-se o 2º Juro de Dezembro		5.000
"	15	Pagou-se o Seguro		85.990
"	16	Pagou-se conta de Barcellos até 1892	8	4.760
"	"	Pagou-se a Gomes		19.840
"	"	Pagou-se a Sapateiro (tinta)		7.680
"	18	Pagou-se a Montepio Industrial		9.840
"	"	Pagou-se a conta de Fazenda		20.590
"	20	Pagou-se a conta de Agua de Melres		94.600
Fevereiro	4	Pagou-se a Gomes		105.240
Março	6	Todos os Ordenados		
"	2	Ordenado de Manoel João		

9 de Janeiro 1915

ABERCORN,
RICHMOND,
SURREY.

Exmo.

Sua Majestade o Rainha a Senhora D. Amelia recebeu hoje a tarde, com a de V. Ex.a em que participou a sua partida para o Porto, tendo a muita pena em que V.a Ex.a se encontrou

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO